
LÚMEN EDITORIAL
MÉDIUM COM MAIS DE
2 MILHÕES
DE LIVROS VENDIDOS
Quando a vida recomeça
Eliana Machado Coelho
romance do espírito Schellida
Confraria dos Livros Bons


LÚMEN
EDITORIAL
MÉDIUM COM MAIS DE
2 MILHÕES
DE LIVROS VENDIDOS
Quando a vida recomeça
Eliana Machado Coelho
romance do espírito Schellida

Quando a vida recomeça

Eliana Machado Coelho

romance do espírito Schellida

LÚMEN EDITORIAL

Confraria dos Livros Bons

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Schellida (Espírito

Quando a vida recomeça / romance do espírito Schellida ; [psicografado por] Eliana Machado Coelho. -- 1. ed. -- Catanduva, SP : Lúmen Editorial, 2026.

ISBN 978-65-5792-128-9

e-ISBN 978-65-5792-127-2

1. Espiritismo 2. Psicografia 3. Romance espírita I. Coelho, Eliana Machado. II. Título.

26-347444.0 CDD-133.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances espíritas psicografados : Espiritismo 133.93

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

O ePub possui um formato fluido, projetado para adaptar o texto a qualquer tamanho de tela. Ao transformá-lo em um PDF, o arquivo adota um layout fixo. Se o conversor padrão utilizar uma página maior (como A4 ou Carta) e fontes grandes, ele acomodará muito mais texto por página, reduzindo o número total de páginas.
Confraria dos Livros Bons

Mensagem

Em primeiro lugar

“Buscai primeiro o Reino de Deus e a Sua justiça, e todas

essas coisas vos serão acrescentadas.” (Mateus 6:33)



Ao nos depararmos com essas palavras de Jesus, somos convidados a uma inversão de prioridades. Em um mundo onde constantemente nos chama à busca por bens materiais, reconhecimento e segurança externa, o Mestre nos recorda que o verdadeiro tesouro não se encontra nas coisas que perecem, mas naquilo que permanece: o Reino de Deus que se instala, primeiro, em nosso coração.

O Reino não é um lugar distante, mas um estado íntimo de consciência. É a paz que nasce da fé, a serenidade que floresce da confiança em Deus e a alegria que brota do serviço ao próximo. Quando colocamos o espiritual em primeiro plano, tudo o mais se organiza naturalmente. As necessidades materiais são atendidas na medida justa e os desafios da vida encontram respostas mais claras, pois nossa visão se amplia pela luz da espiritualidade.

A Doutrina Espírita nos ensina que somos espíritos imortais em jornada evolutiva. Buscar o Reino de Deus significa, portanto, cultivar valores

eternos: a caridade, a humildade, o perdão, a esperança... É aprender a ver cada circunstância como oportunidade de crescimento, cada encontro como lição, cada dor como degrau para a ascensão. Assim, o que parecia perda se transforma em ganho e o que parecia vazio se revela como espaço para a plenitude.

O querido Mestre Jesus nos assegura que, ao priorizarmos o espiritual, tudo mais nos será acrescentado. Não se trata de promessa de facilidades, mas de certeza de equilíbrio. O que recebemos não é sempre o que desejamos, mas do que necessitamos para avançar. E, ao compreendermos essa verdade, descobrimos que nada nos falta, porque tudo coopera para o nosso bem.

Que essa reflexão nos inspire a abrir as páginas deste livro com o coração voltado ao essencial: buscar, em cada pensamento e ação, o Reino de Deus dentro de nós, pois é nesse movimento interior que se revela a verdadeira abundância, aquela que não se mede em posses, mas em paz, amor e luz.

Erick Bernstein

Psicografia de Eliana Machado Coelho

Verão de 2025

Sumário

Capítulo 01 - Quando a Luz amanhece

Capítulo 02 - Quando a alma desperta

Capítulo 03 - Quando o amor não divide

Capítulo 04 - Quando o tempo exige escolha

Capítulo 05 - Quando as sombras sussurram

Capítulo 06 - Quando o invisível inspira

Capítulo 07 - Quando ninguém ouve seu grito

Capítulo 08 - Quando o passado visita o presente

Capítulo 09 - Quando o amor se cala

Capítulo 10 - Quando o amor precisa de respostas

Capítulo 11 - Quando a inveja vem disfarçada de amizade

Capítulo 12 - Quando o amor não protege

Capítulo 13 - Quando a Luz se retira

Capítulo 14 - Quando a alma fala

Capítulo 15 - Quando o silêncio é a resposta

Capítulo 16 - Quando Jesus nos convida

Capítulo 17 - Quando o amor não cabe em dogmas

Capítulo 18 - Quando a Luz atrai sombras

Capítulo 19 - Quando a casa deixa de ser lar

Capítulo 20 - Quando há missão e propósito

Capítulo 21 - Quando a coragem se impõe

Capítulo 22 - Quando a vida pede coragem

Capítulo 23 - Quando escutar é amar

Capítulo 24 - Quando o abraço não pode ser físico

Capítulo 25 - Quando o abraço é tudo o que se tem

Capítulo 26 - Quando a Terra começa a regenerar

Capítulo 27 - Quando a ternura é observada

Capítulo 28 - Quando o amor se revela no cuidado

Capítulo 29 - Quando o passado se revela

Capítulo 30 - Quando o abraço se torna refúgio

Capítulo 31 - Quando a colheita chega

Capítulo 32 - Quando o amor ilumina a escuridão

Capítulo 33 - Quando a esperança floresce

Capítulo 01

Quando a Luz amanhece

A luz que você oferece ao mundo é a

mesma que o mundo te devolverá.



Maio de 2019.

Aquela manhã estava espetacularmente linda. Como se o tempo parasse para admirar sua própria criação... Como se a chuva da noite anterior apagasse as marcas do ontem, oferecendo ao mundo uma página em branco e, ao mesmo tempo, sussurrando: é assim, quando a vida recomeça. As possibilidades são infinitas. A beleza é sutil, mas encantadora.

Tudo ao redor parecia recém-lavado, como se o universo tivesse passado por um banho de renascimento. O ar estava puro, a atmosfera leve, a claridade suave e um frescor envolvente.

Andreia corria na pista entre árvores majestosas, cujas copas se entrelaçavam como braços protetores. Seus passos firmes marcavam o chão

com cadência serena e um sorriso brotava em seu rosto sem que ela percebesse.

Adorava contemplar os raios de sol que se infiltravam entre folhas e galhos, criando feixes de luz colorida que dançavam sobre a vegetação como pequenas centelhas vivas, luminosas.

Já havia percorrido o trajeto necessário e, com a respiração ritmada, diminuiu o passo até parar diante de um banco de concreto. Ali, começou a se alongar com movimentos lentos e conscientes, como quem agradece ao corpo por sua força e existência.

O suor escorria delicadamente por seu rosto. Rosto que sorria em silêncio, tocado pelo vento e acariciado pelo sol.

Foi então que, quase despercebida, uma saudação lhe chegou. Um aceno discreto, vindo de um casal a distância. Andreia olhou novamente na direção e os viu. O homem, gentil, repetiu o gesto com leveza e ela retribuiu com um cumprimento suave. E, como quem reconhece a beleza dos encontros breves, falou:

— Oi, Rogério! — ao mesmo tempo que ergueu a mão.

O casal sorriu e continuou a caminhada e Andreia o alongamento.

A certa distância, a esposa perguntou:

— Quem é essa, Rogério? Cumprimentei por sua causa, mas não sei quem é.

— A dona da empresa — murmurou, respondendo.

— Pensei que fosse uma mulher mais velha — tornou a esposa, que não pareceu satisfeita. — É bem jovem para ser proprietária de uma indústria têxtil. Ela é casada?

— Sim. O marido é o sócio, mas nunca aparece por lá. Ele trabalha com o pai dele. É ela quem cuida de tudo sozinha na indústria.

— Marido com dinheiro é outra coisa. Dá pra se cuidar, ficar bonita, fazer procedimentos estéticos e ter uma boa vida. E ainda ganha uma empresa para brincar e se divertir — disse Giovana, esboçando um sorriso de deboche.

Rogério ficou calado, insatisfeito. Continuaram a caminhada.

A certa distância...

— Ah... Eu sabia que a gente não deveria ter vindo neste horário! — quase choramingando, Kátia protestou para o seu irmão Caíque. — De um lado, a presidente da empresa se alongando; do outro, o gerente comercial andando. Ah, não... — ficou com a respiração ofegante.

— E daí? O parque é deles? Você precisa pedir permissão para correr fora do horário de expediente? — Caíque perguntou sério, encarando-a.

— Não é isso... — falou, ainda em tom de lamento.

— Vamos, Kátia. Deixa de ser... — o irmão não completou.

Ao passarem por Andreia, Kátia sorriu com leveza e acenou com timidez, e a outra retribuiu o cumprimento.

Andreia olhou em volta, observou as pessoas que corriam, andavam ou se exercitavam no parque naquela hora da manhã. Ainda era bem cedo.

Após consultar o relógio, decidiu que era hora de voltar. Precisava tomar banho e se arrumar para ir ao trabalho.

Um pouco longe do parque, chegando ao apartamento de classe alta, percebeu o barulho da movimentação que vinha da cozinha. Era o marido que preparava o desjejum.

— Oi, amor! Cheguei!

— Oi. Tá atrasada! — exclamou em tom alegre, brincando.

— Não estou não — respondeu no mesmo tom. Vendo-o preparar a refeição, pediu com jeitinho: — Faz ovos mexidos para mim também. E suco. Vou pro banho.

Sandro acenou positivamente com a cabeça e ela viu.

Após alguns minutos, Andreia chegou à cozinha onde a mesa estava posta para o desjejum.

Acomodando-se em frente ao marido, comentou:

— Você deveria ter ido correr hoje. O amanhecer foi lindo! O céu limpo!... E o ar então... — falou com emoção no tom de voz. — Sabe aquela claridade linda depois da chuva?...

— Ah-rãn... Do jeito que eu gosto. — Sandro sorriu e a contemplou por longo tempo, sem ser notado. Ele a admirava.

— Exatamente! — ela enfatizou sorrindo, pegando algo para comer.

— Não consegui levantar quando você me chamou. Fui dormir tarde.

— Também... Ficou naquele computador até... Sei lá que horas.

— Coisas do trabalho. Não poderia deixar para depois. Hoje à noite, compenso na academia.

— Podemos ir à academia, mas não é a mesma coisa de estar ao ar livre. Adoro!

— É o que posso fazer. — Sandro esboçou um sorriso. — Nem sempre dá... — sorriu, sem encará-la, e ela viu.

— Poderíamos ir à praia no próximo final de semana — a esposa sugeriu, após um instante. — Será que tem gente lá na casa do seu pai?

— Nesta época do ano?... — Enquanto pensava, levantou-se e colocou os utensílios usados na pia. — Acho difícil. Mas, se a casa estiver ocupada,

vamos para uma pousada. Acho melhor. Não teremos nada para fazer. Nem louças para lavar — riu.

Ela achou graça e gostou da ideia. Levantando-se, pegou as louças e colocou-as na lava-louças. Guardou o que precisava nos armários, deixando a cozinha limpa e organizada.

Andreia foi para o quarto terminar de se arrumar também, quando o marido se aproximou e a beijou rapidamente, dizendo:

— Te vejo na academia.

— Combinado. Nos encontramos lá à noite — respondeu enquanto segurava o rosto do marido, passando o polegar em seus lábios, tirando leve resquício de batom que havia ficado após o beijo.

Sandro sorriu, permanecendo parado, esperando que ela terminasse. Gostava daquilo.

— Tchau.

Andreia sorriu com lábios luminosos, acompanhando-o com o olhar até perdê-lo de vista.

Voltando-se para o espelho do closet, verificou se estava bem o suficiente e procurou pela bolsa predileta, transferindo os pertences da outra para aquela. Depois disso, apanhou a chave do carro e saiu.



Ao mesmo tempo, na casa de Rogério...

— Esse moleque ainda está dormindo!!! Não acredito!!! Eu te acordei antes de sair, praga dos infernos!!! Vai perder a hora da escola!!! O tio do transporte escolar já deve estar aí!!!

— Fale baixo, Giovana! — o marido pediu, firme. — Vai acordar os vizinhos!

— Que se danem os vizinhos!!! Esta hora, todos têm a obrigação de estarem em pé! — Virando-se para o filho, que se movimentava lentamente, gritou: — Fábio!!! Vai logo, inferno!!! Com essa lerdeza, não vai sair do lugar!!! Moleque idiota!!! Deve ter puxado a maldita família do seu pai!!! Veste logo esse uniforme, infeliz!!!

— Fale baixo! — Rogério exclamou em tom moderado.

— E quem é você pra me mandar falar baixo?!! Por acaso, acha que pode mandar em mim?!! Foi por sua causa que esse imbecil perdeu a hora! Fui cair na sua conversa de levantar cedo, fazer caminhada, respirar ar puro pra desestressar!... Desestressar o cão!!! — Olhando para o filho, esbravejou ainda: — Pega a mochila, demônio! Pega esse dinheiro! Não vai dar tempo de tomar café da manhã! Desce logo que o transporte escolar tá aí!!! Vamos!!! — E, quando o filho saiu, Giovana bateu a porta com toda a força que podia. Expressando seu ódio, provavelmente, contrariada consigo mesma pela vida que tinha.

Ao encontrar o marido tomado banho, falou:

— Agora você está aí!... Limpo, perfumado... Vai sair pra trabalhar e deixar todo o serviço de casa aqui pra fazer! Tá achando que sou sua empregada?! Aaaah! — berrou. — Como fui idiota em cair na sua conversa?! Como?! Tenho que colocar ordem na casa e ainda ir trabalhar!!!

— Giovana, se arruma, toma café e vai pro serviço! Deixa a casa como está! Quando eu chegar, eu arrumo!

— Arruma uma ova! Fui acreditar em você!... — Começou a arremedá-lo: — Vamos caminhar... Vamos respirar ar puro... Vamos nos programar para ter uma nova vida, mais calma, tranquila... Pra termos mais saúde... — respirou fundo, enervada. — Aí, encontramos com a lindona da sua chefe, ou melhor, a dona da empresa! Agora entendi!!! Era ela quem você queria ver!!! Não basta só ficar de olho nela, admirando a mulher lá na empresa, não! Tinha que encontrar a bonitona lá no parque, correndo e se alongando

com roupa de ginástica!!! Lindona! Gostosona! Por quê?! Por que fez isso, Rogério?! Pra mostrar pra mim o quanto ela é gostosona?! Lindona?! Mas é claro que é!!! A gostosona tem marido rico que sustenta ela!!! Ele até deu uma empresa pra ela! Certamente, foi um presente pra gostosona se distrair! Não ficar entediada! Coitadinha dela! E eu aqui, infeliz, cuidando da casa, filho desobediente e marido que só sabe querer que eu fique zen, que eu fale baixo, seja gentil, seja feliz e que viva mais tranquila! — Ao vê-lo acabar de se arrumar e pegar uma pasta, perguntou: — Aonde você vai?!

— O que acha? Vou trabalhar!

— Isso! Isso mesmo! Vai lá ver a gostosona! Vai sorrir e dar atenção pra ela! Eu, quando falo com você, falo sozinha!

— Você não fala, Giovana. Você grita! Não dá para conversar com você!

— Não vai nem tomar café?!

Rogério não respondeu. Virou as costas e saiu, deixando a esposa sozinha.

Giovana, frustrada com seu próprio jeito de ser, não buscava melhorar, queria que as outras pessoas fossem inferiores a ela.



Na casa de Kátia...

— Calma... Olha para mim — Caíque pedia. — Vai passar. Respira fundo pelo nariz. Encha bem os pulmões, segura o ar um pouquinho e agora solta lentamente pela boca... Bem devagar. E conta um... Agora, de novo... Respira no seu ritmo... Encha bem os pulmões, segura o ar um pouquinho e agora solta lentamente pela boca... Devagar... E conta dois... Novamente... — e assim ele contou até dez e a fez respirar na mesma velocidade e intensidade. — Lembra a última vez que fomos à praia? — A irmã acenou positivamente com a cabeça e ele continuou: — Achei que fosse chover. A

previsão era de chuva, mas os dias foram lindos. A temperatura estava perfeita e então... — o irmão continuou falando, fazendo-a se recordar de um momento bom que viveram, distraindo seus pensamentos.

Algum tempo depois, Kátia falou baixinho:

— Estou melhor... — Ela secou o rosto com gestos discretos. — Mas estou com medo de ter medo. Estou tremendo por dentro ainda.

— Isso já te deu outras vezes e passou. Vai passar novamente. E vai passar de novo e de novo... Não importa quantas vezes mais isso aconteça. Vai passar. O período de paz será maior a cada vez, até o medo sumir completamente e você entender que nada de mal vai acontecer. Hoje, você está segura. — Viu-a consentir positivamente com a cabeça e perguntou: — Estava pensando em ir para a praia no próximo final de semana. A previsão é de chuva, mas quem se importa com a chuva — riu. — O bom é o passeio. Você não acha?

— Praia com chuva, para mim, não é nada bom.

— Eu gosto de caminhar na areia quando está chovendo. Não faço isso se tiver relâmpagos e trovões, claro. Lembra quando éramos pequenos e voltávamos da escola com chuva? — achou graça. Com esse tipo de conversa, desviava os pensamentos dela, sem que a irmã percebesse.

— A mãe ficava louca — ela riu também.

— Era tão bom! — Caíque sorriu largamente. Era uma recordação boa.

— Era... Era um tempo bom. Éramos felizes... O mundo mudou e as pessoas também. As pessoas ficaram más — quis chorar novamente.

— Essas pessoas más nos deixam fortes, Kátia. Eu sei, perfeitamente, como doem os maus-tratos, como doem as feridas no corpo e na alma. Mas... De um jeito ou de outro, nós aprendemos a ser fortes. Tudo passa.

— E quando é que aprendemos isso? Quando é que conseguimos ser fortes o suficiente para não termos medo, não termos pânico, não sofrermos com a

ansiedade e depressão?

— Quando tomamos consciência da nossa capacidade e do nosso valor. Quando compreendemos que somos capazes e fazemos enfrentamentos. Sem enfrentamento, nós nos sentimos fracos, achamos que os outros vão nos dominar, nos paralisar e nos fazer sofrer.

— Mas eu tenho medo de fazer enfrentamento — Kátia falou trazendo uma súplica no olhar.

— Às vezes, o jeito é enfrentar. Enfrenta! Vai com medo mesmo! Mas vai! Comece! Faça! Aliás... Lembra aquela passagem do Evangelho onde Jesus fala: "Vinde a mim os que estão cansados e oprimidos e Eu vos aliviarei"? — Viu-a acenar positivamente com a cabeça e prosseguiu: — Jesus quis dizer: ore, fale, converse Comigo e eu vou aliviar a dor do seu coração. Depois disso, minha irmã, vai e faça o que você precisa fazer a seu favor. Respire de forma consciente e conte até dez respirações, ore e saia fazendo o que precisa e o medo, o pânico ou seja lá o que for, vai passar. Comigo foi assim. Quando percebi isso, fui conversando comigo, com Jesus e dizendo: Viu? Passou! Passou! Estou melhor a cada dia! — Olhou-a por alguns segundos e afirmou: — E, de fato, tudo passou. — Viu-a sorrir. — Está melhor agora?

— Estou. Sempre que converso com você, fico melhor.

— É sempre bom aprender com pessoas que já passaram pela situação. Sabe... É importante aprender com os outros. Se você só conversa da sua dor, se a outra pessoa só conversa sobre a dor dela... Não existe progresso. O bom é quando encontramos pessoas que nos servem de exemplos. Aquelas que saíram do fundo do poço e chegaram até as nuvens. Pare de olhar somente para a sua dor. Foque, olhe para coisas boas, para pessoas que te sirvam de exemplos. É só uma dica.

— Está bem — sorriu.

— Então!... Vamos trabalhar? O Eduardo está me esperando na loja — referiu-se ao irmão, seu sócio.

— E se me der isso no serviço? — ela se amedrontou.

— E se não der? — encarou-a. — Vai faltar? Vai ficar em casa? Não, né, Kátia! O trabalho distrai a gente. Se der... Aproveite a chance e faça um enfrentamento. Saia trabalhando e foque em outra coisa. Mostre a si mesma que você é teimosa e mais forte do que essa coisa. Certo? — Viu-a acenar positivamente. — Então vamos trabalhar. Tenho de te deixar na empresa e isso não pode me atrasar hoje. Tenho uma reunião com fornecedores de peças de veículos importados.

— Tá bom. Vamos — sorriu timidamente e o acompanhou.



Andreia deixou o veículo no estacionamento e foi para a empresa do outro lado da rua.

Na entrada, sorriu para Kátia que descia do carro.

Educada, Andreia acenou com moderação para Caíque, cumprimentando-o e saudou a funcionária também. Notou que, estranhamente, de dentro do carro, o rapaz inclinou-se muito e a observou com extrema atenção.

Andando lado a lado com a moça, comentou:

— Não sabia que você gostava de correr. Achei legal te encontrar lá no parque hoje. Exercícios matinais são excelentes para a saúde, de um modo geral.

— Estou começando. O Caíque insistiu. Disse que fazia bem. É que ele adora essas coisas. Além de correr no parque, também vai à academia.

— O Caíque é seu marido?

— Não — achou graça. — É meu irmão.

— Ah... Concordo com ele. Devemos insistir com os que amamos para eles terem bons hábitos.

Kátia sorriu timidamente e fugiu ao olhar.

Ao passarem pela portaria...

— Bom dia, senhor José! — Andreia cumprimentou alegremente.

— Bom dia, dona Andreia! — o senhor respondeu animado. — Bom dia, dona Kátia.

Continuaram caminhando até entrarem no prédio da empresa. Em um dos corredores internos, despediram-se:

— Até mais, Kátia! — a presidente disse em tom animado. — Tenha um ótimo dia.

— Até mais, dona Andreia.

Antes de entrar no elevador, Andreia olhou para a moça e a observou por um tempo, sem entender o porquê. Percebeu uma timidez além do normal. Algo que não saberia explicar.

Andreia era dona de uma beleza serena, daquela que não pede atenção.

Aos trinta e três anos exibia um corpo atlético, moldado com disciplina e cuidado.

Sempre caminhava com postura firme e graça silenciosa. O corpo delineado parecia mais uma escultura viva. Ela irradiava a confiança de quem conhece sua própria força.

O vestido, leve e fluido, usado nesse dia, abraçava suas formas com discrição, realçando a elegância que se revelava em cada gesto, em cada passo.

Seus cabelos, naturalmente lisos, caíam suavemente até os ombros, em tons castanhos tão escuros que quase se confundiam com o preto. Os olhos, da

mesma cor profunda, pareciam guardar segredos e histórias não ditas em seu brilho. A pele clara contrastava com a intensidade do olhar. O nariz afilado, o rosto alongado e os lábios cheios e bem-desenhados compunham uma harmonia rara, uma beleza que não gritava, mas sussurrava presença.

Vestia-se com sobriedade, preferindo tons neutros que, curiosamente, acentuavam sua elegância e classe. O único detalhe em que se permitia ousar eram os brincos: sempre pendentes, sempre chamativos, mas nunca extravagantes, apenas o suficiente para revelar um traço de personalidade.

Na mão esquerda, uma aliança fina repousava com discrição, acompanhada por unhas sempre bem-cuidadas. O relógio de marca, quase imperceptível, parecia mais um detalhe funcional do que um acessório de destaque. E, quando se lembrava, usava um anel de ouro na mão direita, singelo, porém carregado de significado. Um presente especial de que gostava de manter por perto, como quem guarda um afeto em forma de metal.

Ela observou Kátia, mais uma vez, até que sumisse.

Com um gesto delicado, Andreia afastou uma mecha de cabelo para trás da orelha e entrou no elevador com leveza e envolta em silêncio. Silêncio que não era ausência, mas sim presença serena. Uma mulher segura, que se conhecia bem, que caminhava com os pés no chão e o olhar no horizonte. Bem-estabilizada.

Desde os primeiros suspiros da juventude, Andreia cultivava o hábito de desenhar, nos pensamentos, o amanhã com mãos firmes e coração atento. Planejar a vida era seu modo de amar o futuro. E foi assim, entre sonhos tecidos com precisão, que se formou em Engenharia Têxtil pela Universidade Estadual de Maringá, no Paraná. Um passo calculado, porém afetivo.

Costumava brincar dizendo que sua escolha profissional nasceu das queixas do pai, um engenheiro civil de alma inquieta e ternura discreta. Cresceu ouvindo suas reclamações sobre os trajes de trabalho malfeitos, os tecidos frágeis, as luvas que rasgavam, os capuzes que não protegiam, os macacões que não abraçavam o corpo como deveriam. E, entre uma crítica e outra,

Andreia foi costurando em si a vontade de transformar as vestimentas em cuidado, resistência e beleza.

Seu pai costumava dizer, com a sabedoria de quem enxergava além da superfície, que a verdadeira utilidade de um produto está na tecnologia que o sustenta, aquela que protege, que cuida, que transforma o cotidiano em segurança. Seja na construção civil, nas pistas de corrida, nos campos esportivos ou na seriedade e urgências dos corredores de hospitais, clínicas, laboratórios e unidades de saúde. A inovação precisa vestir a confiança.

Andreia, que seria engenheira têxtil por vocação e afeto, teria o grande desafio: criar tecidos que não apenas cobrissem o corpo, mas o envolvessem com propósito. Cada fio, cada trama, cada camada precisaria carregar uma missão. Roupas e máscaras que enfrentassem o fogo sem se renderem, coletes que desafiassem balas com coragem silenciosa, escudos faciais que protegessem o rosto como um abraço invisível, máscaras que filtrassem o ar e afastassem o invisível: poeiras, névoas, partículas tóxicas e até mesmo os sussurros de vírus que rondassem o mundo.

Sua arte não se limitaria à pele, também desenharia proteção para o concreto e para a água, mantas impermeáveis que selassem lajes contra o tempo, revestimentos que acolhessem piscinas como um segundo céu, toldos que dançassem com o vento e telas que filtrassem o mundo com delicadeza e precisão.

Cada criação era mais que técnica, era ciência com alma.

Foi entre sonhos, esperança e coragem que Andreia deu asas à sua imaginação. Criativa por natureza, havia escolhido a carreira como quem escolhe um caminho de luz e se entregou a ele com alma inteira.

Durante cinco anos, viveu em Maringá, no coração do Paraná, longe dos abraços da família e da proteção de seu pai, mas perto do propósito que pulsava em seu coração. Sabia que a jornada exigiria afinidade com química, física, matemática e com outras matérias que moldavam um engenheiro têxtil. Mas nada disso a intimidava. Pelo contrário, era como se cada desafio fosse um convite à superação.

Ao longo da jornada, ficou fascinada pelo processo de malharia, fiação, tecelagem, composição de tecidos e fios. Adorava as atividades práticas em laboratório, que era boa parte da carga horária do curso.

Ao fim da graduação, depois de alguns namoros que vieram e se foram como estações do ano, Andreia conheceu Sandro. Um encontro tecido pelo acaso e pelo afeto. Foi por intermédio de seu pai, Nestor, que os caminhos se cruzaram.

Nestor havia prestado serviço para Leonardo, pai de Sandro, e no open house, aquela celebração inaugural cheia de promessas, levou consigo a filha. E ali, entre brindes e olhares, Andreia e Sandro se encontraram. O namoro não tardou a florescer.

Nesse entretempo, Nestor, sempre presente e generoso, ajudou Andreia a dar forma ao sonho de ter sua própria empresa. Sandro, encantado pela ideia e pela mulher que a sonhava, decidiu ser seu sócio. Seu pai também o apoiou, ainda que sua participação fosse discreta, pequena. E assim, entre afetos e empreendimentos, nasceu, não só uma parceria profissional, mas também uma história que começava a ser costurada com fios de cumplicidade e esperança.

A indústria não seria apenas de máquinas e tecidos. Ela deveria ter propósito, como sua presidente idealizou. Seu projeto ganhava forma como quem borda proteção no cotidiano. A ideia era clara: confeccionar uniformes e materiais de segurança que fossem mais do que vestes, que fossem escudos silenciosos.

Luvas e máscaras surgiriam ali, entre fios e intenções, para servirem tanto aos que enfrentam o peso dos canteiros de obras quanto aos que lidam com a delicadeza dos hospitais e laboratórios. Cada peça seria pensada para abraçar o corpo com resistência e cuidado, como se dissesse: estou aqui para te proteger.

Era uma indústria que visaria à segurança com tecnologia e que enxergaria no tecido não apenas matéria, mas missão.

Embora Andreia e Sandro compartilhassem o papel de sócios na indústria têxtil, era ela, com mãos firmes e coração atento, quem conduzia os rumos da empresa.

Um ano depois, o casamento aconteceu como em um sonho: perfeito.

O salão estava lindamente decorado. Cortinas de linho branco esvoaçavam suavemente com a brisa leve que entrava pelas janelas abertas.

Arranjos florais em tons de lavanda, creme e verde-claro preenchiam o ambiente com um perfume discreto e acolhedor.

Luzes âmbar pendiam do teto como estrelas suspensas, criando uma atmosfera de sonho.

Andreia aguardava atrás da porta de entrada. Com o coração acelerado, tinha um lindo buquê perfumado entre as mãos que ela firmava para não tremer. O aroma exalado, natural e sensível, era o que o momento merecia. O vestido, de corte simples e elegante, foi feito sob medida para seu belo corpo e sua alma serena: delicado, mas firme; suave, mas imponente. Seu véu leve caía delicadamente sobre os ombros como uma névoa de esperança.

Ao seu lado, o pai a olhava com ternura. Os olhos marejados de Nestor diziam mais do que qualquer palavra. Era o mesmo homem que a incentivou a estudar, que a viu crescer entre tecidos e projetos, que a aplaudiu em cada conquista. Agora, ele a conduziria para uma nova vida, um novo recomeço. Ele a conduziria, não como quem entrega, mas como quem abençoa.

— Você está linda, minha filha — frase sussurrada com a voz embargada de seu pai e que ela nunca esqueceu.

Docemente, ela sorriu, emocionada. Não era apenas um casamento. Era um recomeço. Um novo ciclo.

As portas se abriram. O salão silenciou. Todos se voltaram para ela. E ali estava Sandro, à frente, esperando.

O olhar dele era não só de encantamento, mas também de respeito. Ele sabia quem era a mulher que se aproximava: uma força da natureza, uma sonhadora que realizava, uma alma que não se curvava e que, ainda assim, escolhia amar.

Andreia caminhou lentamente, guiada pelo pai, sentindo cada passo como se pisasse sobre as páginas da própria história. O som suave do piano preenchia o ambiente, porém o que ela ouvia era o compasso do próprio coração.

Ao chegar ao altar, o pai segurou sua mão por um instante a mais. Beijou-a demoradamente no rosto. Depois, com um gesto silencioso, entregou-a a Sandro. Não era uma despedida. Era uma passagem.

E, naquele instante, entre flores, luzes e promessas, Andreia soube: a mulher que sonhava sozinha agora sonhava acompanhada. E mesmo sendo forte, idealista e independente, havia beleza em dividir o caminho.

Na empresa, era ela quem cuidava daquele sonho com dedicação diária e ele florescia. Crescia com constância e prosperava com propósito.

Sandro, por sua vez, seguia outro caminho, ainda ligado às raízes familiares. Continuava a trabalhar ao lado de seu pai, Leonardo, em um universo distinto: o das franquias hoteleiras, das quais o seu pai era sócio. Juntos, administravam redes de hotéis bem-conceituados na categoria econômica, de três e quatro estrelas, espaços pensados para acolher com eficiência e conforto.

Os quartos, de bom tamanho e limpeza impecável, ofereciam frigobar completo em comodidades, que tornavam cada estada mais agradável. Eram refúgios práticos e bem-cuidados, ideais para viajantes a serviço, em trânsito ou em missão. E, como uma assinatura silenciosa, mantinham o mesmo padrão em qualquer parte do país, como se cada unidade fosse um espelho da outra, refletindo confiança e previsibilidade.

Enquanto Andreia tecia segurança com tecidos, Sandro oferecia descanso com hospitalidade. Dois mundos distintos, mas que se encontravam no desejo de servir com excelência.

Com a maleabilidade dos horários, moldados conforme as exigências da vida, Andreia e Sandro encontravam tempo para o que realmente importava: estarem juntos. Era um esforço que não pesava, pelo contrário, era desejo que se tornava rotina.

Entre compromissos e projetos, o casal jovem aprendia a controlar o tempo com afeto, reservando horas para si. E, nessas horas compartilhadas, havia mais do que presença: havia escolha. Escolhiam estar ali, lado a lado, porque gostavam e porque sabiam que o amor também se alimenta de tempo bem-vivido.

Nos quatro anos de casamento, podia-se perceber a agradável união e parceria, a amizade e o companheirismo, a ajuda mútua e a compreensão que tinham um pelo outro. O comprometimento sempre era mútuo.

Nos últimos tempos, o casal passou a enfrentar, por parte de alguns parentes, a pressão sobre ter um filho, um herdeiro.

Andreia não gostava das cobranças, não por não querer ter filhos, mas, como alguém que desejava a vida bem-planejada, sabia que seria ela a mais comprometida e ocupada na criação de um filho. Sentia-se no auge da carreira, com diversas ideias e planejamentos para curto e médio prazo.

Naquele momento, por conta de um filho, teria de adiar todos os seus projetos. Isso não a fazia se sentir bem. Sabia que, por mais que tivesse ajuda de Sandro e de uma empregada, seria ela a ter de ficar atenta, cuidar e se preocupar com o filho e a maioria das coisas necessárias a ele.

Sua empresa ia muito bem e ela pretendia ampliá-la, principalmente, na área de desenvolvimento e criação, o que necessitaria investimento de dinheiro e atenção na produção de fiação e tecelagem, fibras, aviamentos e também produção de vestuário, modelagem, designer, costura e muito mais.

Sendo a chefe executiva, ou seja, a presidente ou CEO, ela estaria muito ocupada e restava a pergunta: como fazer tudo isso na gravidez e com um filho? Seria possível?

Acreditava que esse tipo de pressão, sobre terem um filho, não era assunto para os parentes fazerem.

Andreia achava isso inoportuno, indelicado e desrespeitoso, mas acontecia com frequência, especialmente, por parte da família do marido.

Quanto a Sandro, ele não se posicionava com convicção, não tinha uma opinião firme, parecia sempre indeciso a respeito de terem filhos.

Além do marido, as únicas pessoas com quem Andreia conversava a respeito desse assunto, desabafando, era com o cunhado Milton, irmão de Sandro, e com a amiga Maura, que era diretora financeira na indústria têxtil.

Andreia e Maura foram amigas desde o Ensino Médio. Afastaram-se durante o período da faculdade, mas depois tornaram a ter contato. Foi quando surgiu o convite e a oportunidade de Maura assumir essa função na empresa da amiga.

Capítulo 02

Quando a alma desperta

A grandeza de uma alma não se mede

pelo que conquista, mas pelo que transforma

em si. Isso é inteligência espiritual.



O dia já se despedia, tingindo o céu com tons suaves, quando Andreia viu a mensagem de Sandro. Ele já estava na academia. Um sorriso escapou de seus lábios sem que ela percebesse. Desses sorrisos que nascem da intimidade tranquila, da rotina que também é afeto.

Mas, antes que o instante se dissolvesse, outra mensagem surgiu em sua tela. Era Milton, irmão de Sandro, seu cunhado de alma expansiva e entusiasmo contagiante. O convite para encontrá-lo vinha carregado de alegria. Dava para sentir nas palavras a vibração de quem está prestes a realizar um sonho.

Milton falava com empolgação, como quem mal consegue conter as boas novas. Tinha planos, novidades, atualizações que pareciam brilhar entre as frases. E não via a hora de compartilhar tudo com ela, como se aquele momento fosse também parte da celebração.

Andreia permaneceu em silêncio por alguns instantes, envolta por pensamentos incertos. Não queria recusar o convite. Havia algo na mensagem de Milton que tocava fundo. Ele sempre se dizia o rejeitado da família, o que destoava da moldura, o excêntrico que não cabia nos moldes traçados pelos pais. E, talvez, por isso, Andreia o admirasse tanto.

Havia nele uma beleza rara, uma autenticidade que não se curvava. Ela gostava de Milton. Não por piedade, mas por afinidade com sua alma livre.

Refletindo por um breve momento, pegou o celular e respondeu a Sandro, com ternura, que não iria à academia naquela noite. Tinha um encontro marcado com alguém que merecia ser ouvido. E ela adoraria estar lá, como quem acolhe e deseja ser acolhida: com o coração aberto.

Algum tempo depois, alegremente, beijava o rosto do cunhado com carinho, trocando abraço gostoso como se não se vissem há bastante tempo. Em seguida, cumprimentou seu marido, Danilo, com a mesma alegria.

Pegando em sua mão, Milton a fez se sentar à mesa do elegante restaurante, ajeitando-lhe a cadeira. Em seguida, ocupou lugar à sua frente, ficando ao lado de Danilo.

— Ai! Que bom que pôde vir! — ressaltou com alegria. — Espero não ter atrapalhado qualquer plano seu — falou baixo com um sorriso maroto.

— Eu disse ao Milton que não deveríamos encontrá-la assim... Tão de repente. Mas você conhece esta figura. — Danilo riu. — Teimoooooso!...

— Tinha planos de ir à academia, mas não estava com tanto ânimo. Corri hoje cedo. Sabe como é... — Andreia sorriu, ficando na expectativa. Inquieta para saber o que o cunhado teria para dizer. — Estou morrendo de curiosidade. Quais as novidades?

Milton inclinou-se levemente e, com um sorriso travesso nos lábios, disse com teatralidade envolvente:

— Se ainda deseja que estas mãos mágicas cuidem dos seus cabelos encantados, o momento é agora, minha querida! Em breve, estarei ausente, mas por uma boa causa!

— Por quê?! Vai mudar de profissão?! — ficou séria e preocupada.

— Jamais! Nunquinha! — Milton riu, respondendo com graça e convicção. Olhando para os lados, assegurou-se de que ninguém os observava, como quem contasse um segredo, quase sussurrando, revelou: — Estou indo para Chicago, nos Estados Unidos. Vou me aperfeiçoar naquela que é considerada uma das escolas mais renomadas do mundo em arte capilar, meu amor!

— Jura?! Ai... Parabéns! — pegou suas mãos por sobre a mesa e apertou-as. — E o Danilo? Você vai também? — a cunhada quis saber.

— Vou, mas ficarei lá poucos dias — fez uma cara simulando-se triste.

— Ele tem de voltar para cuidar do Studio, claro. Não podemos deixar nosso negócio nas mãos de funcionários. Por mais que tenhamos confiança e eles demonstrem responsabilidade, não podemos nos ausentar por muito tempo — Milton explicou.

— Será maravilhoso para o Studio de cabeleireiro. Um investimento de alma e futuro! — comentou Andreia com um sorriso que misturava admiração e alegria.

— Nesse universo de beleza, o que nos mantém vivos é a renovação constante, o toque profissional, o olhar atento e as tendências. — Fez um gesto único, meio teatral. — Imagina só se eu deixaria essa oportunidade passar. Jamais!

— Seu Studio está num bairro tão elegante, cheio de estilo… — comentou Andreia, com um olhar admirado. — Você havia mencionado a ideia de abrir uma segunda unidade. Vai seguir com esse plano quando voltar?

— Mais adiante, sim. Por ora, estou mergulhado nesse investimento. A viagem, o curso… é um passo grande e não exatamente barato. — Fez uma pausa breve, como quem pondera. Em seguida, continuou: — Você sabe como é… Todo bom empreendedor sabe que é preciso ter sempre um fundo reservado, um abrigo financeiro para os imprevistos, que insistem em aparecer quando menos esperamos.

— Que ótimo, Milton. Fiquei muito feliz por você. — Andreia sorriu lindamente e, outra vez, pegou em suas mãos por sobre a mesa, apertando-as como que dando força e apoio. Em seguida, contou: — Também tenho planos para a minha empresa. Quero ampliar a área de desenvolvimento e criação. Essa parte demanda laboratório amplo e isso exige investimento em máquinas, acessórios e segurança, além de espaço. Não vejo a hora de isso acontecer. Então, imagino a sua felicidade e expectativa!

— Gostaria de pedir para que não contasse para ninguém sobre nossos planos e viagem do Milton. Não agora — Danilo sorriu. — Dê um tempinho. Aliás, seria bom que também não ficasse falando sobre suas ideias, viu? O melhor é não falar nunca sobre sua vida.

— Nem pra vocês? — ela brincou e riu, olhando-o de um modo maroto.

— Ah... Meu amor, pra nós pode contar — Milton afirmou. — Torcemos por você, por seu sucesso, por suas vitórias, saúde, prosperidade... Eu e o Danilo vibramos muito por você, Andreia. Temos muitas razões para isso, mas uma em especial. Nunca vou esquecer quando eu e o Dan nos casamos. Você foi a única da família que compareceu. Seus pais foram, lógico, não estou falando deles, mas da minha parte, família mesmo... só você. Meus pais e outros parentes não deram as caras.

— Ora, o Sandro foi junto comigo — ela lembrou.

— Foi porque você o arrastou! — falou de um jeito engraçado. — O meu irmão não tem opinião própria. Sempre se deixa levar pelo que meus pais querem.

— Não é assim, Milton. O Sandro foi de boa...

— Mas ficou com aquela cara. Aquela! Você sabe. As fotos e filmagens não mentem. Basta olhar com atenção — Milton disse e revirou os olhos. Nesse momento, Danilo o cutucou discretamente por baixo da mesa. Aproveitando que o garçom servia os pratos, ele silenciou por alguns minutos, ficando reflexivo, quase nostálgico. Em seguida, comentou: — Nasci na família errada. Eu deveria ser seu irmão. Adoro seu pai e sua mãe. A sua irmã... nem tanto — riu com gosto e Danilo o empurrou de leve. — É verdade! Não me alinho com a Tamires. Mas eu e você seríamos ótimos irmãos.

— Seríamos sim. Porém, apesar de não termos os mesmos pais, a vida nos uniu e eu te considero como irmão de alma — ela sorriu.

O celular de Andreia tilintou e ela olhou a mensagem. Em seguida, contou:

— O Sandro está na academia. Disse que minha irmã está lá.

— Diga que eu e o Danilo mandamos lembranças — falou sem qualquer ânimo, mas não percebeu, estava olhando para o aparelho.

— Pronto... Falei. Onde estávamos mesmo?

— Em contar sobre as nossas vidas, nossos planos e a nossa felicidade para os outros — Danilo lembrou.

— Cuidado com a minha mãe, Andreia. Ela é muito interesseira. Meu pai, materialista, não está nem aí pra ninguém. Junto com os sócios, só pensa nos lucros, no luxo e em coisas sem valor espiritual. Na verdade, meus pais são tóxicos. Contaminam e destroem o emocional de todos com quem convivem por algum tempo. Veja como querem controlar a vida de vocês dois. Sabe do que estou falando. Já conversamos muito sobre isso.

— Atualmente, estou bem desconfortável quando o assunto é sobre mim e o Sandro termos um filho. As cobranças não param e, nos últimos tempos, chegaram a ser ofensivas.

— Percebi isso na ceia de Natal! — enfatizou Danilo. — Do nada, a dona Angélica — referiu-se à sogra, mãe de Sandro e Milton — falou bem alto,

para todos ouvirem: “Andreia, você já tem a idade de Cristo! Trinta e três anos. Arruma um filho logo!” — Danilo imitou a senhora.

— Não foi só isso. Esqueceu? Minha mãe ainda disse — arremedando-a, completou: — “Arruma um filho logo ou vai ser velha para ser mãe e correr o risco da criança nascer debilitada por causa da sua idade. Eu tive meus filhos antes dos trinta. O mais novo deles, que tive aos vinte e sete anos, foi o Milton, por isso, ele veio com um defeitinho!”...e ainda riu. — Ofereceu breve pausa e desabafou: — Esperei que o Sandro ou nosso pai se manifestassem e me defendessem — fez um semblante aborrecido, verdadeiramente dolorido —, mas não.

— Foi por isso que eu cutuquei o Milton, pedimos licença, levantamos e fomos embora, sem dizer nada. Absolutamente, nada. Quando nos convidaram para a ceia, pensamos que seria para nos aproximarmos da família, para sermos incluídos, mas não era isso. Foi para, novamente, fazerem zombarias e humilhações. Onde já se viu isso? — Danilo perguntou, mas não esperou resposta.

— Usaram uma data de comemoração Cristã para fazerem algo que Jesus não faria, que é criticar e humilhar os outros. Ainda bem que, prevendo as atitudes cruéis da minha mãe, eu e o Dan deixamos alguma coisinha preparada em casa. Fizemos uma oração para Jesus, agradecemos por Sua vida terrena que nos trouxe tantos ensinamentos e pelo amor que exemplificou ao mundo — Milton disse.

— Comemos um estrogonofe amanhecido e delicioso! — Danilo salientou e riu. — E de sobremesa, por sorte, tínhamos uma caixa de petit gâteau e sorvete no freezer.

— Nesse dia, não comentamos sobre esse assunto. Deixamos as energias ruins lá na casa dela. Ah... Foi uma paz tão grande. E foi a última vez que fomos à casa dos meus pais. Para mim, chega! — enfatizou. — Não guardo mágoa, mas também não quero mais contato, para que não possam me ferir de novo. Depois, ninguém entende por que a gente se afasta.

— Você, Andreia, foi a única que, no dia seguinte, foi lá ao nosso apartamento saber como nós estávamos — Danilo lembrou.

— Meus pais sempre me fizeram sofrer quando me diminuíam, quando me faziam sentir mal, me humilhavam... Agora, chega. Carreguei culpas por ignorância, senti dores infinitas e não tive conforto. Nunca me senti acolhido. Sempre me ofendiam e agiam como se isso fosse normal. Achavam que eu queria ser gay, falava e agia daquele jeito de propósito.

— O Sandro nunca maltratou você — Andreia tentou defender.

— Não. Nunca. Mas também nunca me defendeu ou se posicionou. Não sei a opinião dele sobre mim. Sempre foi neutro. Nunca me defendeu nem sequer foi conversar comigo em particular para me entender, entender o que eu sentia ou me auxiliar a buscar ajuda para entender o porquê de eu ser desse jeito, entender que eu era gay.[1] Eu era criança... Sabia que era diferente, mas não entendia o que acontecia. Vivia confuso. Sendo eu o mais novo, o nascido com um defeitinho, eu não tinha entendimento nenhum e vivia envergonhado, sentindo culpa, não conseguia mudar. Os trejeitos saltavam de mim, por mais que eu quisesse me controlar. Vivi desorientado, com medo e com um vazio imenso, por falta de referência. Minha mãe vivia na igreja católica. Ela só sabia falar dos meus pecados. Fiquei quase insano. Queria morrer. Pensei muito em tirar minha vida. Perguntava o porquê, a razão da minha existência. Só depois de um longo caminho, a começar pelo despertar da minha religiosidade, comecei a jornada lenta para a libertação. Libertação de pessoas tóxicas, libertação daqueles que falam mal de mim pelas costas, libertação de tudo o que me magoa e fere. Eu comecei essa libertação pela oração. Oração de gratidão por ter um teto e comida. Oração de confiança em acreditar que tudo iria mudar e me fazer ver o mundo diferente. Comecei a me determinar, a me disciplinar, a me focar no que me faria prosperar, melhorar, pois nem sempre tinha ânimo. Então, eu fazia o que era preciso fazer, mesmo sem ânimo, pois me concentrava nos resultados que teria. Deixei de reclamar! Parei de reclamar! — salientou. — Quando estava muito pra baixo, orava. Foi a oração que aumentou a minha fé. Por isso, digo: não deixe que a rotina te afaste da prece de gratidão e amor a Deus, pedindo força, luz e orientação. Aos poucos, fui descobrindo minha razão de viver.

— E qual é? — Andreia perguntou com lindo sorriso.

— Não é óbvio, meu amor? Minha razão, meu propósito de vida é deixar pessoas belas, lindas, maravilhosas e felizes! — expressou-se com uma alegria que vinha da alma. — Quer coisa melhor do que deixar alguém feliz? É algo que faz a gente sentir a alma brilhar! — Milton fez breve pausa. — Com disciplina, guardei dinheiro da mesada. Economizei muito. Comecei a fazer faculdade que pagava com o dinheiro que meu pai depositava na minha conta. Larguei a faculdade e fiz meus primeiros cursos. Montei um salãozinho minúsculo, simplório, mas investi em atendimento de qualidade e tratamento digno que minhas clientes mereciam. A disciplina financeira me permitiu mudar de espaço e melhorar ainda mais. Hoje, meu atual Studio tem quinze profissionais de cabelo, umas dez manicures, maquiadores, espaço para drenagem, podologia e muito mais. Apesar disso tudo, não deixo de fazer os atendimentos do Salão Solidário, onde ofereço meus serviços às pessoas em situação de vulnerabilidade, atendendo gratuitamente quem não tem condição financeira de acessar esses serviços. Vou, com alguns da minha equipe como manicure e podóloga, a instituições, ONGs ou clubes que oferecem espaço e organizam esses atendimentos. Isso é lindo! Vi mulheres que chegaram lá em um estado triste e saíram deslumbrantes. Com roupas lindas, que foram doadas, e cestas de alimentos. Com sorriso no rosto, felizes... Algumas retornaram no mês seguinte, dizendo terem conseguido emprego... — Milton ficou verdadeiramente emocionado. Suspirou fundo e fez breve pausa. — Minha alma brilha quando vejo aquelas mulheres... aqueles senhores... mudados.

— Eu não sabia que você fazia isso — Andreia ficou admirada.

— Nem precisava saber. Falei porque fiquei empolgado e... Não sei se fico mais feliz ao ver uma cliente que paga ao sair maravilhosa do meu Studio, ou quando vejo aquelas pessoas saírem deslumbrantes do Salão Solidário sem me pagar nada, mas repletas de alegria e esperança... — Ofereceu nova pausa. Em seguida, completou: — Agora, depois que retornar de Chicago, quero a segunda unidade, mais linda ainda do que o Studio atual. Porém, como falei, darei um tempo porque sou cauteloso.

— Seus pais te ajudaram, financeiramente, no começo. Foi isso que fiquei sabendo.

— Sim, Andreia. Ajudaram, mas não o quanto e por tanto tempo quanto fizeram com o Sandro. Minhas finanças foram cortadas assim que montei o primeiro salãozinho. Fui embora de casa e dormi no chão gelado do salão. Comi incontáveis refeições de macarrão instantâneo. O Danilo é testemunha! — enfatizou. — Nós nos conhecemos nessa época. Enquanto isso, o Sandro trabalhava com meu pai, ganhava muito bem e ainda recebeu dinheiro para investir na sociedade com você. Desculpa lembrar isso...

— Que nada. Tudo bem. É que... não sabia.

— Se meu pai deu dinheiro para o Sandro ser sócio na indústria têxtil, por que não deu para mim a mesma quantia para abrir um salão melhor e maior? Não sou filho tanto quanto o Sandro? E o Sandro se importou com isso? Se manifestou? Falou com nosso pai? Nada disso! E minha mãe? — fez longa pausa. — Por isso, já disse e repito: não conte nada, nunca, sobre seus planos. Se eu não tivesse contado sobre o meu primeiro salãozinho, minha mesada não teria sido cortada, eu não teria saído de casa e o valor da faculdade continuaria sendo depositado na minha conta. Mas não... fui contar e deu no que deu. Teve uma briga danada! Fui convidado a deixar a casa dos meus pais e passei a morar no salão, minhas despesas aumentaram. Aprendi. Quando estou doente, não reclamo. Quando estou bem, não conto nada. Curto sozinho a minha felicidade. Raras são as pessoas que merecem saber da minha vida. — Ofereceu uma pausa, em que a observou reflexiva. Depois, orientou: — Por isso te falo: se minha mãe souber que você quer expandir sua empresa em vez de dar um herdeiro à família Vasconcelos, ela fará de tudo para impedir e te atrapalhar. Vai manipular o Sandro e fazer um inferno da vida de vocês.

— Não gosto de contar sobre meus planos. Só se o Sandro disse alguma coisa para ela. Ele é um ótimo marido e parceiro. Não posso reclamar.

— Pode parecer isso, para você, mas, em muitos casos, acho que meu irmão fica em cima do muro. Só observa. Na maioria das vezes, ele se deixa manipular para o que é melhor para ele. Disso, tenho certeza.

— Que coisa feia!... — Danilo protestou com jeito engraçado, repreendendo-o. — Para de falar mal do marido dela.

— Não estou falando mal! Mas... Ah... Desculpe... Encare como uma observação. — Milton tentou corrigir o que havia dito, porém não era possível.

— Então!... Um brinde ao Sandro! — Danilo propôs.

— E também a minha viagem para os Estados Unidos! — tornou Milton com um jeito único. Brindaram e, novamente, ele voltou a pedir: — Outro brinde à beleza da Andreia! Acho você lindíssima! Sabe disso! — viu-a sorrir um tanto sem jeito, enquanto tocaram os copos.

Após o brinde, a cunhada perguntou:

— Posso contar para o Sandro sobre a sua viagem?

Milton e Danilo se entreolharam e o cunhado respondeu:

— Pode. Já está tudo certo. Até minha mãe saber, já fui! — riu alto.

Continuaram conversando...



Na casa onde Kátia morava com seus dois irmãos, ela e Caíque conversavam.

— E aí?... E lá no serviço? Ficou bem? — ele perguntou com cuidado.

— Fiquei — respondeu ela com um suspiro. — Na parte da manhã, ainda senti aquele medo, aquele tremor dentro de mim. Depois foi passando.

— Isso é ótimo. Aos poucos, vai melhorar. Agora que você está em casa, tenta relaxar. Evita celular, TV... Vai pro seu quarto, coloca uma música suave. Respira fundo. E conversa com você mesma. Faz uma reflexão sobre o que aconteceu. Sem julgamento. Só observa.

— Tá...

— O medo começou lá no parque, lembra? Quando a gente foi caminhar. Acho que foi quando você viu a presidente da empresa e o gerente. Talvez tenha sido isso. Talvez sua mente tenha reagido porque você não queria enfrentá-los, responder perguntas... Não sabemos ao certo. Mas olha só: você enfrentou. Mesmo com medo, mesmo com o pânico rondando, você foi lá, passou por eles, cumprimentou. Isso é força, Kátia. Analise a verdade. Reconheça que você encarou o desafio, encarou a situação. Foi lá e enfrentou, passou por eles e os cumprimentou.

— Mas depois, tive a crise de pânico. Achei que fosse morrer — disse ela em voz baixa, quase sussurrando.

— Eu sei. Eu já senti isso também. Mas olha para você agora: você não morreu. Crise de pânico não mata. Ela assusta, sim, mas passa. Sempre passa. E é nisso que você precisa focar: no depois. No que vem depois. Sempre passa.

— Caíque, crise de pânico não mata, mas tira a vida da gente. É um medo irracional. Não faz sentido ter medo de encontrar as pessoas.

— Não faz sentido para quem vê de fora. Mas para sua mente, para sua alma, pode fazer. Às vezes, sem perceber, a gente revive dores antigas. Situações que parecem simples podem acionar gatilhos profundos, ou seja, algo que dispara sentimentos ruins. Situações, coisas que você nem lembra conscientemente, mas que te marcaram com profunda dor. Pode ter sido dor física, emocional... e a alma guarda tudo isso.

— Então... é como se eu estivesse reagindo a algo que nem sei o que é?

— Exatamente. O pânico é uma descarga hormonal ocasionada por uma situação que relembra o perigo ou dores para o inconsciente — Caíque disse e ofereceu breve pausa, observando-a pensativa. — Mas o importante é que você está buscando entender. E está enfrentando. E isso já é um passo enorme, Kátia. Você não está sozinha. Tem gente aqui, como eu e o Edu, para te apoiar... e tem gente lá do outro lado também te ajudando, como você sabe. — Sorriu. — A espiritualidade não te abandona. Cada crise é um

convite à cura. E você está aceitando esse convite. Após cada crise, você fica mais forte. Desde que busque se conscientizar do que está acontecendo, busque ficar atenta ao que come, ao que bebe... pois isso reflete imensamente na saúde psicológica. Busque se tratar com psicoterapia, cuidar da saúde física, mental e espiritual.

— Quando cheguei à empresa, encontrei com a Andreia, novamente. Ela conversou comigo, fez perguntas simples e básicas de quem quer só puxar conversa para ser educada... Passei mal.

— A autorreflexão e o autoquestionamento são ferramentas poderosas para entender o que está acontecendo dentro da gente, principalmente, nas questões emocionais. E não é algo que devemos fazer só quando vem a crise de pânico, a ansiedade ou a depressão. Durante esses momentos críticos, é essencial parar e refletir, mas também é importante fazer isso no dia a dia, quando tomamos decisões, quando falamos algo, quando damos uma opinião sobre alguém ou sobre alguma situação. Pensar no porquê estamos agindo assim e para onde isso pode nos levar ajuda a nos conhecermos melhor. E quanto mais nós nos conhecemos, mais força temos para lidar com os desafios da alma e da vida. — Caíque fez breve pausa, observando a irmã com ternura, prosseguiu com um exemplo claro: — Veja o seu caso... No relacionamento com o Edmílson, é provável que ele a cobrasse constantemente, exigindo explicações, impondo uma postura ou um tom que lhe causasse medo, constrangimento ou inferioridade, de alguma forma, mesmo que mascarado ou disfarçando as intenções dele. Você temia a reação dele diante das suas respostas. Se ele perguntasse: "Kátia, onde você esteve hoje? Por que fez o cabelo?" e você dissesse: "Fui ao salão porque amanhã tenho uma entrevista de emprego", ele encontraria um motivo para brigar, ofender, diminuir. Diria que foi um gasto desnecessário, que poderia ter feito em casa, que você queria se aparecer para outro homem... O Edmílson sempre distorcia a situação para desvalorizar o que você fazia ou brigava, ou a menosprezava, ou te diminuía... Comportamento típico de pessoa narcisista[2] — falou com firmeza, mas com empatia. — Isso não aconteceu uma ou duas vezes. Foram muitas. E esse círculo vicioso gerou estresse, angústia, desgaste, dor... e acabou se transformando em trauma. Com o tempo, sua mente, seu inconsciente entendeu que, para se proteger daquele tipo de conversa

tóxica, das acusações, das brigas, das agressões psicológicas ou até físicas, era necessário se afastar das pessoas. O distanciamento significava: não precisar responder, porque qualquer resposta poderia gerar sofrimento, desgaste, humilhação e você se achava sempre inferior, um lixo. — Ele a olhou nos olhos, com delicadeza. — Seu ex acabou com o seu psicológico. É por isso que, sempre que você se vê em uma situação em que precisa responder perguntas ou dar explicações, sente medo, treme, entra em pânico. Agora é o momento de conversar consigo mesma. De fazer uma autorreflexão, um autoquestionamento, uma autoanálise. Primeiro, é importante acalmar a mente. Lembra aquele exercício de respiração que lhe ensinei? — não esperou que respondesse. — Sempre funcionou comigo. Era ele que me tirava do desespero, do pânico. Depois, em um ambiente tranquilo, à noite, em casa... eu me questionava. Buscava entender por que sentia aquilo: medo, tremores, coração acelerado, aquela sensação de quase morte. Às vezes, encontrava respostas. Outras vezes, não. Mesmo assim, refletia e conversava comigo mesmo. E dizia: Passou. E se acontecer de novo, vai passar mais rápido. — O irmão percebeu que ela o ouvia com atenção e concluiu com serenidade: — Kátia, sentir medo é normal. Assim como sentir raiva, tristeza... são emoções humanas. Ninguém está imune a elas. A questão está no tempo que permanecemos nesses estados. Não é possível eliminar o medo, mas quem desenvolve inteligência espiritual sente medo por menos tempo ou realiza o que precisa ser feito mesmo com medo. E isso se chama enfrentamento, que também é inteligência espiritual. Nosso objetivo é alcançar o ponto em que conseguimos ressignificar esses sentimentos, ou seja, dar outro significado a esses sentimentos. E você está trilhando esse caminho. — Olhou-a com carinho e, sorrindo, ainda disse: — Você vai chegar ao ponto de dar um novo significado a esse sentimento de medo. Vai perceber, em algum momento, que todo o medo que sentiu, aquele que provocou crises de pânico, que dificultou sua respiração, que fez seu corpo tremer, se transformou em força dentro de você. Vai dizer com convicção: “Hoje, não tenho mais medo. Tenho coragem. Enfrento o que preciso enfrentar. E está tudo bem.”

Ela o olhou com olhos marejados, como quem desejasse acreditar.

— Isso será possível, Caíque? — perguntou, com voz baixa.

Ele assentiu com serenidade, afirmando:

— Sem dúvida. Todos esses sentimentos densos, pesados são provações que a vida nos oferece para que possamos exercitar a coragem, a paciência, a fé. São oportunidades de crescimento espiritual. E não estamos sozinhos nesse caminho. Há mãos invisíveis que nos sustentam, há luzes que nos amparam mesmo quando tudo parece escuro. O medo pode até nos visitar, mas não precisa morar em nós. — Viu-a sorrir. — Lembre-se, Kátia, aprendemos a ser fortes quando dizemos não, quando enfrentamos situações difíceis, quando perseveramos e fazemos o que precisa ser feito, mesmo sem vontade. Hoje cedo, você não estava animada para caminhar, mas mesmo assim foi. Isso é motivo para se parabenizar. Fez o que era bom, útil e saudável independentemente das circunstâncias. Você foi. E isso é um avanço.

Kátia o observou com atenção e perguntou:

— Você conseguiu vencer esses sentimentos densos... totalmente?

— Sim — respondeu com convicção. — Venci. Eles não me dominam mais. Eu nunca mais vou permitir que aquilo aconteça comigo. Tive de me transformar de dentro para fora. E mudar muito, a ponto de várias pessoas próximas estranharem meu novo modo de viver, meu novo eu. Mas foi essa mudança que me trouxe paz de espírito e equilíbrio verdadeiro.

— Você não sente mais medo? — perguntou ela com esperança.

— Medo que me domine, não. O medo ainda aparece, por uma fração de segundo, mas não permito que ele tome conta. No instante em que surge, eu tomo uma atitude, faço escolhas mentais ou, quando não há nada que possa ser feito, simplesmente me conformo com a situação. E quando não se pode fazer nada, é o momento de entregar a vida nas mãos de Deus, permitindo que Ele refaça o caminho, os planos, o destino...aí, deixo a vida recomeçar. Mas somente quando não se pode fazer nada. Entendeu?

Kátia assentiu, emocionada.

— Ouvir você dizer que venceu tudo isso me encoraja.

— Mas é importante lembrar — disse ele com firmeza —, eu não venci crises emocionais de braços cruzados nem buscando fuga em bebida ou cigarro ou outros vícios. Cada mudança, cada passo positivo me levou adiante. A religiosidade foi essencial nesse processo. O Espiritismo me ajudou imensamente. Fiz uma grande reforma íntima.

— Reforma íntima?... — repetiu ela.

— Sim. Reforma Íntima é uma expressão usada no Espiritismo. Resumidamente, trata-se de uma profunda mudança mental, verbal e física em que passamos a fazer tudo o que é bom, útil e saudável para nós e para os outros. Ao longo do tempo, em que nos propomos a fazer a Reforma Íntima, a vida muda, a mente muda e começamos a enxergar o mundo e a nós mesmos de forma diferente. Nós nos afastamos do que não nos faz bem. E, espiritualmente, tudo o que não presta também se afasta de nós: pessoas, situações, hábitos... Reforma Íntima é a melhor demonstração de inteligência espiritual, é exibir força espiritual, aquela que você reencarnou para mostrar ao mundo e a si mesma.

— Você pode me ajudar a conhecer melhor... ou um pouco mais sobre o Espiritismo? — pediu, com um sorriso doce no rosto sereno.

— Ganhei meu dia! — alegrou-se Caíque, tocando o ombro da irmã com entusiasmo. — Claro que posso! Vou separar alguns livros para você. Existem muitos e, se algum não fizer sentido ou não agradar, me fala. Posso encontrar outro que combine melhor com seu estilo. Há romances excelentes que servem como porta de entrada para a Doutrina Espírita. Tenho certeza de que você vai gostar.

Kátia estava visivelmente mais animada. A conversa seguiu com leveza como se uma nova janela tivesse se aberto em sua alma.

---

1 Nota da médium: O livroMais forte do que Nunca, romance de Eliana Machado Coelho e Schellida, publicado pela Lúmen Editorial, traz muitas informações a respeito de orientação sexual, identidade sexual, gênero sexual, homossexualidade, transgênero, etc... Demonstrando, por meio de

raciocínio lógico, que heterossexual, homossexual e tantas outras condições sexuais são obras de Deus.

2 Nota da médium: O livroO Amor é uma Escolha, romance de Eliana Machado Coelho e Schellida, publicado pela Lúmen Editorial, traz muitas informações a respeito de narcisismo, de como agem pessoas com esse transtorno e o quanto esse comportamento traumatiza e infelicita aqueles que convivem com narcisistas.

Capítulo 03

Quando o amor não divide

O amor que cura é aquele que compreende,

coopera, auxilia e não exige nada em troca.



Em sua casa, Rogério conversava com o filho Fábio, de quinze anos, no quarto do jovem.

— Chegou atrasado à aula hoje? — perguntou o pai com voz calma.

— Não — murmurou Fábio, quase inaudível, sem encará-lo.

— Deve ter sentido fome. Saiu sem comer nada. Foi difícil, não foi?

O jovem apenas sacudiu levemente os ombros, num gesto que misturava indiferença e desprezo, talvez por si mesmo, talvez pela preocupação do pai.

Fábio era alto e muito magro, corpo esquelético e sem músculos aparentes. A pele, extremamente branca, parecia sem vida. Os cabelos pretos, lisos e

despenteados, cobriam a testa e parte dos olhos, formando uma franja desarrumada. Usava um boné com aba, que escondia ainda mais o rosto fino e retraído.

Não gostava da própria aparência, especialmente das orelhas de abano, que se destacavam nas fotos de frente. Dependendo da luz, pareciam quase transparentes, o que gerava chacotas, zombarias e bullying por parte dos colegas da escola. Mas o que mais o feria eram as críticas da própria mãe.

Giovana, em vez de acolher e tentar compreender o filho, procurava defeitos para recriminá-lo. Censurava sua aparência, seu estilo, como se tudo fosse culpa dele, como se o jovem tivesse escolhido ser alvo de rejeição.

Fábio talvez não se lembrasse de ter recebido um único elogio ou gesto de incentivo por parte da mãe. Essa ausência o tornava cada vez mais quieto, calado, dolorido. Sofria em silêncio, sem compartilhar sua dor, suas dúvidas e o desespero inquieto que o corroía por dentro. Acreditava, em sua imaturidade emocional, que aquele sofrimento seria eterno.

Seu pai, Rogério, de forma constante e paciente, tentava se aproximar, compreender o que o filho pensava, oferecer orientação e afeto. Buscava caminhos para trazê-lo para perto, mas Giovana, sua esposa, invariavelmente, interferia. Invalidava os argumentos do marido, desmerecia sua dedicação ao filho, como se o cuidado paterno fosse exagerado ou desnecessário.

Para estar mais próximo do menino, Rogério enfrentava críticas e discussões frequentes com a esposa. Os duelos não se limitavam às palavras. Havia também vibrações densas, energias venenosas que se espalhavam pelo ambiente doméstico e alcançavam o plano espiritual. Essas emanações serviam de atração e alimento para espíritos inferiores, zombeteiros, que se comprazem em conflitos, desentendimentos, discórdias e controvérsias. Quanto mais intensa a desarmonia, maior o banquete energético para essas entidades.

No quarto, o pai deu alguns passos, tirou uma jaqueta que estava sobre a cama e lá se sentou.

O jovem estava sentado à mesa de uma escrivaninha, ficando de lado para o pai, mexendo no computador.

— Você não está mais no futebol? — Rogério insistia em puxar assunto.

— Não — murmurou, tão somente.

— Por quê? Você gostava.

— Não mais.

— E o basquete? Sei que gosta de basquete e sua altura é ótima para isso. — O filho não respondeu. Tentando persuadi-lo, falou sobre uma ideia: — Estou pensando em fazer trilha, sabe? Vejo um pessoal, lá na empresa, contar sobre trilha, mata... Vão até a lugares que têm cachoeiras. Mostram fotos lindas! São passeios bem legais. Comecei a fazer caminhadas... — riu de si. — Estou tentando ter disposição e fôlego, claro, para as trilhas. O que você acha?

— Sei lá... — falou baixinho, sem ânimo.

— A gente compra mochilas, roupas apropriadas... Estou buscando informações na internet de como se preparar para fazer trilha. A gente começa com trilha de grau mais fácil, distâncias curtas... — Nesse momento da conversa, Rogério viu o filho com semblante diferente, quase esboçando um sorriso, como se gostasse da ideia. — Dizem que tem uns lugares da hora pra fazer trilha e tem gente que até acampa, mas tem de ser acampamento em lugar que tem segurança. Isso deve ser bem legal.

— Mas a gente precisa fazer caminhada, como você tá fazendo, antes de fazer trilha? Se for isso, pra mim não dá — o jovem argumentou.

— Gente da minha idade, que trabalha atrás da mesa, precisa começar a fazer caminhada para ganhar resistência, né? — riu. — Você é jovem. Pratica futebol, basquete... Corre pra lá e pra cá...

— Ah... Dei um tempo no futebol. Quero dar no basquete também.

— Com certeza, o esporte te deixa preparado para fazer trilha. Daí a gente vê como é que faz pra acampar também.

Fábio virou-se para ele e sorriu. Algo raro. Pensava em como aquilo seria divertido.

— Está tendo algum problema com os colegas do basquete? — perguntou o pai, com tom sereno, como quem não esperasse uma resposta imediata.

Fábio pensou em contar. Pensou em falar sobre os bullyings, as chacotas que sofria. Pensou em dizer sobre as fotos tiradas em momentos de descuido, com postura desengonçada, com as orelhas em evidência, das quais todos riam. Imagens que foram parar em grupos de mensagens e até nas redes sociais. Mas ficou constrangido.

Não desejava conversar sobre sua dor. Aquela dor que o destruía por dentro. Temia ser criticado, ser visto como frágil, como alguém incapaz de suportar dificuldades. Sentia vergonha. E, mais do que isso, acreditava ser culpado por sua aparência, pelo corpo ainda sem estrutura muscular, pela voz oscilante, pela imagem que via no espelho e não conseguia aceitar.

— Não é problema... É que tem um pessoal muito chato — calou-se sério.

— Sei. Quando gente chata se reúne com outras pessoas chatas... É um saco. Fazem os grupinhos, excluem quem eles decidem... Isso tem em todo lugar — o pai disse em uma linguagem de adolescente, para se aproximar do filho.

— Lá também tem. Mas é muito, sabe? — tornou o jovem.

— Estão falando de mim, né? Claro que estão! — Giovana entrou sem bater, com algumas roupas dobradas nos braços e o olhar afiado, como se já soubesse que era o centro da conversa.

Nesse instante, o marido olhou e pensou:

“Ela sempre chega feito um furacão, sem aviso, sem freio... Sempre procura um meio de se impor, agredindo com palavras, provocando dores

emocionais... Seria tão fácil viver bem... se inteirar do assunto, olhar o filho com amor...”

Depois de um suspiro, decidiu explicar com calma:

— Estamos falando sobre fazer trilha — o marido contou, mudando o assunto. — Aquilo que conversamos ontem. Estamos fazendo caminhada para melhorar nosso desempenho e... — não conseguiu concluir.

— Trilha, é? Trilha é o que eu faço todo dia pela casa, carregando tudo nas costas! E esse moleque? Nem pra acordar na hora certa serve!

— Eu ia te ajudar, Giovana. Só estava conversando porque ele dorme cedo.

— Ajudar? Você mal se mexe, Rogério! Parece que tem cola na cadeira! Você vive sentado. Se depender de você, essa casa vira um depósito de bagunça! — expressou-se grosseiramente, sem se importar em diminuir a imagem do marido.

O marido se levantou, respirou fundo e olhou para o filho. Fábio abaixou ainda mais o boné, como se quisesse desaparecer. Voltou a mexer no computador e colocou os fones, afundando-se num silêncio que gritava.

“Quantas vezes mais ele vai se esconder atrás desse boné, antes de se esconder de tudo?” — Rogério pensou com compaixão, observando o filho.

Não adiantaria falar nada, não naquele momento. Virando-se para a esposa, pediu:

— Vamos conversar lá fora.

— Conversar? Tenho um monte de coisa pra fazer! Isso sim! Sua vida boa, sua vida tranquila só me sobrecarrega! Sou escrava desta casa! — falava sempre de modo agressivo, irritante.

Cada palavra de Giovana era uma pedra a mais lançada no coração da casa, erguendo lentamente um muro entre ela e o marido. Quieto, ele saiu do quarto como quem carregasse o peso de muitas guerras familiares. Sabia

que ela o seguiria, como sempre fazia, como quem não sabe ficar só e necessita ferir ou machucar o emocional de alguém.

Pouco depois, estavam à mesa. A comida esfriava, mas o silêncio queimava. Era um silêncio fúnebre, desses que enterram mais do que palavras.

— Tira esse boné ridículo! — gritou Giovana, estalando um tapa seco na nuca do filho, que se curvou instintivamente, mais por vergonha do que pela dor.

Fábio não saberia dizer o que doía mais: o tapa ou o fato de ninguém tentar enxergá-lo além da superfície, de ninguém querer realmente entendê-lo.

Rogério lançou-lhe um olhar que dizia mais do que mil frases. E, com firmeza contida, pediu:

— Não faça isso, Giovana.

— Como não fazer isso?! Já cansei de pedir pra esse moleque ter respeito quando estiver comendo! Precisa tirar essa porcaria de boné. Ele ainda não aprendeu!

— Você pede respeito, mas é desrespeitosa também. Não percebe que está sendo agressiva com as palavras, com o tom e a altura da voz, com os gritos? — perguntou o marido visivelmente nervoso, com a voz trêmula de quem tenta manter a paz num campo minado.

— É que já cansei de falar e ninguém escuta! Eu falo, falo e nada! Você não entende?! — explodiu ela, com aquele tom que não pedia compreensão, mas impunha distância.

Nesse momento, Fábio, tentando se servir, deixou cair um pouco de comida sobre a toalha. Um gesto banal, mas que acendeu mais uma chama.

— Presta atenção no que está fazendo!!! — Giovana gritou, empurrando-lhe o ombro com impaciência.

O jovem sentiu-se invadido por um turbilhão de emoções: vergonha, raiva, confusão. Levantou-se abruptamente, empurrou o prato e partiu para o

quarto, como quem foge de um incêndio que ninguém quer apagar.

— Vem aqui, Fábio! Volta aqui! — a mãe gritou, mas não foi obedecida.

— Chega, Giovana! — o marido exigiu. — Não consegue perceber o quanto está sendo insuportável?! Não percebe o quanto está sufocando todos nós e sendo tóxica? A paz sempre acaba quando você aparece!

— E você acha bonito derrubar molho na toalha de mesa?!

— Não foi de propósito! Por que você não consegue ver isso?!

— Mas quem vai lavar sou eu! A toalha estava limpinha! Você não dá valor ao que eu faço! Eu deveria ser uma mulher porca, que deixa tudo jogado, tudo sujo!

— Poderia ser! E digo que isso não seria um problema, se tivéssemos paz! Precisamos de paz, nesta casa. Algo que você não deixa acontecer. Você implica com tudo. Não se pode ter sossego, não encontramos tranquilidade no próprio lar. Fala demais. Sempre fala muito. Não consigo nem ouvir meus próprios pensamentos.

— Maldita seja esta casa! Maldita seja esta vida! — gritou Giovana, como quem implora ao universo que a escute.

E o universo escutava... Certamente, um dia, responderia.

Na trama invisível do mundo espiritual, entrelaçadas de forças desagradáveis e de baixo nível moral, entidades de vibração inferior, alimentadas por gritos e discórdias, dançavam ao redor da mulher. Riam com crueldade, sussurrando ideias inflamadas, incitando-a ao descontrole. Eram espíritos que se nutriam da raiva, da contrariedade, do desespero. E ela, vulnerável, deixava-se levar, como folha ao vento em uma tempestade invisível.

Giovana não resistia. Ela cedia. Obedecia aos espíritos brincalhões e irresponsáveis, atraídos ali por seus pensamentos, palavras e ações.

Tomada por uma fúria que lhe queimava os olhos, agarrou um dos copos sobre a mesa com mãos trêmulas de ódio e o lançou contra a parede. O estilhaço do vidro parecia ecoar o grito que saiu de sua garganta. Um grito que não pedia resposta, mas libertação.

Era como se, naquele instante, o mundo inteiro tivesse se calado para ouvir sua falta de bom senso e saber de seu desequilíbrio.



Na manhã seguinte, após sua caminhada solitária, Rogério aguardava o elevador com o semblante de quem carrega mais do que o corpo pudesse suportar. O síndico aproximou-se com um sorriso tímido, desses que tentam suavizar o que vem depois.

— Bom dia, Rogério — o homem cumprimentou.

— Bom dia, Clóvis.

— Sei que está com pressa, ainda vai trabalhar, mas... — hesitou, como quem pisa terreno delicado.

Rogério compreendeu antes mesmo que as palavras se completassem. Já conhecia aquele tipo de abordagem. Não era a primeira vez que os ecos da noite anterior reverberavam pelas paredes do prédio.

— Desculpa, Clóvis. Imagino que tenha recebido queixas por causa dos gritos da Giovana.

— Exatamente. Os condôminos estão cada vez mais incomodados. Vocês já foram advertidos, mas nada mudou. Veja bem... O vizinho do lado cuida de uma idosa acamada, muito frágil. O de cima tem um bebê recém-nascido. O de baixo...

— Eu sei... Eu sei... — suspirou Rogério, como quem se rende à exaustão. Olhou nos olhos do síndico com a dignidade de quem já não tem forças para justificar e pediu: — Por favor, pode nos multar.

— Como? Entendi direito? Você quer?...

— Sim. Pode aplicar a multa. Talvez assim minha esposa perceba que o respeito não se limita às paredes da nossa casa, mas se estende aos que vivem ao redor.

Clóvis, comovido, tocado pela sinceridade e pela dor contida, respondeu com voz comovida:

— De verdade... Odeio gritos. Não sei como você suporta, meu amigo.

— É... Nem eu — murmurou Rogério desanimado, como quem confessa a si mesmo o que há muito já sabia.

— Vocês vão receber a notificação, então — disse Clóvis, com a voz de quem entrega um fardo.

— Desculpe... Obrigado. Tenha um bom dia — respondeu Rogério, no exato momento em que o elevador chegou, como se o destino lhe oferecesse uma fuga breve.

Entrou no cubículo metálico e, antes que as portas se fechassem, forçou um sorriso, desses oferecidos pela obrigação e não do coração. Acenou com a cabeça, mas não era um cumprimento, era um reflexo de cansaço, um aceno que carregava mais desgosto do que gentileza.



Os dias foram passando.

Andreia e Maura voltaram a se reunir para discutir os detalhes do novo projeto junto com o gerente comercial.

A diretora financeira analisava o tecido com atenção, passando os dedos sobre a superfície, observando:

— Este têxtil tem a característica que o cliente pediu.

Rogério, gerente comercial, olhou os dados e ponderou:

— É uma manta impermeável que atende à demanda. Só achei o preço um pouco acima dos outros materiais que vimos.

Andreia, como presidente, foi objetiva:

— É a primeira vez que vamos produzir esse tipo específico de colete. Sabemos que o cliente já teve problemas com materiais de outra empresa. Não podemos correr o risco de errar. Vamos seguir com este, mesmo que o lucro não seja alto, nessa primeira remessa. O foco agora é entregar qualidade.

— Concordo. Se entregarmos um bom produto, o cliente vai confiar, outras empresas podem se interessar e, com o aumento da demanda, conseguiremos negociar melhor o preço do material. Isso melhora nossa margem — completou Rogério com clareza.

— Se tivéssemos uma área de criação e desenvolvimento maior... Um laboratório mais completo faria diferença — comentou Andreia em tom de desabafo.

— Ainda não estou satisfeita com essa margem de lucro — disse Maura, focada nos números, sem parecer dar atenção a Andreia, olhando somente os relatórios.

— Mas como o Rogério lembrou, precisamos conquistar esse cliente. É a primeira vez que trabalha conosco — reforçou Andreia, tentando manter o foco estratégico.

— Se é essa a decisão... — respondeu Maura, claramente contrariada.

— Então... Podemos fechar com esse material? — perguntou Rogério, buscando uma definição.

— Sim, podemos. O produto tem qualidade e isso é o que importa agora — decidiu Andreia. Virando-se para a assistente, perguntou: — Anotou tudo, Kátia?

— Sim, anotei — respondeu ela com certa timidez.

— Ótimo. Podemos encerrar por aqui. Obrigada.

O gerente comercial e a assistente se retiraram.

Quando ficaram a sós, Maura deixou de lado o papel de diretora financeira e se aproximou como amiga, perguntando:

— Você está com uma cara... Aconteceu alguma coisa?

— O Sandro... — começou Andreia, visivelmente incomodada. — Estava tudo bem, tudo ótimo. Fomos para a casa de praia e, do nada, ele ficou com aquele jeito fechado. Dei um tempo, esperei que ele se abrisse e, depois, com jeitinho, perguntei o que estava acontecendo. E aí, do nada, ele soltou: "Vamos arrumar um filho logo!" — Ela fez uma pausa, respirou fundo e continuou: — Foi estranho. Muito estranho. Não foi nem o que ele disse, sabe? Foi o jeito. Ele nunca falou comigo daquele jeito. Fiquei quieta, só olhando, porque ele sabe dos meus planos. Mas ele insistiu e, como se eu não tivesse escutado, falou: "Vamos ver se você engravida logo, assim, a gente resolve essas cobranças, define nossas vidas e acabamos logo com isso." — Andreia olhou para Maura com expressão de quem ainda tentava digerir o momento. — Eu me senti uma coisa. Uma reprodutora. Ele nem olhou na minha cara quando falou aquilo.

— Pra ele dizer que é pra acabar com as cobranças... Aposto que tem dedo da mãe dele nisso — comentou Maura, com convicção.

— Foi o que pensei também — confirmou Andreia. — Aí eu perguntei: "Você quer conversar comigo sobre isso ou só a opinião e determinação dos seus pais são suficientes para você decidir sozinho?"

— E ele? — perguntou Maura, curiosa e preocupada.

— Não disse nada, por um tempo. Nem olhou para mim. Fiquei parada, encarando e esperando. Depois de muito tempo, ele falou: "É bom a gente decidir isso logo. Não acha? Vai ter de acontecer de qualquer jeito." Dessa vez, falou mais brando. Mesmo assim, não gostei. — Suspirou profundamente. Tomou um gole de água e prosseguiu: — Então, disse para ele: "Estou estranhando o seu jeito."

— E ele? — tornou Maura interessada.

— Não falou mais nada. Saiu de perto. Também não toquei mais no assunto. Foi um final de semana horrível. Ele quieto e eu também. — Nova pausa, repetindo, em seguida, arremedando o marido: — "Vamos ver se você engravida logo." Maura!... não pareceu um assunto importante que nós dois precisaríamos decidir. Não é algo que vai ter de acontecer assim de qualquer jeito! — enfatizou, protestando.

— E ele? Não falou mais nada?

— Quando estávamos arrumando as coisas para irmos embora, ele falou que estava cansado de receber cobranças. Mas, até aí, já estragou o passeio, né? Não falei nada. As cobranças que recebemos são da mãe dele, principalmente — expressou-se nervosa, sussurrando. — Já falei isso. Sabe, Maura, a questão é: estou para atingir o auge da minha carreira. Quero ampliar a indústria têxtil e chegar ao nível de exportação. Ele entende isso ou não?

— Eu te entendo, amiga. Entendo bem.

— O problema é que um filho, agora, vai ocupar muito do meu tempo e atenção. Não é uma situação que eu queira que aconteça de qualquer jeito. Largar com babá, empregada, creche, professor de sei lá o quê... Quero estar presente. Vão aparecer desafios, febre, resfriado, dor de barriga... E ele? E o Sandro? — Não houve resposta. Ficou com o olhar perdido. — O Milton, meu cunhado, falou uma coisa curiosa e importante. Disse que o Sandro é neutro. Fica sempre neutro. De fato... Ele não manifesta muito sua opinião, não toma partido nem fica de um lado. Só observa. Com isso, fica

sempre no lucro. Essa é a mais pura verdade. O Sandro é ótimo parceiro, ótimo marido, mas... As decisões importantes, ele não assume. Já percebi que, quando decidimos algo juntos, se o resultado não é bom ou satisfatório, a responsabilidade é minha. Só notei isso nos últimos tempos. É um comportamento que vem de longa data e eu não tinha percebido.

— Não vá ter uma visão equivocada do Sandro por causa do Milton. Tenho duas irmãs e um irmão. E tenho total consciência de que me relaciono melhor com meu irmão do que com as duas. É questão de afinidade. De repente, o Sandro não se afina com o irmão e o Milton não aceita isso, em vez de entender e achar que está tudo bem. Ninguém é obrigado a gostar do outro, mas respeitar, sim. Sempre. Nunca vi o Sandro falar mal do Milton. Outro dia, em conversa, ele disse que ele é ótimo profissional, responsável, limpo, caprichoso... Foi só elogios!

— Tá... Eu sei. Não é sobre isso que estou falando. É sobre o que passei a enxergar. O Sandro não opina, não decide, deixa para eu resolver, seja o que for. Então, nessa de termos um filho, perguntei para ele: "Como vamos fazer para dividir as tarefas com nosso filho e o trabalho da casa?"

— E ele? — arregalou os olhos, interessada.

— "Uma empregada fixa e uma babá resolvem." — arremedou o marido. — Nem tudo podemos deixar nas mãos de empregadas. E se o bebê estiver doente? Como fica? Aí, ele falou: "A mãe sempre é mais ligada à criança, você não acha? Ela sabe mais o que está acontecendo." Ou seja, eu terei de resolver tudo sozinha. Entendi que, em se tratando de filho, não existe nós. Existe a mãe. Isso foi o que percebi, até agora, na teoria. Imagina na prática.

— Andreia, acho que precisam conversar e bastante.

— É... Eu sei.



Naquela mesma noite, em casa, Andreia tentou abrir espaço para um diálogo.

— Sandro, tenho planos para expandir a indústria têxtil. O momento é agora — disse com calma, procurando conversar com tranquilidade, como sempre faziam. — Já te expliquei, em detalhes, como será esse processo.

Ele a olhou com seriedade, como quem pesa cada palavra, para depois responder e perguntou:

— Digamos que você faça isso agora. Que se dedique à expansão. Quando tudo vai funcionar como você quer? Daqui a quantos anos?

— Não sei ao certo... Talvez cinco — respondeu, sem desviar o olhar.

— Você vai estar com trinta e oito. Eu, com quarenta. Não acha que vamos estar cansados quando nosso filho tiver oito, dez anos? Parece que seremos pais com idade de avós.

— Que exagero! — ela protestou ao enfatizar, tentando suavizar com um sorriso.

— Exagero? Cinco anos faz diferença. Pensa nisso.

— Se tivermos um filho agora, só poderei expandir a indústria daqui a quatro ou cinco anos. — Andreia respirou fundo, tentando manter a serenidade. — E talvez eu não tenha a mesma disposição. Um filho exige presença. Vai ter dias difíceis, problemas de saúde, médicos, lição de casa, festinhas, passeios... Minha cabeça estará voltada para ele. Eu nunca troquei uma fralda na vida! — disse com sinceridade. — O que quero saber é: qual a sua parte nisso, Sandro? Posso contar com você? Ou vai ser como vejo todos os dias na empresa: mulheres que trabalham e criam filhos praticamente sozinhas?

Sandro foi pego de surpresa.

— Quer que eu pare de trabalhar para ficar em casa quando ele estiver doente?

— Interessante — ela ironizou. — O filho é nosso, mas por que só eu tenho de abrir mão do meu trabalho? E não é só médico. Tem alimentação, escola, lazer, mercado, farmácia... Tudo isso toma tempo.

— Está dizendo que prefere seu trabalho a cuidar do seu filho? — tentou manipular a situação e os sentimentos dela.

— E não é isso que você está dizendo? — rebateu, irritada. — Por que você não cede também? Por que não diz que vai ajudar, colaborar, estar ao lado? Por que não se vê indo ao mercado sozinho? Levando nosso filho ao parque, à escola, ajudando com lição de casa? Isso não passa pela sua cabeça?

— Mais do que já ajudo com as tarefas de casa? Não acha que colaboro demais?

— Colabora?! — ela elevou o tom. — Você faz o mínimo, Sandro! O que queria? Que eu fosse sua esposa e sua empregada? Que eu recolhesse suas roupas sujas, limpasse sua bagunça, lavasse sua louça, fizesse sua comida... tudo sozinha? Casados e trabalhando fora, cada um tem de fazer sua parte. Quando você coloca a roupa para lavar, eu estendo. Na maioria das vezes, sou eu que recolho. Eu lavo as roupas de cama, as toalhas. Você nunca arrumou a cama, nunca tirou uma cortina para lavar. Se você prepara o café, eu limpo a pia, lavo o que não vai na máquina. Mesmo com diarista, uma vez por semana, eu mantenho tudo no lugar. A casa não é só minha. Não sou só eu que sujo. Ir ao mercado é algo que fazemos juntos ou revezamos. Sempre foi assim. E isso é o certo. — Andreia fez uma pausa e prosseguiu firme: — Agora, com um filho, tudo vai aumentar. As tarefas, os imprevistos. Você continuará dividindo isso comigo?

— Eu não posso fazer mais do que consigo! — respondeu ríspido. — O que quer? Um escravo? Uma ou duas empregadas não são suficientes pra você?

— Não sei se sempre vamos poder contar com empregadas. É difícil encontrar alguém que realmente trabalhe bem. E se não encontrarmos? — disse num tom mais baixo. — Além disso, quero continuar investindo na minha carreira, como você faz com a sua. Se você não quer abrir mão do

seu trabalho, por que eu deveria abrir mão do meu? Isso não é justo. E é isso que quero entender.

— Porque você será mãe! É por isso que terá de abrir mão de alguma coisa! Simples assim! Você será mãe! Dá pra entender?! Preciso desenhar?!

Andreia sentou-se na beira da cama, como quem perde o chão. Seus olhos marejados seguiram Sandro até ele desaparecer no outro cômodo. Ela não acreditava no que acabava de ouvir. Aquela não era a voz do homem com quem se casou.

Teria sido influenciado? A mãe dele teria soprado aquelas ideias?

Não tinha certeza, mas era bem provável.

Eles não podiam ver, porém enquanto as palavras duras cortavam o ar como lâminas invisíveis, no plano espiritual, a vibração do apartamento se tornava densa, quase palpável.

Espíritos inferiores e perturbados, atraídos pela energia da discórdia, aproximavam-se como sombras silenciosas. Alguns apenas observavam, alimentando-se da tensão. Outros, mais ativos, sopravam pensamentos de orgulho, impaciência e ressentimento nos ouvidos do casal. Principalmente, aqueles que foram inimigos no passado.

Um mentor espiritual, ligado à Andreia, tentava envolvê-la em uma aura de serenidade, mas sua mente estava tomada pela indignação.

A luz que antes circulava ao redor do lar tremulava, ameaçada pela força das emoções descontroladas.

Cada tom elevado e ríspido, cada acusação, eram como um convite para que a harmonia se afastasse. E, aos poucos, o lar, que antes foi um templo de afeto, tornava-se campo de batalha invisível onde forças sutis disputavam espaço entre o amor e o ego.

Capítulo 04

Quando o tempo exige escolha

Nem toda ideia é sua. Há pensamentos que

chegam sem serem chamados. Ore e vigie.



Na manhã seguinte, o aroma do desjejum preenchia a cozinha com uma tentativa de normalidade.

Sandro já havia preparado tudo quando Andreia chegou da corrida. O rosto dele ainda estava marcado por uma noite maldormida e pensamentos que não cessavam.

Ela tentou agir como sempre, como se o silêncio da noite anterior não tivesse deixado marcas. Deu um beijo leve de bom dia, o gesto habitual, mas sem calor. Havia algo diferente no toque, no tom, no olhar.

— Dormiu bem? — perguntou com voz contida.

— Mais ou menos... Devia ter me chamado para correr. Estou precisando — respondeu ele, tentando soar casual.

— Achei que quisesse dormir.

— Não dormi bem e... — hesitou, desviando o assunto. Percebeu o aborrecimento dela. — Fiz seu suco.

— Valeu. Vou tomar banho. Já venho.

Ela saiu, deixando no ar um silêncio que dizia mais do que qualquer palavra.

O café estava pronto, mas o que faltava à mesa era união entre eles, a ligação que sempre tiveram e precisavam reatar.

Quando ela retornou e estavam sentados à mesa, Sandro tentou se desculpar pela forma como havia falado na noite anterior. Admitiu que talvez tivesse sido rude e expressou preocupação com a idade e a disposição física para criar um filho. Andreia ouviu em silêncio até que decidiu abrir o coração.

A esposa foi honesta. Revelou que, além de seus planos profissionais, o que mais a preocupava era a falta de interesse genuíno de ambos por crianças. Confessou que nunca teve jeito com elas, nem mesmo com a própria sobrinha, e que sempre temeu não ser uma boa mãe. Lembrou que, durante o namoro, entendeu que Sandro também não queria filhos, o que a tranquilizou na época. Agora, com a mudança repentina de opinião dele, sentia-se insegura.

Falando com tranquilidade, Andreia expressou, novamente, o medo de que, caso tivessem um filho, todas as responsabilidades recaíssem sobre ela, como acontecia com tantas mulheres que conhecia na empresa. Ela temia abrir mão de si mesma: de sua rotina, de seus cuidados pessoais, de seus sonhos com a indústria e, ainda assim, falhar como mãe. Questionou se seria possível conciliar maternidade com sua vida atual, sem perder sua identidade ou comprometer a qualidade de vida da criança.

Por fim, compartilhou com Sandro seu maior receio: o de enfrentar tudo sozinha, sem o apoio real dele que, até então, nunca demonstrou envolvimento com o universo infantil. Ele ouviu em silêncio, pensativo, enquanto ela tentava contar o medo de ser deixada sozinha nessa jornada.

Depois de um longo silêncio, Sandro finalmente falou. Admitiu que não era chegado a crianças. Não as odiava, mas se irritava com choros, birras e gritos, por isso, acreditava que a mãe deveria assumir as idas ao médico, os compromissos escolares e outras demandas. Confessou que não tinha paciência e preferia ser honesto a fingir gostar, como via em pessoas que diziam amar filhos, mas os agrediam.

Andreia ouviu com atenção e perguntou como seria a participação dele caso tivessem um filho, mesmo que ela assumisse a maior parte das responsabilidades.

Sandro refletiu e disse que talvez ambos precisassem desenvolver essas habilidades. Ela concordou, destacando que ele finalmente usava o termo: nós, diferente da postura anterior em que parecia que só ela deveria abrir mão dos próprios projetos.

Ele tentou se mostrar disponível, dizendo que poderia cuidar da indústria enquanto ela estivesse envolvida com o bebê, embora não tivesse experiência. Andreia riu, lembrando que conhecer a empresa exige mais do que ouvir sobre ela. Questionou também o tempo e o trabalho dele com o pai, ao que Sandro respondeu que, às vezes, cuidar dos hotéis o deixava frustrado. Já havia pensado em sair.

Na verdade, o marido não prometeu assumir deveres, encargos e tarefas quanto ao filho, muito menos comprometimento. Mas sugeriu que, durante a gestação e o primeiro ano da criança, poderia cuidar da empresa sob a supervisão dela. Afinal, como ele mesmo disse com um sorriso, era sócio.

Ela não notou a ausência de responsabilidade na paternidade, deixou-se envolver por sorrisos, leveza na conversa e risadinhas. Deixou-se manipular.

Por fim, Andreia quis confirmar:

— Com isso, você quer dizer que devemos decidir ter um filho agora?

Sandro respondeu com firmeza:

— Acho que é o melhor.



O tempo foi passando e muitas coisas acontecendo...

Sandro começou a acompanhar a esposa à empresa, a princípio, em alguns dias da semana, inteirando-se do universo têxtil.

Mesmo enfrentando algumas dificuldades para entender todo o processo industrial, ele era perseverante.

Andreia, por sua vez, decidiu adiar os projetos de ampliar a indústria.



Com o passar dos meses, a notícia da gravidez foi muito bem-vinda. Sandro, praticamente, afastou-se do trabalho com seu pai, o que não deixou os pais satisfeitos, principalmente, sua mãe. Angélica não deixava de fazer críticas e cobranças à nora, falando que a decisão de ele cuidar da indústria têxtil não foi boa. Falava que o filho era importante nos negócios hoteleiros e sua ausência demasiada de suas funções era culpa de Andreia.

A nora procurava ignorar. Sabia o quanto sua sogra era tóxica e sempre desaprovava qualquer uma de suas decisões ou planos.

Por videochamada, às vezes, desabafava com Milton que, embora estivesse nos Estados Unidos, sempre fazia contato para saber como ela e o bebê estavam.

Brincando ou não, o cunhado se intitulava padrinho e dizia que, mesmo que Sandro não concordasse e não desse a criança para ele batizar, ele se intitularia padrinho por afinidade e não abriria mão desse título. Para Milton, não bastaria somente ser tio.

Andreia achava graça. Era lindo e ficava feliz com o carinho que o cunhado já tinha pelo bebê que nem havia nascido.

Constantemente, Milton tirava fotos ou fazia vídeos de roupinhas ou brinquedos que já estavam comprados para o sobrinho e levaria para ele, quando retornasse.

Por insistência de Milton, o chá revelação seria realizado após o seu retorno ao Brasil. Fazia questão de ajudar e organizar tudo.

Sua mãe, irmã e mesmo a amiga Maura não se manifestavam nem perguntavam, ao contrário do cunhado que se exibia sempre disposto, animado e repleto de ideias.

Esperar o retorno de Milton, para realizarem o chá revelação, foi mais uma razão para Angélica protestar. A sogra achava absurdo esperar até a vigésima semana de gestação para isso.

Em conversa com o marido, Andreia contou:

— Sua mãe não para de me ligar e mandar mensagem, reclamando porque decidi esperar o seu irmão para fazer o chá revelação.

— Será que ela não tem razão, hein? Será que precisamos esperar esse tempo só por causa do Milton?

— Não é tanto tempo assim. Falta pouco para ele chegar. Além do que, quem, senão ele, para me ajudar nisso? Sua mãe? Sua mãe só exige — ficou insatisfeita.

— Acho que ela está irritada porque estou mais tempo na indústria do que cuidando dos hotéis.

— É a nossa indústria, Sandro — lembrou a esposa. — E... A bem da verdade, nossa empresa pode ser mais lucrativa com nós dois juntos do que você na rede de hotéis. Seu pai fica com a maior parte da renda. Acorda.

— Não é bem assim — ele não gostou do comentário.

— Como não? Os números não mentem. — Tentando deixá-lo lúcido da situação e com a intenção de tê-lo ao lado, falou de modo brando tentando persuadi-lo: — Não vamos discutir sobre isso por causa da gravidez. Tem muita coisa acontecendo. Mas... Depois, vamos pensar bem. Você estará a par de tudo, conhecendo muito bem todo o processo e desempenho e... Poderíamos continuar, nós dois, cuidando da nossa empresa. A ampliação e toda renovação podem ser feitas por você sem termos de esperar tanto. Cuidarei do bebê, mas estarei ao seu lado. Daria certo! — animou-se. — Juntos, nós dois poderemos fazer uma empresa líder no mercado. Seríamos maiores e melhores do que a nossa grande concorrente. Vamos pensar nisso com calma e carinho — sorriu lindamente.

Sandro permaneceu em silêncio por alguns segundos, os olhos fixos em um ponto qualquer da mesa.

A ideia parecia ecoar dentro dele, abrindo espaço entre dúvidas e certezas. Um leve sorriso surgiu em seu rosto. Discreto, mas revelador.

Havia algo naquela possibilidade que o atraía, talvez o desafio, talvez a chance de recomeçar sob uma nova perspectiva.

Ao levantar o olhar, encontrou os olhos de Andreia. Ela não dizia nada, porém havia um brilho diferente ali. Um reflexo de esperança que ele não via há tempos. Era como se, por um instante, os dois tivessem vislumbrado o mesmo futuro, ainda que por caminhos distintos.

Sandro permaneceu pensativo, o sorriso ainda leve no rosto, como quem saboreia a ideia de um novo começo. Gostou de saber que, além do filho, poderiam ter um lucro maior com a indústria. Ao olhar para Andreia, viu nela um brilho raro de esperança, sonho, projetos... Como se, por um momento, tudo estivesse em harmonia.

Já, no plano espiritual, nem todos compartilhavam daquela paz.

Dois espíritos vigiavam a distância, envoltos em vibrações densas. Eram inimigos do passado, unidos a Sandro por histórias mal resolvidas, por dores que atravessaram o tempo. Não agiam ainda, esperavam. Sabiam que a felicidade dele era frágil e que bastava uma brecha, uma palavra mal dita, uma atitude impensada para intervirem.

Não queriam vê-lo bem. E menos ainda em equilíbrio com Andreia.

Aguardavam, silenciosos, como sombras à espreita. Sabiam que o casal estava diante de uma decisão importante e que qualquer instabilidade emocional poderia ser a porta de entrada para o desequilíbrio. Por enquanto, apenas observavam. Mas estavam prontos.

No plano espiritual, havia também presenças luminosas de espíritos elevados, ligados ao casal por afinidade e missão. Eles não podiam ser vistos, porém acompanhavam tudo com serenidade. Não intercediam. Apenas analisavam atentos, respeitando o livre-arbítrio e o tempo de amadurecimento de cada um.

Entendiam que aquele momento de tensão e dúvida fazia parte de um processo maior.

Certas provações são necessárias para que o encarnado se volte para Deus, para o Mestre Jesus e encontre, por si mesmo, o caminho da evolução. Intervir sem causa justa seria impedir o aprendizado, roubar do espírito a chance de crescer por esforço próprio.

Por isso, permaneciam em silêncio, irradiando paz, esperando que Andreia e Sandro buscassem, por vontade própria, o equilíbrio. Sabiam que a prece sincera, o desejo de compreender e a abertura para o amor verdadeiro seriam os canais pelos quais poderiam agir se chamados.

Espíritos elevados são educados e não interferem na vida dos encarnados sem o consentimento deles, que acontece por meio do pedido, da prece sincera. Diferentemente de espíritos sem evolução, sem elevação que

invadem os pensamentos dos encarnados com inspirações de baixo nível sem serem chamados.

Enquanto os espíritos perturbados rondavam, esperando brechas, os benfeitores espirituais mantinham-se firmes, como sentinelas da luz. Não para impedir a dor, mas para garantir que ela não fosse além ou em vão.

Espíritos elevados são respeitosos e agem com sabedoria. Jamais interferem na vida dos encarnados sem que haja permissão. E essa permissão se dá por meio da prece sincera, do pedido humilde, do coração aberto às boas inspirações por parte dos encarnados. Eles compreendem que o processo de evolução exige esforço próprio, ligação com o Alto e que o auxílio verdadeiro só é eficaz quando desejado e buscado com fé.

Ainda assim, há momentos em que esses espíritos elevados atuam sem serem diretamente chamados. Isso ocorre quando, por sabedoria superior, percebem que determinada experiência não contribuirá para o progresso espiritual do encarnado, sendo, ao contrário, um sofrimento inútil ou um desvio que comprometeria sua trajetória evolutiva.

Nesses casos, a intervenção se dá com discrição, sem alarde, como quem ajusta os ventos sem mudar o destino. São ações silenciosas, mas profundamente amorosas que evitam quedas e sofrimentos desnecessários e preservam o aprendizado essencial, porque, acima de tudo, os mentores respeitam o livre-arbítrio e zelam pela Justiça Divina que não permite que se sofra além do que é necessário para crescer.

Já os espíritos sem elevação, ainda presos a sentimentos inferiores, não respeitam os limites do livre-arbítrio. Invadem os pensamentos dos encarnados sem serem chamados, lançando inspirações de baixo nível, alimentando medos, ansiedades, depressões, impulsos e conflitos. Agem como sombras que se aproximam de mentes desprotegidas, especialmente, quando há desequilíbrio emocional ou ausência de vigilância espiritual.

Enquanto os benfeitores aguardam o chamado, os perturbadores se aproveitam do silêncio e da inatividade da alma.



Tamires, irmã mais velha de Andreia, era dona de três lojas de franquias de roupas em shoppings diferentes.

Naquela tarde, algo a deixava inquieta. Sentada em sua poltrona favorita, encarava o celular com expressão carregada. Os lábios curvados para baixo denunciavam o desdém e a insatisfação que cresciam por dentro. A cada notificação, seu semblante se fechava ainda mais, como se o mundo ao redor tivesse perdido o brilho.

— Algum problema? — perguntou Jacira, a funcionária, ao notar o semblante carregado da patroa.

Tamires bufou, sem disfarçar o desdém.

— Minha irmã... A eterna manhosa, mimada, aquela que todos têm obrigação de servir e proteger. A Andreia acha que o mundo gira em torno dela — disse, revirando os olhos. — Agora está me perguntando se posso acompanhá-la ao médico. O marido tem uma reunião importante e ela não quer ir sozinha. Mandou um monte de emojis: mãozinhas em oração, coraçãozinho, carinha de bebê... Implorando companhia. Como se eu não tivesse nada pra fazer.

— Você vai?

— Me poupe, né, Jacira! — respondeu, digitando no celular. — Tô dizendo que o representante da marca vem hoje na loja. Já adiei duas vezes por causa da Aline, que esteve doente. Não posso adiar de novo. Andreia que se vire. — Guardou o celular no bolso e, com um tom carregado de desprezo e inveja, continuou: — Andreia sempre foi assim: exigente, espertinha, cheia de privilégios. Nosso pai sempre a tratou como princesa. E ainda achou um marido que faz o mesmo. Todo atencioso, dedicado... até louça ele lava. Dona de uma empresa têxtil lucrativa, tem vida boa, tempo pra se cuidar, pra correr, pra academia... Agora, grávida... — Riu com deboche. — Quero

ver como vai ser quando a criança nascer. Será que vai continuar linda e maravilhosa? Será que vai ter tempo pra se cuidar tanto? — Riu de novo, mais alto. — Quero ver se o Sandro vai continuar sendo esse marido dedicado, atencioso e fiel. Deixa o filho chegar...

— Não sou mãe nem pretendo ser. Acho que ter filhos é muito complicado. Você não acha?

— Não vou romantizar. Você gosta do filho? Claro que gosta! Você se acostuma com tudo. Mas fácil não é! — enfatizou. — Vou falar por mim... No início... cheguei do hospital inchada e com muitas dores. A cesariana foi horrível. Não podia andar direito, sentar, deitar, levantar que doía horrivelmente. Não sei se sou eu que sou sensível demais à dor ou se... Aí, os bicos dos seios racharam, sangraram com a Aline mamando. Era uma dor terrível! Insuportável! — ressaltou, franzindo o rosto com a lembrança. — Eu, sensível, desesperada e minha mãe não me deixou dar mamadeira. Ver a menina gritando de fome me enlouquecia e, aflita, apesar da dor, eu dava o peito. Foram noites e noites em claro. Eu não sabia trocar fraldas, sempre vazavam e tinha de tirar tudo do berço pra lavar... Para piorar, era inverno. Então, sujava e molhava muita roupa que não secava. A Aline chorava muito. Teve cólicas por meses. Quantas e quantas vezes chorei sentada com ela no colo, sem saber o que fazer. Chorávamos as duas, sabe? Ela não dormia e eu não conseguia fazer nada. Os minutos que ela dormia, eu corria pra fazer comida e colocar as roupas pra lavar. A minha mãe ia lá em casa cada vez menos... Ajudava um pouquinho com a roupa ou a louça... Minha casa começou a ficar suja. Não conseguia limpar como antes e não tinha dinheiro para pagar faxineira. Depois que minha mãe ia embora, eu ficava sozinha. O Rômulo trabalhava feito um louco. Ele chegava em casa e encontrava eu e a Aline chorando. Ele ficava com ela para eu tomar banho. Não tinha tempo e nem como cuidar de mim. Não fazia as unhas, não cuidava dos cabelos... Comia qualquer coisa... Me larguei. Naquela época, a nossa vida financeira não era como hoje. Nos finais de semana, as visitas enchiam o saco. Eu tendo de cuidar da Aline e de um monte de coisa em casa, ainda tinha de fazer café e lanchinho para as visitas que iam embora e deixavam a maior bagunça, principalmente, quando levavam crianças.

— E sua irmã?

— A Andreia estava fazendo faculdade em Maringá, no Paraná. Depois de pouco tempo, minha sogra parou de ajudar com o pouco que fazia. Descobriu estar com problema cardíaco e morreu dois meses depois. Quando a Aline tinha uns cinco ou seis meses, minha cunhada, a Viviam, na época com quatorze anos, sempre passava lá em casa, depois da escola, e brincava com a Aline. Enquanto isso, eu aproveitava para fazer o serviço de casa, lavava banheiro, roupas... isso sim ajudava muito. À noite, enquanto o Rômulo dormia, eu também ficava sozinha... E, na maioria das vezes, sozinha, eu sempre chorava... Chorei muitas vezes. Depois de seis meses, troquei o choro por conversas. — Olhou-a e confessou: — Antes disso, sabe... Eu sentia que não gostava da minha filha. Pensava que não deveria ter engravidado, que era uma péssima pessoa e uma mãe horrível. Isso acabava comigo.

— Por que não procurou um psicólogo? Por que não fez psicoterapia?

— Com que dinheiro? — riu com ironia. — Meu pai nunca gostou do Rômulo e eu nunca entendi o porquê. Sempre implicou e... Desde quando decidi me casar, meu pai se afastou de mim. Ninguém via isso. Se eu reclamasse, diziam que estava equivocada. A verdade é que nunca fui uma filha querida. Sou a mais velha e sempre me senti excluída. Piorou depois que me casei. A Andreia e o Luan — referiu-se ao irmão caçula — são os filhos prediletos. E digo que o Luan é mais predileto do que a Andreia.

— Continua — pediu Jacira diante da longa pausa.

— Foi isso. É isso... Ter filho, para mim, não foi fácil. Não tive ajuda, muito menos apoio. Meu estado emocional, psicológico estava abaixo da linha da pobreza — riu, mas com um toque de tristeza, como se aquelas lembranças, em forma de feridas, não estivessem curadas. — Quando comecei a conversar com a Aline, chamá-la de filhinha, dizer: “vem com a mamãe!” Alguma coisa começou a mudar dentro de mim. O jeito como conversava com ela também mudava seu humor. Aos poucos, fui melhorando. Voltei a vender roupas e cosméticos. Abri uma lojinha na minha garagem... Aí, meu pai me procurou. Contou que estava dando um valor para a Andreia abrir a indústria têxtil e disse que daria uma quantia igual para mim e também para o Luan. Seria como uma herança antecipada. Então, ele deu um valor igual para nós três, para que ninguém reclamasse.

Foi aí que abri as três lojas franqueadas nos shoppings — sorriu. — Foi isso o que aconteceu. Vivemos bem, eu e o Rômulo e, quanto à Aline... Tenho de ser firme com ela — achou graça de si mesma. — Tenho uma casa ótima e uma família perfeita. Conquistei tudo isso sem a ajuda de ninguém. Resumidamente, é isso.

— Uma vida abençoada. Graças a Deus — Jacira sorriu. — Gosto de histórias assim.

A outra sorriu, sustentando algo como que um orgulho.

Enquanto Tamires falava com Jacira, o tom de sua voz carregava mais do que palavras. Havia amargura, ressentimento e uma inveja que ela mesma não reconhecia como tal.

A cada frase sobre Andreia, sobre sua beleza, sua empresa, seu marido dedicado, a vibração ao redor de Tamires se tornava mais densa.

No plano espiritual, dois espíritos de baixa elevação se aproximavam. Não vinham com correntes ou gritos, mas com sorrisos disfarçados e pensamentos venenosos. Eram entidades que vibravam na mesma frequência da mágoa e do orgulho, do ressentimento e da inveja. Atraídas pela energia que Tamires emitia sem perceber, sem brigas, gritos ou escândalos, mas pelo que continha o seu coração.

Um deles, mais astuto, aproximou-se de seu campo mental e começou a soprar ideias sutis:

— Ela sempre teve tudo... E você? Sempre a sobra, o resto.

O outro, mais agressivo, alimentava o desprezo:

— Ela não merece o que tem. Veja como se exibe. Veja como todos a admiram.

Tamires não ouvia vozes, porém sentia reforço em seus pensamentos desarmoniosos. A indignação crescia e com ela a sintonia com aquelas presenças.

Espíritos assim não precisam ser chamados, bastam sentimentos mal cultivados para que encontrem espaço e façam presença.

Do Alto, um espírito protetor observava em silêncio. Não podia interferir sem o pedido sincero, sem a abertura do coração. Sabia que Tamires estava em um momento delicado e que a dor que carregava era antiga e que só ela poderia escolher o caminho da Luz: pela humildade, pela prece, pelo desejo de transformação.

Por ora, a sombra ganhava terreno, mas a Luz não se afastava. Apenas aguardava.

Capítulo 05

Quando as sombras sussurram

A queda nunca começa com um passo, mas

com um pensamento que não foi vigiado.



A volta de Milton, dos Estados Unidos, foi marcada por alegria genuína e entusiasmo contagiante. Ele chegou trazendo presentes, ideias para o chá revelação e um brilho nos olhos que denunciava a saudade.

Assim que viu Andreia, encheu-a de beijos calorosos. Depois, ajoelhou-se diante da barriga que guardava o futuro sobrinho e a beijou, com carinho demorado, como quem conversa com o mistério da vida.

— Agora o titio chegou, viu? Eu... eu mesmo... — disse em voz baixa, quase como um segredo. — Vou cuidar de tudo para sua mamãe descansar e cuidar de você com tranquilidade.

Andreia soltou uma risada leve, com aquele jeito que ilumina o ambiente.

— Gosto de descansar na academia — revelou divertida.

Milton franziu o rosto com humor e piscou várias vezes, teatral.

— Seu médico aprovou isso? — indagou ele, erguendo as sobrancelhas, fazendo um olhar engraçado, com jeito travesso.

— Claro — respondeu ela, confiante. — Conversei com outros profissionais, busquei informações. Os exames mostram que estamos ótimos: eu e o bebê. Os treinos são leves e adaptados para este momento.

O cunhado bateu palmas, vibrante como sempre.

— Então... vamos ao chá revelação! Estou cheio de ideias! — disse com seu jeito único, animado. — E o Danilo também! Está doido para começarmos tudo.

Andreia sorriu com calma.

— Sabe, Milton... quero algo simples. Bem simples. Sem grandes produções. Só para marcar esse momento e compartilhar com quem é de casa.

— Que desânimo é esse? Não estou te reconhecendo — perguntou e ficou com um toque de preocupação. — Está acontecendo algo que eu não saiba?

— Não. Nada disso. Não é desânimo. É... Sei lá! — ela riu.

— Não quero nem vou te contrariar. — Pensou por um instante e concordou: — Está bem. Vamos fazer algo simples, mas com um toque de glamour! — sorriu, fazendo uma cara engraçada, olhando a cunhada com o canto dos olhos.

— Simples e glamouroso não combinam, Milton. — Andreia riu com gosto. — Como podemos fazer isso? Só você mesmo...

— Deixa comigo, meu amor! Deixa comigo!... — enfatizou.



O salão de festas do prédio onde Andreia e Sandro moravam foi preparado com esmero.

Tons de branco e dourado dominavam o ambiente, criando uma atmosfera delicada e acolhedora. Balões, ursinhos, faixas e brinquedos compunham a decoração com charme, enquanto um sofá, estrategicamente posicionado no centro, convidava os futuros pais a se acomodarem no coração da celebração. Cada arranjo revelava um cuidado especial, refletindo bom gosto em cada detalhe.

No alto, pendendo do teto, uma caixa decorada com nuvens em azul e rosa se destacava. O único ponto de cor vibrante, guardando o mistério mais esperado do dia.

Atendendo ao desejo de Andreia, a lista de convidados foi enxuta. A maioria era composta por familiares próximos. Da empresa têxtil, apenas duas presenças: Maura, diretora financeira e amiga de longa data, e Cíntia, colega de trabalho. Kátia foi convidada, mas ofereceu uma desculpa e não compareceu.

Num canto mais afastado, Angélica e Leonardo, os pais de Sandro, conversavam entre si, distantes do burburinho. Angélica, com o semblante fechado, observava tudo com olhos críticos, tecendo comentários discretos sobre cada escolha feita.

— Imagine só, nossa nora entregar uma festa dessa nas mãos do Milton! Onde é que Andreia estava com a cabeça? — resmungava Angélica, com o semblante carregado. — Uma completa falta de bom senso.

— E esse absurdo de não ter uísque? — acrescentou Leonardo, indignado. — Ela disse que é festa de criança, mas não tem criança nenhuma aqui!

— Isso é coisa da Andreia e do seu filho caçula! — continuou Angélica, balançando a cabeça com desaprovação. — Aposto que foi influência do

Milton. E o Sandro, feito um bobo, aceitou tudo. Eu te avisei: se ele começasse a se envolver demais com a indústria da Andreia, ela iria acabar dominando as decisões dele. Dito e feito.

— A indústria não é só dela. Não se esqueça disso — murmurou Leonardo, com voz contida. — E, sinceramente, acho que será por pouco tempo. Logo ela vai deixar tudo de lado — sorriu com o canto da boca.

— A parte do nosso filho é pequena, nessa sociedade — rebateu Angélica, sem esconder o desdém. — Mas por que você acha que será por pouco tempo, Leonardo? Nosso neto ou neta nem nasceu e o Sandro mal está cuidando dos assuntos dos hotéis. Quando não está na indústria, está acompanhando a Andreia, que nem sabe mais cuidar direito dos assuntos da empresa dela. Nosso filho vive dividido entre os hotéis e a indústria têxtil. E mais: acompanha a esposa em tudo. Vai ao médico, aos exames, como se ela fosse aleijada e incapaz de ir sozinha. Mulher manhosa! — Angélica saltava de um assunto a outro, sem concluir nenhum. Seus olhos, atentos, captaram uma cena que a incomodou. — Olha lá o Milton... Céus! É constrangedor ver aquilo. Tanta bajulação, tanta risadinha. Parece que vive para agradar à Andreia. Espero que eles não deem essa criança para o Milton batizar!

— Como é que um gay vai batizar uma criança? Acho que não pode.

— Tomara que não, mesmo! — De repente, a expressão de Angélica mudou. — Espere... veja ali. Aquela amiga da Andreia... como é mesmo o nome? Maura, acho... — disse, lembrando-se. — Que mulher elegante. Bonita, simpática... E ainda por cima: loira, alta, olhos claros. Tem presença, tem postura. Digna do cargo que ocupa. Nosso filho merecia alguém como ela. Já pensou se esse neto não puxar ao Sandro?

— A Andreia é bonita.

— A Maura é mais clara. Ah, é sim... E tem olhos azuis — comentou Angélica, após uma breve pausa. — Em compensação... veja aquela outra, também funcionária da indústria. Está vestida como se tivesse saído de um brechó malcuidado. Jeans rasgado, cabelo sem cor definida... Sinceramente, ficaria melhor sem ele. Quem é essa? Como Andreia teve coragem de

convidar alguém assim? — Ela suspirou, incomodada. — Ainda bem que nossos amigos não estão aqui. Senti vergonha por nossa nora não ter convidado nossos amigos, mas, agora... Vejo que foi melhor assim. Passaríamos vergonha.

— É uma festa só da família — explicou Leonardo, tentando encerrar o assunto com discrição.

— Então... por que essas duas estão aqui?

— Olá, dona Angélica. Como vai a senhora? — cumprimentou Tamires, irmã de Andreia, com um sorriso gentil.

— Estou bem, querida. Que bom te ver por aqui — respondeu Angélica, oferecendo um beijo no rosto, com cordialidade contida.

Leonardo, após cumprimentar Tamires com um aceno breve, não tardou a manifestar sua insatisfação:

— Não tem uísque? — perguntou com tom de desapontamento. — Ninguém aqui sabe que gosto de uísque com gelo feito com água de coco?

— Não sei ao certo... — respondeu Tamires, um pouco desconcertada. — Acho que a Andreia preferiu não servir bebida alcoólica.

Leonardo franziu o cenho visivelmente incomodado e reclamou:

— Se ela não pode beber, é problema dela. Este é um chá revelação para adultos, não uma festa infantil — disse com uma rispidez que cortou o ar por um instante. Após um breve silêncio, Leonardo voltou a se manifestar com voz firme: — Veja se você pode trazer uma garrafa de uísque e um balde de gelo para mim. Nem precisa ser aquele feito com água de coco.

Tamires, um pouco sem jeito com o pedido, respondeu com delicadeza:

— Vou ver o que posso fazer. — E saiu em busca da irmã, sem saber exatamente como abordar o assunto.

Ao encontrar Andreia e relatar o pedido do sogro, Milton, que estava por perto, ouviu a conversa e interveio prontamente:

— Nada de bebida alcoólica agora — disse com convicção. — Está na hora da revelação.

Seu tom era firme, mas carregado de entusiasmo, como quem sabia que aquele momento merecia atenção plena e celebração consciente.

Ele chamou os pais, Andreia e Sandro, para que se sentassem no pequeno sofá branco, colocado sob a grande caixa com estampas de nuvens rosa e azuis.

Uma cordinha descia suavemente até onde o casal aguardava cercado por olhares curiosos e sorrisos ansiosos.

Após brincadeiras leves e uma contagem regressiva que parecia suspender o tempo, Andreia e Sandro puxaram juntos o fio que liberou o fundo da caixa pendurada no teto. Balões e confetes azuis se espalharam pelo salão, dançando no ar como pequenos sinais de alegria. A revelação estava feita: um menino estava a caminho.

O casal se abraçou com força e trocou um beijo carregado de ternura, como quem sela um pacto de amor diante da vida que se anuncia.

Angélica, surpreendentemente emocionada, aproximou-se com um sorriso sincero e se juntou à comemoração, deixando de lado, por um instante, qualquer crítica anterior.

Entre os aplausos e os olhares encantados, alguns convidados se aproximaram, curiosos sobre o nome escolhido. Andreia olhou para Sandro com um sorriso que iluminava o rosto e, com voz serena, anunciou:

— João. Ficou decidido que, se fosse menino, seria João.

— Como assim?! Que nome é esse?! — exclamou Angélica, em voz alta, diante de todos. — Com tantos nomes bonitos por aí... Não vou aceitar que meu neto se chame João!

Sandro, visivelmente constrangido, tentou conter a mãe com um murmúrio:

— Mãe... por favor...

Mas Angélica não recuou.

— Sandro! Dê o seu nome a ele e o chame de Júnior. Ou, então, homenageie o seu pai e o chame de Neto! Pronto, resolvido!

Andreia, até então serena, ergueu o olhar com firmeza e respondeu com clareza:

— Não tenho nada contra Júnior ou Neto, dona Angélica, mas não para o meu filho. Ele merece um nome só dele, que carregue a própria história. Eu escolhi João. E é assim que ele será chamado — posicionou-se séria, parecendo irredutível.

O clima no salão ficou apreensivo, como se o ar tivesse parado. Os convidados, imóveis, assistiam à cena em silêncio absoluto, tomados pela surpresa da discussão. O desconforto pairava e, por um instante, parecia que ninguém sabia como reagir.

Foi então que Milton, com seu jeito espontâneo, deu um passo à frente e, com voz firme e animada, rompeu a tensão:

— Vamos! Vamos comemorar! Uma salva de palmas para os papais do João!

O chamado foi como um sopro de alívio. Os convidados, ainda atônitos, começaram a bater palmas e, aos poucos, o ambiente voltou a respirar.

Danilo, sempre parceiro de Milton nas boas ideias, ergueu um copo de refrigerante e exclamou:

— Um brinde aos papais do João!

As palmas se intensificaram, sorrisos ressurgiram e a celebração retomou seu curso. No canto, Leonardo murmurou com desdém:

— Brinde com refrigerante? Eu queria uísque...

Mas sua reclamação se perdeu no burburinho. Ninguém ouviu ou talvez ninguém quisesse ouvir.

Enquanto os últimos convidados se despediam, Angélica permanecia firme, como uma sombra inquieta ao lado de Maura e Cíntia, que a escutavam em silêncio, não por concordância, mas por cansaço.

Mais tarde, no apartamento, Andreia e Sandro mal haviam chegado quando Angélica surgiu atrás deles, com a voz carregada de indignação:

— Eu não vou permitir que meu neto se chame João! Sandro, você não vai dizer nada?

— Mãe, a decisão foi nossa — respondeu o filho, tentando manter a calma.

— Dá pra respeitar a escolha dos pais, dona Angélica? O bebê é deles! — Milton, já impaciente, interveio com firmeza.

— Você!... Não se intrometa! Isso não é da sua conta! — rebateu a senhora, com o olhar cortante.

— Nem da sua! Se toca! Quem é você pra achar que pode decidir o nome do filho dos outros? — retrucou Milton, indignado.

— Sou a avó! A avó! — insistiu Angélica, como se isso bastasse.

— Grande coisa — Milton revirou os olhos com desprezo.

— Mãe, eu e a Andreia... — tentou Sandro, mas foi cortado.

— Esse nome ridículo só podia ter sido ideia dela! — disparou Angélica, interrompendo-o, sem disfarçar o rancor.

— Sim, dona Angélica. Fui eu quem escolheu e o Sandro concordou. Nosso filho vai se chamar João. Isso é um fato. Aceite — disse Andreia, com firmeza.

— Com tantos nomes bonitos, modernos... Vai escolher algo tão comum, tão sem graça? — retrucou Angélica, com desprezo e desrespeito.

— Vou. E com orgulho! — Andreia respondeu, já irritada.

— Mãe, por favor... — pediu Sandro num tom que mal sustentava autoridade.

— Sandro! Você não percebe? Seu filho vai virar piada! Vão zombar dele! — insistiu Angélica, cada vez mais exaltada.

— Dona Angélica, já está tarde. Estou exausta e preciso descansar — Andreia manteve a educação, mas sua voz carregava firmeza, embora tivesse um toque de cansaço. Era um convite claro para que a sogra se retirasse.

— Vamos, Angélica. Vamos embora. Você conversa com o Sandro outro dia — Leonardo interveio, já se dirigindo à porta.

— Com todo o respeito, senhor Leonardo, mas não há conversa a ser feita. O nome do nosso filho não está em debate. Ele já foi decidido — Andreia respondeu, com cada palavra carregada de convicção.

— Vocês estão vendo que a Andreia está nervosa? Isso não faz bem nem pra ela nem pro bebê! — Milton se exaltou. Virando-se para o irmão, exigiu: — Sandro, faça alguma coisa pela sua esposa!

Sandro respirou fundo. Com voz branda, tentou encerrar:

— Mãe, pai... Podemos conversar outro dia. Estamos cansados e... — Não terminou. O silêncio falou por ele.

Sem se despedir, Angélica saiu pela porta, resmungando alto:

— Nunca fui tão desrespeitada! Não aceitam a opinião de uma avó, uma opinião sensata! Mais tarde vão se arrepender. Mas essa história... Essa história ainda não acabou!

Seu marido a seguiu em silêncio.

Após fechar a porta, Milton se manifestou:

— Esse comportamento é típico de alguém narcisista[1] — comentou contrariado. — Esse tipo de pessoa faz cena, rouba a atenção, estraga festas, reuniões... Reescreve os fatos, manipula tudo para deixar os outros em dúvida sobre o que realmente aconteceu. Se faz de vítima, tudo para virar o centro das atenções. E, no fim, sempre há algum ganho emocional, claro. A massagem no ego, o papel de coitada... Isso consome, esgota, destrói quem está por perto! Quando o narcisista encontra alguém em quem decide descarregar sua toxicidade, ele provoca uma exaustão psicológica que acaba com a pessoa — completou Milton. Virando-se para o irmão, orientou: — Sandro, você não pode deixar a mãe se meter assim na vida de vocês!

— Não tem como mudar a mãe. Ela é como é — respondeu Sandro num tom cansado.

— Eu não estou falando em mudar a mãe. Estou falando em não permitir que ela se intrometa tanto — insistiu Milton.

— Ela só age assim porque você deixa, Sandro — Andreia interveio, irritada. — A dona Angélica estragou a festa! Estragou o nosso momento! Eu fiquei péssima, emocionalmente abalada e não pude fazer nada na frente dos convidados. Esperei que você reagisse, que colocasse sua mãe no lugar dela! Mas você nunca coloca limites, Sandro! Sempre foi assim!

— É verdade... — Milton concordou. Com seu jeito afetuoso, aproximou-se da cunhada, tocou levemente seu braço e disse com calma: — Vem... Senta aqui. Vou pegar um copo d'água pra você. Não vale a pena se abalar por gente que precisa aprender a ignorar.

— O que você quer que eu faça? — perguntou Sandro, olhando para a esposa com expressão cansada.

— Que seja firme com sua mãe! — ela respondeu sem hesitar. — Se você tivesse exigido respeito desde o começo, ela já teria entendido que não pode se meter na nossa vida. Não dá pra aceitar tudo só porque é sua mãe! Ela só critica, quer tudo do jeito dela, nunca se importa com o que a gente precisa, gosta ou quer. Não pensa se o que diz machuca, se fere. Nunca se preocupa

com o nosso bem-estar emocional... Aliás, com o meu bem-estar emocional! — Andreia respirou fundo e perguntou: — Aquilo no meio do chá revelação... era mesmo necessário? — Continuou, sem esperar resposta: — Eu estou contrariada, Sandro! Você acha justo eu sofrer por causa de alguém que não me faz bem e você, vendo tudo, não faz nada? Às vezes, não sei o que dói mais: o que ela faz comigo ou o fato de você nunca me defender!

Fez uma breve pausa, mas a indignação ainda pulsava sem resposta.

Diante do silêncio, Andreia prosseguiu:

— Agora ela quer mudar o nome do nosso filho! E eu tenho de engolir isso contrariada, nervosa, porque você não se posiciona! Não a manda calar a boca, não diz que não aceita esse tipo de opinião!

Um longo silêncio se instalou. Sandro desviou o olhar, envergou a boca num gesto de enfado e caminhou até a janela. Andreia o observou, sentindo o peso da indiferença.

— Parece que você prioriza o bem-estar da sua mãe ao meu, Sandro. Você nunca me defende.

Percebendo que a conversa tomava um rumo delicado demais para ser compartilhada, Danilo fez um gesto sutil para Milton, sugerindo que era hora de partir. Entendeu que aquele momento pertencia apenas ao casal.

Sem prolongar, os dois se despediram com discrição e deixaram o apartamento.

Andreia, ainda tomada pela tensão, aproveitou a privacidade para abrir o coração. Trouxe à tona lembranças de outras ocasiões em que o comportamento da sogra a feriu. E o mais doloroso foi ver Sandro permanecer em silêncio, sem se posicionar.

Sandro ouviu tudo. Não disse uma palavra.

Horas depois, já bem tarde, Milton enviou uma mensagem à cunhada, preocupado, querendo saber como ela estava. A conversa se estendeu por áudio e Andreia desabafou. Falou com sinceridade sobre o quanto a ausência de reação de Sandro a machucava. O silêncio dele, quando ela expunha suas dores, era como um muro frio, intransponível e que a deixava sozinha diante dos próprios sentimentos.



Na manhã seguinte, Andreia não se sentia bem. Preferiu permanecer na cama por mais tempo, tentando recuperar o equilíbrio emocional. O que mais a incomodou, porém, não foi o mal-estar físico, foi perceber que Sandro sequer perguntou se ela estava bem ou se precisava de algo.

Ele saiu para a academia sem dizer uma palavra. Nem um bom-dia, nem um até logo. A única pista de que havia saído foi a roupa de treino que usava.

Ela ficou ali, deitada, mergulhada em pensamentos. Repassou os acontecimentos do dia anterior, as palavras ditas, as que faltaram, os silêncios que doeram mais que qualquer discussão.

Quando Sandro voltou, encontrou Andreia exatamente onde a havia deixado.

Passou pelo quarto, lançou um bom-dia seco, sem olhar nos olhos. Foi direto para o banheiro e tomou banho.

Depois, na cozinha, não a chamou para o café da manhã nem perguntou se queria algo. Um gesto que antes era rotina, quase carinho.

O fim de semana se arrastou entre paredes silenciosas. A distância entre os dois parecia maior que o próprio apartamento. Não houve conversa sobre o bebê nem sobre o chá revelação. O assunto parecia enterrado sob a frieza que se instalou.

Na segunda-feira, Andreia decidiu não ir ao trabalho. Alegou que precisava descansar mais. Mas, no fundo, sabia que o cansaço que sentia não era só físico, era emocional. E não havia repouso que curasse o peso de se sentir sozinha ao lado de quem deveria estar com ela.

Ela percebeu uma frieza diferente, quase cortante. Não era apenas silêncio, era ausência. Um distanciamento que não se explicava com palavras, mas que se fazia sentir em cada gesto, cada olhar evitado.

Aquilo a incomodou profundamente. Mesmo assim, não perguntou nada. Guardou a inquietação para si, como quem teme ouvir uma resposta de que já suspeita.



Na indústria têxtil, o dia começava com movimentação discreta. Ao ver Sandro entrar, Maura se animou:

— Sandro, que bom que chegou! — disse com entusiasmo. — E a Andreia? Onde está?

— Não está muito disposta — respondeu ele, tentando encerrar o assunto. Quis mudar o foco rapidamente: — Alguma novidade por aqui?

Maura foi direta:

— Nosso cliente, aquela empresa de segurança que fez orçamento semana passada, está pedindo reforço nos coletes. Disseram que o velcro não parece ter sustentação suficiente e querem ajustes... — explicou detalhadamente.

Sandro ouviu com atenção, mas hesitou:

— Talvez devêssemos falar com a Andreia. Você acha que podemos decidir isso sem... — foi interrompido.

— Claro que sim! — respondeu Maura, sorrindo com leve afetação. — Aliás, teremos de resolver isso e muitas outras coisas. Não sei se percebeu, mas a Andreia está se afastando aos poucos.

Rogério, que acompanhava a conversa, ponderou:

— Acho que poderíamos esperar até amanhã. Seria bom ouvir a opinião dela. Não é urgente e o cliente não deu prazo para resposta.

Maura, porém, já havia formado sua decisão:

— Eu conheço tudo aqui tão bem quanto a Andreia. Somos capazes. Não precisamos incomodá-la nesse momento. Ela não vai nos acompanhar por muito tempo... Deixa que aproveite a gravidez e o bebê.

Rogério não gostou do tom, mas preferiu não se manifestar.

Sandro, por sua vez, permaneceu em silêncio. Deixou-se levar pela condução firme da diretora financeira, sem contestar.



Na hora do almoço, Maura convidou Sandro para comerem juntos. Sentaram-se num canto mais tranquilo do restaurante da empresa, onde o movimento era menor.

— Estou achando você meio calado hoje. Está tudo bem? — perguntou ela, observando-o com atenção.

— Quase tudo — respondeu Sandro, com um sorriso discreto.

— E a Andreia? Está bem? — insistiu Maura em tom gentil.

— Está. Só se sentiu indisposta.

— Deve ser normal, né? Com a gravidez e tudo mais. Acho que a festinha do chá revelação... — ela parou no meio da frase. — Ela se estressou, né?

— Um pouco — admitiu Sandro sorrindo sem jeito.

— A Andreia precisa aprender a ignorar certas coisas — comentou Maura, mexendo distraidamente no guardanapo.

— É que minha mãe sempre se intromete e...

— Ah, isso é coisa de vó! — interrompeu sorrindo. Seus olhos azuis brilharam, invadindo a alma de Sandro ao encará-lo. — A dona Angélica está empolgada. É o primeiro neto, afinal.

Sandro hesitou, mas acabou concordando, deixando-se levar pelas ideias da outra:

— Também acho que a Andreia poderia ser mais tolerante. Talvez tenha exagerado um pouco...

Maura observou Sandro com atenção, como quem tentava decifrar algo além das palavras. Houve uma pausa entre eles, preenchida apenas pelo som dos talheres e o burburinho distante do restaurante.

— Sabe, Sandro... — disse ela, com voz mais baixa e tom envolvente — às vezes, acho que você carrega mais do que deveria. Você é gentil demais. E pessoas gentis costumam ser engolidas por quem grita mais alto.

Ele olhou para ela, surpreso com a frase.

— Não sei... — respondeu, hesitante. Mas, no fundo, gostou de ser notado e entendeu aquilo como um elogio ou reconhecimento do que ele era.

— Eu sei — ela continuou, inclinando-se levemente sobre a mesa. — Você sempre tenta agradar a todo o mundo. Mas quem cuida de você?

Sandro desviou o olhar, talvez desconcertado, a princípio. Depois apreciou.

— A Andreia... — começou a dizer, mas não completou.

Maura sorriu, com um ar de quem já sabia a resposta.

— Às vezes, a gente precisa de alguém que enxergue além das obrigações. Que perceba quando você está calado demais. Ou quando sorri só por educação. — Ela tocou de leve no braço dele, como quem queria apenas reforçar a empatia, mas o gesto durou um segundo a mais do que o necessário. — Se quiser conversar... sobre qualquer coisa... estou aqui. Não só como colega de trabalho — disse Maura, com um sorriso que misturava doçura e intenção.

Ele não respondeu, mas também não se afastou.

Sandro mastigava devagar, mais pela necessidade de ocupar o tempo do que pela fome. As palavras de Maura ainda ecoavam em sua mente.

“Quem cuida de você?” — aquela pergunta simples, mas certeira, parecia ter encontrado um espaço vazio dentro dele.

Ele olhou para ela com mais atenção. Maura era uma mulher bonita e ele sabia disso. Alta, loira, olhos azuis intensos, cabelo comprido que caía com naturalidade sobre os ombros. Até então, ela era apenas a diretora financeira: competente, firme, às vezes, até dura. Mas, só agora, naquele almoço, ele a via diferente.

Maura sorriu e, com um gesto suave, passou uma mecha de cabelo para trás da orelha. O movimento foi simples, mas nele havia algo delicado, quase íntimo. Sandro sentiu um leve desconforto, não por rejeição, mas por perceber que estava gostando da atenção. Pela primeira vez, em dias, sentiu-se ouvido. Visto.

Ela continuava falando com aquele tom doce e seguro, como quem sabia exatamente o que dizer para tocar onde doía. E ele, sem perceber, inclinava-se emocionalmente para aquele espaço que ela abria. Um espaço sem cobranças, sem mágoas, sem julgamentos.

Sandro não sabia se era carência, confusão de seus pensamentos ou apenas o alívio de ser compreendido. Porém, naquele instante, algo mudou. Ele

começou a notar Maura, não como colega, mas como mulher. E isso, por mais sutil que fosse, já era o início de algo.

Na espiritualidade...

O ambiente vibrava em tons densos, quase sombrios. A atmosfera era carregada de intenções ocultas e o ar parecia pulsar com a energia de pensamentos vingativos.

Iseu sorriu, mas não era um sorriso de alegria, era o tipo de sorriso que precede o golpe certeiro. Virando-se para Nisa, seus olhos brilharam com malícia:

— Essa é a chance. Se quiser destruir um homem, toque onde ele mais se ancora: no trabalho e na família. É assim que se desestabiliza um espírito encarnado. É assim que se quebra um propósito reencarnatório. E é isso que você sempre quis, não é?

Nisa estreitou o olhar, fixando-se em Sandro, que conversava distraidamente com Maura no plano físico. E, carregada de rancor, disse:

— Eu vou destruir o Sandro. Tudo o que ele ainda não valorizou, eu vou arrancar dele para sentir falta. Ele vai perder o que nem sabe que tem. Como ele fez comigo... Como fez conosco, há séculos. Eu o procurei por décadas. Agora o encontrei. E aquela ali — apontou com desprezo para Maura —, interesseira, vaidosa, vulgar... será o instrumento perfeito. Ele não vai resistir.

Enquanto os dois observavam a cena terrena, uma nova presença se aproximou. A vibração mudou sutilmente. Um espírito de aparência firme e olhar penetrante os encarou com curiosidade.

— Posso saber quem são? — perguntou Duane, com tom grave e postura imponente.

Desconfiada, Nisa ergueu o queixo e, intrigada, indagou:

— E por que gostaria de saber?

Duane sorriu de lado, com um brilho cínico nos olhos.

— Não me parecem protetores... — disse com ironia. — E, dependendo do que pretendem, talvez possamos unir forças.

Iseu e Nisa trocaram um olhar rápido. Havia algo em Duane que inspirava cautela, mas também poder.

— Sandro tem dívidas comigo — declarou Nisa, com vibração carregada de dor e ódio. — Dívidas antigas. Nunca aceitei o que ele fez. Nunca perdoei. E agora quero que ele sinta. Quero que perca tudo. Que sofra no corpo e na alma, como eu sofri. Como nós sofremos.

Duane assentiu lentamente, como quem compreendia ou fingia compreender.

— Então temos algo em comum — murmurou. — E talvez, juntos, possamos acelerar o que já está em curso.

E ali, naquele plano invisível aos olhos humanos, uma aliança sombria começava a se formar. Silenciosa, perigosa e determinada a desviar Sandro do caminho que sua alma havia escolhido antes mesmo de nascer.

A névoa densa que pairava ao redor parecia vibrar com a energia dos pensamentos sombrios que ali se formavam. O ambiente era frio, mas não pela ausência de calor e sim pela ausência de luz.

Duane deu um passo à frente, com a postura de quem está acostumado a negociar com as sombras. Seu olhar era firme e o sorriso quase cortês.

— Pode me chamar de Duane — disse com tom aveludado, porém carregado de intenções ocultas. — Para ser honesto, pouco me importa se você quer vê-lo sofrer, definhar ou desaparecer. O que me interessa, neste momento, é que Sandro caia nos braços de Maura. Primeiro isso. O resto... é consequência. — Nisa o observou com desconfiança, mas ouviu em silêncio o que ele explicou: — Maura tem feito ofertas generosas para conquistar esse homem. E meu superior deseja que ela se comprometa conosco de forma mais profunda. Que se enrede em nossos laços, que se

prenda por dentro. Queremos sua consciência, sua alma, sua vontade. E quando ela estiver amarrada, será nossa. Escravizada por vínculos que levarão séculos para serem desfeitos. — Ele fez uma pausa, depois concluiu com frieza: — Desde que ela o tenha como companheiro, pouco nos importa o que acontecerá com ele depois. Podemos nos aliar?

Nisa refletiu por um instante. O desejo de vingança ainda queimava em seu âmago como brasa viva. Então sorriu, com os olhos semicerrados.

— Sim. Desde que, ao final, eu esteja livre. Sem débitos, sem vínculos com vocês. Quero apenas vê-lo perder tudo.

— Perfeito — tornou Duane, estendendo a mão.

Ela aceitou o aperto. Um pacto silencioso foi selado ali, entre almas feridas e corações corrompidos.

— Feito — murmurou Duane. — Vamos inspirá-los, envolvê-los, irritá-los. Vamos tirar dele o que há de mais sagrado: a família, o lar, o propósito, o trabalho.

— Será fácil — zombou Iseu, com um sorriso torto. — Ele não se liga ao Alto. Está vulnerável. Fraco.

— Ela também — riu Duane. — Maura só acredita no que lhe convém. No que lhe traz vantagem. Fé, para ela, é moeda de troca.

E assim, entre juras de vingança e promessas de domínio, uma trama invisível começava a se fechar sobre Sandro e Maura. Uma rede de influências sutis, mas poderosas, tecida no silêncio do plano espiritual.

A aliança selada entre Duane e Nisa parecia vibrar no ar como um pacto silencioso, porém significativo. A energia ao redor se condensou, como se o próprio ambiente reconhecesse o peso da decisão tomada.

Duane recuou um passo, observando o casal no plano físico com olhos atentos. Sandro e Maura ainda conversavam, alheios à influência que começava a se formar sobre eles.

— Vamos agir com inteligência — disse Duane, com um tom baixo, quase estratégico. — Nada de pressa. A queda precisa parecer escolha. Vamos inspirar desejos, alimentar carências, provocar afastamentos. Ele precisa acreditar que está se aproximando dela por vontade própria.

— E ela? — perguntou Iseu, curioso.

— Já está vulnerável — respondeu Duane, com um sorriso enviesado. — Maura quer poder, quer controle. E Sandro será o troféu. Ela se encanta com a ideia de conquistá-lo, de ser indispensável. Ela pagou para isso. Fez pedido e oferendas a espíritos que se dispõem a fazer o que ela deseja, mas nunca nos responsabilizamos pelas consequências. Depois que ela conquistar o que pediu, será nossa.

Nisa cruzou os braços, ainda tomada por sua própria dor.

— Quero que ele perca tudo. A mulher, o filho, o respeito. Que se veja sozinho, sem rumo. Que sinta o mesmo vazio que me consumiu por séculos.

— E sentirá — garantiu Duane. — Primeiro, vamos tirar dele o que ainda o protege: a lucidez e o senso de propósito. Vamos fazer com que ele duvide de si, da esposa, da própria missão.

Iseu riu com sarcasmo.

— Ele já está no caminho. Não se liga ao Alto, não ora, não busca. É um homem distraído, vaidoso e agora... carente.

Duane concordou e completou:

— E Maura será o espelho perfeito para essa carência. Linda, sedutora, inteligente, mas vazia. Ela não crê em nada além do que lhe convém. Fé, para ela, é ferramenta, não ponte.

Os três espíritos se mantiveram em silêncio por um momento, observando a cena terrena como quem assiste ao início de uma peça cuidadosamente ensaiada.

— Vamos começar — disse Duane, por fim. — Que venham os pensamentos confusos, os desejos impróprios, os sonhos perturbadores, os impulsos mal compreendidos. Que o lar se desfaça aos poucos, como tecido que se rasga pelas bordas.

E assim, no invisível, a trama se adensava.

Enquanto Sandro e Maura estavam descontraídos, forças ocultas já costuravam os fios do destino e o livre-arbítrio, embora intacto, começava a ser testado.

Duane observava Maura com olhos atentos, como quem acompanha o cumprimento de um contrato silencioso.

Ela havia feito sua parte e, agora, ele faria a dele.

— Daria para contar como você está nessa tarefa com a Maura? Não sei se entendi direito — Nisa pediu.

— Ela foi ao lugar onde muitos vão quando querem atalhos — contou Duane, com um sorriso enviesado. — Um lugar envolto em promessas e fumaça. Fez seus pedidos, entregou oferendas, pagou com o que tinha e com o que ainda não sabe se terá.

Nisa o olhou com curiosidade.

— E o que ela pediu?

— Tudo — respondeu Duane com frieza. — O marido da amiga. A empresa que a amiga construiu. O lugar que Andreia conquistou com esforço e fé. Maura quer tomar tudo. Quer ser vista, admirada, desejada. E está disposta a pagar o preço. Qualquer preço. Mas... é um preço que não sabe qual é nem perguntou.

Iseu riu com sarcasmo.

— E você veio atender?

— Vim cumprir o que foi acordado — tornou Duane com firmeza. — Mas não me responsabilizo pelas consequências. Meu papel é inspirá-la, envolvê-la, abrir caminhos para que Sandro se aproxime. O resto... é dela. A escolha, o mergulho...

Nisa cruzou os braços, pensativa.

— Ela sabe o que está fazendo?

— Talvez não. E talvez não queira saber — respondeu Duane. — Maura não busca luz, busca resultado. E quando o resultado vier, ela estará presa. Não por correntes, mas por vínculos sutis, difíceis de romper. Terá o que quer... e perderá o que nunca soube que tinha — riu alto. — Digo isso por décadas de prática. Experiência no assunto. Sei qual será o final.

Os três espíritos se mantiveram em silêncio por um instante, observando Maura no plano físico, sorrindo para Sandro, jogando o cabelo para trás com charme calculado.

— Ela já começou — murmurou Iseu.

— E ele já começou a ceder — completou Duane.

E assim, entre desejos ocultos e pactos silenciosos, a trama espiritual se adensava. O livre-arbítrio ainda existia, mas estava cercado por influências que, se não reconhecidas, poderiam mudar destinos inteiros.



Mais tarde...

O expediente se encerrava e o escritório começava a esvaziar. Maura, ainda sentada à mesa, observava Sandro guardar seus pertences. Havia algo no olhar dele: uma hesitação, um desejo contido, uma dúvida que ela mesma não sabia nomear. E ela sorriu.

Duane aproximou-se dela, invisível aos olhos humanos, mas perfeitamente conectado à sua vibração. Inclinou-se levemente, como quem sussurra ao ouvido. E sua voz, embora inaudível, ressoou clara em sua mente:

— Convide-o para ir ao seu apartamento. Diga que precisa conversar, que quer mostrar algo da empresa, qualquer desculpa serve. Ele está vulnerável. Ele vai aceitar.

Maura piscou devagar, como se processasse um pensamento que julgava ser seu. Levantou-se, ajeitou o cabelo com um gesto elegante e se aproximou do marido da amiga.

— Sandro... — disse, com um sorriso leve — pensei em te mostrar umas ideias que tive para o novo projeto. Coisa rápida. Se quiser, podemos passar lá em casa. Tenho tudo no computador.

Sandro hesitou. O convite parecia simples, mas algo dentro dele se contraiu.

Nisa, bela e envolvente em sua forma fluídica, aproximou-se de Sandro. Seu olhar era sedutor e sua presença envolvente. Ela passou ao lado dele como uma brisa morna e sua influência se infiltrou nos pensamentos do homem:

— Ela te entende... te admira... te escuta. Quando foi a última vez que Andreia te olhou assim? Você merece atenção. Merece ser desejado.

Sandro sentiu um calor estranho no peito. Olhou para Maura, que o esperava com um sorriso gentil. Por um instante, pensou em aceitar.

Uma presença diferente se fez sentir. Serena, elevada, silenciosa. Nenhum dos espíritos inferiores a percebeu. Era o mentor de Sandro, um espírito de luz, cuja vibração os mantinha afastados sem esforço.

Ele se aproximou do protegido com doçura e firmeza. Sua voz não era um som, mas uma lembrança viva, uma consciência que se acendeu dentro de Sandro:

— Pense, Sandro. Lembre-se de Andreia. Do filho que espera por você. Do lar que construiu. Essa escolha não é pequena. É um ponto de virada. Respire. Reflita. Você ainda pode voltar.

Sandro piscou, como quem desperta de um torpor. Sentiu um desconforto súbito, como se algo estivesse fora de lugar. Olhou para Maura, novamente, mas agora com outro olhar, mais cauteloso, mais consciente.

— Acho melhor deixarmos isso para amanhã — disse, com um sorriso educado. — Estou cansado. E Andreia me espera.

Duane recuou, irritado. Surpresa, Nisa franziu o cenho, indagando:

— O que foi isso?

— Interferência superior — respondeu Duane, com desprezo. — Mas não se preocupe. Ele hesitou. E isso já é uma rachadura.

A batalha invisível não podia ser vista, porque, no fim, cada escolha humana é um campo de forças e o livre-arbítrio, embora sagrado, é constantemente posto à prova.

Nem um minuto se passou e Maura não se deu por vencida.

Sandro já se preparava para sair quando Maura se aproximou, outra vez, com o mesmo sorriso gentil, mas agora com um brilho mais intenso nos olhos.

— Sandro... pensei melhor. Se você tiver um tempinho, gostaria mesmo de te mostrar umas ideias. É rapidinho. A gente pode conversar com calma, sem interrupções, lá em casa.

Ele hesitou. Mais uma vez.

No plano espiritual...

Duane, ainda ao lado de Maura, estreitou os olhos. Sutil e insistente, voltou a vibrar na mente dela:

— Insista. Ele quer. Só precisa de um empurrão. Mostre segurança. Faça com que ele se sinta especial.

Maura sorriu, inclinando levemente a cabeça, como quem oferece mais do que palavras.

— Vai ser bom pra você também. Um pouco de leveza depois de dias tão tensos.

Sandro sentiu o coração acelerar. Não era desejo. Ainda não. Novamente, era confusão, um misto de carência, vaidade e a sensação de ser visto.

Nisa se aproximou dele com suavidade, que envolve sem ser percebida. Docemente, sussurrou em sua mente:

— Você merece isso. Um momento só seu. Ela te entende. Te admira. Não é traição... é só uma conversa. Um respiro.

Sandro fechou os olhos por um instante. A imagem de Andreia lhe veio à mente, mas distante, como se coberta por um véu de mágoas recentes. O silêncio dela. A frieza dos últimos acontecimentos. As cobranças...

Quando o desejo inferior fala mais alto que a consciência, o espírito se cala e as sombras se aproximam.

E então...

— Tá bom — disse ele, quase num sussurro. — Vamos lá. Mas só um pouco, Maura. Não posso demorar — emocionalmente fragilizado, acabou cedendo.

Ela sorriu, satisfeita.

— Claro. Vai ser rápido.

No plano espiritual...

Duane sorriu com prazer contido.

— E assim começa — murmurou. — Um passo. Um desvio. Um novo caminho.

Nisa observava com olhos brilhantes, tomada por uma satisfação amarga.

— Que seja rápido. Que se afaste do que o protege e se desvie do caminho.

Mas, a distância...

Uma luz suave se acendeu. O mentor de Sandro, em plano elevado, observava com serenidade e dor. Não podia interferir diretamente. O livre-arbítrio era soberano. Porém sua presença permanecia, vibrando em prece, aguardando o momento em que seu protegido, talvez, ainda pudesse despertar.

---

1 Nota da médium: O livro O Amor é uma Escolha, romance de Eliana Machado Coelho e Schellida, publicado pela Lúmen Editorial, traz muitas informações a respeito de narcisismo, de como agem pessoas com esse transtorno e o quanto esse comportamento traumatiza e infelicita aqueles que convivem com narcisistas.

Capítulo 06

Quando o invisível inspira

Nem o bem nem o mal, praticados por nós, tomam-nos à força.

Eles são sussurrados. E o coração decide a quem abrir a porta.



Desde o chá revelação, Andreia começou a notar uma mudança sutil, mas incômoda, no comportamento de Sandro. Era como se algo tivesse se quebrado por dentro, ainda que ele tentasse manter a aparência de normalidade. Os gestos simples, que antes vinham com naturalidade: um carinho no ombro, uma omelete feita com cuidado no café da manhã... haviam desaparecido.

Embora fosse evidente o quanto ele estava envolvido com o trabalho na empresa, em casa a ausência era mais do que física. Era emocional. A colaboração nas tarefas, a participação nas pequenas rotinas do lar, tudo havia sido deixado de lado.

Quando ela tentava conversar, pontuar algo que ele havia esquecido ou deixado de fazer, as respostas vinham secas, defensivas: “Você fica em

casa, por isso não fiz.” “Precisei sair às pressas.”

O que mais doía era a ausência nos momentos que importavam. Sandro passou a evitar acompanhá-la às consultas de pré-natal. Sempre havia uma justificativa, um compromisso inadiável, um imprevisto.

Naquela semana, mais uma vez, Andreia foi sozinha ao médico. Tentou não se abalar. Afinal, era só mais uma consulta de rotina. Mas, ao final do ultrassom, percebeu uma leve tensão no semblante do obstetra. Ele sorriu, como quem tenta tranquilizar ao pedir que ela realizasse um exame complementar em um laboratório especializado, com imagens mais detalhadas e análise de um especialista.

— Só por precaução — disse o médico, com voz calma.

Mas Andreia sentiu. Havia algo no ar. Um silêncio entre as palavras. Um cuidado excessivo no tom. E, pela primeira vez, desde que soube da gravidez, sentiu um frio na espinha. Não sabia se era medo... ou se era solidão.

Um tanto incomodada, saiu da consulta com o coração apertado. Em vez de ir direto para casa, decidiu passar no Studio de Milton. Precisava conversar. Precisava respirar.

Ao vê-la entrar, o cunhado percebeu de imediato que algo não estava bem.

— Estou aflita, Milton — disse, sentando-se num dos sofás do salão. — Desde que o médico falou que preciso fazer um exame de Ecografia Fetal, com imagem mais detalhada e análise de um especialista. Perguntei o motivo, mas ele disfarçou. Disse que era rotina... Só que eu senti. Senti que ele percebeu algo. Que tem algo que precisa ser investigado. Fiquei nervosa. Não sei explicar o que me deu. — Ela olhou para Milton com os olhos marejados, buscando apoio. — E se o bebê tiver algum problema?

Milton se aproximou, sentou ao lado dela e tentou manter a calma.

— Ecografia Fetal?... Nunca ouvi falar disso... E olha que converso com um monte de clientes grávidas aqui no salão. Mas... — pegou o celular e

começou a pesquisar, enquanto Andreia continuava desabafando. Em poucos minutos, ele encontrou a informação: — Olha só... — disse, mostrando a tela para ela. — É um exame comum na gestação. Serve pra detectar possíveis anomalias, ver a posição da placenta, medir o líquido amniótico... Mas o foco principal é o coração do bebê. Ele permite ver a anatomia cardíaca com mais precisão, identificar malformações, problemas nas válvulas, alterações no fluxo sanguíneo...

Andreia ouviu em silêncio, tentando absorver tudo. A explicação fazia sentido, mas o desconforto persistia. Não era só o exame, era o jeito do médico, o momento, o silêncio entre as palavras.

O cunhado segurou sua mão com carinho, confortando-a:

— Vai dar tudo certo. Mas se precisar, estou aqui. Sempre.

Ela sorriu, ainda preocupada, mas grata por não estar completamente sozinha. Milton percebeu que, por trás daquele sorriso, havia inquietação. Deixou o celular de lado, soltou o ar com força e voltou a focar nela.

— Já agendei o exame no laboratório... Mas estou com um pressentimento — confessou Andreia, com a voz embargada.

— Calma — pediu ele, com firmeza e carinho. — Esse exame é comum. Todo obstetra responsável solicita. Agitação não vai te ajudar em nada. Gritar, se desesperar... só vai te deixar mais ansiosa e depois vem a tristeza. Respira fundo. Várias vezes. Isso ajuda a acalmar.

Ela tentou seguir o conselho, mas a angústia ainda apertava o peito.

— Mas, Milton... e se o João tiver algum problema? Alguma doença?

Milton se aproximou, colocou a mão sobre o ventre dela com delicadeza e falou com ternura:

— Então a gente ora, cuida, corre atrás de soluções. Se ele tiver algum comprometimento na saúde, você é a pessoa mais qualificada, neste mundo,

para cuidar dele. Isso não é acaso, Andreia. Deus confiou essa vida a você. E a mais ninguém.

Ela o olhou com os olhos marejados, tocada pela força daquelas palavras.

— Se ele tiver... — Ele continuou com voz firme: — Se tiver qualquer coisa, lembre-se: esse ser foi confiado a você. E se não tiver nada, se estiver tudo bem, lembre-se também de que, não importa como ele seja, o que ele seja... gostando ou não, aceitando ou não, você é a criatura mais preparada, mais escolhida para cuidar dele.

Andreia baixou os olhos, emocionada. Ele continuou:

— É você a escolhida para dar ao João segurança, saúde, princípios, valores... e toda a independência que ele for capaz de alcançar. Certo?

Andreia tentou sorrir, mas a angústia ainda pesava.

— Obrigada pelas palavras, Milton... mas ainda estou...

— É um exame de rotina, minha querida — interrompeu com suavidade, tentando transmitir confiança. — Nada melhor do que respirar fundo, pensar em Deus e pedir paz. Força também. Porque enfrentar situações difíceis exige calma. — Fez-lhe um carinho na cabeça e, ao ver as lágrimas escorrerem, não resistiu: abraçou-a com firmeza, sentindo seus soluços abafados contra o peito. — Talvez você esteja nervosa à toa. Primeiro, faz o exame. Depois, se houver qualquer problema, a gente pensa nas soluções. — Após um momento de silêncio, ele perguntou: — Já contou ao Sandro?

— Não — respondeu ela, suspirando fundo, tentando se recompor.

— Ele vai te apoiar. Fica tranquila.

— Não vai... — disse, secando o rosto com as mãos. — O Sandro está estranho. Distante. Quase não conversa comigo, não pergunta como me sinto, não demonstra interesse pelo bebê. Nem ajuda mais com as coisas da casa. Antes, ele trocava os lençóis comigo, às vezes, estendia a colcha... nossa cama é grande, e em dois é mais fácil. Agora, parece que sou só eu.

Só eu para tudo... — Ela o olhou nos olhos e, com dor contida, revelou: — Estou me sentindo só. E acho que estarei sozinha daqui pra frente. Não sei até quando. — Fez breve pausa. — Fiquei alguns dias sem ir à empresa e, no dia em que disse que iria com ele, Sandro tomou café e saiu enquanto eu ainda me arrumava.

— Vai ver ele achou que você não iria — falou para tentar aliviar sua dor.

— Ele disse isso. Mas não me deu nem tchau. Saiu sem dizer uma palavra. E eu tinha avisado, na noite anterior, que iria com ele. Quando cobrei, disse que estou sensível demais... Mas não é isso. O Sandro não faz mais meu café, deixa as roupas jogadas no banheiro, os sapatos espalhados... Está me tratando como empregada. Outro dia, eu não estava bem para ir à empresa e ele nem tirou da mesa os pratos que usou. Quando reclamei, disse que estava atrasado.

Milton assentiu e argumentou:

— Sabe... Muita gente idealiza, mas... Mas a realidade exige parceria. E quando um começa a se ausentar, o outro sente e sente muito.

Ela olhou para ele com os olhos marejados. Mais firme falou:

— Eu não esperava perfeição. Só queria que ele estivesse comigo. Que perguntasse como foi a consulta, que se preocupasse com o exame, que me ajudasse a levantar da cama quando estou com dor nas costas. Atitudes chegam a ser carinho. Isso não é pedir demais.

O cunhado se aproximou. Segurando suas mãos com ternura, concordou:

— Não é mesmo. E você tem todo o direito de se sentir assim. Mas também precisa se fortalecer, porque, às vezes, o outro não vai estar. E você vai precisar estar por você e pelo João.

Andreia assentiu, silenciosa. Aquelas palavras não apagavam a dor, mas traziam lucidez. Ela sabia que algo estava mudando. E que talvez precisasse enfrentar mais do que imaginava.

Milton respirou fundo e, pensativo, perguntou:

— Vocês conversaram sobre tudo isso antes da gravidez? Sobre as responsabilidades de cada um?

— Sim, conversei bastante com o Sandro — respondeu Andreia, tentando organizar os pensamentos. — Falei dos meus planos para a indústria têxtil, do quanto eu precisaria de ajuda durante a gravidez e depois que o bebê nascesse. Expliquei que seria muito melhor ele aprender tudo sobre a empresa, para que nós dois pudéssemos cuidar dos negócios juntos. Teríamos mais lucro do que se ele continuasse trabalhando com o pai dele na rede de hotéis. — Fez uma pausa, respirando fundo. — Sobre assumir as tarefas na empresa... nisso, o Sandro está indo bem. Mas, em casa, comigo... principalmente no último mês... — Sua voz ficou mais baixa. — Venho me sentindo exausta. Com muito sono. Sempre fui de acordar cedo, mas agora... não consigo. Sei que é por causa da gravidez, mas...

Aproveitando a pausa, ele indagou com delicadeza:

— Você contou isso pro médico?

— Contei que estou com muito sono, indisposta. Faço caminhada três vezes por semana, mas é um esforço enorme. Academia? Não vou há um mês.

Milton a observou com atenção, depois foi direto:

— Lá atrás... quando você falou pro Sandro que precisaria do apoio dele com o trabalho de casa, durante e depois da gravidez... ele concordou em ajudar?

Andreia pensou. Tentou lembrar as conversas, os gestos, as entrelinhas.

— O Sandro pareceu concordar.

Milton franziu o cenho.

— Espera. Parecer é uma coisa. Concordar é outra. Ele disse claramente: “Sim, eu vou te ajudar com o trabalho da casa mais do que já ajudo, porque sei que as condições vão mudar”?

Ela hesitou. A resposta veio com um suspiro:

— Não. Ele não disse isso. Ele... desviou o assunto. Mudou de tema. E eu acabei entendendo que ele tinha concordado.

Milton balançou a cabeça com um meio-sorriso triste.

— Sei. Ele enrolou, manipulou a conversa, te fez acreditar que estava junto, mas não se comprometeu. Típico do meu irmão. — Fez uma pausa, depois falou com firmeza: — Você vai ter de cobrar essa responsabilidade, Andreia. Vai ter de exigir parceria. Porque se você não fizer isso agora, vai acabar carregando tudo sozinha. E isso não é justo: nem com você nem com o João.

— Ele me convenceu a ter um filho para deixar de ter cobrança dos parentes e amigos.

— Isso é verdade.

— Não estou arrependida. Desde que engravidei amo meu bebê, amo meu estado... Mas estou me sentindo enganada.

— Agora é o momento de ter paciência e jeitinho — o cunhado aconselhou.

— Não estou com paciência nem comigo.

— Esse comportamento dele pode ser por causa de alguma conversa com minha mãe. Você conhece a dona Angélica. Mas você é a esposa. Procure envolver seu marido. Não brigue. Não grite. Quando você quer afastar alguém, brigue e grite. Seja implicante, dê ordens, fique sempre zangada e dê uma de vítima.

— Como devo envolvê-lo?

— Ah... Conversando, explicando com carinho. Um pouco por dia. Pedindo por favor para fazer isso ou aquilo... Mostre suas dificuldades, Andreia. Fale com jeitinho do seu cansaço. Procure também saber sobre ele. Como está, como se sente, o que anda fazendo...

— O Sandro pegou gosto pela indústria têxtil. Dá para perceber isso. Sempre está bem interessado por tudo do trabalho. Mas, quando o assunto é sobre a casa, meu estado, sobre o bebê... fica insatisfeito. Ele se modifica. Parece contrariado. Eu não queria admitir isso, mas é o que percebo. Esse clima entre nós surgiu depois do chá revelação. E só tem piorado.

O silêncio foi longo, até o cunhado comentar:

— Bem... Algumas vezes, nós já conversamos sobre o temperamento do Sandro. A personalidade de alguém é algo que o outro não consegue mudar, mas, com jeitinho, talvez possa fazê-lo entender. Não bata de frente. Isso não vai fazer bem para você nem para o João.

— Meu filho está sendo o motivo para me controlar. E você está certo. — Sorriu lindamente e abriu os braços convidando-o para um abraço.

Ele a abraçou com carinho e disse:

— Só dê atenção ao que te deixa feliz. Certo?

— Certo. Não vou sofrer por antecipação.

— Dá licença... — pediu Danilo com jeitinho. — Milton, sua cliente chegou.

— Vai lá — Andreia sorriu. — Fica tranquilo. Agora, estou bem e isso é graças a você.

— Nossa conversa não terminou. Estou sempre à sua disposição. Conte comigo. Te amo, Andreia.

— Eu também te amo, Milton.

Ela se despediu e se foi.

No caminho, enviou mensagem para a irmã, dizendo que estava livre para se encontrarem.



Após deixar a loja sob os cuidados de uma funcionária, Tamires foi para um café junto com a irmã.

Sentadas à mesa...

— Acho que estou muito sensível ultimamente — Andreia disse, contando sobre o exame e um pouco a respeito do comportamento do marido.

— Acho que o Sandro sempre foi assim e só agora você percebeu. Deve ser a mudança profissional. Gerou preocupação, insegurança nele... Ele está com receio por tudo ser novidade. É um mundo novo. Também deve estar preocupado por abandonar o serviço com o pai nos hotéis. Quanto ao pedido de exame... Fica tranquila. É um pedido normal. Rotina.

— Sei... Mas senti uma coisa... — A irmã ficou em silêncio. Não deu importância. E Andreia mudou de assunto: — Tami... Você viu a reação da dona Angélica no chá revelação?

— Ficou feio pra ela. Mostrou que tipo de pessoa é.

— Não quis conversar com ela desde aquele dia. Mandou mensagem, quis marcar para sairmos para comprar coisas para o bebê... Não usou o nome João. Acredita? — ressaltou.

— Acho que ela não é uma boa companhia para fazer compras — Tamires riu. — Ah... Abriu uma loja de roupas para bebê no segundo andar. Tem muita coisa linda. Vamos lá depois.

— Se não for atrapalhar você...

— Hoje, está tranquilo.

— Tami... — chamou Andreia, esperando que a irmã a olhasse. — É complicado ter filho? — perguntou com um sorriso meio sem graça,

tentando aliviar a tensão com humor.

Tamires riu, balançando a cabeça.

— Passa tão rápido que você nem percebe as dificuldades. A Aline já está com dez anos... Nem me lembro dos detalhes — respondeu com leveza, como quem tenta tranquilizar. Tamires falou algo completamente diferente do que havia dito à sua funcionária: que a maternidade exigia muito, que os primeiros meses foram intensos e que o cansaço parecia não ter fim. Agora, diante da irmã, a resposta era outra. Mais suave. Mais esquecida. Ou talvez... mais protegida.

— Mas você não quis outro filho — comentou Andreia com um meio-sorriso curioso.

— Porque acho que está bom assim — respondeu Tamires dando de ombros. — Eu trabalho, o Rômulo também... Quem cuidaria das três lojas que tenho? Pra você foi mais fácil. O Sandro dá conta de tudo — disse com uma ponta de inveja que ela mesma não reconheceu e que Andreia, distraída em seus próprios dilemas, não percebeu.

— O Rômulo te ajudava? — perguntou a irmã, sem pretensões. Gostaria de entender. Talvez comparar. Talvez buscar consolo.

— Ele saía cedo, voltava tarde. Era complicado — tornou Tamires com um tom neutro, quase automático.

Andreia abaixou os olhos, pensativa.

— Eu não acompanhei nada da sua gravidez... nem a primeira infância da Aline.

— Andreia, você estava cuidando da sua vida — disse Tamires, um pouco mais ríspida do que pretendia. — Fazia faculdade lá no Paraná, a gente se distanciou. Vinha pouco pra cá. É normal.

Havia algo na voz dela que parecia encerrar o assunto, mas Andreia insistiu:

— A mãe te ajudou?

Tamires soltou um riso curto sem humor.

— Um pouco, no começo. Mas você sabe... nunca fui a filha querida. O Luan sempre foi o predileto da nossa mãe. Mas dei conta. Do meu jeito, eu dei conta. — Fez uma pausa, como se quisesse encerrar ali. Depois, ajeitou a postura, pegou a xícara de café e sorriu, como quem veste uma armadura: — Hoje minha vida é outra. Tenho uma ótima e linda família. Vivemos otimamente bem.

E bebeu um gole, como quem sela a conversa desejando um ponto-final.

— Sua casa é linda — disse Andreia, sorrindo com um misto de generosidade e encanto, recordando a residência da irmã. — Fico feliz por você.

— Sim — respondeu Tamires com um tom quase orgulhoso. — Tenho muita sorte.

Andreia concordou, olhando ao redor.

— Ainda bem que nós duas estamos bem. Às vezes, fico preocupada com o Luan... O nosso irmão... — Não completou. A frase ficou suspensa no ar.

Tamires se ajeitou na cadeira e, com olhar mais firme, argumentou:

— O que me preocupa, ou melhor, o que me incomoda é a forma como a mãe e o pai tratam o Luan. Mas pensando comigo: não é da minha conta. Então, quando as coisas derem errado, também não quero ser envolvida. Se não aceitam minha opinião, que não peçam minha ajuda depois. Isso não é egoísmo, é bom senso. — Fez uma pausa, depois concluiu com franqueza: — O Luan é folgado. Adora ser dependente, não se esforça, não é grato. E ainda acha que todo o mundo tem obrigação de ajudá-lo.

Andreia suspirou.

— É... tenho de concordar. O Luan sempre foi acomodado. E a mãe e o pai só reforçam isso. Fazem tudo por ele, como se fosse um coitado. Mas ele é só... imprestável. Dependente. Irresponsável. Essa é a verdade. — Fez uma

careta engraçada, tentando aliviar o peso da conversa. — Ai!... Chega de falar sobre isso. Vamos mudar de assunto. Só coisas boas.

Tamires riu, porém ainda quis encerrar o tema com uma última observação:

— Só pra concluir: o Luan odeia todo o mundo. Vive dizendo que não tem ligação com nenhum de nós, mas só sobrevive com a nossa ajuda. Não para em emprego, se acha o melhor em tudo, mas não sai do lugar. O que esperar de alguém assim quando não tiver mais o pai e a mãe bancando?

Andreia balançou a cabeça, triste.

— Vai se dar mal na vida — lamentou.

— Exatamente. Então... você, Andreia, fica esperta, porque eu quero distância do nosso irmão. Com o dinheiro que o pai te deu, você montou sua empresa, eu abri as três lojas. E o Luan? Ele gastou tudo! Jogou, viajou, conheceu o mundo, comprou carro... Nem um imóvel ele adquiriu para, sequer, viver com o aluguel. — Percebendo a irmã insatisfeita, talvez pela sensibilidade de seu estado, Tamires quis mudar de assunto. — Deixa pra lá...

— Vamos terminar para eu conhecer a loja de roupas de bebê que você falou.

— Claro. Você vai amar. Tem cada coisinha...



A noite havia chegado trazendo uma onda de frio.

No apartamento onde morava, Andreia sentia-se inquieta. Sandro ainda não havia chegado e o silêncio parecia pesar mais do que o vento gelado que batia nas janelas.

Quando ele finalmente entrou, ela se levantou do sofá, visivelmente aflita.

— Nossa, Sandro... Estava preocupada — disse, tentando soar tranquila.

— Houve atraso na entrega de um material. Fizeram contato com a Maura e ficamos esperando — respondeu, sem olhar diretamente para ela.

Andreia percebeu que o marido não a beijou, como sempre fazia, porém não disse nada.

— Sei... Mas você poderia ter mandado uma mensagem. Nem respondeu as minhas...

Novamente, ele não disse nada.

Para evitar que o clima ficasse ainda mais tenso, Andreia tentou puxar assunto:

— Hoje fui à consulta. O obstetra pediu um exame de Ecografia Fetal. Depois que saí do consultório, fiquei incomodada com o pedido. Fui até o Studio, e o Milton pesquisou... Entre outras coisas, esse exame mostra se o bebê tem algum problema cardíaco. Já agendei.

Sandro permaneceu em silêncio.

Para não deixar o vazio tomar conta, ela continuou:

— Depois fui ao shopping tomar café com a Tamires.

— Encontrei sua irmã na academia hoje cedo — comentou ele com desinteresse.

— Ela não falou nada...

— Vou tomar banho. Estou exausto — disse, já se afastando.

— Comprei algumas coisas para o João. Depois do jantar, te mostro.

— Não quero jantar. Estou exausto — repetiu sem o menor interesse no que ela tinha para mostrar.

Andreia observou o marido se afastar, sentindo um nó no peito. Aquele comportamento era estranho, frio, distante, mas ela não tinha forças para confrontar. Sabia que precisava se manter calma, por ela e pelo bebê.

Ficou em silêncio, mas por dentro, seu coração gritava por uma explicação, por atenção, por companheirismo.

No plano espiritual... Um pouco depois...

A noite havia caído também sobre o mundo invisível e os três espíritos observavam Sandro com atenção. A vibração ao redor dele estava densa, turva, como se a luz interior tivesse se apagado aos poucos.

Duane sorriu com satisfação.

— Ele está exatamente onde queríamos — disse com um tom baixo e triunfante. — Frio, distante, indiferente. Ignorou a esposa, desprezou o filho que ainda nem nasceu. Está fazendo tudo o que inspiramos.

Nisa cruzou os braços, analisando Andreia, na sala, com os olhos marejados.

— Ela está se sentindo só. E isso é perfeito. A solidão dela alimenta a carência dele. E a carência dele... nos abre portas.

Iseu riu com sarcasmo e reparou:

— Ele não perguntou sobre o exame. Não quis jantar. Não quis saber das compras para o bebê. Está se tornando um homem ausente. Um marido invisível. Um pai em potencial, que já falha antes mesmo de começar. — Gargalhou irônico.

Duane se aproximou de Sandro, pairando sobre ele como uma sombra. Depois contou:

— Sussurrei o cansaço. Soprei o desinteresse. Fiz com que ele se sentisse injustiçado, sobrecarregado, incompreendido. E ele acreditou. Acreditou que está exausto demais para se importar.

Nisa se aproximou de Andreia, tocando-lhe o campo emocional com sutileza.

— Ela não vai confrontar. Está tentando se manter calma, mas por dentro... o coração dela grita. E esse grito silencioso será a rachadura perfeita — riu.

Iseu olhou para os dois, cada um em seu canto, separados por um abismo invisível.

— A casa está dividida. O lar está enfraquecido. E quando o vínculo se romper... Maura estará pronta. E Sandro vulnerável.

Duane concordou, satisfeito:

— O plano segue como esperado. Ele está fazendo exatamente o que inspiramos. E o melhor: acredita que é tudo fruto do cansaço, da rotina, da vida.

Sombria, Nisa sorriu, esclarecendo:

— Porque o mal não se impõe. Ele se insinua. E quando é aceito... parece escolha.

Ainda no plano espiritual, enquanto Duane, Nisa e Iseu celebravam o avanço sobre Sandro, uma luz suave começou a se formar no ambiente ao redor de Andreia. Era sutil, porém firme. Serena, mas poderosa. Nenhum dos espíritos inferiores ousava se aproximar. Afastaram-se sem entender o que estava acontecendo.

Era o mentor de Andreia: Aren.

Sua presença não era feita de palavras, mas de vibração. Ele não precisava falar para ser sentido. Bastava estar.

Aproximou-se de sua protegida com ternura, envolveu-a em uma aura de paz. Sua luz tocava o campo emocional da jovem mulher, como quem acaricia uma alma ferida.

— Respire, minha querida — sua vibração ecoou em sua consciência, como um pensamento que nasce do coração. — Você não está só. Mesmo quando tudo parece silêncio, há mãos invisíveis que te sustentam, amparam e fortalecem.

Andreia, sentada no sofá, sentia-se triste, mas não desesperada.

Havia algo dentro dela que a impedia de desabar. Uma força que não sabia nomear. Uma calma que não vinha dela.

— O amor que você carrega é maior do que a ausência que te cerca — continuou o mentor com doçura. — Seu filho é luz. Sua missão é sagrada. E mesmo que o caminho pareça escuro, há estrelasque só brilham na noite.

Ela fechou os olhos por um instante. Sentiu vontade de chorar, mas não de desistir. Lembrou-se do carinho de Milton, das palavras de Tamires, da imagem do bebê no ultrassom. E, por um breve momento, sentiu-se abraçada por algo maior.

— Fortaleça-se, Andreia — continuou o espírito Aren. — Ore. Confie. Tudo o que é verdadeiro permanece. Tudo o que é sombra... passa.

Andreia permaneceu sentada no sofá, envolta pelo silêncio da casa.

Sandro, depois de um tempo, havia se recolhido. Ela sentia o peso da noite sobre os ombros. O coração apertado, a mente inquieta e o corpo cansado.

Sem saber exatamente o que fazer, fechou os olhos. Não tinha palavras decoradas nem fórmulas prontas. Apenas um desejo sincero de ser ouvida.

Mais uma vez, Aren se aproximou com ternura. Sua luz envolvia Andreia como um manto invisível, acolhendo sua fragilidade com amor.

E então, em pensamento, ela falou:

— Deus... eu não sei rezar direito. Mas... se o Senhor estiver me ouvindo... me ajuda. Me dá força. Me dá paz. Me ajuda a cuidar do João. Me ajuda a entender o Sandro. Eu tô tentando... mas tá difícil. Só... fica comigo. Por favor. — Luzes cintilantes caíram do Alto, como uma chuva fina, envolvendo-a.

Uma lágrima escorreu, silenciosa. Seu coração, mesmo ferido, parecia mais leve. Como se aquela pequena prece tivesse aberto uma janela para o Alto.

O mentor sorriu em silêncio, porque não era a eloquência que importava, era a sinceridade. Naquele instante, Andreia havia se conectado com o Pai Criador. Com simplicidade. Com verdade.

O mentor, tanto de Andreia quanto do marido, não podia interferir nas escolhas de Sandro nem impedir os desafios, mas podia sustentar Andreia. Inspirá-la. E isso, naquele momento, era tudo.

As energias sublimes que desciam do Alto, em resposta à prece sincera de Andreia, irradiavam luz e serenidade. O mentor permanecia ao seu lado, sustentando-a com vibrações de paz, como quem protege uma flor em meio à tempestade.

Duane, Nisa e Iseu, ao perceberem a força daquela emanação, recuaram imediatamente. A luz os incomodava. Não era agressiva, mas era firme. E onde há luz verdadeira, a sombra não permanece.

— Ela está fora do nosso alcance por enquanto — rosnou Duane com irritação.

— A prece dela... Mesmo simples, foi poderosa — reconheceu Nisa com desprezo contido.

— Vamos nos afastar. Não podemos tocar em quem está envolvida por vibração superior — disse Iseu já se movendo.

Os três se distanciaram de Andreia, flutuando como névoa pesada até se aproximarem de Sandro, que permanecia no quarto, deitado, imerso em pensamentos desconexos e emoções confusas.

— Aqui, sim — murmurou Duane, pairando sobre ele. — Aqui, ainda temos espaço.

— Ele está vulnerável. Irritado. Cansado. E se sentindo injustiçado — observou Nisa com satisfação.

— Vamos continuar soprando o desânimo, a indiferença, o orgulho — disse Iseu. — Ele ainda nos escuta.

... E a batalha invisível continuava.



A noite se despedia em silêncio, como quem não quer testemunhar o que está por vir. O frio se infiltrava pelas frestas da casa, exigindo não só agasalho, mas coragem.

Tamires, no sofá, envolta em um cobertor e em pensamentos que pesavam como pedras, encarava o relógio com olhos inquietos. A dúvida e a contrariedade se misturavam como névoa em sua mente.

A porta se abriu com um rangido seco. Rômulo entrou, trazendo consigo o cheiro da rua e o peso da ausência.

— Isso são horas, Rômulo?! — explodiu Tamires, largando o cobertor. Sua voz cortou o ar como lâmina. — Não vai dizer nada?! Saiu com uma daquelas... — insultou com veneno — ... lá do seu serviço, foi?!

Ele parou por um segundo, como se decidisse entre o confronto ou o desprezo e respondeu, como se rosnasse:

— Não enche! — falou sem olhar para ela.

— Vê se me respeita! — Tamires avançou um passo, o coração batendo como tambor de guerra.

— Cuida mais da sua vida — disse ele com raiva, desviando-se, como quem foge de um espelho.

— E eu não cuido? — rebateu a esposa com um sorriso torto, mais de dor do que de sarcasmo.

Rômulo riu. Não um riso leve, mas aquele que fere. Virou-se com olhos que não pediam perdão e expressou-se com ironia venenosa:

— Ah!... Esqueci! Cuida sim. Vai todos os dias pra academia com aquelas roupas coladas, mostrando o corpo pra qualquer um!

O silêncio que se seguiu não era ausência de som, era o eco de tudo que não deveria ter sido dito.

Sem resposta, Tamires buscou dizer algo, como quem procura ar em meio ao afogamento. Queria dar a última palavra. Não por orgulho, mas por sobrevivência.

— Veja como fala comigo! Me respeita! — sua voz saiu trêmula, entre raiva e súplica.

Rômulo riu. Não com leveza, mas com escárnio. O som ecoou pela casa, como um tapa invisível.

— Se você se respeitasse... — Zombou, virando-se para outro cômodo da elegante residência onde o luxo contrastava com o vazio que crescia entre eles. — Já estou negociando a venda desta casa. E cuidando do divórcio também.

— Não vou assinar a venda de nada! Não vai ter divórcio nenhum! — gritou, a garganta ardendo, como se cada palavra fosse arrancada com dor.

— Quero ver se não vai! — ele caçoou sem sequer olhar para trás.

Ela o seguiu, os pés descalços tocando o chão frio do quarto, como se cada passo fosse um mergulho no abismo.

Mesmo sentindo um torpor e pensamentos confusos, tentou aclarar as ideias do marido:

— Estão virando a sua cabeça, Rômulo! Fizeram macumba pra você! Seu idiota! — disse com voz embargada, misturando desespero e crença.

— Não é preciso macumba pra se sentir de saco cheio ao seu lado, Tamires! — ele disparou com crueldade calculada. — Uma mulher insuportável como você atormenta qualquer um!

Ela parou. O peito arfava. As palavras dele cortavam como lâminas invisíveis, mas ela não se calou:

— Agora você diz isso! Mas quando começamos a vida juntos, você não tinha nada! — A voz dela cresceu, como quem tenta se manter de pé em meio a um terremoto. — Eu te dei apoio! Você foi estudar porque nem faculdade tinha! Depois fez cursos! Fui eu quem fez você crescer! Se hoje você tem uma profissão e um bom emprego, é graças a mim! — As lágrimas começaram a cair, quentes, silenciosas. Mas ela continuou: — Agora que está por cima... Agora que ganha bem... Não sirvo mais pra você! Sai com qualquer uma! Chega fedendo bebida e perfume barato! Esqueceu tudo o que fiz e o quanto te apoiei nas dificuldades financeiras e profissionais! Enquanto fiz isso, esqueci de mim! Me coloquei em segundo plano! — O quarto parecia menor. O ar, mais pesado, como se presenças invisíveis observassem em silêncio. — Naquela época, você era companheiro, parceiro, amigo! Conversávamos sobre o futuro! Fazíamos planos! Fazia aquilo só porque dependia da minha ajuda para tudo? Não esperava isso, Rômulo! Pensa! Veja o que está fazendo!

— Cala a boca! — ele gritou com olhos que já não a reconheciam. — Do que está reclamando?! Se você me ajudou e incentivou foi porque quis! Não te pedi nada! Você é independente financeiramente. Não precisa de nada. Não dê uma de coitada! E não vai adiantar malhar na academia pra me conquistar! — O silêncio foi cortante. E então, como se quisesse ferir com a última estocada, decidiu: — Quer saber?... Não sou obrigado a dormir aqui, neste inferno com você.

Pegou o paletó, virou as costas e saiu, deixando atrás de si um rastro de ausência.

Tamires deu um grito de desespero. Não um som, mas um rasgo da alma e se jogou sobre a cama. O lençol absorveu seu choro, como testemunha muda. Lá fora, a noite já não existia, mas, dentro daquela alma, o escuro era absoluto.

Do lado invisível da realidade, a vibração da casa se tornava densa. Espíritos inferiores, atraídos pela arrogância e pelo prazer do desrespeito do marido, pairavam, como sombras sorridentes. Não eram enviados por trabalhos espirituais nem inimigos do passado. Apenas espíritos perdidos, sedentos por emoções densas, que encontravam em Rômulo um campo fértil.

Riam. Não com alegria, mas com escárnio, sarcasmo. Alimentavam-se da humilhação, do orgulho ferido, da dor que se espalhava como fumaça.

Enquanto brigavam, um deles, de olhar turvo e expressão zombeteira, aproximou-se de Rômulo e soprou ideias, como veneno suave:

— Ela quer te prender. Mostra quem manda. Você é melhor que isso. Vá embora de casa.

Outro, mais sarcástico, gargalhou ao ver Tamires jogada sobre a cama, o rosto afundado no travesseiro, o corpo tremendo em soluços.

— Olha aí... A rainha caída. Apostou tudo nele. Agora implora por migalhas.

Tamires não era insuportável. Era uma mulher ferida, que havia confiado, amado, construído. Seu desespero não vinha da perda do controle, mas da quebra de um pacto silencioso. Aquele que se faz com o coração quando se escolhe alguém para caminhar junto.

Ela não via os espíritos, mas sentia o peso. O ar parecia mais frio, mais pesado. A dor não era só emocional, era energética. A casa, antes lar, agora parecia um campo de batalha invisível.

E mesmo assim, em meio ao choro, ela murmurou uma prece. Não por vingança, mas por lucidez, por proteção, por força.

— Meu Deus... Me ajuda. Me mostra o que fazer. Me dá paz. Além da minha filha, não tenho mais nada que ame tanto neste mundo... Por isso, Senhor, protege a gente... Me oriente para saber o que fazer... Me deixa sentir Sua proteção e amparo... Estou entendendo que tudo acabou e... Não suporto mais viver assim. Isso está fazendo mal para mim e para a Aline. Não quero me rastejar e ser aquela que impede o destino de se cumprir, mas... Me ajuda a entender e saber o que fazer, Pai... — E, entre lágrimas, fez a oração do Pai-Nosso.

Lá fora, a madrugada avançava. E, no plano espiritual, seu mentor observava a pouca distância.

Tamires permaneceu caída sobre a cama. O corpo sacudido por soluços, o peito apertado como se o ar tivesse se tornado um fardo. Lágrimas escorriam sem controle, mas não eram apenas de dor, eram de frustração, de incredulidade, de um amor que se via traído e desfeito.

No plano invisível, os espíritos inferiores ainda riam, mas agora com menos vigor. Algo havia mudado no ambiente. Um brilho suave começou a se formar no canto do quarto, como uma brisa luminosa que não movia cortinas, mas tocava a alma.

Era o mentor de Tamires. Um espírito sereno, envolto em luz tênue e firme. Não trazia julgamento nem promessas fáceis. Apenas presença. Compaixão. Clareza.

Aproximando-se dela com respeito, como quem se curva diante da dor humana, estendeu a mão, não para tocá-la, mas para envolvê-la em vibrações de paz. E, então, pensou com firmeza, direcionando-lhe um pensamento como quem planta uma semente:

— Filha, você não está sozinha. A dor não é o fim. Respire. Silencie. E escute o que sua alma já sabe.

Tamires, ainda em prantos, sentiu um arrepio leve percorrer-lhe a espinha. Não era frio. Era como se algo dentro dela se aquietasse por um instante. Como se, por um breve segundo, o desespero desse lugar à lucidez.

Ela se sentou devagar, ainda trêmula. Olhou ao redor, como quem pressente algo. E, então, sem saber o porquê, levou a mão ao peito e fechou os olhos.

— Meu Deus... me ajuda a não me perder de mim mesma... — sussurrou.

O mentor sorriu, um sorriso de esperança. A prece, ainda que frágil, era um pedido, um chamado atendido. E onde há prece sincera, há caminho.

Os espíritos inferiores se inquietaram quando a vibração mudou. A dor ainda estava ali, mas agora havia luz. E onde há luz, a sombra não reina com tanta liberdade.



Enquanto os pais brigavam, a filha Aline, de dez anos, sentia-se aterrorizada.

Deitada em sua cama, encolhida, tremia da cabeça aos pés. Sentia algo estranho percorrer seu corpo. Era uma forte descarga de adrenalina que se traduzia em medo, pânico, um pavor inominável. Sentia-se mal. Achava que iria desmaiar, morrer...

O quarto, antes refúgio, agora parecia um cárcere de angústia. Cada grito dos pais atravessava as paredes como flecha invisível, ferindo-lhe o coração, a alma.

Outro espírito inferior, ainda presente, rondava-lhe os sentimentos, como sombra faminta, alimentando-se da aflição que escorria em pensamentos distorcidos.

Atormentada, a garota sentia que o coração apertava e disparava. Era um terrível sofrimento psicológico que não ousava contar para ninguém nem para a própria mãe. Com apenas dez anos, pensava em como se livrar daquilo que sentia definitivamente.

Aline apertava os olhos, tentando conter o choro. Sentia-se sufocada, como se o mundo estivesse desabando sobre ela.

Nos últimos meses, as brigas dos pais deixavam-na confusa, triste e cada vez mais perturbada, apavorada. Por causa disso, suas notas escolares passaram a ser mais baixas, deixando sua mãe insatisfeita e fazendo-lhe cobranças.

Talvez, as discussões com o marido irritavam Tamires a ponto de descontar na filha suas frustrações sem perceber.

Apesar de muito esperta, Aline não sabia lidar com a situação, algo totalmente compreensível devido à pouca idade. Não tinha coragem de conversar com ninguém a respeito. Nem com as colegas da mesma idade.

— Sai agora de casa. Vai embora. Vai! Vai logo! Saia sem sua mãe perceber. Ela está deitada, não vai ver. Nem seu pai liga pra você. Você não tem importância alguma para eles. Você é invisível! — sugeria o espírito sem instrução, que já a acompanhava há algum tempo.

Em seus pensamentos, acreditando serem ideias suas, a pequena Aline tentava criar coragem.

“Vou embora. Vou sair agora. Eles não estão nem aí para mim. Droga! Droga!” — pensava.

— Isso mesmo. Você é um lixo pra eles. Não significa nada — tornou o espírito inferior rindo.

“Não sou nada. Só gritam comigo para que eu faça as coisas que eles querem. Só exigem. Querem que eu seja sempre a melhor. Ou então... Minha mãe acha que só sirvo pra ouvir ela reclamando e falando mal do meu pai! Só levo bronca... Só escuto brigas... Enquanto ele... Nem sabe se

ainda moro nesta casa” — continuou pensando, abaixando ainda mais seu nível espiritual.

— Isso é verdade. Ninguém se preocupa com você. Não perguntam o que sente ou o que acha de alguma situação — tornou o espírito que não era ouvido, mas sentido, cujas ideias se ligavam às dela pelo nível de amargura nos sentimentos.

“Eles deveriam se separar logo pra acabar com esse inferno” — tornou Aline em pensamento.

— Se eles se separarem é bom você correr atrás do seu pai pra pagar a pensão — o espírito riu, criando cenas de abandono futuro. — O melhor é sumir e mostrar para eles que você tem atitude.

Aline sentiu enorme angústia crescer dentro de si. Deitada em posição fetal, encolheu-se mais ainda e chorou.

Seu espírito protetor aproximou-se e dispensou-lhe energias benéficas para revigorá-la, repelindo o outro desencarnado infeliz, que não entendeu o que estava acontecendo, pois não podia ver aquele mentor.

Ensinar sobre Deus e espiritualidade às crianças e aos jovens é mais do que transmitir crenças: é oferecer raízes.

Em um mundo cada vez mais acelerado, repleto de estímulos e distrações, muitas vezes inúteis, a espiritualidade surge como um porto seguro, uma bússola interna que ajuda a entender as emoções, fazer melhores escolhas e enfrentar determinados desafios da vida.

Desde cedo, quando ensinamos que existe algo maior, que existe uma força amorosa, justa e presente, que existe um Deus, Criador de tudo e de todos, estamos cultivando neles a fé, a esperança e o senso de propósito.

A criança que aprende sobre Deus não apenas ora: ela aprende a confiar, a agradecer, a respeitar o próximo e a reconhecer que suas ações têm consequências além do imediato. Com isso, vive menos ansiosa, mais compreensiva e equilibrada.

A espiritualidade também ensina sobre o invisível: sobre sentimentos, intenções, energia, consciência. Ela convida à introspecção, ao autoconhecimento, à empatia e ao amor incondicional. Um jovem que compreende o valor da alma, da conexão com Deus, é menos vulnerável às pressões externas e mais capaz de fazer escolhas alinhadas com sua essência.

Além disso, falar sobre espiritualidade é abrir espaço para perguntas profundas: quem sou? Por que estou aqui? O que é certo? Como posso ser melhor? São essas reflexões que moldam adultos mais conscientes, compassivos e íntegros.

Não se trata de impor dogmas, mas de oferecer caminhos. Mostrar que, mesmo nas noites mais escuras, há luz; que mesmo diante da dor, há sentido; que mesmo quando tudo parece perdido, há uma presença que acolhe, guia e transforma.

Ensinar sobre Deus é ensinar sobre amor. E o amor, quando plantado cedo, floresce para a vida inteira.

Capítulo 07

Quando ninguém ouve seu grito

Nem todo laço de sangue é sinônimo de afeto.

Alguns apertam mais do que sustentam.



Com o passar do tempo, Rogério enfrentava crescentes dificuldades com o temperamento de Giovana, que se tornava cada vez mais intolerante, implicante e, por vezes, desrespeitosa. Não apenas com ele, mas com o lar e com o próprio filho.

Para expressar sua insatisfação, Giovana passou a lançar objetos contra as paredes e o chão, como se testasse os limites da paciência e da tolerância do marido.

Rogério, desgostoso, desejava estar longe de casa, mas permanecia por causa de Fábio. Sabia que, na sua ausência, a esposa descontava suas frustrações no adolescente.

Sempre que tentava se aproximar do filho: conversar, trocar ideias, compartilhar momentos, Giovana surgia como uma sombra, interrompendo, criticando, reclamando. Era como se não suportasse ver qualquer laço de afeto que não a incluísse.

Fábio, no auge da adolescência, recolhia-se cada vez mais. Tornava-se calado, introspectivo, infeliz consigo e indignado com a situação. Não reagia, mas sentia. E sentia profundamente.

Rogério tentava, por inúmeras vezes, conversar com a mulher. Propunha mudanças, buscava entendimento, mas ela recusava qualquer diálogo. Discordava, fechava-se, não demonstrava disposição para transformar a convivência.

Os desafios diários se acumulavam, como pedras no caminho. Rogério se via esgotado, sem esperança. A ideia de separação começou a rondar seus pensamentos. Contudo, sua maior preocupação era com Fábio.

Será que uma separação poderia repercutir negativamente na vida do filho? Ou seria, paradoxalmente, uma forma de protegê-lo do ambiente tóxico que se instalou no lar?

Rogério não saberia responder com clareza.

Ele era tarefeiro dedicado, colaborador assíduo de uma casa espírita que frequentava muito antes de conhecer Giovana. A espiritualidade fazia parte de sua rotina. Não como obrigação, mas como alimento da alma.

Por algum tempo, Giovana o acompanhou às reuniões, ainda como frequentadora discreta. Parecia interessada, receptiva, mas, após o casamento, afastou-se. Alegava que as tarefas domésticas consumiam seu tempo, que não havia espaço para compromissos espirituais.

Com o passar dos anos, não apenas deixou de ir, mas passou a dificultar que Fábio, o filho adolescente, acompanhasse o pai. Sempre arranjava um motivo para impedir: os deveres escolares, o cansaço, a lentidão do garoto, o suposto desperdício de tempo. Brigava, criticava, desestimulava. Para ela,

a casa espírita era uma distração inútil, um lugar onde se perdia tempo que deveria ser dedicado à vida real.

Rogério, por sua vez, sentia o peso da resistência. Sabia que a espiritualidade poderia ser um refúgio para o filho, uma fonte de equilíbrio em meio ao caos doméstico. Mas cada tentativa de aproximação era barrada por Giovana, que parecia rejeitar qualquer espaço que não girasse ao redor de suas próprias frustrações.

Naquela noite em especial, Rogério deixou o lar sob a tempestade emocional provocada pela esposa. O ambiente estava carregado e ele precisava respirar. Dirigiu-se ao centro espírita, como fazia há anos. Não apenas para cumprir sua tarefa de amor, mas também para aliviar os sentimentos conturbados que lhe pesavam no peito. Estava visivelmente abatido.

Ivan, companheiro de jornada e também tarefeiro da casa, percebeu seu desalento e se aproximou com gentileza.

— Tudo bem com você? — perguntou, com olhar atento.

— Tudo sim — respondeu Rogério, forçando um sorriso que não convencia.

— E o filhão? — referiu-se a Fábio com carinho. — Faz tempo que não o vejo por aqui.

— Está estudando. A escola tem exigido bastante... — respondeu, desviando o olhar.

— E a Giovana? Também não a vejo há tempos...

— Está bem — disse, seco, sem saber que desculpa usar para justificar a ausência da esposa. Preferiu não se alongar. — E a Leila? — perguntou, mudando de assunto com rapidez.

— Está se recuperando bem da cirurgia. Ainda precisa de repouso — respondeu Ivan, com um suspiro. — Ela operou há apenas oito dias.

Amanhã vai tirar os pontos. Uma equipe de tarefeiros foi lá em casa aplicar passes nela. Isso a deixou muito feliz. Você sabe... a Leila ama esta casa. Mas ainda não é hora de voltar. Foi uma histerectomia, por causa de miomas grandes. Coitada da minha mulher... — concluiu, com tristeza sincera nos olhos.

— Ainda bem que vocês têm filhos gêmeos que, diga-se de passagem, são dois jovens adoráveis — comentou Rogério, com um sorriso discreto, embora não tenha revelado o contraste doloroso que sentia entre sua própria realidade e a do amigo.

— Hoje, um ficou com a mãe. Não quis deixá-la sozinha. O outro está aí, no curso da Mocidade Espírita — respondeu Ivan, com naturalidade e orgulho sereno.

— Eu gostaria muito que o Fábio estivesse aqui, mas... — disse Rogério, deixando a frase suspensa no ar, como quem carrega um desejo que não se realiza.

— É só uma vez por semana. Tenta convencer o garoto a vir, mesmo que precise dormir um pouco mais tarde pra terminar os deveres. E tem Mocidade também aos sábados — lembrou Ivan, com gentileza, indicando o que seria bom e essencial. Depois, com o olhar firme e o coração cheio de convicção, continuou: — Sabe... precisamos apresentar nossos filhos a Deus desde o berço. Para que, quando as inseguranças, as dúvidas e os problemas que parecem não ter fim chegarem... porque eles sempre chegam, nossos filhos tenham força, fé e coragem. Para que aprendam a não se desesperar, mas a esperar pelas soluções que, cedo ou tarde, virão. A vida exige preparo e esse preparo começa na alma.

Rogério escutou em silêncio, absorvendo cada palavra. Não poderia revelar que a ausência de Fábio não se devia ao jovem, tampouco ao pai. Era a mãe quem sempre encontrava empecilho e atormentava a todos.

Com o coração aberto, continuou ouvindo o amigo dizer:

— A construção de uma mente saudável só é possível com reflexões saudáveis. E essas reflexões estão nos ensinamentos do Mestre Jesus, que a

Doutrina Espírita explica com tanta clareza. Pelo menos para nós espíritas, é assim que sentimos — sorriu Ivan, com humildade. — Não digo que outras filosofias ou religiões não ofereçam alicerces morais e espirituais fortes. Mas, na minha opinião, o Espiritismo tem uma linguagem acessível, acolhedora. A forma pedagógica como Allan Kardec codificou a Doutrina é simples, profunda e libertadora. O Espiritismo, quando bem compreendido, não gera conflito de fé, ele oferece respostas. Não existe fé cega.

— É verdade — concordou Rogério, com um brilho discreto nos olhos. — Só basta querer aprender. Usar os recursos que nos são oferecidos para entender a vida, a razão das dificuldades, treinar a aceitação daquilo que não se pode mudar... e transformar o que nos faz sofrer.

Ivan assentiu. Com um tom mais grave, mas ainda sereno, acrescentou:

— Isso tudo, principalmente para os jovens, é urgente. A sociedade, os grupos, a indústria e tantos outros setores estão, em muitos aspectos, desviando a mente dos nossos filhos. Exigem deles um comportamento específico, agrupam, rotulam, moldam. O mundo está cegando nossas crianças com excesso de estímulo, impedindo que se sintam bem no silêncio, na paz, na tranquilidade... na família, ao lado dos pais, dos avós... Estão fazendo com que nem se perguntem mais sobre Deus, moral, espiritualidade. Tornam-se dependentes da próxima distração digital, mas não dependentes da prece, da oração, do recolhimento. E isso... isso é preocupante.

O silêncio que se seguiu não era vazio, era cheio de significado. Rogério sentia que aquela conversa não era apenas entre dois amigos, mas entre duas almas que compreendiam o valor da fé como alicerce para a vida.

Com bondade e inspiração, Ivan continuou:

— Ninguém mais fala que a Luz de Deus está dentro de nós e para alcançar o Criador precisamos acender essa Luz e que só fazemos isso com a prece. É tanto estímulo digital que o corpo virou uma prisão bioquímica, dependente do próximo vídeo que traz prazer, que traz informações rápidas e inúteis que não serão lembradas em poucas horas. Perda de tempo disfarçada em alegria temporária.

— Isso mesmo — concordou Rogério. — Estamos falando de telas. As pessoas estão mortas para o verdadeiro mundo, para o que é natural. Estão se arrastando com olhos no que é irreal, virtual, distante. Caminhar, comer, rir sem propósito, mergulhar em informações inúteis tornaram-se um vício. Um vício perigoso. As pessoas estão aprendendo, rapidamente, a não viverem com a realidade e, quando se deparam com ela, surtam, não aceitam. A realidade incomoda. Então, buscam desesperadamente por uma fuga. Vejo isso lá em casa... — Rogério comentou, quase sem perceber. — A Giovana não desgruda do celular, de vídeos inúteis. Quanto mais, melhor. De repente, quando observa a realidade... a realidade do serviço doméstico atrasado, das coisas fora do lugar, ela se desespera, tem crises de raiva, briga, xinga, ofende... Eu faço a minha parte, faço o máximo, mas nada está bom, nada sai como ela quer, como ela exige. Um dia desses, lavei muita, mas muita louça que se acumulou até acabarem os pratos, copos e talheres... Não reclamei. Dependendo da situação, creio que isso pode acontecer, mas... Daí, lavei, sequei e guardei tudo. A Giovana estava emburrada, como sempre, pegou um talher para usar e havia algo grudado. Sabe quando você faz fritura e raspa alguma coisa e fica uma crostinha? — O outro acenou positivamente com a cabeça. — Mas era somente naquele talher!... — enfatizou. — A Giovana foi capaz de pegar todas as louças guardadas, colocar na pia e lavar novamente. Lavou falando, brigando, reclamando... Quando eu estava lavando tudo aquilo, ela estava no celular, trocando mensagens com parentes dela.

— Você tentou conversar com ela? — Ivan perguntou timidamente.

— Inúmeras vezes — confessou Rogério. — Não existe diálogo com ela. A Giovana reescreve a realidade e eu sempre estou errado e ela com razão. Não pense que isso é conversando não. Reage sempre de um jeito irritadiço, quando não, é gritando. Ela consegue me deixar com uma exaustão psicológica terrível. Não posso nem respirar perto dela, que a incomoda. O pior é que faz o mesmo com o coitado do nosso filho. Aliás... Estou muito preocupado com o Fábio. Ele está cada dia mais quieto, calado, distante... Tenho conversado, tenho me aproximado, mas... A Giovana sempre estraga tudo. — Longo silêncio após o desabafo. Soltando o ar ruidoso e rapidamente, contou: — Já tentei de tudo. A situação é bem complicada. Sempre que possível, nossa casa vive cheia dos parentes dela. Na frente

deles, ela ri, gargalha, fica toda feliz. Exibe nossa família como se tudo fosse perfeito. Às vezes, me diminui com brincadeiras sem graça... Faz o mesmo com o Fábio. Estou pensando em me separar, mas... Fico muito preocupado com meu filho. Muito! Como será se eu não estiver mais ao lado dele? Como ele vai conviver com ela sem mim?

— Separação é algo tão sério quanto casamento — tornou Ivan. — E se vocês fizessem terapia de casal? Talvez um psicólogo, como mediador, pudesse fazer com que ela se veja, se enxergue no relacionamento.

— Já propus. Ela não aceita. Eu fiz psicoterapia sozinho e... Deu em nada, porque não encontrei como melhorar o relacionamento sem que ela quisesse, também. O problema é que a Giovana não aceita conversar. Só ela tem razão. Só ela conversa. Só ela está certa. Vive irritada e é amarga com as palavras... — No instante seguinte, considerou: — Nossa, Ivan... Desculpe. Não queria falar sobre isso e... Você já está tão preocupado com a Leila e eu te trazendo problemas.

— Não. Não está me trazendo problema nenhum. Estou te ouvindo e considerando um desabafo da sua parte. — Observando o outro, comentou: — Você sabe como a irritação, a raiva, a insatisfação, a crítica atraem espíritos inferiores e desenvolvem processos obsessivos, não é?

— Sim. Sei.

— Lógico que somos nós quem começamos a ter uma insatisfação aqui, uma irritação ali... outra queixa lá... Coisas pequenas, mínimas... Daí, com o tempo, começamos a ter energias e incentivos espirituais de obsessores, de espíritos brincalhões e irresponsáveis que se unem a nós e começam a nos encorajar a falar mais e mais daquilo. Nos estimulam a mais queixas, reclamações, críticas... Não bastasse, nos induzem a nos expressarmos com intensidade, com veemência, raiva extrema... E para esses espíritos, quanto mais, melhor. Eles nos motivam de forma que não percebemos, dizendo em nível de pensamento: "Se você não se expressar com mais intensidade, ele não vai entender o que você quer!" — explicou Ivan.

— Exatamente. E o pior, a Giovana sabe como isso funciona. Tem consciência de como os espíritos inferiores agem para nos desestabilizar e

nos fazer perder essa oportunidade de vida, atrasando nossa evolução.

— Vejo gente, alguns espíritas, dizerem: “não deu para eu me corrigir desse defeito, vou deixar para a próxima encarnação”. Dizem isso como se reencarnar fosse algo fácil. Não, meu caro. Exige todo um planejamento que não é fácil. Não é qualquer um que pode ser seus pais, seus irmãos... Tem de haver motivo para você reencarnar em meio a determinadas pessoas, família, país, época... Não é fácil assim. Tem coisas como: hábitos e vícios, falhas e imperfeições morais que são tão fáceis de mudar e muitos adiam. Quando desencarnam, na espiritualidade, ficam arrependidos por não terem conseguido, não terem se esforçado e necessitarem de novas provas e expiações para se corrigirem. Retornam à espiritualidade envergonhados por perderem a chance.

— Já falei isso para a Giovana, mas... A minha maior preocupação é o Fábio. Os pais sempre são responsáveis pela saúde espiritual do lar que, consequentemente, resulta na moral e equilíbrio dos filhos.

— Ivan, Rogério... Estava procurando vocês — expressou-se outro amigo, sorridente.

Os dois pararam de conversar para saber o que esse outro tarefeiro precisava.



Ao chegar à sua casa, Rogério foi recebido com a fúria costumeira.

— Onde você estava?! Olha a hora! — disparou Giovana, com voz cortante e olhos inflamados.

— Fiquei conversando um pouco mais com o Ivan e o Mário, depois da palestra. Nós... — tentou explicar, porém foi interrompido.

— E você não tem casa, não?!

— Tenho, Giovana, mas, às vezes, a gente precisa conversar com outras pessoas. Relaxar, conviver, ajudar...

— Deu pra mentir agora?!! Que conversa mais idiota!!! — ela vociferou, sem oferecer trégua, como se cada palavra fosse uma flecha lançada.

No plano espiritual, o ambiente do lar estava tomado por espíritos arruaceiros atraídos pelo comportamento mental, verbal e físico da mulher. Alguns riam, zombando da cena como espectadores de um espetáculo sombrio. Outros se aproximavam de Giovana, soprando-lhe ideias de irritação, intolerância, descontrole. Ela não os via, mas sentia e reagia como marionete de emoções densas.

As agressões verbais se estenderam por longos minutos. Rogério, já exausto, tentou manter a calma, mas a pressão era insuportável. Até que, num impulso de dor e indignação, reagiu:

— Cala a boca, Giovana!!! — gritou, com voz firme e olhos vidrados. — Tenha um pouco de bom senso! Você está cada vez mais insuportável!

A esposa, tomada por uma raiva que não era só dela, gritou ainda mais alto. E, num gesto impulsivo, rasgou a própria blusa, como se quisesse dramatizar o conflito, provocar e ferir ainda mais o marido.

Rogério não respondeu. Virou as costas e foi para o quarto, deixando-a sozinha com seus gritos e os espíritos que a influenciavam. Sentou-se na cama, o corpo pesado, a alma em frangalhos. Escutava os gritos ao longe, através da porta e paredes, como quem ouve o eco de uma vida que já não reconhece.

Naquele instante, pensou em ir embora. Sair de casa. Não voltar mais. A ideia parecia libertadora, mas também dolorosa.

Foi então que seu mentor espiritual se aproximou. Envolto em luz serena, irradiava paz. Não falava com palavras, mas com vibrações que tocavam o íntimo. E, num sopro de inspiração, Rogério ouviu com clareza:

— Não vá. Fique. Sua presença é importante aqui.

Aquelas palavras não vinham da razão, mas da alma. Rogério fechou os olhos, respirou fundo. Sabia que sua missão ali ainda não havia terminado. E que, mesmo em meio ao caos, havia propósito de ele estar ali.

No mesmo instante, em seu quarto, o jovem Fábio ouvia os gritos da mãe, que também atravessavam as paredes e a porta. Tentou abafá-los com fones de ouvido e música alta, mas os berros de Giovana pareciam vencer qualquer barreira. A vibração da casa estava pesada e sufocante.

Tomado por uma irritação que crescia como fogo descontrolado, Fábio começou a andar pelo quarto, desorientado.

Deu socos na mochila, como se quisesse descarregar uma raiva que não sabia nomear. Caminhou de um lado para o outro, com os olhos marejados e o coração em turbilhão. Estava infeliz, insatisfeito, revoltado e não sabia como sair daquele estado.

Ao seu redor, no plano invisível, espíritos inferiores se aproximavam e ficavam em torno de sua alma ferida. Riam, caçoavam, alimentavam-se da energia densa que emanava do garoto. Não podiam ser vistos nem ouvidos, mas eram sentidos. Fábio captava suas vibrações como quem absorve um veneno sem perceber.

Aquelas presenças não criavam a dor, apenas a amplificavam. Sussurravam ideias de desprezo, de abandono, de raiva. E o jovem, sem saber, sintonizava-se com elas. Sua mente, antes saudável, agora se tornava campo vulnerável, exposta às influências que distorciam sua percepção da realidade.

Era um momento crítico. Um instante em que o desequilíbrio emocional abria portas para forças que não desejavam cura, mas conflito.

— Vai, infeliz! Se mata! Vai logo! Acaba com isso logo! — envenenava um dos espíritos presentes, enquanto gargalhava. — Abre essa janela, vamos! Abre logo!

O jovem sentia-se sufocado. Era como se o quarto fosse pequeno demais e muito abafado.

Ele deu algumas cabeçadas na porta do armário e depois um murro.

Ninguém notou.

Os pais estavam em outro ambiente e preocupados demais para dar atenção àqueles barulhos secos.

O rapazinho foi até a janela e a abriu. Olhou para a rua, para baixo e viu a movimentação dos carros.

— Fábio, saia daqui — seu mentor de luz orientou. — Saia deste quarto — inspirava-o, quase exigindo.

Mesmo sem ser ouvido, o mentor do jovem procurava, seguidas vezes, envolvê-lo para se preservar, mas as suas vibrações sublimes enfrentavam dificuldades contra a barreira de energia mental do próprio protegido, que era de irritação, raiva, indignação e revolta.

Os pensamentos do jovem estavam fora de uma faixa vibratória que pudesse ser receptiva às ideias de seu mentor.

— Você é um monte de lixo, moleque! Não presta para nada! Nem deveria ter nascido! — gargalhava outro espírito inferior.

— É!!! Você só serve de saco de pancada! Só serve pra receber críticas! Também... horrível como é!

— Você é um monte de estrume! Um infeliz que só é dependente e dá trabalho pros outros!

— A vida não vale nada pra você!!! Abre essa janela e pula!

Vários espíritos inferiores zombavam, riam e se divertiam com o sofrimento do jovem.

Angustiado, desesperado, Fábio chorou e mesmo estando sozinho, sentia-se envergonhado, como se o choro representasse fraqueza.

Num impulso, foi até a janela, passou uma das pernas para o lado de fora, deixando a outra para dentro do quarto, enquanto segurava nas laterais. Sentiu o vento frio da noite soprar em seu rosto ao mesmo tempo em que olhava para o vazio além da janela aberta. Não conseguia prestar atenção no barulho distante da cidade.

Sentia-se só, isolado do mundo, como sempre se sentiu. Aquela solidão era o que o destruía mais. Por um instante, recordou do abandono que o perseguia. Na escola, desde sempre, ninguém se aproximava dele. Turmas se reuniam contando como tinha sido a festa, o passeio, o baile a que ele nunca foi convidado.

Foram muitas lembranças... Só recordações deprimentes...

Olhou para baixo e viu os faróis dos carros e, a distância, as luzes trêmulas pulsando.

Vultos de pessoas indo, vindo e ele, andares acima, lutando contra o peso da desesperança, do vazio, da solidão, do abandono.

Fábio, apenas quinze anos, respirava fundo sentindo o peito apertado. Sentindo uma dor imensurável em seus sentimentos.

O desprezo de sua mãe, que só exigia e gritava sem compreendê-lo, sem querer saber o que verdadeiramente ele pensava ou sentia, destruía-o até na memória.

Recordou-se de seus tios e primos, parentes de sua mãe, que faziam críticas camufladas, brincadeiras estúpidas quando falavam de seu jeito quieto, envergonhado, desengonçado... Jeito que não tinha jeito.

Com uma perna passada pela janela, ele respirou fundo, novamente, e se inclinou para frente, deixando os dedos escorregarem das laterais, onde se prendiam.

Seus olhos vaguearam no horizonte, mas, por um segundo, Fábio hesitou, recebendo em sua mente a forte lembrança de seu pai, projetada por seu mentor.

A imagem do pai, em momentos de carinho, de proteção, de presença, invadiu seu coração, como um raio de luz em meio à escuridão e tocou sua alma.

Para o mundo, talvez, ele não fizesse falta. Contudo, para seu pai... Isso o deteve por alguns instantes.

Mas o que seu pai poderia fazer por ele? Se houvesse algo a ser feito, atitude a ser tomada, seu pai já a teria realizado.

Imaginou um futuro sombrio somente de escuridão e dor.

Não suportava mais aquela dor, aquele vazio, aquela incerteza, aquele abandono. Mais uma vez, ele pensou no pai.

Um barulho na porta e Fábio se virou.

Num impulso, num gesto tão rápido que nenhum dos dois conseguiu explicar, Rogério correu poucos passos, agarrou o filho pela cintura e o puxou para dentro do quarto.

Ele não soube como nem por que seu pai entrou ali.

Assombrado, Rogério percebeu que ele era a única âncora que o filho tinha.

Ambos ficaram no chão por algum tempo.

Corações acelerados e corpos abraçados.

Fábio chorou escondido e Rogério decidiu não fazer perguntas, crítica ou qualquer comentário naquele momento.

Movendo forças do fundo da alma, não exibiu seu desespero. Encarou o filho com olhos lacrimosos, repleto de amor.

Nenhuma cobrança. Nenhum julgamento ao filho. Apenas compreendeu.

Aquele não era o momento.

Mesmo aflito, Rogério agradeceu, em pensamento, pela oportunidade de resgatar Fábio, entendendo que o filho precisava mais do que aquilo.

Levantando-se, estendeu a mão e o ajudou a se levantar. Com tranquilidade, perguntou:

— Você está bem? — seu tom de voz era brando e o olhar passava compreensão.

O jovem balançou a cabeça positivamente e foi para perto da cama onde se sentou.

O vento frio ainda invadia o quarto.

Ter o pai ao lado, daquela forma, mexeu com o coração de Fábio. Ele estava em choque. Não esperava ser interrompido naquele momento vulnerável. Contudo, sentiu a segurança que o pai representava. Seus sentimentos reprimidos se transformaram em armadura, que a atitude e presença de Rogério quebraram.

Estavam ensurdecidos para o falatório de Giovana, que não imaginava o que acontecia.

— Amanhã você tem aula importante? — Rogério quis saber.

— Tenho — murmurou, sem encará-lo.

O pai respirou fundo e decidiu:

— Pega umas roupas, coloca numa mochila... Pega suas coisas da escola também.

— Pra quê?

— Vamos, só nós dois, passar a noite em outro lugar. Pegue seus documentos. Entendeu?

— Passar uma noite?... Pra fazer o quê?

Rogério ofereceu um meio-sorriso e respondeu:

— Vamos fazer uma aventura. Topa?

— Tá bom.

O pai foi até a janela e a fechou. Depois disse:

— Pode começar a pegar suas coisas. Vou ficar aqui esperando — sentou-se na cama e o jovem se levantou. Ao vê-lo terminar, pediu: — Vem comigo pro meu quarto, que vou arrumar minhas coisas também.

Minutos depois...

— O que são essas bolsas? Pra que isso a essa hora? Onde vocês pensam que vão?! — Giovana exigiu saber.

— Eu e o Fábio tínhamos combinado uma pequena viagem só de pai e filho. Amanhã ou depois, estaremos de volta. Não se preocupe. Mando mensagem — disse Rogério já perto da porta que abriu, colocando o filho para fora e saindo em seguida.

A mulher, irada, ficou berrando sozinha.

Capítulo 08

Quando o passado visita o presente

Às vezes, Deus não fala com palavras.

Ele fala com encontros.



Rogério se hospedou com o filho em um hotel típico para pessoas a serviço e viagens a trabalho, bem-conceituado.

Fábio estranhou a atitude do pai, mas não disse nada. Ainda se sentia confuso.

Compraram lanches e comeram tomando refrigerantes, enquanto conversavam sobre o programa que passava na TV e, percebendo que o filho não estava com sono, decidiu perguntar:

— O que foi que aconteceu, Fábio?

O jovem fugiu o olhar e demorou muito tempo para responder. Tempo que foi aguardado, sem cobranças e com extrema paciência, pois há curas que

começam com uma escuta. Há luzes que se acendem com um gesto. E Rogério esperou...

— Ah... Sei lá. Tô de saco cheio.

— Do quê? — indagou o pai, paciente.

— De tudo...

— Tudo o quê? — Rogério insistiu em tom brando.

— Ah... Tudo. Dos bullyings na escola, da mãe lá em casa falando sempre a mesma coisa... Não faço nada certo. Ela só me critica, critica, critica... Nunca para de reclamar de mim. Não sei o que fazer. Não presto pra nada. Quis desistir de tudo e... — escondeu o rosto. Sentiu vontade de chorar.

— Eu também estou incomodado com o que sua mãe faz.

— Ela nunca tá feliz com a gente, pai. A mãe sabe ficar feliz, rir, falar de modo gentil, ser agradável só com os parentes dela por perto. Olha como ela fica toda animada e divertida quando a tia ou o tio estão lá. Tudo o que eles falam tem graça, é hilário! — ressaltou. — Ela só sabe elogiar a família dela. Só os meus primos prestam, são inteligentes, educados, sabem fazer isso ou aquilo. Só eles têm valor. Ela só me critica. Até quando eu tô certo, pra ela, tô errado. Pra que eu sirvo, então? É uma luta dentro de mim, sabia? — fez breve pausa, mas logo continuou: — Na escola, é um saco. Não tenho amigos nem colegas. Cada dia é um enchendo o saco. Vivo sozinho. Sou o cara mais zoado! Nunca fui convidado pra nada! Até os professores... Já vi uns caras tirando com a minha cara e os professores rindo de cabeça baixa. Pra que eu sirvo, pai? Pra quê? — Não esperou que o pai respondesse e contou: — Outro dia, perguntaram a religião de todos na sala. Quando falei que era espírita, passaram a me chamar de obsessor. Agora, só me chamam de obsessor! — chorou. Secou os olhos com as mãos. — Sabe o que eu ouço agora?! — Não esperou por uma resposta. — O que ouço é: “Olha, lá vem o obsessor! Sai de perto, obsessor! Joga sal nele! Joga água benta!”

O silêncio foi longo. Quando Rogério sentiu que ele não diria mais nada, perguntou:

— Por que não me contou isso antes?

— Ah... Pra quê? Se em casa, o pai não consegue fazer a mãe parar de falar tanta coisa pra mim, vai fazer o que na escola?

— É diferente. — Esperou um instante e disse: — Incontáveis vezes, eu tentei explicar para a sua mãe que a forma como ela fala e age é ruim, é prejudicial e nos machuca. Não é que não fiz nada. Você não presenciou nossas conversas, minhas tentativas de melhorar a convivência em casa. — Respirou fundo e prosseguiu: — Sua mãe não era assim, quando nos casamos. Não sei explicar o que aconteceu.

— Tudo o que ela fala... A maneira como ela fala... Dói na gente. Não sei o que ela quer de mim! Ela só exige!

— As pessoas infelizes consigo mesmas têm muitas sugestões e palpites para dar na vida dos outros. Elas sempre têm críticas a fazer. Resumidamente é isso.

— Mas... E aí? Temos de tolerar? Temos de aturar e viver infelizes por causa dessa pessoa infeliz? Prefiro morrer!

— O suicídio só agrava sua condição. Vai ter de ser responsável pelo dano que causou ao seu corpo, que foi emprestado para essa vida, para passar por essa experiência terrena. Vai passar por experiência difícil no plano espiritual e ainda retornar, sabe-se lá quando, com nova expiação bem comprometedora e seguir de onde parou e...

Rogério olhou para Fábio com ternura e firmeza. Sabia que o momento exigia mais do que conselhos, exigia verdade, acolhimento e luz.

— Filho, eu sei que, às vezes, a dor parece maior do que tudo. Que o mundo parece não te ouvir, que a solidão grita mais alto do que qualquer palavra. Mas quero te dizer uma coisa que aprendi com o tempo, com a vida e com a espiritualidade: o suicídio não é libertação. É prisão. Não é fim da

dor. É prolongamento dela. — Fábio abaixou os olhos, como quem ouve algo que já pensou em silêncio. Rogério continuou: — A Doutrina Espírita nos ensina que a vida continua. Que o espírito não morre com o corpo. E quando alguém interrompe a própria existência, não escapa do sofrimento, apenas o transfere para outra dimensão onde a consciência pesa, onde o arrependimento dói, onde o desequilíbrio se intensifica. O espírito que comete suicídio acorda do outro lado com a mesma dor e até mais intensa, mas sem o corpo para buscar ajuda, sem os recursos da matéria para se reerguer. Isso não é castigo, filho. É consequência. A vida é sábia e tudo tem propósito. Mesmo a dor. Principalmente a dor. É ela que nos ensina, que nos transforma, que nos aproxima de Deus quando a enfrentamos com coragem e resignação.

Fábio respirou fundo. Rogério se aproximou, tocou seu ombro com carinho e o acolheu com palavras carinhosas:

— Você não está sozinho, meu filho. Nunca esteve. Nem quando se sente invisível, nem quando acha que ninguém se importa. Há espíritos de luz que te acompanham, que te inspiram, que lutam por você. E eu também estou aqui. Como pai. Como amigo. Como alguém que acredita em você. — Fez breve pausa. — A vida é difícil, eu sei. Mas ela é preciosa. E cada dia que você escolhe continuar é uma vitória sobre a escuridão. É um passo em direção à luz que já existe dentro de você.

Quando percebeu que Fábio estava mais atento, Rogério se aproximou com delicadeza. Sabia que aquele momento exigia palavras sinceras, mas também acolhedoras.

— Sabe, Fábio... Se temos pessoas difíceis na vida como sua mãe ou os colegas da escola que te provocam... é porque há algo em nós que precisa ser trabalhado. Essas situações não são castigos, são convites ao crescimento de renovação, de mudança.

— Mas o que exatamente? — perguntou o garoto com olhos curiosos e um pouco cansados.

— Eu também não sei ao certo. Estou descobrindo junto com você. Talvez seja aprender a se posicionar, a fazer valer sua opinião. Talvez seja

desenvolver coragem para enfrentar ou, em alguns casos, ter sabedoria para se afastar. Às vezes, o que precisamos é de um desligamento emocional... Parar de dar importância ao que não nos constrói e não agrega nada. Talvez seja isso que você precise fazer na escola. Não se deixar atingir por palavras vazias. Focar nos estudos, no que te fortalece. Focar na sua evolução. — Rogério fez uma pausa, deixando espaço para que o filho refletisse. Depois, continuou com voz serena: — Não importa o que fizeram com você, filho. Não interrompa a sua evolução por causa disso. A vida é sua. E o seu futuro pode, sim, governar o seu presente desde que você olhe para ele com clareza e comece a construí-lo agora. Cada passo que você dá hoje é um tijolo no caminho que vai te levar até onde deseja estar. Você vai se movimentar agora para ter, no futuro, aquilo que quer. E isso é bonito, sabe? Porque mostra que você não é refém do que te machuca. Você é autor da sua história. Entendeu?

— Entendi... Mas não é fácil — murmurou Fábio com os olhos baixos.

— E quem disse que seria? — tornou Rogério, sorrindo com ternura. — Se já tivéssemos desenvolvido a perseverança e o posicionamento, não precisaríamos passar por certas experiências nesta vida. Cada desafio que enfrentamos é uma oportunidade de crescimento espiritual. Nada é por acaso. Nem as pessoas difíceis nem os ambientes hostis.

— Mas como eu vou me desligar emocionalmente dos garotos da escola? Eles me provocam o tempo inteiro.

— Treino, filho. Tudo na vida é treino. Você não precisa se tornar frio, mas precisa aprender a não se deixar atingir. Foca nos seus estudos, na sua evolução. Lembra o que viemos fazer aqui: crescer como espíritos. Não importa o que façam com você. Não interrompa sua caminhada por causa disso.

Fábio pensou por um instante, depois olhou para o pai com um misto de dor e indignação ao perguntar:

— E por que a mãe não treina ser menos irritada? Menos nervosa? Por que ela não treina ouvir a gente? Ser mais gentil, menos crítica?

— Porque ela não quer — respondeu Rogério com pesar. — É o livre-arbítrio dela. É uma escolha. E é uma pena... Ela está perdendo uma grande chance de ser alguém melhor, mais evoluída. Perdendo a chance de conviver bem ao nosso lado. Simples assim.

— E o que o pai vai fazer com a mãe? Vai deixar que ela continue maltratando a gente?

Rogério suspirou fundo. O momento havia chegado.

— Não sei como te dizer isso, mas... — Fez uma pausa, buscando as palavras certas. — Eu quero me divorciar da sua mãe.

Fábio arregalou os olhos e, num impulso sincero, respondeu:

— Eu fico com você! — disse com firmeza, quase aliviado.

— Mas... — Rogério ficou sem palavras, surpreso com a reação.

— Demorô, pai! Não tem mas. Eu não fico com ela. Eu fico com você!

Naquele instante, Rogério sentiu que, apesar da dor, havia também um caminho. E que, mesmo em meio às rupturas, o amor entre pai e filho poderia ser a ponte para um novo começo.

— Pensei que isso seria um problema para você, Fábio — disse com voz cautelosa, como quem pisa terreno delicado.

— O problema seria eu ficar com ela. De jeito nenhum! Não quero! — respondeu o garoto com firmeza surpreendente. Havia dor em sua voz, mas também decisão.

— Não sei exatamente como isso funciona... — continuou o pai, pensativo. — Mas acho que você será ouvido pelo juiz para saber o que você quer e... Ele vai decidir com quem você vai ficar.

— Não tem conversa. Eu fico com você — reafirmou Fábio sem hesitar.

Rogério sorriu emocionado. Aproximou-se com o coração apertado, mas cheio de amor.

— Eu aceito. Claro que aceito. Não vai ser fácil para nós dois. E eu não vou te dar moleza, mas... eu também quero muito que você fique comigo, filho.

O abraço que se seguiu foi mais do que físico, foi um abraço de almas. Fábio o retribuiu com intensidade, como quem finalmente encontra abrigo. Naquele instante, não havia dor, nem dúvida, nem medo. Apenas a certeza de que, mesmo em meio ao caos, o amor ainda era um lugar seguro.



Na manhã seguinte, Rogério chegou à empresa com o filho ao lado.

Fábio, de apenas quinze anos, parecia carregar nos ombros um peso maior que sua idade permitia.

Ao avistar Andreia, presidente da indústria têxtil, Rogério pediu um momento em particular.

— Perdoe-me por trazer o Fábio hoje. Ele está atravessando um período muito delicado e... Achei que um ambiente diferente poderia ajudá-lo a respirar melhor — disse com a voz entrecortada por uma preocupação que transbordava dos olhos.

Andreia, com olhar acolhedor, inclinou levemente a cabeça e perguntou:

— Posso saber o que está acontecendo?

Rogério hesitou por um instante, como quem busca coragem nas próprias palavras, mas contou:

— Em casa... as coisas estão difíceis. Minha esposa, Giovana, mãe do Fábio... tem se mostrado cada vez mais irritada, impaciente. Grita por

qualquer motivo, vive nervosa e... tem sido dura demais com nosso filho. Ao mesmo tempo, ele sofre bullying na escola. Ontem à noite... — Sua voz falhou. Ele respirou fundo, tentando conter a emoção. Por fim, prosseguiu: — Entrei no quarto e... ele estava na janela, tentando se lançar do décimo quarto andar. Corri e o segurei... — disse com os olhos marejados e acabou revelando cada detalhe do que viveram. Contou que, após o ocorrido, saiu de casa com o filho e foram para um hotel, buscando abrigo na madrugada.

Andreia levou a mão ao peito, puxando o ar pela boca, como quem tenta conter o espanto diante de uma dor tão profunda.

— Fiquei em choque... — continuou Rogério. — Mas, diante dele, precisei ser firme. Fábio precisava de um porto seguro, de alguém que o fizesse acreditar que ainda havia chão sob seus pés. Por dentro, eu estava despedaçado. Mas, por fora, fui abrigo. Deixamos Giovana gritando sozinha. Fomos para o hotel. Conversamos até o amanhecer. Não tive coragem de mandá-lo à escola hoje. Por isso, eu o trouxe comigo.

— Entendo... fez bem. Mas... como um jovem pode chegar a esse ponto? — murmurou Andreia ainda tomada pela comoção.

Rogério olhou para o horizonte, como quem busca respostas além da matéria.

— Não sei qual é sua crença, Andreia... mas eu acredito que há forças invisíveis que nos cercam. Acredito em ataques espirituais, em influências que se aproveitam da fragilidade emocional de algumas pessoas. E quando a estrutura familiar está comprometida, quando o lar deixa de ser templo e se torna campo de batalha... Essas forças encontram espaço para atuar. Nosso lar está desequilibrado. Eu tento manter a harmonia, mas Giovana... ela não permite que Fábio se aproxime da espiritualidade, de grupos que falam sobre fé, sobre perseverança, sobre o sentido da vida. E isso... Isso o deixa ainda mais vulnerável, sem rumo.

Andreia permaneceu em silêncio por alguns segundos, absorvendo cada palavra. Escutando não apenas com os ouvidos, mas com a alma.

Rogério prosseguiu, agora com um tom mais sereno, como se estivesse desabafando com o próprio universo.

— Sabe, Andreia... Eu fico pensando em como seria diferente se o Fábio tivesse crescido com mais contato com a espiritualidade. Não falo de doutrinas rígidas nem de imposições. Falo de Deus. De Jesus. De valores que elevam o espírito e acalmam o coração. Se, desde pequeno, ele tivesse aprendido que há algo maior que nos guia, que nos sustenta... Talvez, diante da dor, ele soubesse onde buscar abrigo. — Fez uma pausa. Andreia o observava com olhos marejados, lembrando-se da própria dor. E Rogério continuou: — A adolescência é um terreno fértil, mas também vulnerável. É quando o espírito começa a se perguntar sobre o sentido da vida, sobre quem é, sobre o que sente. Se não há luz nesse caminho, qualquer sombra parece um abismo. Ensinar sobre espiritualidade nessa fase é como acender uma lanterna na escuridão. É oferecer ao jovem uma bússola para os dias em que tudo parece perdido.

— Concordo... — disse Andreia com voz baixa, respirando fundo. — É como plantar raízes profundas para que o vento não leve a árvore...

— Exatamente — ele alegrou-se por vê-la entender. — Quando se conhece Jesus, não como figura distante, mas como amigo da alma... Quando se entende que Deus não está apenas nos templos, mas também no silêncio, na consciência, no amor... Então, mesmo nos momentos mais difíceis, há força. Há ânimo. Há esperança. — Rogério olhou para o filho, que aguardava sentado em uma poltrona próxima, distraído com um livro. — Eu quero que ele saiba disso. Que ele não está sozinho. Que há uma luz que nunca se apaga, mesmo quando tudo parece escuro. Que há mentores espirituais que o amam, que o inspiram, que o sustentam. Que a vida é maior do que os problemas. Que há propósito, mesmo na dor.

Andreia respirou fundo, tocada pela profundidade daquelas palavras. Emocionada, falou:

— Talvez... Talvez esse momento seja o início de uma nova jornada para vocês dois. Uma jornada de cura, de reencontro com o que é sagrado: a vida.

Rogério sorriu pela primeira vez naquela manhã.

— É o que eu espero. E é o que eu vou buscar.

— Então... Fica tranquilo, Rogério — disse Andreia com um sorriso que misturava leveza e firmeza. — Vou fazer do dia do Fábio uma jornada de distração e encantamento. Eu mesma vou guiá-lo pela indústria têxtil, mostrar cada canto, cada engrenagem que transforma fio em sonho.

— Não! De jeito nenhum — reagiu Rogério surpreso. — Ele pode ficar comigo. Já conversamos sobre isso.

— Não será incômodo, eu prometo. Na verdade, será um alívio para mim também. Estou inquieta hoje... Amanhã farei um exame de Ecografia Fetal e, por algum motivo, isso tem me deixado estranhamente ansiosa. Há algo que me incomoda que não sei nomear. Por isso, quero ocupar a mente com algo leve, algo que me conecte com o presente e... — disse, sem concluir a frase, como quem guarda um sentimento profundo entre as palavras. — Deixa meu marido e os outros diretores cuidarem da empresa hoje. Eu vou ficar com o Fábio. Ah, deixa comigo! Quero mostrar a ele como tudo funciona aqui — completou com brilho nos olhos, como quem encontra propósito em oferecer acolhimento.

Rogério, ainda hesitante, cedeu diante da generosidade que transbordava de Andreia.

E assim, com entusiasmo quase juvenil, ela conduziu Fábio por cada setor da indústria. O jovem, inicialmente tímido, foi se abrindo aos poucos, encantado com os detalhes, com o ritmo das máquinas, com a sinfonia silenciosa da produção.

Na área fabril, área de produção, vestiu o capacete com orgulho, como quem assume um papel importante naquele universo novo. Seus olhos curiosos absorviam tudo e sua atenção às explicações de Andreia revelava um espírito sedento por sentido.

Ela, por sua vez, falava com ternura, como quem não apenas ensina, mas também semeia esperança. Em cada gesto, havia um cuidado sutil, como se

soubesse que aquele passeio não era apenas uma distração, era um resgate. Um reencontro com a vida, com a beleza das pequenas coisas, com a possibilidade de sorrir mesmo após a tempestade.

Naquele dia, entre fios e tecidos, entre máquinas e histórias, Fábio encontrou algo que não sabia que procurava: um instante de paz. E Andreia, sem perceber, também se reconectava com algo maior, com a força silenciosa da maternidade, com a espiritualidade que se revela nos gestos simples, com a certeza de que, mesmo em meio às inquietações, há sempre espaço para o amor em ação, para doar-se de alguma forma.



Andreia caminhava pelos corredores da empresa com o coração mais leve.

A manhã ao lado de Fábio havia dissipado os pensamentos inquietos sobre o exame que faria no dia seguinte. Descobriu, naquele gesto de acolhimento, uma verdade silenciosa: quando nos propomos a ajudar alguém, nossos próprios fardos se tornam mais leves. A alma se expande e o que antes parecia pesado se dissolve na luz do serviço ao próximo.

Cuidar do outro, muitas vezes, é o caminho mais curto para cuidar de si.

Antes de partir, passou pela seção comercial onde Rogério costumava trabalhar, mas ele e o filho já haviam ido embora. O ambiente estava tranquilo, quase silencioso, exceto por um detalhe que não escapou ao olhar atento de Andreia.

Kátia, a assistente, estava sentada à mesa, com os olhos vermelhos e a expressão encolhida, como quem tentava esconder uma dor que transbordava.

— Tudo bem com você? — perguntou Andreia com simplicidade e ternura.

— Sim... — respondeu Kátia, num fio de voz, desviando o olhar, temendo ser vista por dentro.

— Não é o que parece — disse Andreia, aproximando-se com delicadeza, como quem não invade, mas acolhe.

— Ai... Desculpa — murmurou a moça, procurando conter a emoção.

— Desculpa do quê, Kátia? O que aconteceu? — Andreia puxou uma cadeira e sentou-se ao lado dela, com o coração aberto. — O que você tem?

— Não é nada...

— Se não fosse nada, não teria chorado. Nem estaria trêmula desse jeito. No que eu posso te ajudar? — insistiu Andreia, com bondade genuína, como quem oferece não apenas palavras, mas presença.

Naquele instante, o tempo pareceu desacelerar. O ambiente industrial, antes marcado por máquinas e metas, transformou-se em espaço sagrado onde duas almas se encontravam em silêncio e o amor ao próximo se manifestava em sua forma mais pura: o cuidado.

Andreia sabia no íntimo que, às vezes, o que salva alguém não é uma solução imediata, mas o simples gesto de ser visto, ouvido, acolhido. Porém, ainda ignorava que, muitas vezes, é ali que a espiritualidade se revela. Não nos grandes discursos, mas nos pequenos encontros onde o coração se dispõe a servir.

— Quer conversar? — perguntou Andreia com voz suave, como quem oferece compreensão e conforto.

— Não é nada importante... É que recebi uma mensagem que... — Kátia não completou. Olhou para o relógio, procurando escapar pelo tempo. — Já deu o horário. Melhor eu ir embora.

— Seu irmão virá te buscar?

— Hoje, não — respondeu já em pé, recolhendo suas coisas com gestos apressados.

— Então... eu te levo.

— Não, dona Andreia...

— Andreia — corrigiu com um sorriso gentil. — Sem formalidades, por favor. Eu te levo, sim. Não é problema algum. O Sandro foi para uma reunião de negócios e, de lá, vai direto pra casa. Se você faz caminhada no mesmo parque que eu, deve morar ali perto. É caminho pra minha casa. Vou te levar. Fica tranquila.

Kátia hesitou, mas acabou aceitando. Indicou o caminho, ainda inquieta, tentando disfarçar a ansiedade que se revelava nos olhos e no tom da voz.

Andreia, com sensibilidade, fazia perguntas corriqueiras, querendo suavizar o clima, deixando tudo mais simples.

— Você mora bem perto do parque. Vive com seus pais?

— Meu pai é falecido. Minha mãe mora no interior, desde que ele partiu. Ela vive com nossa irmã. Eu moro com meus dois irmãos: o Caíque e o Eduardo.

— Que bom. Vocês se dão bem, pelo jeito — disse Andreia, buscando abrir espaço para que a dor encontrasse voz.

— Sim. Nos damos bem. Estou morando com eles há menos de um ano. É que... — demorou a completar, como quem precisa reunir coragem para revisitar feridas. — Trabalho na empresa há quatro anos. Conheci alguém e vivi em união estável por um ano e meio, mas não deu certo.

— Era alguém da empresa?

— Não. Era um fornecedor. Vivemos juntos por um tempo, mas minha vida se transformou em um inferno. O Edmílson... ele destruiu minha saúde mental. Fiquei muito mal. Quando meus irmãos descobriram, foram até lá e me tiraram de casa.

— Mas você queria deixá-lo?

— Sim, mas não tinha forças. Um dia, tomada pelas manipulações dele, entrei em desespero e tomei um monte de remédio psiquiátrico de uma vez. O Caíque foi lá levar umas coisas que nossa mãe havia mandado para mim, do interior e... me encontrou fora de mim. Ele me socorreu, chamou o Eduardo. Fiquei internada dois dias. Contei tudo a eles e... O Eduardo enfrentou o Edmílson. Quase lutaram. Meus irmãos pegaram minhas coisas e me levaram para casa. Pedi férias. O Rogério, como gerente, compreendeu e me ajudou. Pedi que não comentasse com ninguém. — Fez uma pausa. As palavras haviam saído como um desabafo contido por tempo demais. — Mas... fiquei com sequelas. Transtorno de ansiedade, síndrome do pânico, momentos de depressão. Conviver com alguém como o Edmílson... deixa marcas profundas. Essa é a verdade. — Silenciou. As lágrimas escorreram discretas, como quem não quer incomodar com a própria dor.

Envergonhada, Kátia tentou secá-las com as mãos, mas Andreia, com ternura, ofereceu um lenço e um olhar que dizia: “Você não está sozinha.”

Naquele instante, Andreia compreendeu que o verdadeiro papel de um líder não está apenas em gerir pessoas, mas em enxergá-las. E que, muitas vezes, o sofrimento alheio é invisível aos olhos apressados, mas grita em silêncio para quem sabe escutar com o coração.

— Ninguém está livre de viver um relacionamento difícil, tóxico, abusivo... — disse Andreia com voz firme e compassiva. — Mas você é jovem, bonita, competente... Vai recuperar sua paz. Vai reencontrar o brilho da sua alma e construir uma vida saudável, com leveza e sentido. Isso é certo e questão de tempo.

Kátia sorriu timidamente, apontando para a casa em frente:

— É ali que eu moro.

Andreia estacionou o carro diante do portão de grade que se estendia até a laje da garagem. A casa era bonita, ampla, bem-estruturada, refletindo a força silenciosa da família que a habitava.

— Está entregue — brincou Andreia, sorrindo com leveza.

— Muito obrigada. Você me ajudou muito hoje.

— Ajudei nada — riu com gosto. — Mas... se precisar de algo que eu ou a empresa possamos fazer, é só dizer. Aliás... preciso saber de uma coisa.

— O quê?

— Ele é um dos nossos fornecedores ou trabalha para um deles?

— Trabalha para um dos fornecedores que atende a empresa.

— E ele te mandou mensagem?

— Sim. Como trabalho com vendas, é comum receber mensagens dos fornecedores tratando de entregas, valores... Mas, hoje, na troca de mensagens, a conversa se estendeu. Sem que eu percebesse, tornou-se pessoal. Ele começou a dizer coisas... Fiquei nervosa. Tive uma crise de pânico. Foi isso.

Andreia respirou fundo e mantendo o tom sereno, disse:

— Relaxa. Calma. Não farei nada contra ele. Mas penso que precisamos criar uma distância segura. Vamos conversar com o Rogério. Ele saberá como ajustar isso.

— É... Se eu não tiver de recepcionar o Edmílson, quando ele vier à empresa, já vai me ajudar muito.

Nesse momento, o portão se abriu. Um rapaz saiu curioso para ver quem era. Tinha postura firme e olhar protetor.

— É meu irmão, o Caíque — disse Kátia, abrindo a porta do carro e descendo.

Andreia também desceu. Com um sorriso acolhedor, apresentou-se com gentileza e educação, como quem entende que cada encontro é uma oportunidade de semear paz.

— Olá, Caíque. Sou Andreia. Prazer... Vim trazer sua irmã. Ela é uma pessoa muito especial para nós lá na empresa — disse, estendendo a mão com um sorriso gentil. — Dei uma carona para ela, já que saímos no mesmo horário.

Caíque retribuiu o gesto com gratidão, mas seus olhos se iluminaram com uma surpresa inesperada.

— Andreia! Quanto tempo...

Ela o encarou, sorridente e pensativa, tentando puxar da memória um rosto guardado entre os anos.

— Caíque?!... Você é o Caíque que estudou comigo no Ensino Médio! Nossa! Caíque!... — exclamou, tomada por uma alegria nostálgica.

Ficou admirada. Ele havia mudado de todas as formas.

Aos trinta e cinco anos, Caíque era alto, bonito, forte pela prática de musculação em academia. Pele morena clara, cabelos lisos e curtos da cor castanho-escuro, olhos também castanho-escuros, lábios finos que pareciam apresentar leve sorriso. Tinha voz forte e cativante, calma e pausada. Uma personalidade marcante pelo modo sereno de ser.

— Eu mesmo. Quanto tempo, Andreia...

— Não me lembrei de você de imediato... Nossa... — tornou ela.

— Lógico que não se lembrou. Eu era da turma do fundão! — riu com gosto. — Já você...

— Ah... Para... — disse, observando-o com atenção. Estava diferente, mais maduro, mais sereno. Mas não comentou. — Que mundo pequeno...

— Quando te vi no parque correndo, tive aquela sensação de que te conhecia, mas não sabia de onde. Depois, te vi na calçada da empresa quando deixei a Kátia. Naquele momento, te observei melhor e tive certeza. Esqueci de comentar com minha irmã... — olhou para ela. — Agora, olhando mais de perto...

— Como você está? O que está fazendo da vida? — Andreia se interessou, tocada pela coincidência.

— Fiz Engenharia Automotiva. Trabalhei na área por alguns anos. Depois, surgiu um programa de desligamento voluntário na empresa. Pedi para sair. Com o valor da rescisão, abri uma autopeças com meu irmão, que já trabalhava com injeção eletrônica, troca de óleo, parte elétrica... Hoje temos uma empresa ampla no ramo de autos.

— Meu Deus... Que coisa linda... — ela ficou admirada ao saber que tomaram caminhos tão inesperados.

— Vamos entrar — convidou Caíque, com convicção e gentileza. — Podemos tomar um café.

— Não... É que...

— Vamos, Andreia! — Kátia se animou, pegando em seu braço com carinho. — Ficarei bem feliz se aceitar.

— Está bem... — Andreia cedeu, ainda sem entender exatamente por que havia aceitado. Tudo pareceu rápido demais, mas também certo.

Na sala de estar, Caíque indicou o sofá com elegância.

— Sente-se, por favor.

— Obrigada — disse, acomodando-se, ainda envolta por uma sensação de surpresa e acolhimento.

— Prefere café, suco ou refrigerante?

— Não se preocupe, Caíque. Eu...

— Ela gosta de chá e de suco — Kátia interrompeu com leveza. — Reparei isso na empresa. Só um momento. Já vou trazer algo.

Ficaram a sós por alguns instantes. O silêncio entre eles não era desconfortável. Era como uma pausa entre notas, onde a melodia da vida se

reorganiza.

— Então... Você é dona de uma indústria têxtil. Casou e está à espera do primeiro filho? — perguntou Caíque com um sorriso discreto. Já sabia, claro, pelas conversas com a irmã, mas queria ouvir dela.

— Sim — respondeu Andreia, sorrindo com um leve rubor. — E você? Casou?...

A indagação ficou no ar, como quem abre uma porta para histórias que ainda não foram contadas. Pareceu que os olhos dele se carregaram de lembranças.

Silêncio.

No mesmo instante, Andreia se arrependeu. Sentiu que talvez tivesse invadido um espaço íntimo. Mas Caíque, sereno, respondeu com naturalidade:

— Casei sim. Fui casado por quatro anos. Não deu certo. Nos divorciamos. Não foi um período fácil... Acho que nenhum divórcio é. Hoje, estou bem.

— Desculpe por perguntar. Nem sei por que eu... — disse Andreia, com um toque de arrependimento, deixando a frase incompleta.

— Não se sinta mal por isso. Sem problemas — sorriu com gentileza. — Hoje, eu cuido mais de mim do que antes. Entendi que não somos só trabalho, só amigo, só família... Somos também silêncio, alma e busca. Temos de estar bem conosco mesmos. Só assim conseguimos estar bem com os outros, com a vida e com tudo o que ela nos oferece, nos prova, nos ensina. Todos passamos por momentos conturbados. E quando nos estruturamos espiritualmente, ficamos bem, mesmo quando tudo parece desabar. — Fez uma breve pausa, depois olhou na direção da cozinha para onde Kátia havia ido. — Outro foco que tenho, no momento, é com minha irmã. Ela passou por um período difícil. Precisa se curar.

— Eu a vi nervosa no serviço. Achei estranho...

— Existem pessoas que entram na nossa vida e fazem bagunça. Depois, vão embora e deixam tudo para a gente arrumar. Isso causa dores profundas, feridas que não se curam com o tempo, mas com consciência. Uma das partes mais difíceis é lidar com os estragos que não foram nossa culpa. Ficamos com essa responsabilidade, não por merecer a dor, mas para nos libertarmos dela. Curar-se é um ato de amor-próprio. Aliás, talvez, o maior deles.

Andreia silenciou. As palavras de Caíque ecoaram dentro dela como um sino distante, despertando lembranças que ela tentava evitar.

Em uma fração de segundo, lembrou-se do que vivia em casa. Da distância que Sandro, seu marido, havia imposto desde o início da gravidez. Da solidão que se instalou como hóspede indesejado em seu coração. Da dor silenciosa de quem tem tudo: sucesso, conforto, reconhecimento, mas se sente invisível para quem mais desejava ser vista.

Era difícil encarar essa realidade. Precisava ser forte. Precisava ser firme, mas não sabia como. Não tinha onde se agarrar, onde buscar forças. E, naquele instante, algo dentro dela se moveu.

Caíque falava sobre espiritualidade. O mesmo assunto que Rogério havia mencionado. A mesma luz que parecia querer se acender em meio à escuridão.

Seria um chamado? Um sinal? Uma dica sutil do Universo para que ela buscasse alívio na espiritualidade? Em Deus? Em ensinamentos maiores?

Ela quis perguntar. Quis abrir o coração, mas não sabia como nem o que dizer. Apenas sorriu. Um sorriso tímido, porém verdadeiro. Um sorriso que dizia: “Estou ouvindo. Estou sentindo. Talvez eu esteja pronta.”

Sua timidez, no entanto, foi maior que a vontade.

Nem toda dor se grita. Algumas se revelam num olhar, num silêncio, num sorriso tímido. E Andreia sorriu escondendo sua dor e seu medo.

Medo das perguntas que poderiam surgir, receio de expor a dor que guardava, como quem protege uma ferida ainda aberta. Sentiu vergonha de revelar seus medos, sua angústia mais íntima, mais secreta. Então, desviou o rumo da conversa para algo que fosse do interesse de ambos. Algo mais seguro.

— Você sabe que a Kátia trabalha com a recepção dos fornecedores da empresa. E... ele é um dos que vai até lá e tem contato com ela por causa do trabalho.

— Sei. Sei de tudo — respondeu Caíque, respirando fundo, como quem carrega o peso da proteção silenciosa.

— Farei algo para impedir que se encontrem. Vou conversar com o nosso gerente comercial.

— Eu já pedi para ela mesma falar, mas... você sabe. Ela nunca quer incomodar.

— Imagina... — sorriu Andreia com gentileza. — Darei um jeito.

Nesse momento, Kátia surgiu com uma bandeja de suco e salgadinhos, oferecendo com carinho.

Andreia se serviu, agradecida, e comentou com um sorriso espontâneo:

— Nossa, Caíque, como você mudou.

— As pessoas mudam — riu com gosto, como quem reconhece o próprio caminho. — Mas... e você? Além da empresa... e o bebê?

— É um menino. Vai se chamar João — disse Andreia com brilho nos olhos e orgulho no coração.

— Gostei do nome. Forte, com significado — comentou ele com sinceridade.

— Espera... — Andreia riu, como quem é surpreendida por uma lembrança. — Então... o Eduardo é o seu irmão! O Eduardo que estudava na sala ao

lado!

— O próprio — riu Caíque, mergulhando também nas memórias.

— Eu bati no Eduardo! Ele ficava fazendo bullying com minha amiga! — disse entre risos e um toque de vergonha.

— Bateu sim, mas não foi só nele. Você deu uns tapas em mim também. Esqueceu?

— Verdade... Eu me lembro disso...

E, então, como se o tempo tivesse voltado por um instante, começaram a recordar. Professores, apelidos, situações da adolescência, histórias que antes pareciam gigantes e hoje são apenas motivo de risos. Aquelas lembranças, que um dia carregaram peso e importância, agora se transformavam em leveza. Eram como folhas secas levadas pelo vento da maturidade: suaves, engraçadas, sem dor.

Naquele sofá, entre sucos e risadas, Andreia sentiu algo raro: pertencimento. Sentiu que, mesmo com as feridas que carregava, havia espaço para o riso, para o reencontro, para a cura.

Há dias em que o coração pede socorro e a resposta vem disfarçada de conversa casual.

E que talvez, só talvez, aquele reencontro fosse mesmo um presente da espiritualidade. Uma chance de lembrar que a vida é feita de ciclos e que cada um deles traz lições, encontros e possibilidades de recomeço.

Capítulo 09

Quando o amor se cala

Não é o peso da dor que destrói, é

a solidão de carregá-la sozinha.



Chegando ao apartamento, Andreia estava diferente. Havia em seu semblante uma leveza rara, fruto de um dia em que a vida lhe mostrou que ainda podia ser generosa.

Ajudar Fábio a enxergar novos horizontes, apoiar Kátia em seu momento de fragilidade, reencontrar Caíque e rir das memórias da juventude... Tudo isso havia lhe devolvido algo que há tempos parecia perdido: alegria genuína, descontração e a certeza de que a vida pode, sim, ser feita de encontros que curam.

Mal entrou, avistou Sandro e, com entusiasmo, começou a contar tudo o que havia vivido.

Falava com brilho nos olhos, desejando compartilhar luz. Mas ele, alheio à vibração dela, parecia distante. E, na primeira oportunidade, interrompeu com uma proposta inesperada:

— O que você acha de nós nos mudarmos deste apartamento?

— O quê?! — Andreia ficou surpresa. A pergunta soou como um desvio brusco sem conexão com o que ela dizia.

— Podemos morar em uma casa. Com a chegada do nosso filho, nada melhor do que isso.

— Mas... nunca falamos sobre isso e...

— Pensa. Teremos um quintal, um lugar para ele brincar. Sol, jardim... quem sabe.

Andreia sentiu uma confusão se instalar nela. Aquilo não fazia sentido. A proposta parecia prática demais. Fria demais. Como se escondesse algo por trás.

— Essa seria uma forma de conseguirmos dinheiro para aumentarmos a indústria como você quer. Vendendo este apartamento... — Sandro deixou a frase no ar, plantando uma ideia sem regá-la.

— O dinheiro da venda deste apartamento não seria para comprar a casa?

— O valor de uma casa é inferior. Pode ser em outro bairro. Não tão longe, mas... E não teríamos gasto com condomínio, que é uma prestação eterna. As vantagens são bem maiores. — Sandro se aproximou, abraçou-a pelas costas e disse: — Deixa comigo. Quero que se cuide e cuide do bebê. Está bem?

Virou-a para si. Sorriu. Mas não era um sorriso natural. Era um gesto ensaiado, tentando encobrir a ausência com afeto.

Andreia aceitou o carinho. Deixou-se envolver. Contudo, algo dentro dela se remexeu. Um incômodo sutil, uma sensação estranha. Sua alma captou

algo que a mente ainda não compreendia. Não saberia descrever nem nomear. Apenas sentia.

Era como se a espiritualidade, que havia sussurrado ao longo do dia, agora lhe pedisse atenção. Como se dissesse: “Observe. Escute. Nem tudo é o que parece.”



O exame de Ecografia Fetal foi realizado em meio a expectativas silenciosas.

Andreia, embora ansiosa, carregava no coração a esperança de ouvir boas notícias, como quem aguarda um sinal de que tudo está bem, de que a vida segue seu curso com suavidade. Mas o resultado veio como um golpe inesperado.

O bebê tinha problemas cardíacos.

A notícia caiu como um véu de sombra sobre os planos, os sonhos e os sorrisos que ela vinha cultivando.

O médico, com profissionalismo e empatia, explicou que nada poderia ser feito, naquele momento, porém a descoberta permitiria um acompanhamento mais cuidadoso após o nascimento. Era uma luz tênue em meio à escuridão.

Sozinha, Andreia saiu do consultório devastada. Sentia-se como quem caminha com o coração em pedaços, tentando manter a postura enquanto a alma grita por socorro. A dor era silenciosa e muito profunda. Um tipo de dor que não se explica, apenas se sente.

Sandro, ao receber a notícia, pareceu entristecido, mas não chorou. Não se abriu. Não acolheu. Seu silêncio se tornou ainda mais denso, como se a dor

o empurrasse para longe, como se o sofrimento fosse motivo para se calar ainda mais diante da esposa.

Com os dias, ele se tornou emocionalmente frio. Distante. Cada vez pior.

Andreia tentava compreender. Tentava se aproximar, porém era como tocar uma parede invisível. A gravidez, que deveria unir, parecia separá-los ainda mais.

E ela, já fragilizada pela notícia, agora enfrentava também a solidão dentro de casa.

Foi então que, em meio ao silêncio de Sandro e à inquietação da própria alma, Andreia começou a se perguntar: onde buscar forças? Como sustentar a esperança quando tudo parece desmoronar?

E lembrou-se das palavras de Caíque. Das reflexões de Rogério. Dos sussurros da espiritualidade que haviam surgido nos dias anteriores, como pequenos sinais de que há algo Maior, algo que sustenta mesmo quando tudo parece ruir.

Talvez fosse hora de buscar esse algo. Talvez fosse hora de se voltar para dentro. Para Deus. Para a fé. Para o amor que não depende dos outros. Para o amor que nasce da própria alma, como uma chama que insiste em arder mesmo quando tudo ao redor parece frio.

Mas... como fazer isso?

Andreia mal conseguia se concentrar nos assuntos da empresa que tanto amava, que havia construído com esforço, visão e coragem desde os primeiros tijolos. A indústria têxtil, que antes pulsava em seu coração como extensão de sua missão, agora parecia distante, como se pertencesse a outra vida.

Mal teve tempo de pedir a Rogério que mantivesse Edmílson longe de Kátia, e essa foi sua última atuação ali.

Fora da empresa, mergulhou em uma busca incansável. Procurava informações sobre o problema cardíaco do pequeno João, seu filho ainda por nascer. Vasculhava estudos médicos, lia artigos científicos, fazia consultas com especialistas, tentava entender cada detalhe, cada possibilidade. Seu coração doía. A alma estava em carne viva. Eram dias e noites em busca de algo que pudesse salvar seu filho... ou ao menos confortar seu próprio coração.

Enquanto isso, Sandro assumia a empresa por completo. E, com isso, encontrava mais uma forma de se manter afastado, não da indústria, mas de Andreia, do bebê, da dor, da realidade. Seu silêncio se tornava cada vez mais gelado, como um inverno emocional que não dava sinais de fim.

Andreia, sozinha, tomou para si tudo o que dizia respeito à gravidez, à saúde do filho, às decisões difíceis. Mesmo dolorida, arrasada, triste... seguia.

Seguia porque sabia que João precisava dela. Seguia porque, mesmo sem saber como, algo dentro dela ainda acreditava. Seguia porque, em meio à escuridão, começava a perceber que talvez a luz não viesse de fora, mas de dentro.

E foi nesse espaço de dor e silêncio que a espiritualidade começou a se insinuar. Não como resposta imediata. Como presença. Como sussurro. Como convite.

Talvez fosse hora de parar de buscar apenas soluções. Talvez fosse hora de buscar sentido. E, quem sabe, ao encontrar esse sentido, ela encontraria também forças para continuar.



Estavam na sala de jantar do apartamento, quando Rogério, com voz firme e serena, anunciou:

— Eu vou pedir o divórcio. Estou decidido.

Giovana, por um instante, ficou em silêncio. O olhar perdido, não compreendendo o idioma da realidade. No segundo seguinte, a incredulidade deu lugar à fúria.

Ela berrou. Esbravejou. Jogou no rosto do marido tudo o que havia feito pela família: os sacrifícios, a dedicação, o trabalho, as noites maldormidas, os sonhos engavetados. Falou que havia se moldado e se treinado para fazer tudo de forma perfeita. Sua voz era uma mistura de dor e orgulho ferido, gritando para ser vista, ouvida, reconhecida.

Rogério havia prometido a si mesmo que manteria a calma. Que não responderia. Que apenas comunicaria sua decisão. Mas não suportou. A alma, cansada de anos de silêncio, falou por ele:

— Por que não se treinou a ser mais amorosa com as palavras e atitudes? Por que não se treinou a falar baixo, a ouvir com atenção e carinho? Por que não treinou ser mais generosa e parceira diante das dificuldades? Por que não se treinou a trazer paz para as nossas vidas?

Essas palavras foram como fósforo em pólvora. Giovana se descontrolou. Pegou objetos e os lançou contra as paredes, contra o chão, como se quisesse quebrar o mundo que desmoronava à sua frente. Dramatizava sua dor, sua frustração, sua narrativa de mulher que se doou até o limite e agora via tudo ruir.

No quarto ao lado, Fábio ouvia tudo.

Imóvel. Perplexo. Preso entre o desejo de desaparecer e a incapacidade de ignorar.

Os gritos atravessavam as paredes como lâminas, cortando qualquer tentativa de pensamento que o jovem buscasse para fugir, mentalmente, daquela tempestade.

Espíritos inferiores, atraídos pela vibração do ambiente, aproximaram-se. Impiedosos, sussurravam ideias sombrias, alimentando os ressentimentos

acumulados no coração do menino. Fábio sentia-se inseguro, confuso. Era difícil distinguir onde começava a verdade e onde terminavam as acusações distorcidas de sua mãe.

Um frio estranho percorreu seu corpo. Um nó se formou em sua garganta. O peito apertava. As mãos tremiam. Fábio sentia-se rasgado ao meio, entre o amor pelos pais e a dor de vê-los se destruindo.

Lembrou-se da promessa do pai: "Vou resolver tudo com calma, filho." Mas nada daquilo parecia calmo. A realidade era uma tempestade.

Foi então que, sem que percebesse, uma presença luminosa se aproximou. Seu mentor espiritual, envolto em ternura, inclinou-se sobre ele como um sopro de paz. E sussurrou em seus pensamentos:

— Ore. Ore com fé. Com confiança. Você não está sozinho. Está amparado. A prece é ponte. Ela te dará força. Ela te sustentará.

Fábio se lembrou da conversa que teve com o pai, um dia antes, sobre a importância da prece verdadeira, aquela que nasce do coração, não dos lábios.

Tentou orar em pensamento, mas não conseguia. A mente estava agitada demais. Então, sentou-se na cama, colocou os fones de ouvido e escolheu uma música instrumental suave, quase etérea. Algo que nunca havia feito. Fechou os olhos. Respirou fundo. E começou a orar em voz moderada, procurando buscar, nas palavras, um abrigo.

À medida que a prece fluía, algo dentro dele se aquietava. Os tremores cessavam. Os pensamentos confusos se dissolviam como névoa ao sol. Sentia-se envolvido por uma paz que não vinha do mundo, mas do Alto.

E, naquele instante, Fábio compreendeu que, em meio ao caos, é possível encontrar refúgio. Mesmo quando tudo parece ruir, há uma luz que permanece acesa dentro de nós.

A presença dos mentores amigos não silencia as sombras, mas fortalece o coração para não se render a elas.

Crianças e adolescentes que testemunham discussões, hostilidade e acusações entre os pais são marcados por uma dor silenciosa. Sentem-se inseguros, crescem com medo, angústia e culpa. Por mais que os pais digam o contrário, muitas vezes acreditam serem os responsáveis pelos conflitos. E essa crença, ainda que infundada, entranha-se na alma.

Acham-se impotentes. Não sabem como agir. E esse medo, essa insegurança se arrastam para outras áreas da vida, inclusive para a vida adulta. Passam a se ver como inferiores, como se não fossem dignos de paz, de afeto, de estabilidade.

Essas experiências moldam a forma como se relacionam no futuro. Surgem dificuldades em expressar emoções, dependência afetiva, medo do abandono, ou até comportamentos tóxicos, agressivos, assediadores. Reflexos do ambiente tenso em que cresceram. O estresse excessivo, a ansiedade e a depressão tornam-se companheiros constantes, afetando o desempenho escolar, a saúde mental e a construção da própria identidade.

Os impactos emocionais, psicológicos e espirituais são profundos. Podem ser devastadores. A falta de harmonia no lar gera baixa autoestima, eleva os níveis de estresse, instala a toxicidade como padrão. E tudo isso reverbera no corpo, na mente, no espírito.

A noite, que deveria ser repouso, torna-se palco de insônia, pesadelos, inquietações. O sono é interrompido por angústias que não têm nome, mas possuem raiz.

O ambiente carregado de conflito atrai energias densas. Espíritos zombeteiros, inferiores aproximam-se com facilidade. Alimentam-se da desordem emocional, da vibração baixa, da ausência de luz. Não importa a idade dos envolvidos: todos são afetados. O campo energético de um lar assim torna-se trevoso, propício à influência espiritual negativa.

Mas há caminhos de cura.

Algumas atitudes fortalecem os laços familiares e elevam a vibração do lar: a paciência, o elogio sincero, a atenção verdadeira, o carinho espontâneo, o incentivo ao bem, a fé, a esperança. Isso cria um ambiente harmonioso,

feliz, próspero e produtivo onde os espíritos de luz se aproximam, onde a paz encontra morada.

Como nos ensina o Mestre Jesus: Orai e Vigiai.

Orar é possível. É prático. Mas o vigiar exige esforço constante. E, ainda assim, é eficaz. Quando não se tem tempo de orar, vigiar é uma prece. Vigiar os pensamentos, as palavras, as atitudes. Vigiar o coração.

Onde há vigilância amorosa, há luz. E onde há luz, os espíritos das sombras não permanecem.

Envolvido pela presença serena de seu mentor espiritual, Rogério sentiu um impulso claro, quase como um chamado silencioso: não havia mais tempo a perder. A decisão já estava tomada. A alma, cansada de ciclos de dor e desarmonia, pedia movimento.

Nem toda escolha nasce do coração, algumas são sopradas por vozes que o mundo não vê.

Sem hesitar, começou a reunir suas coisas. Malas, bolsas, sacolas, mochilas... Tudo o que pudesse carregar naquele momento. Não era apenas uma mudança física. Era um gesto simbólico. Um rompimento com o ambiente que já não nutria, já não acolhia, já não permitia paz.

Chamou Fábio, que o ajudou em silêncio. O menino, ainda abalado pela discussão, compreendeu que aquele gesto era também um resgate. Um convite à reconstrução.

— Voltaremos outro dia para buscar o que ficou — disse Rogério com firmeza, mas sem agressividade.

Giovana, tomada pela tempestade emocional, gritava, acusava, chorava. Rogério não respondeu. Não revidou. Não se deixou arrastar pela vibração densa que tomava conta do ambiente. Seu silêncio era escudo. Sua decisão, escada.

Virou-se. E, mesmo sob a fúria de palavras e objetos, foi embora com o filho.

Naquele instante, o mentor espiritual que o envolvia irradiou luz sobre ambos: pai e filho. Protegia, sustentava, guiava. Quando a alma escolhe a paz, o plano espiritual se move em seu favor.

Rogério não sabia o que viria a seguir, mas sabia que precisava ir. E, às vezes, partir é o primeiro passo para voltar a si.



Fábio foi ouvido. Com maturidade incomum para sua idade, expressou com sinceridade o desejo de permanecer ao lado do pai. O juiz, sensível ao pedido e atento ao bem-estar do jovem, concedeu a guarda a Rogério.

Giovana, considerada competente, capacitada e atuante no mercado de trabalho, não teve direito à pensão do ex-marido. Ao contrário, foi intimada a pagar pensão alimentícia ao filho, o que a deixou profundamente revoltada. A decisão judicial também estabeleceu que ela permaneceria no apartamento do casal até a venda do imóvel, cujo valor seria dividido entre os dois.

Rogério, por sua vez, alugou uma casa modesta, mas acolhedora. Pequena, sim, mas ideal para recomeçar. Fez questão de que a nova residência não ficasse longe da escola de Fábio nem do parque onde costumava fazer suas caminhadas matinais. Sonhava em compartilhar esse hábito com o filho, como forma de cultivar saúde, presença e conexão.

Mais do que isso, desejava que o jovem se aproximasse da espiritualidade. Como tarefeiro dedicado em uma casa espírita, Rogério sabia o valor da fé como ferramenta de cura e transformação. Esperava que o filho se integrasse ao grupo de Mocidade Espírita, um espaço onde os jovens

aprendem sobre amor, responsabilidade, mediunidade, serviço ao próximo e a Deus.

Sabia que isso o ajudaria em muitos aspectos: no equilíbrio emocional, na construção da autoestima, na compreensão dos próprios sentimentos e na superação das feridas que a separação havia deixado.

Mais do que um novo lar, desejaria oferecer ao filho um novo horizonte onde a paz não fosse apenas ausência de conflito, mas presença de amor verdadeiro.

E assim, pai e filho começaram a reconstruir: com simplicidade, com afeto, com propósito. Porque, às vezes, o que parece pequeno aos olhos do mundo é imenso aos olhos da alma.



Andreia chegou ao Studio com passos lentos e olhar perdido.

Procurou Milton, seu cunhado e amigo confidente, aquele que sempre torceu por ela com o coração inteiro. Precisava contar. Precisava dividir o peso da notícia que ainda lhe doía como ferida aberta. Mas não sabia como.

Milton, ao vê-la entrar, sentiu algo estranho de imediato. Não era apenas o semblante abatido, era algo mais profundo. Era a alma dela que parecia pedir socorro.

Com delicadeza, conduziu Andreia até um canto mais reservado do salão. Fez com que se sentasse em um sofá confortável e, sem dizer muito, ofereceu um chá gelado.

Ela aceitou com mãos trêmulas, como quem segura o copo para não desabar.

— Por mensagem você disse que estava tudo bem, mas tinha uma coisinha para me contar... Então... E o exame? Como foi? — perguntou Milton, com seu jeito único, olhando-a com bondade e olhos atentos de preocupação.

Andreia tentou começar, mas a voz falhou. Respirou fundo. E então, com esforço, contou:

— O João tem Comunicação Interventricular — CIV. É um defeito no septo que separa os ventrículos do coração, causando um fluxo anormal de sangue. Dependendo do tamanho dessa abertura, a cirurgia será necessária nos primeiros meses de vida. E... ele também tem Coarctação da Aorta, que é um estreitamento da aorta, dificultando o fluxo sanguíneo. Esse tratamento também envolve cirurgia ou cateterismo... também nos primeiros meses de vida...

Ela não conseguiu continuar. Desmoronou. As lágrimas vieram como enxurrada. Milton, impactado, sentou-se ao seu lado e a abraçou com ternura, tentando confortar o que não se pode curar com palavras.

Algum tempo depois, quando Andreia se recompôs um pouco, ele perguntou com voz embargada e lágrimas escorrendo:

— O que mais o médico disse?

— Que a CIV é um defeito congênito. O sangue oxigenado do ventrículo esquerdo se mistura com o sangue venoso do ventrículo direito, sobrecarregando os pulmões e o coração. Dependendo do tamanho da abertura, os sintomas podem variar de leves a graves. Pequenas CIVs podem se fechar espontaneamente, mas não parece ser o caso. E a Coarctação da Aorta... como eu disse, é um estreitamento que dificulta o fluxo para o corpo. Pode causar pressão alta nos membros superiores e baixa circulação nos inferiores...

Danilo, marido de Milton, que havia se aproximado em silêncio, quis saber:

— A descoberta de tudo isso agora, no pré-natal... pode ajudar, né?

— Sim. A Ultrassonografia Morfológica indicou suspeita da cardiopatia. E o Ecocardiograma Fetal, que é um exame mais detalhado, confirmou as malformações. Agora, preciso seguir algumas recomendações: alimentação equilibrada, frutas, vegetais, proteínas... suplementação com ácido fólico, que ajuda na formação do sistema nervoso e previne outras malformações. Acompanhamento pré-natal rigoroso, nada de álcool, cigarro, certos medicamentos... Isso tudo eu já estou fazendo.

— E as atividades físicas? — Milton perguntou, preocupado. Sabia que ela adorava exercícios físicos.

— Meu obstetra e o cardiologista pediátrico foram categóricos: minhas atividades na academia não causaram essas malformações. Disseram que devo continuar, como eu já fazia por recomendação médica. Caminhadas e exercícios leves ajudam na circulação e no bem-estar meu e do João. Esse problema cardíaco no bebê não tem nada a ver com a idade da mãe. Isso está fora de questão.

Silêncio.

Milton segurou a mão da cunhada com firmeza e carinho. Danilo se aproximou ainda mais. E naquele pequeno espaço do Studio, entre lágrimas e chá gelado, formou-se um círculo de afeto, de escuta, de presença.

Porque há dores que não se curam com respostas, mas se aliviam quando são divididas com amor.

— O que o Sandro disse? — Milton perguntou com extremo cuidado, como quem toca uma ferida com a ponta dos dedos.

— Ficou decepcionado. Lamentou... quase não falou nada. E... ele estava com planos de mudar do apartamento para uma casa. Achou que seria melhor para o João. Para ter quintal, espaço...

— Mudar agora? Com você grávida? Sabendo que o João está doentinho?... — Milton estranhou com sensatez e afeto.

— “Melhor agora do que depois que o João nascer”, foi o que o Sandro disse. — Andreia repetiu as palavras do marido, mas sua voz parecia distante, como se não pertencesse a ela. As condições do filho não a deixavam pensar direito. Era como se estivesse sendo conduzida por uma força que não compreendia.

— Não sei dizer... Mudança é algo tão estressante. É tanta movimentação. Exige muito da gente — ponderou Milton, com o coração apertado, por vê-la tão frágil.

— Ai, Milton... Estou tão aérea. Não sei o que dizer. Parece que minha mente parou. Não consigo raciocinar direito desde o resultado do exame...

Comovido, o cunhado falou com ternura:

— Nós te entendemos perfeitamente. Você precisa se concentrar no seu bem-estar agora para proporcionar uma boa qualidade de vida para si e para o João. Assim, ele vai nascer forte e com saúde para enfrentar esses desafios. Vai dar tudo certo, minha querida. Vai dar certo sim.

Andreia sorriu. Era um sorriso amargo, daqueles para disfarçar o choro. Estava tentando ser forte. Tentando sustentar o mundo com os ombros frágeis. Tentando não desabar.

E Milton, ao vê-la assim, compreendeu que há momentos em que a força não está em resistir, mas em permitir-se sentir. Em aceitar o abraço, em confiar na rede invisível de amor que a espiritualidade tece ao redor dos que sofrem. E isso, mesmo que não curasse a dor, já era um alívio.



As condições de João, que nem havia nascido, não eram favoráveis. E Andreia passou a viver dias carregados de medo, angústia e um misto de esperança que oscilava como chama ao vento.

Muitas vezes, experimentava uma dor profunda, um sentimento de culpa que não tinha razão nem fundamento, mas que a arrasava por dentro.

Perguntava-se, em silêncio: o que havia feito de errado? Poderia ter evitado? Como seria a vida do filho no futuro? E, por mais que buscasse respostas, nenhuma vinha com clareza. Apenas o vazio.

Seja qual fosse o procedimento a ser adotado pelo cardiologista pediátrico, ela não sabia dizer se João teria uma vida igual à das outras crianças. Essa dúvida a corroía.

Praticamente, não ia mais à empresa. As consultas médicas, agora frequentes, eram repletas de ansiedade. Seu coração acelerava a cada exame. Seus dias pareciam solitários, como se ninguém ao redor compreendesse a profundidade da dor que carregava.

A maioria das pessoas dizia: “Vai dar tudo certo.” Mas... e se não desse?

O marido, os parentes, os amigos, todos pareciam perdidos. Ninguém sabia como agir. Andreia entendia que tentavam aliviar seu sofrimento com palavras, mas eram palavras vazias, frágeis, sem a verdadeira intenção de acolher. Sem a coragem de mergulhar com ela naquela dor.

Sempre que estava sozinha, não conseguia conter as lágrimas. Chorava. E, mesmo assim, passou a conversar cada vez mais com João.

Certo dia, deitada em sua cama, Andreia colocou as mãos, generosamente, sobre o ventre. Sentia os movimentos suaves da vida que crescia dentro dela. Mesmo tomada por amor e medo, sua voz transbordava carinho. Quase num sussurro, disse:

— Meu amorzinho... você ainda nem chegou ao mundo e já estamos enfrentando tantas batalhas juntos. Eu gostaria de trocar de lugar com você, enfrentar esse desafio no seu lugar. Queria te proteger mais... mas nós vamos lutar juntos. Você é forte. Vai se sair bem.

Fez uma pausa, sentindo o nó na garganta se desfazer em lágrimas.

— Desculpa, meu amorzinho... A mamãe sabe que você se entristece quando eu choro, quando fico com medo... mas não é porque não te quero. Ao contrário. Eu te quero muito. Te amo tanto... E é com amor que vamos enfrentar tudo isso com coragem. Vamos fazer tudo o que precisa. Está bem?

Andreia fechou os olhos. E sentiu, como resposta, os suaves movimentos do bebê. Como um carinho. Como um sim silencioso.

Sorrindo sem perceber, ainda murmurou:

— Descansa, meu amorzinho. Estarei aqui para segurar sua mão em cada passo. O mundo te espera.

— Falando sozinha? — Sandro perguntou, parado à porta do quarto.

— Estou conversando com o João — disse Andreia, sentando-se na cama. Notou que o marido estava sério, distante. Não se aproximou para lhe dar um beijinho, como costumava fazer. Então, perguntou: — Algum problema?

— Houve um atraso na entrega de um material. Nada demais.

— Não vai me dar boa noite? — cobrou com a voz baixa, mas firme.

Sandro se aproximou, respirou fundo e soltou o ar ruidosamente, como quem cumpre um protocolo.

— Oi — disse, curvando-se para beijá-la.

Mas aquilo não foi suficiente. Andreia sentiu sua frieza, seu desprezo. Ele não tocou em seu ventre. Nenhum carinho no filho que estava ali. Não perguntou como ela estava nem se o bebê estava bem.

Era uma ausência emocional que cresceu aos poucos. Olhares vazios. Respostas curtas. Falta de interesse.

E Andreia, já carregando o peso da gravidez e a incerteza sobre o futuro do filho, sentia que enfrentava tudo aquilo sozinha. Sozinha, mas ainda assim,

lutando.

— A imobiliária me ligou hoje. Tem um casal muito interessado no apartamento.

— Sandro, você acha mesmo que é o momento de mudarmos?

— Não tenho dúvidas — respondeu categórico. — Vai ser melhor para nós e... quando o bebê se recuperar, crescer... uma casa é ideal.

— Mas nem estamos procurando casa. Vamos morar onde? — a preocupação de Andreia era real, urgente.

— Se não encontrarmos a casa ideal, podemos alugar uma até aparecer uma residência adequada aos nossos padrões.

Andreia sentiu o chão se mover sob seus pés. Tudo parecia rápido demais, prático demais, frio demais. Ela tentou organizar os pensamentos, mas a dor pela condição de João consumia sua energia, sua clareza, sua paz.

— Estou confusa... Não consigo pensar direito. Essa condição do nosso filho está me consumindo... — e começou a chorar, sem conseguir se conter.

— Você está sensível. É por causa do seu estado e... logo, logo isso tudo vai passar. — Sem mais palavras, Sandro falou: — Preciso de um banho. Estou exausto.

E saiu, deixando para trás o rastro de sua ausência emocional.

Andreia o acompanhou com o olhar, em silêncio. E, dentro de si, uma pergunta ecoou com força:

“Quando foi que ele começou a mudar? Quando foi que meu lar deixou de ser um refúgio?”

Não sabia responder.

Sabia apenas que algo havia se perdido no caminho. Algo essencial. E agora, mesmo cercada de paredes, móveis e lembranças, sentia-se sozinha. Como se o lar tivesse se tornado apenas um endereço. E o amor uma lembrança distante.



Alguns dias depois...

Andreia estava sentada no sofá, mexendo no notebook, tentando se concentrar, mas a mente vagava entre exames, consultas e medos. Quando Sandro chegou, mal a cumprimentou. Não olhou em seus olhos. Foi direto para o banho, como quem atravessa a casa sem passar pelo coração de quem ali vive.

Mais tarde, já jantado, ele estava no sofá com o controle remoto nas mãos, passando por canais sem assistir a nenhum. Tentava buscar distração, sem querer se distrair. Como se fugisse, sem saber exatamente do quê.

Andreia parou diante dele. Segurava com firmeza os papéis dos exames e a imagem do ultrassom. Era como se segurasse também a dor, a esperança, o pedido de ajuda.

Quando Sandro a encarou, ela falou com firmeza:

— Você não me acompanha mais aos médicos e...

— É que você está indo quase toda semana! Quer que eu deixe de trabalhar também? — interrompeu, ríspido e com olhar irritado.

— O médico disse que temos de preparar tudo para a cirurgia assim que o João nascer. Sei que ele vai conseguir. Nosso filho é forte e...

— Tudo bem — cortou novamente sua fala, desviando o olhar e franzindo a testa.

— Você pode ao menos olhar para mim?! — Andreia exigiu com a voz embargada.

— Estou cansado, caramba! O que quer que eu faça?! — respondeu duramente.

— Trata-se do nosso filho, Sandro! Nosso! Filho que você quis ter! Agora, não está nenhum pouco interessado?

— Seja realista, Andreia! Com tantos problemas que surgiram, você acha que... — não terminou. — Quero me poupar de tudo isso! Entendeu?

Andreia sentiu seu mundo desmoronando.

— E eu?! Eu tenho de lidar com tudo sozinha? Acha que é fácil para mim? Estou com medo! Estou me sentindo insegura! Dói... Eu tenho medo, sabia? — lágrimas escorreram em seu rosto. — Pensei que pudesse contar com você na alegria e na tristeza... O que aconteceu, Sandro? Por quê?

Sandro se levantou, deu alguns passos negligentes pela sala, passou a mão na nuca, esfregou o rosto e soltou um suspiro pesado.

— O que quer que eu diga? Ãh? — encarou-a. Não houve resposta. — Eu só... não sei lidar com isso.

— E eu sei? Acha que eu sei lidar com isso? Acha que eu tenho escolha? — Andreia se aproximou, olhou fundo em seus olhos e afirmou com dor e coragem: — Eu não posso fugir do nosso filho como você está fazendo. Você está sendo cruel comigo e com ele! Eu gostaria de que você fosse homem de assumir responsabilidade, que me desse segurança emocional, apoio, um ombro! É ridículo, é patético eu ter de te lembrar das suas responsabilidades como marido, pai, parceiro, amigo e companheiro que vive comigo!

— Você gerou um filho com malformação congênita e a culpa é minha?!

— Não acredito no que estou ouvindo...

— Ah!... Por favor, Andreia. Me poupe desse dramalhão! — disse, virando as costas e indo para o quarto, ignorando-a totalmente.

Andreia ficou ali. Incrédula. Sentou-se no sofá e tentou controlar os sentimentos, mas as lágrimas escorreram sem que conseguisse detê-las.

Naquele instante, o silêncio da sala parecia gritar. E ela, sozinha, sentia que o amor havia se ausentado. Que o companheiro havia se tornado estranho. Que a dor, antes dividida, agora era só sua.

Mesmo assim, mesmo ferida, Andreia sabia: não podia desistir, porque João precisava dela. E ela, mesmo em pedaços, ainda era o único abrigo dele.

Capítulo 10

Quando o amor precisa de respostas

Quando tudo parece desabar,

o abraço certo pode reconstruir.



No dia seguinte, era sábado.

Andreia tentou falar com sua irmã, mas Tamires não respondeu às mensagens. O silêncio do outro lado da tela parecia ecoar o silêncio dentro dela.

Reparou que Sandro havia saído antes mesmo de o dia clarear. Sem aviso. Sem afeto. Sem sequer um gesto de atenção. Sentia-se insegura, confusa, dolorida. Diversas vezes, perguntou-se se aquilo estava mesmo acontecendo, se aquela era mesmo sua vida.

Forçou-se a caminhar. Não por prazer, mas por necessidade. Precisava respirar, mesmo sem saber como.

O dia estava lindo e claro.

No parque, onde costumava ir com frequência, não encontrava mais beleza nas coisas que antes a encantavam. As árvores, o céu, os sons... tudo parecia distante, como se ela estivesse ali apenas fisicamente. Sentia e fazia tudo automaticamente.

Depois de uma volta na pista, sentou-se em um banco de cimento sob uma árvore frondosa. Olhou para suas mãos e as viu tremerem. Isso nunca havia acontecido. Seu coração disparou. A respiração falhou. Os sentimentos desmoronavam.

Não conseguia parar de pensar na noite anterior. Na ausência. Na dor. Na solidão.

“Meu Deus... Me ajuda.” — pensou, como quem lança uma prece ao céu, mesmo sem palavras.

Foi então que ouviu:

— Oi, Andreia. — A voz era suave e familiar, como um sopro de luz. — Tudo bem? — perguntou Kátia, bem-humorada, sem saber o que estava acontecendo.

Andreia levantou os olhos. Naquele instante, sentiu que talvez não estivesse tão sozinha quanto imaginava.

Ela não conseguiu responder. Sua voz falhou. Os olhos, afundados em lágrimas que não caíam, continuaram fixos em Kátia, como se pedissem ajuda sem palavras.

Kátia, ao perceber o estado da amiga, sentiu o coração apertar. Havia algo errado. Algo que transcendia o físico. Era a alma de Andreia que clamava.

— Andreia?... — disse baixinho, sentando-se ao seu lado. Segurou sua mão com delicadeza, como quem oferece abrigo.

Logo atrás, surgiu Caíque. Ao ver a cena, aproximou-se com preocupação sincera.

— O que foi? — perguntou com o olhar atento.

— Não sei — respondeu a irmã, sem tirar os olhos da amiga.

— Desculpe... É que estou nervosa e... — balbuciou Andreia, tentando explicar o inexplicável.

— Calma... Vem cá... — Kátia a puxou suavemente para um abraço.

E Andreia chorou.

Chorou como sempre precisou. Chorou como quem libera o peso de dias acumulados. Chorou no ombro de alguém que não julgava, não questionava, apenas acolhia.

Foi um abraço carinhoso, generoso, silencioso e também cheio de presença.

— Tem certeza de que é só nervoso? Não está com alguma dor?... — Caíque se preocupou com o olhar atento e o coração aberto. — Vamos te levar até sua casa ou... talvez seja melhor chamar alguém.

— Não... Vai passar — disse Andreia, afastando-se do abraço com delicadeza. Secou o rosto com as mãos, tentando recompor o que ainda tremia por dentro.

— Vamos ligar pra alguém. No seu estado... é melhor — insistiu o rapaz com generosidade.

— Não. Por favor não — falou mais firme. — Estou melhor.

Kátia, com seu jeito doce, perguntou baixinho:

— O que aconteceu?

Andreia hesitou. As palavras se embaralhavam com os sentimentos.

— É que... meus pensamentos estão acelerados. Aconteceu muita coisa e...

Não terminou. Não sabia se deveria dizer. Não sabia como dizer.

— O bebê está bem? — Caíque perguntou com cuidado.

Andreia olhou para ele. E, como se aquela pergunta fosse um gatilho, voltou a franzir o rosto, encobriu-o com as mãos e chorou. Chorou com o peso de quem carrega o mundo no ventre e a solidão no peito.

— Calma... — Kátia pediu com bondade, aproximando-se ainda mais.

Caíque, percebendo a fragilidade do momento, posicionou-se à frente dela, impedindo olhares curiosos que pudessem constrangê-la. Com um gesto generoso, colocou a mão suavemente em seu ombro e falou baixinho:

— Vai ficar tudo bem...

Sem que ninguém percebesse, ele orou em silêncio. Pediu aos espíritos benfeitores que amparassem Andreia naquele instante. Que envolvessem sua alma com paz, com luz, com força.

E Andreia foi se acalmando. Como se a oração silenciosa tivesse tocado algo invisível, mas essencial. Secou o rosto novamente e respirou fundo.

— Desculpa, gente...

— Fica tranquila. Estamos aqui — disse Caíque, acomodando-se ao seu lado com presença verdadeira.

— Nunca aconteceu de eu perder o controle assim...

— Podemos entender, Andreia. Mas... se quiser falar a respeito, será bom para você. Quando conversamos, a dor emocional alivia. Sei bem como é isso — sugeriu Kátia com empatia sincera.

Naquele instante, Andreia sentiu que talvez pudesse começar a falar. Talvez pudesse começar a curar, porque havia braços estendidos. Havia escuta.

— Descobri que meu filho... — colocou a mão no ventre e sua voz embargou. Mesmo assim, contou: — O João tem um problema cardíaco. Os exames mostraram... — contou tudo em meio a lágrimas.

Em alguns momentos da conversa, Caíque e Kátia passavam a mão em suas costas, mostrando apoio.

— Estou arrasada, aflita. O que vai ser do meu bebê quando nascer? — Silêncio. — Estou tentando ser forte, mas é difícil.

— Quem disse que você precisa ser forte o tempo inteiro, Andreia? — Caíque perguntou com bondade. Aguardou muito tempo e ela não respondeu. — Você é humana. É o seu filho. Permita-se sentir dor, medo... Esses são sentimentos humanos.

— Estou com medo de não dar conta, medo de falhar, medo de estar sozinha...

— É bom admitir isso. É bom falar sobre isso. Mas... Você não vai falhar. Já deu e continuará dando o seu melhor. Quanto a estar sozinha... E o seu marido? Sua família?...

— O Sandro está muito ocupado cuidando da empresa e... — baixou a cabeça, fugindo de detalhes, fugindo da verdade. Ele pareceu perceber, mas não disse nada. Um minuto depois, ela continuou: — Notei que muitos parentes estão se afastando. Minha mãe vive ocupada com meu irmão mais novo, minha irmã não tem tempo nem me atende mais... Quero distância da minha sogra, que... Meu cunhado é o único que se importa, mas não devo abusar do tempo dele — chorou mais um pouco. — Vivo perguntando para Deus onde errei? Por que isso aconteceu com meu filho? Não quero que ele sofra... — desabou a chorar.

Os irmãos se entreolharam e a deixaram à vontade. Kátia puxou-a para que se recostasse nela.

Quando a viu melhorar, Caíque se levantou e convidou:

— Vamos até lá em casa. É bem pertinho daqui.

— Não... É que... Eu só precisava... Talvez...

— Você precisa conversar um pouco sobre o que está acontecendo e te deixando aflita. Penso que aqui e agora não é um lugar adequado. Vamos lá pra casa — olhou-a, sorriu com leveza e estendeu-lhe a mão.

Andreia ficou indecisa, mas o encarou por segundos, perguntando-se se havia opção melhor.

Constrangida, aceitou a mão estendida e se levantou.

Alguns quarteirões dali...

— Quer um pouco de água? — Kátia perguntou com delicadeza.

— Sim. Por favor... — respondeu Andreia, sentada no sofá da sala, ainda com o semblante abatido.

Caíque recolheu a persiana e abriu a janela. O ambiente se encheu de luz e ar fresco, como se a natureza quisesse participar daquele momento de acolhimento. Em seguida, acomodou-se em uma poltrona próxima, atento e presente.

— Está se sentindo melhor?

— Sim. Eu pensava em tanta coisa... Perdi o controle. Fiquei nervosa. Senti que estava sem saída.

— Sinto muito por tudo, Andreia. Imagino que não seja nada fácil. Deve doer a alma...

— Você disse a frase certa. Dor na alma. Dói muito. Tanto que dá desespero. Sinto medo, Caíque. Um medo terrível. Fico me perguntando o que posso ter feito de errado para contribuir com essa malformação do meu filho. Chego a questionar coisas absurdas... do tipo: onde está Deus? Por que Ele vê isso acontecer e não faz nada? O que eu ou meu filho temos que não Lhe agrada e nos faz merecedores dessa dor, dessa experiência?

Ela o encarou por longos segundos, como quem busca respostas definitivas, como quem clama por sentido.

Caíque respirou fundo, com serenidade, e indagou:

— Você é católica? Tem alguma religião ou filosofia?

— Fui batizada e crismada na igreja católica, porém não sou praticante. Raramente vou às missas. Mas me considero católica. Entende?

— Entendo. É bom saber que você tem princípios religiosos e crê em Deus, em um Criador de tudo e de todos. Que acredita em Jesus.

— Então... Por que esse Criador deixa suas criaturas sofrerem?

Caíque olhou para ela com ternura. Sua voz grave soou como um abraço:

— A única explicação filosófica para isso é: sofremos por causa das escolhas que fizemos. Escolhas erradas. Da dor e do sofrimento que provocamos em outras pessoas. Atitudes equivocadas que cometemos contra nós mesmos. Se não nesta vida, certamente, em outra.

— Não sei direito se concordo com isso... Você está falando de reencarnação?

— Sim — respondeu com um leve sorriso e tom bondoso. — De várias vidas passadas. Deus é o Criador de tudo e de todos. Deus é eterno. Sempre existiu. Nós fomos criados por Ele e somos espíritos imortais.

Andreia permaneceu em silêncio, mas algo dentro dela começava a se mover. A curiosidade brotou e quis entender:

— E para que isso? Por que Deus nos daria várias vidas? — Andreia perguntou com olhos atentos.

Kátia chegou com um bule de chá e um copo d'água, trazendo consigo uma atmosfera de cuidado.

— É chá de cidreira. Está sem açúcar. Sei que você gosta assim — disse, servindo com delicadeza. — Está quente.

— Obrigada — Andreia sorriu com ternura, como quem agradece não só o chá, mas o gesto. Bebeu a água primeiro, tentando acalmar o coração.

Caíque com a serenidade de sempre, respondeu:

— A razão pela qual Deus nos criou, criou os espíritos e tudo o que é material... essa razão ainda é um mistério. Mas, ao longo dos séculos, sábios e filósofos concluíram que Deus nos criou individualmente, dotando cada um de nós com inteligência e livre-arbítrio, ou seja, o poder de escolher. E mais: Deus nos permite evoluir como espíritos imortais.

— Você é espírita então? — Andreia interrompeu com delicadeza.

— Sim. Sou. Foi na Doutrina Espírita que encontrei as melhores explicações para esse tipo de pergunta. Não aceito a fé cega.

— O que você chama de fé cega?

— Fé cega é aceitar algo sem questionar. É acreditar em algo que não faz sentido só porque alguém disse. Por exemplo: não faz sentido eu nascer forte, saudável, intelectualmente capacitado porque Deus quis, e outra pessoa nascer com deficiência física ou intelectual também porque Deus quis. Se todos somos filhos de Deus, por que Ele amaria mais a mim do que ao outro? Que Deus seria esse? — Caíque fez uma pausa. Olhou para Andreia com respeito e continuou: — Esse tipo de pensamento, de que Deus aprecia o sofrimento, é incompatível com a ideia de um Criador justo e amoroso. Porque observar o sofrimento com prazer é típico de um psicopata, não de um Pai Celestial.

— É... Concordo — Andreia sorriu com leveza, mas ainda havia perguntas em sua alma. Bebericou o chá quente, sentindo o calor suavizar a garganta. — Já ouvi muita gente dizer que alguém nasceu com deficiência porque Deus quis, que outro sofreu um acidente e ficou paraplégico porque Deus quis... Confesso que já me perguntei se Deus gosta de assistir ao sofrimento. O que será que Ele espera de alguém que ficou paraplégico?

— Essa pergunta faz sentido, Andreia. O que Deus espera de nós diante da dificuldade? Mas isso não significa que Ele permite a dor por crueldade. Se Deus nos criou iguais como espíritos imortais, simples e ignorantes... Se nos deu inteligência e livre-arbítrio para evoluirmos... então é justo que nos ofereça oportunidades para corrigir o que fizemos de errado ao longo do caminho. Porque nem sempre fazemos tudo certo. Estamos aprendendo, somos falhos.

Andreia permaneceu em silêncio. Pela primeira vez, a dor dava espaço para a compreensão.

— Gostaria de entender melhor. Você disse que Deus nos criou como espíritos imortais, simples e ignorantes... Pode me explicar? — Andreia perguntou com bastante interesse.

Caíque respondeu com tranquilidade:

— "Simples" significa sem evolução. "Ignorantes", sem conhecimento, sem sabedoria. Deus nos criou assim: espíritos imortais, em estado inicial, sem experiência, sem luz própria. E nos deu o livre-arbítrio, o poder de escolher, de construir nossa jornada. — Fez uma pausa breve, como quem respeita o tempo da compreensão. — Não dá para evoluir em uma única vida terrena. Precisamos de várias existências para alcançarmos a perfeição. E, ao longo dessa caminhada, desenvolvemos orgulho, vaidade, egoísmo... e cometemos falhas. Ferimos os outros, ferimos a nós mesmos. E, por isso, não evoluímos. Precisamos aprender a nos despojar desses vícios da alma, a alcançar equilíbrio, humildade, amor verdadeiro.

Andreia escutou em silêncio. Seu olhar vagava, como quem busca encaixar cada peça dentro do coração.

— Nada melhor do que harmonizar o que desarmonizamos — continuou Caíque —, ou seja, experimentar o sofrimento que causamos, não como punição, mas como aprendizado. Como oportunidade de cura.

— Faz sentido, mas... — Andreia se calou. Seus pensamentos mergulharam fundo naquelas explicações. Era como se estivesse tocando algo que sempre esteve ali, dentro dela, mas nunca havia sido nomeado.

Caíque sorriu com leveza e completou:

— E digo mais... Às vezes, em uma encarnação que recebemos para harmonizar falhas do passado, acabamos cometendo novos erros. Criamos novas dores. E essas também precisarão ser harmonizadas. Mas, à medida que adquirimos moral e inteligência, paramos de errar. Começamos a

evoluir. Começamos a amar com mais consciência. A viver com mais propósito.

— E sobre essa experiência do João? E essa experiência que estou tendo agora?... O que você diria? — Andreia perguntou com a voz baixa, mas carregada de dúvidas e medo. Era um clamor por uma explicação lógica.

Caíque olhou para ela com ternura e respondeu com sinceridade:

— Não é conveniente sabermos a razão exata de certas experiências, nem mergulharmos em detalhes sobre vidas passadas. Não recomendo. Mas posso afirmar, com convicção, que você está contribuindo para a evolução do seu filho. A evolução espiritual do João depende dessa encarnação, dessa oportunidade que ele está recebendo agora. — Olhou para o ventre dela com respeito, como quem contempla uma vida preciosa.

— Mas ele nem nasceu... — Andreia murmurou, ainda tomada pela dúvida.

— A experiência encarnatória começa no momento da concepção. O espírito se liga ao corpo e inicia sua jornada terrena ali. Ele já vive. Já sente. Já percebe. Isso, inclusive, a própria ciência confirma. O bebê é capaz de ouvir, de reagir, de se emocionar. E o espírito que habita aquele corpo está em processo de aprendizado desde o primeiro instante.

Andreia permaneceu em silêncio, mas algo dentro dela se aquietou, como se, pela primeira vez, compreendesse que sua dor não era em vão. Que sua missão era maior do que imaginava. Que João, mesmo antes de nascer, já estava vivendo. Já estava evoluindo. E ela, como mãe, era instrumento dessa luz.

— Acho que estou compreendendo. Mas... sabe, ainda sinto medo. Estou me sentindo insegura. Não sei o que meu filho vai enfrentar nem como vai ser. Não sei se terei forças para suportar tudo... sozinha.

Caíque captou a última palavra com atenção: sozinha. Porém, não disse nada. Apenas respirou fundo e, com voz serena, começou:

— Andreia... Já enfrentei muitas dificuldades na vida. Nada semelhante ao que você está vivendo, claro. Contudo aprendi algo que nunca me deixou: quando o medo é terrível, quando a insegurança nos paralisa, quando não sabemos se teremos forças... o que nos sustenta, o que nos movimenta para frente... é a fé.

Fez uma pausa breve, deixando que as palavras encontrassem espaço no coração dela.

— Confie em Deus. Por mais difícil que seja suportar, confie no seu Criador. Ele não vai te abandonar. O Mestre Jesus nos mostrou isso de tantas formas. Confie nos ensinamentos Dele. Tremendo, chorando, sem forças... faça o seu melhor. Não pare. Não desista.

Andreia o olhava com atenção. Seus olhos estavam mais vivos, como se algo estivesse sendo reaceso por dentro.

— É nessa fase difícil — ele continuou —, nesses momentos conturbados da vida que um Mestre é essencial. E nós temos Jesus. Ele não apenas ensinou. Ele viveu o que ensinou. Foi exemplo.

Ela deu um forte suspiro, soltando o ar como quem libera um peso.

— Entendi — murmurou com voz mais firme. Havia ali um traço de confiança.

Caíque sorriu com ternura e continuou:

— Agora você entendeu. Então, quando chegar aquela hora amarga, quando estiver sozinha, com pensamentos acelerados e confusos... o desespero pode tentar te dominar de novo. Por isso, a manutenção da força, da fé, da perseverança... exige dedicação constante à sua espiritualidade. Para isso, o ideal é se ligar ao Alto com frequência. É cultivar uma fé raciocinada.

Fez uma pausa respeitosa.

— Podemos pedir o que desejamos, sim. Mas precisamos aceitar, com resignação e bondade, a experiência que nos cabe viver. Jesus foi exemplo

disso. No dia da cruz, Ele disse: “Pai, afasta de mim esse cálice... mas que seja feita a Tua e não a minha vontade.”

Andreia fechou os olhos por um instante. Aquela frase ecoou fundo.

— Às vezes — Caíque prosseguiu —, o que nos acontece parece amargo, dolorido... mas é um remédio inimaginável para a nossa evolução. Diante da imortalidade, essa dor será uma fração de segundo perto do benefício que ela pode trazer para o nosso crescimento, para a nossa paz.

Olhou para ela com doçura e concluiu:

— Então... tenha fé. Alimente sua fé constantemente. Faça sua parte da melhor maneira. E aceite o que não puder mudar. Aceite com bondade... seja o que for que acontecer.

Andreia não respondeu. Algo havia se transformado dentro dela. Era como se, pela primeira vez, a dor tivesse encontrado um lugar para descansar. E a esperança, um lugar para nascer.

Todos sempre lhe diziam que tudo daria certo. Mas Andreia, em silêncio, sempre se perguntava: “E se não der certo?”

Foi ali, naquele instante de vulnerabilidade, que Caíque respondeu com firmeza serena:

— Aceite o que não puder mudar. Aceite com bondade. Cuide da sua espiritualidade. A espiritualidade não é fuga da dor, mas força para atravessá-la. Você vai conseguir.

Ela o encarou. Queria dizer mais. Falar sobre Sandro, sobre a frieza que a machucava, sobre a ausência que doía mais que palavras duras. Sentia-se só, suportando tudo. Mas acreditou que seria demais para aquele dia. Mesmo desejando um conselho, decidiu silenciar. Talvez por vergonha. Talvez por cansaço.

Caíque se levantou, foi até outro cômodo e voltou com um livro entre as mãos. Sorrindo como sempre, comentou:

— Considere um presente. E desculpe os grifos... costumo riscar e destacar trechos bons ou importantes nos meus livros — sorriu. — O Evangelho Segundo o Espiritismo. Para mim, é oxigênio. — Viu-a achar graça. — É com ele que faço minha manutenção da fé. Alimenta minha alma com confiança e perseverança.

— Obrigada — disse Andreia, estendendo as mãos para aceitar o livro, como quem recebe um presente de luz.

— Vou deixar meu contato com você. Quando ou se precisar... se tiver dúvidas, envie mensagens.

Ela riu, folheando o livro.

— Nunca gostei de riscar meus livros.

— Não é meu caso — riu também.

— Quem te viu e quem te vê, Caíque... não te reconhece. Quem diria que o moleque do fundão, que eu detestava, estaria aqui na minha frente... me ajudando — sorriu lindamente, encarando-o.

— Voltas que a vida dá. Fica tranquila.

— Estou mais aliviada. Obrigada — disse mais séria. — Acho que tomei muito do seu tempo.

— Relaxa! Hoje é meu irmão que toma conta da loja. A propósito... a Kátia comentou que a Maura trabalha na empresa. É a Maura da nossa época de escola?

— Sim. Ela mesma. Assim que montei a empresa...

Andreia sorria enquanto contava.

O reencontro com o outro pode ser o início do reencontro consigo mesmo.

A conversa ganhava leveza. Naquele instante, ela sentiu que, apesar de tudo, havia reencontros que curavam. Palavras que acolhiam. E fé que

começava a florescer.



Bem longe dali...

— O melhor a fazer é antecipar a venda do apartamento. O investimento na indústria e outras coisas. Lembrando que o plano de saúde não vai cobrir todas as necessidades de um bebê que já vai nascer com vários problemas. Não sou fria, Sandro. Sou realista — disse Maura, enquanto massageava os ombros do marido de sua amiga.

— Estou preocupado com isso. Aliás, muito preocupado. A Andreia está sem noção. Ela está pagando por consultas com médicos especialistas que o convênio não cobre. Faz exames atrás de exames... Os gastos já estão enormes. Penso que isso o que ela faz é perda de tempo. Entendi que os problemas cardíacos do bebê são bem sérios e que não devemos ter esperanças.

— Você está certo. Analisando friamente... É isso. E?...

— Fala — pediu, virando-se para ela.

— Vai investir tanto, se empenhar tanto para que se tenha uma vida destinada a depender de médicos, cirurgias, aparelhos... É horrível tomar uma única injeção. Imagina ser furado toda hora. Cortado, costurado, tomar remédios infinitamente. Isso é vida? Ninguém merece!

Na espiritualidade, Nisa envolvia Sandro inspirando-o a concordar com tudo o que a amante falava.

— Chega a ser um pecado forçar uma criança com problemas a viver assim. Maura tem razão e sua esposa não entende isso. Todo esse dinheiro gasto e o que ainda vai gastar é um grande desperdício e poderia ser usado para outras coisas. Andreia perdeu a noção. Você precisa pôr limite nela —

inspirava o espírito Nisa em nível de pensamento. E as ideias chegavam a Sandro como se fossem dele.

— Não estou nem querendo me apegar — confessou ele. — Sei que é meu filho, mas... Ele ainda não entende. Não sente nada. Não acredito que ele terá uma vida longa — considerou com frieza.

— Você tem sensatez. Simples assim. Está lúcido. Não fica iludido. Conversei com a Andreia faz... uma semana. Ela está neurótica. Fazia tempo que não a via. Ela abandonou a empresa. Não quis saber de mais nada. Não está se dando conta de que está despendendo energia, tempo e sofrendo por algo que a natureza mostra que vai dar errado. Estou acompanhando os gastos dela. Um absurdo.

— Seu irmão vai ficar mesmo com o apartamento? — Sandro quis ter certeza.

— Claro. Está tudo certo. Aconselho que você cuide logo da documentação e se mudem antes dessa criança nascer.

— Ainda não procurei casa para alugar.

— Posso cuidar disso para você — beijou-o e lhe fez um carinho. — Você vai esperar o bebê nascer para se divorciar?

— Estou com dó da Andreia, mas não estou suportando viver ao lado dela. Investi muito naquele apartamento e não quero dividir com ela. Acho injusto. Ela mergulhou na indústria e eu tive de arcar com muita coisa naquela casa.

— Então é bom termos cautela. Primeiro, vamos encontrar uma casa boa para ela e o filho. Após a mudança, a gente pensa. Até porque, na partilha da indústria, o dinheiro do apartamento ajudará você a comprar a parte dela.

— Nada disso... Estou pensando em outra coisa... — sorriu com o canto da boca.

— Pensando no quê?

Ele a puxou para junto de si.



Em seu apartamento, Andreia tentou ligar para o marido. Sem resposta. Tentou a irmã. Também não atendeu.

Não gostou daquele silêncio.

Tomou um banho demorado, como quem tenta lavar não apenas o corpo, mas a alma. A água escorria, porém não levava embora o peso que sentia no peito.

Depois sentou-se no sofá. O ambiente estava quieto, quase suspenso no tempo. Pegou o livro O Evangelho Segundo o Espiritismo, presente de Caíque, e começou a folhear com cuidado, como quem toca algo muito especial.

Algumas páginas estavam marcadas, grifadas, vivas. Cada trecho parecia conversar com ela, como se o livro soubesse exatamente onde doía. Leu alguns trechos em voz alta.

E ali, entre palavras e pausas, Andreia começou a respirar diferente. Não era alívio. Era presença. Era fé que começava a se acender mesmo que tímida.

Ela não sabia o que viria. Mas, naquele instante, não estava completamente só.

Enquanto Andreia folheava as páginas do livro, algo sutil começou a se transformar no ambiente. A princípio, era apenas uma sensação leve, quase imperceptível, como se o ar ao seu redor tivesse se tornado mais leve, mais sereno.

À medida que seus olhos percorriam os trechos grifados e seu coração se abria àquelas palavras de consolo e sabedoria, uma presença sutil começou

a se fazer notar. Não era algo que se via com os olhos, mas que se sentia com a alma.

A espiritualidade superior se aproximava com respeito e doçura. Espíritos benfeitores, dedicados ao amparo e à inspiração, envolviam o ambiente com vibrações de paz e acolhimento. Um deles, um espírito amigo de outras existências, posicionou-se ao seu lado, impondo as mãos sobre sua cabeça em prece silenciosa, transmitindo-lhe serenidade e coragem.

No plano sutil, uma luz suave preenchia o espaço, como se o próprio lar tivesse sido convertido em um pequeno santuário. As palavras do Evangelho, lidas com o coração, tornavam-se pontes entre o mundo físico e o espiritual. Cada frase compreendida era como uma chave que abria portas internas, portas que conduziriam à esperança, à fé, à resignação. Com isso, Andreia descobria que há livros que são como bússolas e há palavras que são como abrigo.

E ali, naquele instante de recolhimento, ela não estava mais sozinha. Sentia-se amparada, envolta por uma presença amorosa que não exigia explicações, apenas entrega.

A espiritualidade superior não veio para resolver seus problemas, mas para fortalecê-la por dentro. Para lembrá-la de que, mesmo na dor, há propósito. Mesmo na escuridão, há luz. E mesmo no silêncio, há vozes do Alto que sussurram: “Confia. Estamos com você.”

Capítulo 11

Quando a inveja vem disfarçada de amizade

Mesmo quando tudo parece desabar, há uma luz que

insiste em permanecer acesa dentro de nós.



Antes de retornar ao silêncio do próprio apartamento, Sandro buscou refúgio na casa dos pais. Aquele abrigo antigo onde as paredes ainda guardavam ecos da infância e os olhares sabiam ler o que as palavras não diziam.

A conversa foi longa, entrelaçada por pausas densas e olhares que tentavam decifrar o que o coração escondia.

Ele falou de planos, de mudanças, da venda do apartamento que, embora valioso, carregava mais peso emocional do que financeiro. Confessou, sem confessar, que não desejava dividir o valor com Andreia, mesmo sabendo que ela tinha direito. Preferia alugar uma casa, contrariando o desejo dela de construir raízes em um novo lar. Não foi direto, tampouco detalhado,

mas os pais perceberam: havia um cansaço que não se dizia, uma insatisfação que se disfarçava em decisões práticas.

Leonardo, homem de negócios, materialista e de raciocínio ágil, compreendeu o que o filho não ousava dizer. Orientou-o com firmeza sobre como proteger o dinheiro da venda, sugerindo até a negociação da indústria têxtil. Aquela que Andreia havia erguido com tanto zelo e dedicação. A ideia era clara: reduzir ao mínimo qualquer partilha futura. Um gesto que, embora estratégico, carregava o peso de uma ruptura anunciada.

Angélica não escondia sua inquietação. Falava, sem amor e com o coração em desalinho, sobre o neto que ainda não havia chegado, mas já trazia consigo uma cardiopatia que a abalava profundamente. Sempre buscando culpados. Apontava para Andreia, atribuindo à nora a responsabilidade pela malformação, alegando que os exercícios físicos, no início da gestação, haviam sido imprudentes. Ignorava os médicos, ignorava o que dizia a ciência e, sobretudo, ignorava o livre-arbítrio e os desígnios maiores que regem a vida.

Na sua insistência, Angélica semeava dúvidas no coração do filho, afastando-o da verdade e aproximando-o de uma crença moldada pela dor. Não compreendia que cada espírito traz consigo uma bagagem de aprendizados e que, mesmo antes do nascimento, há lições a serem vividas por pais, filhos e por todos os que orbitam aquela existência.

Aquela noite, embora envolta em conselhos e estratégias mesquinhos, foi também um espelho. Refletindo a vaidade, o orgulho, os julgamentos e as escolhas que, mais cedo ou mais tarde, cobrariam seu preço. No fundo, Sandro sabia: havia algo maior em curso, algo que transcendia bens, culpas e contratos. Algo que pedia coragem. Não apenas para decidir, mas para compreender.

Enquanto isso, no silêncio acolhedor de seu apartamento, Andreia abriu a porta com um sorriso suave.

— Oi — disse com ternura nos olhos. — Entra...

Maura entrou e foi recebida com um abraço demorado, quase ritualístico. Andreia a envolveu com afeto sincero, sem saber que aquele gesto de carinho tocava uma alma que já havia se distanciado da luz.

Após o beijo no rosto, Maura falou com naturalidade:

— Estava com saudade... Faz dias que não te vejo. Por isso mandei mensagem, queria saber se podia passar aqui um pouquinho.

Havia firmeza em seu olhar. Nenhum traço de culpa, nenhum vestígio de vergonha. Como diretora financeira da indústria têxtil que Andreia havia construído com tanto esforço, sentia-se confortável em sua posição, mesmo tendo se tornado amante de Sandro, mesmo sendo conselheira de estratégias que visavam a afastar Andreia da presidência e da própria estabilidade.

Ela vivia nas sombras onde a luz da consciência ainda não havia chegado. Era uma alma em desequilíbrio, que trazia em si a maldade, como quem carrega uma pedra no coração. Não nutria consideração pela amiga que, envolta em sua pureza e confiança, ainda não sabia nem suspeitava da traição que se desenhava ao seu redor.

— Foi bom você ter vindo. Vem... Senta aqui — disse a anfitriã com delicadeza, indicando a sala elegante, decorada com tons suaves e memórias discretas.

— Como você está? E o bebê?... — perguntou Maura com descaramento disfarçado de preocupação.

— Estamos bem, na medida do possível. O João está aguentando firme — respondeu, passando a mão sobre o ventre com um carinho que transcendia o físico. Era um gesto de conexão espiritual, como se conversasse com o filho em silêncio, como se dissesse: Estamos juntos, meu amor. Seja o que for, enfrentaremos.

Sorriu levemente. Um sorriso que carregava fé, mesmo diante da incerteza. Um sorriso que, aos olhos do Espírito, revelava a força de uma mãe que já compreendia, ainda que intuitivamente, que aquela criança trazia consigo

uma missão e que ela mesma, como mãe, também estava sendo chamada a evoluir por meio da dor, da entrega e do amor incondicional.

— Tá difícil, né, amiga? — disse Maura, com um tom de falsa empatia, sentando-se ao lado. Tocou-lhe o ventre com suavidade ensaiada, depois afagou-lhe o rosto, como quem tenta se aproximar e ocupar um lugar que não lhe pertence.

Andreia suspirou, carregando o peso de um mundo invisível.

— Tem dias que não são fáceis... — começou com voz embargada. — Mas nunca, em momento algum, me arrependi de ter engravidado. Desde o instante em que soube, meu coração se encheu de alegria. Comecei a conversar com ele, a sonhar com ele... — seus olhos se encheram de lágrimas. — Fiz planos: parques, natureza, trilhas... Prometi que ele não seria refém da internet — riu com ternura. — Mas nunca falamos de saúde. Isso só veio depois. Agora, todos os dias, eu digo que estarei ao lado dele. Peço força. Peço coragem. Peço que ele aguente firme. — Fez uma pausa. As lágrimas escorreram discretas, como orações silenciosas. Após um suspiro profundo, confessou: — Ai, Maura... Às vezes, acho que não vou conseguir. Que não serei forte o suficiente. Tenho tanto medo...

Olhou nos olhos da outra, buscando apoio. Maura, com voz firme e superficial, argumentou:

— Você é forte, amiga. O João vai nascer, fazer a cirurgia e tudo vai ficar bem. Fica tranquila. Vai dar tudo certo.

Andreia ouviu a frase tantas vezes repetida: “Vai dar tudo certo.” Mas, dessa vez, ela não se incomodou. Lembrou-se das palavras de Caíque, ditas com serenidade e sabedoria: “Aceite o que não puder mudar. Aceite com bondade.”

Sorriu. Um sorriso leve, como quem começa a compreender que há forças maiores em movimento.

— Hoje, fui caminhar e encontrei a Kátia lá da empresa — disse, mudando o tom e o assunto.

— Ah, sim... A Kátia, assistente.

— Ela mesma. Estava com o irmão. O irmão da Kátia é o Caíque — sorriu, esperando a reação.

— Caíque?... — Maura franziu a testa, tentando puxar da memória.

— O Caíque que estudou com a gente no Ensino Médio — Andreia riu.

— Pelo amor de Deus! — exclamou Maura. — O Caíque?! Aquele do fundão, irmão do Eduardo da sala ao lado?!

— Ele mesmo, ou melhor, eles mesmos. Lembro que bati no Eduardo algumas vezes. Uma delas foi quando ele entrou na nossa sala, pegou meu caderno e levou para a sala dele. O professor queria ver a lição feita e dar visto. O Caíque disse que eu era a mais nerd da sala. Então o Eduardo pegou meu caderno, sem que eu visse, levou para o professor, tirou nota e devolveu o caderno para o Caíque colocar no lugar. Quando o professor veio à nossa sala, o meu já estava com visto.

— Eu me lembro disso! — Maura riu.

— Nem lembro quem me contou que o caderno tinha ido parar com o Eduardo. Fui tirar satisfação, ele debochou. Perdi o controle e bati nele. Rolamos no chão. Fomos parar na diretoria — riu alto. — No dia seguinte, o Caíque riu de mim e fui lá brigar com ele também. Não rolamos, mas dei umas cadernadas na cabeça e nas costas dele.

— Foi por isso que te apelidaram de Caderno Furioso! Quando te viam, diziam: “Olha! Lá vem o Caderno Furioso.”

— Foi. Foi por isso — disse Andreia com nostalgia. — Eu ficava louca com isso. Esse apelido foi ideia do Caíque. Bati nele várias vezes. E fui parar na diretoria várias vezes também — riu com gosto. — Justo eu, a aluna exemplar. Meu pai até foi chamado na escola.

— Agora lembro. Foi o Caíque que te apelidou de Caderno Furioso — Maura confirmou.

— Foi um ano dos infernos por causa disso — Andreia achou graça e sentiu saudade. — Os professores até me perguntaram o porquê do apelido.

— Então você encontrou com o Caíque?

— Sim. Foi uma grande surpresa. O Caíque é outra pessoa. Você não o reconheceria. Conversamos, rimos das lembranças...

— E como ele está? Deve ter se ferrado na vida — disse Maura com desdém.

— Você não o reconhece! — Andreia insistiu. — O Caíque é outro ser.

— Sério?! — espantou-se Maura.

Andreia não respondeu de imediato. Apenas sorriu, como quem sabe que algumas transformações não se explicam, apenas se sentem. Porque há almas que, mesmo depois de anos de tropeços, encontram o caminho de volta à luz. E Caíque, agora, parecia ser uma dessas.

— Tornou-se um homem e tanto. Bem... Pelo menos, é o que parece — disse Andreia, com um brilho contido nos olhos. — Fui até a casa deles hoje. — Não explicou o motivo da visita. Não por vergonha, mas por algo que intuía. Era como uma voz silenciosa que lhe dizia que aquele detalhe ainda não precisava ser revelado. — Eles moram perto do parque onde costumo caminhar. Nos encontramos por acaso e me convidaram para conhecer a casa. Não vi o Eduardo. Ele não estava. Conversamos bastante... Rimos muito das lembranças da escola.

— Não foi o Eduardo quem colou chiclete no seu cabelo? — perguntou Maura com um sorriso enviesado.

— Não. Foi o Caíque. Ele confessou que foi por vingança, porque eu molhei o trabalho escolar dele com refrigerante. Era uma guerra constante entre nós dois... Nem sei mais o que fui capaz de fazer.

— Eu me lembro disso. Alguns diziam que vocês se gostavam.

— Qualquer simpatia por eles passava longe naquela época. Mas você não imagina como o Caíque está hoje. Muito maduro, educado, gentil...

— E o que ele faz agora? Se formou?

— Fez Engenharia Automotiva. Trabalhou na área por alguns anos. Depois entrou num programa de desligamento voluntário e se demitiu. Abriu uma empresa de autopeças com o Eduardo. Foi casado, mas se divorciou.

— Eu não dava nada por aqueles dois — comentou Maura com desdém.

— A casa onde moram é deles. Grande, com quintal amplo, jardim... Tem até árvores no fundo. Fiquei impressionada. É raro encontrar uma casa assim hoje em dia. Comentei que estamos pensando em vender o apartamento... Aquele bairro parece bom.

— Será que o Eduardo mudou também? — Maura perguntou curiosa.

— Não sei dizer. Mas se mudou como o Caíque... deve estar bem diferente. — O silêncio se instalou por um instante, como quem respeita uma lembrança que ainda ecoa. — Sabe... Nos últimos tempos, meu coração tem apertado por causa do problema do João. E confesso que estou cansada de ouvir que tudo vai dar certo, que preciso ficar tranquila...

— Mas, Andreia... — Maura tentou intervir.

— Só um momento. Deixe-me concluir — pediu Andreia com delicadeza. — Conversando com o Caíque, contei sobre a cardiopatia do meu filho. Ele me ouviu com atenção, sem interromper, sem tentar comparar com outros casos. Depois falou sobre fé. Sobre a importância de aceitar certas situações que não podemos mudar. — Andreia fez uma pausa, como quem saboreia uma lembrança que acalma. — Desde os exames, sempre me perguntei por que Deus permitiria isso com meu filho... Comigo. Por que eu merecia isso? Não sei repetir exatamente o que o Caíque disse, mas... o que falou e a forma como falou deixou meu coração mais leve. Menos dolorido. Ele é espírita. Acredita na vida após a morte, na reencarnação. E me explicou tudo com tanta clareza... Até agora, foi a única coisa que fez sentido. Ele

não disse que tudo ia dar certo nem que eu deveria ficar tranquila. Falou sobre fé, sobre aceitação.

— Que bom que fez sentido pra você — disse Maura com um toque de desdém. Remexeu-se no sofá, como se algo dentro dela tivesse sido tocado e não gostou disso.

— Por quê? Você não acredita? — perguntou Andreia com voz serena, mas curiosa.

— Ai, amiga... Você sabe como eu sou. Pra mim, essa coisa de fé, de religião, de acreditar em mil vidas, em carma, em espírito que volta, em missão... é tudo uma grande invenção. Um teatro emocional pra quem não consegue lidar com a realidade. — Maura cruzou os braços com expressão de impaciência. Seus olhos azuis expeliam contrariedade. — Evangélicos fanáticos, espíritas que vivem falando de desencarne, de plano espiritual, de sofrimento como aprendizado... Pra mim, é tudo gente perdida, tentando se agarrar a alguma coisa pra justificar os próprios fracassos. — Fez uma pausa, como se estivesse saboreando o próprio desprezo. — Eles precisam disso pra se sentirem especiais. Pra dizerem que a dor tem propósito, que o sofrimento é evolução, que tudo é parte de um plano maior. Mas sabe o que eu acho? Que é só medo. Medo de encarar que a vida é injusta, que às vezes não tem explicação, que coisas ruins acontecem e pronto. Sem lição, sem redenção, sem recompensa. Eles precisam de uma muleta pra se apoiarem. Querem justificar os próprios problemas, encontrar sentido onde, pra mim, não tem. É como se criassem histórias pra suportarem a dor. — Olhou para Andreia com um sorriso de lado, quase cruel. — E aí veem gente como você, que tá passando por um problema sério, e em vez de se revoltar, de lutar, de exigir respostas... se apega a essa ideia de que “Deus sabe o que faz”, que “é preciso aceitar”... Aceitar o quê, Andreia? Que seu filho pode nascer com uma doença grave? Que você vai sofrer e tem de achar bonito isso?

A voz de Maura se tornava mais cortante, como se cada palavra fosse uma lâmina tentando rasgar a serenidade que Andreia havia conquistado com esforço.

Acreditando que não havia dito o suficiente, Maura ainda falou:

— Eu não consigo entender como você pode se sentir melhor depois de ouvir essas coisas. Fé não resolve nada. Não cura, não paga conta, não muda diagnóstico. É só uma ilusão confortável. Um cobertor emocional pra quem não quer encarar o frio da realidade. — Suspirou, como quem encerra um julgamento. — Mas enfim... Se isso te ajuda, ótimo. Só não espere que eu entre nessa. Pra mim, tudo isso é fuga. E eu prefiro viver com os pés no chão, mesmo que doa.

Naquele instante, Andreia sentiu novamente o coração apertar, como se mãos invisíveis o comprimissem com força. As palavras de Maura, ditas com frieza e convicção, arrancavam dela o que havia conquistado com esforço: compreensão, coragem, fé. Era como se a amiga drenasse sua luz, deixando em seu lugar um vazio crescente, o escuro tenebroso e o silêncio mortal.

A dor que se instalou não era física, mas esmagadora em sua alma. Enquanto as palavras de Caíque haviam sido como bálsamo, alimentando seu ânimo, fortalecendo sua esperança, a fala breve e cortante de Maura a lançava num abismo sem fim, sem chão, sem luz.

— Desculpa, Maura... — interrompeu com voz embargada. — Achei que você fosse me apoiar. Acreditei que estivesse do meu lado.

— Não é isso. Estou do seu lado, mas sou realista — respondeu Maura, com tom seco, como quem se orgulha da própria dureza.

— Por acaso acha que estou me iludindo? — Andreia perguntou, sentindo a indignação crescer.

— Isso é complicado. Você nunca quis ter um filho.

— Eu nunca disse isso. Quando o Sandro falou sobre termos um filho, eu só achei que talvez não fosse o momento ideal. Eu tinha planos, queria expandir minha empresa. Mas não disse que não queria um filho. É diferente. Admiti que nunca troquei uma fralda, que não sabia cuidar de criança... Isso não significa que eu não desejasse ser mãe.

Maura balançou a cabeça, como quem julga sem escutar.

— Sabe, Andreia... Tem gente que parece nascer pronta pra ser mãe. Você não sabia nem sequer cogitou a possibilidade de seu filho nascer com problema. Engravidou achando que tudo iria dar certo.

Andreia ergueu a voz e, com firmeza nos olhos, falou:

— Maura! Qual mulher engravida pensando que vai dar tudo errado?

— Ai... Você está complicando as coisas — disse desviando o olhar, como quem se incomoda com a intensidade da verdade.

Andreia permaneceu em silêncio por um momento. Sentia que, mais do que palavras, havia uma energia pesada ali, uma presença que não acolhia, não compreendia, não oferecia nada além de julgamento. E compreendeu, com dor, que nem todo abraço é abrigo. Que há pessoas que, mesmo próximas, não sabem acolher.

Em tom brando, quase doce, Maura deixou escorrer o veneno com precisão calculada:

— Eu te conheço bem, amiga. Você é brilhante em tantas coisas... Inteligente, determinada, empreendedora. Mas lidar com pessoas, reconhecer situações delicadas, cuidar de doenças ou das dores dos outros... — fez uma pausa dramática, como quem pesa cada palavra. — Ah, isso nunca foi seu forte. Então, me diga: quando seu filho nascer, vai conseguir ser forte?

Andreia sentiu-se confusa. Aquela conversa parecia ter mudado de tom, como se algo invisível tivesse virado a chave. Franziu a testa, quis responder, mas um nó se formou em sua garganta, como se a alma tivesse sido atingida antes da voz.

— Não digo isso por mal — continuou Maura, com suavidade ensaiada. — Estou sendo sensata. Te conheço bem. Se fosse comigo... sinceramente, não sei o que faria. Talvez... não levasse essa gravidez adiante. É um direito seu. Seja realista. Não pode fingir que está tudo bem se não está. Lá no fundo, você sabe que não vai dar conta.

A cada palavra, Andreia sentia como se a fé que vinha cultivando com tanto esforço estivesse sendo arrancada, raiz por raiz.

— Com uma gravidez normal já é difícil! — Maura ressaltou com firmeza. — E só de saber que o bebê tem uma malformação congênita, você sumiu da empresa. Seu sonho era ampliar tudo aquilo. Quando ele nascer, vai conseguir voltar a trabalhar? — Não deu tempo para resposta. — Estou acompanhando suas retiradas financeiras. Médicos, exames, tudo fora do plano. Você não está pensando, Andreia. Está agindo por impulso. Quando o bebê nascer, vai precisar de cirurgia, tratamento... E o plano de saúde provavelmente não vai cobrir. A pergunta realista é: será que você não está lutando por uma causa perdida?

O coração de Andreia disparava, como se tentasse fugir do próprio peito. Aquelas palavras eram necessárias? Ela realmente precisava ouvir que estava agindo sem pensar? Ignorando o futuro? Ou será que Maura estava apenas revelando o que Sandro também pensava? Aquele afastamento silencioso, aquela ausência disfarçada de cansaço... Seria fuga? Seria medo de se apegar? Ou seria covardia?

E Maura? Seria mesmo amiga?

Não sabia responder. Mas arriscou:

— O Sandro não reclamou da minha decisão de procurar outros médicos, especialistas, exames...

— Não reclamou para não te magoar — cortou Maura com frieza.

— Ele está distante... — murmurou, sem perceber que havia dito em voz alta.

— Acho que o Sandro está te protegendo. Ele é realista, como eu. Se está distante, é para se proteger também. Para não se apegar. Você não está pensando nele, Andreia.

— Como assim?

— Você largou tudo nas mãos dele e foi como dizer: “Se vira! Vou cuidar só de mim.”

Por trás daquele diálogo frio, havia uma intenção oculta. Maura não queria apenas abrir os olhos da amiga, queria fechá-los para a esperança. Já havia conquistado Sandro como desejava. Plantou nele ideias de tomar a empresa, de seguir sozinho. E acreditava que o único elo que ainda o prendia a Andreia era aquele filho frágil ainda por nascer. Um elo que, se rompido, abriria caminho para o que ela mais queria: posse, poder, liberdade.

— Você acha isso mesmo? — perguntou Andreia, com voz temerosa, como quem busca um fio de esperança no meio da escuridão.

— Tenho certeza — Maura respondeu, sem hesitar. — Se as pessoas estão te dizendo que vai dar tudo certo, é porque não sabem o que dizer. Não querem te magoar. Me diga: o que você diria para alguém numa situação igual à sua? — Andreia permaneceu em silêncio. A pergunta ecoou dentro dela como um desafio cruel. — O Sandro está fazendo de tudo para manter o equilíbrio. Está se segurando para não sentar ao seu lado e chorar como você. Então, Andreia, apoie seu marido. Colabore com ele, com o que ele faz.

— Ele quer vender o apartamento. Você sabe disso.

— Venda! O quanto antes. O mercado não está favorável. Se aparecer alguém com uma oferta, aceite. Mudem-se para uma casa. Vai ser melhor para vocês. E esse dinheiro pode ser usado no tratamento do bebê.

— Não sei se é o certo... — disse esmorecida, abalada.

— Amiga, ser realista é ser forte. Confie no seu marido, tá bom? — Maura sorriu, pegando suas mãos e apertando-as entre as suas, como quem sela um pacto silencioso.

— É... Acho que você tem razão — murmurou, estremecida, abraçando-se à amiga como quem busca abrigo, sem perceber que o abraço era feito de espinhos.

Maura estava envolta por forças que Andreia não podia ver. Espíritos que se alimentavam da inveja, da ambição e da ganância. Duane, entre eles, manipulava com maestria cada sugestão que Maura transmitia, como se soprasse veneno em forma de conselhos. E Maura, receptiva, deixava-se guiar por essa influência sombria, acreditando que suas palavras eram sensatas quando, na verdade, eram armadilhas.

Ela e Sandro já tinham planos. Queriam ficar juntos, livres, com tudo o que Andreia havia construído. A empresa, o patrimônio, a paz. Maura não desejava ter o que Andreia tinha. Ela queria ser Andreia. Queria ocupar seu lugar, apagar sua luz, tomar suas conquistas como se fossem suas por direito.

— E mais uma coisa — disse Maura, afastando-se do abraço com um olhar calculado. — Toma cuidado pra não se deixar dominar por essas coisas de religião, espiritualidade ou sei lá... Tem gente que vira fanática, acredita em milagre e depois vê tudo desmoronar. Fica decepcionada, sem esperança pra vida. Cuidado com isso. É muita ilusão. Eu nem sei se acredito em Jesus — disse com desdém, como quem fecha portas sem sequer espiar por elas.

Andreia respirou fundo. Sentia o coração apertado, porém não queria reagir com dureza. Escolhendo a firmeza serena, decidiu ser franca:

— Maura... O fato de você não conhecer algo não torna esse algo inexistente. Dizer que não acredita em Jesus sem ao menos buscar entender quem Ele foi, o que ensinou, o que representa, o que Ele fez... é como negar a luz sem nunca ter aberto os olhos. — Fez uma pausa, tentando conter o desconforto que crescia dentro de si. — Você não sabe. E quando não se sabe, o melhor é silenciar, não julgar. Sua opinião, nesse caso, não transforma a realidade e não muda nada, apenas revela o quanto ainda há para aprender. — Olhou-a com tristeza, mas também com respeito. — Estou me sentindo desconfortável. Prefiro não continuar essa conversa. Não por falta de argumentos, mas por respeito à minha fé e ao que ela tem me sustentado.

Maura não gostou. Sentiu-se atingida, melindrada pelas palavras firmes da anfitriã. Seu orgulho ferido se disfarçou num sorriso breve e, sem demora, ela mudou de assunto. Mas, por dentro, algo escuro crescia. Um rancor

silencioso, um ódio que se alimentava da rejeição e da verdade que não queria ouvir.

Não diria nada. Não naquele momento. Porém decidiu, com frieza, que faria de tudo para destruir Andreia. Não bastava vê-la abalada, desejava vê-la desfeita. Queria arrancar dela o que restava de paz, de fé, de força. Queria tomar o que era seu. Não por necessidade, mas por desejo de posse, por inveja antiga e mal resolvida.

Disfarçando os sentimentos tenebrosos que a consumiam, Maura continuou a conversa como se nada tivesse acontecido. Contudo suas intenções já haviam mudado. E Andreia, ainda envolta em sua sensibilidade espiritual, não percebia que o perigo agora sorria diante dela com voz mansa e olhos calculados.

Andreia sentiu o coração apertar. Uma sensação incômoda crescia dentro dela e atravessava a sua alma. Não conseguia nomear o que sentia, mas sabia que algo estava errado.

Sensível, naquele momento, foi difícil impor limites às palavras amargas da amiga. Não queria magoar, mesmo sendo magoada. E isso a deixava vulnerável.

Alguém que abala sua fé, sua esperança e não oferece nada em troca, apenas insegurança e medo, não é uma pessoa confiável. É uma sombra disfarçada de presença. Um abismo travestido de apoio.

E Andreia, ainda que não soubesse explicar, começava a perceber que sua paz estava sendo ameaçada. E que talvez fosse hora de protegê-la.



Após Maura ir embora, sentiu-se ainda mais angustiada.

A conversa não tinha sido nada agradável.

Seu mentor, o espírito Aren, aproximou-se e a fez olhar em direção do livro que estava embaixo da sua bolsa, no sofá.

— Pegue-o — inspirou, soprando em seus pensamentos.

Guiada por um impulso silencioso, sem pensar, ela foi até o sofá, pegou O Evangelho Segundo o Espiritismo e ficou olhando-o entre as mãos. Depois de alguns segundos, abriu-o ao acaso, deparando-se com o Capítulo VI – O Cristo Consolador.

E leu: O jugo leve.

1. “Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei comigo que sou brando e humilde de coração e achareis repouso para vossas almas, pois é suave o meu jugo e leve o meu fardo.” (Mateus 11:28–30)

“Todos os sofrimentos: misérias, decepções, dores físicas, perda de seres amados, encontram consolação na fé no futuro, na confiança na justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. Sobre aquele que, ao contrário, nada espera após esta vida ou que, simplesmente, duvida, as aflições caem com todo o seu peso e nenhuma esperança lhe mitiga o amargor.” Foi isso o que levou Jesus a dizer: “Vinde a mim... e eu vos aliviarei.”

Andreia ergueu os olhos e ficou pensativa.

Entendeu que essa reflexão mostra que Jesus não prometeu eliminar o sofrimento, mas aliviar o peso que ele causa, oferecendo sentido, esperança e paz interior. O jugo suave é a fé que consola e o fardo leve é a confiança que transforma a dor em aprendizado.

Aproximando-se, seu mentor disse em nível de pensamento, sem que ela pudesse perceber:

— Se buscarmos conforto e entendimento nas palavras de Jesus, encontraremos alívio. Teremos fé no futuro, esperança na Justiça Divina. Quando não acreditamos, quando deixamos ideias tristes e inferiores

invadirem nossas crenças, quando nos afastamos do amor a nós e ao próximo, as dores nos alcançam com mais força.

— É uma pena Maura não acreditar — ela falou em voz baixa. — Eu voltei a me sentir bem com o que estou lendo... Assim como me senti bem quando conversei com Caíque.

Voltando os olhos para o livro, continuou lendo outro trecho, que lhe chamou a atenção, em voz moderada e suave:

— "Não busqueis alhures a força e a consolação, pois que o mundo é impotente para dá-las".

— O que é alhures? — murmurou, pegando o celular para pesquisar. — Ah... Alhures significa em outro lugar. Entendi... Não busqueis em outro lugar a força e a consolação, pois que o mundo é impotente para dá-las. Foi o que Caíque falou. Buscar força em Deus, em Jesus — e seguiu lendo em voz alta.

Com isso, aconteceu algo que Andreia não podia imaginar. A leitura, repleta de luz e fé, alterava a vibração do ambiente. Os espíritos que haviam permanecido ali, ainda impregnados de ressentimento e malícia, começaram a se agitar. Aquela energia os incomodava, como se a presença do Evangelho fosse um clarão em meio à sombra. E Andreia, sem perceber, começava a reacender sua própria luz.

As horas passaram sem que percebesse.

Sandro chegou e a esposa interrompeu o que fazia.

Cumprimentou-a a distância e ia para o quarto, quando ela disse sorrindo com leveza:

— Hei... Não vai me dar um beijinho?

Ele se aproximou e beijou-a, rapidamente, com frieza.

Naquele instante, Andreia se arrependeu do pedido. Sentiu como se estivesse mendigando atenção e amor.

Novamente, experimentou um peso, um aperto no coração.

Vendo que ele ia se afastar, perguntou mais friamente:

— Onde você foi? Saiu cedo e só chegou agora.

— Fui à academia. Depois... Passei o dia na casa do meu pai — respondeu com um toque de desânimo e um suspiro ruidoso ao final.

— Mandei mensagem e tentei te ligar.

— Acabou a bateria.

— Poderia dar um jeito de me avisar. Fiquei preocupada.

— Já disse. Acabou a bateria.

— Mandasse mensagem pelo celular do seu pai ou da sua mãe para eu saber onde você estava. E se eu precisasse de ajuda, Sandro? Como te encontraria?

Ele se virou, olhou-a sério e perguntou friamente:

— Você precisou?

— Não, mas...

— Então, por que o drama? Que coisa... — virou-se e foi para o quarto, enquanto o som dos passos dele se dissolveram no ar.

Andreia sentiu seu corpo reagir às suas emoções.

Suas mãos ficaram trêmulas ao tocar o ventre e um frio inesperado percorreu sua coluna ao mesmo tempo que experimentou um nó na garganta.

Sozinha na sala, o ambiente pareceu amplo demais, com a sensação de abandono.

O eco do silêncio pesava no ar.

Sua mente não parava de pensar. Chegava a ser cansativo.

Começou a recordar de como Sandro costumava ser gentil, atencioso, amoroso, mas, agora, era indiferente e distante.

Ele deixou de amá-la? O bebê mudou tudo? O marido teria outra?

Acabou a bateria do celular?

A desculpa soou sem fundamento, vazia.

Ele costumava atender na primeira chamada. O que estaria acontecendo?

A dúvida se espalhava junto com uma dor emocional. Não acreditava. Não queria acreditar que havia outra.

Sandro tinha mudado muito. Suas brincadeiras, seu sorriso durante o café da manhã, a forma como a tocava ou segurava sua mão nos passeios, no shopping... Ele se orgulhava de formarem um lindo casal.

Agora, tudo parecia distante.

O que mudou?

Ao escutar o barulho do chuveiro ligado, ela foi para o quarto e viu o celular sobre a mesinha da cabeceira, do lado em que ele dormia, sem o carregador conectado.

A tela apagada refletia seu rosto quando se aproximou.

Andreia gostaria de se convencer de que aqueles sentimentos e sensações eram hormonais ou uma paranoia e que tudo ficaria bem.

O silêncio se tornou sufocante e seus pensamentos carregados de perguntas sem respostas.

Um turbilhão de ideias a consumia.

Experimentou uma sensação, uma impressão estranha de que sua vida, sua história estava prestes a desmoronar.

Vagou os olhos pelo ambiente e ainda ouviu o som do chuveiro ligado.

Estendeu a mão trêmula sem hesitar e pegou o celular. Um pequeno portal para a verdade que talvez não desejasse encarar.

Deslizou o dedo na tela fria e a desbloqueou. Seu coração pulsava forte quando viu a barra da bateria brilhante, quase cheia, no canto da tela.

Andreia respirou fundo. Era como se o universo tivesse desabado, dando-lhe um último golpe naquele exato momento.

A bateria acabou?

Não. Não acabou. Ele mentiu.

Por quê? Por que mentiu?

As possibilidades atropelavam sua mente e seus pensamentos ficavam cada vez mais confusos.

Continuou chocada, frustrada, decepcionada.

Sem medo, abriu o aplicativo de mensagens. Não sabia ao certo o que procurar. Talvez um nome estranho, com uma conversa diferente, qualquer coisa que a deixasse mais desconfiada.

Percorreu a lista de contatos com os olhos, mas nada para suspeitar. Algumas mensagens antigas, outras nem tanto. Nada saltava aos olhos.

“Não pode ser coisa da minha cabeça. Tem algo errado” — pensava.

Desceu a tela. Alguns nomes conhecidos, clientes, fornecedores, funcionários... Nada alarmante.

Por um instante, parou no nome de Maura.

Abriu a conversa, mas nada nela parecia fora do normal. Um recado sobre fornecedor, relatório, projeto... Nada suspeito.

Era óbvio que conversassem. Trabalhavam juntos. Era só isso.

Na lista de ligações recebidas e realizadas, a mesma coisa. Mas, percebeu que eles dois conversavam várias vezes por ligações, embora chamadas curtas, havia várias.

Porém, algo em seu coração permanecia inquieto.

Andreia, mesmo ferida, começava a enxergar. E quando a alma começa a ver, não há veneno ou mentira que a cegue por completo.

Ouvindo o chuveiro parar de funcionar, colocou o celular no lugar e saiu do quarto.

Na sala, olhou para O Evangelho Segundo o Espiritismo e recordou um dos trechos lidos: “Sou o grande médico das almas e venho trazer-vos o remédio que há de curar. Os fracos, os sofredores e os enfermos são meus filhos prediletos” – Capítulo VI, item 7.

Nesse instante, murmurou:

— Jesus, Mestre querido, me ajuda, me dê forças, tira de mim esse medo.

Foi envolvida por seu mentor e espíritos amigos.

Apesar da insegurança, sentiu-se mais forte, amparada. Uma sensação de que não estava sozinha a invadiu.

Decidiu não falar nada. Não seria o momento. Não desejaria piorar o clima entre eles. Mas, ficaria atenta. Seria cuidadosa.

Capítulo 12

Quando o amor não protege

Nem toda dor vem da ausência. Algumas nascem

da decepção com quem estava presente.



Na manhã seguinte, o silêncio do apartamento parecia mais pesado.

Era domingo e, bem cedo, Sandro saiu, dizendo que iria para a academia. Novamente a ausência, a distância, a dor...

A desculpa do celular descarregado ainda ecoava na mente de Andreia. Sabia que ele havia desligado o aparelho. Disso, não tinha dúvidas.

Mas por quê? Onde estaria? Com quem? Essas perguntas se repetiam como um mantra amargo, sem resposta.

Sentindo-se sufocada, decidiu fazer sua caminhada habitual.

No parque, sob as copas generosas das árvores que sombreavam a pista, o ar fresco e o verde ao redor trouxeram um alívio sutil, como um abraço da

natureza.

— Oi, Andreia... — disse uma voz familiar, fazendo-a olhar.

— Oi, Caíque — respondeu com um sorriso espontâneo.

Ele estava suado, acabava de terminar a corrida.

— Tudo bem? Como você está?

— Bem. Gostei do livro que você me deu.

— Já leu tudo? — brincou, sabendo que não havia tempo para isso.

— Não — riu, entendendo a provocação. — Mas, como você sugeriu, abri ao acaso. Estava angustiada e... sabe, ajudou. Organizou meus pensamentos.Trouxe lógica à fé, clareza à confusão mental.

— Que bom — disse ele, genuinamente feliz.

— Comecei a ter várias perguntas sobre espiritualidade, sobre os espíritos... Aquela lei que você mencionou... Esqueci o nome — disse, achando graça de si mesma.

— Lei de Causa e Efeito — lembrou Caíque, com naturalidade.

— Isso! Porém, à medida que vou lendo, surgem mais dúvidas. E não sei o que fazer com elas nem onde buscar respostas.

— Anota — disse ele, com simplicidade e generosidade na voz. — Escreve tudo. Dúvidas, ideias...

— E pra quem eu pergunto? Onde encontro respostas? — perguntou Andreia, com um olhar sincero, quase infantil, como quem se abre à possibilidade de algo novo.

Caíque sorriu, fez uma breve pausa, como quem escolhe com cuidado as palavras que deseja semear e respondeu com serenidade:

— Muita gente acha que a Doutrina Espírita é complexa demais, extensa demais... Sinceramente, nunca encontrei, fora dela, respostas tão claras e profundas para as questões que realmente importam. Aquelas que tocam a alma e nos ajudam a viver melhor espiritualmente. — Fez uma pausa breve, deixando que suas palavras respirassem. — Quando a vida nos oferece uma oportunidade de despertar, de compreender mais, não devemos recusar. Saber que existe um alicerce espiritual sólido, um código moral que nos orienta nesta vida e nos prepara para as próximas... isso é algo que não tem preço. A Doutrina Espírita está fundamentada nos cinco livros da Codificação, mas o ideal é não estudar sozinha, embora seja possível. O estudo em grupo enriquece, amplia a compreensão, fortalece os laços.

— E por onde eu começo? — perguntou ela, com um sorriso tímido. — Nunca fui a um centro espírita. Nem sei o que esperar... Nem onde tem um — riu de si mesma.

— Pensa num salão simples com cadeiras organizadas. Lá na frente, alguém: o expositor ou palestrante. Ele é quem conduz uma palestra evangélica, baseada nos ensinamentos do Mestre Jesus. É um momento de reflexão, de aprendizado, de acolhimento. Depois da palestra, muitos centros oferecem o passe, uma transfusão de energias sutis, feita com respeito e amor. Às vezes, acontece ali mesmo no salão. Outras vezes, em uma sala ao lado. Há centros que oferecem o passe antes da palestra também.

Ela olhou com doçura e olhos brilhando. Ele reparou isso e sorriu ao dizer:

— O mais importante é ir com o coração aberto. Você não precisa entender tudo de imediato. Basta sentir. O resto vem com o tempo.

— O que são passes? — perguntou Andreia, curiosa.

Caíque sorriu com gentileza, percebendo o interesse sincero em sua pergunta.

— O passe é uma transmissão de energia espiritual realizada pela imposição de mãos. O passista pode simplesmente estender as mãos, imóveis ou executar movimentos delicados, sem contato direto com a pessoa. Seu

objetivo é revigorar as energias, dissipar vibrações desequilibradas e suavizar o mal-estar físico, emocional ou espiritual.

Andreia ouvia com atenção, absorvendo cada palavra e ele continuou:

— Quem aplica o passe é uma pessoa encarnada, claro, mas ela serve como instrumento. Os fluidos magnéticos que ela transmite são impulsionados com o auxílio dos benfeitores espirituais, que atuam junto dela e em sintonia. — Fez uma pausa breve, depois continuou: — Ao final, muitos centros espíritas oferecem um copinho com água fluidificada, que é água magnetizada, onde os espíritos amigos depositam fluidos benéficos. Essa água ajuda na harmonização do corpo e da mente. Mas é importante saber: mesmo assistindo à palestra, você não é obrigada a receber o passe nem a tomar a água se não quiser. Tudo é feito com respeito ao seu momento e à sua vontade.

Andreia assentiu, tocada pela simplicidade e profundidade da explicação.

Caíque a observou com carinho e perguntou:

— Farei uma palestra em uma casa espírita aqui perto. Convidei minha irmã, mas a Kátia ainda não deu certeza se vai. Quer ir? Quer conhecer? Quem sabe, se você for, ela se anima também.

— Que dia? — perguntou Andreia com um brilho nos olhos.

— Domingo de manhã — confirmou Caíque.

— Estou interessada em ir. Eu vou — disse Andreia com um sorriso leve, quase esperançoso.

— Ótimo. Depois te envio o endereço por mensagem.

— Ficarei aguardando — respondeu ela. E com um jeitinho tímido, quase envergonhado, perguntou: — Palestra evangélica... é sobre Jesus, né?

— Sim — ele disse e sorriu. — São reflexões sobre os ensinamentos do Mestre Jesus. Sempre com foco no amor, na caridade, na transformação interior.

— Ah... Não repare nas minhas perguntas. Sou totalmente ignorante nesse assunto — falou, rindo de si mesma.

— Fica tranquila — Caíque respondeu com gentileza. — Ninguém nasce sabendo. E a espiritualidade não exige perfeição, só sinceridade.

Ela o olhou com curiosidade e riu ao recordar:

— Lembrando de você na escola... nunca te imaginaria religioso ou espiritualizado.

— A vida faz a gente buscar equilíbrio — ele também riu. — E quando a dor aperta, a alma começa a procurar respostas. Você vai gostar do centro espírita. É um lugar acolhedor, de paz e reflexão.

— Assim espero. Estou passando por um momento... — disse, mas não concluiu. A frase ficou suspensa, como um segredo.

— Entendo — falou com empatia. — Por isso mesmo acho que vai te fazer bem.

— Vou esperar sua mensagem. Não me esquece. Agora preciso ir — ela disse decidida.

— Foi bom te ver. Vamos nos falando.

Despediram-se com leveza.



Um pouco mais tarde, Andreia estava na casa de sua mãe quando recebeu uma notícia inesperada.

— A Tamires está inconformada desde que o Rômulo pediu o divórcio. Vão vender a casa e dividir tudo — disse Joana com pesar.

— Sério, mãe?! Nem consigo imaginar uma coisa dessas — Andreia ficou visivelmente surpresa. — Ela parece que está fugindo de mim. Não atende minhas ligações... Faz tempo que tento conversar com ela. Só responde minhas mensagens dias depois, dizendo que está tudo bem, que está ocupada e que depois me liga. Agora entendi...

Lembrou-se de quando a irmã, há pouco tempo, havia dito que tinha uma família linda e uma casa maravilhosa. Provavelmente, Tamires sentia-se envergonhada.

— Não queríamos te contar por causa do seu estado... dos seus problemas. O Jorge não ia gostar — explicou Joana, hesitante.

— Jorge? Que Jorge, mãe? — não entendeu.

— Ah... É o Rômulo.

— O que tem o Rômulo, mãe? Não entendi.

— Não sei... — ficou desorientada. — É que ele tinha uma amante. Foi ele mesmo quem contou. Pegou as coisas dele e saiu de casa. Foi morar com ela. Antes disso, contratou um advogado e entrou com o pedido de divórcio. A casa será vendida, os bens divididos... — Ofereceu breve pausa e perguntou: — Eu te falei que eles vão se separar, né?

— Falou... — Andreia estranhou o jeito confuso da mãe. Joana nunca falava assim. Parecia nervosa, talvez estivesse preocupada demais.

— Mas o pior não é isso. O pior é que as lojas que a Tamires tem nos shoppings também vão entrar na divisão dos bens.

— Não brinca, mãe! — disse Andreia, incrédula.

— Bem que poderia ser brincadeira. Sua irmã está arrasada. Está de cama, deprimida. Ela veio aqui e contou tudo. Seu pai... Ah... Você nem imagina como o Sandro ficou.

— O que tem o Sandro, mãe?

— Falei Sandro? Era seu pai. Seu pai ficou... Nem queira saber.

— O pai nunca gostou do Rômulo. Foi contra o casamento desde o início. Imagino que tenha dito muita coisa pra ela.

— Disse. Disse sim. O Jorge saiu daqui e nem almoçou. Fiquei brava com ele.

— Que Jorge, mãe? Do que a senhora está falando?

— Ai... A Tamires...

Nesse instante, Nestor chegou, interrompendo a conversa com sua presença discreta, porém carregada de tensão.

Andreia percebeu, assim que Nestor entrou, um cansaço profundo em seu semblante. O olhar sério, os ombros pesados, parecia carregado por um desânimo que ia além do físico.

— Oi, Andreia — disse ele, com voz baixa.

— Oi, pai — respondeu ela, aproximando-se.

Abraçaram-se e trocaram um beijo no rosto, como de costume, mas havia algo diferente naquele gesto. O sorriso leve que ele esboçou parecia mais um suspiro, como se a presença da filha fosse um breve alívio para dores que não sabia como expressar.

— Você está bem? E o João?

— Estamos bem, na medida do possível.

Ele olhou para ela de um jeito comovido. Não quis alongar o assunto sobre a gravidez. Trocavam mensagens com frequência e estava ciente de tudo.

— Sua mãe te contou sobre a Tamires?

— Acabei de saber. Nem estou acreditando — disse Andreia, ainda atônita.

Nestor franziu o cenho e a raiva contida transbordou:

— Sua irmã foi ingênua demais! Foi uma tola! — disse, com indignação. — Não foi por falta de aviso. Deveria ter se precavido, protegido ao menos o que era dela. Divorciar daquele sujeito pode doer agora, mas com o tempo será um alívio. O problema é perder tudo o que construiu... Perder o que te sustenta por confiar em quem não merece, em quem é cafajeste... Isso é burrice! — Fez uma pausa, respirou fundo, mas não conteve o desabafo: — Meu sangue ferveu quando soube. Não é só tristeza. É revolta. Ela confiou demais e agora está pagando caro por isso.

Andreia permaneceu em silêncio, absorvendo o peso daquelas palavras.Sabia que o pai sempre teve reservas quanto ao casamento da irmã, mas não imaginava que a decepção dele fosse tão profunda.

O olhar de Nestor estava duro, sombrio. A respiração entrecortada denunciava a raiva contida. Sentou-se com brusquidão e, num impulso, desferiu um murro sobre a mesa, fazendo-a estremecer. Seguiu-se um longo silêncio.

Com os olhos perdidos e a mandíbula cerrada, parecia lutar contra um desejo sombrio: o de fazer justiça com as próprias mãos. Mas, como pai, esforçava-se para se conter. Lembrava-se do estado emocional de Andreia e isso o fazia respirar fundo, tentando recuperar o controle.

Passou as mãos pelos cabelos grisalhos, como quem tenta afastar pensamentos pesados, e então fixou o olhar na filha à sua frente. Quando finalmente falou, sua voz saiu firme, mas carregada de mágoa:

— A Tamires jogou fora a parte dela de tudo o que construí para vocês. Nunca faltou nada. Passamos por dificuldades, sim, mas vocês sempre tiveram comida na mesa, um teto sobre a cabeça, dignidade. Ela escolheu apoiar um homem fraco, um moleque. Pagou estudo pra ele, comprou roupas, deu estrutura. E eu... eu me calei. Senti pena. Achei que estava sendo duro demais. Quis me redimir. Dei a ela a chance de ter algo próprio, algo que amasse, que gerasse renda, que a tornasse dona do próprio destino. — Fez uma pausa, a voz embargando de indignação. — O mesmo valor que dei a você, para montar sua indústria têxtil, dei a ela pra abrir as lojas. E foi

com o fruto do trabalho nas lojas que ela comprou aquela casa, que deu boa escola pra filha, que viveu com conforto. Agora, por causa daquele infeliz... metade de tudo o que ela construiu vai pra ele. Metade do suor, da luta, da esperança... vai pra um homem que não merece. Mas é a lei. A maldita lei está do lado dele. Tudo o que foi conquistado durante o casamento será dividido, por igual, mesmo que ele tenha contribuído com quase nada. — Ofereceu uma pausa. Depois lembrou: — Naquela época, eu disse à sua irmã que deveria procurar um advogado e formalizar um documento, registrando que o dinheiro recebido de mim era uma herança antecipada. Esse tipo de registro serviria para deixar claro que esse valor não entraria na comunhão do casal, ou seja, em caso de divórcio, o cônjuge não teria direito nem ao dinheiro nem aos bens comprados com ele. Mas ela não acreditou, não tomou providência, não fez nada. Agora, terá de dividir metade de tudo com ele.

Nestor calou-se, engolindo a revolta. Andreia sentia o peso daquelas palavras, como se fossem pedras caindo no chão. Sabia que, por trás da fúria, havia um coração ferido de pai, de provedor, de homem que viu um sonho familiar desmoronar. E o pai tinha razão.

— Você acha que o Rômulo estava de olho na herança dela? — perguntou Andreia, ainda tentando entender.

— Não tenho dúvida! Ele esperou para ver o que ela faria. Esperou para o dinheiro fazer parte da comunhão deles. As conquistas dela seriam consideradas conquistas do casal. Ele só esperou isso acontecer para pedir o divórcio. Esperou o dinheiro render com o empenho da sua irmã! — respondeu Nestor. Fez uma pausa breve, como se tentasse organizar os próprios pensamentos e continuou: — Como ela permitiu isso? Sua irmã sempre foi inteligente, instruída, esperta. Como não percebeu? Como não enxergou o risco? Eu ainda não consigo acreditar...

— Ela disse que estava apaixonada por ele — interveio Joana com voz baixa. — E que não viu problema algum quando o Rômulo sugeriu aquele regime de casamento.

Nestor balançou a cabeça, inconformado.

— Dei à Tamires o mesmo valor que dei a você e ao Luan. Dinheiro do meu suor. Dinheiro que levei anos para juntar trabalhando, economizando, abrindo mão de muita coisa. O Luan jogou tudo fora. E, agora, a Tamires fez o mesmo.

— Ela não jogou fora, Nestor — rebateu Joana com firmeza. — Foi o Jorge quem roubou. Isso é roubo. Ela lutou, construiu, acreditou.

— Ah, Joana... — Nestor suspirou, irritado. — Do que você está falando? Que Jorge é esse?

— Vocês estão me deixando nervosa! — disse ela, exaltada e saiu de perto, sem querer continuar a discussão.

Nestor olhou para Andreia, os olhos carregados de frustração.

— A Tamires não conseguiu preservar o que conquistou. Isso, pra mim, é derrota. Ela saiu com metade daquilo que construiu com o que ganhou de mim. Eu só queria que ela tivesse me ouvido, que tivesse protegido o que era dela, o que era da filha. Mas agora... agora não adianta mais.

Andreia, ainda abalada com tudo o que ouvia, tentou trazer um pouco de esperança:

— A Tamires é forte. Ela vai sofrer, vai chorar, mas é capaz de se refazer. Ela vai recomeçar. Ainda tem algo com que se sustentar. Ela não perdeu tudo.

Nestor suspirou fundo, como quem carrega um peso antigo.

— Vai recomeçar sozinha. Eu não tenho mais como ajudar ninguém — murmurou, quase como um desabafo. Ergueu o olhar, fixando os olhos na filha, e disse com firmeza: — Andreia, escute com atenção...

— O quê?

— Há alguns anos, vi as dificuldades da Tamires. Ajudei porque achei que seria injusto dar algo a você, para montar sua empresa, e não dar nada pra ela. Vi sua irmã cheia de sonhos, lutando, multiplicando o que recebeu e se

agarrando ao que construiu. Fiquei feliz. Mas ela não se resguardou, não se precaveu. A Tamires perdeu para um homem mal-intencionado, um homem em quem confiou só porque se casou com ele, só porque dormiu com ele, só porque teve uma filha com ele. Entendeu? — perguntou com voz grave.

— Eu entendi. Eu sei o que o senhor quer dizer, mas isso não vai acontecer comigo. O Sandro é diferente do Rômulo. O senhor sabe — falou com o coração apertado, recordando as dificuldades que enfrentava em seu relacionamento com o marido e ninguém sabia.

— É nisso que todas acreditam, até algo acontecer. Todos acham que fizeram as melhores escolhas. Todos acreditam que os outros não mudam nunca. Ninguém imagina que o outro tem seu lado sombrio, obscuro, impiedoso. Confiar cegamente sempre é a pior escolha que fazemos. Sempre! — enfatizou.

— Mas, pai... Se eu não puder confiar no meu marido, a pessoa que amo e que sinto que me ama... Em quem mais eu poderia confiar?

— Você pode amar, pode se sentir amada, mas nunca se esqueça de proteger o que é seu. Nunca esqueça de proteger o seu eu, proteger quem você é pra não ficar sem nada, sem provisão e ainda perdida na dor. Lembre-se de que, quando tudo dá errado, a lei não protege sentimentos. A lei protege contratos. O amor não vai restituir o que roubaram de você.

— Falando desse jeito... — ficou nervosa. — O senhor acha que vou passar pelo mesmo que a Tamires? Acha que terei o mesmo destino da minha irmã?

— Não quero que você descubra isso da pior forma, Andreia. Previna-se. Faça o que for preciso para que, aconteça o que acontecer, você tenha o que conquistou. Não quero que passe pelo mesmo que sua irmã. Não quero ver isso de novo na minha família. Não terei como ajudar vocês. — Desviando o olhar com um misto de dor e preocupação, murmurou: — Estou ficando velho e cansado.

— Acho que o pai está preocupado à toa. Minha empresa está indo bem. O Sandro tem uma desenvoltura para os negócios que está me surpreendendo.

Não estou indo tanto para lá por causa da gravidez, do problema com o bebê... Mas não se preocupe. Os negócios vão bem. O Sandro não teria necessidade de me dar um golpe. Ele é sócio minoritário.

— Não é sobre números, minha filha. É sobre quem está ao redor deles.

— Não entendi. O que o senhor quer dizer? — indagou, agora bem séria.

— Não fico tranquilo quando olho pra Maura.

— Ah, pai... — ela sorriu, um sorriso doloroso, que ele não percebeu. — Ela trabalha comigo desde quando abri a empresa. Sempre foi dedicada e me ajudou em tudo. Por que está dizendo isso?

— A confiança é boa, mas a precaução é melhor. Pense, Andreia. Estamos vendo alguém próximo de nós levar metade do que era da sua irmã. E vejo sinais de que isso pode acontecer novamente. Aliás... Não vejo. Sinto. É como uma premonição e isso me perturba.

— O que o senhor quer dizer, exatamente? Está pedindo para eu desconfiar do meu marido ou da diretora financeira da minha empresa?

— Estou pedindo que você preste atenção — olhou firme em seus olhos, demoradamente.

Andreia sentiu-se gelar. Algo a incomodou imensamente.

— O senhor não está exagerando?

— Não podemos ficar cegos às possibilidades de um golpe, filha. Espero que eu esteja exagerando. Mas... desejo que fique preparada, porque... Se eu estiver certo... Não quero que outra filha minha perca tudo o que construiu sozinha. Sozinha! — enfatizou.

— Confio no Sandro, pai — falou sem forças. Duvidando da própria crença.

— Foi exatamente isso o que sua irmã fez. Exatamente isso. Por isso, fique atenta. Não dê controle ao Sandro. Cuidado com a Maura.

Andreia ficou aflita, mas não demonstrou. Sentiu-se invadida por um medo e experimentou o corpo tremer.

Percebendo que a filha não enxergava Maura como um fator de risco, continuou com voz firme:

— Você confia na Maura, mas lembre-se de que confiança não paga contas, muito menos protege a indústria têxtil. Sei que ela é sua amiga e sempre esteve ao seu lado. Amizade, quando verdadeira, é coisa valiosa. Mas, filha, dinheiro e poder podem mudar as pessoas. Eu sei, exatamente, o que acontece quando alguém está perto demais do controle financeiro do que é dos outros. As tentações existem, sabia? — Silêncio. — Já vi gente honesta não resistir diante da oportunidade e cair em tentação. Pessoas leais deixarem de ser leais quando o dinheiro oportuno entrou na jogada. Olhe para a diretora financeira com a razão, sem sentimentos. Será que ela não quer o que você tem? Será que ela não deseja o que é seu?

— Você acha que a Maura?... — não completou a frase.

— Não sei responder, mas tenho certeza de que há coisas que você não vê porque confia demais. Se ela e seu marido estão ou precisam estar próximos nas decisões, pergunte-se: quem, realmente, está no controle? — encarou-a. — Você é presidente da empresa, mas quem, realmente, está no controle, filha?

— Pelo amor de Deus, pai! Nunca pensei nisso.

— Antes que não tenha escolha, pense. Comece a pensar, antes que descubra da pior maneira. Presta atenção, Andreia. Não estou acusando ninguém. Não tenho provas. Estou tentando abrir seus olhos. É algo que sinto. Amo você, filha, mas não consigo te proteger de tudo.



Mais tarde...

Andreia ficou chocada com os apontamentos de seu pai.

O que o fez dizer tudo aquilo?

Ela nem sabia dizer como chegou ao seu apartamento com tantos pensamentos perturbadores, conflitantes. Não bastavam suas desconfianças recentes, aquela conversa a deixou assustada.

Na sala, sentou-se e perdeu os olhos em um ponto qualquer no chão.

O peso das palavras e dos conselhos de seu pai reverberavam em sua memória sem piedade:

“Quem, realmente, está no controle?”

Essa pergunta ecoava em sua mente de forma dolorosa.

Sentiu-se mal ao pensar na possibilidade de existir algo entre Sandro e Maura.

“Quem, realmente, está no controle?”

Sabia que o marido não tomava decisões próprias. Ele se aproveitava ou se beneficiava das ideias dos outros. Sempre fugia às responsabilidades, como o próprio irmão dizia.

Andreia desejava afastar aquela sensação ruim que começou a sentir, mas era impossível.

Lembrou-se de que Sandro estava muito diferente nos últimos tempos. Acreditou que fosse por causa da saúde do bebê. Maura havia dito que ele estava triste com a situação, porém, agora, não tinha certeza de que era isso mesmo.

Como poderia confiar nela?

A última vez que conversaram, sentiu algo ruim e muito estranho com a amiga.

Andreia experimentou um medo horrível crescer dentro de si. Seu coração começou a bater forte.

Um pressentimento desagradável a envolveu. Era algo que não conseguia ignorar.

Nunca havia desconfiado nem havia motivo para isso.

Havia olhado no celular do marido e não encontrou nada.

Agora, passou a pensar nos dois juntos. Cada decisão tomada sem sua presença poderia ser alguma coisa muito maior do que uma simples gestão compartilhada.

Ainda lutava com as dúvidas e pensamentos conflitantes:

“Meu marido faria isso? Ele seria capaz de tomar a empresa de mim? Ele me trairia?”

Não queria acreditar, mas, ao mesmo tempo, não poderia negar que, se fosse verdade, aquilo tudo seria devastador em sua vida.

Depois de afagar o ventre, tentando segurar os sentimentos para não abalar o bebê, Andreia levantou-se devagar e foi para o quarto.

Tentou pensar no que fazer, porém seu raciocínio, para tomadas de decisões, estava lento.

“Devo confrontar o Sandro ou observar em silêncio?” — refletiu e decidiu: — “Preciso de provas. Qualquer confronto seria perda de tempo e desgaste emocional. Seria minha palavra contra a dele. Ele diria que estou louca, que é hormonal...” — No momento seguinte, pensou: — “Eu poderia conversar com meu pai, mas... Ele está nervoso com o que aconteceu com a Tamires e... Pareceu tão preocupado com algo mais, que não quis mencionar... Talvez tenham outras coisas acontecendo que ele não quis me contar. Provavelmente, por causa do meu estado... Mas... Meu pai tem razão. Não posso confiar tanto nas pessoas... Nem todas são honestas ou leais quanto desejamos... Meu Deus... estou com medo. Não queria que fosse assim...”

Forçou-se a enxergar a realidade como seu pai desejava, mas essa nova visão a deixava apavorada. Afinal, tinha um filho a caminho. Um filho que precisaria muito dela. Não era tão simples quanto parecia.

“Quem, realmente, está no controle?”

A pergunta surgiu em seus pensamentos e desapareceu na mesma fração de segundo ao escutar o barulho da porta sendo aberta.

Sandro havia chegado.

Capítulo 13

Quando a Luz se retira

Há ausências que doem mais

do que palavras duras.



Apesar dos pensamentos turvos e das emoções que latejavam como ferimentos não cicatrizados, Andreia escolheu o silêncio. Não por omissão, mas por sabedoria.

Com o coração apertado, suspeitar que Sandro, seu companheiro de vida, pudesse estar envolvido com aquela que, um dia, foi sua melhor amiga era quase inacreditável. Mas não o confrontou. Em vez disso, buscou dentro de si a força que não vinha da razão, mas da fé.

Lembrou-se das palavras de Milton, seu cunhado, que lhe sugeriu com ternura: “Traga Sandro para perto, não o afaste.” E ela compreendeu. Precisava ser vista. Não apenas como mulher, mas como alma em travessia. Que Sandro enxergasse sua dor, sua posição e o abismo que se abria diante

deles com a chegada do filho: um espírito reencarnante que viria com desafios de saúde, mas também com propósitos elevados.

Brigar, discutir, exigir explicações, naquele momento, seria como lançar pedras num lago já revolto. Apesar de pouco conhecimento sobre Espiritismo, Andreia sabia que o amor verdadeiro não se impõe, revela-se. E a espiritualidade lhe sussurrava que tudo tem seu tempo, que a verdade sempre encontra caminho e que o sofrimento, quando acolhido com fé, pode se tornar luz.

No íntimo, ela não queria acreditar nas suspeitas. Seu coração, ainda que ferido, resistia à ideia de uma traição. Como enfrentar mais essa dor, justo agora, quando tudo já parecia tão frágil?

Ao vê-lo concentrado no celular, com o semblante distante, Andreia respirou fundo. Sentou-se no outro sofá com a serenidade de quem escolhe o diálogo como ponte e não como muro:

— Sandro… — disse com doçura, esperando que ele a olhasse. — Está tudo bem com você?

Ele franziu o rosto, como quem se arma diante de uma ameaça invisível.

— Que pergunta é essa?

— É pergunta de quem se preocupa com você — respondeu, sem elevar o tom, mas com firmeza no olhar.

— Qual a razão dessa pergunta? Quero entender — indagou num tom neutro, porém com a sombra da desconfiança.

Andreia sorriu. Um sorriso que não escondia dor. Revelava coragem.

— A razão?... — expressou-se com ternura. — Sou sua mulher. E estou percebendo algo diferente em você. Algo que não sei nomear, mas que me inquieta. E quando o coração se inquieta... é sinal de que a alma está pedindo atenção.

Sandro respirou fundo, como quem carrega um peso invisível no peito. Seu semblante denunciava insatisfação, embora tentasse disfarçar. Levantou-se com pressa, como se algo o incomodasse.

— Não tenho nada pra falar. Só estou quieto — disse, já se afastando, como quem fugisse.

— Espera! — Andreia pediu com firmeza, mas sem agressividade. — Não foge de mim.

Ele parou sem virar o rosto.

— Por que acha que estou fugindo? — respondeu ríspido, como se a indagação o ferisse mais do que a situação.

— Você não responde às minhas perguntas e sai... Se isso não é fuga, então o que é?

Sandro hesitou. O tom dela o desarmava. Sua voz não vinha da raiva, mas da alma.

— O que você quer? — perguntou, agora mais brando, como quem reconhece que há algo a ser ouvido.

Andreia se levantou. Seus olhos estavam marejados, mas firmes. Ela não queria brigar. Queria salvar o que ainda existia entre eles.

— O que eu quero? Pelo amor de Deus, Sandro... Não me peça para fingir que está tudo bem, porque não está. Eu quero entender. Quero saber o que nós dois podemos fazer para não vivermos sob o mesmo teto como dois estranhos. Cada vez que tento conversar, recebo uma palavra fria, um olhar distante ou o silêncio. Antes, você era diferente. Você era meu companheiro, meu amigo, meu amor. O que mudou? Por que mudou?

Ele desviou o olhar, como quem busca uma resposta no vazio.

— Estou cansado. Estressado. É isso.

Ela se aproximou com ternura e firmeza.

— Cansado? Estressado? Eu entendo. Mas não é só isso. Eu sempre cuidei da indústria têxtil. Fui eu quem a fundou. Passei por desafios imensos, noites em claro, decisões difíceis. Lembra quando compramos este apartamento? Num bairro caro, sem saber se conseguiríamos pagar? Eu fiz das tripas coração para quitarmos tudo. E mesmo cansada, mesmo estressada, nunca descontei em você. Nunca te tratei com frieza. Nunca deixei de ser sua parceira. — Sandro permaneceu em silêncio. — Quando você trabalhava com seu pai, era outro homem. Amoroso, presente, gentil. Agora que está assumindo meu lugar na empresa... você mudou. E eu não estou falando só de trabalho. Estou falando de nós. De você comigo. De como me olha ou não me olha mais.

— Estou te tratando mal? — ele a encarou, como quem busca negar o óbvio, mas já sente o peso da resposta.

Andreia respirou fundo. Não queria feri-lo com acusações. Queria que ele enxergasse, que visse além das palavras, além da dor.

— Sim. Está — disse com firmeza, sem elevar a voz. — Justo no momento em que mais preciso de você, você se tornou frio, mal-humorado, distante. Tentei justificar seu comportamento com a falta de maturidade, com a ausência de consciência... Mas não posso mais. — Ela se aproximou, continuou descrevendo o comportamento do marido, mas sem perder a dignidade: — Porque agora eu sei que você entende. Sei que você sabe que este é um momento delicado, triste, angustiante. Que estou com medo... muito medo. Medo pelo nosso filho, que está chegando com um coração frágil... Medo de não ter forças, medo de não conseguir enfrentar tudo isso sozinha. — Ela fez uma pausa, como quem recolhe coragem no silêncio. — E quando percebo que você sabe de tudo isso, que conhece minha dor, que vê meu esforço, que sente minha fragilidade... e mesmo assim continua agindo com frieza, com distância... então eu entendo. Não é cansaço. Não é estresse. É escolha. — Sandro desviou o olhar, como quem tenta escapar da verdade. E ela continuou: — Você está escolhendo me tratar mal. E quando alguém escolhe ferir, ignorar, mentir, mesmo depois de ver a dor do outro... isso é crueldade consciente.

Ele franziu o rosto, contrariado, como se quisesse se defender, mas não encontrasse palavras que o salvassem.

— Tenha dó, Andreia...

Ela o olhou de modo enigmático, mas sem se afastar.

— Dó? — indagou sem recuar, encarando-o. — Dó é o que sentimos por quem sofre sem saber por quê. Eu não quero dó, Sandro. Quero respeito. Quero presença. Quero que você se lembre do que somos, do que construímos, do que ainda podemos ser, porque se o amor não for capaz de se manter firme na tempestade, então ele nunca foi amor. E se você não consegue me acolher agora, quando mais preciso... então talvez nunca tenha me enxergado de verdade.

— O que você quer que eu faça? Devo pajear você? Esquecer de mim? Preciso me anular? — disparou Sandro, com um tom que misturava impaciência e autopiedade.

— Não! — respondeu Andreia com a voz embargada, mas firme. — Você precisa se unir a mim. Precisamos sentar e conversar com amor, com carinho... — As lágrimas escorreram silenciosas por sua face pálida, marcada pelo cansaço e pela tristeza acumulada.

Sandro suspirou, longo e ruidoso, como quem tenta expulsar algum peso da alma. Seus olhos vagaram pelo ambiente, buscando uma saída, uma justificativa, uma palavra que o redimisse. Mas, por dentro, o conflito era mais profundo do que ele podia compreender.

Na dimensão invisível aos olhos terrenos, o espírito Nisa o envolvia pelas costas. Seu fluido era denso e sua presença, embora sutil, era como um véu sombrio sobre os pensamentos de Sandro. Com a cabeça encostada no ombro do encarnado, sussurrava-lhe ideias com a habilidade de quem já o conhecia de outras existências:

— É egoísmo da Andreia... Ela só pensa nela mesma. Desde que engravidou, você deixou de existir. Ela esqueceu que você também tem sentimentos, que também precisa de carinho. Você virou um coadjuvante na própria casa...

Sandro, sem perceber a origem daquelas ideias, deixou-se levar. Num impulso, falou:

— Desde que engravidou, você só pensa em si mesma, Andreia. Parece que o mundo inteiro tem de girar ao seu redor. E depois que descobriu o problema de saúde do seu filho...

— Nosso filho! — ela interrompeu com firmeza. — É nosso filho, Sandro! Não banalize a minha dor. Não transforme a nossa preocupação em um jogo de culpa. Você está distorcendo tudo, tentando me fazer carregar sozinha o peso do que está acontecendo.

Nisa, com crueldade disfarçada de lógica, continuava a insuflar:

— Chama ela de histérica. De louca. É isso que ela merece. Mas claro... você é tão equilibrado, tão bom que vai engolir tudo calado, não é?

Sandro, agora mais frio, respondeu com voz baixa, calculada:

— Nada do que eu disser será suficiente pra você, Andreia. Sempre serei o errado. — Mas não era dor o que havia em sua voz. Era estratégia. Num susto, lembrou-se de que não deveria falar daquele jeito, deixando-se levar pela contrariedade de estar ali. Ele sabia que precisaria mantê-la por perto, ao menos por enquanto. Queria assumir o controle da empresa, vender o apartamento. E para isso, não podia tê-la como inimiga. Aproximando-se, suavizando o tom, disse, mudando totalmente o comportamento: — Eu... gostaria que você entendesse que esse é o meu jeito de lidar com tudo isso. Eu também estou perdido. Olho pra você, penso no bebê... e me concentro no trabalho pra tentar te poupar. Quero garantir que ele tenha tudo o que precisar: médicos, hospitais, a cirurgia... Eu sei que o plano não cobre algumas coisas e isso me preocupa. — Mudou o semblante, fingindo sensibilidade.

Andreia, tocada pela aparente sinceridade, cedeu.

— Eu só queria ter você mais ao meu lado... — disse com meiguice, como quem, por um instante, esquece a dor em nome do amor que ainda acredita

existir. Talvez o desejo de o ter por perto fosse tão intenso que sua alma, exausta, preferiu calar a desconfiança.

— Vou me esforçar pra isso — respondeu ele com um sorriso brando. — Mas quero que entenda que eu também preciso de espaço. Ir à academia, correr... é a forma que encontrei de me recarregar. Assim como você também deveria sair, caminhar, ver amigos. Aliviar a tensão. Isso nos ajuda a não desmoronar.

— Você é melhor do que eu imaginava! — gargalhou Nisa, o espírito que o acompanhava com intenções sombrias. Observando Sandro com olhos espirituais aguçados, deliciou-se com o jogo que se desenrolava. — Está envolvendo, conquistando a confiança dela porque ainda precisa que ela acredite nos seus planos, que confie em você. Um cafajeste perfeito! Não mudou nada nos últimos séculos! — divertia-se, como quem revivia antigas mágoas.

Sandro, alheio à influência que o envolvia, acariciou os cabelos de Andreia com suavidade ensaiada.

— É uma fase... — disse com voz branda e amorosa. — Uma fase que não sabemos quando vai passar, mas vai passar. Tudo bem?

Andreia, tocada pelo gesto, deixou-se iludir. Seu coração, faminto de afeto, agarrou-se àquela esperança, como quem encontra abrigo em meio à tempestade. Não está errado aquele que acredita na falsa bondade. Errado é aquele que engana.

— Também acho... — respondeu com um sorriso tímido. — O que pode nos sustentar, nos dar esperança e força emocional é buscarmos auxílio religioso. Penso que devemos nos espiritualizar mais. — Com simplicidade e uma alegria momentânea, ela compartilhou: — Ganhei O Evangelho Segundo o Espiritismo. Li alguns trechos que me fizeram muito bem. Também quero assistir a uma palestra espírita. É uma palestra evangélica, mas acontece numa casa espírita. Você poderia ir comigo?

Sorrindo lindamente, fitou Sandro com olhos cheios de expectativa. Acreditava naquela transformação. Queria acreditar. Em seu íntimo,

precisava. Seria algo a menos para lhe fazer sofrer.

Sandro pareceu congelado por alguns segundos. Nisa, atrás dele, intensificava sua influência, tentando bloquear qualquer abertura para o bem. Mas a luz da proposta de Andreia era forte e, por um instante, o espírito das trevas recuou, incomodado.

— É um centro espírita — explicou Andreia, percebendo a hesitação do marido. — Andei pesquisando, pois conheço pouco sobre Espiritismo... E descobri que é uma doutrina totalmente cristã. Fala de Jesus, explica Seus ensinamentos, prega amor e caridade...

— Eu conheço mais ou menos. O Milton é espírita... ou pelo menos era. Já ouvi falar — respondeu o marido, tentando parecer neutro.

— O que acha de irmos juntos?

— Tá... Vamos ver — disse com um sorriso que não alcançava os olhos. A insegurança era evidente, mas Andreia não percebeu.

— A palestra será no próximo domingo de manhã.

— Tudo bem — forçou novamente o sorriso. — Se eu esquecer, você me lembra.

— Está certo — Andreia sorriu, sentindo-se acolhida. Uma onda de esperança a envolveu. Era prazeroso ter Sandro ao seu lado, concordando com ela. Sentia-se apoiada, como há muito não se sentia.

— Vai lá... Toma banho — disse com carinho.

Sandro se aproximou e lhe deu um beijo leve, quase mecânico, mas, para Andreia, foi como um bálsamo. Ela se permitiu acreditar.

— Tá bom — ele respondeu, indo para o banho.

Andreia experimentou um reconforto momentâneo. Começou a acreditar que o marido estava apenas estressado e sem saber como reagir diante de tudo o que viviam. A conversa havia sido boa, pensava. Talvez suas

suspeitas estivessem erradas. Bem que Milton disse que ela precisava trazê-lo para perto.

Naquele instante, a espiritualidade superior observava em silêncio. Sabia que o livre-arbítrio de ambos estava em jogo. Que mesmo sob a influência das sombras, o bem ainda podia ser escolhido. Que a fé, quando sincera, é como uma luz que atravessa qualquer escuridão.

E que os corações puros, mesmo quando feridos, são sempre amparados, porque o amor verdadeiro não se perde, ele espera, ele resiste, ele transforma. Transforma até a maldade em aprendizado.



Naquela manhã, Andreia sentiu um chamado silencioso.

Após a saída de Sandro, vestiu-se com calma e decidiu ir à empresa. Havia algo dentro dela que não sabia nomear. Uma inquietação que não vinha apenas da preocupação com o filho, mas de uma sensação difusa, como se a vida estivesse lhe escondendo algo importante.

Atribuiu sua angústia à dor antecipada: o filhinho que carregava no ventre viria ao mundo enfrentando cirurgias, dores e desafios. Era uma mãe em travessia e seu coração já se preparava para acolher o sofrimento com coragem.

Ao chegar à indústria têxtil, o ambiente lhe pareceu diferente. As paredes, os corredores, os rostos... Tudo parecia carregado de uma energia estranha, como se o tempo tivesse passado por ali sem ela.

Encontrou Rogério, o gerente comercial, e perguntou com gentileza e educação de sempre:

— Está tudo bem por aqui?

Ele sorriu, mas seu olhar denunciava surpresa. Começaram a conversar e, aos poucos, Rogério percebeu o quanto Andreia estava distante da realidade da empresa. Ela não sabia dos novos clientes, tampouco do afastamento de parceiros importantes. Nomes que, para ela, eram pilares da história da indústria.

A cada informação revelada, Andreia sentia como se estivesse acordando de um longo sono. Era como se tivesse sido retirada do centro da própria criação. E isso doía.

A conversa foi interrompida pela aproximação de Maura.

Maura... sua melhor amiga. Sua confidente. Sua diretora financeira.

A mulher que, nos últimos tempos, tornou-se sombra em seus pensamentos. A suspeita silenciosa de que talvez estivesse envolvida com Sandro. Andreia não tinha provas, apenas pressentimentos. Mas a espiritualidade, que vela pelos corações sinceros, já lhe soprava sinais.

Maura se aproximou com um sorriso polido, como quem tenta manter a aparência de normalidade, mas Andreia, sensível, como uma alma em alerta, sentiu o peso da presença. Era como se o ar mudasse, como se a energia ao redor se tornasse mais densa.

Naquele instante, Andreia foi envolvida com vibrações de serenidade e discernimento. A espiritualidade de Luz sabia que ela estava prestes a enfrentar verdades difíceis, mas também sabia que sua fé seria seu escudo.

Com um sorriso generoso, quase encantador, Maura se aproximou. Era o tipo de sorriso que, à primeira vista, transmitia afeto, mas, para olhos mais atentos, escondia uma fragilidade moral bem disfarçada. Seus olhos azuis, brilhantes e envolventes, pareciam refletir luz, porém nublavam desejos que não ousavam se revelar.

Com gestos delicados e beijos amáveis no rosto, ela cumprimentou Andreia, como quem reencontra uma irmã de alma. E, com habilidade treinada, conduziu-a até sua sala, como quem guia sem parecer conduzir.

Andreia, ainda tomada por uma sensação estranha, seguiu a amiga. Havia algo no ar que não sabia nomear. Era como se a atmosfera estivesse carregada de intenções não ditas.

Maura, sorrindo o tempo todo, ocultava sua contrariedade com a maestria de quem aprendeu a vestir máscaras. Fez Andreia se sentar com gentileza e, acomodando-se à sua frente, ouviu a pergunta que não esperava:

— Eu não sabia de muitas coisas, Maura. Por que não me inteirou do que acontecia na empresa?

Maura riu, simulando descontração, como quem tenta dissolver a tensão com leveza ensaiada.

— Andreia, nossa intenção foi poupar você de qualquer desgaste. Eram situações tão tolas... — disse com um tom quase maternal. — Não fazia diferença te contar. Já dissemos: você não precisa se preocupar com nada. Fique tranquila.

Mas Andreia não se tranquilizou. Uma inquietação crescia em seu peito, como se algo dentro dela começasse a despertar.

— O Rogério disse que a empresa teve problemas com entregas. Sempre fomos confiáveis e...

Maura interrompeu com rapidez, tentando manter o controle da narrativa:

— Não foi bem assim — disse, disfarçando a contrariedade que lhe subia à garganta. — Demos um prazo, mas o cliente exigiu que entregássemos antes do combinado. Não fugimos ao contrato. Mas... por que está se preocupando com isso, minha amiga? — falou com aparente tranquilidade. — Está tudo sob controle.

E, como quem muda de assunto com um floreio, acrescentou com empolgação, para distraí-la:

— Ah!... Comprei uma cadeira linda pra você! — disse Maura com entusiasmo ensaiado, como quem oferece um presente para encobrir

ausências.

Andreia sorriu de leve, mas seu coração não acompanhou o gesto. Havia algo desconectado entre o que ouvia e o que sentia. Como se a alma estivesse em outro lugar, observando tudo com olhos mais profundos.

— Cadeira? Do que você está falando?

— Na verdade, é uma poltrona — corrigiu Maura com um brilho nos olhos que misturava afeto e estratégia. — É para colocar no quarto do João. Embora seja para você, claro... para quando pegá-lo no colo, amamentar, contar historinhas...

Falava com animação, como quem tenta pintar de cores suaves um cenário que carrega tons mais densos.

Andreia, tocada pela imagem do filho, permitiu-se distrair. A ideia da poltrona, do quarto, do bebê em seus braços... tudo isso a envolveu como um véu de ternura.

Sorriu. E por um momento, esqueceu o que falavam antes. Esqueceu a conversa sobre a empresa, os clientes perdidos, as decisões não compartilhadas. Esqueceu a inquietação que a trouxe até ali.

Mas a espiritualidade superior não esquecia. Observava em silêncio. Envolvia Andreia com vibrações de lucidez e proteção. Sabia que o coração dela era puro e que, mesmo diante de palavras doces, a verdade sempre encontra caminho para se revelar. No momento oportuno, ela voltaria a pensar e refletir sobre aquela situação.



À noite, envolta pelo silêncio do apartamento, Andreia sentou-se no sofá após um banho morno, tentando acalmar a alma. A água que escorreu pelo corpo deveria ter levado embora a inquietação que insistia em permanecer.

Enquanto olhava o celular, notou a ausência de mensagens de Sandro. Nenhuma explicação, nenhum gesto, nenhum sinal. Talvez tivesse ido à academia, como costumava fazer, e esquecido de avisar. Mas esse tipo de atitude repetida começava a incomodá-la de forma mais profunda. Uma angústia silenciosa tomava conta de seus sentimentos, ainda que ela tentasse negar. Forçava-se a pensar que era paranoia, fruto das alterações emocionais da gravidez. Mas a alma, quando quer falar, não se cala. Por isso, o incômodo continuava.

Lembrava a última conversa com o marido. Ele parecia tão preocupado com o filho quanto ela. Parecia. As palavras dele haviam desfeito parte das sombras que pairavam entre os dois. E Andreia, desejando acreditar, agarrou-se à ideia de que deveria confiar. Afinal, Sandro era seu marido. Viveram bem por anos. Por que ele mudaria?

Maura, sua amiga e diretora financeira, havia dito que ela precisava focar sua energia no filho. E Andreia tentou seguir esse conselho. Em sua mente, não deveria haver espaço para mais nada. Mas o coração não obedece à lógica.

As palavras do médico ecoavam em sua memória, como se fossem ditas naquele instante:

“A cirurgia será logo após o nascimento.”

Desde então, seu coração parecia bater fora do peito, fora do ritmo. Era como se a vida tivesse mudado de compasso e ela não soubesse mais dançar.

Seus pensamentos, sempre conflitantes, atropelavam-se uns aos outros. Tinha olhado o celular de Sandro. Nada anormal. Nenhuma mensagem suspeita. Nenhuma conversa que confirmasse suas desconfianças. Mas havia aquela ocasião em que ele mentiu sobre a bateria descarregada. Por que não atendeu suas chamadas? O que realmente aconteceu?

E por que Rogério, o gerente comercial, parecia constrangido naquele dia? Por que ela se sentia excluída de assuntos importantes da empresa que ela mesma fundou?

Recordava também as reuniões entre Sandro e Maura, marcadas sem que ela soubesse. Tratavam de assuntos relevantes e ela só descobria depois.

Naquele dia, notou alterações em contratos e relatórios. Algo fora do padrão. Mais uma vez, atribuiu ao acaso. A algum acontecimento inesperado.

Então, como quem ouve um eco vindo do passado, Andreia lembrou-se da pergunta que seu pai lhe fez, recordou-se do seu olhar sereno e voz cheia de sabedoria:

“Quem, realmente, está no controle?”

A frase reverberou em sua mente, como um sussurro divino.

E naquele instante, ela compreendeu que talvez não fosse hora de cobrar, exigir, confrontar. Era hora de recolher-se, de observar, de procurar provas.

Sabia que havia se afastado da empresa. Não por descaso, mas por necessidade. Os exames, as consultas médicas, as noites em claro... tudo isso a consumia. Não apenas fisicamente, mas psicológica e espiritualmente. Sentia-se drenada, sem ânimo, sem energia para qualquer tarefa que exigisse foco ou estratégia.

As madrugadas eram longas. A insônia, cruel. Seus pensamentos fervilhavam como tempestades silenciosas e ela se perdia em pesquisas sobre as condições do bebê, tentando encontrar respostas, tentando se preparar para o que viria. Mas como se preparar para o desconhecido?

O cansaço se acumulava em olheiras profundas, em lapsos de concentração, em lágrimas que escorriam nos momentos mais íntimos: no banho, no carro, no silêncio da casa... Sem apoio, sem alguém que a orientasse, sofria em silêncio. E mesmo assim, diante dos outros, vestia uma armadura de força. Sorria. Fingia. Resistia.

Lia e relia os exames, anotava dúvidas, organizava questionamentos para os médicos. Era como se tentasse montar um quebra-cabeça com peças que mudavam de forma a cada dia. Tudo isso ocupava sua mente por completo.

Como poderia pensar na empresa? Como poderia se preocupar com contratos, relatórios, reuniões, materiais, produtos?...

Há momentos em que o controle não está nas mãos humanas. Está nas mãos da fé. E Andreia ainda aprenderia muito sobre isso.

Afastar-se da empresa tornou-se mais do que uma pausa profissional: foi um gesto de preservação. Um escudo invisível contra o excesso de olhares, contra perguntas que não queria responder, contra comentários que, mesmo bem-intencionados, feriam mais do que ajudavam.

Estar longe de alguns parentes e amigos não era por desinteresse. Era necessidade. Era escolher o silêncio.

Naquele dia, mais lúcida do que nos anteriores, Andreia sentia algo diferente. Uma inquietação que não vinha de fora, mas de dentro. Por mais que tentasse encontrar desculpas, racionalizar, suavizar... a verdade se impunha com clareza dolorosa: Sandro estava se afastando.

Não era apenas ausência física. Era ausência de alma. Ele evitava o toque, contato íntimo, desviava o olhar, fugia das conversas íntimas, como quem teme se perder nelas. E isso não era cansaço. Não era distração. Era escolha.

Havia aceitado suas desculpas, mas, agora, inclinava-se a mudar de ideia. Andreia sabia. Sentia. E não havia justificativas que pudessem apagar essa percepção.

Entre o sono e a vigília, nesse momento, Andreia não sabia dizer se estava recordando ou sonhando, quando parecia ouvir o som do monitor cardíaco do bebê, do último exame realizado. A pulsação ecoava alto em sua cabeça. Cada bipe era como uma dor cortante, aterrorizante, dizendo que algo estava errado com o coração de seu filho.

A cabeça afundada na almofada de uma forma que mal podia se mexer.

Na espiritualidade, os obsessores Nisa e Duane gargalhavam, divertiam-se com as impregnações que provocavam na encarnada.

Eles se aproveitaram da fragilidade dela, de seus pensamentos conflitantes, de sua insegurança e preocupações, que provocavam vibrações inferiores, e se aproximaram, impregnando-a de sensações que produziam impressões psíquicas, em forma de sonhos ou pesadelos, com aquilo que mais a apavorava.

Repentinamente, a chegada do mentor de Andreia impactou esses espíritos inferiores por sua energia. Junto de sua protegida, o espírito Aren despertou-a com brandura:

— Andreia, acorda. — Foi o suficiente para ela abrir os olhos.

Com o coração aos saltos, rapidamente, sentou-se. Passou a mão generosamente no ventre e respirou fundo. Aliviou-se quando entendeu que foi um sonho.

— Jesus... — murmurou de modo quase inaudível.

Olhou para a mesinha de centro e viu O Evangelho Segundo o Espiritismo sobre ela. Curvou-se, pegou o livro, que abriu ao acaso, e leu:

“A fé sincera e verdadeira é sempre calma; faculta a paciência que sabe esperar, porque, tendo seu ponto de apoio na inteligência e na compreensão das coisas, tem a certeza de chegar ao objetivo visado.” — Capítulo XIX — A fé transporta montanhas — item 3.

“Preciso ficar calma” — pensou. — “O desespero não vai me ajudar. Não há nada que eu possa fazer, mesmo sentindo que algo está errado.”

Levantou-se e foi para a cozinha preparar um chá de camomila.

Algum tempo depois, foi para a sala com uma caneca entre as mãos. Olhou o vapor que subia suavemente, desacelerando o tempo.

Ainda estava muito quente. Colocou a caneca sobre a mesinha central e ligou a TV onde, por ironia do destino, um documentário sobre maternidade passava sem som.

Andreia não aumentou o volume, mal deu atenção e foi para perto do porta-retrato sobre a estante que expunha uma das mais belas fotos do seu casamento. Ela e Sandro sorrindo lindamente. Foi um dia mágico, uma união feliz.

Ela sorriu sem perceber e passou os dedos sobre o vidro, como que desejando uma gota da felicidade daquele dia perfeito.

Suspirou fundo e escutou o celular vibrar. Sentou-se no sofá e pegou o aparelho. Uma mensagem do marido dizia que teria uma reunião de última hora.

“A essa hora? De novo?” — ela pensou. Em seguida, ordenou-se: — “Ai... Para com isso. Não posso me dar ao luxo de enlouquecer. Preciso parar de pensar nisso.”

Uma pontada atravessou seu peito. Não era dor física, mas uma sensação emocional, como uma dor.



O apartamento de Maura exalava sofisticação contida. Um refúgio de linhas limpas e tons terrosos onde o marrom e o bege se encontravam como se fossem memórias de um outono silencioso.

A luz tênue do abajur refletia no espelho acima da cabeceira, desenhando sombras suaves sobre o corpo de Sandro, que repousava com um braço sob a nuca e o outro segurando um copo de uísque com gelo tilintando, como um relógio que não marcava tempo, apenas intenções.

Maura, envolta em um robe de seda que parecia flutuar sobre sua pele, caminhou descalça até a janela.

Lá fora, a cidade pulsava em luzes distantes, indiferente aos segredos que se desenrolavam entre quatro paredes. Ela observava, como quem contempla

um palco onde a vida se encena sem pudor.

Virando-se com um sorriso leve, quase etéreo, disse:

— Ela vai ceder. Tudo será vendido... o apartamento, a parte dela na empresa...

— Ainda não falei nada sobre a empresa — advertiu Sandro com um traço de hesitação. — Precisamos ir com calma.

— Claro — respondeu Maura com a suavidade de quem sabe que o tempo conspira a seu favor.

— Tenho a impressão de que Andreia está desconfiada — murmurou ele, como quem teme que a verdade esteja prestes a se descortinar.

— Desconfiar é uma coisa. Estar atenta é outra. Ela mal lê os relatórios. Assinou um aditivo sem sequer folhear. Disse que confiava em mim — riu, um som seco, quase cruel. — E confia em você também. Você é o marido ideal, o sócio exemplar... Lembra?

Maura se aproximou da cama com passos calculados, sentou-se ao lado dele e cruzou as pernas com uma elegância ensaiada. Deixou o copo sobre a mesinha e deslizou os dedos pelo peito de Sandro, como quem desenha um mapa de intenções sobre a pele alheia.

Sandro sorriu. Segurou sua mão e a beijou, como quem sela um pacto silencioso.

— Quando o bebê nascer — disse Maura, com uma frieza que contrastava com a suavidade do ambiente —, ela estará tão imersa no tratamento, na cirurgia, na recuperação... que não verá nada. E então será tarde. Você terá feito tudo o que planejamos.

O silêncio que se seguiu parecia pesar mais que as palavras. Sandro se ajeitou, tomou um gole de uísque e passou os dedos pelos cabelos, como quem tenta alinhar pensamentos desalinhados.

— Não vou deixar faltar nada para o bebê — afirmou com um resquício de humanidade.

— Claro que não — Maura sorriu, mas não revelou o pensamento que lhe atravessava. Sabia que ele dizia isso agora, mas, no futuro, talvez esquecesse. — Porém... não podemos permitir que Andreia continue com essa obsessão por médicos, consultas caríssimas, diagnósticos repetidos, exames que dizem sempre o mesmo. Você percebeu. Ela não tem limites...

— É... mas, às vezes, me pergunto se ela merece isso. Se merece que eu corte os gastos. Ela ergueu a indústria, sempre deu tudo de si...

— Não comece com isso, Sandro — cortou Maura com um tom que beirava a impaciência. — Você viu o quanto ela perdeu o controle. Se não fosse por nós, a empresa já teria afundado. Ela se afastou, perdeu o bom senso. Vive apenas para o problema do bebê. Você tomou as rédeas. E sempre disse que estava cansado dela. E... não foi você quem dizia estar exausto daquela vida de propaganda de margarina? — riu com sarcasmo. — Palavras suas. Agora é tarde demais para arrependimentos.

Sandro suspirou, como quem carrega um peso que já não sabe se é culpa ou cansaço. Pegou o copo, bebeu um gole generoso e o devolveu à mesinha com um gesto que parecia selar sua rendição.

— Só quero que tudo isso termine logo — murmurou, quase como um pedido silencioso.

— Vai terminar — garantiu Maura com a frieza de quem já visualiza o desfecho. — E quando terminar, a empresa será nossa. E você... só meu.

Ela o beijou com intensidade, como se naquele gesto selasse um pacto sombrio. Depois, envolveu-o num abraço voraz, jogando-se sobre ele, como se quisesse apagar qualquer vestígio de dúvida com o calor do próprio corpo.

Mentores de Luz que ainda tentavam auxiliar retiraram-se.

No plano espiritual, há consciências ainda mergulhadas em densas vibrações, habituadas aos prazeres corrompidos da matéria. São espíritos que se nutrem de abusos, desvios sexuais lamentáveis e da imoralidade em suas mais variadas expressões.

Fascinados por traições e vícios, entrelaçavam-se, magneticamente, aos amantes terrenos, absorvendo suas energias desequilibradas como se fossem néctar sombrio.

Esses seres, invisíveis aos olhos encarnados, envolvem os ambientes onde se cultivam paixões desordenadas, desejos egoístas e excessos que, se pudessem ser vistos, causariam repulsa e espanto. O magnetismo gerado por tais encontros não se dissipa facilmente. Ele se transforma em alimento fluídico para consciências inferiores, espíritos infelizes, que vampirizam cada gota de energia ali produzida.

O álcool, aparentemente inofensivo aos olhos humanos, torna-se um dinamizador e incentivador poderoso nesse cenário, que estimula e acelera processos. Em quaisquer quantidades, seus vapores e fluidos sutis atraem entidades que se comprazem em sua influência, perpetuando ciclos de desequilíbrio e escravidão vibratória. O que para muitos é apenas celebração, para outros é porta aberta à obsessão.



Com uma música tocada bem baixinho, no aconchego de seu apartamento, Andreia lia um livro infantil com voz suave, como se cada palavra fosse uma carícia no ventre. A luz amena do abajur desenhava sombras delicadas nas paredes, enquanto ela sorria em alguns trechos da história, encantada com os pequenos enredos que pareciam ganhar vida só para seu bebê.

Conversava com ele como se já o conhecesse profundamente, como se sua alma já tivesse tocado a dela em outras existências. Havia uma doçura em seu olhar, uma esperança que transbordava em cada frase lida, como se o

amor materno fosse capaz de atravessar o tempo e alcançar o espírito que ainda se formava.

Ali, naquele instante de ternura, Andreia não era apenas uma mulher à espera. Era um templo vivo de afeto, uma ponte entre mundos, oferecendo ao filho não apenas palavras, mas vibrações de luz, fé e acolhimento.

Capítulo 14

Quando a alma fala

Poucos lembram que a Luz de Deus habita em

nós e que só alcançamos o Criador quando

acendemos essa Luz com a chama da prece.



Fazia dias que Tamires caminhava por dentro de si, como quem atravessava um deserto sem mapa. A angústia lhe apertava o peito, a aflição lhe roubava o sono e as decisões que precisava tomar pareciam montanhas intransponíveis.

Desde que o marido pediu o divórcio, ela mergulhou na fase mais sombria de sua existência. A incredulidade a envolveu como névoa. Não podia aceitar que aquilo estivesse acontecendo.

No início, fugiu. Fugiu das pessoas, das perguntas, dos olhares. Fugiu de si mesma. Não era apenas a dor da separação que a consumia, mas a vergonha

de ter se entregado inteira: corpo, alma, tempo e sonhos a um homem que não soube reconhecer o valor do que recebeu.

Sentia-se usada, traída, esvaziada. E, como se não bastasse, ainda perderia parte do patrimônio que construiu sozinha para alguém que jamais lhe estendeu a mão nos momentos difíceis.

Sem ter a quem recorrer, escreveu para a irmã. Uma mensagem breve, mas carregada de tudo o que não conseguia dizer em voz alta. Pediu para vê-la.

Andreia a recebeu com ternura no apartamento, como quem abre os braços para acolher não só a irmã, mas também os pedaços que ela trazia de si.

— Oi, Tamires — disse com suavidade ao abrir a porta.

— Oi, Andreia — respondeu, beijando-lhe o rosto com um gesto que misturava gratidão e cansaço.

— Você parecia angustiada na mensagem. Nem quis ligar... — comentou Andreia com a sensibilidade de quem sabe que há dores que só se revelam no silêncio.

— Estou aflita — disse Tamires, enquanto lágrimas silenciosas escorriam por sua face pálida. — Precisava conversar com alguém... mas não sei mais em quem confiar. Você já tem seus próprios problemas... Me desculpa por te incomodar.

Andreia a conduziu com delicadeza até a sala de estar do apartamento onde o luxo não abafava a dor, mas oferecia um abrigo momentâneo. Fez a irmã se sentar no sofá e, com a voz envolta em ternura, perguntou:

— Fala. O que aconteceu? — Sabia, no fundo, o que estava por vir.

— A mãe deve ter te contado... — começou Tamires com a voz embargada. — O Rômulo pediu o divórcio. Ele já saiu de casa. O advogado... Tudo o que temos será dividido. Tudo! Ele... ele...

As palavras se dissolveram em choro. Era possível sentir o desespero contido, a dor que não encontrava saída e a raiva que fervia sob a pele.

— Calma... — pediu Andreia com bondade.

— Já tive calma demais — respondeu Tamires, com os olhos fixos na parede, como se buscasse atravessá-la com o olhar. — Eu fiz tudo por esse homem. Ele não tinha nada quando me conheceu. Eu o apoiei, cuidei de tudo enquanto ele só estudava... — Suas mãos tremiam, apertando-se uma contra a outra, quase imperceptivelmente. Abaixou a cabeça, como quem carrega um fardo invisível. Ainda não se conformava com a ideia de que Rômulo teria direito a tudo o que ela havia recebido do pai e multiplicado com esforço e fé. As lojas que ela abriu com suor e coragem. A casa que praticamente pagou sozinha, decorando cada canto com amor, cada arranjo de flores, cada fotografia na parede. Tudo era memória viva de uma dedicação que agora parecia ter sido em vão.

Lembrou-se dos tempos em que não tinham nada, das garrafas de vinho barato que comprava para celebrar cada pequena vitória: uma aprovação na faculdade, um emprego temporário, um sonho que parecia possível.

— O Rômulo me traiu — disse Tamires num sussurro carregado de fúria, como se a voz fosse o último fio antes do grito. — E exigiu metade de tudo. E conseguiu! A maldita Lei está do lado dele...

Chorou com raiva, com decepção, com a impotência absurda de quem vê a justiça se curvar diante da frieza dos papéis.

— Andreia, fui eu quem fez o Rômulo! — ainda sussurrou com veemência. — Acreditei nele quando nem ele acreditava. Enquanto ele estudava, eu vendia roupas pra fora pra sustentar a gente. Passei noites acordada ajustando costuras, lavando e passando seus ternos, fazendo todos os trabalhos invisíveis para deixá-lo bem. Dava conselhos para as entrevistas... Ele me usou como degrau. E quando subiu, me deixou lá embaixo. — A voz de Tamires se tornava mais baixa, mas o peso das palavras crescia. — Fui usada, descartada, ignorada... Quando ele conseguiu um bom emprego, eu recebi o dinheiro do nosso pai. Montei as lojas, comprei a casa, os carros... O melhor carro para ele, claro. Foi aí que o descarte começou. — Respirou fundo, como quem tenta conter o naufrágio. — Hoje, ele conseguiu metade de tudo que eu conquistei... e matou metade da minha alma. Eu me olho no espelho e não me reconheço. A traição, a ingratidão... É uma dor tão grande,

tão intensa, tão avassaladora... Quando lembro que fui eu quem sustentou tudo, construiu tudo, empreendeu em tudo... Eu me doei tanto...

— Imagino o quanto você está esgotada e... — Andreia tentou dizer, mas a frase se perdeu no ar. Tamires precisava continuar. Precisava libertar palavras que há tempos lhe pesavam no peito.

— Eu ouvi tantas reclamações, tantas frustrações dele... Sempre se fazendo de vítima, de coitado. E eu, aflita, preocupada, tentava ajudar de algum jeito. Dava apoio, oferecia consolo, acreditava que ele era injustiçado até pela própria família, que ele dizia ser ingrata, ausente, cruel. — Ela respirou fundo, como quem mergulha em lembranças que ainda doíam. — Eu achava que, se todos estavam contra ele, era meu papel estar a favor. Que apoiar era amar. Que ele precisava de mim. Mas hoje... hoje eu entendo: quando todos se afastam de alguém, talvez o ingrato seja esse alguém.

Fez uma pausa breve, mas logo retomou, como se as palavras estivessem esperando há muito tempo para serem ditas:

— Cuidando dele, eu esqueci de mim — Tamires confessou, olhando nos olhos da irmã. — Deixei de ir ao dentista, ao oftalmo... Economizava para sobrar mais dinheiro. E o que sobrava eu investia na casa que comprei, nas roupas boas que ele usava, porque havia conseguido um bom emprego. Eu queria que ele brilhasse, que se sentisse digno, que fosse reconhecido. — A voz de Tamires oscilava entre o cansaço e a indignação. — Fiquei tão estressada, tão desesperada que, naquela época, desenvolvi ansiedade, depressão... E mesmo assim, não fui ao psicólogo nem ao psiquiatra. Não queria gastar comigo. Eu achava que minha dor podia esperar, que meu cuidado podia ser adiado, que meu valor estava em sustentá-lo. — Ela olhou para Andreia com olhos marejados, mas firmes. — E no final das contas... ele gastava com outra.

— Eu não sabia que você teve depressão e ansiedade — disse Andreia com a voz embargada pela surpresa e pela dor alheia.

— Ninguém soube — respondeu Tamires com um olhar que parecia vir de muito longe. — Não contei pra ninguém. Quis ser forte sozinha. Foram anos de aflição e desespero. Eu sorria, conversava... mas havia dias em que

o pânico me paralisava. Eu não queria levantar da cama. Sentia uma sensação tão horrível, tão sufocante que parecia não caber dentro de mim.

Fez uma pausa breve, como quem recolhe forças para continuar. E Tamires continuou:

— Foi nesse tempo que comecei a perceber a traição. O jeito arrogante como ele passou a me tratar, a forma como falava comigo... A manipulação constante. Quando eu reclamava, ele distorcia tudo. Fazia parecer que eu era a louca. O Rômulo justificava tudo como se fosse minha culpa. Sempre minha culpa. E ele, o certo. O injustiçado. — Tamires apertou as mãos sobre o colo, como quem tenta segurar o que já escapou. — E eu, tola, me esforçava para ser a melhor esposa do mundo. Me desdobrava para deixá-lo confortável, para que nada o incomodasse. Vivi como uma escrava. Fiquei cega. Me dediquei desesperadamente para construir uma família feliz, invejável. Uma ilusão alucinada. — Respirando fundo, como quem mergulha e volta à tona, revelou: — Queria manter as aparências. Mostrar ao mundo que tinha o marido perfeito, que me amava, que se dedicava a mim, à nossa filha, à nossa casa. Mas, na intimidade... a realidade era outra.

Tamires encarou a irmã com olhos fundos, como se tivesse escavado dentro de si e trazido à luz o que nunca ousou dizer. Naquele instante, sua face pálida carregava não apenas o cansaço, mas também o alívio de quem finalmente se permitiu desabafar.

Sentindo como se um peso tivesse sido arrancado de seus ombros, ela explicou:

— Ele me traiu, Andreia. Mas não foi só com outra mulher — disse Tamires, com um suspiro profundo, como quem tenta conter o turbilhão que a habita. — Ele me traiu com tudo o que eu fui. Com tudo o que eu fiz por ele. — Sua voz saía entrecortada, mas firme. Havia dor sim, mas também lucidez. — Quando o Rômulo não tinha nada, eu estava lá. Cozinhava com amor, passava suas roupas como quem molda o futuro com as próprias mãos. Limpava chão, banheiro, quintal... Trabalhava e cuidava da nossa filha. E ainda encorajava sonhos que nem eram meus. — Riu. Um riso sem graça, carregado de sarcasmo e autocrítica. — Não estudei como você. Não tenho diploma. Mas fui professora, psicóloga, enfermeira, coaching,

motorista, provedora... Fui tudo. Tudo o que ele precisava. Mas, para o Rômulo, eu fui apenas uma escada. Degrau por degrau, ele subiu. E quando chegou onde queria... me deixou lá embaixo, me descartou.

Fez uma pausa, respirando fundo, como quem recolhe forças do próprio abismo. Mais calma, Tamires continuou:

— Mesmo com a ansiedade me aterrorizando, mesmo sem energia por causa da depressão, eu arrancava forças de onde não havia. E seguia. Sabe o que é pior, Andreia? — Viu a irmã balançar a cabeça, silenciosa. — Eu me lembro dos primeiros sinais. Quando ele me interrompia, me fazia calar. Dizia: "Você está exagerando. Estou cansado. Gostaria que você entendesse o meu lado. Não tenho tempo pra nada e você ainda quer que eu..." — Tamires olhou para o vazio, como se revivesse cada palavra dita. — Ele me manipulava com um carinho calculado. Só para não perder, naquele momento, tudo o que eu ainda poderia oferecer. E eu, cega pela ideia de amor, me iludi achando que casamento era sacrifício.

Com voz decidida, como quem finalmente se escutasse, Tamires lembrou:

— Enquanto os outros viam nossa felicidade nas fotos das redes sociais, eu desenvolvia ansiedade nas madrugadas. Enquanto ele brilhava lá fora, no trabalho, entre amigos e amantes, eu afundava aqui dentro — bateu levemente no próprio peito com a palma da mão. — Hoje, eu enxergo. Enxergo a mulher que fui. A mulher que ele tentou apagar, mesmo enquanto me usava. — Breve pausa e perguntou: — Será que fui ingênua? Ou será que ele foi cruel mesmo? — Tamires tinha a voz embargada, como quem busca respostas que o coração já conhece, mas a mente ainda resiste em aceitar.

— Eu não vou invalidar sua dor, Tamires — respondeu Andreia com firmeza e ternura. — Se está revoltada, tem toda razão. Ver tudo o que você construiu sendo dividido com quem te traiu e te usou... é um golpe duro. Um golpe que não se mede em bens, mas em cicatrizes.

— Fui burra, não fui? — insistiu Tamires com os olhos baixos, como quem se culpa por ter amado demais.

— Não burra. Mas é preciso reconhecer que você confiou demais. Talvez por amor, talvez por acreditar que o amor dele seria eterno. Nesse ponto sim, houve ingenuidade. Mas ele... ele deveria ter consciência. Não exigir o que você construiu com esforço próprio, confiando nele. — Andreia fez uma pausa longa, como quem escolhe as palavras com cuidado. — O Rômulo não é obrigado a continuar com você se o amor acabou. Ninguém é. Mas trair, enganar e ainda querer parte daquilo que, no fundo, não lhe pertence... isso é crueldade sim. É cafajestagem, na minha opinião. Por isso, não invalido sua dor. — O silêncio entre elas era denso, mas acolhedor. Andreia continuou: — Pelo que entendo, o sistema jurídico não oferece espaço para indignação, nem para revolta, nem para ingenuidade. E nesse caso... a impotência, o não poder fazer nada, são tão dolorosos quanto a própria traição.

Viu a irmã de cabeça baixa, mergulhada em pensamentos que pareciam não ter fim. Depois de alguns instantes, decidiu suavizar o peso da conversa, buscando um ponto de luz:

— E a Aline? Como ela está? — Andreia perguntou.

— A maternidade me obriga a engolir parte da revolta — confessou Tamires com os olhos marejados. — No dia da decisão do juiz... eu quebrei alguns móveis, objetos...

— E a Aline? — insistiu Andreia com delicadeza.

— Estava no quarto. Não sei...

— Como ela está?

— Vai fazer onze anos. É inteligente. Sabe o que está acontecendo.

— E deve estar tão fragilizada quanto você. Além de insegura, triste, perdida... cheia de conflitos. Você conversou com ela?

— Tentei explicar com suavidade o que o pai fez. Mas ela é esperta. E também deve ter ouvido nossas brigas.

O silêncio se instalou entre as duas como uma névoa densa. Andreia escolhia as palavras com cuidado, tentando não feri-la ainda mais. Mas Tamires, num impulso, deixou escapar:

— E ele vai levar metade de tudo.

— Mas não vai levar você — respondeu Andreia com firmeza e ternura. — Não vai levar sua força nem sua coragem. Para conquistar o que você conquistou, para construir o que construiu... é preciso ter força e coragem. E isso, Tamires, ninguém pode tirar de você.

— Eu me sinto usada. Você entende, Andreia?

— Entendo. Entendo sim. Mas isso não é o fim da sua história. Nem da sua vida. Ao contrário... pode ser o começo. O começo da sua verdadeira história. Antes, você estava escrevendo a vida de outra pessoa. Focada, concentrada, empenhada em fazer o outro crescer. Agora, apesar da dor, dor que vai passar, é preciso que você comece a escrever a sua própria história.

Tamires olhou para a irmã com olhos suplicantes, como quem busca uma luz.

— Eu não sei por onde começar, Andreia...

— Comece pedindo a Deus que te mostre um caminho. Quando foi que você colocou Deus na sua vida, na vida da Aline, dentro do seu lar?

— O Rômulo não era religioso — respondeu Tamires, como quem justifica uma ausência que agora pesava.

Andreia sentiu-se quase na pele da irmã, mas não disse nada. Lembrou-se da conversa com o pai e do medo que ele tinha de vê-la passar pelas mesmas dores, por isso, falou como se aconselhasse a si mesma:

— Reparou que você fez o seu mundo girar em torno dele? Reparou que não fez nada por você?

— Eu... — Tamires tentou responder, mas a frase se perdeu.

— Lembro que, quando recebeu o dinheiro do pai, você disse que abriria a loja no shopping para ajudar o Rômulo. Quando escolheu a casa, falou que precisava ser uma casa de que ele gostasse, em que ele se sentisse confortável. E até Deus... você não colocou dentro do seu lar por causa dele.

— Eu também não gosto de igrejas e... a verdade é que, quando tudo vai bem, a gente não coloca Deus na vida.

— Não gostar de igreja é uma coisa. Deus é outra, completamente diferente.

— Mas você também não vai à igreja, Andreia.

— É verdade. Nunca me importei com Deus, com Jesus... até descobrir que meu bebê tem um problema cardíaco. Foi aí que percebi que a única coisa que me confortava, que me impedia de enlouquecer era refletir sobre os ensinamentos de Jesus. Não da forma como aprendemos na igreja quando éramos pequenas. Não quero diminuir os ensinamentos católicos, longe disso. Mas, para mim, aquele método não funcionou. — Andreia sorriu, lembrando um encontro inesperado. — Recentemente, encontrei um colega do Ensino Médio. Nem me lembrava dele. Ele me deu um livro, O Evangelho Segundo o Espiritismo. E esse livro... vem me trazendo tanto conforto, tanta força, tanta esperança. Quando a dor aperta, quando a angústia vem, eu abro, leio, reflito. Até marquei alguns trechos reconfortantes. Justo eu, que nunca gostei de riscar livros — riu. — Comecei a buscar mensagens espíritas na internet. E venho encontrando tanta coisa bonita... mensagens de fé, de consolo, de esperança. São lições que me ajudam a entender e suportar esse momento.

Tamires olhou para a irmã com olhos cansados, mas abertos. Como quem, pela primeira vez, considera que talvez exista uma luz além da dor.

— O que você acha que o Espiritismo, o Evangelho... essas mensagens de luz podem me dizer? Há algo que possa me confortar? — perguntou com a voz embargada, quase sem esperança, fitando a irmã, como quem busca um último fio de fé. — Se houver algo que Jesus indique para o meu caso... eu me rendo.

Andreia respirou fundo, recolhendo forças no silêncio, e respondeu com ternura:

— O Rômulo te traiu, te enganou e ainda levou metade do que você conquistou sozinha. Que leve... — disse com um sorriso sereno, mas firme. — Porque há algo que ele jamais poderá tomar: o que você é por dentro. A sua essência, o seu valor, a sua força e a sua coragem. Isso ninguém rouba. Isso é eterno.

Andreia se inclinou, pegou o exemplar de O Evangelho Segundo o Espiritismo sobre a mesinha da sala e folheou com cuidado, como quem busca uma resposta nas entrelinhas do céu. Abriu no Capítulo XII — Amai os Inimigos, item 7, e leu com voz suave:

— "Se alguém vos bater na face direita, apresentai-lhe a outra... e se alguém quiser pleitear contra vós, para vos tomar a túnica, também lhe entregueis o manto." — Fechou o livro devagar, como quem sela uma revelação, e continuou: — Esse ensinamento vem do Sermão da Montanha onde Jesus nos convida à renúncia da vingança e ao exercício da caridade e da humildade, mesmo diante da injustiça. E veja... é exatamente o que você está vivendo. A Doutrina Espírita nos ensina que o verdadeiro progresso espiritual exige o perdão e o amor incondicional até mesmo àqueles que nos ferem, porque é aí que reside a grandeza da alma. Isso não significa que você deva conviver com a pessoa e aceitá-la. Perdão e convivência são coisas diferentes.

Andreia percebeu o silêncio reflexivo da irmã e prosseguiu com delicadeza:

— Quando Jesus fala sobre entregar também o manto, Ele não está nos pedindo submissão cega. Está nos ensinando sobre o desprendimento, sobre a libertação do ego, sobre o poder interior que floresce quando não podemos mudar o que nos fere, mas podemos escolher como reagir. Quando o Rômulo, mesmo após a traição, exigiu metade dos bens, é claro que você se sentiu injustiçada, magoada, ferida... Mas ceder o manto, nesse contexto, pode ser um ato de força, não de fraqueza. É dizer: "Eu não sou o que me tiram. Eu sou o que permanece em mim."

Andreia se aproximou, tocou suavemente a mão da irmã e concluiu:

— E sobre dar a outra face... não é sobre se calar diante da dor nem sobre se anular. É sobre oferecer o oposto do que te foi dado. Se alguém te desrespeita, ofereça respeito. Se alguém grita, responda com silêncio. Se alguém te difama, não devolva com palavras amargas, devolva com compaixão. Dar a outra face é fazer diferente. É ser luz onde há sombra. É ser paz onde há guerra. É ser amor onde há ausência.

— Nossa... Eu nunca tinha entendido essas passagens dessa forma — murmurou Tamires com um suspiro profundo que parecia vir da alma. Seus olhos se perderam no vazio, como quem reencontra antigas dores e novas possibilidades.

— Então pensa, minha irmã... e tenta colocar em prática. Já que não pode mudar o que foi feito, transforme o que sente. Valorize-se. No seu caso, renunciar ao que é material não significa, de forma alguma, abrir mão do essencial. É entregar o que te é exigido sem perder a dignidade, sem abandonar os valores que te sustentam. É ceder com serenidade, sem gritos, sem revolta, sem o peso da raiva. Porque, infelizmente, a justiça dos homens está do lado dele, mesmo sendo injusta.

Andreia fez uma breve pausa, como quem escolhe as palavras com o coração. Depois ainda disse:

— Se houvesse uma chance, eu te diria: vai! Luta pelo que é seu! Mas não é o caso. Eu pesquisei, me informei... E o que resta agora é preservar o que há de mais precioso: sua saúde mental, seu bem-estar e o da sua filha. Em vez de travar uma guerra por cada centavo, escolha o caminho do desapego consciente. Não por comodismo, mas por força. Porque sabe, no fundo, que tudo o que você construiu pode e vai ser reconstruído. Melhor. Mais verdadeiro. Mais seu. — Ofereceu breve pausa. — Mesmo magoada, mesmo ferida, essa dor será transformada em consciência espiritual, um grande aprendizado. Você deixará de ser vítima para se tornar protagonista de um renascimento. Não é sobre perder. É sobre libertar-se da prisão emocional que a mágoa e a injustiça tentam construir ao seu redor.

Tamires respirou fundo com os olhos marejados.

— É que... Foram tantos sacrifícios silenciosos, Andreia... Você nem imagina o quanto me doei, o quanto fiz...

Andreia segurou suas mãos com firmeza, afeto e afirmou:

— Eu sei. Eu te compreendo. Imagino o quanto tudo isso dói. Mas escuta: você construiu e conquistou tudo porque acreditou. Porque teve coragem mesmo quando não havia garantias. Porque, mesmo sozinha, mesmo cansada, mesmo sem ânimo, foi guiada por uma força maior. Minha irmã... isso não desapareceu! — disse com entusiasmo, vendo Tamires atenta. — O quanto antes você se der conta disso, melhor! — Sorrindo com leveza, concluiu: — O Rômulo conseguiu metade? Que leve. Isso é matéria. Isso se reconquista. Ele jamais poderá levar sua essência. E sua essência só pode ser destruída por você se você permitir. Ele não levou seu amor-próprio. Pensa na sua filha. Ela precisa ver que a mãe dela não se define pelo que perdeu, mas pelo que é capaz de fazer e refazer com dignidade, com espiritualidade, com fé.

Tamires não disse nada. Apenas a abraçou com força, como quem encontra abrigo num gesto. E, naquele silêncio, algo dentro dela começou a se transformar.

Andreia era uma alma completamente diferente daquela que Tamires havia pintado em seus julgamentos silenciosos. Não esperava aquele abraço sem reservas, aquelas palavras cheias de sabedoria, aquele acolhimento que parecia vir de um lugar mais alto. Era como se, de repente, a irmã que ela julgava mimada, manhosa e egoísta revelasse uma luz que sempre esteve ali, mas que Tamires nunca soube enxergar.

Sentiu um arrependimento suave, como quem desperta de um engano antigo. Andreia tinha uma compreensão da vida que transcendia o comum. Era mais evoluída espiritualmente do que Tamires jamais imaginou. E foi justamente quando não encontrou mais ninguém com quem desabafar, quando acreditou que estava só, que encontrou em Andreia um apoio inesperado e profundamente necessário.

Naquele instante, Tamires sentiu uma mistura de vergonha e gratidão. Vergonha por ter julgado sem conhecer. Gratidão por ter encontrado, na

irmã mais nova, mais do que uma irmã: um guia, uma amiga, uma presença que a amparava com amor e lucidez.

Era como se o universo tivesse esperado o momento certo para revelar que, às vezes, os laços de sangue escondem tesouros espirituais. E que, quando tudo parece desabar, é possível encontrar abrigo onde menos se espera e descobrir que o amor verdadeiro pode estar mais perto do que se imagina.

— Nem sei por onde começar, mas farei de tudo para superar essa situação.

— Só de pensar assim, você já superou, já venceu — Andreia sorriu.

— É... Você encontrou ensinamentos de Jesus para a minha situação, uma sugestão bem amparada. Mas... Eu gostaria de entender o porquê de eu estar passando por isso.

— Conheço pouco, pouquíssimo, sobre o Espiritismo. Nem sei se sou a pessoa certa para responder a isso, mas... Podemos acreditar que isso seja parte de algo maior.

— Como assim, Andreia? Uma punição? Um castigo?

— Não. Deus não castiga. Isso já aprendi. Deus é perfeito, justo e bom, por isso, Deus permite reparação.

— Reparação? — Tamires franziu o rosto sem entender.

— O Espiritismo, a Doutrina Espírita explica muitíssimo bem sobre a Lei de Causa e Efeito. Nem tudo o que acontece é consequência direta do que fizemos nesta vida. Dessa forma, só nos resta entender que foi algo que fizemos lá atrás, em outra existência. Algo que incomoda nossa consciência e ainda está buscando harmonização e equilíbrio. Porém, o que importa não é o que foi que aconteceu, é o que vai fazer com isso.

— Acha que eu tinha essa dívida com o Rômulo no passado?

— Como eu disse, o passado não importa. Se ele não foi revelado é porque não vai ajudar em nada. Pense que, hoje, a conta foi paga e você não está perdendo nada, você está sendo convidada a se libertar. Está tendo a

oportunidade para dar espaço a algo novo. Quando você entender a dor, saberá que não existe dor que te quebre, só existe dor que te transforma. — Andreia segurou as mãos da irmã, olhou em seus olhos e afirmou: — Essa, como todas as experiências que vivemos, pode ter acontecido para lembrar você o que é essencial para a sua vida, que nenhuma partilha material é capaz de tocar sua coragem, sua fé e capacidade de criar o novo. Você já fez antes, mas, agora, será com mais luz. Com Deus envolvido em seus novos projetos.

Tamires fechou os olhos e apertou as mãos da irmã. Suspirou fundo. Quando abriu os olhos, encarou-a. A dor ainda estava lá, mas não sozinha. Havia algo diferente em seu coração, em sua alma que começava a nascer junto com ela: a compreensão.

— Obrigada — disse Tamires com a voz embargada e os olhos marejados. — Eu estava tão perdida quando cheguei aqui... Não vou dizer que não sinto mágoa, indignação... mas agora compreendo que há saída. E talvez... talvez nem seja tanta injustiça se for algo que vem de antes, de outra vida e... — sua voz se apagou no silêncio, como quem não consegue concluir o pensamento.

— Está se sentindo mais aliviada, né?

— Sim. Sem dúvida.

— Essa raiva, essa ira... podem voltar. E só tem uma coisa que me ajuda quando a tristeza insiste em aparecer. É o que tem me sustentado.

— O quê? — Tamires quis saber.

— Jesus — respondeu com firmeza e ternura. Viu a irmã parada, ouvindo com atenção. — Busque Jesus. Alimente sua fé com os ensinamentos Dele. É isso que nos dá força quando tudo parece desabar. — Fez uma pausa breve e depois continuou com delicadeza: — Sei que ainda vai sentir vontade de brigar, de gritar, de xingar... E você tem esse direito. Mas lembre-se da sua filha. A Aline também está sofrendo. Ela é novinha, Tamires. Não pense que entende tudo ou que pode lidar sozinha com essa situação. Ela não consegue. Não tem estrutura. A Aline não entende o que

está acontecendo... e está com medo. Mesmo que não diga, mesmo que não admita. Ela está com muito medo. Mais do que você.

Andreia se aproximou, tocou suavemente o braço da irmã e falou com firmeza:

— Agora, ela precisa da mãe. Mas não só da mãe... precisa da mãe como referência de fé. De amor que não vira ódio. De força que não machuca. E isso, Tamires, só você pode dar. — Esperou que a irmã a olhasse nos olhos e disse com segurança: — Não fale mal do pai dela. Nunca. Por mais que ele tenha errado, ela precisa construir a própria visão sobre ele com o tempo. Falar mal dele agora... vai quebrar algo dentro dela. Vai quebrar o afeto, o amor. E, com o tempo, se esses sentimentos forem destruídos, eles não vão existir nem para você nem para ninguém. — Viu as lágrimas escorrerem no rosto de Tamires e continuou com suavidade: — Ensina Jesus pra Aline. Mostra que o amor verdadeiro não se desfaz por causa da dor. Fala pra ela sobre misericórdia e paz. Explica o que é misericórdia. Explica o que é paz. Fale baixo. Fale sempre baixo. Reze com ela. Leia pra ela o Evangelho. Esse consolo é que está faltando no coraçãozinho dela.

— Você acha que ela está confusa?

— Sim. Confusa e em conflito. Mas há espaço. Espaço pra você entrar com luz, com amor, com bom ânimo, com calma... e, principalmente, com exemplo. Ela tem dez anos. Não converse com ela como a mulher traída. Converse como a mãe que cura. A mãe que conforta. A mãe espiritualizada. — Andreia respirou fundo e concluiu com ternura: — O que você construir hoje dentro dela vai durar por toda a vida. Vai durar mais do que qualquer bem material. A fé que sustenta é herança mesmo nas ruínas.

Tamires abaixou os olhos com um toque de lamento:

— Venho me esquecendo da minha filha...

— Agora, ela tem só você. Agora é o momento.

Tamires olhou para a irmã com os olhos cheios de emoção e dúvida:

— Será que consigo?

Andreia sorriu com doçura e respondeu apenas com o olhar, como quem sabe que o amor é capaz de tudo.

— Você não deve duvidar de si mesma. Basta querer e procurar meios.

— Obrigada — Tamires agradeceu verdadeiramente.

— Fico feliz que esteja melhor. — Pensou um pouco e convidou: — A propósito... No próximo domingo vou assistir a uma palestra em uma casa espírita. Quer ir comigo?

— Domingo de manhã?

— Sim. Às 9h.

— Quero. Vou com você. Mas... Será que posso levar a Aline?

— Pelo que entendi, pode sim. Tem espaço para crianças e jovens.

— Tá bom. Eu vou. — Após um momento, confessou: — Sabe... eu ia demorar para sair da casa, tentar dificultar a venda, fazer um inferno na vida dele, mas... vou largar o manto — sorriu, falando de modo simbólico.

— Isso mesmo. Fazer um inferno na vida dele fará você viver em um inferno. Você não merece isso. Não merece esse estresse todo. Preserve sua saúde mental.

— Verdade. Vou conversar com a Aline, focar em procurar uma casa...

— Uma loja ficará para você, a outra para ele... E a terceira loja?

— Será vendida e o valor partilhado entre nós dois.

— Com a venda da casa, você não consegue comprar a metade dessa terceira loja? — Andreia quis saber.

— Não tinha pensado nisso...

— É algo pra se pensar. Financeiramente, as lojas vão te ajudar e, no futuro, você compra outra casa. Mas... Analise bem. Não seja precipitada. Não aceite essa ideia só por orgulho ou...

— Vou pensar bem e analisar o mercado. Qualquer investimento precisa de muita atenção nos dias de hoje. Penso em alugar uma casa, a princípio. Ver como fica a escola da Aline... Tem tanta coisa pra ser feita.

— Você vai dar conta. Sempre admirei sua capacidade.

Conversaram um pouco mais.

Antes de partir, com o coração mais leve e os olhos ainda úmidos, Tamires sentiu que precisava dizer algo. Algo que não poderia guardar.

— Andreia... — começou com a voz embargada. — Me perdoa por ter vindo assim, de repente... Eu sei que você já tem suas próprias batalhas, suas dores... Mas... você salvou a minha vida. Salvou a vida da Aline.

Andreia franziu o cenho, surpresa, e perguntou com cautela:

— Do que você está falando?

Tamires baixou os olhos e as lágrimas começaram a escorrer, silenciosas, como se lavassem as últimas sombras que ainda restavam.

— Faz dias... semanas... que eu estava mergulhada num desespero sem nome. — Sua voz tremia. — Eu me sentia enlouquecida. Não queria mais viver. Pensei em tanta coisa... cheguei a acreditar que a única forma de me vingar dele seria... interrompendo a vida da Aline... e depois a minha. — Abaixou a cabeça, tomada pela dor da lembrança. Andreia a olhou, chocada, mas permaneceu em silêncio. Não a interrompeu. Apenas escutou com o coração em suspenso. — Eu olhava ao redor e não via saída. Tudo o que eu fui, tudo o que construí... parecia ter se esvaído. Me vi vazia. Descartável. Ele me convenceu de que eu não valia nada. Que eu era invisível. E eu acreditei. — Tamires respirou fundo. Mas havia algo novo em seu semblante. Algo como uma centelha. — Eu te procurei como quem joga uma última âncora ao mar. Nunca fomos próximas... nunca fomos

íntimas. Mas você me ouviu. Me enxergou. Falou sobre quem eu sou, sobre o que fui capaz de fazer, sobre a mulher que existe em mim. Falou sobre o manto... além da túnica que posso deixar para trás sem perder minha essência. — Ela levantou os olhos marejados e sorriu com doçura: — Sabe... parecia que Jesus falava por você. Foi como se você visse a minha alma quando nem eu conseguia mais vê-la. Suas palavras me salvaram. Salvaram sua sobrinha. Não sei explicar como, mas foi como se você tivesse me devolvido o direito de existir. De sonhar. De recomeçar.

As lágrimas agora escorriam livres, porém eram acolhidas por um sorriso leve, quase sereno, nos lábios de Tamires.

— Eu quero viver! — disse a irmã mais velha com firmeza. — Quero recomeçar. Não por ele. Por mim. Pela minha filha. Obrigada. Eu não fazia ideia da força que tem uma palavra amiga... uma palavra que traz conforto e luz ao coração.

As duas se abraçaram. Um abraço longo, silencioso, cheio de tudo o que não cabia em palavras.

Andreia, sem conseguir dizer nada, apenas chorou. Em seu silêncio, havia gratidão, amor... e a certeza de que, naquele instante, duas vidas haviam sido resgatadas pela força do acolhimento e da fé.



Ao chegar à sua casa, Tamires percorreu os cômodos em silêncio.

Os móveis estavam em seus lugares, mas carregavam as marcas do descontrole: arranhões, rachaduras, memórias de um momento em que a dor transbordou sem freios. Os objetos decorativos, antes cheios de significado, agora eram ausência. Haviam sido lançados contra as paredes, despedaçados pela tempestade que se formou dentro dela.

Ao pensar em Aline, o arrependimento veio como um golpe suave e profundo. Como deve ter sido horrível para a menina presenciar tudo aquilo... Ver a mãe desfigurada pela angústia, tomada por um desespero que não sabia nomear. Aline ainda nem havia completado onze anos e já carregava, no coração, o peso de uma insegurança indizível, um medo que não se explica com palavras.

Tamires então saiu à procura da filha. Queria conversar com ela com calma, com amor. Saber o que se passava em sua mente pequena e sensível. Falar sobre o futuro, tecer novos planos, pedir perdão. Mais do que tudo: ser abrigo.

Enquanto isso, em outro canto da cidade, Andreia enviava uma mensagem para Caíque. Contou tudo o que havia acontecido. Estava surpresa e feliz com a forma como interpretou aquela passagem do Evangelho. Sentia que, de algum modo, havia conseguido tocar a alma da irmã, acalmar seus pensamentos turbulentos, reacender uma luz que parecia apagada.

Ficou admirada com as próprias palavras. Nunca imaginou que pudesse dizer algo tão profundo. Sempre acreditou que não sabia o suficiente nem para si mesma. Mas, ali, naquele momento, algo maior havia falado por ela.

Trocaram vários áudios. Andreia detalhou tudo o que disse e Caíque a ouviu com atenção e carinho. Disse que ela estava certíssima. Que suas palavras foram como bálsamo. Lembrou que, provavelmente, ela estava sendo inspirada por amigos espirituais, por espíritos de luz que a envolveram e a fortaleceram para que pudesse ser instrumento de consolo, sabendo ouvir com bondade e deixando a alma falar com educação.

Despediu-se com ternura e confirmaram que se encontrariam na palestra que ele realizaria em breve. Ao desligar, Andreia sentiu uma alegria suave crescer dentro de si. Uma alegria que não vinha da razão, mas da alma.

Sentada no sofá, acariciando o ventre com delicadeza, conversou com o filho que ainda crescia em silêncio dentro dela:

— Hoje, filho... eu entendi que a gente pode ser ponte. Que às vezes, sem saber, somos canal de amor. E que quando deixamos Jesus falar por nós, até

o que parecia impossível se transforma em esperança. — Sorriu. E naquele instante, sentiu que também estava renascendo. — A mamãe é esperta, né? — sorriu com doçura.

Capítulo 15

Quando o silêncio é a resposta

Há derrotas que não vêm do fracasso,

mas da confiança mal colocada.



Tamires entrou no quarto com passos leves, como quem teme perturbar o silêncio que já carregava dor.

— Aline? — chamou num sussurro que mal cortava o ar.

A menina estava deitada na cama, usando fones de ouvido, enquanto mexia no celular. A mãe se aproximou, puxou a cadeira e se sentou, ficando próxima a ela.

— Preciso conversar com você — falou de modo tenso.

Nada aconteceu. Silêncio.

— Aline... Olha pra mim — pediu com voz trêmula.

Tamires viu a filha tirando os fones de ouvido e procurou manter a calma. Sabia que a menina estava magoada e que tinha esse direito.

— Precisamos conversar — tornou a dizer. A espera foi longa. Os minutos eternos.

Até que Aline falou:

— Você acha que conversar vai resolver alguma coisa? — perguntou irritada. — Depois de tantos berros, gritos e assustar todo o mundo adianta conversar?

— É sobre isso que quero falar com você. Eu perdi o controle. Não consegui controlar meu ódio, minha raiva, minha dor... Nem pensei em como tudo isso iria afetar você. Me desculpa, filha — falou em tom de voz verdadeiramente tocante, arrependida.

Aline se remexeu e se sentou com as pernas cruzadas. Ainda se mostrou tensa, contrariada. Mesmo assim, desabafou:

— Vocês transformaram minha vida e essa casa num pesadelo, mãe. Eu sempre ouvi tudo. Cada briga, cada grito... Tudo! Entendeu? Eu ficava aqui, neste quarto, tremendo, sofrendo e achando que ia acabar. Mas nunca acabava! No outro dia, ainda tinha mais! E no outro!... E no outro!...

— Não era isso o que eu queria. Nunca quis que você se sentisse assim e...

— Mas você fez assim! Gritou! Berrou! E o pai também! Ele ainda dizia que não te queria! E te maltratava com palavras que doíam em você e em mim... — chorou, mas continuou falando duramente. Sua dor vinha em forma de grito. — Ele tinha outra e você não se desapegava dele! Não tinha vergonha de ficar se humilhando!... O pai foi embora! E você ficou se destruindo! Destruindo nossa casa! Destruindo nossa paz!...

Tamires chorou também. Não se escondeu. Não se defendeu. Apenas chorou. Pela filha. Por si mesma. Pela esperança de reconstruir.

— Eu falhei, filha. Você tem razão. Errei... Não posso... Não tenho como voltar atrás e desfazer as coisas. Nem apagar o que aconteceu. Mas... Aline, filha... Eu posso tentar ser melhor para nós duas... Eu quero ser diferente, viver diferente, filha.

Depois de longo silêncio, ainda chorando e secando o rosto com as mãos, Aline confessou:

— Tá doendo, mãe... Dói demais, sabia?... Não sei se consigo confiar de novo... Sinto como se algo fosse acontecer a qualquer momento... Como se você fosse berrar comigo, me xingar pra descontar sua raiva...

— Então... O que me diz de começarmos aos poucos? Não quero perder você também. Quero que me entenda. Quero te entender para vivermos melhor.

— Tá... Mas não prometo nada.

Hesitante, Tamires se sentou na cama da filha.

Tirando uma mecha de cabelo do rosto e passando-a para trás da orelha da menina, fez-lhe um carinho. Em seguida, secou sua face molhada com lágrimas.

Olhou-a de modo contemplativo. Como a filha havia crescido e ela quase não notou. Também teve a impressão de que Aline era mais madura do que imaginava.

Afagou novamente a cabeça e, gentilmente, puxou-a para si. Sentindo certa resistência no início, mas, sem demora, percebeu os braços da menina ao redor de si.

Havia muito tempo que não se abraçavam. Nem sabia dizer quando foi que sentiu o calor filial em seus braços. Beijou-lhe a testa e o rosto.

Choraram.

Mesmo em meio à dor, em meio às mágoas, aos pensamentos carregados de incertezas, continuaram abraçadas por muito tempo.

Ao se afastar, Aline falou sem que a mãe esperasse:

— Não me trate mais como sua inimiga, tá?

Tamires demorou um pouco, pensando no que responder, e perguntou:

— Acha que te tratei assim?

— Tenho certeza. Sempre grita comigo, sempre me critica, me desvaloriza — falou de modo rude, expressando sua dor.

— Está certo. Vou me corrigir e me policiar. Mas você vai ter de me tratar bem também. Com respeito. Certo? — Viu-a atenta. — Não vai descontar em mim sua raiva. Entendo que não fui uma boa mãe... mas quero recomeçar. Quero refazer toda a minha vida e quero recomeçar junto com você. Se, em algum momento, eu me expressar mal, pode me avisar. Eu também vou avisar você quando não agir bem.

— Posso perguntar por que você está sendo assim, diferente?...

— A história é longa, mas... Teremos todo o tempo do mundo. Então... Quer saber? Quer ouvir? — sorriu com leveza, passando confiança.

— Fala.

— Bem... Eu estava enlouquecendo. Sentia que meus pensamentos não cabiam em minha cabeça. Então fui conversar com sua tia. A Andreia seria a última pessoa que eu procuraria... Ela está com problemas com o bebê e...

— Você nunca gostou muito da tia Andreia. Parecia ter inveja dela — Aline não poupava palavras nem era doce. Dava a impressão de querer ferir a mãe.

— Talvez você tenha razão. Sempre vi a Andreia como a filha queridinha, a privilegiada e...

— Ela sempre foi mais educada e gentil do que você.

— Verdade. Eu, por não saber ser educada e gentil como ela, sempre a critiquei. Invejei e me distanciei como se ela fosse a errada quando, na verdade, não via a mim mesma como incapaz de tentar ser alguém melhor. E hoje eu vi isso. Vi que posso ser alguém melhor. Não melhor do que ela, melhor do que eu mesma. Entendi por onde posso começar.

— E o que aconteceu? — a menina se interessou.

Tamires contou, parcialmente, o que a filha precisava saber.

— Depois, vi o quanto minha irmã desejava o meu bem. Ela até mostrou a minha capacidade. Coisa que não via. Falou de Deus... Da importância de buscar Jesus para conseguir força, coragem, bom ânimo e aceitar o que não podemos mudar. Você entende?

— Não sei se entendo. Não sei nada sobre Jesus — Aline respondeu de um jeito simples.

Tamires ficou impactada com aquela resposta. Dando-se conta de sua maior falha como mãe: nunca lhe ofereceu religiosidade, espiritualidade nem caminho de conforto e fé para a alma.

Naquele instante, também descobriu que ela mesma não saberia falar de Jesus para a filha. Não saberia por onde começar, o que contar, o que dizer.

— Os ensinamentos de Jesus trazem consolo nos momentos mais difíceis — disse, mas sem alicerce, sem embasamento. — Ele deixou muitas reflexões como a que te contei sobre o manto e a capa. Por meio de Suas histórias e ensinamentos, aprendemos sobre amor, perdão, paciência e muitas outras coisas. — Olhou-a nos olhos. — Quando me vi sem marido, perdendo metade de tudo o que, praticamente, conquistei sozinha eu perdi meu centro e me vi sem amor-próprio, sem paciência, sem perdão...

— Você gritou tanto que parecia uma louca. Totalmente insana.

— Deixei a dor me dominar — falou baixo ao explicar. — Hoje, conversando com sua tia, voltei a me lembrar que Jesus é o caminho para nós nos recuperarmos. Não dos bens materiais, mas recuperarmos a paz na

alma. Mesmo quando tudo parece injusto e estamos machucados, podemos entender que a dor pode ser instrumento de libertação. Isso não significa esquecer, significa crescer e se curar.

— O pai acabou com você... Acabou com a gente, né? Ele trocou a gente por outra e vai levar metade das coisas que a gente tem.

— Com fé, amor, bom ânimo e perseverança nós poderemos fazer e conquistar tudo de novo, filha. Como sua tia falou, essas dores, essa situação podem ser lições e oportunidades de crescimento. Tudo isso vai transformar nós duas. Se quisermos e permitirmos, seremos melhores do que antes. Eu quero aprender com isso. E quero que você aprenda também.

— Por que o pai fez isso? Por que ele trocou a gente por outra?

— Acho que... Por ilusão. Ele está iludido. Uma vez vi uma funcionária dizer que aquele que trai está iludido. Que sua vaidade é tão imensa que ele acredita que vai se dar bem. Mas, um dia, ele vai acordar e se dar conta, sozinho, do que fez. Mas, aí, não vai ser um problema nosso, pois o laço que nos unia foi ele quem quebrou. Por isso, Aline, nós vamos focar em nós. E vamos começar de dentro para fora. Vamos começar pelo nosso coração, pela nossa alma. Colocando Jesus em nossa consciência, em nossas reflexões para conquistarmos a paz, confortar nosso coração e agir com amor. E também vamos nos tratar bem, com respeito, com carinho e atenção. Quero ser uma mãe melhor.

Aline recostou a cabeça no ombro da mãe e a envolveu pela cintura, falando:

— Tá bom. A gente pode fazer isso. Juntas.

— Juntas — a mãe a envolveu e beijou sua cabeça.

No silêncio do quarto, duas almas feridas encontravam o início da cura.

Tamires desejou ter ali O Evangelho Segundo o Espiritismo, que viu no apartamento da irmã. Sentiu a necessidade de ler aquela passagem para a filha. Uma mensagem de esperança e conforto.

Mas, por aquele dia, o abraço já era suficiente.

— Ah!... A tia Andreia vai a um centro espírita no próximo domingo. Eu vou com ela e disse que te levaria.

— O que tem lá?

— Palestra evangélica, ensinamentos e reflexões sobre a vida... Não sei direito. Já ouvi falar, mas faz tanto tempo...

— Pode ser interessante.

— Tem espaço para jovens da sua idade. Acho que você vai gostar.

— Deve ser legal — a menina sorriu.

— Sabe o que ia te propor? Que nós, juntas, fizéssemos preces todas as noites antes de dormirmos.

— Pode ser.

— Combinado — animou-se a mãe.

— Mãe? Como vai ser a nossa vida agora?

— Muita coisa vai mudar e precisaremos ter paciência até nos adaptarmos. Será necessário procurar e alugar uma casa. Esta será vendida. Vou ficar com uma das lojas e seu pai com a outra. A terceira... Penso em ver se vai dar pra comprar essa terceira loja. Mas não sei dizer agora — sentiu-se triste ao falar daquele assunto.

— E minha escola?

— Farei de tudo para que continue estudando no mesmo colégio. Mas... Filha, isso não é algo que eu possa prometer, porém, vou me esforçar. — Esperou um momento e explicou com brandura: — Aline, talvez o nosso padrão de vida mude.

— Isso vai ser péssimo, né, mãe?

— Não sei. Nosso padrão financeiro pode mudar e a nossa relação também. Ficaremos mais unidas. Vamos nos tratar com mais respeito, seremos mais companheiras... — sorriu com leveza.

— É. Pode funcionar. Mas estaremos sozinhas.

Tamires riu do jeito da filha. Procurando animá-la, brincou, empurrando-a ao afirmar:

— Vai funcionar. — Olhando-a com ternura ainda disse: — Nós não precisamos de quem foi embora para continuarmos. Mesmo com esse vazio, esse buraco enorme no peito, ainda temos uma à outra. Isso é mais do que suficiente para recomeçarmos.

— Ele nunca vai voltar, né?

— Para a minha vida, não. Mas nunca deixará de ser o seu pai. E vai fazer parte da sua vida de uma forma diferente. Nós duas vamos seguir. Um passo de cada vez. Mesmo quando a tristeza apertar, quando algo doer... Eu estarei aqui. Com você e por você.

— Você promete? — Aline sorriu com lágrimas nos olhos.

— Sim. Com a alma inteira. Sempre estarei do seu lado, filha. Posso não ser perfeita, mas o meu amor por você é... — olhou-a com carinho. — Meu amor por você é o que me levanta, mesmo quando eu caio. Meu amor vai te segurar até você aprender a voar.

Aline a abraçou, murmurando:

— E eu quero voar com você, mãe.

— Então vamos tirar os pés do chão e nos libertarmos dessa dor que nos prende. Para isso, o perdão é o caminho. Ainda estamos feridas, magoadas e indignadas, mas isso vai aliviar com o tempo. Vamos nos esforçar para perdoar.

— Como é que se perdoa, mãe? — olhou-a e ficou esperando.

— Bem, filha... Gostaria de te dar essa resposta, mas eu mesma ainda estou aprendendo. Ainda dói aqui dentro — espalmou a mão no peito —, como se tivesse uma ferida aberta. Mesmo assim, quando ouvi o que sua tia me falou... Senti que o caminho do perdão começa com os ensinamentos de Jesus. Aquele trecho que ela leu... "Se alguém quiser pleitear contra vós, para vos tomar a túnica, dê-lhe também o manto"... ou a capa... Não lembro direito — sorriu. — Isso quer dizer que o perdão não é sobre o outro, é sobre libertar o nosso coração e deixar ir.

— Libertar da dor.

— Isso mesmo. Porque a mágoa é uma prisão. E Jesus... Jesus é liberdade. Acredito que Ele é quem nos ensinará a voar mais leve, com liberdade e responsabilidade. Sabe... Quando a gente começa a olhar para a dor com os olhos Dele, algo começa a mudar aqui dentro e a esperança por dias melhores aparece junto com uma força enorme que não se sabe de onde vem. Por isso decidi que, a partir de agora, vou procurar Jesus, Seus ensinamentos e gostaria de que viesse comigo.

— Tá. Vamos juntas.

— Sua tia encontrou muita coisa boa, na internet, sobre Espiritismo, mensagens confortantes... Tenho certeza de que Jesus é nosso guia. Seus ensinamentos vão curar nossas feridas e nos dar forças.

Elas não conseguiam ver, mas a disposição para buscar saída para a dor, buscar Jesus como guia, reuniu amigos espirituais que, em nome do Mestre Amigo, fizeram-se presentes para auxiliar naquele momento, envolvendo-as em energias salutares.

Aline olhou para sua mãe e, intuída, perguntou:

— O que você diria para Jesus, agora, se Ele estivesse aqui? Qual seria seu pedido para Ele?

— O que eu diria... — pensou. Foi pega de surpresa. — Acho que eu faria uma prece falando sobre o desejo mais profundo, neste momento, do meu coração. — Com voz calma, fechou os olhos e disse em oração: — Senhor

Jesus, hoje venho diante de Ti, com meu coração machucado e dolorido pelos dias difíceis. Sei que o perdão é o caminho a seguir, cheio de pedras e lágrimas porque desapegar é difícil. Mas também sei que esse caminho é o único que conduz à paz que excede todo entendimento. Sabe, Jesus... Ainda não sei direito como perdoar. A dor é grande, a mágoa é um peso... Mas é em Ti que encontro forças, direção e consolo. O Senhor disse que se alguém nos pedir o manto, que ofereçamos também a capa... Então, aqui estou tentando aprender essa entrega. Tentando compreender o amor que não exige nada em troca. Ensina-me, Jesus, a ver com Teus olhos. Amar mesmo no abandono. Levantar, mesmo quando a alma quer ficar no chão. Perdoar, não por merecimento do outro, mas por liberdade em mim... Ajuda-me a ser abrigo para quem precisa de esperança, principalmente, para minha filha. Não quero que ela seja o espelho da minha dor. Que, juntas, possamos aprender a voar, não por termos tudo resolvido, mas por confiarmos que o Senhor nos sustenta passo a passo. Transforma nossa mágoa em maturidade. Nossa ansiedade em fé. Nossa tristeza em testemunho. E que nosso perdão, mesmo imperfeito, se torne ponte para novos recomeços em Teu nome, Jesus. Amém.

— Amém — Aline disse e a abraçou. — Nossa, mãe... Você falou bonito...

— É porque falei com Jesus com sinceridade.



Os dias se desdobravam em silêncio, como páginas viradas por mãos invisíveis.

Sandro, antes ausente, passou a acompanhar Andreia nas consultas médicas, daquela semana, como quem busca se redimir em gestos sutis. Em muitos momentos, afagava o ventre que abrigava a vida ou acariciava o rosto da esposa com ternura discreta, como se, naquele toque, quisesse dizer tudo o que as palavras não alcançavam.

Andreia, envolta pela nova presença do marido, começou a dissolver as sombras da desconfiança. A ideia de traição, antes tão viva, foi se esvaindo aos poucos. Ela passou a crer que tudo não passou de um reflexo da tensão da gravidez, do medo profundo de ver o filho nascer com o coração frágil.

Desconsiderou que Maura, sua melhor amiga, pudesse estar envolvida com Sandro. E, pouco a pouco, deixou-se levar por uma esperança renovada, como quem escolhe confiar, mesmo diante das cicatrizes.

As suspeitas sobre a empresa, o receio de ser enganada, tudo foi silenciado por uma fé que renascia. Esqueceu-se do distanciamento, das palavras duras, da ausência que antes doía. Afinal, Sandro parecia outro homem. Havia mudado. E agora, tratava-a com uma delicadeza que ela não reconhecia, mas desejava acreditar.

Talvez, pensava ela, o amor também se refaça. Talvez, o sofrimento seja apenas um mestre silencioso, ensinando-nos a olhar com mais profundidade.

E assim, ela permitiu-se sentir, não apenas com o coração, mas com a alma.

Ao deixarem o consultório, envoltos pela brisa da tarde, Sandro tomou a mão da esposa com delicadeza. Seus olhos, mais serenos do que antes, buscavam transmitir confiança.

— A partir de agora, acho melhor você se poupar de tudo — disse com voz baixa, quase como um sussurro de proteção. — Quero que descanse, se preserve. E, para isso, pensei que seria bom irmos ao cartório. Faremos uma Procuração com Poderes Gerais. Assim, poderei agir em seu nome e cuidar de tudo por você na empresa.

Andreia parou. A proposta, embora envolta em afeto, causou-lhe um leve desconforto.

— Uma Procuração?... — murmurou, sentindo um nó invisível apertar-lhe o peito.

Sandro percebeu. E, com ternura, tentou acalmar sua alma:

— Podemos fazer duas, meu amor. Uma de você para mim e outra de mim para você. Isso te deixa mais tranquila? Acho justo neste momento.

Ao compreender que também teria o direito de decidir por ele, Andreia se sentiu mais segura. A tensão se dissolveu.

Ele continuou a falar, com palavras doces e gestos gentis, como quem tenta reconstruir pontes sobre ruínas antigas.

Foram juntos ao cartório. Lá, entre assinaturas e promessas silenciosas, selaram um pacto de confiança. Ainda frágil, mas presente.

Ao retornarem ao apartamento, envolto em luxo e memórias, o marido revelou:

— Já estou providenciando nossa casa nova — contou sorrindo com entusiasmo contido.

— Onde? Nem conversamos direito sobre isso... — expressou-se surpresa.

— Como assim, meu amor? Falamos sobre vender este apartamento há meses. Precisamos de outro lugar antes do João nascer.

Ele a envolveu num abraço, como quem tenta aquecer dúvidas com afeto.

— Encontrei uma casa boa. Térrea. Perfeita para uma criança. Se não gostarmos, mudamos depois. Tudo será como você quiser.

Andreia hesitou.

— Espera... Você foi olhar uma casa e não me levou junto?

— Vou te levar. Não houve tempo — respondeu com um sorriso que tentava esconder a pressa das decisões. — Tenho certeza de que vai gostar — Sandro permanecia com um sorriso sereno. — A localização é perfeita. Fica pertinho do parque onde você adora caminhar. Nem precisará mais ir de carro para se exercitar. Do portão da casa, você vê o parque.

Ela ouviu em silêncio, tentando absorver a notícia repentina, enquanto ele continuou explicando:

— Os cômodos são espaçosos. São dois quartos... Não sei se isso será um problema, já que estamos acostumados com este apartamento enorme, mas... Não sei se precisamos de tanto. O quintal recebe muito sol. É um lugar cheio de luz — completou o marido, como quem tenta pintar um cenário de paz.

— Quando vai me levar pra conhecer? — perguntou ela com um tom que misturava curiosidade e inquietação. Algo como um alerta silencioso que o coração capta antes da razão.

— Esta semana estou bem ocupado, mas... Semana que vem, vamos lá. — Fez uma pausa e então continuou com naturalidade: — Ah, outra coisa... Vou aproveitar que tenho sua Procuração e vender o apartamento. Assim você se poupa de ir ao cartório. Uma parte do dinheiro vamos investir na empresa para ampliar a produção. A outra, vamos guardar para qualquer emergência... ou para a cirurgia do João. Certo?

— Certo... — respondeu num tom baixo. Concordava, mas não se sentia segura. Havia alguma coisa que não conseguia nomear, mas que lhe apertava o coração. Talvez não devesse concordar daquele jeito. Talvez não devesse responder com silêncio.

Sandro, percebendo a hesitação, envolveu-a num gesto afetuoso.

— Deixa comigo, meu amor — disse com voz doce, como quem tenta acalmar a alma com promessas.

Capítulo 16

Quando Jesus nos convida

O Evangelho é como o sol: não exige que olhemos

para ele, apenas que nos deixemos aquecer por sua Luz.



Era domingo...

O sol ainda raiava no horizonte quando Andreia abriu os olhos, sentindo o silêncio da casa como um véu leve sobre seus pensamentos.

Remexeu-se na cama, buscando com o olhar a presença de Sandro, mas ele já havia se levantado.

Seu coração, porém, estava tomado por uma doce expectativa. Naquela manhã, assistiria à tão esperada palestra na casa espírita. Sorriu ao lembrar que o palestrante seria Caíque.

Como o tempo transforma... Recordou-se dos dias de escola, na época em que Caíque era apenas um menino inquieto, quase sempre envolvido em

travessuras. Jamais imaginaria que aquele mesmo garoto se tornaria alguém capaz de falar sobre temas que confortam almas e acalmam corações.

Levantou-se com leveza.

Na sala, não encontrou Sandro. Tampouco na cozinha. Um incômodo silencioso começou a se formar dentro dela.

Na noite anterior, havia lhe dito que sairiam cedo. A palestra começaria às nove. Queria chegar com tempo, conhecer o lugar, conversar com Kátia ou com sua irmã. Afinal, seria sua primeira vez numa casa espírita.

Pegou o celular. Uma única mensagem de Sandro: “Estou na academia.”

— Droga... — murmurou, sentindo a decepção escorrer por dentro.

Tomou um banho, tentando despertar não apenas o corpo, mas também a disposição da alma.

Decidiu que tomaria o café da manhã e, se Sandro não chegasse a tempo, iria sozinha.

O tempo passou. As mensagens enviadas continuavam sem resposta. Nem sequer visualizadas.

Contrariada, mas determinada, Andreia saiu de casa.

Pegou o carro e foi até a casa da irmã, que já a aguardava com carinho e expectativa.

Após reunir Tamires e Aline, seguiram juntas para o centro espírita.

Ao chegarem, foram recebidas com atenção e ternura, como se aquele lugar emanasse uma paz que abraçava sem perguntar.

E então, entre rostos, alguns conhecidos e outros não, mas sorrisos acolhedores, Andreia se surpreendeu ao se deparar com Rogério, o gerente comercial da sua empresa.

A vida, pensou ela, tem caminhos que se entrelaçam quando menos esperamos. Talvez, ali, houvesse mais do que uma palestra. Talvez, houvesse um chamado.

Após cumprimentos e apresentações, ela admitiu:

— Jamais imaginaria te encontrar aqui, Rogério. Que surpresa boa.

— Também estou surpreso. É bom te ver aqui. E nem poderia imaginar que o palestrante seria o Caíque, irmão da Kátia, que trabalha com a gente — disse Rogério com simplicidade.

Na primeira oportunidade, Caíque se aproximou e apresentou:

— Esta é a Elisângela, minha namorada.

Após cumprimentos, todos demonstravam-se felizes com o encontro. Assim que puderam, foram para o salão de palestras.

Andreia sentia um misto de felicidade e expectativa que não sabia explicar. Estava ansiosa para assistir à primeira palestra Espírita em sua vida. Não sabia o que esperar. Não tinha ideia do que aconteceria, sobre o que ouviria... Sentou-se em uma das cadeiras e sua irmã acomodou-se ao lado. E ficaram atentas a tudo.

Após a prece de abertura, Caíque foi apresentado e assumiu lugar de destaque ao palestrante, iniciando:

— Bom dia a todos — disse Caíque, com serenidade na voz e brilho nos olhos. Sua presença irradiava paz e sua voz grave, envolvente, parecia tocar cada coração ali presente com suavidade. — Hoje, vamos conversar sobre o capítulo XVIII de O Evangelho Segundo o Espiritismo: Muitos são os chamados. — Fez uma breve pausa, como quem prepara o terreno para uma semente espiritual. — Quando Saulo, antes de tornar-se o apóstolo Paulo, caiu de sua montaria no caminho para Damasco... ele caiu também em si mesmo.

Olhares atentos se voltaram para ele, que continuou:

— Aquela queda não foi apenas física. Foi a queda do orgulho, da vaidade, das ilusões dos seus conceitos mundanos, das crenças que o mundo material o havia ensinado. Essa queda foi um chamado. O Cristo, aquele mesmo Jesus que Saulo perseguia com fervor, agora o chamava com amor: “Saulo, por que me persegues?”

Caíque ofereceu um silêncio breve, como quem convida à introspecção. E prosseguiu:

— Confuso, atormentado, cego para as verdades do Pai, Saulo não soube responder. Mas algo dentro dele se moveu. Ele sentiu. Entendeu. Era chegada a hora. E então, se dobrou ao convite amoroso de Jesus.

— Quantas vezes — prosseguiu Caíque com ternura — ignoramos os chamados do Alto? Ignoramos os chamados de Jesus? Quantas vezes o Cristo nos fala e nós, distraídos pelas urgências do mundo, não ouvimos?

— Em O Evangelho Segundo o Espiritismo, esse capítulo nos traz a parábola das Bodas onde muitos são convidados, mas poucos estão preparados para atender, para entender.

Caíque ofereceu nova pausa. Depois, prosseguiu:

— Como nos ensina o Evangelho, há quem sorria diante dessa passagem, sem dar a importância que ela merece... Mas ela é séria. Bem séria... Quantas vezes, em nossa jornada, escolhemos ser cegos e surdos aos convites do Cristo? Quantas vezes nos deixamos distrair por buscas passageiras, por sensações que alimentam apenas os sentidos e não a alma? O chamado vem. Vem em forma de dor, de silêncio, de reencontro, de saudade. Mas estamos ocupados demais. Ocupados com o que nos dá prazer imediato, com o que nos impressiona os olhos, mas não toca o coração. E assim, deixamos de perceber o convite. O chamado do Alto. Mergulhamos nas preocupações da vida material, sufocamos o Evangelho em nossos corações. As desculpas são muitas. As justificativas infinitas para não buscarmos Jesus. Não é o sofrimento que nos afasta do Cristo. É, muitas vezes, a calmaria. A alegria provisória. Nos dias de aparente felicidade, nos envolvemos em tantas atividades... Que evitamos mergulhar em nós mesmos. Fugimos da nossa consciência, porque, ao olhar para dentro,

talvez descubramos o quanto ainda somos vaidosos, orgulhosos, arrogantes... Mesquinhos. Agressivos com palavras, com gestos, com pensamentos. E não queremos mudar... Para não vermos, não enxergarmos os nossos vícios morais e nos depararmos com a verdade de que temos de mudá-los se quisermos, um dia, evoluir e termos paz... Sim, pois, se eu quero alcançar a Deus, ter paz, Jesus é o caminho. Ninguém chegará ao Pai senão por Ele. Pensando como Ele. Agindo como Ele. Se aprendermos com Jesus, vamos enxergar os nossos vícios morais e sentir a necessidade de mudá-los. Nem estou falando, ainda, dos vícios físicos.

Caíque ofereceu uma pausa maior. Circunvagando o olhar, como se mergulhasse nos olhos de cada um presente, continuou:

— Então, com nossos melindres e ressentimentos, inconscientemente, nós nos sentimos incomodados com os chamados. É... O convite incomoda, porque nos faz enxergar, em nós mesmos, comportamentos mentais, verbais ou físicos que desejamos manter abafados, escondidos.

— Os convites — prosseguiu —, os chamados incomodam porque nos chamam à consciência, à moral, à prática da educação e dos bons princípios. Há séculos, os emissários enviados do Alto receberam a indiferença, a perseguição, a tortura, a humilhação, o exílio e até a morte. Haja vista o próprio Jesus, que nenhum crime cometeu, mas chamou, convidou, exemplificou que a verdadeira paz e felicidade não são deste mundo. E, somente por isso, foi crucificado.

— Se pensarmos bem, podemos afirmar que todos nós já recebemos centenas e centenas de convites, mas não fizemos conta. Não aceitamos. Ignoramos e pensamos em deixar para depois. Vamos cuidando de tudo o que é material, de tudo o que nos diverte e nos deixa contentes, como se fosse impossível encaixarmos Jesus nas nossas vidas e continuarmos trabalhando, estudando e nos divertindo. — Caíque expressava-se com ternura, algo que atraía mais ainda a atenção. — Só que, conscientes dos ensinamentos e exemplos de Jesus, o trabalho, o estudo, a diversão terão de ser saudáveis para mim e para os outros. Não é mesmo? Jesus e Seus ensinamentos podem viver na nossa vida, sim, junto com nossos desafios, trabalho e tudo mais. Quando alguém vive sabendo que os valores espirituais são os mais importantes para a sua existência, tudo o que essa

pessoa faz no mundo vira uma forma de ajudar a construir o Reino de Deus, conforme o Mestre falou.

Depois de oferecer uma pausa maior, alertou:

— Os valores do espírito, que aprendemos com Jesus, como: amor, compaixão, humildade, justiça e esperança são fundamentais porque tocam o que há de mais profundo em nós. Eles não se limitam ao mundo material, mas apontam para algo maior, mais duradouro e imortal: nossa evolução. Quando vivemos com base em valores espirituais, nossas ações ganham propósitos. Não vivemos somente para sobrevivermos ou conquistarmos bens, mas para crescermos como espírito. Evoluirmos como filhos de Deus. Contribuindo com o bem comum! — enfatizou. — A Doutrina Espírita nos ajuda a entender os ensinamentos de Jesus e colocá-los em prática na nossa vida. Viver pelos valores do espírito ajuda a transformar o mundo, pouco a pouco, em um espaço mais justo e mais fraterno, como Jesus ensinou. Esses valores são o que nos conecta à dimensão do Divino ou Reino de Deus. Aquilo que transcende o aqui e o agora. Aquilo que é melhor do que o aqui e o agora. Mas muitos de nós criamos uma barreira com os chamados amorosos de Deus para o caminho certo. Podemos pensar: "quando foi que recebi um chamado?" — Breve pausa. — Sabe aquela mensagem que você recebeu e que foi muito boa? Sim. Aquilo foi um chamado e também muitos outros. Um livro cuja história nos deu força e coragem, com cuja trama nós nos identificamos, um trecho que mudou nossa forma de pensar... Um vídeo de uma palestra que nos conduziu a uma reflexão saudável que podemos aplicar na nossa vida... Um folheto que trazia dizeres elevados... O convite para ir a uma casa espírita para uma palestra... — Sorriu com generosidade e viu todos sorrirem. — Todos esses e muitos outros foram os chamados. Chamados sutis de Jesus para nossa vida. Os chamados do Mestre costumam aparecer por meio de uma conversa... Aquela conversa que nos renova, dá ideias, aponta um caminho...

Ofereceu uma pausa respeitosa para reflexão. Depois continuou:

— Mas temos de estar dispostos a buscar, seguir, ir atrás, aprender... Pois, muitas vezes, queremos ser carregados, puxados, arrastados... Isso é desleal conosco e com nossos irmãos. A Doutrina Espírita é capaz de nos ensinar, apontar o caminho e desenvolver os nossos olhos de ver, nossos ouvidos de

ouvir e vamos perceber que todos os recursos de que precisamos para encontrarmos paz e equilíbrio sempre estiveram ao nosso alcance. E, pelo fato de que a evolução é lei e de que as Leis de Deus estão registradas na nossa consciência, nosso espírito vai pedir por evolução. Mas... iludidos, imersos no que é material, mergulhamos nas diversões e nos prazeres terrenos, negamos todos os bondosos e gentis chamados e seguimos... Sob a Luz da Doutrina Espírita, compreendemos que os chamados do Mestre Jesus se fazem constantes, eles ecoam nas oportunidades de servir, nas inspirações para o bem, nos convites à renovação interior. No entanto, muitas vezes, ignoramos esses chamados, não por maldade, mas por distração, envolvidos demais com os apelos do mundo, seduzidos pelos nossos próprios vícios morais.

— É comum que, em vez de atender ao convite de Jesus, optemos pelas portas largas, mais fáceis e comuns, mais prazerosas, que é o caminho da vaidade, do orgulho, da arrogância... e nem percebemos o quanto somos vaidosos, orgulhosos, arrogantes... Caminhos que parecem mais fáceis e atraentes no primeiro momento. Nele, buscamos afirmação, poder ou reconhecimento. Só que esses caminhos, cedo ou tarde, revelam suas ilusões. Trazem sofrimento, decepções, frustrações. E é aí, após tropeços, dores e até o desespero que despertamos. Despertamos para a busca. Sentimos que faltou algo.

Caíque olhava atentamente para todos que o ouviam com entendimento e atenção.

— A dor ensina o que o amor de Jesus tentou mostrar. Igual a Saulo, antes de ser Paulo, descobrimos que é no momento da queda que muitos de nós, finalmente, voltam seu olhar para o Alto, procurando Jesus, procurando o Seu consolo, o sentido da vida, a paz que não encontrou no mundo material, nos prazeres ilusórios sem Ele. E mesmo quando chegamos até Ele, feridos e atrasados aos Seus chamados, Ele nos acolhe com a mesma ternura, porque o chamado nunca cessou, a porta sempre esteve aberta.

Andreia, sentada ao lado de Tamires, sentia cada palavra como se fosse dita para ela, assim como a irmã e muitos outros presentes.

Andreia surpreendeu-se quando viu que o menino arruaceiro da escola havia se tornado um mensageiro da luz.

— Muitas vezes — Caíque prosseguiu —, é apenas após o impacto da dor que despertamos realmente para o chamado. Só depois de perder o emprego e sentirmos que o chão falta... Só depois que o filho adoece e percebemos que somos impotentes diante da fragilidade da vida... Só depois que aquele filho rebelde nos faz repensar nos princípios, nos valores e na importância de ensinar limites... Só depois da partida de um ente querido quando o vazio grita alto... Só depois de uma grande traição, do divórcio, da separação que machuca e nos obriga a olhar para dentro de nós mesmos e enxergarmos o quanto eu falhei comigo... Só depois que o sucesso não nos traz a felicidade prometida... Só depois que a solidão aperta, mesmo cercado de gente... Só depois que a saúde falha, revelando que o corpo não é eterno... Só depois da injustiça sofrida, que nos faz clamar por algo mais... Só depois das noites em claro, tentando entender o sentido de tudo... É aí, nesse depois, que muitos corações finalmente se voltam para Jesus, não por medo, mas por busca sincera. E o mais bonito é que Ele estava lá, o tempo inteiro, esperando com paciência, com amor, sem jamais fechar a porta. A dor que vivemos não é castigo, é convite à superação, à evolução... A dor é convite para despertarmos em nós a nossa força interior que estava lá guardada sem que soubéssemos... Na caminhada da vida, todos nós passamos por momentos difíceis: desemprego que nos abala, divórcio que rompe laços, enfermidade que fragiliza, a perda que entristece o coração... Mas a Doutrina Espírita nos ensina que esses “acidentes de percursos” não são castigos de Deus. O Pai da Vida não nos pune. Ele permite que nossa consciência nos eduque. Deus nos ampara e conduz. A dor não é uma sentença, mas sim uma ferramenta para despertar forças que nem nós sabíamos que existiam. — Breve instante e disse: — Nessas horas de desafios é que revelamos nossa grandeza interior. Descobrimos nossa capacidade de resiliência, resistência e fé. Desenvolvemos empatia, compaixão e coragem. Reavaliamos valores, mudamos rotas. Evoluímos.

Com a mesma tranquilidade do início, Caíque falou:

— Muitas vezes, é justamente no sofrimento, na dor que encontramos o nosso verdadeiro propósito de vida. A dor nos impulsiona a buscar Cristo.

Não por desespero, mas por e para renovação. Ao acolher essas experiências com humildade, podemos transformar aquilo que chamamos de queda em recomeço. Transformar o vazio em fé. E a aflição em luz. Por isso, quando a dor aperta, seja qual for o motivo, não se feche, abra-se para Jesus. Seja humilde. Ele é o consolo, a direção e a força que nunca falha. Busque o amparo que está a sua espera: Jesus. Vá à casa Espírita assistir a palestras, permita-se ouvir e sentir. O auxílio espiritual está mais próximo do que você imagina. Faça O Evangelho no Lar. É nesse momento, simples e profundo, que o lar se transforma em santuário e a alma se aquieta diante da Luz de Jesus. Estude a Doutrina Espírita. Quando entendemos o porquê da dor e o sentido da vida, tudo muda. O estudo é alimento para o espírito. Ore, mesmo com palavras simples ou só com o coração. A oração é diálogo direto com Deus e alívio para o espírito.

Caíque sorriu e ofereceu uma pausa respeitosa à reflexão. Com ternura na voz, ainda completou:

— Buscar Jesus, cultivar a fé, buscar conhecimento não são apenas soluções momentâneas. A dor vai passar, mas o que construirmos em nós mesmos permanecerá e nos acompanhará para sempre, pois somos imortais. Tudo aquilo que realizamos com fé, humildade e amor torna-se riqueza espiritual. Tudo vira Luz. Não se trata apenas de sobreviver após uma grande tempestade, é sobre sair dela mais forte, consciente e iluminado. Leiam obras edificantes que nutram o espírito. Cuide do corpo com equilíbrio, lembre-se de que ele é o instrumento, nesta vida, para o espírito evoluir. Atendam aos chamados de Jesus. Aceitem o convite Dele. Como disse nosso querido Chico Xavier: “Tudo passa. Só o que é do espírito permanece.” A vida pode ser difícil, mas você é mais forte. Acredite.

Terminada a palestra, após o encerramento com vibrações e prece final, Caíque foi para junto dos demais que o parabenizaram.

No espaço aberto da casa espírita, um quintal simples, mas impregnado de serenidade, pequenos grupos se formavam em conversas suaves, enquanto outros aguardavam com paciência o retorno dos filhos, vindos dos diversos núcleos de evangelização infantil e Mocidade Espírita.

Fábio, ainda envolto em suas próprias inquietações, aproximou-se do pai com passos hesitantes. Seu olhar buscava o chão, como se ali encontrasse refúgio. Cumprimentou os presentes com um aceno tímido, quase imperceptível, e permaneceu em silêncio, envolto por uma aura de introspecção.

Aline, por outro lado, irradiava a espontaneidade própria dos seus dez anos. Com os olhos brilhando e o coração leve, correu até a mãe e, com entusiasmo genuíno, exclamou:

— Mãe, que da hora! A gente aprendeu sobre os convites que Jesus nos faz, sabe? Às vezes, Ele chama a gente e a gente nem percebe... São convites que aparecem nos momentos difíceis quando tudo parece confuso. Ele quer mostrar que está por perto, que existe e que nos oferece colo, força e paz. Só que, com tanta correria e tanta coisa acontecendo, a gente não vê. Mas hoje eu vi, mãe. Foi bem legal!

A mãe sorriu, tocada pela sensibilidade da filha. Naquele instante, o quintal da casa espírita parecia mais iluminado. Era como se os ensinamentos ali compartilhados tivessem se transformado em sementes de luz prontas para florescerem nos corações atentos.

— Que bom que gostou, Aline. Será sempre bem-vinda ao grupo — disse Rogério, tarefeiro da casa.

— Achei bom você ter gostado, filha. Pretendo vir aqui com mais frequência. A palestra de hoje foi para mim. Encaixou-se perfeitamente na minha vida — Tamires sorriu com leveza, olhando para o palestrante. — Obrigada, Caíque.

— Não por isso... — ele pareceu sem jeito diante do elogio.

— Acredito que todos, em algum momento da vida, não damos importância aos convites, aos chamados. Os chamados nos incomodam... — Andreia comentou. — Adorei a parte onde destacou que: “só depois de perder o emprego, só depois das noites em claro... Só depois...”

— O importante é que Jesus está nos esperando. Por isso, precisamos ser fiéis aos compromissos de amor, humildade, caridade e esperança. Isso vai nos ajudar a sermos melhores e a evoluirmos — Caíque reforçou.

— Perceberam que a palestra continua aqui fora, né? — brincou Elisângela, rindo enquanto olhava em volta.

— Hora de ir! Acho que estão querendo fechar o centro — comentou Andreia, notando os últimos movimentos de encerramento no ambiente.

— Fiquei muito feliz por você ter vindo, Andreia — disse Kátia com um sorriso sereno. — A conversa está tão boa… poderíamos ficar mais um tempinho, não acha?

— Acho que não vai dar. Todos devem ter compromissos e a casa espírita já está encerrando as atividades — ponderou Caíque com um tom gentil.

— Eu e o Fábio só temos o compromisso de preparar o almoço, né, filhão? — disse Rogério, passando o braço com carinho sobre os ombros do filho, que respondeu com um sorriso tímido, mas sincero.

— Acho que esse é o compromisso de todos nós — comentou Tamires, sorrindo com leveza. Após uma breve pausa, como quem recebe uma inspiração súbita, ela propôs: — Que tal irmos todos lá pra casa? Podemos pedir algo para o almoço e continuar essa conversa tão gostosa. Seria ótimo!

O convite inesperado pairou no ar. Houve um instante de surpresa, afinal, mal se conheciam para um almoço de domingo. Mas havia algo naquela proposta que tocava o coração, como se um laço invisível estivesse sendo tecido entre eles.

Percebendo a hesitação, Tamires completou com doçura:

— Vamos, vai… seria uma grande alegria pra mim. Estou de mudança e esse encontro pode ser como uma festa de despedida: alegre, espontânea, cheia de boas energias. Quero guardar essa lembrança com carinho.

Andreia, ainda surpresa com a espontaneidade da irmã, hesitou por um breve instante… Mas então sorriu e assentiu com um leve aceno. Algo dentro dela dizia que aquele convite era mais do que um gesto social. Era um desses pequenos convites da vida, talvez até um daqueles chamados que Jesus envia, discretamente, para unir corações e semear esperança.

— Eu topo! Vamos, gente! Vamos fazer a Tamires feliz nessa festa de despedida — disse Andreia com um brilho nos olhos e um entusiasmo que contagiou o grupo.

Foi como se, naquele instante, todos tivessem ouvido um chamado silencioso, desse que não vem pelos ouvidos, mas pelo coração. E, tocados por essa vibração sutil, aceitaram o convite com alegria.

Assim, entre sorrisos e olhares cúmplices, decidiram seguir juntos para a casa de Tamires. Não era apenas um almoço de domingo. Era um encontro de almas, uma oportunidade de estreitar laços, de partilhar afeto e, quem sabe, de permitir que a espiritualidade se manifestasse nos pequenos gestos, nas conversas simples, nos abraços espontâneos.

Porque, às vezes, os convites mais especiais não vêm em forma de grandes eventos, mas em momentos como esse, quando a vida nos oferece a chance de estarmos presentes, de acolhermos e sermos acolhidos.

Capítulo 17

Quando o amor não cabe em dogmas

Confie. A vida costura encontros com fios invisíveis. E, às

vezes, o remendo é mais bonito que o tecido original.



Na bela residência de Tamires, envolta por uma atmosfera acolhedora e serena, não demorou para que todos se sentissem à vontade.

A sala ampla e encantadora, banhada por luz natural, tornou-se o cenário perfeito para o reencontro de almas em busca de entendimento e afeto.

Acomodaram-se entre sofás e poltronas, como quem se entrega ao conforto não apenas físico, mas também emocional. E, como se guiados por uma sintonia invisível, os assuntos espirituais logo emergiram, suaves e espontâneos.

— Confesso que fiquei surpresa ao descobrir que minha irmã conhecia um pouco sobre Espiritismo — disse Andreia com um sorriso tímido e sincero. — Eu, até pouco tempo, não sabia absolutamente nada. Andei lendo e

também encontrei muita coisa na internet, inclusive palestras, mensagens, vídeos curtos. Nossa... Adorei.

Tamires riu com leveza e explicou:

— Na verdade, eu também não conheço muito. Li alguns romances mediúnicos, mas foi só pelo prazer da leitura. Não senti, naquela época, como se fosse um chamado… — disse brincando com a ideia, mas logo seu olhar se tornou mais reflexivo. — Hoje, depois da palestra, percebi que talvez tenha sido sim, um chamado sutil, desse que Jesus nos faz com ternura para que a gente se aproxime dos Seus ensinamentos. Chamados nos ajudam a crescer, a compreender melhor os "acidentes de percurso", como Caíque tão bem lembrou. — Fez uma breve pausa, tentando buscar as palavras no coração. — Porque… é tão fácil se distrair com as urgências do dia a dia, com os compromissos, com as dores pequenas e grandes. E aí, esquecemos do lado espiritual, do lado moral, como ele disse na palestra. Quando algo terrível acontece, parece que o chão desaparece, a vida perde a cor e a gente se sente perdido, como se fosse o fim de tudo.

O silêncio que se seguiu não foi vazio, era cheio de presença e reflexões.

Elisângela, em silêncio, só observava, correndo o olhar em tudo.

Aline aproximou-se da mãe com a delicadeza de quem guarda um segredo alegre. Falou baixinho, quase como um sussurro. Tamires sorriu, tocada pela ternura da filha e respondeu com suavidade:

— Sim, filha. Pode sim… se ele quiser, claro.

A menina então se voltou para Fábio, apontando com entusiasmo contido:

— Fábio, ali é uma sala de TV, som e jogos. Você quer jogar videogame comigo?

O adolescente, ainda envolto em sua timidez, esboçou um sorriso discreto, mas verdadeiro. Acenou com a cabeça e levantou-se, seguindo Aline com passos tímidos, mas curiosos.

— Vem. Vamos…

Os adultos sorriram ao ver a cena. Um gesto simples, mas cheio de significado. Era como se, naquele convite infantil, houvesse também um chamado à leveza, à amizade, à cura silenciosa que nasce do afeto espontâneo.

Logo, Caíque retomou o fio da conversa com a voz serena e o olhar atento:

— Eu acredito que existam incontáveis chamados para conhecermos o Evangelho e a Doutrina Espírita. E, na minha opinião, os romances mediúnicos são um dos principais. Por meio deles, mesmo os mais leigos conseguem compreender algo essencial que o Espiritismo ensina: que a morte, na verdade, não existe.

— O Espiritismo matou a morte! — exclamou Rogério, rindo com entusiasmo, como quem celebra uma descoberta libertadora.

— É verdade — concordou Caíque com um brilho nos olhos. — Quando estudamos a Doutrina Espírita, entendemos que Deus é eterno. Que sempre existiu e sempre existirá. E que nós, criados por Ele, somos espíritos imortais. As experiências na vida terrena existem para o nosso desenvolvimento moral, para a nossa evolução. O corpo físico, usado em uma experiência terrena, esse morre, se transforma, volta ao pó... Mas nós, espíritos imortais, não. Nunca. Por meio de várias reencarnações, a alma ou espírito evolui moralmente. Cada encarnação é uma oportunidade de aprendizado e reparação.

— Eu não desprezo os romances. Muitos explicam a desigualdade e o sofrimento como consequência de ações passadas. A vida encarnada é uma escola onde cada existência é uma etapa de aprendizado — completou Rogério. — São ótimos chamados para a conscientização de bons princípios.

— Ai, gente... Acho que só eu que não conhecia nada. Ouvi falar, muito vagamente, mas nunca dei atenção — Andreia contou com simplicidade. — Nem romance mediúnico li. — Olhando para a irmã, falou brincando, como

se reclamasse: — Você já tinha noção e nunca me falou. Podia ter me emprestado um desses romances.

— Achei que você não curtia romances mediúnicos. Sempre vi você lendo fantasia e aventura — Tamires riu.

— Eu gosto de romances mediúnicos — Elisângela admitiu.

— Eu também — afirmou Kátia que nunca se manifestava.

— O que há de mais bonito quando se conhece o Espiritismo — começou Caíque com voz serena e olhar profundo — é o estudo em grupo dentro de uma casa espírita. Esse ambiente nos convida a refletir com mais clareza sobre a filosofia espírita que é, acima de tudo, um exercício constante de pensar e repensar. — Fez uma breve pausa, como quem organiza as ideias. — Quando algo acontece, quando uma situação nos surpreende, é valioso olharmos por diversos ângulos. Não apenas pelo que nos foi apresentado, mas pelo que está além da aparência. O Espiritismo nos desperta para isso. Ele nos convida a acordar, a libertar a mente e o coração. A compreender que há sempre uma razão maior, uma lei de amor e justiça em ação. — Seu tom se tornou mais firme, mas ainda envolto em gentileza. — Muitas religiões, infelizmente, ainda se baseiam no medo. Por séculos, ensinaram que Deus castiga, que é preciso temê-Lo, obedecer cegamente, sentir culpa. Criaram sistemas que condicionam o espírito, que o mantém preso ao temor e à submissão. E me perdoem por falar assim… mas há lugares onde os fiéis são tratados como marionetes, sem espaço para o discernimento, sem liberdade para buscar o verdadeiro sentido da fé. — O silêncio que se seguiu por segundos, não foi de constrangimento, mas de reflexão. — O Espiritismo, ao contrário, nos convida ao entendimento. Ele não impõe, ele propõe. Não ameaça, esclarece. E ao fazer isso, nos devolve a dignidade espiritual, nos mostra que somos filhos de Deus, livres para aprendermos, errarmos, repararmos e evoluirmos. Sem medo, mas com consciência. Sem culpa, mas com responsabilidade. Sem submissão cega, mas com amor lúcido. Como espíritas, compreendemos que a jornada da alma é única e intransferível. Cada espírito encarnado caminha em seu próprio ritmo, em degraus distintos da longa escada evolutiva. Há aqueles que já brilham com luz própria. São almas antigas, que conquistaram virtudes e se libertaram de muitas imperfeições. Outros, embora ainda envoltos em limitações do saber,

cultivam a bondade e semeiam o bem com sinceridade. E há também os que, presos às imperfeições, aos vícios, ao materialismo ainda se demoram nos vales da vaidade, do egoísmo e da ignorância. Ao olharmos para o mundo, não é difícil perceber que cada ser carrega um grau singular de maturidade moral e intelectual. Mas há algo que nos une a todos, sem exceção: o destino inevitável da evolução. Porque evoluir é Lei Divina, justa e amorosa. Por isso, a Providência permite que existam múltiplas religiões, filosofias e caminhos espirituais. São como faróis diversos, iluminando consciências em diferentes estágios, conduzindo-as, pouco a pouco, ao encontro com Deus. Cada doutrina, cada ensinamento, cada gesto de amor é uma ponte que liga o humano ao Divino, ensinando-nos a pensar, falar e agir com justiça e compaixão por nós e pelos outros. E assim, mesmo em meio às diferenças, todos somos viajantes da mesma estrada, guiados pela esperança de, um dia, sermos, enfim, luz.

— O que me parece estranho — comentou Rogério com expressão pensativa — é que algumas pessoas não percebem que certas proibições religiosas deveriam permanecer restritas ao espaço da própria fé.

— Como assim? Não entendi muito bem — disse Andreia, curiosa.

— Vou dar um exemplo simples… — começou ele com tom sereno. — Suponhamos que, na minha religião, o uso de perfume seja considerado inadequado. Tudo bem. Eu aceito isso e os demais membros também. É uma escolha interna, um compromisso com os princípios daquela crença. Mas o problema começa quando alguém sai daquele ambiente e tenta impor essa mesma regra para mim, que não faço parte daquela religião, dizendo que usar perfume é pecado. Entendeu agora?

— Entendi — respondeu Andreia, refletindo.

— O mais curioso — completou Caíque, entrando na conversa — é que, muitas vezes, nem se questiona o porquê daquela proibição. Apenas se repete. E mais ainda: tenta-se impor uma norma que pertence a um sistema de crenças específico sobre pessoas que não compartilham da mesma visão. Isso não é fé, é imposição. Esse tipo de comportamento faz parte da evolução daquele ser. — Ele fez uma pausa breve, olhando ao redor com serenidade. — O Espiritismo nos ensina a respeitar todas as crenças, mas

também nos convida ao uso da razão. Colocar limites quando aquilo nos afetar e nos maltratar. A fé raciocinada não teme o questionamento, ela o acolhe. E acolher, nesse caso, é não criticar. Sabe que a verdade não se impõe, ela se revela com amor, com liberdade e com consciência.

— Isso vale para tantas coisas... — ponderou Rogério com expressão serena. — Veja o caso do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Muitas vezes, por causa da religião que seguem, algumas pessoas se posicionam contra e querem que esse tipo de união simplesmente não exista.

Caíque sorriu com leveza, como quem busca trazer clareza sem confrontar e falou:

— O correto seria que, se essa pessoa fosse pedida em casamento por alguém do mesmo sexo, ela simplesmente dissesse não, porque não é o gênero que lhe atrai, não é o caminho que deseja seguir. Simples assim. Mas o problema começa quando ela tenta impor essa escolha aos outros, como se sua crença fosse uma regra universal. A vida é feita de escolhas e cada alma tem o direito de viver conforme sua consciência. A opção de vida de alguém pertence a ela. Não a mim nem a você. O que falta, muitas vezes, é filosofia nas religiões. Falta o hábito de pensar, de repensar, de refletir com profundidade sobre os temas que nos cercam. E é essa ausência de reflexão que alimenta a intolerância. A espiritualidade, quando bem compreendida, não é um instrumento de controle. É um caminho de libertação. A fé, seja qual for, deve servir para iluminar a própria jornada, sem apagar a luz do outro. Que cada crença seja vivida com amor, sem ofensas, sem imposições. Porque o verdadeiro respeito nasce quando compreendemos que o outro também é filho de Deus, caminhando com suas próprias lições, desafios e verdades.

— Meu cunhado, o Milton, é casado com outro homem — contou Andreia com um sorriso sereno e cheio de afeto. — Pensem num casal humano, caridoso, amável, empático… mais do que muitos religiosos que conheci. Eles são espíritas também.

A sala silenciou por um instante, não por espanto, mas por respeito. Era como se aquela revelação trouxesse à tona a essência do verdadeiro amor:

aquele que transcende formas e convenções e se manifesta na prática do bem.

— É interessante — comentou Rogério, pensativo —, lá em 1857, os espíritos já falavam sobre a união de espírito com espírito e não de homem com mulher. Basta prestar atenção nas obras da Codificação.

Kátia nunca dizia nada. Só observava.

Caíque, sempre atento aos detalhes doutrinários, completou com entusiasmo:

— É a pergunta 695 de O Livro dos Espíritos. Kardec pergunta: "Será contrário à Lei da Natureza o casamento, isto é, a união permanente entre dois seres?" Reparem… ele diz dois seres, não um homem e uma mulher. O codificador estava muito além de seu tempo. Certamente, sob a inspiração de espíritos elevados, que já compreendiam o amor em sua forma mais pura.

Tamires, tocada pela profundidade da conversa, perguntou com curiosidade:

— E qual foi a resposta dos espíritos?

— "É um progresso na marcha da humanidade." — respondeu Caíque com voz firme e emocionada.

— Então… o Espiritismo é contra o divórcio? — perguntou Tamires com leve traço de preocupação no olhar.

Caíque, com a serenidade de quem conhece os fundamentos da Doutrina, respondeu com gentileza:

— Essa dúvida é muito comum. Mas veja… na pergunta 696 de O Livro dos Espíritos, Kardec questiona: "Que efeito teria sobre a sociedade humana a abolição do casamento?" E os espíritos respondem: "Seria uma regressão à vida dos animais." Eles ainda complementam dizendo que "o estado de natureza é o da união livre e fortuita dos sexos. O casamento

constitui um dos primeiros atos de progresso… exemplo de uniões constantes.”

Tamires pareceu querer intervir, como quem ainda não se sentia convencida.

— É... Mas...

— Calma, deixe-me concluir — disse Caíque sorrindo com leveza. — A pergunta seguinte, a de número 697, é ainda mais esclarecedora. Kardec pergunta: “Está na Lei da Natureza, ou somente na Lei humana, a indissolubilidade absoluta do casamento?” E a resposta dos espíritos é clara: “É uma Lei humana muito contrária à da Natureza, mas os homens podem modificar suas Leis; só as da Natureza são imutáveis.” — Ele fez uma breve pausa, como quem permite que as palavras se assentem no coração dos ouvintes. — Veja bem… como poderia Deus, em Sua infinita sabedoria e amor, exigir que alguém permanecesse sob o mesmo teto com quem se tornou insuportável? As Leis da Natureza não podem ser cúmplices do sofrimento quando há caminhos para se libertar dele. — Com mais profundidade, refletiu com sensatez: — Isso nos convida a pensar nas situações em que a convivência conjugal se torna prejudicial ao bem-estar físico, emocional e espiritual. A Lei Natural, que é a expressão da Sabedoria Divina, não exige que permaneçamos ligados a alguém que nos fere, humilha ou desrespeita. Deus, sendo justo e amoroso, jamais nos impõe o martírio de viver com quem nos agride, seja essa agressão verbal, física ou psicológica. O casamento, em sua essência, deve ser uma união baseada no respeito, na solidariedade e no crescimento mútuo. Quando esses pilares são violados, a separação pode ser, sim, uma forma legítima de preservar a dignidade e a paz interior. E isso, longe de ser um fracasso, pode ser um recomeço, uma nova oportunidade de evolução, aprendizado e reencontro consigo mesmo.

— Nossa... — Tamires se admirou. — Profunda reflexão.

Observando-a pensar, Caíque ainda disse:

— Sobre a questão 695 de O Livro dos Espíritos, que usa a expressão: dois seres, e não um homem e uma mulher. Essa escolha de palavras é bem

significativa, pois revela uma abertura universal da Doutrina Espírita para a diversidade das relações humanas. Os espíritos que participaram da Codificação reconhecem que o amor verdadeiro e o compromisso espiritual podem existir entre pessoas, independente do sexo.

— Em um casamento conturbado, o difícil é saber a hora de sair dele, principalmente, quando se tem filhos — Tamires respirou profundamente ao dizer. — Sofri e estou ainda sofrendo com essa questão. Foram anos de dedicação, de entrega... E depois de tudo, fui traída, enganada... E tiraram metade de tudo o que conquistei... construí... Não é fácil.

— Sabe, Tamires, às vezes, a gente confunde amor com sacrifício. Acha que dar tudo de si é prova de dedicação e que, se o outro mudar tudo vai valer a pena — disse Caíque em tom leve. — Mas a verdade é que ninguém deve carregar sozinho o peso de uma relação. Quando o amor vira dor e a esperança vira prisão, é hora de olhar para dentro e se perguntar: quem sou eu sem ele? Quem sou eu sem ela? — Silêncio total. — Você é uma mulher forte, que lutou, que se doou... Mas, agora, precisa lutar por você, reconstruir sua autoestima, se reconhecer como alguém que merece respeito e paz. A dependência emocional é como uma névoa: dificulta ver que existe vida além do que foi construído a dois. O divórcio pode parecer o fim, mas também pode ser um renascimento. A primeira coisa a fazer é libertar-se da culpa, da obrigação de tentar consertar o que o outro quebrou. Essa dor não é sua. Foi imposta pelo outro. O amor saudável começa quando você se ama o suficiente para não aceitar menos do que merece. — O tom confortante e acolhedor na voz baixa de Caíque contribuiu para que as palavras ditas tocassem o coração de Tamires.

Emocionada, sentada ao lado da irmã, ela abaixou a cabeça e tentou ser discreta ao secar as lágrimas.

Andreia a puxou para si e a envolveu com um abraço morno. Beijou-lhe a cabeça e afagou-lhe as costas.

Rogério respirou fundo e pareceu incomodado com o sofrimento de Tamires. Conhecia aquela dor. Após remexer-se, contou em tom brando:

— Quando o meu casamento acabou, achei que ia desmoronar. A dependência emocional parecia um fantasma. Mas... com o tempo, percebi que não era ela que me prendia. Era o medo de me reencontrar comigo mesmo. Aprendi que o silêncio pode ser ótimo conselheiro. — Rogério sorriu. — Ela era muito... exigente. Sempre falava com expressões irritadiças... Não se tinha paz. Embora faça pouco tempo que estamos longe, encontramos uma paz que não tem preço nem nome. Meu filho puxou muito a mim. Falamos baixo, conversamos com tranquilidade, sem irritação, sem medo... Nossa paz vale mais do que qualquer relação. A gente cresce ouvindo que amor é para sempre. Só não avisam que o amor verdadeiro é aquele que devemos ter por nós mesmos. É aquele que impõe limite ao desrespeito, às agressões... Desapegar de alguém dói, mas dói mais ficar onde a gente não cabe mais. Precisei aprender a ser meu próprio porto seguro e também pro meu filho, que precisa de muita atenção. Logo após os primeiros dias longe dela, enxerguei que aquele fim entre nós era um recomeço. A minha história e a do meu filho não acabou ali, só mudamos de rumo. E hoje, nossa vida é mais significativa, faz mais sentido para nós.

Tamires o encarou com algo reflexivo no olhar. Observou a porta ampla, aberta para a sala de TV, de onde vinha o barulho do jogo e falou:

— Sabe, às vezes, fico pensando se ela entende tudo isso. As mudanças, os conflitos... Olhe para esta casa. — Fez breve silêncio. — Deixaremos tudo. Tenho medo do futuro. Medo de não dar o melhor. Medo de não dar o suporte emocional de que ela precisa. — Encarou-o e perguntou com um toque de apreensão: — Como foi com o seu filho? Como o Fábio lidou com tudo? Você falou com ele de que jeito?

— O Fábio era muito fechado. Ficava em silêncio. Evitava qualquer conversa. Pensei que fosse a personalidade dele, mas não. Comecei a perceber que ele era oprimido pela mãe e carregava isso para o mundo. Como se o mundo fosse agredi-lo, ridicularizá-lo, engoli-lo... Como pai, me senti impotente. Porém, percebi que meu filho precisava mais do que palavras. Precisava de amparo, de apoio e de um lugar onde pudesse se reconectar com ele mesmo. O divórcio foi sob chuva de gritos e contrariedades. Saímos os dois de casa. Ela quis a guarda, mas o juiz levou

em consideração o desejo dele. Aluguei uma casa. Comprei dois colchões e algumas roupas de cama... — riu nesse momento. — Tudo muito improvisado. Fiz brincadeiras e até foi divertido dormir no chão até a chegada das camas. Pedimos comida até enjoar... Com a chegada dos utensílios domésticos: micro-ondas, fogão, geladeira... as coisas foram mudando. Comecei a levá-lo à casa espírita de novo e a Mocidade Espírita está ajudando muito. Ele está se abrindo um pouco, conhecendo outros jovens que não o criticam... Falando um pouquinho mais. Ali, ele não é julgado, não precisa ser forte ou viver em uma armadura. Só precisa ser ele mesmo.

— Acho que a casa espírita será boa para a Aline também.

— Sem dúvida. Crianças se entendem mais do que a gente imagina.

O interfone tocou. Era o almoço que havia chegado.

— Deixa que eu recebo! — apressou-se Andreia, levantando-se.

— Vou com você — Rogério se prontificou.

— Então, vou arrumar a mesa — disse a dona da casa.

— Nós te ajudamos — Caíque se levantou e puxou a namorada para acompanhá-lo.



Em torno da grande mesa, enquanto almoçavam, havia uma energia alegre e descontraída.

Diversos assuntos vieram à tona, mas todos leves e alegres.

Em dado momento, Elisângela perguntou:

— E quanto ao seu bebê, Andreia? Já tem nome definido?

— João — Andreia sorriu ao responder.

— Nome bíblico. Um nome forte e bonito.

— Obrigada. Foi isso o que me fez gostar desse nome.

— Pretende trabalhar até o último mês? — tornou Elisângela.

— Na verdade... Estou me afastando um pouco do trabalho. Sou empresária e, no momento, meu marido está cuidando de tudo sozinho. Não porque eu não queira trabalhar como antes, mas é que... Devido a um problema que meu bebê tem, estou indo a muitos médicos, realizando exames... Muito tempo pesquisando, procurando médico pediatra especialista, brigando com plano de saúde que não quer cobrir a cirurgia e o pediatra cirurgião que escolhi... Isso tudo não me deixa com tempo, disposição e energia para cuidar de assuntos específicos na indústria e... Apareço lá duas ou três vezes por semana. Às vezes... nem um dia da semana e... Assim vou levando.

— Se eu não estiver sendo invasiva... Pode contar o que o bebê tem? — Elisângela se interessou.

Andreia sorriu levemente. Mais uma vez, precisaria explicar aquela condição que tanto a deixava exausta. Porém, educadamente, revelou com voz pausada tudo o que João tinha.

— Foi por isso que você procurou o Espiritismo? Disse que é a primeira vez que foi a uma casa espírita — Elisângela perguntou.

— Sim. Eu...

— Vamos deixar a Andreia relaxar — Caíque pediu com modos gentis, falando baixinho ao se inclinar para o lado da namorada.

— Ah, é... Desculpa minha curiosidade.

— Tudo bem — Andreia sorriu.

— Vi que você comprou livros na livraria da casa espírita — Rogério reparou.

— Adoro ler. Vou devorar esses livros antes do João nascer — Andreia brincou. — A leitura, principalmente, em voz alta, tira minha mente de qualquer pensamento acelerado, de qualquer turbilhão de ideias. Sabe quando começamos a pensar sem parar? Quando pensamos em um monte de coisa? Quando aquela voz interna não para e isso gera ansiedade e até insônia?... — Não esperou resposta. — A leitura silencia esses pensamentos. Leio em voz alta, moderada e presto atenção em cada palavra, no tom da minha voz e tudo fica tranquilo, equilibrado. Os pensamentos ruminantes desaparecem. Volto a ter clareza mental. E o bom é fazer isso com leituras edificantes. O Evangelho Segundo o Espiritismo me ajudou imensamente. No momento, até o João nascer, terei bastante livros e tempo para ler.

— É bom se planejar. Normalmente, mães nunca dormem — lembrou Elisângela.

Virando-se para Rogério, Caíque perguntou:

— E o Fábio, já tem planos sobre no que quer se formar?

— Acho que não. Estamos conversando a respeito, mas não se decidiu. Essa semana ele pediu para ajudá-lo a fazer um currículo para procurar uma colocação como Jovem Aprendiz.

— Sério?! — Caíque sorriu. — Vou te passar meu contato. Manda o currículo para mim. Vou ver o que posso fazer. Estamos contratando jovens e... — Olhou para a sala de jogos onde os jovens almoçavam e comentou: — Depois vou lá falar com ele.

Conversaram muito.

Mais tarde, após todos irem embora, Tamires comentou com Andreia:

— Nunca imaginei trazer pessoas estranhas para a minha casa e me sentir bem — gargalhou.

— Mas não foram quaisquer pessoas estranhas. Lembre-se disso. Eu conheço o Rogério e a Kátia, que trabalham na minha empresa, e conheço o Caíque também. Só não conhecia a Elisângela.

— Achei a Kátia tão quietinha — Tamires observou. — Praticamente não abriu a boca.

— Normalmente, ela é quietinha mesmo. — Olhou no celular, mais uma vez, e verificou que não tinha mensagens de Sandro. — Maninha... Tudo estava ótimo. Tudo maravilhoso para um almoço improvisado. Você foi ótima.

— E pensar que, semana passada, pensei em colocar fogo na casa — Tamires riu com gosto. — Ainda bem que não foram para a outra sala nem para o meu quarto. Alguns móveis têm marcas da minha revolta.

— Por isso, nunca devemos tomar decisões precipitadas. Sempre podemos buscar alternativas melhores e que nos tragam paz.

— Ainda estou abalada, triste e amargurada com tudo, mas... Entendi que, mesmo contrariada, preciso arregaçar as mangas para uma nova fase da minha vida.

— Isso mesmo, Tamires. Capacidade você tem. E experiência também. — Andreia respirou fundo, sorriu e decidiu: — Agora já vou. Onde está a Aline pra me despedir dela?

— No quarto. — Olhou-a nos olhos e falou com ternura: — Obrigada.

— Ora...

Sem que esperasse, Tamires a abraçou com carinho.

Capítulo 18

Quando a Luz atrai sombras

Mesmo quando tudo parece desabar, há uma luz que insiste

em permanecer acesa dentro de nós. Confie e aguarde.



Andreia sentia-se leve, como há muito tempo não se permitia sentir. O dia, em companhia de almas afáveis e conversas elevadas, havia sido um bálsamo para o seu espírito.

As palavras trocadas, impregnadas de esperança e sabedoria, pareciam ter acalmado as inquietações que há semanas lhe pesavam no peito. Era como se, por algumas horas, tivesse reencontrado a paz que julgava perdida.

Ao chegar ao belo edifício onde morava, decidiu passar na portaria para buscar as correspondências que há dias aguardavam. O porteiro, sempre cordial, recebeu-a com um sorriso:

— O senhor Sandro acabou de levar. Chegou de carro agorinha. Não tem nem dez minutos que subiu. Mais um pouquinho, vocês dois se

encontrariam — disse com simpatia.

— Ah... Está certo então. Muito obrigada — respondeu Andreia, com gentileza, antes de seguir para o apartamento.

Ao entrar, procurou pelo marido. Queria compartilhar a leveza do dia, contar sobre os momentos de renovação espiritual que vivenciou. Encontrou-o na sala, jogando videogame. Aproximou-se e lhe deu um beijo breve.

— Oi — disse com um sorriso ainda carregado de luz.

— Oi — respondeu Sandro, com um sorriso forçado que logo se desfez.

— Mandei mensagem te chamando para almoçar na casa da Tamires. Você nem respondeu...

— Só vi depois... É... — Pausou o jogo, suspirou e explicou: — Fui para a casa dos meus pais e almocei por lá.

— Sandro, você esqueceu o que combinamos? Íamos assistir à palestra na casa espírita hoje...

— Pensei em ir pra academia cedo e voltar, mas acabei me distraindo... Quando vi, já tinha passado o horário. Desculpa... — disse com expressão aborrecida, voltando ao jogo.

— Você chegou agora?

— Não — murmurou, sem tirar os olhos da tela.

— Não?...

— Tô aqui... Sei lá... Almocei e vim pra casa. Acho que cheguei às três...

— Mas o porteiro disse que você tinha acabado de chegar e pegou as correspondências lá embaixo.

— Ele se enganou... Dormi a tarde inteira... Por isso nem vi suas mensagens... Peguei as correspondências agora há pouco sim. Isso é verdade. Mas fiquei aqui em casa a tarde inteira...

— Tá... — Andreia respondeu, tentando aceitar, mas algo dentro dela se remexia.

Não saberia explicar o motivo, mas a pergunta de seu pai ecoou em sua mente, como um sussurro espiritual:

“Quem, realmente, está no controle?”

Lembrou-se, então, de quando Sandro mentiu sobre o celular descarregado. Estaria mentindo novamente? Ou o porteiro se enganou? E o descaso com suas mensagens? O que significava?

Uma nova onda de dúvidas e inquietações emergiu em sua alma.

Quando Sandro se levantou para tomar banho, Andreia, tomada por uma angústia silenciosa, saiu do apartamento. Desceu até a garagem e foi até o carro do marido. Tocou o capô sobre o motor. Estava morno.

O marido havia mentido.

Deveria confrontá-lo? Não queria. Estava exausta. A saúde frágil do bebê que ainda crescia em seu ventre já lhe consumia forças. Diferentemente de minutos antes, sentia-se triste. Derrotada. Como se a esperança tivesse escorregado por entre os dedos.

As dúvidas sobre uma possível traição voltaram a rondar sua mente. Mas não podia acusá-lo sem provas. Isso só traria mais dor, mais desgaste. Uma pressão começou a apertar seu peito, como se a alma chorasse em silêncio.

Ali, na penumbra da garagem, Andreia sentiu que não estava só. Uma presença sutil, invisível aos olhos, porém perceptível ao coração, parecia envolvê-la. Era como se mãos invisíveis a amparassem, como se a espiritualidade dissesse:

“Confia. Tudo será revelado no tempo certo. A verdade não precisa ser arrancada, ela floresce quando o solo está pronto.”

Ela respirou fundo. Sabia que precisava de serenidade, principalmente, por causa do filho. O livre-arbítrio de Sandro não estava sob seu controle, mas sua reação sim. E, acima de tudo, Deus não a abandonaria.



Nos dias que se seguiram, Andreia sentia-se como uma flor murcha ao fim do verão escaldante: sem ânimo, sem cor, sem vitalidade. A gravidez avançava, exigindo dela forças que já pareciam escassas. Consultas, exames, pareceres médicos que não traziam esperança... E os estresses com o plano de saúde feriam sua paz.

Ela se percebia vulnerável, como se estivesse à deriva num mar de preocupações que não ousava dividir com ninguém. Sabia que sua irmã enfrentava as próprias tormentas. Sua mãe, outrora tão presente, agora, parecia distante, envolta em silêncios. Maura, aquela que foi sua confidente, já não era porto seguro. E assim, Andreia se recolheu. Passou dias trancada no apartamento, sem trocar palavras, sem buscar olhares. Respondia às mensagens com frases curtas, simulando bem-estar, como quem veste uma máscara para esconder a dor.

Até mesmo o cunhado, com quem gostava de conversar, tornou-se ausente em sua rotina. A única coisa que ainda lhe trazia alívio era mergulhar nas páginas dos livros espíritas e espiritualistas. Ali, entre palavras de luz e ensinamentos elevados, sentia-se amparada. Era como se mãos invisíveis a envolvessem, como se vozes suaves lhe dissessem: “Você não está só.”

Mas então veio a notícia: o apartamento havia sido vendido. E com ela, o chão pareceu desaparecer sob seus pés. Andreia, já fragilizada, deixou-se conduzir. Cedia aos pedidos de Sandro sem questionar. E ele, com gentileza

calculada, cuidou de todas as negociações, dizendo que não queria preocupá-la, que ela deveria cuidar de si e do bebê.

Sem demora, levou-a para conhecer a nova casa. A rua era tranquila, as casas vizinhas bem cuidadas. Quase não havia prédios. Mas uma surpresa a aguardava: a residência ficava próxima à casa de Kátia e seus irmãos. E mais perto ainda do parque em que gostava de caminhar. Mesmo assim, Andreia sentiu um aperto no coração.

Esperava algo maior, mais acolhedor. Mas Sandro, com palavras doces, a convenceu de que seria por pouco tempo. Prometeu que logo comprariam uma casa ampla, estruturada, à altura do antigo apartamento. Aquela seria apenas uma morada transitória.

A ausência de móveis planejados e das comodidades que antes possuíam incomodava Andreia. Contudo, cansada, deixou-se convencer. Afinal, economizar parecia sensato, já que não ficariam ali por muito tempo.

Sem demora, o marido contratou uma empresa de mudanças eficiente, que organizou tudo com rapidez. Os móveis foram posicionados, as caixas esvaziadas e a nova casa ganhou forma. Não exatamente como Andreia desejava. Havia detalhes fora do lugar, pequenos incômodos que só ela percebia e, como sempre, algum trabalho sobrou para suas mãos já cansadas.

Tamires, sua irmã, tentou ajudar no que pôde. Mas também enfrentava sua própria mudança, seus próprios desafios. A presença era breve, o apoio limitado.

Uma empregada foi contratada para aliviar a carga, porém não durou. A mulher passava horas ao celular e, quando não, falava demais, despejava suas dores, suas queixas, seus pedidos para sair mais cedo. Em vez de aliviar, aumentava o peso que Andreia já carregava.

A nova rotina se instalava, mas Andreia sentia-se como uma visitante em sua própria vida. O corpo, já exigido pela gravidez, clamava por repouso. A mente, tomada por preocupações silenciosas, vagava entre pensamentos que

não dividia com ninguém. Guardava tudo para si, como quem teme incomodar, como quem aprendeu a sofrer em silêncio.

Nem à irmã, nem à mãe, nem à amiga de outrora. Nem mesmo ao cunhado, com quem costumava conversar... Andreia se fechava, como uma concha que protege a pérola ferida. E assim, os dias passavam, envoltos em uma névoa de cansaço e solidão.

Mas havia um lugar onde a alma encontrava abrigo: a casa espírita. Ali, entre preces e reflexões, sentia-se acolhida. As palestras sempre traziam mensagens elevadas. As leituras espiritualizadas eram como bálsamos, palavras que tocavam fundo, que pareciam ter sido escritas para ela. Era nesses momentos que respirava com mais leveza, como se uma presença invisível a envolvesse em ternura.

Em uma de suas idas ao médico, Andreia sentiu um impulso silencioso, quase como um chamado interior, e decidiu procurar seu pai. Afinal, ele e sua mãe ainda não haviam visitado sua nova casa, apesar dos convites feitos com carinho e esperança.

Ao chegar à empresa de engenharia onde Nestor era sócio, algo no ar pareceu diferente. O ambiente, antes familiar, agora parecia envolto em uma aura de estranheza. Um dos sócios, um senhor que ela conhecia há anos, recebeu-a com um sorriso desconcertado. Havia hesitação em seus olhos, como se carregasse um segredo que não sabia como esconder.

— Seu pai não está... — disse, evitando o olhar. — E, sinceramente, não sei dizer onde encontrá-lo.

O tom, a postura, o silêncio entre as palavras... Tudo parecia suspeito. Andreia não sabia explicar, mas seu coração captou o que os olhos não viam. Algo havia acontecido.

Despediu-se com gentileza, escondendo a alma inquieta. No carro, enviou uma mensagem ao pai, relatando o ocorrido. A mensagem foi lida quase imediatamente, o que a surpreendeu. No entanto, o convite para almoçar só veio horas depois, como se Nestor precisasse de tempo para se preparar.

Encontraram-se em um restaurante conhecido onde tantas memórias haviam sido construídas ao longo dos anos. Ao vê-lo, a filha sorriu com ternura.

— Oi, pai! — disse com alegria contida.

— Como você está? — perguntou Nestor, com uma serenidade que parecia cuidadosamente ensaiada.

— Estou indo... — respondeu, sentando-se. Fizeram os pedidos e, após alguns minutos, ela comentou: — Estranhei o senhor não estar na empresa...

Nestor respirou fundo, como quem escolhe as palavras com cautela.

— Tinha algo importante para fazer. Mas... como está o bebê? — perguntou Nestor, desviando o assunto com suavidade.

Andreia, com ternura, atualizou o pai sobre os últimos exames, os pareceres médicos e os cuidados que vinha tomando. Falou com tranquilidade, mas, por dentro, carregava o peso de muitas incertezas.

Depois, tentando retomar o assunto que a inquietava, perguntou:

— O senhor tirou alguns dias de férias?

Nestor hesitou. Olhou para a filha com carinho e respondeu:

— Andreia, eu não queria incomodar você... Principalmente, agora, com tantos desafios na gravidez. Mas... estou preocupado com sua mãe. Por isso nem te chamei para conversar lá em casa e nem fomos conhecer sua nova casa.

— O que aconteceu? — perguntou, já tomada pela preocupação.

— Sua mãe está com um comportamento estranho. Faz algum tempo... Na última vez que você esteve lá, deve ter notado. Mas ela piorou e não está falando coisa com coisa. Com a casa, com as tarefas... também não está agindo como antes. Fica extremamente nervosa. Preocupa-se demais com o Luan, com o divórcio da Tamires... Troca os nomes das pessoas, às vezes,

menciona nomes que não conhecemos. Acho que tudo isso mexeu com a mente dela.

— Pode ser ansiedade, estresse — arriscou dizer, tentando encontrar uma explicação mais leve do que suas suspeitas.

— Pode. Mas tem hora que ela repete as mesmas coisas várias vezes. Esquece outras... Essa semana, tirou as roupas de cama e lavou todos os dias. Fui falar com ela e ela negou.

— Pai, isso é preocupante demais — disse com pesar. — O ideal é consultar um neurologista.

— Já marquei a consulta — respondeu com firmeza.

Um silêncio se instalou entre os dois. Era um silêncio cheio de sentimentos, de lembranças, de medos não ditos. Até que Andreia, com a voz embargada, confessou:

— Estou preocupada...

— Não. Não se preocupe. Vou cuidar de tudo. Acho que é só estresse — disse Nestor, tentando tranquilizá-la.

— Mas... a mãe deveria entender que somos adultos. Que nossos desafios são passageiros. Vamos dar conta.

— O Luan está muito endividado...

— Como assim? Endividado com o quê?

— Seu irmão... deixa quieto. Isso é outra coisa que não importa pra você neste momento — falou, desviando o assunto novamente. Passou um segundo, e ele perguntou: — E sua empresa? Por que precisou vender o apartamento e ir morar em uma casa menor?

Andreia sentiu o coração apertar. A pergunta vinha carregada de preocupação, mas também de uma curiosidade que ela não sabia se gostaria

de responder. Havia tanto por trás daquela mudança... escolhas, renúncias, dores silenciosas...

— Ah... Foi estratégico, pai. Vamos investir na expansão da indústria têxtil — quis encurtar o assunto para não o deixar com mais uma preocupação.

— Tome cuidado. Talvez não seja a hora certa para fazer isso.

— Por quê? — a filha quis saber.

— Não está acompanhando as notícias?

— Tenho evitado. Estou me sentindo sensível para notícias fortes. Com tudo o que está acontecendo na minha vida, não quero ouvir sobre assuntos deprimentes, conturbados...

— É compreensível, Andreia. Mas tem algo muito sério começando lá fora, principalmente, na China. Estão falando de um vírus novo, que anda causando uma confusão danada. Já está sobrecarregando hospitais por lá. Os casos estão aumentando, especialmente entre crianças, idosos e... gestantes também são as vítimas mais preocupantes... Há relatos de estado de emergência em alguns lugares. — Surpreso, perguntou: — Você não está acompanhando as notícias mesmo?! — Viu-a franzir a testa. Sem demora, prosseguiu: — Ainda não sabemos direito o que é... Mas a OMS está monitorando com atenção. Os sintomas são respiratórios, semelhantes à gripe. Afetam os pulmões e se espalham com facilidade. A Europa já começou a sentir os reflexos sérios.

— Mas não chegou aqui. E talvez nem chegue.

— Não se sabe. O mercado está agitado. Algumas empresas parando. Voos sendo cancelados. E você sabe... Quando a economia lá fora espirra, o Brasil costuma apresentar febre.

— E o que isso tem a ver com a expansão da minha empresa? — ela pareceu ingênua ao perguntar.

— Tudo, né, filha! — enfatizou como se sussurrasse. — Tem tudo a ver. A indústria têxtil depende de insumos, transporte, consumo. Se esse vírus se espalhar, pode afetar a cadeia toda. É preciso cautela. O mundo está prestes a mudar, minha filha. E talvez não volte a ser como antes por um bom tempo. A exportação e o consumo serão afetados. Talvez seja a hora de segurar as rédeas da situação, principalmente, com tudo o que você está vivendo com a gravidez. Deve se preocupar com você, com sua saúde e com a saúde do João.

Ela ficou em silêncio. A preocupação do pai não era apenas com números. Era com ela, com o bebê, com o futuro.

Andreia refletiu por um instante. Apesar da sensibilidade que a envolvia, seu espírito empreendedor falou alto. Era como se, em meio à incerteza, uma luz interior começasse a brilhar com mais intensidade dentro dela.

Nestor continuou, com o tom preocupado de quem já previa mudanças difíceis, e concluiu:

— Se esse vírus se espalhar de verdade, muita coisa vai mudar. Precisamos segurar, como empreendedores...

Ela olhou para o pai com firmeza serena ao dizer:

— Ou não. Não no meu caso, pai. Talvez seja a hora de me antecipar.

— Como assim? — Nestor franziu a testa, surpreso.

— Pai, a minha indústria também atende ao setor têxtil hospitalar. Produzimos uniformes, jalecos de todos os tipos, máscaras, pijamas hospitalares e cirúrgicos, cortinas, redes, tendas... Tudo voltado para ambientes clínicos. Se esse problema crescer, a demanda vai explodir. E nós temos estrutura para adaptarmos, aumentarmos a produção e buscarmos novos contratos.

— Você está pensando em apostar nisso? — indagou, com cautela.

— Não é uma aposta cega. É uma preparação, como tudo o que fiz na vida. Devemos pensar no futuro. Ter sempre um plano B. Se eu estiver certa, podemos ser parte da solução, ajudarmos e mantermos a empresa em pé, mesmo num momento crítico. Se eu estiver errada, apenas reforçamos nossos estoques e contatos. Não seria a primeira vez que me antecipo.

Nestor a observou em silêncio. Havia orgulho em seu olhar, misturado com a preocupação de um pai que conhecia os riscos do mundo dos negócios. Mas também havia admiração pela coragem, pela visão, pela força que Andreia demonstrava mesmo em meio à vulnerabilidade.

A conversa continuou. Ideias surgiram como sementes brotando. Andreia pensava, inclusive, em produzir tudo com custo reduzido, acessível ao mercado, para que nada faltasse nas emergências. Queria contribuir, não apenas sobreviver. Queria ser útil e fazer a diferença.

Naquele momento, a espiritualidade maior a envolveu.



Ao término do almoço com o pai, Andreia seguiu direto para a indústria têxtil. Sua presença ali causou surpresa. Fazia dias que a presidente não aparecia. Os olhares se cruzavam discretamente pelos corredores, como se sua chegada anunciasse algo importante.

Sem demora, pediu a uma funcionária que localizasse Maura, a diretora financeira. A mulher demorou mais do que o habitual para chegar à sala. Quando finalmente entrou, trazia no rosto um cansaço disfarçado e, nos olhos, uma inquietação que Andreia já conhecia.

Cumprimentaram-se com formalidade contida. Não como antes. E Andreia, com voz firme e olhar profundo, iniciou:

— Preciso te contar algo. Tenho pensado muito sobre muita coisa. Hoje, conversei com meu pai e surgiram algumas ideias. Essa movimentação

estranha lá fora... sobre o novo vírus... essa tal de COVID-19...

Maura a interrompeu, disfarçando a surpresa com um tom afetuoso:

— O que houve? Você parece preocupada...

— Estou sim, mas também estrategicamente lúcida. Você me conhece — disse com um sorriso leve, carregado de propósito. — Nós trabalhamos com material hospitalar. Ainda não há informações confiáveis e tudo parece especulação. Se esse vírus, vindo da China, for mesmo sério, pode mudar completamente a demanda.

— Você acha que vai chegar aqui?

— Pode ser que sim — respondeu com tristeza contida. — E se começarmos a estruturar um setor voltado para proteção individual... máscaras, aventais, jalecos, cortinas hospitalares, macacões... Se reforçarmos o estoque e adaptarmos a produção, podemos não apenas fortalecer a empresa, mas também ajudar o setor de saúde. Em vez de ampliarmos a empresa, como pensamos, investir na confecção desses produtos será melhor. A linha de produção já tem base para isso. Acredito que estou vendo uma chance de fortalecer a empresa e ajudar o setor ao mesmo tempo.

Maura sorriu de forma dissimulada, com um toque de cinismo, e indagou:

— Já falou sobre isso com o Sandro?

— Ainda não. Ele não está na empresa — respondeu Andreia, com tranquilidade, sem olhar para ela.

— Andreia, Andreia... Você sempre teve uma visão além, viu. Mas você acha que ele vai concordar com isso? Depois da venda do apartamento...

— Não sei. Vou encontrar um jeito de investir nessa ideia. Agora é o momento. Mesmo que tenhamos de bancar parte disso. É nossa empresa... — Olhou firmemente para Maura e falou com convicção: — Ou melhor... A

empresa é minha. Ainda é. E ele sabe disso. O mundo está inquieto, em alerta. E nós podemos ser parte da solução.

Maura ergueu a sobrancelha com falsa admiração e um sorriso fraco, como quem observa, mas não se compromete. Andreia, por sua vez, sentia que algo maior a guiava. Sua intuição não falhava e, naquele instante, sabia que estava sendo inspirada por algo além da lógica.

Andreia voltou os olhos para o computador à sua frente. A sala ficou silenciosa, como se o tempo tivesse suspendido seus ruídos para ouvi-la pensar.

— Você é corajosa e generosa. Deveria pensar só em você e no seu bebê. Afinal, se esse vírus chegar aqui... — disse Maura.

Mas Andreia não deu ouvidos nem olhou para ela. Havia algo mais forte pulsando dentro dela. Uma certeza que não vinha da razão, mas da alma.

— Vou começar agora, antes mesmo do Sandro chegar — respondeu com leveza, sorrindo com a serenidade de quem já decidiu. — Vou colocar tudo no papel.

E assim fez. Passou o resto da tarde na empresa, sentada diante do computador, mergulhada em planilhas, documentos, contratos.

A luz do pôr do sol atravessou a sala, tingindo os móveis com tons dourados, como se o universo testemunhasse seu empenho silencioso.

Em alguns momentos, murmurava para si mesma, conversando com a própria intuição:

— Estoque de máscaras cirúrgicas... jalecos descartáveis de TNT... tecido não tecido... capotes descartáveis... linha de produção pode ser redirecionada para... sapatilhas... fornecedores da zona franca... Ai, que coisa. Preciso de dados atualizados o quanto antes...

Pegou o celular, abriu uma planilha e começou a fazer cálculos. Seu olhar firme e concentrado não deixava perceber Maura, que a observava pelo vão

da porta entreaberta. A diretora financeira permaneceu ali por alguns instantes, em silêncio, como quem assiste a uma força que não compreende.

Depois, afastou-se discretamente. Foi para outra sala, pegou o celular e digitou:

“Ela está aqui, desde às 14h. Ainda não saiu. Parece determinada.”

A resposta veio rápida:

“Não vou aí ou terei de voltar para casa com ela. Vou para o seu apto.”

Maura apenas respondeu:

“Até mais.”



Andreia fechou o último documento, um plano tático de reorganização dos setores de produção, dos documentos de viabilidade, relatórios preliminares e planilhas.

Sorriu para o que fez. Sentiu-se produtiva, satisfeita.

Ao olhar para o celular, nenhuma mensagem do marido.

Suspirou fundo e juntou alguns papéis e guardou tudo em uma pasta azul onde etiquetou: Plano Emergencial — Setor Hospitalar.

Sorrindo com suavidade, sussurrou para si mesma:

— É isso.

Após apagar as luzes de sua sala, saiu.

Seus passos ecoaram secos e solitários pelos corredores da indústria.

Somente o segurança a cumprimentou antes de ela ir.



No apartamento, Maura chegou com passos calculados. A luz baixa e a música instrumental, que preenchia o ambiente, indicavam que Sandro já estava ali. O som suave do piano misturava-se ao aroma de vinho recém-aberto, criava uma atmosfera de intimidade e fuga.

Ela largou a chave sobre o balcão da cozinha com um ruído proposital, como quem deseja ser notada.

Sandro estava no sofá, inclinado sobre a mesinha, digitando no notebook com expressão concentrada. Ao vê-la, ergueu os olhos e sorriu com a taça de vinho em mãos.

— Achei que ia mudar de ideia e não vir pra cá — disse Maura, pegando a taça, beijando-o e enlaçando-se ao pescoço dele.

— Mudar de ideia seria voltar com ela pra casa — respondeu com um sorriso enviesado.

Maura bebeu um gole, pousou a taça sobre a mesinha e disse:

— Volto logo.

Retirou-se para a suíte. Tomou banho e retornou com uma blusa solta, o cabelo ainda úmido, o olhar provocador. Sentou-se ao lado dele, tomou mais vinho e comentou:

— A Andreia passou a tarde montando um plano novo para a indústria.

— Plano? — Sandro ergueu as sobrancelhas, curioso.

— Para redirecionar a produção e investir o dinheiro da venda do apartamento. Ela prevê aumento na demanda por materiais médicos e hospitalares. Está pensando em adaptar a linha de jalecos, aventais, sapatilhas, máscaras... Mais reforço e quantidade... Quer se preparar para esse vírus que está circulando na Europa.

— Ela acredita que isso vai chegar aqui? — ele riu, descrente.

— Não só acredita como quer que a empresa seja útil. Quer ser parte da solução. Salvar vidas. Fazer os custos acessíveis para todos! — Maura riu com desdém, como quem não compreende a grandeza de um propósito.

Sandro ficou pensativo. O olhar se perdeu por um instante, como quem vislumbra possibilidades.

— Peraí... Isso pode render. Se for bem explorado...

— Ela é brilhante. Ingênua, tola, mas brilhante. Devo admitir. — Maura se aproximou no sofá, provocando-o com beijos e carícias, mas parou. Com sorriso enigmático, perguntou: — O que você tem em mente?

Ele se sentou com postura firme, puxando o notebook sobre a mesinha da sala. Com alguns cliques, abriu telas específicas e deixou visível uma planilha de participação societária. Os números estavam organizados com precisão, cuidadosamente montados.

Ao mostrar a planilha para Maura, ela riu alto, com um tom que misturava sarcasmo e admiração.

— Com aquela Procuração com Poderes Gerais e Irrestritos que a Andreia te deu... — disse, balançando a cabeça. — Você pode vender até a alma da empresa e ela não pode contestar. É praticamente um cheque em branco.

Sandro sorriu confiante. Seus olhos brilhavam com a certeza de quem já havia vencido antes mesmo de começar.

— Já está quase tudo acertado com um velho amigo do meu pai, o Válter. Ele ficará animado ao saber do aumento de demanda e da possibilidade de

explorar o mercado hospitalar por um tempo, pois ficará com porcentagens de lucro... — riu, como quem saboreia o próprio plano. — O Válter vai entrar como comprador fantasma antes do divórcio. Ficará com os lucros das vendas... Vai segurar a empresa por um ou dois anos e depois repassar pra mim. Faremos um contrato frouxo, informal, com cláusulas flexíveis. Nada que levante suspeitas.

Maura se aproximou, interessada.

— E ele vai pagar pela compra?

— Não. Vai apenas dar entrada simbólica. O restante será fictício. A empresa ficará com ele, mas sem movimentações reais de capital. Vai parecer um negócio legítimo no mercado. Ele já fez isso várias vezes, inclusive para o meu pai. É de confiança.

— E você, nesse período?

Sandro recostou-se no sofá, cruzando os braços.

— Serei um mero funcionário. Um nome qualquer na folha de pagamento. Até a pensão alimentícia será calculada com base nesse salário. E como ela é capacitada, não precisará de pensão. Vai parecer justo. Vai parecer limpo.

Maura o observou em silêncio. Sabia que estavam diante de um plano arriscado, mas engenhoso.

Sandro tomou um gole de vinho e ficou com olhar perdido e sorriso no rosto. Depois disse:

— Ela está tão focada com a saúde do bebê e agora em salvar vidas, que não vai ter tempo para perceber nada. Está se enfiando em Espiritismo também, quer dizer... A mente dela está longe. E, depois do divórcio, alego que precisei vender pra pagar dívidas pessoais, plano de saúde, cirurgia do bebê... Nada que um bom advogado não transforme em narrativa aceitável. No futuro, pego a empresa de volta e ela nem vai saber.

— Acredito que a pensão alimentícia será por pouco tempo. Essa criança tem tanto problema que... — Maura não completou. Aproximou-se, provocando-o com um toque no ombro. — E quando ela descobrir... Vai ser tarde demais.

Os dois brindaram e se beijaram, enquanto, ao fundo, a tela do notebook exibia os gráficos da evolução da empresa, frutos da visão e do trabalho de Andreia.



As semanas foram passando, como folhas levadas pelo vento. Era um domingo cedo e o salão de palestras da casa espírita começava a se esvaziar lentamente.

Os voluntários recolhiam as cadeiras com gestos suaves, respeitando o silêncio que pairava no ambiente. Havia um silêncio que não era vazio, era paz.

O aroma do chá de ervas, que estava sendo preparado na cozinha, misturava-se ao perfume das flores discretas sobre a mesa. Havia uma serenidade que parecia tocar cada canto. Era a espiritualidade que estava ali, presente, envolvente.

Andreia permanecia sentada em um dos bancos laterais, no corredor externo, próximo à cozinha. As mãos repousavam sobre o ventre, como quem protege não apenas uma vida, mas também seus próprios sentimentos. O olhar baixo, distante, revelava que ela não queria ir embora. Gostaria apenas de permanecer ali, naquele refúgio silencioso, onde o mundo parecia menos duro.

Tamires não havia ido à palestra naquele dia. A irmã ainda estava envolta em sua própria mudança, enfrentando os desafios da nova casa, da nova rotina. Andreia compreendia. Cada um vivia sua travessia.

Foi então que Rogério se aproximou. Trabalhador da casa, homem de fala mansa e olhar acolhedor, parou ao lado dela com respeito.

— Está tudo bem? — perguntou com voz suave, quase como uma prece.

Andreia ergueu os olhos e sorriu com doçura. O cansaço era visível, como uma sombra delicada sobre o rosto.

— Está... — respondeu com simplicidade. — Este lugar sempre me acalma. Parece que o mundo e os problemas ficam menores.

Rogério se sentou ao seu lado, hesitante. O silêncio entre os dois era respeitoso, quase sagrado.

— É... Por isso, acho que aqui pode ser o lugar certo para te dizer uma coisa — disse com o semblante sério.

Andreia ergueu os olhos, atenta.

— Há algo errado?

Ele escolheu as palavras com cuidado, como quem sabe que o que vai dizer pode mudar o rumo de alguém.

— Não sei se é errado... ainda. Mas o ambiente da empresa está mudando. Os assuntos principais estão mais silenciosos do que deveriam. Assinaturas, reuniões paralelas... decisões que não estão passando por você. Entende?

— Você acha que tem algo acontecendo? — perguntou séria. — Deixei tudo pronto e preparado para o plano emergencial por causa desse novo vírus...

— Sei que não tem comparecido à empresa por conta da gestação, mas... Acho que precisa ficar atenta. Com tudo. Nas pessoas em quem confia, principalmente. Em quem se cala demais quando deveria estar presente.

Ela respirou fundo, desviou o olhar e desabafou:

— Estou cansada, Rogério. Às vezes, parece que não consigo acompanhar tudo. Não posso vigiar tudo. Não dou conta. A cada dia fica pior...

— Então peça ajuda. Não do jurídico nem da diretoria. Peça ajuda de quem te reconhece. Gente que te enxerga como líder. Que sabe quem você é.

— Você me conhece há tanto tempo... — Olhou para ele com gratidão silenciosa. — É gerente desde o início... Sei que não diria isso sem motivo. Eu vou... — calou-se. Sentiu vontade de chorar, mas respirou fundo e segurou a emoção.

Rogério levantou-se com discrição e começou a recolher os copos vazios, com o mesmo jeito simples de sempre. Antes de se afastar ainda disse:

— Você tem luz, Andreia. Mas luz demais também atrai sombra. Fica atenta.

As energias sublimes ainda vibravam suavemente após a palestra. Acima da edificação física daquele centro, em níveis vibratórios mais sutis e elevados, entidades luminosas se agrupavam em harmonia. Observavam Andreia com ternura, inspirando-lhe coragem e protegendo sua jornada.

Aren, o mentor espiritual de Andreia, um espírito sereno, trajado com vestes claras e simples, observava sua protegida com afeto. Ao lado dele, um grupo de amigos espirituais mantinham vibrações de paz, focadas no ventre dela.

Com sensibilidade, o mentor de Andreia contou:

— Ela está cansada, mas firme. A luz que emana do coração com fé resiste ao peso da encarnação de provas.

— O pequeno espírito é forte. Escolheu essa prova com coragem e como missão. O coração físico fragilizado é um instrumento de evolução e não um castigo — disse outro companheiro.

— Andreia intui mais do que acredita — tornou Aren. — Ela sabe que precisará confrontar o amor cego e a confiança mal colocada. Ainda não está pronta, mas estará. — Aproximando-se de sua protegida, que estava de olhos fechados e em prece, repousou sua mão espiritual sobre o ombro dela e orou junto.

Ao terminar, Andreia pensou:

“Me ajude a entender. Me guie, Jesus.”

— Ele está conosco, como sempre esteve. E eu estarei com você — afirmou Aren.

Andreia sorriu e se levantou. Sentiu que sua prece foi ouvida.

Despediu-se de todos e se foi.

Capítulo 19

Quando a casa deixa de ser lar

A dor não precisa ser enfrentada sozinha. Às vezes,

ela só precisa ser dividida para ser aliviada.



Andreia estava na calçada, ainda envolta pela serenidade da manhã, quando sentiu a vibração do celular. Ao verificar a mensagem, reconheceu o nome da irmã. Tamires havia se mudado recentemente e enfrentava dificuldades. A mensagem era breve, mas carregada de urgência.

Ela não tinha ido de carro ao centro espírita e a nova casa da irmã não era tão próxima para ir andando. Não naquele estado. Não naquele dia. O corpo cansado e a gestação pediam cuidados. Mas o coração inquieto não sabia esperar.

Enquanto pensava, foi surpreendida pela voz gentil de Rogério, que se aproximava com o filho ao lado.

— Quer carona?

Andreia olhou para ele com gratidão e sorriu:

— Aceito. Mas vou até a nova casa da Tamires. Ela está com problemas. Nem sei se posso ajudar, mas... vou lá.

Entrou no carro com calma e seguiram juntos para o endereço. O trajeto foi quase silencioso. Ao chegarem, foram recebidos por Aline, que estava no portão com expressão preocupada.

Rogério pensou em deixar Andreia ali, porém se sensibilizou ao ouvir a menina dizer:

— Vixi, tia!... Minha mãe não para de chorar.

Andreia se aproximou, tocando levemente o ombro da sobrinha.

— O que aconteceu?

— Estamos há dois dias sem banho. E hoje... não tem mais comida.

Rogério desceu do carro com expressão séria. Percebeu, de imediato, que os problemas não eram apenas técnicos, também eram humanos. O filho o acompanhou, silencioso, como sempre.

— Estão com dificuldades? — quis confirmar.

— Várias! — Aline exclamou com o exagero típico dos seus onze anos. — Estamos com todos os problemas do mundo! — Esperta e observadora, a menina começou a relatar com precisão: — Os colchões estão no chão. Minha mãe não conseguiu montar as camas que chegaram. Disse que precisa economizar e não pode chamar um montador. O fogão não tem gás. O chuveiro não foi instalado. Acho que só a geladeira e os celulares funcionam. E com esse frio... quem consegue tomar banho gelado? Não dá, né?

— É... está frio mesmo. Um tempo atípico pra essa época do ano. Hoje cedo, os termômetros marcaram 12 graus. Vamos ver o que podemos fazer — Rogério sorriu, tentando suavizar o peso da situação.

— Venha, vamos entrar — Andreia convidou, indo à frente e chamando pela irmã.

Ao entrarem, depararam-se com caixas por toda a parte. Algumas abertas, outras ainda lacradas. Objetos espalhados, móveis desmontados. Tudo fora do lugar. A casa parecia suspensa entre a mudança e o caos.

Tamires, em cima de uma escada, tentava instalar o chuveiro com mãos trêmulas.

— Mas o que é isso? Desce daí! — Andreia pediu preocupada.

Ao ver a irmã, Tamires obedeceu. Desceu devagar, quase chorando.

— Nunca pensei que seria assim... Mudamos e... a comida pronta acabou. Só a geladeira funciona. Não consegui ligar o micro-ondas, a tomada dele não serve em nenhum lugar. Não consigo colocar a mangueira do gás no fogão. Nada encaixa... Não sei instalar o chuveiro... Com esse frio, sem gás, sem água quente, estamos sem banho. Estou sem dinheiro... — desabou, indo de braços abertos ao encontro de Andreia.

— Calma... — pediu com voz doce, envolvendo-a num abraço acolhedor.
— Mas por que não me chamou antes? Por que não foi lá em casa?

— Porque você já tem tanto com o que se preocupar. Você é aquela pessoa que serve a todos e nunca pede ajuda. Sempre se virou sozinha. Eu queria tentar ser forte igual a você...

— Existem momentos em que não dá pra ser forte. A gente precisa de ajuda — Rogério disse, entrando no banheiro. Tamires se assustou com a presença dele.

— Oi... — disse, afastando-se do abraço e secando os olhos.

— Oi, Tamires — ele sorriu com gentileza. — Vamos ver o que a gente pode fazer.

— Desculpa... Estou... — não completou. Descalça, com roupas gastas, cabelo despenteado e rosto inchado de chorar, abaixou a cabeça, como se

isso pudesse esconder sua fragilidade.

— O que você acha que precisa ser resolvido primeiro? — ele perguntou.

— O chuveiro.

— E o que você tem de ferramentas pra instalar?

— Isto aqui — mostrou uma sacola com poucas ferramentas, claramente insuficientes.

Naquele instante, não era apenas sobre montar camas ou instalar chuveiros. Era sobre dignidade. Sobre acolhimento. Sobre reconhecer que até os mais fortes precisam de colo. E Andreia, mesmo cansada, estava ali, não como heroína, mas como irmã.

— Essas ferramentas não são suficientes. Mas sei quem pode nos ajudar. Só um momento — disse Rogério, já pegando o celular.

Após enviar a mensagem, começou a montar as camas com calma e precisão. O filho o ajudava, atento aos gestos do pai, como quem aprende mais do que técnica, aprende cuidado.

Não demorou, Caíque apareceu. Trazia uma caixa de ferramentas e um sorriso largo, como quem entende que ajudar também é uma forma de estar presente. O chuveiro foi instalado com agilidade, o fogão recebeu a mangueira do gás e a tomada foi ajustada para que o micro-ondas finalmente funcionasse.

Andreia, mesmo cansada, colaborou colocando algumas coisas no lugar. A casa começava a ganhar forma e, com ela, um pouco de paz.

Um entregador chegou com o almoço que Rogério havia encomendado. A comida quente trouxe alívio e aconchego.

Até Fábio, o adolescente quieto, contribuiu: instalou o videogame na televisão da sala, deixando Aline com um sorriso de ponta a ponta no rosto lindo.

A maioria das coisas encontrou seu lugar. O caos da mudança se dissolvia aos poucos e Tamires, junto da filha, respirava com mais leveza.

Já era noite quando pediram pizzas. Comeram juntos, riram, lavaram as louças com tranquilidade. A casa, antes desordenada, agora parecia acolher.

Rogério e o filho se despediram com carinho. Caíque ofereceu carona à Andreia. Agora moravam perto e o gesto parecia natural.

No caminho, ela olhou pela janela, pensativa. Depois, virou-se para ele e disse:

— Obrigada por me trazer e... muito obrigada por ajudar a minha irmã. Mudança é um momento tenso, estressante.

Caíque sorriu, sem pressa.

— É... Mas com gente certa por perto, tudo fica mais leve. A propósito, você nem deveria ajudar, por causa do seu estado — considerou com gentileza.

— Nem fiz muita coisa. Só organizei a cozinha. Coisa leve — respondeu Andreia, tentando minimizar.

— Os pais de vocês ou seu irmão... não podem ajudar?

— Meu irmão é um inútil — deixou escapar. Arrependeu-se no mesmo instante. Respirou fundo e reconsiderou: — Ah... desculpa falar assim. É que o Luan... nosso irmão... ele não está nem aí pra nada. — Fez uma pausa. O olhar se perdeu pela janela do veículo. — Quanto aos nossos pais... minha mãe está doente. Esta semana, meu pai descobriu que ela está com Alzheimer. — A emoção veio como uma onda. Andreia quase chorou. — Sabe... está sendo um período difícil. Não só pra mim, mas pra toda a família.

Ela sentiu como se estivesse desmoronando. Não havia desabafado com ninguém sobre aquilo. Guardava tudo. Sempre guardou.

A gravidez, que um dia foi esperança, agora era cercada de incertezas médicas e medo. O marido, antes amigo, agora parecia distante, como se tivesse erguido um muro que ela não conseguia escalar. Sua irmã, outrora forte, afundava nas ruínas de um casamento fracassado.

Mas nada a preparou para o que ouviu do pai: Alzheimer precoce.

Sua mãe. Aquela mulher de presença firme, que sempre soube o que dizer, o que fazer. Agora, desapareceria aos poucos, como uma fotografia exposta demais ao sol. Andreia sabia que seria triste. Sabia que seria lento. Sabia que doeria.

Sua mãe? Por quê? Não sabia responder.

Talvez tivesse puxado a mãe, que não chorava em público. Não gritava. Mas, agora, sentia que observaria o mundo como se estivesse dentro de uma redoma hermética onde os sons chegariam distorcidos e os rostos pareceriam borrados.

Ela contou tudo isso a Caíque, que ouviu com paciência. Mesmo considerando-o apenas como amigo, não falou nada sobre Sandro, nem sobre Maura, nem sobre as desconfianças que cresciam em relação à empresa. Apenas falou sobre sua mãe e o que sentia.

Sua voz saiu trêmula, quase infantil. E num sussurro de dor, admitiu:

— Não sei se aguento mais.

Naquele instante, Andreia não precisava de respostas. Precisava de escuta. E Caíque, com sua presença silenciosa e acolhedora, ofereceu exatamente isso.

Quando a viu um pouco mais recomposta, Caíque arriscou dizer:

— Você é forte, Andreia. E forte é quem tropeça, sofre, sangra... e continua caminhando. Mesmo quando não enxerga mais o caminho, continua caminhando.

Ela ergueu o olhar, tocada pelas palavras, mas ainda carregando o peso do que não conseguia dizer.

— Mas não é só isso. Desta vez... eu não sei se aguento. Não é só minha mãe doente, meu bebê com problema cardíaco, minha irmã com dificuldades... Não é só isso.

Caíque ligou a caminhonete com um gesto calmo, quase silencioso.

— Coloca o cinto — pediu com voz baixa.

— Para onde vamos? — perguntou, obedecendo mesmo assim.

— Conheço uma pizzaria. Sei que já comemos, mas vamos lá pra ficarmos mais tranquilos. Aqui, na frente da sua casa, fica complicado conversarmos sozinhos dentro do carro.

No lugar mencionado, uma pizzaria de luz amena, música baixa e discreta, escolheram uma mesa no canto. O ambiente era acolhedor, quase íntimo.

Andreia parecia inquieta, mas disfarçava bem. O corpo estava presente, mas a mente ainda vagava entre lembranças e preocupações.

Sério, Caíque a observou com respeito. Não pressionava, mas também não se afastava.

— O que está acontecendo de verdade, Andreia? — perguntou com generosidade, olhando em seus olhos. — O que está fazendo você duvidar da sua força?

Andreia fixou-se em seus olhos. Naquele instante, não era empresária, nem esposa, nem mãe. Era apenas uma mulher cansada, tentando segurar o mundo com mãos trêmulas. E Caíque, com sua presença firme e gentil, oferecia algo raro: espaço para ser frágil.

— Eu era forte. Firme. Dirigia uma indústria têxtil que eu mesma fundei. Tomava decisões duras todos os dias. Mas agora... tudo escorre pelos meus dedos — disse, suspirando fundo. Havia um peso em sua voz que não vinha só do cansaço, vinha da dor de quem está perdendo o controle da própria

vida. — O Sandro, meu marido... ele mudou. Mudou muito. E aquela mulher... minha amiga... está sempre perto demais dele — riu de nervoso, como quem tenta disfarçar a ironia amarga.

— Você está falando da Maura? — Caíque quis ter certeza.

— Ela mesma. Comecei a reparar nas trocas de olhares, nas risadas baixas. No interesse dele em ouvir os áudios que ela me mandava... Até as repetições! — enfatizou. — Algumas vezes, eu testei isso. Coloquei o áudio pra tocar quando ele se afastava... e ele voltava. A gente sente quando algo está errado. Mesmo que ninguém diga. — Olhou para Caíque com os olhos marejados, mas firmes. Prosseguiu: — Mudamos do apartamento para essa casa nova. Ele me convenceu de que seria melhor, mais fácil... mas não sei. Eu sinto que estou sendo empurrada para longe da minha própria vida. Para longe do meu trabalho. Da minha empresa. Como se eu estivesse sendo apagada aos poucos.

Pela primeira vez, Andreia deixou que o choro viesse de verdade. Não o choro contido, discreto. Mas o choro que revela feridas. Ela se permitiu se ver quebrada, machucada, ferida.

A luz do ambiente era fraca em tom de âmbar. A decoração em madeira criava sombras suaves e a mesa onde estavam era discreta, distante da porta e da vista. Uma coluna com arandelas pendentes encobria o espaço, como se o universo tivesse preparado aquele canto para que ela pudesse, enfim, desabar.

Estava longe de ser a mulher forte que todos conheciam. Era apenas alguém tentando se manter inteira em meio ao desmonte.

Paciente, ele manteve o olhar sobre ela e aguardou. Não houve julgamento nem crítica. Só presença.

— É como se eu estivesse me dissolvendo, Caíque... — disse Andreia com a voz embargada. — Deixando de existir. Sinto-me fraca, vazia... O Sandro está estranho. Frio. E a Maura... minha amiga — repetiu com ironia amarga. — Aquela que eu ajudei, contratei, confiei... Eu vi os dois. Vi os olhares que acham que ninguém percebe. — Ela se ajeitou na cadeira, respirou fundo,

tentando recuperar algum traço de dignidade que sentia ter perdido. — Mudamos de casa... — prosseguiu. — Ele me convenceu, mas eu não escolhi nada disso. Foi minha culpa não me manifestar. Deveria ter me posicionado. Mas, Caíque... — olhou para ele com olhos marejados — ninguém sabe a angústia que vivo desde que descobri que meu filho vai nascer e vai precisar de cirurgia cardíaca.

Fez uma pausa mais longa. A dor se espalhava por suas palavras. Até que confessou:

— Não durmo direito. Não tenho mais disponibilidade por causa dos médicos, dos exames... A empresa... Bem, eu me afastei por causa do bebê. Confiei no Sandro. Entreguei tudo a ele. Agora, sinto que algo está errado. Algo grave. — Andreia baixou os olhos, como quem busca dentro de si uma resposta que não vem. — A única coisa que sinto, que tenho... é essa sensação de que estou sendo apagada. Que estou me dissolvendo. Deixada de lado. Como se eu tivesse virado um fantasma da minha própria vida.

E, então, chorou... Sem contenção. Sem disfarce.

Caíque tocou sua mão com um gesto pequeno, mas cheio de significado ao dizer com firmeza serena:

— Você não está sozinha. Se quiser, podemos descobrir o que está acontecendo. Mas você precisa querer. E digo mais: precisa se preparar para o resultado.

Ela estremeceu. Sentiu que precisava de coragem para olhar a verdade.

A pizza chegou e a presença do garçom interrompeu o assunto. Caíque, com gentileza discreta, disse:

— Não precisa nos servir. Pode deixar na mesa. Obrigado.

— Por que pediu pizza? Já comemos na casa da Tamires.

— Fica tranquila. Essa também vai ser apreciada — ele sorriu. — Mas... você quer pensar a respeito?

Ela respirou fundo.

— Estou com medo, angustiada e insegura... mas eu quero a verdade. Você pode me ajudar sem se prejudicar?

— Claro. Eu te ajudo — respondeu com leveza. Um sorriso triste se formou no canto da boca, como quem já conhecia o peso da verdade.

Andreia tomou alguns goles de água e mergulhou no silêncio. O olhar perdido, como quem busca respostas no fundo do copo.

Ao vê-la consultar o relógio, o amigo perguntou:

— Quer ir embora?

— Quero.

Ele chamou o garçom e pediu para embrulhar a pizza para viagem. Em seguida, saíram.

No caminho, parou a caminhonete ao lado de um senhor em situação de rua. Entregou-lhe a pizza com um gesto simples, mas cheio de humanidade. Depois seguiram.

Ao estacionar em frente à casa de Andreia, ela permaneceu calada. Não desceu.

Caíque olhou ao redor. A casa modesta e discreta estava estranhamente silenciosa e apagada. Portões altos e simples. Janelas delicadas, mas com um ar triste. O jardim, sem plantas significativas, tinha apenas uma folhagem natural, como se refletisse o estado da alma de quem ali vivia.

Aquela casa não era apenas morada. Era espelho.

Dentro do veículo, Caíque ficou observando a fachada por longo tempo. A casa parecia calada, como se aguardasse algo.

— Obrigada — murmurou Andreia.

— Você está um pouco melhor?

— Estou — respondeu com um sorriso cansado.

Quando a viu tirar o cinto, ele desceu e abriu a porta, ajudando-a a descer da caminhonete.

— Obrigada — repetiu com voz baixa e leve sorriso. — Vai com Deus.

— Boa noite. Fica com Deus você também — ele se despediu.

Esperou que ela entrasse e seguiu.

Pouco depois, Sandro chegou. Entrou sem alarde, ocupado com alguma coisa.

— Oi — cumprimentou de longe.

— Oi — ela sussurrou. Não quis perguntar de onde ele vinha nem por que passou o domingo fora. Naquela manhã, ele disse que iria à academia. Ela, ao centro espírita. Tão somente isso.

Andreia não tinha mais energia para questionar. E isso doía. Doía na alma.

Sandro não enviou nenhuma mensagem durante o dia. Não sabia que ela também havia passado o dia fora. Não percebeu que a esposa havia chegado pouco antes dele.

Ela foi para o banho e o deixou no silêncio.

O marido a acompanhou com o olhar, estranhando a ausência de perguntas, o desvio do olhar, a falta de interesse. O silêncio.

Em pensamento, Sandro se questionou:

“O que aconteceu?” — não houve resposta. — “Droga!” — reclamou, incomodado com a casa estranha. Cada canto, cada espaço parecia fora de lugar. Não encontrava nada.

No plano espiritual, amigos que acompanharam Andreia desde o centro se aproximaram dele. Passaram-lhe energias salutares, retirando miasmas que o impregnavam pelo baixo nível de caráter.

Por um instante, Sandro sentiu-se diferente. Um toque de culpa pousou em seus sentimentos.

“A gente vivia bem... Como tudo foi acontecendo?” — pensou. — “Foi com a presença da Maura. Ela sempre se insinuou pra mim, mas... até eu ir pra empresa, não dei espaço. Droga. É... é isso. Como diretora financeira, ela ficou mais perto, mais íntima. Tivemos de conversar muito. Com a ausência da Andreia, era ela quem entendia do mundo corporativo, das decisões difíceis, dos relatórios que a Andreia não poderia mais acompanhar...”

Sabia que suas justificativas não passavam de desculpas. Tentativas de minimizar sua verdadeira culpa.

“A Andreia não aguentaria cuidar da empresa com tanta pressão por causa do bebê. Fiz o que deu... Se ela perdesse o controle da empresa, deixando-se levar pelas emoções... perderíamos tudo. Ela perderia tudo. De qualquer jeito, ficaria sem nada.” — tornou a pensar. Sentiu um nó na garganta. Um peso no coração. Não tinha coragem de nomear o que estava fazendo. Talvez porque isso tornaria tudo real demais.

E o nome disso seria... Traição.

Sandro sentia que a vida de casado havia escapado por uma fresta. E não sabia como fechar a porta.

A procuração que Andreia lhe entregou transformou-se em uma arma. Usada para vender a empresa que ela construiu com esforço e paixão.

Um golpe calculado. Uma traição silenciosa.

E ele não saberia explicar por que fez tudo aquilo.

“A venda da empresa... foi a Maura quem planejou, quem me envolveu. As coisas entre mim e ela não deveriam ter chegado aonde chegaram. No começo, era só uma conhecida. Um apoio profissional. Depois virou uma aventura... Droga! Em pensar que vendi o apartamento por aquele valor tão baixo só porque o comprador era irmão dela.” — seus pensamentos continuaram a fervilhar.

Naquele momento, Sandro percebeu que não poderia mais desfazer o que fez. Sentiu um arrependimento imensurável. Um remorso que doía fundo.

Ouviu um barulho vindo do banheiro. Olhou na direção.

E se perguntou, com medo e esperança:

“Seria bom conversar com Andreia? Assumir as consequências?”

Ela era corajosa. Sempre com ideias brilhantes.

Mas... seria possível perdoá-lo?

Andreia saiu do banho e se deparou com o marido em pé, na sala, exatamente no mesmo lugar onde o havia deixado. Estava imóvel, como se o tempo não tivesse passado para ele.

Ela estava sem expressão, como quem se vê diante de um jogo cujas regras não compreende e não tivesse interesse em compreender. O silêncio entre eles era denso, carregado de um peso que Sandro não sabia decifrar.

Ele se sentia confuso, perturbado. Como alguém que se atirou de um penhasco sem medir a altura. Agora, não sabia como voltar.

Com Maura, tudo parecia leve, intenso, diferente. Mas, naquele momento, algo se quebrava por dentro. Algo que ele não conseguia nomear.

As energias que envolviam Andreia, vindas de entidades bondosas e esclarecidas que a acompanhavam desde o centro espírita, afastaram os espíritos sem luz que se mantinham próximos a Sandro. Espíritos vingativos, ligados a ele por laços do passado. Espíritos infelizes, atraídos por sua conduta sem caráter.

A consciência de Sandro começou a experimentar arrependimento. Uma dor inexplicável. Antes, tinha tanta certeza. Agora, hesitava.

Andreia desviou o olhar e foi para a cozinha preparar um chá. Sandro, inquieto e incomodado, procurou algo alcoólico. Queria fugir da realidade. Fugir dos sentimentos ruins que começavam a emergir.

Ao vê-lo no sofá, na sala quase escura, ela perguntou:

— Bebendo uísque a essa hora? Em pleno domingo? Amanhã é segunda-feira.

— Por quê? É proibido? — respondeu com rudeza. Não queria ser repreendido. Desejava apenas se esconder.

Ela decidiu ignorá-lo. Deixou-o na penumbra, em companhia dos espíritos viciados em álcool que se aproximaram, novamente, vampirizando as energias exaladas pelo encarnado.

Andreia foi para o quarto. Fez sua prece com sinceridade e entrega. Seu mentor e os amigos espirituais a envolveram com luz e proteção. Seu desejo de amparo durante o sono foi atendido.

As energias abençoadas que a rodearam impediram que qualquer espírito malfeitor se aproximasse dela naquela noite.

Enquanto Andreia se elevava em luz que cultivava em silêncio, Sandro se afundava em sombras que ele mesmo havia criado.

Capítulo 20

Quando há missão e propósito

Nem toda dor é castigo. Às vezes, é o chamado

mais puro para o despertar da alma.



Era uma manhã fria e silenciosa. Andreia despertou com uma dor latejante na cabeça, como se o corpo lhe pedisse repouso e o espírito respostas. Tinha planos de ir à empresa, mas a gravidez impunha limites: não podia tomar qualquer medicação e sabia que a dor não se dissiparia com facilidade. Resolveu preparar um chá, buscando no calor da infusão algum alívio para o desconforto físico e talvez para o que ainda não sabia que doía.

Sandro havia saído antes de o sol nascer, como costumava fazer. A casa estava quieta, envolta numa paz que, naquele instante, parecia frágil demais.

Ao abrir os armários da cozinha, não encontrou o chá que desejava. Pensou em ir ao mercadinho próximo, seria uma caminhada breve, um respiro. Ao procurar sua bolsa no sofá, notou que a jaqueta do marido estava jogada

sobre ela. Ao afastá-la, sentiu um peso estranho em um dos bolsos. Curiosa, apalpou e retirou um celular.

Era um aparelho simples, modesto, diferente do que Sandro costumava usar. Ao tentar acessá-lo, deparou-se com um pedido de senha. E então, como se uma cortina se abrisse diante de seus olhos, uma suspeita antiga se fez presente com força:

“É esse o celular com que ele conversa com Maura?” — pensou, enquanto uma descarga de adrenalina percorria seu corpo, como um raio silencioso.

O coração acelerou. As mãos, antes firmes, agora tremiam.

“Foi por isso que o outro celular sempre esteve limpo, sem mensagens, sem rastros. Ele tem outro só para isso.” — A dor que sentiu não era física, era uma ferida na alma, profunda, sem nome. O ar pareceu mais frio, o tempo mais lento e o silêncio da sala tornou-se ensurdecedor.

Ela não precisou abrir o aparelho para entender. A ausência de provas no celular habitual agora fazia sentido. A traição não estava apenas nos gestos, mas na intenção de ocultar, de criar um esconderijo digital onde a verdade não pudesse alcançá-la.

Andreia sentiu-se mal. O peito apertou, como se o ar tivesse sido arrancado do ambiente. Suas mãos pálidas tremiam, não de frio, mas de incredulidade. E ali, naquele instante suspenso, compreendeu que a dor da descoberta não era apenas humana, era espiritual. Era o eco de uma alma que confiou, que amou e que agora precisava encontrar forças para seguir.

Seu coração, antes repleto de dúvidas, partia-se com a certeza daquela prova. Era como se cada batida ecoasse a voz de Sandro dizendo: “eu te traí.”

Ela sentou-se no sofá, segurando o celular nas mãos e ficou encarando-o, como se fosse um artefato amaldiçoado e olhou-o fixamente por longo tempo.

As lágrimas empoçaram em seus olhos, mas não caíram. Ficaram ali, presas, como ela, entre o choque e a dor.

Sentia que a traição não era apenas com o corpo, mas também com tudo o que ela acreditava ser verdadeiro: a confiança, a amizade, o companheirismo, os ideais...

Não se sentia apenas a mulher traída, estava também despedaçada. Num gesto impensado, apertou o celular entre as mãos frias e as levou ao peito, como se pudesse impedir a verdade. Mas era tarde. A verdade já havia se infiltrado por cada fresta da sua alma e destruído seu coração.

Grávida. Vulnerável.

Carregava dentro de si uma vida que já estava marcada por uma batalha.

O coração frágil do bebê exigia dela uma força que ela mal sabia de onde tirava.

Agora, a certeza da traição arrancou, sem piedade, essa mísera força que possuía.

Desejou morrer. Desejou sumir.

O ar lhe faltava.

Levantou-se. Foi até a janela e viu o mundo seguindo indiferente ao que lhe acontecia. O sol tentava transpassar as nuvens daquele dia nublado. Carros passavam. Vizinhos caminhavam. Tudo continuava.

Dentro dela, sentia que algo havia se quebrado com um forte estalo silencioso.

Não era só a dor da traição. Era o desespero. A crueldade de alguém que, sabendo do seu sofrimento e dos seus esforços, escolheu ignorar, escolheu mentir, escolheu ferir mais ainda. Escolheu a outra.

Eles tinham uma vida boa, feliz, sem brigas... Então, por quê? Por que ele fez isso?

Perguntas não faltavam.

Enfim, as lágrimas vieram. Não discretas, não contidas. Vieram como enxurrada, como se quisessem expulsar de si aquela dor de uma vez só.

Raiva... Medo... Pensamentos confusos...

Voltou para o sofá e jogou o celular sobre a jaqueta.

Sentou-se. Curvou-se, abraçando o próprio ventre, como se quisesse proteger o filho. Não só do mundo, mas também do pai.

Chorou por entender que não estava apenas sozinha, estava desamparada e isso doía mais do que qualquer traição. Não tinha para quem recorrer. Sentiu-se sem abrigo. Desejou um abraço.

Após um tempo, pegou o celular bloqueado com senha, colocou dentro de sua bolsa e saiu.



Andreia lembrou-se de uma loja de assistência técnica perto de sua casa. Dirigiu por algumas ruas e conseguiu estacionar bem perto do estabelecimento.

A fachada era simples. Uma placa desbotada tinha os dizeres: TecCell — Consertos e Desbloqueios.

Temerosa, entrou com passos hesitantes, segurando o celular como se fosse uma bomba-relógio.

Observou o ventilador girando preguiçosamente no teto. Reparou nele antes mesmo de ver um rapaz que estava lá. Era desnecessário. Estava frio. As hélices espalhavam o cheiro de café requentado e eletrônicos antigos.

— Oi... — ela cumprimentou tímida. Quando o viu olhar, perguntou: — Você consegue desbloquear um aparelho? Está com senha.

Da grande mesa no fundo, um rapaz de uns trinta e poucos anos levantou os olhos. Usava óculos tortos com lentes sujas e uma camiseta desbotada de um time de futebol, descosturada na gola.

— Oi... — ele respondeu devagar e comentou: — Depende do modelo... — falou sem levantar da cadeira giratória. Mexeu nos cabelos desgrenhados e quis saber: — É seu?

Andreia hesitou. Não era, mas também não poderia dizer isso.

— É importante. É... do meu irmão. Ele está internado e sem lucidez — mentiu. Nem ela mesma saberia dizer como conseguiu forças para mentir. Não fazia isso.

Mesmo percebendo a mentira, o rapaz não insistiu em querer saber mais nada. Levantou-se, foi até o balcão e pegou o celular com cuidado, como se recebesse um segredo.

— Se fosse um modelo recente seria complicado, mas este é antigo e... Desta marca... Pode ser moleza. — Sorriu, um sorriso com o canto da boca. — Quer manter os dados? — olhou-a por sobre os óculos.

— Sim, principalmente, as mensagens e as fotos.

— Certo... — Ele foi para trás de uma mesa e já conectou o aparelho ao notebook, sobre ela.

Andreia percebeu os dedos do rapaz dançando sobre o teclado, abrindo janelas e digitando comandos. Observou tudo em silêncio e coração acelerado.

De onde estava, ele explicou:

— Tem um software que pode contornar a tela de bloqueio sem apagar nada... — Pegando um papel, onde escreveu algo, foi até o balcão e estendeu para ela, dizendo: — Este é o preço pra desbloquear. E o

pagamento tem de ser em dinheiro porque esse software não é oficial, claro. Mas vai funcionar. Se o sistema não estiver criptografado, consigo acessar.

— Certo. Pago em dinheiro. Vai demorar?

— Cerca de uma hora... Talvez menos. Se quiser esperar... Tem café ali no canto, perto da cadeira.

— Volto em uma hora com o dinheiro para pegar o aparelho. Pode ser?

— Certo. Mas se tiver criptografado é metade do preço.

— Combinado.

Decorrida uma hora, retornou e ainda encontrou o rapaz trabalhando concentrado, murmurando coisas que ela não entendia. Até que, finalmente, o celular vibrou. A tela inicial apareceu limpa, como se nunca tivesse estado bloqueada.

— Pronto — disse ele, empurrando o aparelho sobre o balcão, na direção dela. — Mensagens, fotos, tudo intacto.

Andreia contou nota por nota, colocando todo o valor sobre o balcão e pegou o aparelho.

Enquanto segurava o dinheiro, o rapaz falou:

— Cuidado com o que você procura. Nem todo o mundo está pronto para saber certas coisas. Digo isso por causa do seu estado.

— Pode deixar. Obrigada — disse num fio de voz, num murmúrio.

— Nunca te vi e... Não me venha dizer o que encontrou. Prefiro continuar dormindo tranquilo.

— Obrigada. Tchau.

— Até...



Algum tempo havia se passado.

Andreia, ainda envolta em pensamentos insistentes, entrou na loja de autopeças com passos suaves e olhar atento.

— Meu nome é Andreia. Por gentileza, poderia falar com o Caíque? — disse com voz serena, mas firme.

A atendente, cordial, pediu que aguardasse. Não demorou para que Eduardo surgisse com um sorriso largo que parecia iluminar o ambiente.

— Oi, Andreia! — saudou com entusiasmo sincero. — Finalmente nos encontramos!

— Eduardo?!... Nossa!... — ela sorriu, surpresa e encantada com a coincidência.

— Já sei... Continuo com a cara do meu irmão — brincou, estendendo a mão.

Ela apertou a dele com gentileza.

— Sim. Precisei olhar duas vezes para não me enganar — respondeu, tentando disfarçar a emoção com um sorriso contido.

— O Caíque não está. Que pena... — disse, olhando ao redor. — Venha, vamos até a lanchonete. Podemos esperá-lo enquanto tomamos um café ou se tiver algo que eu possa te ajudar, é só dizer — completou com um olhar acolhedor.

— Aceito um chá. Estou evitando café — respondeu com delicadeza.

Na lanchonete, que se escondia discretamente no interior da grande loja, Andreia acomodou-se a uma mesa de canto. Eduardo, solícito, trouxe um chá fumegante para ela e um café para si.

— O que deseja comer? Temos algumas opções ali...

— Não, nada. Obrigada — disse com um sorriso gentil.

Sentando-se à sua frente, Eduardo comentou com naturalidade:

— Quanto tempo, hein? Quando o Caíque me disse que a Kátia, nossa irmã, trabalhava na sua empresa, eu nem acreditei.

— Pois é... Mundo pequeno, né? — respondeu Andreia com um tom tímido, enquanto sua mente já buscava uma forma de justificar sua presença ali. Sabia que a pergunta viria e, com ela, talvez a necessidade de revelar mais do que gostaria naquele momento.

— Fiquei feliz em saber que você tem uma indústria têxtil — disse Eduardo, com um sorriso sempre presente, como quem fala com genuína admiração. — Embora eu não entenda nada do assunto, minha irmã comentou que o seu trabalho é muito bonito.

— Gosto bastante do que faço — respondeu Andreia com um brilho discreto nos olhos. — Apesar de estar afastada no momento... por causa da gravidez. — Fez uma pausa, como quem pondera se deve ou não continuar. — Na verdade, não é exatamente pela gravidez em si... é que...

Eduardo não a apressou. Apenas a olhou com atenção e respeito, oferecendo silêncio como espaço seguro.

— É que meu filho tem um problema no coração — ela disse, enfim. Com a voz embargada de emoção contida, contou tudo. — ...e as consultas, os exames, os cuidados... tudo isso me afastou da empresa.

O sorriso de Eduardo se desfez, dando lugar a uma expressão de empatia profunda.

— Isso exige muito mais do que tempo — disse ele com um tom mais grave. — Exige do emocional, da alma. Eu imagino a sua angústia, as horas de pesquisa tentando entender o diagnóstico, as escolhas difíceis entre médicos, os exames intermináveis... até as brigas com o plano de saúde, que oferece um profissional em quem você não confia, enquanto o que você acredita ser o melhor está fora do alcance. É desgastante. Esgota o corpo, o coração, a esperança. Ninguém pode exigir que você esteja à frente de uma empresa enquanto vive tudo isso. E, se sobra algum tempo, ele é usado para tentar respirar... ou simplesmente fugir do mundo.

Andreia o encarou, surpresa. Como ele podia compreender tanto, sem ter vivido nada daquilo ao seu lado? Nem mesmo amigos próximos, nem mesmo Sandro, seu marido, haviam demonstrado tamanha sensibilidade.

Eduardo, com um sorriso fraco, mas sincero, completou:

— Sinto muito por tudo isso. Pelo bebê, por você. Mas... acredito que vocês dois têm força e coragem para atravessarem essa prova. Ou talvez... essa missão.

— Missão? — ela repetiu com um misto de curiosidade e dor. — Eu creio, de verdade, que eu e meu filho estamos pagando caro por erros do passado. Mas... Missão? Como?

Eduardo inclinou levemente a cabeça, como quem compreende sem julgar.

— O Caíque me contou que você começou a frequentar uma casa espírita, não foi? — perguntou com doçura na voz, como quem oferece uma ponte, não uma doutrina.

— Sim... As palestras têm me ajudado a entender algumas coisas. Também estou lendo bastante, o que ocupa minha mente com o que é bom e saudável. Porque quando os pensamentos ficam vagando, a dor parece crescer. As palestras pela internet também têm sido boas. Estou ganhando bastante conhecimento. Mas, às vezes, a dor fala mais alto que a fé. — fez breve pausa. — ... os romances mediúnicos ajudam — sorriu com leveza.

— O romance mediúnico costuma ser a porta de entrada para muita gente conhecer a Doutrina Espírita. E é justamente aí que a fé começa a se revelar — disse ele com serenidade. — Mas o estudo dos livros da Codificação é o que traz os ensinamentos mais profundos sobre o Espiritismo. Não estou desmerecendo os romances — sorriu gentilmente. — Mas eles não têm tudo o que precisamos para compreender a vida e o nosso propósito. Os livros da Codificação expandem os conceitos elevados à nossa consciência, oferecem alicerce emocional, moral e espiritual. E isso fortalece nossa vontade de evoluir com bons pensamentos, palavras e ações.

— Nossa... ouvir você falando é como ouvir o Caíque.

Eduardo riu com suavidade e prosseguiu:

— Respondendo à sua pergunta... sobre eu ter dito prova ou missão... É assim: reencarnamos para evoluir. Sempre evoluímos, mesmo quando adquirimos algum débito ou desarmonizamos algo. A experiência na vida terrena sempre ensina alguma coisa. Então, evoluímos nem que seja um tiquinho — disse, sorrindo. — Podemos reencarnar com alguma expiação, prova ou até missão. Dentro do conceito de que Deus é justo e bom, lembrando que primeiro Deus é justo, porque quem não é justo não pode ser bom.

Eduardo sorriu mais uma vez e continuou:

— Então, dentro dessa lógica, não podemos aceitar a ideia tradicional de punição. Por exemplo: alguém nasce com um problema de saúde é porque Deus quis assim? Isso seria atribuir a Deus um traço de crueldade, não acha? Onde estaria a misericórdia Divina diante da miséria de uns e da abundância de outros? Onde estaria a justiça?

— É verdade — ela concordou.

— Na filosofia Espírita, a expiação é um processo educativo e reparador. Nunca um castigo. E o que seria essa educação e reparação de um erro? — perguntou, mas não esperou resposta. — É quando o espírito, encarnado ou desencarnado, vivencia situações difíceis semelhantes às consequências de suas ações equivocadas, cometidas em vidas passadas ou na atual. Essas

experiências acontecem para proporcionar aprendizado, ou seja, educação e transformação moral, reparando o que foi feito de errado.

— É a chamada Lei de Causa e Efeito: toda ação gera uma reação. A expiação é uma forma de o espírito experimentar os efeitos de seus próprios atos, compreendê-los e, assim, reeducar-se — Andreia falou, mostrando que já sabia.

— Exatamente. Mas existe diferença entre expiação e prova. A expiação está ligada às consequências de erros passados. A pessoa vivencia o que fez ao outro. É uma harmonização com a própria consciência e com a Lei de Deus. Já as provações são desafios que testam o ser, mesmo que ele não tenha cometido faltas. Servem para fortalecer e desenvolver virtudes. Por exemplo: muitos de nós estamos sendo provados para adquirir paciência, neste mundo moderno, convivendo com parentes ou pessoas difíceis. — Sorriu.

— Nem me fala... — Ela riu.

— O Espiritismo explica que não existem penas eternas. Sendo Deus justo e bom, é inadmissível que haja qualquer sofrimento eterno. Portanto, tudo passa. Todo sofrimento acaba. A expiação é temporária e proporcional ao erro cometido. O objetivo é o aprendizado do ser, visando ao seu progresso, nunca à sua condenação.

— Interessante. Já ouvi sobre isso, mas você me explicou bem melhor.

— Aprendemos por repetição, por isso é sempre bom ouvirmos sobre o mesmo assunto — disse e sorriu com generosidade. — Conforme nos ensina a Doutrina Espírita, o planeta Terra é classificado como mundo de provas e expiações, ou seja, é um lugar onde reencarnam espíritos para aprender, reparar e evoluir.

Eduardo fez uma breve pausa antes de continuar:

— Já a missão... O entendimento de espírito missionário, no Espiritismo, é bem diferente daquele que está em processo de provas e expiações.

— O que é espírito missionário?

— Um espírito que é somente missionário é aquele que, por já ter alcançado certo grau de evolução moral e intelectual, reencarna com uma tarefa específica voltada ao bem de um grupo ou do coletivo. Nessa encarnação, sua missão não é para reparar erros do passado, mas para ajudar outros a evoluir. Geralmente, são espíritos que já superaram muitas etapas de aprendizado. Sua tarefa é definida antes da encarnação, no planejamento reencarnatório. Eles aceitam experiências e desafios difíceis, muitas vezes, em condições hostis para promover o progresso espiritual, moral ou intelectual de um grupo ou da sociedade. Suas ações costumam ser altruístas, guiadas pela caridade e pela sabedoria. Mesmo diante das dificuldades, mantêm a serenidade e o compromisso com o bem. Muitos não têm consciência plena da missão que carregam, só a compreendem após desencarnarem.

— Interessante — Andreia estava atenta. Gostava da explicação.

— O Evangelho Segundo o Espiritismo diz: “os verdadeiros missionários de Deus ignoram a si mesmos em sua maior parte.” Eles não se anunciam como enviados Divinos. São reconhecidos pelos frutos que deixam: ideias transformadoras, atitudes inspiradoras, exemplos de vida. — Eduardo disse. — O maior exemplo de espírito missionário que temos é Jesus, sem dúvida. Mas também existem outros... Allan Kardec, cuja missão foi trazer luz ao entendimento espiritual, Chico Xavier, Buda, Francisco de Assis, São Tomás de Aquino... e muitos outros. O Espiritismo reconhece que, ao longo da história, diversos espíritos reencarnaram com o propósito de iluminar a humanidade com conhecimento, ética e espiritualidade, mesmo atuando em contextos religiosos diferentes da Doutrina Espírita.

— Gosto muito das filosofias de São Tomás de Aquino — comentou Andreia. — Já li muita coisa dele.

— São Tomás de Aquino foi um dos maiores teólogos e filósofos da história. Sua obra, especialmente, a Suma Teológica, buscou conciliar fé e razão, promovendo uma visão profunda e estruturada da espiritualidade cristã. Uma de suas frases mais conhecidas é: “A humildade é o primeiro degrau para a sabedoria.” — Eduardo ofereceu breve silêncio. — Ao

sintetizar o pensamento cristão e valorizar o uso da razão, Tomás de Aquino contribuiu significativamente para a evolução intelectual e moral de seu tempo. Embora o Espiritismo não canonize figuras históricas, reconhece que muitos sábios, filósofos e reformadores como Sócrates, Platão, Buda e outros podem ter sido enviados com missões específicas de esclarecimento e elevação espiritual.

— Entendi. É verdade.

— Alguns estudiosos espíritas consideram Tomás de Aquino um precursor da Terceira Revelação, que é o Espiritismo, por sua busca pela verdade espiritual e pela integração entre razão e fé. Ele foi um dos maiores pensadores da Escolástica medieval e sua obra continua influenciando profundamente a filosofia, a teologia e até correntes contemporâneas do pensamento.[1] Isso não significa que ele fosse espírita, até porque o Espiritismo só foi codificado séculos depois. Suas ideias e sua busca pela verdade espiritual ajudaram a preparar o terreno, por assim dizer, para uma compreensão mais ampla da vida espiritual.

— Pelo pouco que conheço... refletindo agora, vejo que é verdade.

Eduardo sorriu, levantou-se, foi até o balcão da lanchonete e retornou com duas garrafas de água e dois copos. Serviu-a e se serviu.

— Obrigada — Andreia agradeceu.

— Continuando a falar sobre missão... — disse Eduardo com olhar reflexivo. — Existem espíritos que reencarnam, por um curto período, com tarefas específicas e transformadoras, e também podem ser considerados espíritos com missão, espíritos missionários. Mesmo que sua tarefa não envolva grandes feitos públicos ou notoriedade diante da humanidade.

Fez uma breve pausa, pensou e prosseguiu:

— No Espiritismo, a missão é medida pela profundidade do impacto moral e espiritual, não pela duração ou visibilidade. Por isso, há espíritos missionários com encarnações breves ou não. As missões não precisam ser grandiosas. Um espírito pode ter como missão apenas despertar o amor, a

fé, a reforma íntima dentro de um grupo familiar. Isso pode acontecer por meio de uma encarnação curta, como a de um bebê que vive poucos dias ou meses. Ou como a de uma criança que nasce com algum problema, seja ele qual for, e vive por anos necessitando de cuidados constantes, cuja presença transforma profundamente os pais e familiares. Ele se torna um instrumento de despertar espiritual.

Deixou-a refletir por algum tempo, depois prosseguiu:

— Muitas vezes, os desafios, a dor e o sofrimento provocados pelo contato com uma criança especial ou pela convivência com alguém que traz uma luz diferente levam os envolvidos a buscar respostas espirituais, já que o intelecto não oferece explicações satisfatórias. Intelectualmente, não encontramos respostas lúcidas para certas situações. Mas as respostas espiritualizadas trazem sentido. Todos os envolvidos são convidados a mudar hábitos, rever rotinas, valorizar a vida e se reconectar com Deus, se não quiserem sucumbir ao desespero, à exaustão, à desistência. Esses espíritos, geralmente, mais evoluídos, aceitam voluntariamente essas missões. Porém, isso não é comum. Eles sabem que sua passagem por aquele grupo familiar terá um efeito profundo, mesmo que não sejam notados ou lembrados pela sociedade.

Eduardo ofereceu longa pausa. Por não ser questionado, continuou:

— Um espírito que aceita reencarnar com a missão de unir os pais, encaminhá-los ao conhecimento de Deus e da espiritualidade, quebrar ciclos de egoísmo e materialismo... está cumprindo uma missão silenciosa, mas poderosa. Em O Livro dos Espíritos, Kardec afirma: “As missões dos Espíritos correspondem às suas capacidades e à sua elevação moral. Há missões de todos os tipos: desde as mais simples até as mais sublimes.” Não é o tempo de vida ou o prestígio que define a missão, mas o propósito espiritual e o bem que ela promove.

Olhando-a nos olhos, afirmou:

— Por isso, Andreia, não se julgue. Não se classifique. Não se entregue a ideias sem base ou conhecimento. Busque transformar sua dor em algo que

transcenda o sofrimento e revele um propósito espiritual profundo e elevado.

Ela respirou fundo, tocada pelas palavras.

— Obrigada pelos ensinamentos. Eu não sabia de muita coisa e... tinha entendido que meu bebê, o João, que nós dois... estávamos passando por uma expiação. Nunca pensei na possibilidade de uma missão dele... para que progredíssemos juntos. Para que a família progredisse.

— O filho que você carrega, mesmo com o coração frágil, pulsa com uma força viva e linda que não compreendemos. Ele está aí provando que pode, provando que, apesar dos pesares, encontra forças para pulsar. Na vida de vocês dois há missão e propósito.

Nesse instante, algo mudou dentro dela.

A dor da traição, embora ainda latejante, começou a se misturar com uma sensação estranha, como se uma presença suave a envolvesse.

Não era consolo. Era compreensão. Como se, por um breve momento, ela pudesse sentir o espírito do bebê falando com ela. Não com palavras, mas com uma vibração silenciosa e profunda que lhe transmitia força.

Andreia respirou fundo e envolveu o próprio ventre com as mãos, olhando-o enquanto o afagava com ternura.

Eduardo sorriu. Para ele, a cena era linda.

Foi nesse momento que ela compreendeu: o filho não vinha apenas para viver seu tempo. Vinha para ensiná-la, para conduzi-la, para despertá-la. Sentiu, com clareza, que sua existência era uma missão. Teve certeza disso.

Ele seria a ferramenta de uma transformação que ela jamais teria enfrentado sozinha.

A traição, a dor, o abandono... tudo aquilo ganhava um novo contorno agora.

Não era apenas sofrimento. Era o início de uma jornada espiritual.

O bebê, mesmo antes de nascer, já cumpria seu papel: revelar verdades, quebrar ilusões, abrir caminhos para o amor verdadeiro, aquele que começa dentro de si.

Lágrimas escorreram por seu rosto, mas desta vez com outra textura: suave.

Sentia uma dor misturada com reverência, com gratidão. Porque agora sabia: aquele pequeno ser, com um coração imperfeito, havia vindo com uma missão perfeita. Porque seu coração era de luz.

---

1 Nota: São Tomás de Aquino nasceu em 1225, na cidade de Roccasecca, na região do Lácio, então parte do Reino da Sicília, Itália. Faleceu em 7 de março de 1274, na Abadia de Fossanova, também na Itália.

Capítulo 21

Quando a coragem se impõe

Algumas amizades dormem no tempo. Outras acordam

no momento exato em que a alma clama por socorro.



Eduardo permaneceu em silêncio, oferecendo à Andreia o tempo que ela precisasse para mergulhar em seus próprios pensamentos. Respeitava o sagrado momento de uma alma em reconstrução.

O silêncio se estendeu como um véu entre os dois, até que, com a voz emocionada, ela enfim falou:

— Algumas peças começaram a se encaixar dentro de mim, depois do que você disse. Sempre tive dúvidas sobre ser mãe. Havia, em mim, uma insegurança silenciosa, um medo que eu não sabia nomear. E, sem entender bem por que, permiti que a maternidade acontecesse... mesmo ao lado de um homem que, hoje, percebo, era imaturo. Quando essa imaturidade se revelou em irresponsabilidade, senti raiva... e uma dor profunda. Era como se, de repente, eu estivesse só, sem apoio, sem chão. — Ela respirou fundo,

os olhos marejados, mas firmes nos dele. — Quando descobrimos a cardiopatia do João, tudo desabou. Senti um arrependimento que me dilacerava, não por ele, jamais por ele, mas por me ver tão desamparada, tão sem proteção... Foi como se a mulher forte e decidida que eu sempre fui tivesse se dissolvido. Restou uma versão minha que eu mal reconhecia: frágil, vulnerável, abandonada.

Ela fez uma pausa, como quem busca fôlego na alma, e ele disse:

— Eu te compreendo. Mas não tinha como você agir diferente. Você é humana. Tem sentimentos e necessidades.

— Mas, sozinha... Fica tudo muito difícil... — Andreia explicou. — Com o restinho de fé que me restava, fui em busca de respostas. E encontrei luz na Doutrina Espírita. O Espiritismo clareou minha consciência, como o sol que rompe a névoa da madrugada. A cada estudo, a cada leitura, fui me reerguendo, um pouquinho por dia. Descobri verdades que me acolheram, como essas que você acabou de compartilhar comigo. São elas que me sustentam, que me devolvem a esperança.

Diante da pausa carregada de emoção, Eduardo, com ternura e respeito, começou a falar:

— É por isso, Andreia, que o estudo da Doutrina Espírita é tão valioso. Ele nos oferece luz onde antes havia sombra, esclarecendo os caminhos da reforma íntima, da elevação moral, da aceitação serena, da fé que raciocina e da esperança que sustenta. São ensinamentos profundamente cristãos, que nos convidam à evolução, não pela imposição, mas pelo despertar da consciência. Se hoje sofremos, por qualquer razão que seja, podemos reeducar nossos pensamentos, palavras e atitudes. O sofrimento não é castigo, mas convite à transformação. E quando compreendi que minha felicidade futura depende das escolhas que faço agora, que minha paz de amanhã nasce das sementes que planto hoje... tudo se tornou mais claro, mais leve.

— Entendi... — disse com olhar fixo nele.

— Quando surgia, em mim, um pensamento de discórdia, uma emoção de raiva ou contrariedade, eu aprendia a parar — Eduardo tornou a contar. — Respirava fundo, como quem mergulha na própria alma, e dizia a mim mesmo: Vou agir com paz. Porque a paz que escolho agora é a ponte para a felicidade verdadeira.

Ele fez uma pausa maior, oferecendo à Andreia o silêncio necessário para que aquelas palavras encontrassem morada em seu coração.

— Como tudo na vida é treino — ele prosseguiu —, aprendemos por repetição, por esforço, por vontade. No início, precisei me forçar a ter esse tipo de atitude. Era como exercitar um músculo que nunca havia sido usado. Mas, com o tempo, essas escolhas se tornaram naturais. Hoje, meus pensamentos, minhas palavras e minhas ações fluem com mais serenidade. E isso transformou minha vida. Voltei a dormir em paz, com a consciência tranquila e o coração mais leve.

— E... quando alguém te fere profundamente? — perguntou Andreia, com os olhos marejados. — Quando te machuca, te engana, te trai... Como não sentir? Como não sofrer? Como não se desesperar, se ainda há dependência, afeto, necessidade?

Eduardo refletiu por um instante, como quem busca palavras sensatas, e respondeu:

— Diante de uma dor assim, não há como não sentir. Não há como fingir que está tudo bem. A dor existe e negar isso seria negar nossa própria humanidade. Só alguém desconectado da própria essência poderia dizer que não sofre diante da traição, da injustiça, da decepção. — Viu-a atenta. Fez uma pausa breve, respeitosa e continuou com ternura: — Nós, seres humanos, sentimos. E isso é natural. O que não podemos é permitir que esse sofrimento nos consuma, nos transforme em algo que não somos. Não podemos deixar que a dor nos roube a dignidade, a bondade, a luz que ainda pulsa dentro de nós. A decepção pode nos abalar, mas também pode nos ensinar. E é aí que mora a chave: transformar a dor em força e essa força em atitudes que nos elevem, a nós e aos que nos cercam.

— Mas... E essa dor?

— A dor não desaparece de repente. Ela se dissolve aos poucos. Fica a lembrança sim. Mas fica o aprendizado. Se agirmos com retidão, com coragem e fé, o que permanece é o orgulho íntimo de não termos nos rendido à amargura, de não termos estacionado no tempo, desperdiçando a chance de evoluir.

Viu os olhos dela brilharem com uma luz serena e ainda explicou:

— O Espiritismo me ensinou algo precioso: às vezes caminhamos, às vezes rastejamos... mas o importante é seguir em frente. Nunca parar. Nunca deixar de acreditar. Essa fé silenciosa, essa esperança persistente são como uma chama que não se apaga. Ela nos alimenta, nos acalma, nos devolve a paz.

Nesse instante, tocada pela profundidade das palavras, sentiu um impulso no coração e decidiu contar:

— Minha mãe está com Alzheimer... — começou Andreia com a voz embargada. — Minha irmã se divorciou e perdeu tudo o que construiu. Está vivendo uma fase difícil. Meu irmão... é ausente, inútil. E eu... Eu tenho uma empresa que ergui com esforço, com sonhos. Mas, por causa da condição do meu bebê, precisei me afastar. Deixei tudo nas mãos do Sandro, meu marido. — Ela respirou fundo, tentando conter a avalanche de sentimentos. — Quando fundei a empresa, dei uma oportunidade à Maura, minha amiga do Ensino Médio. Você deve se lembrar dela... Hoje é diretora financeira da minha indústria têxtil.

— Lembro dela sim.

— Comecei a desconfiar. Sandro, imaturo e fraco, está tendo um caso com a Maura... minha melhor amiga — disse com um riso amargo, quase sem vida.

— Tem certeza?

— Tinha apenas suspeitas. O celular dele sempre foi aberto, sem senha. Nunca encontrei nada. Mas hoje... Hoje encontrei outro aparelho, escondido no bolso da jaqueta. Bloqueado. Com senha.

— Mas isso não prova nada... Pode ser que ele tenha achado esse celular. Você perguntou?

— Claro que não. Porque ele mentiria. Como já mentiu antes. Diria que achou na empresa, que estava prestes a devolver. Mas eu... eu fui até uma lojinha de conserto. Pedi ao rapaz que desbloqueasse. E ele fez.

Andreia baixou os olhos. As lágrimas começaram a escorrer, silenciosas, como se carregassem o peso de tudo o que ela não conseguia dizer.

— Eu vi... fotos. Muitas fotos. Mensagens incontáveis. Encontros marcados. Conversas íntimas. Só entre Sandro e Maura. E também... vídeos. Não consegui assistir até o fim. Mas não foi só isso. Descobri que ele vendeu nosso antigo apartamento para o irmão dela por um valor irrisório. E... vendeu a minha empresa. Vendeu para um amigo do pai dele.

Eduardo arregalou os olhos, incrédulo.

— Como ele conseguiu vender? Foi só a parte dele?

— Não... toda a empresa. Por causa do meu estado, das idas aos médicos, ele me convenceu a assinar uma Procuração com Poderes Gerais e Irrestritos. É... Pode me chamar de burra... — disse desabando em lágrimas.

Eduardo compreendeu. A trama era clara. Um golpe frio, disfarçado de legalidade. No papel, tudo parecia legítimo. Na prática, uma traição calculada. O valor da venda, certamente, subfaturado. O pagamento, simbólico. Sem garantias, sem cláusulas, sem notificações. Um plano para descapitalizar a empresa, transferi-la a um terceiro e, após o divórcio, reassumir como funcionário, alegando não ser mais proprietário.

Andreia, grávida de um bebê cardiopata, foi deixada à margem. Emocionalmente exaurida, juridicamente desarmada. O homem que deveria protegê-la usou sua vulnerabilidade para arrancar-lhe tudo o que construiu.

Maura, cúmplice silenciosa, permanecia na diretoria financeira, sustentando a narrativa de Sandro com registros cuidadosamente manipulados.

O golpe não foi apenas empresarial. Foi moral. Foi afetivo. Foi humano. Um ataque à dignidade de uma mulher que, entre exames e noites insones, jamais imaginou que o maior risco à sua vida não estaria no hospital... mas dentro de casa.

Eduardo permaneceu em silêncio. Seu olhar fixo em Andreia, que não o encarava. O semblante dele era de indignação, mas também de determinação.

— Isso não pode ficar assim, Andreia. Você ainda tem mais força do que imagina — disse Eduardo com firmeza serena.

Ela não respondeu. Desviava o olhar, como quem aceita a dor por não enxergar saída. Mas havia algo nela que resistia. Uma centelha acesa no peito, mesmo sob o peso do mundo nos ombros.

— Você precisa de um advogado, certo?

— O Sandro me deu um golpe... — murmurou, bebendo um gole de água. — Passei a ele uma Procuração com Poderes Gerais... Não sei como tive coragem de contar tudo isso pra você. Afinal... há tantos anos não nos vemos. Na escola, nem amigos éramos.

— Ora... Crescemos. Somos maduros hoje. Você contou porque tudo está transbordando. Você chegou ao limite.

Ela concordou com um sorriso triste.

— Fiquei tão cega, tão perturbada quando vi o que havia no celular que... só pensei em procurar o Caíque. Precisava falar com alguém.

— Foi bom desabafar, Andreia.

— Foi... — disse com um suspiro.

— E agora? O que vai fazer?

— Confrontar o Sandro. Pedir o divórcio. Procurar um advogado, claro. Mas... pelo que entendo, não sei se tenho chance de reverter essa situação.

— Se eu puder te ajudar de alguma forma, é só dizer.

— Obrigada, Eduardo. — Sorriu timidamente. — Estou me sentindo quebrada, no momento. Acho melhor eu ir. Você precisa trabalhar e eu...

— Nada disso. Vamos almoçar.

— Não. Obrigada. Fica pra outro dia — disse, levantando-se.

Despediram-se de modo discreto. Fizeram a promessa de se ver novamente e ela se foi.

No estacionamento, ao sair da loja de autopeças, Andreia viu um senhor em situação de rua sentado na calçada. Ele a olhou com olhos cansados, mas vivos.

Ela se aproximou, tirou da bolsa uma nota de dinheiro e, num gesto silencioso, retirou a aliança de casamento do dedo e entregou ao homem.

No carro, olhou para o anel de ouro que ainda restava na mão direita. Era um presente do pai, dado quando completou quinze anos. Um símbolo de amor, de proteção, de raízes.

Desejou encontrá-lo. Contar tudo. Mas sabia que não podia. Seu pai já carregava dores demais.

Ligou o carro. E foi para casa.

Algo havia mudado. A aliança deixada para trás não era apenas um objeto. Era um rito de passagem. Um adeus à ilusão. Um passo em direção à liberdade.



Ao chegar... A casa estava em silêncio.

Andreia sentou-se na poltrona da sala que estava na penumbra. O celular desbloqueado sobre a mesa de centro, como uma bomba prestes a explodir.

Quando Sandro entrou, jogando as chaves sobre o aparador, ela não se levantou. Apenas observou.

— Precisamos conversar — disse Andreia com voz firme, mas baixa.

Ele franziu a testa, desconfiado, tentando se esquivar.

— Agora não, Andreia. Tô exausto.

— Eu também. Mas não é de hoje.

Sandro parou. O tom na voz da esposa era diferente: calmo, frio, firme.

— O que foi? — perguntou com modos rudes.

Ela empurrou o celular em sua direção.

— Reconhece esse aparelho? — indagou com frieza.

Sandro hesitou. Procurou por aquele celular o dia inteiro. Acreditou que havia perdido, mas não sabia dizer onde.

— É... O que tem esse aparelho? — ele indagou com temor, na esperança de que a mulher não tivesse desbloqueado.

— Não era pra estar comigo, né? — Longo silêncio. Fria, ela continuou: — Eu vi as mensagens... As fotos... Os vídeos... não todos. Não consegui. Mas vi o suficiente.

Quando ela se levantou, Sandro tentou se aproximar, dizendo:

— Andreia, eu posso explicar...

— Não precisa — foi firme, mas sem gritar. — Já entendi tudo. Você me traiu com a minha melhor amiga, enquanto eu lutava pra manter o nosso filho vivo.

Ele desviou o olhar.

Andreia estava ferida, mas não derrotada, encarando o homem que a traiu em todos os sentidos. Apesar da fragilidade, fazia-se firme, apesar da dor, mantinha o equilíbrio e a dignidade.

— Quero que vá embora, agora. Não se dê ao trabalho de pegar suas coisas. Vou juntar tudo e, em outro momento, você passa e pega.

— Mas, Andreia...

— Não tem mas. Diante do que você fez, não tem mas! — Lágrimas escorreram em seu rosto e ela as secou com as mãos. Ela o interrompeu sem elevar a voz, porém com firmeza que fez Sandro recuar um passo. — Quando a alma desperta, nem a mentira mais bem contada consegue ficar de pé. Diante de tudo o que fez, não tem mas. Não tem mais nada, Sandro. Você não acabou só com a sua vida, acabou com a minha também.

Disse isso sem descontrole.

Havia dor, mas também clareza cortante.

— Você me deixou sozinha, grávida, enfrentando exames, diagnósticos, médicos, planejando cirurgias... Enquanto se divertia com a minha melhor amiga — sorriu com ironia.

— Eu não sabia lidar com tudo isso... — Sandro tentou se justificar.

— E eu sabia? — rebateu. — A diferença é que eu não fugi, não me escondi atrás de prazeres, de traição, de mentira. — Sem medo, Andreia se aproximou dele. — Você foi cruel, Sandro. Não só por me trair, mas por me abandonar no momento mais vulnerável da minha vida. Por olhar pro meu corpo cansado, inchado, sofrendo... e escolher o caminho mais fácil, escolher uma vulgar que aceita homem casado.

Ele desviou o olhar e murmurou:

— Você não fazia mais parte de minha vida e só vivia pro bebê...

— Claro que vivia! — agora gritou. — Porque é nosso filho — falou mais baixo. — Porque ele é indefeso, precisava de mim. Porque alguém tinha de lutar por ele... Porque ele vive dentro de mim ainda... — Andreia respirou fundo. — E como se não bastasse, você vendeu a empresa. A minha empresa, sem me consultar. Sem me respeitar.

— Eu tinha a procuração e...

— Você tinha a minha confiança! E destruiu isso também! — Longo silêncio. — Você me traiu como mulher, como sócia, como mãe do seu filho.

Ele se virou e ficou calado.

— E agora, Sandro, você vai lidar com as consequências — virou-se e deu alguns passos.

Sandro tentou alcançá-la.

— Andreia, espera...

Ela parou, sem se virar e disse:

— Você teve todas as chances. Vivíamos muito bem em todos os sentidos. Mas você estragou tudo. Agora, quem decide sou eu. Exijo que vá embora neste instante. Quero o divórcio. Conversaremos por meio de advogado.

Sem alternativas e vendo que não havia o que fazer, Sandro pegou as chaves do carro e se foi.



O elevador parou no 12º andar com um leve solavanco. Sandro saiu apressado, suando frio, o rosto pálido, os olhos em desespero.

No caminho, havia mandado mensagens e por isso Maura já o esperava com a porta entreaberta.

— Que cara é essa? E o que está fazendo aqui a essa hora? — perguntou assombrada.

— Ela já sabe — respondeu ele, entrando como um furacão.

— Quem? — Maura foi atrás, fechando a porta com pressa.

— A Andreia descobriu tudo.

Maura empalideceu. Passou as mãos pelos cabelos, puxando-os para trás, como se quisesse afastar o pânico.

— Tudo o quê? — a voz saiu num sussurro, como se temesse ouvir a resposta.

— Ela achou o celular. Não sei como, mas desbloqueou. Leu tudo. Viu as mensagens, as fotos, os vídeos... Descobriu a venda do apartamento para o seu irmão, a venda da empresa... Tudo!

Maura levou a mão à boca, tentando conter o tremor que se espalhava pelo corpo.

— Tem certeza? — perguntou ainda incrédula.

— Ela me confrontou. Jogou tudo na minha cara. Disse que vai procurar um advogado. Isso vai me arruinar.

— E agora?

Sandro começou a andar de um lado para o outro, como um animal encurralado. O suor escorria pelas têmporas.

— Eu não sei. Achei que ela estaria ocupada demais com o bebê. Pensei que só descobriria tudo quando eu pedisse o divórcio. Não sei como ela achou o celular... Será que isso serve como prova contra nós?

— Você foi imprudente!

— Fui burro!

Maura se aproximou, tentando manter a calma, embora a respiração acelerada a traísse.

— Precisamos pensar. Se ela for à justiça, pode alegar fraude. Pode até anular a venda da empresa!

— E eu posso acabar pagando pensão integral. Perder tudo! Você entende?

— E eu posso ser processada como cúmplice! Isso não pode acontecer!

O silêncio caiu como uma cortina pesada até que Maura, com seus olhos azuis fixos no vazio, sussurrou:

— A gente precisa agir antes que ela mova qualquer coisa.

Sandro a encarou, desesperado.

— Você acha que ela vai mesmo até o fim?

— Acho que... Desta vez vai. Ela está ferida. E quando uma mulher ferida encontra coragem, ela se torna imparável.

Ambos se sentiram acuados. Começaram a arquitetar, buscando apagar um incêndio com as próprias mãos.

— Você pode tentar se aproximar dela — sugeriu Maura. — Dizer que estava confuso, que ainda a ama, que o bebê precisa de estabilidade.

— Posso usar o estado emocional dela como argumento. Dizer que ela não está bem, que não é hora de tomar decisões precipitadas...

— Sandro, espera!... Você pode alegar que ela está emocionalmente incapacitada. E eu, como diretora financeira, posso ocultar ou adulterar registros contábeis. Existe o plano emergencial, datado, com assinatura dela para justificar a venda. Dizemos que foi uma estratégia para manter o

interesse do comprador por causa da chegada da COVID-19. Tudo está parando, lembra? Ela teria feito isso para salvar a empresa.

— Pode funcionar... — murmurou Sandro. — Dizemos que ela sabia da venda. Que participou. E eu só usei a Procuração por ser mais prático.

— Exato! — ressaltou. — E se ela insistir, ameaçamos. Dizemos que, se for à justiça, pode enfrentar questionamento por instabilidade emocional. Podemos até sugerir que ela perca a guarda do bebê. Alegamos que o celular foi invadido, que as provas são falsas. Hoje em dia, qualquer um falsifica fotos. E nos nossos aparelhos... não há nada que nos comprometa.

— Simples assim — completou ele, como se quisesse acreditar.

— Ela não terá forças. Está exausta, preocupada com o parto, com a cirurgia do filho. Não vai ter ânimo pra lutar.

Aos poucos, passaram a acreditar que haviam encontrado a saída perfeita.

Maura se aproximou, tocou o braço dele com suavidade calculada.

— Fica tranquilo. Vai dar certo.

Capítulo 22

Quando a vida pede coragem

Quando a vida nos surpreende com perdas, é o

espírito que precisa aprender a caminhar.



Fevereiro de 2020.

O mundo começava a respirar com dificuldade, não apenas pelos pulmões, mas pela alma. Era o início da tensão, da incerteza, da mudança abrupta que transformaria rotinas em silêncio e abraços em saudade.

Em novembro de 2019, na província de Hubei, na China, o primeiro caso de uma pneumonia misteriosa foi registrado. Ali, sem que o mundo percebesse, o epicentro da pandemia começava a pulsar.

A Organização Mundial da Saúde — OMS — só recebeu o alerta oficial em 31 de dezembro daquele ano. Poucos dias depois, em 7 de janeiro de 2020, o vírus foi identificado: uma nova cepa de coronavírus. O invisível ganhava nome. E logo, ganharia o mundo.

No Brasil, o primeiro caso foi confirmado em 26 de fevereiro, na cidade de São Paulo. Um homem que retornava da Itália, país que já em luta contra o surto, tornava-se o marco inicial da pandemia em solo brasileiro.

Era como se o tempo tivesse mudado de ritmo. O ar parecia mais denso. As notícias, mais urgentes. E os corações, mais vulneráveis.

Enquanto o mundo se fechava em quarentena, Andreia se via presa em outra espécie de confinamento: o da dor. Dias após discussões intensas com Sandro, ela buscou refúgio no único lugar onde ainda acreditava haver escuta: o coração do cunhado, Milton. Ali, entre lágrimas e palavras sufocadas, revelou a traição que sofreu e o golpe que desmoronava a empresa que ela mesma havia construído com tanto esforço.

Milton, tomado pelo espanto, demorou a reagir. Seu olhar se perdeu por instantes, como se buscasse, no ar, uma explicação que não vinha.

— Só estou acreditando porque você está me contando… — disse ele com a voz embargada, levando a mão à boca, como quem tenta conter o impacto de uma verdade que fere.

Naquele instante, não era apenas o mundo que mudava. Era a vida de Andreia que recomeçava entre ruínas.

— Estou desesperada… Não sei o que fazer — Andreia murmurou com a voz trêmula e olhos brilhantes. — Fiquei incrédula quando o Sandro disse que, se eu procurar a justiça, vai alegar que eu sabia da venda da indústria… que até montei um Plano Emergencial para facilitar tudo. — Ela respirou fundo, tentando conter o nó na garganta. — Disse que seria fácil para a Maura, como diretora financeira, ocultar os registros contábeis. E mais… vão questionar minha sanidade por causa do problema com o bebê. Ele ameaçou requerer a guarda quando João nascer — disse, acariciando o ventre com ternura, como se quisesse proteger o filho da dor que já a consumia.

Milton permaneceu em silêncio por alguns segundos, absorvendo cada palavra, procurando decifrar um pesadelo.

— Como contou… se o celular que você encontrou, com as mensagens entre os dois, com fotos íntimas e vídeos… se esse aparelho não estiver no nome deles… podem alegar que você forjou tudo. — Ele franziu a testa, indignado. — Com certeza, ela também tem um celular falso, registrado sabe-se lá em nome de quem. Aquela mocreia! Que se fez passar por sua amiga! Ai, que nervoso! — exclamou, com seus trejeitos típicos, gesticulando, como se quisesse arrancar a verdade com as mãos. Depois de um breve silêncio, perguntou com cautela: — Ele foi pegar as coisas dele em casa?

— Queimei tudo… na churrasqueira do fundo do quintal — respondeu Andreia, sem hesitar, com um olhar firme e sereno.

O cunhado arregalou os olhos, depois soltou uma risada nervosa.

— Fez bem! Descarregou sua raiva! — disse com um tom de aprovação. — Você teve muita classe, Andreia. Qualquer outra pessoa teria colocado o Sandro na churrasqueira! — completou, inconformado, mas tentando aliviar o peso da conversa com um toque de humor indignado. — E agora? — perguntou, olhando nos olhos dela. — O que você pretende fazer?

Andreia olhou para o céu, como quem busca respostas além da matéria.

— Estou sem planos no momento… Confusa. E como se não bastasse, a pandemia chegou… e tudo está incerto no mundo inteiro. Procurei um advogado, um conhecido. Mas ele estava assustado. Colocou um vidro no escritório e me atendeu por trás dele. Foi estranho… uma cena que parecia saída de um filme distópico. — Ela abaixou os olhos. — Aquilo me inibiu. Me senti distante, como se minha dor não pudesse atravessar aquele vidro. Na verdade, ele nem prestou atenção no que eu disse. Só repetia que está difícil, que tudo está parando por causa do vírus. Que o Fórum está reduzindo turnos, reduzindo e suspendendo atividades. Que todos têm medo do contágio… e ninguém sabe o que o governo vai fazer.

Danilo, que até então ouvia em silêncio, comentou com pesar:

— Estamos vivendo um clima de paralisia. Ninguém sabe o que fazer. No salão, também reduzimos as atividades. Os clientes sumiram. Acho que o

governo vai decretar fechamento na próxima semana. Vi falarem disso nas redes. — Seu tom era grave, mas sereno. — Já estamos indo ao mercado para estocar alimentos e produtos de higiene. Precisamos reduzir gastos. Não sabemos o que vem pela frente. A desinformação é grande… e o medo, maior ainda. — Fez uma pausa, depois completou: — Nem estou assistindo à TV. Os jornalistas só falam em pânico. Não há clareza, só especulação. Para muitos deles, parece que quanto pior, melhor.

— Eu percebi isso… — disse Andreia com um olhar triste. — Já estou com dificuldades para realizar os exames pré-natais. Dois já foram adiados e não há previsão de reagendamento. — Ela acariciou o ventre com delicadeza, como quem pede desculpas ao filho por não poder protegê-lo do mundo. — Estou na lista das pessoas vulneráveis: grávida. E meu filho também por, antes mesmo de nascer, ser cardiopata.

— O mais difícil agora… é mover uma ação contra o Sandro por fraude — murmurou com o semblante carregado. — O Fórum, os tribunais… esse sistema jurídico que já é lento por natureza, pode simplesmente parar. A qualquer momento.

— E vai parar. É questão de tempo — Danilo, preocupado, completou. — Basta olhar o que está acontecendo na Europa. Aqui será igual — falou em tom grave, como quem já enxergava o colapso antes que ele chegasse.

Andreia, sentada à beira do sofá, como quem teme afundar no próprio destino, falou com a voz embargada:

— O Sandro… ele me tirou o acesso ao banco, à conta corrente, às aplicações, aos extratos… tudo. — Engoliu em seco. — Fui usar o cartão de débito e… nada. Bloqueado. Ao menos está pagando o plano de saúde.

— Crápula! E o que você fez? — Milton arregalou os olhos indignado.

— Liguei — disse ela com um suspiro. — Ele me disse que vai me financiar… se eu não entrar na justiça. — Fez uma pausa, como quem tenta digerir o próprio destino. — Isso quer dizer que, de qualquer forma, o Sandro conseguiu me inibir, me coagir, me engessar. Estou travada.

Milton levou as mãos à boca, como quem tenta conter o espanto que transborda.

— Meu Deus!… Tenho um verme como irmão! — disse, encarando Andreia com olhos marejados. — Você tem mantimentos em casa?

— Tenho… — respondeu ela com um olhar triste. — Não sei até quando, mas ainda tenho. — Fez uma pausa, depois completou, quase num sussurro: — Meu medo é que... a casa onde moro é alugada.

— Como assim?! A casa não foi comprada?! Foi alugada?! — o cunhado ficou assombrado.

— Ele usou a procuração que eu passei pra ele… e eu não sabia o que estava fazendo. Falou que havia alugado, depois deu a entender que estava comprando... Foram tantas conversas manipuladas. Só me resta saber se ele está pagando o aluguel… ou se, além de tudo, estou prestes a ser despejada.

Conversaram por longas horas, como quem busca luz. Mas, por mais que vasculhassem possibilidades, nenhuma saída se revelava. O silêncio, por fim, falou mais alto: não havia alternativa. Apenas a dor da constatação e o peso de um destino que parecia selado.



Ao sair do Studio de Milton, Andreia foi até a casa de sua irmã.

O céu, encoberto por nuvens densas, parecia refletir o peso que ela carregava no peito. Sentia que precisava contar a Tamires tudo o que estava acontecendo entre ela e Sandro. Não por obrigação, mas por necessidade de informar a irmã e dividir a dor, como quem busca abrigo em meio à tempestade.

Tamires, no entanto, estava tomada por uma inquietação que parecia não caber no corpo. Nervosa, agitada, ansiosa, falava sem parar, como quem

tenta controlar o mundo com palavras. Só conseguia pensar na pandemia, no caos iminente, nas incertezas que se espalhavam como vento.

Andreia hesitou. Pensou em guardar para si o segredo que ardia como brasa. Mas, num impulso de coragem, decidiu dizer ainda que em poucas palavras:

— Eu e o Sandro vamos nos divorciar.

Tamires parou, como se o tempo tivesse congelado por um instante.

— Como? Por quê? — perguntou assombrada.

— Ele me traiu — disse Andreia com a voz baixa, porém firme. Era uma verdade que doía, mas que já não precisava de explicações.

— Andreia!... Agora?! Nesse momento tão difícil que vivemos? Olha sua gravidez! O bebê vai nascer e você vai precisar de apoio. O João terá de passar por cirurgia quando nascer. Como vai ser?

— Eu não sei, Tamires. Também não sei. O Sandro já saiu de casa. Eu o mandei embora.

Tamires começou a falar sem parar. A angústia transbordava. Não era só o divórcio da irmã, era tudo. A vida delas parecia desmoronar em sincronia.

— Não sei como ficará minha vida, Andreia. E se decretarem o fechamento do comércio não essencial? Lojas, shoppings, academias, bares, restaurantes... Dizem que só supermercados, farmácias e serviços essenciais vão funcionar e mesmo assim com restrições! Os clientes da minha loja sumiram. Como vou pagar o aluguel? Você tem ideia de quanto custa um espaço no shopping? Meu Deus! Como vou viver com minha filha? Como você vai viver? Esse não é o momento para você se divorciar!

Andreia respirou fundo. Sentia o coração acelerar, mas não podia se deixar levar pela correnteza do desespero.

— Já está feito, Tamires. Estou tentando manter a calma por causa do meu estado e do bebê. Não me deixe mais nervosa, por favor — pediu com

firmeza, mas com ternura.

— O que você vai fazer então?

— Orar — respondeu Andreia com uma serenidade que parecia vir de outro plano. — Só me resta orar. Confiar nos desígnios de Deus. Ficar nervosa, desesperada, insana... Gritar, berrar, puxar os cabelos não vai adiantar absolutamente nada. Nada. Entendeu? Se ficarmos calmas, talvez consigamos pensar em um plano, buscar alternativas. E se não houver planos, se não surgirem alternativas, vamos aceitar. Simplesmente aceitar o que Deus propor, porque eu não sei o que fazer.

Tamires tentou argumentar, mas a irmã se levantou.

— Andreia, você precisa entender que o Sandro estando do seu lado...

— Eu vou embora — disse com voz firme, mas sem rancor.

— Não. Espera... — Tamires segurou o braço dela.

— Preciso ir. Quero passar na casa da mãe. Ver como ela está. Conversar com o pai também. Ele ainda não sabe que estou me separando. Sei que será um choque para ele. O pai já está com problemas demais com a mãe... com o Alzheimer.

Tamires abaixou os olhos, rendida.

— Está bem...

Despediram-se com um abraço silencioso. E Andreia partiu, levando consigo a fé como escudo e a esperança como guia. Sabia que o caminho seria árduo, mas também sabia, no fundo da alma, que não caminhava sozinha.



Como havia planejado, Andreia foi até a casa dos pais. Tinha o coração apertado, como quem carrega uma mala invisível cheia de lembranças, perdas e decisões difíceis. Mas sorria, como se nada daquilo acontecesse.

Sentou-se diante de Nestor e, com voz serena, contou o essencial. Não havia espaço para detalhes. Apenas a verdade nua: o divórcio era inevitável.

Seu pai ouviu em silêncio. A notícia da separação já seria um golpe, mas saber que a filha perderia a indústria têxtil, fruto de tantos anos de trabalho, abalou-o profundamente. Sentiu como se uma parte da história da família tivesse sido arrancada sem aviso.

Ele quis dizer que havia pressentido aquilo. Que, em noites insones, algo dentro dele já anunciava o desfecho. Mas conteve-se. Não queria ferir ainda mais o coração da filha. O amor, às vezes, escolhe o silêncio como forma de cuidado.

Andreia, por sua vez, percebeu o quanto o Alzheimer de sua mãe tinha avançado. Joana parecia navegar em um mar próprio, alheia às margens da realidade. Chamava a filha por nomes trocados, contava histórias desconexas, como se vivesse em um tempo que já não existia. Era doloroso, mas também sagrado, como assistir à alma se desprendendo aos poucos da matéria.

Diante disso, Andreia se calou. Não havia mais o que dizer. Conversaram sobre outras coisas: memórias antigas, receitas de família, o tempo... O suficiente para preencher o momento com alguma ternura.

Depois de algum tempo, a filha se despediu. Saiu da casa de seus pais com o coração amargurado, mas com a dignidade de quem escolhe seguir em frente, mesmo sem saber o caminho.

No plano invisível, seu Espírito Protetor e amigo a acompanhava, sussurrando em sua consciência:

— Filha, tudo passa. A dor, o medo, a incerteza. Mas o amor que você cultiva, a fé que você mantém e a coragem de seguir… isso permanece. Isso te eleva.



Ao chegar à sua casa, Andreia foi surpreendida por um carro estacionado diante da garagem. Parando do outro lado da rua, buzinou, pedindo passagem com delicadeza.

O vidro do veículo desceu lentamente, revelando o largo sorriso de Eduardo e, ao seu lado, Caíque, no banco do passageiro. Dois rostos amigos, duas presenças que, naquele instante, pareciam enviados pela espiritualidade.

O carro foi movido para que ela pudesse entrar. E logo os amigos foram recebidos com alegria. Uma alegria discreta, mas sincera, como quem reencontra o calor humano em meio ao inverno da alma.

Após entrarem, conversaram sobre assuntos corriqueiros, tentando suavizar o peso que pairava no ar. Até que Caíque, com voz gentil, rompeu o véu da superficialidade:

— Desculpe por termos vindo sem avisar… Mas estávamos preocupados com você. Desde o dia em que foi à loja me procurar e conversou com o Edu, não tivemos mais notícias suas. Com tudo o que está acontecendo no Brasil e no mundo… E… Bem... O Edu me contou sobre o celular que você encontrou.

Eduardo, um pouco constrangido, tentou se justificar:

— Acreditei que poderia contar pro meu irmão, já que você o procurou… Achei que iria contar tudo a ele. Não sei se errei, mas…

— Fez bem ter contado — Andreia respondeu com um sorriso tímido. — Você me poupou tempo… e vergonha.

— Para com isso — pediu Caíque com ternura. Seu olhar era de quem compreendia sem julgar, de quem oferecia ombro sem cobrar explicações.

— Ficamos preocupados — Eduardo reafirmou. — Você sumiu. Achamos que, se o Caíque mandasse mensagem, você diria que está tudo bem.

— Como você está? Aconteceu algo mais? — Caíque perguntou com empatia sincera.

Andreia respirou fundo. O ar parecia pesado, como se cada palavra exigisse coragem.

— Bem… Aconteceu o seguinte: Eu confrontei o Sandro. Falei sobre ter encontrado o celular e... — Contou tudo. Sem floreios. Sem esconder a dor. — Por fim... É isso. Não sei o que fazer. Não posso denunciar o Sandro. Não sei o que ele pode fazer.

— Mas isso é coação! — Caíque se indignou.

— Sim. Eu sei. Mas como vê, estou atada. Sem alternativa. Qualquer movimento meu, na justiça, pode me prejudicar. O Fórum está reduzindo as atividades. E o advogado, que me conhece há anos, que cuidou de tantos assuntos da empresa… não me deu atenção. Estava aflito. Apavorado. Havia um vidro entre nós no escritório. Literalmente.

— Acho que ele só se antecipou — ponderou Eduardo. — Creio que essa barreira entre pessoas vai começar a existir. É bom nos acostumarmos.

— Será? Já está tudo tão confuso… sufocante — Andreia comentou com os olhos marejados.

— Penso que sim — tornou ele.

— E… financeiramente? Como ele te deixou? — Caíque perguntou, direto, mas com preocupação genuína.

Andreia contou sobre o bloqueio das contas, a perda do acesso bancário. Deixou claro que o plano de saúde estava sendo pago. E então, como quem abre uma represa, desabafou:

— Estou péssima. Lutando desesperadamente para não surtar. Sabe o que é perder tudo? Tudo o que construiu com esforço, com amor, com fé? — Os

irmãos se calaram. Sabiam que era hora de ouvir. — Agora, restaram noites em claro, irritação, choro, lágrimas… Os piores sentimentos. E o pior deles é a indignação. Ainda não consigo acreditar que o homem que escolhi para estar ao meu lado, com quem vivi bem, que era amigo, companheiro, com quem decidi ter um filho… esse homem me traiu, me enganou, me golpeou de todas as formas. Todas! Só faltou me matar, nas vias de fato.

O silêncio reinou. Um silêncio respeitoso, quase sagrado.

Então, Andreia perguntou:

— E vocês? Como estão na empresa com essa pandemia a caminho?

— Está acontecendo uma queda abrupta em tudo — Caíque respondeu. — Vamos começar a reduzir os turnos por medo do contágio. Já sofremos com cancelamento de pedidos, queda na demanda. Talvez férias coletivas sejam a saída para evitar demissões.

— Pelo que vemos acontecer na Europa, já estamos nos programando — Eduardo comentou. — Aqui não será diferente. Essa situação global pegou todos desprevenidos. Precisamos nos adaptar.

— Por sorte temos valor em caixa. Nosso plano era abrir uma terceira loja de autopeças. Mas, claro, foi suspenso — Caíque completou.

— E esse valor em caixa vai ajudá-los agora — Andreia considerou. — O mesmo aconteceu com meu cunhado. Ele abriria outro salão de cabeleireiro, mas… por agora, tudo está suspenso.

— Vai ser bem complicado. Não dá para dizer que não estamos com medo — Caíque concluiu.

— Andreia, então você não vai entrar judicialmente contra o Sandro? — perguntou Eduardo com voz cautelosa.

— Não, Edu. Agora não — Andreia respondeu com serenidade. — Não gosto de tomar decisões quando não consigo pensar direito. Meus pensamentos estão confusos… Tudo ainda é muito recente.

Eduardo assentiu, compreensivo, e comentou:

— Conhecemos um advogado muito bom. Viemos até aqui também para falar com você sobre isso. Imaginei que talvez precisasse.

— Estou tão cansada… exausta… preocupada — Andreia suspirou. — Quando o João nascer, terei uma maratona pela frente. Quero poupar energia. Já imaginou? Eu, com meu bebê no hospital, enfrentando cirurgia e ainda tendo de lidar com processo judicial, provar sanidade, provar que o celular era dele… Seria demais para mim.

— Eu consigo te entender — disse Eduardo com empatia. — Sei como é estar exausto.

— Agradeço a oferta do advogado, de verdade. Mas, por agora, preciso de tempo. Tempo para organizar minhas ideias, entender como o mundo vai se comportar com essa pandemia. Se o Sandro não pagar o plano de saúde e a pensão, como prometeu... aí sim, vou me lembrar da sua oferta. — Ela sorriu com leveza.

— Já está tudo certo com o hospital para o nascimento do João? — perguntou Caíque com interesse verdadeiro.

— Ah… sim. Está. Dois exames foram desmarcados, mas… vou ver como reagendá-los.

— Qual o hospital? — quis saber Caíque.

Ela respondeu e Eduardo confirmou com entusiasmo:

— É um ótimo hospital. Meu filho nasceu lá. Tenho uma excelente experiência. Fomos muito bem atendidos. São bem humanizados.

— Você tem filho? Eu não sabia. — Andreia sorriu surpresa.

Eduardo sorriu com doçura, olhou para o irmão e, num gesto de abertura, decidiu contar:

— Fui casado. Quando completamos três anos de casamento, minha esposa engravidou. Ficamos muito felizes. Nosso filho nasceu naquele hospital, como te falei. Alguns meses depois… quase um ano, percebemos que ele reagia de forma diferente das outras crianças. Foi então que descobrimos que ele era autista. Foi uma surpresa… uma surpresa triste. Era um autismo severo.

— A condição do meu filho, o João... — Eduardo sorriu levemente sabendo que ela se surpreenderia com aquele nome — foi o que me levou a buscar conhecimento na Doutrina Espírita. Entendi que o João era uma luz diferente, enviada para guiar o meu caminho e o da minha mulher. Nossa vida, por causa do nosso filho especial, transformou-se profundamente. Totalmente. Completamente.

— À medida que alcançávamos o conhecimento do Espiritismo — continuou ele, com voz baixa e grave, como quem compartilha um segredo da alma —, nós nos esforçávamos para vivê-lo. Assim como você tem feito. Eu e Cláudia fomos deixando para trás os vícios materiais como o álcool, que antes parecia consolo, mas era prisão, fuga. Eu abandonei o cigarro, que me roubava o fôlego e a paz. Silenciamos os palavrões, os gritos, as palavras que ferem... E, pouco a pouco, também fomos libertando o coração dos vícios morais: as conversas vazias, as fofocas, os julgamentos que não edificam. Nossa vida começou a se transformar. Passamos a fazer, com pontualidade e reverência, O Evangelho no Lar, como um bálsamo semanal que purificava o ambiente e fortalecia os laços. Frequentávamos a Casa Espírita, ouvindo as palestras que falavam do Cristo com clareza e amor. Líamos obras que elevavam o pensamento, assistíamos ao que nos ensinava a viver com mais luz... E tudo foi mudando. Mudamos por dentro. E a vida, como reflexo, tornou-se mais calma, mais compreensível. Boa. Tranquila. Saudável. Como se o mundo não tivesse mudado, mas nós tivéssemos aprendido a enxergá-lo com os olhos da alma.

Na pausa que se fez, Caíque resolveu comentar:

— A transformação verdadeira começa no íntimo quando o espírito desperta para a responsabilidade de sua própria evolução. Abandonar os vícios, sejam materiais ou morais, é como abrir janelas para que a luz entre. E quando o lar se torna templo e o coração se faz altar, a vida se harmoniza

com os desígnios de Deus. O Evangelho, vivido com sinceridade, é o roteiro seguro para quem deseja caminhar com o Mestre Jesus, mesmo em meio às tempestades.

Em seguida, Eduardo continuou:

— Quando o João tinha três anos... — Eduardo parou de falar por segundos. Aquilo parecia ainda doer. — Fomos até a casa dos pais dela. Ao estacionar o carro, fomos assaltados. Eram dois garotos armados. Eu desci, entreguei a carteira, a chave do carro e pedi que esperassem minha mulher e meu filho descerem. A Cláudia saiu pela porta de trás com o João no colo. Nosso filho ficou agitado e começou a gritar. Teve uma crise. Ela ainda o abraçou forte… mas um dos garotos atirou. O mesmo projétil atingiu o coração da minha mulher e do meu filho... e… — Eduardo fez uma longa pausa e engoliu seco. — No instante do tiro, eu me joguei contra o garoto e tirei a arma da sua mão. O garoto ficou no chão e eu sobre ele… Olhei para a Cláudia e o João no chão. Nenhum som. Nenhum grito. Nenhum movimento. Nada… Entendi o que tinha acontecido. Tive a chance de… de atirar no garoto. Mas… naquele momento, veio à minha mente a imagem de Jesus. Por uma fração de segundo, lembrei o Seu maior ensinamento sobre o amor: Amar os inimigos. Dei um grito de desespero. Mas não atirei. Levantei, fui tentar socorrer minha mulher e meu filho. Em vão.

Eduardo olhou para eles e não houve qualquer questionamento. Então, prosseguiu:

— Os garotos foram presos. Quinze e dezesseis anos... Eles eram filhos de alguém. E sabendo que existe a Lei de Causa e Efeito, a Lei do aprendizado... Foi bom eu não ser o professor... Não me comprometer... — Nova pausa. — A morte da minha esposa e do meu filho foi a pior dor da minha vida. Eu tinha uma companheira que... — não completou e seus olhos marejaram. — No começo, perguntei: por quê? Mas, com o conhecimento do Espiritismo, passei a perguntar: para quê? Para que aquilo tudo tinha acontecido? O que Deus planejou para a minha vida que envolvia um acontecimento daquele porte, daquele peso? Para quê? — Fez nova pausa. — Com o tempo, que não foi muito, comecei a entender que o João tinha a missão de me guiar, de me ajudar a encontrar o progresso espiritual... e a Cláudia também. Eu não era o que sou hoje. Estava tão

distante da vida real, dos ensinamentos, dos caminhos bons, úteis e saudáveis… Estava tão longe de Deus. — Viu Andreia encarando-o sem piscar. — Ainda dói. Mas é uma dor diferente do que já foi. Toda a trajetória com o João, com a Cláudia ao lado... e tudo o que vivi fez com que eu descobrisse valores morais e espirituais. Fez com que eu descobrisse o propósito de vida, minha missão terrena. Todos nós nascemos, pelo menos, com uma missão terrena: a de melhorarmos a nós mesmos. Mas descobri que existem aqueles que nascem com a missão de melhorar a si… e melhorar o outro também. Ou os outros também.

Depois de longa pausa, Andreia comentou:

— Agora compreendo melhor tudo o que me disse, naquele dia, na loja de autopeças — murmurou com os olhos marejados de uma nova lucidez.

— Que bom que entendeu — respondeu Eduardo com a serenidade de quem carrega verdades profundas. — O seu João... o seu menino, o seu bebê... ele não é apenas seu filho. É também um espírito em missão. E ele cumprirá essa missão com êxito, se você se permitir crescer e acolher essa oportunidade como um presente Divino.

— Eu entendi. De verdade. Me perdoe por ter perguntado sobre seu filho... eu não fazia ideia e...

— Está tudo bem — interrompeu Eduardo com sorriso brando. — Não costumo falar sobre isso, mas hoje... Hoje não me pesa mais contar.

Houve um breve silêncio, daqueles que não constrangem, mas acolhem.

— Bem... acho que é hora de ir — disse Caíque rompendo a pausa com delicadeza.

— Não... Esperem... — Andreia quase os convidou para uma pizza, mas a lembrança da carteira vazia a fez engolir as palavras, envergonhada.

— Ficamos, se nos permitir pagar a pizza hoje — disse Caíque com um sorriso gentil, como quem lê pensamentos e oferece alívio.

— Duas pizzas! Duas! Eu como bem, esqueceu? — brincou Eduardo tentando dissipar qualquer sombra que restasse no ambiente.

— Por mim... tudo bem — respondeu Andreia, com um sorriso tímido, mas genuíno, sentindo-se acolhida.

— Então vamos pedir — concluiu Caíque, já pegando o celular, como quem sela um pacto de amizade e esperança.

Muitas vezes, os missionários reencarnam em lares simples e também em corpos frágeis, mas com almas luminosas e grandiosas pela coragem. São sementes de luz plantadas em solo humano, capazes de florescer mesmo em meio à dor. São eles que, silenciosamente, despertam nos corações adormecidos a coragem, a fé e o amor incondicional. Reconhecê-los é um ato de humildade. Acolhê-los, um gesto de evolução e também de amor. E quando os corações se abrem à compreensão, a vida se transforma em caminho de redenção e aprendizado.

Capítulo 23

Quando escutar é amar

A vida nos chama o tempo todo. Mas só ouvimos

quando o ruído do mundo se cala dentro de nós.



Abril de 2020.

O mundo parecia suspenso entre o medo e a esperança. O cenário era preocupante, quase irreal, como se a vida tivesse sido colocada em pausa e o tempo passasse com um silêncio angustiado.

O comércio estava fechado. A maioria das cidades brasileiras já havia decretado o encerramento das atividades não essenciais. Shoppings, academias, salões de beleza, templos religiosos, casas espíritas, igrejas... todos com as portas abaixadas, como olhos que se negam a enxergar o caos lá fora.

Nos hospitais, a sobrecarga era visível. O foco era atender os casos de COVID-19, enquanto exames e cirurgias eletivas eram suspensos, adiados,

esquecidos. As gestantes enfrentavam dificuldades para realizar o pré-natal, para agendar cesáreas, para encontrar segurança e conforto. E o maior temor: elas estavam entre os grupos de risco.

Andreia vivia esse momento com o coração apertado. Não apenas por si, mas por seu bebê, ainda não nascido, ainda envolto no mistério da vida, que já enfrentava um desafio: uma cardiopatia delicada, que exigiria cuidados desde o primeiro suspiro.

Ela carregava no ventre não apenas uma criança, mas uma alma em prova e com uma missão. E no silêncio da quarentena, entre o medo do contágio e a incerteza do amanhã, Andreia buscava forças onde a razão não alcançava: na fé.

O medo chegou, como uma névoa espessa cobrindo tudo.

O isolamento se impôs, e as ruas, silenciosas, tornaram-se desertas. As pessoas evitavam sair de casa. O uso de máscaras ainda não era obrigatório, mas já se tornava um gesto de precaução. O clima era de incerteza, tensão e silêncio. Um silêncio que gritava.

A Justiça caminhava lentamente. Fóruns e tribunais estavam fechados ou timidamente começando a funcionar de forma remota. Processos judiciais se arrastavam, audiências eram suspensas, e muitos advogados estavam sem acesso pleno ao sistema. A espera se tornava mais um peso sobre os ombros já cansados de Andreia.

Ela vivia entre dois mundos: o da angústia jurídica e o da maternidade ameaçada. O bebê estava prestes a nascer e os médicos, mais uma vez, alertavam que João precisaria de cirurgia imediata após o parto. A notícia, embora repetida, nunca deixava de doer.

Andreia sentia que estava perdendo tudo. Que Sandro e Maura seguiriam impunes. Que a justiça não viria. Mas também sabia, com a força que só uma mãe conhece, que seu filho era prioridade. Ele precisava dela inteira, presente, firme, como uma rocha em meio àquela tempestade.

E então, quando menos esperava, a notícia chegou como um soco no estômago.

— Válter morreu! Ficou internado por duas semanas com COVID-19. Não resistiu e morreu! — disse Sandro, em desespero, para Maura, que estava sentada no sofá, atônita.

— Como?! — ela arregalou os olhos. — Você está falando do senhor Válter, amigo do seu pai, o que comprou a empresa?! Comprou a indústria têxtil?! É desse Válter que você está falando?!

— Lógico! Que outro Válter a gente conhece?! — respondeu Sandro, exaltado, a voz carregada de incredulidade e contrariedade.

— E agora?

Sandro andava de um lado para o outro na pequena sala do apartamento de Maura. O olhar perdido, a respiração curta.

— Agora... acabou, Maura! Acabou. Sem o Válter, não tem como reaver a empresa que tiramos da Andreia. Não tem como provar nada!

— E os documentos?! — perguntou Maura, com o desespero escorrendo pelas palavras, como se buscasse se agarrar a uma tábua de salvamento em alto-mar.

— Estão no nome dele! Esqueceu?! Tudo em nome do Válter, Maura! Era tudo fachada! Você não lembra?! — gritou Sandro, com a voz embargada pela fúria e pelo medo.

— Não é possível... Não é possível!... E agora? O que vai acontecer? — ela repetia, como se a repetição pudesse alterar os fatos.

— O Válter era um homem sem herdeiros necessários. Muita gente fazia esse tipo de negócio com ele por causa disso. Recebia altos valores por fora. Meu pai contou que, quando alguém ia se divorciar, já contratava o Válter como laranja pra ele simular a compra de bens ou empresas, só pra não entrar na partilha ou fugir da pensão... Agora, sem gestor, sem gestão, as

dívidas vão se acumular. E no meio dessa pandemia dos infernos... Não temos o que fazer! Funcionários demitidos! Fim da empresa!

— Tem de haver um jeito! Tem de haver uma saída, Sandro! — insistia Maura. A voz trêmula, olhos arregalados.

— Para, Maura! Acabou! Acorda! E ninguém tá mais desesperado do que eu! O Válter era a chave! Sem ele, não tem como reaver a empresa! Agora, só me resta esperar o divórcio.

Maura, tensa, perguntou:

— A Andreia entrou com o pedido de divórcio então?

— Ainda não. O bebê vai nascer logo. Ela disse que vai esperar o João nascer.

— Esperar?! Esperar o quê?! O que a Andreia está planejando?! Cuidado! Ela é muito esperta! Sempre a admirei por isso.

— Com essa pandemia, tudo tá lento — disse ele que pareceu nem ouvir. Preocupava-se com outros assuntos. — Os fóruns estão fechados, os processos andando só online.

— E isso te favorece de alguma forma? — ela quis saber nervosa.

— Não exatamente. O divórcio pode ser feito virtualmente. Tem audiência por videoconferência, assinatura digital... tudo remoto.

— Então ela pode fazer isso de casa mesmo?

— Pode. Mas a Andreia tá focada no bebê. Ele vai nascer com problema no coração. Vai direto pra cirurgia... Não quero forçá-la. Não seria bom pro meu lado.

Maura franziu a testa. Pegou a garrafa, despejou uísque no copo e tomou um grande gole. Sem demora, murmurou:

— Então ela vai adiar o divórcio...

— É o que parece. Ela disse que não tem cabeça pra isso agora — respondeu Sandro, olhando para o teto, exausto, impaciente. — E eu não tenho escolha. Sem Válter, sem empresa, sem dinheiro... Agora é só esperar o golpe final, que eu nem sei qual vai ser!

Maura se remexia inquieta.

— A gente precisa pensar, Sandro. Se ela adiar, talvez a gente consiga se reorganizar.

— Reorganizar o quê, Maura?! A empresa tá morta! O divórcio vai acontecer! E ela tá mais forte do que nunca. Vai esperar o filho nascer e aí vem com tudo pra cima de mim! Vai querer pensão de maior valor, plano de saúde do melhor, tudo! E sabe o que acontece se eu não pagar? — Não esperou resposta. — Cadeia! Cadeia pra pai que não paga pensão! Principalmente num caso como o dele. E vai sobrar pros meus pais, claro! Ela vai fazer os avós pagarem pensão. E não é só isso! Ela pode mover ação de fraude por tudo o que fizemos. E como é que eu volto a trabalhar com meu pai? Ele tem sócios que, depois de tantos processos que posso enfrentar, vão me impedir de retornar aos hotéis! ...e ainda me indispus com meu pai pra ficar com a porcaria da indústria têxtil!

— E o aluguel da casa onde ela está morando? Você pagou?

— Não. Tem mais isso ainda! Só paguei o plano de saúde e... — disse Sandro, afundando no próprio desespero.

Na espiritualidade, a atmosfera era densa e sombria. Três entidades que se reuniam no pequeno apartamento onde Sandro e Maura discutiam, envoltos em desespero, assistiam e apreciavam tudo.

Naquele ambiente carregado, os espíritos, que os influenciavam, riam e se divertiam da ruína.

Nisa, espírito vingativo, deleitava-se com o sofrimento de Sandro. Gargalhava e debochava, como quem saboreia a queda de um inimigo. Ao seu lado, Iseu vibrava com cada palavra de desespero, como se cada

lamento fosse uma vitória. A vingança era o único propósito que os mantinha ali.

Duane, espírito mais metódico, observava com frieza. Havia recebido ordens para cumprir o desejo de Maura, que pagou por trabalhos espirituais para tomar tudo o que era de Andreia: o marido, a empresa, a posição. Maura, movida pela inveja, quis roubar o que não lhe pertencia. Mas os desígnios de Deus não falham. A espiritualidade maior, mesmo silenciosa, sempre se faz presente.

As energias do apartamento eram densas, como uma cortina espessa que impede a entrada da luz. A presença dos espíritos inferiores tornava o ar pesado, sufocante.

Os encarnados, movidos por ambição, inveja e práticas desleais, começavam a colher os frutos amargos de suas escolhas. O golpe contra Andreia parecia ter durado pouco. A falsa alegria dos amantes foi breve. A queda, agora, era inevitável.

Nisa, com olhar ardiloso e sorriso torto, observava Sandro andar de um lado para o outro.

— Olhem só pra ele... desesperado, perdido, sem rumo. Que delícia ver esse orgulho se desfazer! — dizia, rindo com escárnio. — Está começando a pagar, Sandro... Só começando.

Iseu, mais agitado, vibrava com cada palavra de desespero que escapava dos lábios dos encarnados.

— Ele achava que podia tudo! Que podia tomar o que quisesse, enganar quem quisesse como no passado... E agora? Sem empresa, sem dinheiro, sem saída! — gargalhava. — Isso é só o começo. Quero ver quando a justiça bater na porta dele!

— O plano está se cumprindo — Duane, mais contido, observava com olhos calculistas. — Maura fez o que desejava: pagou, quis, atraiu. E eu fiquei ao lado dela para garantir que ela tivesse o que pediu: Sandro e a empresa da amiga. Mas não demos garantia de até quando... — explicou de

modo frio, quase mecânico. — A queda dele é estratégica, por sua causa, Nisa. Cada passo foi guiado por nós. Ele acreditou que era escolha própria... mas era influência. Influenciamos sobre o que já existia: sua falta de caráter, seus desvios morais, tudo o que nele é imperfeito. Não dá para influenciar sobre aquilo que o encarnado não tem.

Nisa se aproximou de Duane com sarcasmo:

— Estratégia ou não, eu quero ver sofrimento. Quero ver ele implorar. Ele nos fez sofrer em outra vida, lembra? Agora é a nossa vez. Quero ver ele paralisado como me deixou no passado, como deixou o Iseu. Vendidos...

— E Andreia?... — Iseu perguntou exaltado. — Ela vai se levantar. Vai vir com tudo. Vai ser o fim dele! E ele vai cair ainda mais. Vai sentir o peso da justiça, da vergonha, da humilhação. Vai ver tudo o que construiu se desfazer! Mas... A Andreia tem uma proteção que ainda não entendo. Não dá pra ficar perto dela. Algo me incomoda. Tenho que me afastar.

— A espiritualidade maior está se movendo junto dela... Por causa do comportamento dela... — Duane, impassível, observou. — Eles não interferiram ainda, mas estão por perto. Precisamos agir rápido. A luz está tentando entrar... E se isso acontecer a nossa influência diminui.

— Luz? Que luz? — Nisa se preocupou. — Aqui só tem sombra. E sombra é o que ele merece. Que fique cego, que tropece, que caia.

— Que caia... — Iseu riu. — ... e que nos veja quando estiver no fundo. Que saiba que estamos aqui. Que saiba que não está sozinho... que está acompanhado por quem ele mesmo atraiu. Por aqueles que ele maltratou no passado.

— Que o sofrimento dele seja o alimento da nossa missão conforme combinamos. E que Maura continue desejando. Enquanto houver desejo, haverá espaço para nós — Duane desfechou com frieza.

A justiça Divina não se apressa, mas nunca falha. Cada ação, cada pensamento, cada intenção gera consequências que retornam no tempo certo. O mal pode até parecer vitorioso por instantes, mas é sempre

passageiro. O bem, mesmo em silêncio, constrói raízes profundas. E quando a colheita chega, ela revela com clareza o que foi semeado. Que cada alma, ao despertar para a verdade, encontre, no arrependimento, o primeiro passo para a regeneração.



— Como assim... não tem casa?!... — Milton perguntou, assombrado, com a voz embargada pela incredulidade.

— Serei despejada. O Sandro não pagou o aluguel — contou Andreia, por meio de uma chamada de vídeo com o olhar perdido e o coração apertado.

— O João vai nascer daqui a pouco! O que você vai fazer? — ele se preocupou, sentindo o peso da urgência.

— Estou aflita. Acho que terei de ir para a casa da minha mãe. A minha irmã e minha sobrinha já estão lá. A Tamires teve que fechar a loja... prejuízo total. Coitada. Não conseguiu pagar o aluguel. O marido atrasou a pensão da Aline. O jeito foi elas irem pra casa da minha mãe. Agora é a minha vez — disse Andreia, desanimada, quase chorando.

— De jeito nenhum! Você vem aqui pro nosso apartamento! — Danilo gritou, intrometendo-se na chamada, com firmeza e afeto. — Arruma suas roupas, traga o enxoval do João e vem pra cá.

Milton sorriu, emocionado com a atitude do companheiro, e disse:

— Não esperava nada diferente de você.

Voltando-se para Andreia, falou com firmeza e ternura:

— Arruma as malas. Daqui a pouco estarei aí. Você não pode ir pra casa da sua mãe. Ela está com Alzheimer e todos estão envolvidos e preocupados com ela. Lá já está lotado demais. São cinco pessoas em uma casa! Sei o

quanto o seu irmão é irresponsável. O Luan deve entrar e sair, toda hora, sem cuidado algum... Se ele não cuida nem de si, não cuidará de você. A gravidez te coloca no grupo de risco. E o João, mais ainda. Ele é cardiopata. Vai nascer precisando de todo o cuidado do mundo. Os dois precisam de proteção. Aqui em casa seremos três e teremos todo o cuidado com você. Eu te amo, Andreia! E você não ficará sozinha, nesse período, se depender de mim! E eu sou capaz de te interditar, dizer que não está bem da cabeça, se quiser ir pra outro lugar! Além do que...

— Para, Milton — interrompeu Andreia, oferecendo um sorriso diante do drama amoroso do cunhado. — Eu vou. Eu aceito.

— Estou indo. Vai arrumando tudo aí.

Talvez, pela primeira vez na vida, Andreia desejou ser acolhida. Desejou ser cuidada. O medo a paralisava, mas o gesto de amor a libertava.

Algum tempo depois, Milton e Danilo chegaram.

— Esperem. Parem aí — Andreia pediu, antes de abrir o portão. — Tenho ido ao hospital e clínicas de exame. Posso ter contraído COVID-19 e ainda não sei. Tem certeza de que vocês querem entrar e me levar pra morar com vocês?

— Se estamos aqui, é porque temos certeza do que queremos, Andreia. Agora, abra logo esse portão — disse o cunhado com firmeza e doçura.

Ao entrar, abraçou-a sem medo, sem preconceito, com carinho genuíno.

— Jamais eu deixaria você e meu sobrinho sem terem onde morar. Nosso apartamento é pequeno, mas tem espaço para vocês dois.

Com delicadeza, Milton secou as lágrimas que escorriam pelo rosto pálido de Andreia, que estava sensibilizada demais para dizer qualquer coisa além de:

— Obrigada...

Sem demora, os dois carregaram tudo o que puderam nos carros: o deles e o da Andreia, e partiram.

O amor verdadeiro não se mede pelo sangue, mas pela presença. Em momentos de dor, é ele quem se manifesta como ponte entre o desespero e a esperança. A espiritualidade maior inspira gestos assim: simples, mas grandiosos. Porque quando alguém estende a mão ao outro, está, sem saber, sendo instrumento da luz. E onde há acolhimento sincero há também a presença silenciosa de Deus e muita proteção.



No apartamento...

— Preparei este quarto com todo o cuidado pra você — disse Danilo, sorrindo com ternura, enquanto mostrava o espaço preparado com carinho.

— É!... Ele tirou toda a bagunça. A dele, claro — provocou Milton, com aquele tom de repreensão bem-humorada que só ele sabia usar, tentando arrancar um sorriso e aliviar o ar tenso do momento.

Andreia entrou devagar, como quem pisa um solo sagrado. Ficou emocionada. Seus olhos percorreram o ambiente simples, mas acolhedor. Tinha ali algo mais do que móveis arrumados. Havia afeto. O quarto parecia um abrigo, não apenas para o corpo cansado, mas para a alma ferida.

— Devo confessar que meu coração está mais leve por estar aqui. Obrigada. Eu também estava com medo de ir para a casa da minha mãe. Minha irmã tem me contado que nosso irmão sai todos os dias, volta com sinais de embriaguez... Não tem qualquer cuidado, higiene ou bom senso. Ela está com medo por causa da filha, principalmente. Ele pode levar o vírus pra casa a qualquer hora.

— Você não vai pra lá, de jeito nenhum! — Milton falou firme com o amor de quem protege.

— Vamos cuidar de você e do João — afirmou Danilo, com um sorriso que aquecia. — Afinal, não temos absolutamente nada pra fazer — brincou, rindo com leveza. — Vamos ver séries e te mimar o tempo inteiro — disse, abraçando-a com carinho sincero.

Mais tarde, quando se viu a sós com Danilo, Milton desabafou:

— Ela está deprimida. Tá na cara. Viu aquele semblante?... O cafajeste do Sandro destruiu essa mulher linda e maravilhosa.

— Nós vamos reconstruí-la! Como eu disse, não temos mais nada pra fazer — Danilo sorriu com esperança nos olhos.

— Não vamos passar nenhum problema pra ela. Entendeu? Nada sobre o salão, dinheiro, funcionários... nem sobre a pandemia. Vamos evitar esses assuntos. Qualquer coisa pode dar ideias infelizes e abalar a Andreia. Nunca se sabe.

E naquele instante, sem que percebessem, estavam sendo instrumentos da espiritualidade. Porque às vezes, reconstruir alguém é o mais nobre dos trabalhos. E amar, silenciosamente, é a mais alta forma de oração.

O lado humano e gentil dos dois irradiava o brilho de suas almas. A boa vontade em servir, o amor incondicional, o cuidado silencioso... Tudo isso era como somar pontos luminosos em suas jornadas evolutivas.

Quando corações se unem para acolher, proteger e amar sem esperar nada em troca, a espiritualidade maior se aproxima. Cada gesto de bondade é uma prece silenciosa que ecoa no plano superior. E quando o sofrimento encontra abrigo no afeto, a cura começa. Porque o amor, vivido em ação, é sempre o caminho mais curto entre a dor e a esperança.

Eles não podiam ver, mas, no plano espiritual, uma movimentação silenciosa e luminosa acontecia.

Seus mentores pessoais, junto a amigos espirituais devotados, despendiam energias sutis e vibrações elevadas, envolvendo seus pensamentos e sentimentos com ternura e sabedoria.

Como mãos invisíveis, guiavam-nos com delicadeza, soprando intuições, inspirando decisões, suavizando angústias.

Cada gesto de acolhimento, cada palavra de consolo, cada escolha de amor era, na verdade, um eco da assistência espiritual que os envolvia. Nada era por acaso. Tudo seguia o compasso da Providência Divina que, mesmo diante das dores humanas, traça caminhos de recomeço e redenção.

A missão de cada um, embora velada aos olhos terrenos, era clara aos olhos do Alto. E ali estavam eles: amparados, protegidos, guiados para que o destino se cumprisse com amor e a jornada se tornasse aprendizado.

A espiritualidade superior não impõe, mas inspira. Não força, mas sustenta. E quando o coração humano se abre à sensibilidade do bem, torna-se receptáculo das bênçãos invisíveis que descem do Céu. Assim, mesmo em meio à dor, há sempre mãos estendidas, corações vigilantes e luzes acesas no caminho.

Ainda haveria dificuldades. As provas e expiações não cessariam de imediato, pois fazem parte do roteiro de evolução que cada espírito aceita antes de reencarnar, no planejamento reencarnatório.

Mesmo em meio à pandemia que espalhava medo e insegurança, havia algo que não poderia ser contaminado: a força do pensamento elevado e o desejo sincero de transformação.

E era isso que os sustentava.

Seus corações, embora feridos, mantinham-se confiantes.

A fé, mesmo entre lágrimas, permanecia acesa como uma chama que não se apaga. E essa fé silenciosa, persistente, luminosa alcançava as esferas superiores, tocava o coração de Deus e atraía bênçãos de renovação.

Quando o espírito, mesmo em dor, escolhe confiar, ele se torna receptáculo da esperança. E a esperança é o primeiro passo para o recomeço.

A dor não é castigo, é convite. A prova não é punição, é lapidação. E a fé, quando cultivada em meio às sombras, torna-se ponto de luz. Deus não abandona os que sofrem, mas os envolve com amor, esperando o momento em que, fortalecidos, possam caminhar com mais consciência e paz. O recomeço sempre chega e chega com propósito.



Quando a noite chegou, trazendo consigo o silêncio que convidava à introspecção, a tela do computador se iluminou em pequenos quadrados.

Cada rosto ali era uma presença. Alguns familiares, outros ainda envoltos em mistério. Andreia observava com atenção, como quem busca abrigo em olhares.

A pandemia já deixava marcas profundas: dor, perdas, medos. Mas também despertou reflexões sobre fé, sobre recomeços, sobre o valor da esperança. E era por isso que tantos se reuniam virtualmente: para acenderem, juntos, uma chama que não se apagasse.

Naquela noite, Andreia, Milton e Danilo estavam ali, diante do notebook, acompanhando Eduardo, que iniciou o encontro com serenidade:

— Boa noite, amigos. Que a paz de Jesus nos envolva. Vamos iniciar nosso Evangelho no Lar com uma prece.

Caíque, com voz firme e coração entregue, conduziu a oração:

— Senhor, que possamos abrir nossos corações à Luz do entendimento. Que este momento seja de acolhimento, reflexão e paz. Que os benfeitores espirituais nos envolvam, inspirem, amparem e nos direcionem os bons fluidos que merecemos...

Andreia fechou os olhos durante a prece. Era sua primeira vez em um encontro assim online. Já havia recebido convites antes, mas o cansaço e a

tristeza a mantinham distante.

Naquela tarde, ao receber novamente o chamado de Caíque, comentou com o cunhado e Milton, com seu jeito firme e afetuoso, fez questão de participar.

Ele, espírita convicto, sabia o valor de momentos como aquele: instantes de elevação, de reencontro com a fé, de renovação da esperança. E naquele tempo difícil, isso era mais necessário do que nunca.

Andreia, por sua vez, sentiu-se bem. Havia algo de suave na atmosfera, como se mãos invisíveis a envolvessem em ternura. Enquanto a prece seguia, ela se permitiu sentir.

Após a leitura de um trecho de O Evangelho Segundo o Espiritismo, Eduardo comentou com voz serena:

— Esse capítulo fala sobre as aflições e como elas, muitas vezes, são instrumentos de crescimento — disse Eduardo, com voz serena, como quem semeia luz em terreno fértil.

Andreia respirou fundo. Algo dentro dela parecia se mover, como uma brisa suave que toca o íntimo. Continuou ouvindo, como quem finalmente encontra um caminho que não sabia existir.

— Às vezes, a dor parece injusta — comentou Caíque na sua vez, olhando para ela através da tela. — Mas, quando olhamos com outros olhos, percebemos que ela revela caminhos que antes não enxergávamos. A dor não é punição. É convite.

Um silêncio respeitoso se instalou, como se todos estivessem em reflexão.

— E quando aceitamos esse convite — tornou Eduardo — começamos a curar o que nem sabíamos estar ferido.

Andreia sorriu. Pela primeira vez em dias, talvez semanas. Um sorriso tímido, mas verdadeiro.

— Geralmente, a dor que sentimos tem um causador — continuou Eduardo —, ou melhor, alguém que nos feriu. E uma das primeiras chaves para libertar-se da dor é o perdão. Perdoar não é esquecer. Perdoar é lembrar sem sofrer. É libertar-se, porque o rancor aprisiona mais quem sente do que quem causou.

— Ah... Eu ainda não consigo... — Andreia suspirou, murmurou num desabafo que escapou do fundo da alma.

— E está tudo bem, Andreia — respondeu Caíque com doçura. — O perdão é um processo, não uma mágica. Você já começou a crescer. Só o fato de estar aqui, buscando entender, buscando o caminho, já é um grande passo.

Os olhos de Andreia se aqueceram, marejados de emoção. Estava sensível.

— Eu só quero paz... — murmurou.

— Essa paz começa dentro de você — tornou Caíque. — O resto vem depois. É preciso cultivar a paciência e a paz floresce.

As reflexões seguiram, como águas mansas que lavam o espírito. E assim foi, até encerrarem O Evangelho no Lar.

Mais tarde, Andreia estava no quarto, envolta em pensamentos, quando o celular tocou. Era Caíque, por videochamada.

— Oi.

— Oi, Caíque — ela sorriu com simplicidade.

— O que aconteceu? Você está com seu cunhado?

Andreia contou. Com pausas, com suspiros, com a voz embargada por tudo o que ainda doía, contou.

Disse que o marido não havia pagado o aluguel da casa e por isso foi notificada. Como se não bastasse, ainda tinha bloqueio em seu acesso ao banco. Estava sem meios, sem recursos, sem chão. Por isso, o cunhado a acolheu em seu apartamento, sem hesitar.

Explicou que a casa da mãe já estava cheia. Sua irmã havia se mudado para lá com a filha. Mas não era só isso. Por estar grávida, fazia parte do grupo de risco. E o bebê, que carregava um pequeno coração já tão frágil, também. Ir para lá seria imprudente. Havia riscos demais por também haver o irmão que, naquele momento, parecia alheio à gravidade da pandemia. Não seguia os cuidados, não respeitava os protocolos. Era como uma tempestade dentro de casa.

Em certo momento, Andreia chorou. As palavras cessaram, e só restaram as lágrimas silenciosas, densas, libertadoras.

Do outro lado da tela, Caíque apenas ouviu.

Não tentou consolar com frases prontas. Não ofereceu soluções. Não interrompeu com conselhos. Apenas esteve ali: inteiro, presente, silencioso. Porque, às vezes, uma das maiores formas de amor é simplesmente escutar. Porque, às vezes, ouvir é tudo o que se pode. E tudo do que se precisa.

— Estou preocupada... — disse Andreia com a voz embargada. — Como vai ser quando eu for para o hospital? Minha mãe, com Alzheimer, não poderá me acompanhar... minha irmã está cuidando dela. Será meu cunhado que vai me levar? — Secou o rosto com as mãos, como quem tenta apagar a angústia. — Nem marido tenho... Eu não queria aceitar a ajuda do Milton, mas não tenho para onde ir — murmurou e enxugou o rosto com a manga da blusa, num gesto de resignação.

Caíque permaneceu em silêncio por longos segundos. Seu rosto, iluminado pela tela, mostrava mais do que dizia. Havia ternura em seu olhar. Havia respeito.

— Você não precisa se justificar — disse, com voz baixa, quase como um sussurro de acolhimento. — Você está fazendo mais do que pode.

Andreia respirou fundo. O peso da solidão parecia menos cruel naquele instante.

— Eu só queria um pouco de paz. Um canto para respirar...

— Você merece isso — respondeu ele, como quem vê além das aparências.

— Sabe, Caíque... às vezes, sinto como se estivesse sendo punida — disse Andreia, com a voz baixa, como quem revela um segredo guardado no coração.

— Não é punição. É travessia — respondeu ele, com suavidade, como quem compreende a dor sem precisar explicá-la.

Ela sorriu, triste, com aquele sorriso que carrega mais lágrimas do que risos.

— Você fala como se soubesse...

Caíque hesitou. O silêncio entre eles se estendeu até que ele, com um sorriso discreto, confessou:

— Eu sei. Quando minha ex foi embora, achei que era o fim. Mas foi só o começo.

Andreia o olhou com mais atenção. Havia algo novo ali. Uma vulnerabilidade compartilhada.

— Você nunca falou sobre isso...

— Nem sei se quero falar e... Às vezes, a gente só precisa de alguém que escute.

— Obrigada por me ouvir — disse ela com gratidão sincera.

— Sempre. Quando precisar...

A conexão entre eles se intensificava, mesmo sem palavras diretas. Era como se os corações conversassem em silêncio. E então, quase sem perceber, Caíque arriscou:

— Se eu pudesse... te daria esse canto de paz agora.

Andreia sorriu emocionada. Havia ternura em sua expressão.

— Só de falar comigo e me ouvir... já é um pouco de paz.

Caíque respirou fundo e desviou o olhar por um instante, como quem tenta conter o que transborda. Depois disse:

— Você é mais forte do que pensa, Andreia.

— E você é mais gentil do que imagina.

Ambos riram. Um riso leve, como quem encontra alívio no meio da tempestade.

— Vai dar tudo certo, Andreia.

— Ouvir isso de você faz parecer possível.

Um barulho próximo ao lugar onde ele estava o fez se despedir:

— Então... quero que fique bem. Se precisar conversar... já sabe. Não se preocupe com o horário. Estarei por aqui.

— Muito obrigada.

— Fica com Deus.

— Você também, Caíque.

E a chamada se encerrou, mas o que havia sido dito e sentido permaneceu. Como uma luz acesa no escuro.

A escuta amorosa é uma das mais elevadas formas de caridade. No silêncio de quem acolhe sem julgar, o Espírito encontra abrigo. O Espiritismo nos ensina que cada alma carrega suas provas e que o verdadeiro auxílio nem sempre está nas palavras, mas na presença sincera. Quando dizemos: “você merece paz”, estamos reconhecendo a luz que ainda brilha, mesmo em meio à dor. E é essa luz que os bons Espíritos ajudam a reacender, por meio de gestos simples, humanos e profundamente espirituais.



No dia seguinte, ao abrir o celular, Andreia se deparou com uma mensagem de Caíque:

“Bom dia, Andreia. Espero que tenha dormido bem. Se precisar de algo, estou aqui.”

Ela sorriu. Um sorriso breve, mas sincero. Como quem encontra um raio de sol entre nuvens densas.

No outro dia...

“Oi, Andreia. Vi uma mensagem bonita hoje: ‘A fé não tira os problemas, mas nos dá força para enfrentá-los.’ Pensei em você.”

No seguinte...

“Como foi seu dia, Andreia? Sei que o silêncio, às vezes, pesa. Se quiser conversar, estou aqui.”

Andreia, quando respondia, era breve e com poucas palavras. Mas havia algo que crescia ali: uma presença constante, mesmo a distância.

Sentada no sofá do apartamento de Milton, com o celular entre as mãos, ela viu mais uma mensagem piscar na tela:

“Hoje, o céu amanheceu nublado. Mas tem dia que podemos deixar a alma mais clara que o tempo. Tenha fé. Tenha esperança. Cuide de você.”

Ela sorriu. Um sorriso tímido, quase imperceptível. Mas que dizia muito.

Nesse instante, Milton passou pela sala carregando uma toalha.

— Tudo bem?

— Tá, sim — respondeu ela, guardando o celular.

Mas não estava. Ou talvez estivesse... só por aquele instante.

Andreia passou a esperar por aquelas mensagens. Nem sempre respondia. Às vezes, apenas lia. E deixava o coração responder por ela, em silêncio.

Naquela noite, antes de dormir, escreveu:

“Obrigada por estar por perto. Mesmo longe.”

Caíque respondeu poucos minutos depois:

“A distância não impede presença. E você nunca está sozinha. Estou aqui.”

E naquela troca simples, feita de palavras suaves e sentimentos profundos, ela encontrou algo que há muito buscava: companhia verdadeira. Um afeto que não exigia nada, apenas existia.



Nos dias que se seguiram, Andreia parecia mais animada em muitos momentos. Havia pequenos gestos que revelavam isso.

Como a foto que tirou de um prato simples: arroz, abobrinha refogada e ovo estrelado. Enviou para Caíque com uma legenda singela:

“Hoje foi dia de comida de alma. Nada sofisticado, mas me fez lembrar da minha mãe.”

Caíque respondeu poucos minutos depois:

“Comida de alma é aquela que abraça por dentro. Sua mãe é uma mulher muito especial.”

Ela sorriu ao ler. Um sorriso leve, quase infantil, como quem reencontra um afeto antigo.

“Minha mãe dizia que abobrinha cura tristeza. Não sei se é verdade, mas me ajudou a comer algo verde. Hoje, esse prato funcionou. Não estou tão triste.”

Caíque mandou um emoji de coração e escreveu:

“Então, que nunca falte abobrinha na sua vida.”

Ela riu alto, sem perceber. E naquele riso havia vida.

No final da tarde, ele perguntou:

“Como você está? E o João?”

“Ele está quietinho, mexendo pouco. Acho que é o frio.”

“E você?”

“No início da tarde... foi um pouco difícil. Mas lendo O Evangelho ganho ânimo.”

Caíque respondeu com ternura:

“Aguenta firme. Lembre-se de que todos estamos atravessando um vale, mas, do outro lado, tem Luz. Ninguém, nunca, está sozinho.”

Andreia olhou para a tela, emocionada. Sentia que, mesmo em meio à travessia, havia mãos invisíveis que a sustentavam. E palavras que, como bálsamo, curavam devagar.



Milton estava no canto da sala, bordando toalhas com a delicadeza de quem costura silêncio e afeto. Danilo se aproximou devagar, como quem traz uma notícia boa.

— Você reparou na Andreia?

— O quê? O que aconteceu? — Milton se sobressaltou preocupado, acreditando que algo ruim tivesse acontecido.

— Ela está mais leve. Ontem... cantarolou baixinho na cozinha — disse Danilo, sorrindo com ternura, como quem contempla uma flor desabrochando.

Milton sorriu ao considerar:

— Acho que é aquele amigo dela. O Caíque. Está ajudando a levantar o ânimo dela.

— É... Eles têm se falado todos os dias. Mensagens, chamadas de vídeo... Mas não é romance. É cuidado.

— Por enquanto — Milton ponderou com um sorriso cúmplice.

— Às vezes, o que a gente precisa é só isso. Alguém que nos veja com calma, com alma... Alguém que contemple o coração. Que deseje nos ver bem, sorrindo. E ele sabe que é só isso.

— Ainda bem. Fiquei preocupado. Ela estava bem deprimida... E está perto do bebê nascer. O maldito do meu irmão nem... Ah, deixa pra lá. Ela merece coisa melhor. Merece se reconstruir. Merece ser feliz.

— Estou torcendo por ela.

— E eu também. Ele parece um bom rapaz — disse Milton, com os olhos brilhando, como quem enxerga além das aparências.

— Você está falando igual àquelas velhinhas com imensa bagagem de vida — Danilo riu com gosto.

— Cê para, viu! — Milton o repreendeu, brincando, com aquele jeito único que só ele sabia usar.

E naquele breve diálogo, entre linhas bordadas e palavras ditas com afeto, havia uma certeza silenciosa: o amor, mesmo quando não é romance, pode ser cura.



Caíque estava deitado em uma rede, no fundo, bem no fundo, do quintal de sua casa. A sombra da árvore, antiga e silenciosa, filtrava os raios frios do sol que dançavam entre as folhas tremeluzentes, como pequenos reflexos de esperança.

De olhos fechados, ele se deixava levar pelas reflexões que a pandemia despertou. O mundo parecia suspenso, em pausa. E, dentro dele, também havia inquietude.

Como empresário, carregava o peso das responsabilidades. Tudo fechado. Ninguém trabalhando. E ele, ainda assim, precisando pagar salários, manter compromissos, sustentar estruturas. Não sabia até quando conseguiria. A demissão parecia uma saída inevitável, mas o pensamento doía. Cada funcionário era uma história. Cada história, uma família. E cada família, uma luta silenciosa contra o medo e a escassez.

Como pessoa, desejava apenas que tudo voltasse ao normal. Que o mundo respirasse de novo. Que os abraços voltassem. Que a vida retomasse seu curso.

Foi então que, de súbito, uma voz o despertou:

— Oi. Você tá diferente, Caíque.

Ele abriu os olhos e respirou fundo, como quem emerge de um mergulho meditativo profundo nas águas da própria alma. A luz ainda brincava nas

folhas da árvore, filtrada pela sombra que embalava seus pensamentos. Mas agora, havia também um olhar sobre ele.

— Que susto, Elisângela — disse, franzindo a testa ao ver a namorada.

— Estou te observando faz tempo.

Ele se ergueu na rede ainda envolto nas reflexões que o silêncio havia permitido.

— Diferente... Você disse que estou diferente... Como?

— Mais distante... Mais ausente.

— Você não entende que estou vivendo um momento difícil e delicado? A pandemia, tudo fechado... Eu tenho uma empresa e muitos funcionários. Como gostaria que eu estivesse? Além do mais, você nem deveria estar aqui na minha casa.

— Ah, claro. E a Andreia?

Caíque franziu a testa, sério.

— Do que você está falando? O que tem a Andreia?

— Você fala com ela todos os dias. Eu acabei de ver as mensagens no seu celular, que estava lá na sala.

— Não sou do tipo que tem algo pra esconder. Nem de você nem de ninguém. Por isso, meu celular não tem senha. E posso afirmar que isso é libertador. Mas... respondendo à sua pergunta... Ela está passando por um momento complicado. Estou sendo amigo.

— Amigo?! — retrucou Elisângela, alterada, querendo brigar. — Nunca mandou pra mim um trecho do Evangelho dizendo que pensou em mim, que sou forte...

— Porque você nunca quis participar das atividades espíritas comigo. Você não se mostra interessada... Parece turista na casa espírita. Só vai quando eu

insisto.

— Agora a culpa é minha? — indagou zangada.

— Não é culpa. É escolha. Você escolheu.

Elisângela ficou irritada.

— Você tá se apaixonando por ela. Como pôde? Uma mulher casada, separada, mas ainda casada. Grávida de uma criança que vai nascer doente e precisará de cirurgia cardíaca assim que vier ao mundo! Uma mulher com a vida toda complicada! Que perdeu tudo!

— Não. Não estou me apaixonando por ela. Mas... Talvez... — levantou-se, olhou nos olhos dela e falou firme: — Talvez eu esteja me afastando de você.

— Como assim? Por quê?

— Porque você não me escuta. Porque tudo vira disputa entre nós. Porque eu não posso ser eu mesmo perto de você. Porque... tenho tantas razões que ficaria difícil e desagradável mencionar.

— E com ela você pode? Pode ser você mesmo? — perguntou agressiva.

— Com ela... eu posso respirar.

— Presta atenção no que você está fazendo, Caíque! Olha o que está falando! — gritou.

— Por que você sempre perde a linha quando falo o que sinto?

— Caíque!...

— Para, Elisângela. Por favor. É melhor você ir pra sua casa — ele calçou os chinelos, virou-se e entrou.

Ela o seguiu.

Enquanto caminhava para dentro, o coração de Caíque pesava, mas também se iluminava com uma verdade silenciosa sobre o que não mais queria para sua vida. Sabia que não era sobre Andreia nem sobre Elisângela. Era sobre ele mesmo. Sobre o que estava se tornando.

Naquele instante, lembrou-se de uma frase que ouviu, certa vez, na casa espírita: “A paz que buscamos fora é reflexo da paz que cultivamos dentro.”

E compreendeu que, às vezes, o afastamento não é fuga, é proteção. Que o silêncio não é desprezo, é respeito. E que o amor verdadeiro não grita, não exige, não invade. Ele acolhe, escuta, espera. E quando é guiado pela consciência, jamais se confunde com impulso.

Caíque não sabia o que o futuro lhe reservava. Mas sabia que precisava seguir com verdade. E deveria encontrar um jeito de dizê-la. E, acima de tudo, deveria estar inteiro para si, para os outros e para Deus.

Na sala, na presença de Eduardo e Kátia, Elisângela não se conteve:

— Caíque, você acha que pode simplesmente me mandar embora?! — falava com os olhos espremidos, ardendo de raiva.

Caíque parou no meio da sala. Suspirou fundo. Ruidosamente.

Eduardo e Kátia, surpresos, permaneceram sentados à mesa, observando em silêncio.

— Eu não quero discutir, Elisângela. Não aqui.

— Claro que não quer! Porque tem plateia, né?! Porque agora você é o espírita sensível. O homem que manda mensagens poéticas pra outra mulher! Uma mulher casada, grávida! Cheia de problemas!

Kátia ia se levantando para se retirar, mas Eduardo fez um gesto discreto, pedindo que ela esperasse. Não seria bom deixar o irmão sozinho, enquanto a namorada o atacava com palavras duras.

— Não tem nada a ver. O que você está falando não faz sentido — Caíque tentou justificar.

— Tem tudo a ver! — ela gritou. — Você mudou, Caíque! E não foi comigo! Foi com ela!

— Eu mudei porque precisei! — reagiu. — Mudei porque a dor me obrigou. E você nunca vai entender isso.

— Eu? Tentar te entender?! Desisti! Você sempre se fechou!

— Me fechei porque você não escuta. Não sabe escutar. Só cobra! Só exige!

— E ela? Ela te escuta? É isso?

Calmo, mansamente, ele respondeu:

— Ela escuta. E não me julga.

Eduardo se levantou com calma e pediu:

— Elisângela... talvez seja melhor vocês conversarem em outro momento.

— Não, Eduardo! Eu quero que vocês vejam! Quero que sejam testemunhas do que ele está fazendo!

Kátia se levantou, aproximou-se e disse:

— A gente tá vendo sim, mas não o que você pensa, Elisângela.

Ela olhou para os dois, ofegante e irritada:

— Vocês acham que ele tá certo?!

— Achamos que o nosso irmão está tentando ser verdadeiro. Isso, às vezes, dói — respondeu a irmã.

Caíque olhou para Elisângela e decidiu:

— Eu não quero te machucar, tá? Mas... continuar assim é machucar nós dois. Chega. Acabou — disse e ficou parado em frente a ela. Esperando.

Alguns segundos de silêncio.

— Então é isso? — ela murmurou com raiva.

— É. É isso, Elisângela. Acabou.

Elisângela respirou fundo, segurou as lágrimas e saiu sem dizer nada.

Os irmãos se entreolharam.

Caíque não tinha o que falar. Sentia-se amargurado, mas algo leve nascia dentro dele. Não saberia explicar. Respirou fundo e foi para seu quarto.

A verdade, se dita com serenidade, pode ferir, mas também pode libertar. No Espiritismo, aprendemos que os relacionamentos são oportunidades de aprendizado e que nem sempre o amor se sustenta onde não há escuta, respeito e evolução. A dor da separação pode ser o início de uma reconstrução interior. Porque quando o espírito escolhe a verdade, mesmo que doa, ele começa a caminhar rumo à paz. E, às vezes, respirar é o primeiro passo para renascer.

Capítulo 24

Quando o abraço não pode ser físico

A dor é uma professora severa, mas generosa.

E o amor é sempre o destino final.



Era madrugada.

Eduardo percebeu a luz acesa, a distância, como um farol silencioso no meio da escuridão. Caminhou até a cozinha com passos leves, respeitando o silêncio da casa e da alma.

Caíque estava lá, sentado à mesa, os cotovelos apoiados, a cabeça entre as mãos. Parecia carregar o peso do mundo nos ombros.

Eduardo não disse nada. Apenas ligou a cafeteira, deixando o aroma do café preencher o ambiente como quem oferece consolo sem palavras.

Silêncio.

Quando o café ficou pronto, empurrou a caneca fumegante para frente do irmão, fazendo um leve ruído ao arrastá-la sobre a madeira da mesa.

Caíque ergueu o olhar devagar, como quem retorna de um lugar distante. Pegou a caneca e bebeu um gole. Estava bem quente. Mas não reclamou. O calor parecia necessário. Como se quisesse aquecer algo que há tempos esfriava por dentro.

E ali, entre o vapor do café e o silêncio compartilhado, havia mais do que uma madrugada. Havia presença. E isso, às vezes, é tudo.

— Não conseguiu dormir? — perguntou Eduardo, puxando uma cadeira e se sentando ao lado do irmão.

— Não. A cabeça está cheia — respondeu, com o olhar perdido na borda da caneca, como se ali houvesse respostas.

— Pelo jeito, a Elisângela foi embora de vez.

— Foi. E foi melhor assim.

Eduardo observou o semblante do irmão, tentando abrir espaço para algo mais profundo.

— Ela sempre quis saber do seu passado...

Caíque permaneceu em silêncio por um instante, depois respondeu:

— Sempre. E nos últimos tempos, as cobranças eram diárias. Insistentes.

— E você não contou — tornou o outro com paciência e afeto.

— Não — afirmou Caíque, sem desviar o olhar.

— Nem pra mim...

O silêncio se instalou entre os dois. Respeitoso e repleto de escuta.

— Sempre respeitamos o seu silêncio... — disse Eduardo com cuidado, evitando ser invasivo. Compreendia que o irmão carregava uma dor antiga. — Mas... chego a pensar que é preocupante. Nem você nem ela explicaram o motivo do divórcio.

Caíque respirou fundo. E pela primeira vez, revelou:

— Foi traição.

Eduardo hesitou, depois perguntou:

— Sua ou dela?

Caíque finalmente ergueu os olhos, mas não para o irmão, olhou para dentro de si.

— Você se lembra do Luís?

— Claro. Seu amigo de infância. Estudou com a gente. Vivia lá em casa... Ele foi seu padrinho de casamento, né?

— Foi ele.

Eduardo não respondeu de imediato. Apenas assentiu com o coração apertado. Algumas dores não precisam de palavras, só de compreensão.

Mas, para abrir espaço ao desabafo, perguntou com delicadeza:

— Ele o quê?

— Ele e a Silvana — disse Caíque com a voz embargada.

Eduardo tentou explorar a alma do irmão, buscando um caminho por onde a dor pudesse sair.

— Você viu os dois?

— Eu tinha saído para trabalhar. Esqueci um documento e voltei.

— E encontrou os dois? — perguntou com sensibilidade, diante do longo silêncio.

Caíque fez um gesto afirmativo com a cabeça. Um nó na garganta o impedia de falar mais.

O irmão esfregou o rosto com as mãos, imaginando o quanto aquilo devia doer.

— Cara... por que nunca contou?

— Vergonha.

— Vergonha? Você foi o traído.

— Não era só isso. Ela já me diminuía há tempos. Dizia que eu era acomodado, sem ambição. No terceiro ano de casamento, tudo começou a mudar. Distância, ausência, abuso psicológico... Sexo? Nem pensar. O trouxa aqui não percebeu. Não se deu conta.

Caíque fez uma pausa, como quem revisita um lugar escuro na alma. Depois, ainda contou:

— A Silvana começou a mudar. Ficou vaidosa demais. Queria festas, barulho, distração, amigos em casa... Eu queria sossego. Queria um filho. Uma vida comum. Ela abominou a ideia de termos um filho. Eu a confrontei, porque, antes de nos casarmos, ela dizia que queria. E sabia que eu também. O casamento começou a se dissolver. Ela sempre agitada, nervosa, gritando... Odeio gritos. — Nova pausa. Mais profunda. — Comecei a buscar o Espiritismo. Queria paciência. Queria salvar o casamento. Ela achava bobagem. Me chamava de fraco. Ria quando me via fazendo leituras, preces, Evangelho no Lar... — Caíque olhou nos olhos do irmão. — Mas ela nem imaginava que eu estava me segurando pra não explodir. Quando encontrei os dois... pensei em matá-los, mas os ensinamentos da Doutrina me detiveram.

Eduardo permaneceu em silêncio. E o outro continuou:

— É por isso que sei perfeitamente o que você sentiu quando deixou o garoto ir embora e foi tentar socorrer sua mulher e seu filho.

Eduardo nada disse. Apenas sentiu.

— Pedi o divórcio — Caíque contou. — Depois veio a demissão da empresa...

— Lembro-me dessa época — Eduardo disse.

— Então, me calei. Eu me calei porque não queria que a dor fosse maior do que já era. Mas o silêncio também corrói. Entrei em depressão profunda. Fui pra casa da mãe. Fiquei naquele quarto por mais de um mês. Não foi fácil me recuperar, me erguer e recomeçar... — Sorriu com leveza. — Nossa família me ajudou muito. Me acolheram. Principalmente você. Aceitaram meu silêncio. Nunca fizeram cobranças. O Espiritismo me ajudou incrivelmente. Aos poucos, me ergui. Veio a ideia das lojas de autopeças... O tempo passou. E vocês respeitaram meu tempo. Detesto ser cobrado. Me sinto invadido.

Silenciou. Bebeu o café.

A dor da traição é uma das mais profundas que o espírito pode enfrentar. No Espiritismo, aprendemos que mesmo as feridas mais intensas podem se tornar instrumentos de transformação. O silêncio, quando respeitado, é espaço de reconstrução. E o acolhimento, sem cobrança, é caridade em sua forma mais elevada. Quando escolhemos não revidar, mas compreender, estamos praticando o Evangelho. Porque a verdadeira força não está em reagir, está em se refazer.

— E a Elisângela te fazendo cobranças, você não querendo falar... Isso deve ter incomodado — disse com empatia.

— Lógico. Até porque, eu não tinha total confiança nela. Não queria que esse assunto se espalhasse. Por isso, entendo muito bem a dor da Andreia. O melhor é buscar se reconstruir, não ficar revivendo o que machuca.

— E ela? A Andreia? — Eduardo quis saber.

Caíque ergueu o olhar, como quem busca uma resposta que ainda não se formou. Respirou fundo.

— As conversas com ela são leves. Daquelas que fazem a gente se sentir bem. Ela é calma. Serena.

Houve uma pausa que se estendeu além do esperado, sem que nenhuma outra explicação viesse.

— Obrigado por confiar em mim — Eduardo sorriu generoso.

— Eu precisava te contar. Ia te contar... Não pra justificar nada. Só pra deixar essa história pra trás... Deixar esse capítulo encerrado.

Um longo silêncio se instalou. Caíque bebeu o restante do café.

— Mas... sobre a Andreia... o que você sente por ela? — o irmão perguntou com cuidado.

Caíque demorou a responder. Olhou para a caneca, depois para a janela, antes de dizer:

— Não sei.

— Não sabe ou não quer saber? — Eduardo o provocou com um sorriso leve.

Caíque sorriu, mas sem humor.

— Ela me traz paz. Disso eu sei — confessou.

— E isso já é muito.

— Mas... eu não quero confundir as coisas, Edu. Não sei direito o que pensar dessa situação. Ela está casada, passando por tanta coisa... o bebê, o Sandro, a empresa... morando de favor na casa do cunhado. Uma mulher lutadora, que sempre se fez sozinha... Agora...

— Casada? — Eduardo riu, não de desdém, mas com compreensão. — Andreia está momentaneamente separada, com o divórcio em andamento. O marido é um idiota perfeito. Trocou uma mulher maravilhosa por aquele lixo da Maura. — Ofereceu breve pausa e considerou: — O interessante e importante é que a Andreia não é acomodada, disso temos certeza. Não é o tipo de mulher que deseja ser mantida. Justamente por tudo isso, ela precisa de alguém que esteja inteiro.

— Estou tentando ser essa pessoa inteira. Sensata. Que não despeja problemas em quem já carrega tantos. Apoio, escuto, sei silenciar... Na verdade, estou conhecendo a Andreia. E acho que ela já percebeu isso.

— Você fala dela com cuidado, com respeito, com afeto.

— Porque ela merece — disse Caíque, olhando o irmão com sinceridade.

— E não acha que você merece sentir isso também?

Caíque respirou fundo, remexeu-se na cadeira e confessou:

— Não quero repetir erros. Não quero entrar em algo por carência, por impulso ou compaixão.

— Mas não parece isso. O passado é escola, não prisão.

— Com ela... sabe... é diferente, Edu.

Eduardo sorriu, novamente, aconselhando com ternura:

— Então... deixa ser. Sem pressa. Sem medo.

— Mas veja o que ela passou. Preciso ser alguém em quem ela possa confiar.

— E já é. Você já é. O resto... vem com o tempo. Caíque, viva algo novo. Sem negar o passado, mas sem deixar que ele te defina.

— Vou pensar. Agora... tô com sono — disse, fazendo um semblante engraçado.

— O café não tirou seu sono? — Eduardo riu.

— De jeito nenhum.

— Ah... agora não. Fica aí pra gente conversar, porque perdi o sono por sua causa — Eduardo brincou, rindo com gosto.

Caíque se levantou sorrindo. Era outro homem, mais leve.

— Perdeu o sono por minha causa nada! Perdeu o sono por causa do seu café que, a propósito, é horrível — riu.

— E por que você tomou tudo?

Ambos riram. E naquela madrugada, entre confissões e afeto, havia mais do que palavras: havia cura, havia amizade.

Enquanto a noite envolvia a cidade em seu manto silencioso... e os corações humanos buscavam repouso ou consolo... algo mais acontecia, invisível aos olhos, mas real para os que sentem com a alma.

No plano espiritual, onde o tempo não corre como aqui, mentores de Luz se reuniam em vibração serena. Espíritos amigos, comprometidos com o progresso moral de Caíque e Andreia, observavam com ternura os movimentos discretos de seus corações.

— O reencontro e a aproximação estão sendo sutis, mas é necessário que seja assim — disse um dos mentores com voz que mais parecia pensamento.

— Ambos carregam feridas desta existência, mas também sementes de renovação — respondeu outro com olhar compassivo.

— O livre-arbítrio será respeitado. Sempre será. O terreno está sendo preparado. Eles precisam aprender a amar novamente com maturidade, com entrega, com fé.

— E antes disso, precisam aprender a amar a si mesmos. A se perdoar. A se reconstruir.

— Então... Vamos levá-los... — o mentor de Caíque sorriu.

As vibrações de amor e esperança se espalhavam como ondas suaves, envolvendo os dois, embora distantes, em momentos de silêncio e repouso do corpo físico, em sonhos reconfortantes, em intuições que pareciam pensamentos próprios.

No apartamento de seu cunhado, Andreia dormia com a mão sobre o ventre, mão que sentia o bebê repousar em paz.

Caíque, em seu quarto, sonhava com um campo florido onde caminhava sem pressa, sentindo-se leve como há muito não se sentia.

Nesse campo florido, Andreia e Caíque encontraram-se e sorriram um para o outro. Havia paz. Conversaram. Conversas que a consciência não lembraria, mas que ficariam registradas no coração.

Nada era por acaso.

A espiritualidade amiga não impunha caminhos, apenas iluminava as possibilidades. E ali, entre o que foi e o que viria, um novo ciclo começava a ser desenhado. Com delicadeza. Com propósito. Com amor.

Quando o coração encontra paz em alguém, não é por acaso, é afinidade espiritual. No Espiritismo, aprendemos que os encontros significativos são laços que vêm de longe, de outras vidas e que o cuidado é uma forma elevada de amor. A reconstrução começa quando deixamos de fugir da dor e escolhemos caminhar com ela, com fé e serenidade. Porque viver algo novo não é esquecer o passado, mas permitir que ele nos ensine sem nos aprisionar.



Com o passar dos dias...

A pandemia não oferecia trégua. O mundo inteiro ainda parecia respirar com dificuldade. Medo, internações, incertezas, insegurança... Não havia como se proteger completamente, por mais que se tentasse. O invisível rondava as casas, os corpos, os corações.

A notícia chegou como um golpe seco: Nestor foi internado com COVID. O estado era grave. A idade avançada, o peso, a pressão alta, o diabetes, o colesterol elevado... tudo conspirava contra. Eram fatores de risco que, agora, deixavam a família em alerta e em oração.

Andreia sentiu o chão se mover. Amava o pai com ternura que não sabia descrever. E, mesmo distante, a dor da impotência a consumia.

Tamires estava em desespero. Cuidava da mãe com Alzheimer e da filha de onze anos. Ambas vulneráveis. Ambas dependentes. E Luan, o irmão caçula, parecia alheio à gravidade da situação. Saía, voltava embriagado, sem cuidados, sem máscaras, sem consciência.

Tamires, em uma das chamadas de vídeo, desabafou:

— Foi ele, Andreia. Tenho certeza. Foi o Luan quem trouxe o vírus pra casa. E agora... olha o que aconteceu com o papai.

Andreia escutava em silêncio, o coração em pedaços. De onde estava, não podia fazer nada. E isso doía mais do que qualquer febre.

Como se não bastasse, Milton também apresentou sintomas. Foi internado. O estado era grave. Danilo, por sua vez, testou positivo, mas não precisou de hospitalização.

Mesmo temerosa, Andreia cuidava dele com o que podia: máscara no rosto, distância segura, mãos sempre higienizadas e o coração em oração.

Naquela tarde, ela ajustou a máscara no rosto e entrou no quarto com um copo de água.

Danilo estava deitado, pálido, suando.

— Toma devagar... — disse ela, estendendo o copo e um comprimido.

— Obrigado... Você não precisava — murmurou ele com voz fraca.

— Eu precisava sim. Você faria o mesmo por mim.

Andreia se afastou dois passos, mantendo a distância. O coração apertado. Preocupava-se com o bebê, com ela mesma, mas não havia quem cuidasse do marido do cunhado. E ela não sabia virar o rosto diante da dor. Era um espírito nobre.

— Alguma notícia do Milton? — Danilo quis saber.

— Está sedado. O médico disse que os pulmões estão comprometidos — respondeu com um nó na garganta. Mesmo assim, acreditou: — Ele vai sair dessa. Ele é forte.

— E você? Tá se cuidando, né? Não deixe de se alimentar bem, Andreia. Tome suas vitaminas. Você tem de ficar bem. Agora, sai daqui. Vai... Sei que Deus está cuidando muito bem de você, mas não fica arriscando.

— Tudo bem. Qualquer coisa me chama. Vou deixar a porta aberta. Do meu quarto, eu te escuto.

Ela saiu. Foi para seu quarto. Sentia-se exausta. O corpo pedia descanso, mas a alma... a alma estava inquieta.

O celular vibrou. Olhou a tela. Era sua irmã por chamada de vídeo novamente.

E antes de atender, fechou os olhos por um instante. Pediu forças. Pediu luz. Pediu paz.

— Ligaram do hospital... — Tamires chorava. — O pai está inconsciente ainda. Sedado. Os pulmões estão bem comprometidos. E tem a idade, Andreia... o sobrepeso, a pressão alta, o diabetes... Ai, meu Deus...

Andreia escutava em silêncio, tentando conter a própria angústia.

— O Luan não tem um pingo de consciência! — a irmã prosseguiu. — Ele é desrespeitoso! A mãe e a Aline não pegaram COVID porque eu separei as

duas dele. Mas o pai... o pai sempre queria conversar, convencer o Luan a parar de sair, a ter consciência...

— Calma, Tamires. Não é hora de acusar ninguém — disse, tentando acalmar a irmã e a si mesma.

— O Luan sai todo dia! Volta de madrugada! Não usa máscara! Agora, olha o resultado... O pai... Ai, meu Deus... o que vai ser do nosso pai?

— Tá difícil pra todo mundo, Tamires...

— Difícil? Eu tô com medo, Andreia! Medo de perder o pai! Medo de adoecer e não ter quem cuide da mãe e da minha filha! Medo de que uma das duas pegue esse vírus!

A irmã respirou fundo. Não podia se deixar abalar. Pensava no bebê que carregava.

— Você não está sozinha, Tamires.

— Eu tô sim! Tô sozinha! O Luan não ajuda. A mãe não entende o que tá acontecendo e, desde que o pai foi internado, parece que a doença dela piorou. A Aline pergunta se o vô vai voltar vivo! E você aí, sozinha, cuidando do Danilo!... Isso é absurdo! Não pode ser verdade! Custo a acreditar no que está acontecendo! — mostrou-se apavorada.

— Eu gostaria de estar aí, mas...

— Eu também gostaria que você estivesse, mas não seria bom pra você... E também tem o Danilo... Não pode abandonar o Danilo aí sozinho... Alguém precisa cuidar dele. Andreia, o que a gente pode fazer?!

— Orar. Vamos orar. Vamos rezar, Tamires.

— Eu tô com medo... Tô em pânico...

— Calma. Não adianta se desesperar.

Conversaram mais um pouco. Ao desligar, Andreia ficou em silêncio. O coração apertado. A mente cansada. A alma exausta. E não havia o que fazer.

Lembrou-se de Rogério. Sua irmã estava muito sozinha. Talvez alguém de fora pudesse conversar com ela, acalmá-la. Ele saberia o que dizer.

Enviou um áudio explicando a situação. Pediu ajuda. Rogério ligou imediatamente, atento e disponível. Andreia contou tudo. Passou o número de Tamires. Em seguida, por mensagem, avisou a irmã que o amigo entraria em contato.

Parecia que todos consideravam Andreia forte demais. E por isso, despejavam nela suas dores, suas angústias, suas esperanças. Sem perceber que ela também carregava uma bagagem emocional pesada. Muito pesada.

Aqueles que parecem fortes, muitas vezes, são os que mais precisam de acolhimento. É preciso ter consciência. Não ser abusivo. No Espiritismo, aprendemos que a caridade começa pela escuta, pela presença, pela oração compartilhada, mas também pela reciprocidade. É preciso lembrar que a espiritualidade amiga nunca nos abandona. Nos momentos de dor, ela se aproxima, inspira, fortalece. E quando o coração já não sabe mais o que fazer, o Plano Maior começa a agir. A fé não elimina o sofrimento, mas nos ensina a atravessá-lo com dignidade e resignação, com amor e luz.

Angustiada, num impulso, ela decidiu fazer uma chamada de vídeo. Precisava conversar. Desabafar. Não aguentava mais a pressão.

E naquele instante, enquanto o celular chamava, a espiritualidade amiga se aproximava. Silenciosa. Presente. Inspirando coragem. Soprando esperança. Dispensando sobre ela fluidos benéficos.

Andreia apareceu com os olhos cansados e a máscara pendurada no pescoço. Cabelos presos, mas desalinhados. Havia algo em seu semblante que doía mais do que qualquer outra visão.

— Tá tudo desmoronando, Caíque.

— Me conta — pediu ele com a voz calma e o olhar atento.

— O Milton tá na UTI. O Danilo tá doente, mas em casa. O teste dele deu positivo. Estou cuidando dele e com medo de me contaminar.

— E sua família? E sua mãe?

— Meu pai está internado ainda. Não teve melhora. A Tamires acabou de conversar comigo. Ela tá desesperada. A mãe tá mais confusa. O Alzheimer piorou. E o Luan...

— O que houve com ele?

Andreia contou sobre a irresponsabilidade do irmão. Caíque ouviu tudo em silêncio, os olhos fixos nela, como quem escuta com o coração.

— Eu tô tentando ser forte, mas... tem horas que eu só quero chorar... E eu não sou de chorar...

— Então... Chora — disse firme, olhando para ela com ternura.

— Eu não posso...

— Pode sim. Aqui, agora. Chora.

Ela respirou fundo. E as lágrimas vieram, silenciosas, ao mesmo tempo que murmurou:

— Eu tô com medo, Caíque.

— Eu sei... — sussurrou e o que ela disse doeu nele.

— Eu queria que tudo passasse. Só por um dia. Só por um momento...

— Então... para aqui. Olha pra mim. Só por um momento — ele pediu com generosidade na voz.

Ela o encarou. E naquele olhar havia acolhimento.

— Obrigada... — murmurou, sentida. — Por me ouvir... Por estar comigo...

— Sempre. Quer que eu vá aí?

— Não! — reagiu. — Por favor, não. Nem tente. Não vou deixar você subir.

— E o bebê? — perguntou com carinho.

— Na noite passada, ele ficou agitado. Mexeu muito. Nem dormi.

— É porque você está nervosa — disse com suavidade. Esperou um instante e pediu com jeitinho: — Faz uma coisa por mim?

— O quê? — indagou, parecendo mais calma.

— Prepara um chá. Camomila, erva-doce... o que tiver aí. E coloca uma música boa. Daquelas que abraçam a alma. Faça uma prece. Depois, fica quietinha, de olhos fechados, bebendo o chá bem devagarzinho.

— Música?...

— É. A música tem um poder que a gente nem imagina. Pode não curar o que dói, mas acalma o que grita.

— Fazer o chá... uma prece... ouvir música... tomar o chá devagar e de olhos fechados... — ela repetiu, como quem grava uma ideia.

— Isso. Quando a gente ouve uma melodia que toca o coração, o corpo responde. A respiração muda. O ambiente parece respirar junto. E até o bebê vai sentir.

— E o Danilo?

— Vai sentir também — afirmou Caíque sorrindo levemente, passando segurança. — Mesmo doente, o corpo entra em harmonia com o som. A vibração de uma música boa é como uma prece que não precisa de palavras.

Andreia sorriu discretamente.

— Você falou bonito, Caíque.

— Falei o que acredito. E acredito que, hoje, uma música pode ser o seu abraço. Aquele abraço gostoso que aquece a alma.

— Vou tentar.

— Não tenta. Faça. E depois me conta qual música te abraçou. Tá bom?

— Tá bom.

— Vai lá. Depois me conta. Vou te passar algumas músicas que conheço.

— Tá bom.

— Fica com Deus.

— Você também.

Não desligava.

— Vai lá... — ele pediu e sorriu.

E ela foi. Com passos lentos e com o coração um pouco mais leve. Porque, às vezes, tudo o que alguém precisa é de um chá, uma música e alguém que diga: “Vai lá. Depois me conta.”

A espiritualidade amiga nos inspira nos gestos mais simples. No Espiritismo, aprendemos que o consolo pode vir por meio de uma música, de uma palavra, de um chá preparado com carinho. Quando o coração está em aflição, a vibração do ambiente pode ser transformada pela prece e pela harmonia. E mesmo em meio à dor, há sempre um recurso de luz ao nosso alcance. Porque a paz não é ausência de problemas, é presença de amor.



A cozinha estava silenciosa, envolta por uma penumbra suave.

O mundo lá fora parecia distante, como se o tempo tivesse desacelerado só ali, naquele pequeno refúgio.

Andreia acendeu a luz perto do fogão e colocou água para ferver. Escolheu camomila para o chá, não apenas pelas propriedades calmantes, mas pelas lembranças da infância. Era como se, ao preparar aquele chá, ela também preparasse um reencontro com a paz.

Enquanto esperava, pegou o celular e buscou a música que Caíque havia sugerido. O som começou baixo, suave, tímido... preenchendo o espaço com uma melodia calma que parecia respirar junto com ela.

Danilo tossiu no quarto. Andreia foi até a porta, olhou de longe. Ele parecia dormir. O som da música certamente o envolvia, como um cobertor invisível.

Voltou para a cozinha. A água fervia.

Preparou o chá com cuidado, como se cada gesto fosse uma oração silenciosa. Esperou esfriar um pouco. Sentou-se à mesa, segurando a caneca quente entre as mãos.

A música tocava...

Andreia fechou os olhos e respirou fundo. Pela primeira vez em dias, sentiu o corpo desacelerar. E fez uma prece. Não longa. Não ensaiada. Apenas verdadeira.

O bebê mexeu suavemente quando ela encerrou.

— Você sentiu também, né, João? — murmurou sorrindo.

A melodia continuava. E o ambiente parecia outro. Não era ausência de dor. Era presença de paz.

Pegou o celular e escreveu para Caíque:

“A música me abraçou. O chá me acalmou. A prece me tranquilizou. Obrigada por me lembrar que ainda existe silêncio bom.”

Ele respondeu:

“O silêncio é uma prece. Aproveite. Qualquer coisa, estou aqui.”

E naquele instante, Andreia sentiu que não estava só.

A espiritualidade amiga age nos detalhes. Nos desejos. Nas práticas.

A paz não precisa de grandes gestos. Ela pode nascer de um chá preparado com carinho, de uma música que toca o coração, de uma prece feita em silêncio. Quando o espírito se abre à harmonia, mesmo em meio à dor, os mentores se aproximam, inspiram, acolhem. A luz não afasta a noite, ela apenas nos ensina a atravessá-la com serenidade.



Dois dias depois...

Milton havia piorado. A notícia deixou Danilo abatido, sem forças para se recompor. O pai de Andreia continuava internado e seu estado também era preocupante.

No hospital físico, onde Nestor estava, como em tantos outros, os socorristas espirituais agiam sem serem notados. Na espiritualidade, o ambiente era amplo, envolto por uma luz suave que não vinha de lâmpadas, mas de consciências elevadas.

Espíritos vestidos com túnicas claras moviam-se com agilidade e doçura. Eram enfermeiros espirituais, trabalhadores de um Posto de Socorro montado com antecedência à pandemia. No plano extrafísico, ocupavam todo o espaço do hospital e também a região acima dele.

Em leitos sutis, repousavam dezenas de espíritos. Alguns em desdobramento, num estado semelhante ao sono. Outros, recém-desencarnados, aguardavam com cuidado o encaminhamento para locais compatíveis com sua evolução.

Alguns dormiam profundamente o sono reparador que antecede o despertar para a espiritualidade, para a vida verdadeira. Outros estavam despertos, mas confusos.

— Onde estou? — perguntou um senhor de olhos surpresos.

Uma enfermeira espiritual se aproximou, sorrindo com ternura.

— Está em segurança. Você passou por uma prova difícil, meu amigo. Mas agora está acolhido em um bom lugar. Fique tranquilo.

— Eu... morri? — indagou com semblante preocupado.

— Você renasceu — respondeu em tom terno e sorriso carinhoso.

Em outra ala, um grupo de espíritos recebia esclarecimento. Um mentor falava com vibração serena:

— A pandemia foi uma convocação coletiva. Muitos de vocês aceitaram essa prova antes de reencarnarem. Para a maioria, era uma oportunidade de resgate, de aprendizado, de libertação.

— Mas por que tanto sofrimento? — perguntou um jovem.

— O sofrimento foi mais emocional do que físico. Quando aceito com resignação, transforma. E vocês não estavam sozinhos. Cada um foi amparado, mesmo nos momentos mais difíceis. Espíritos familiares aguardam em áreas de reencontro. Os que estão conscientes e aceitam essa nova condição serão encaminhados para lá o quanto antes.

Alguns choravam de emoção ao reencontrar entes queridos que ali chegaram para recebê-los na espiritualidade. Outros permaneciam em silêncio, absorvendo a nova realidade. Todo esclarecimento era orientado com carinho, sem pressa, respeitando o tempo de cada um.

Em outra ala do Posto de Socorro espiritual, benfeitores socorristas passavam entre os leitos dos adormecidos, irradiando paz e recomposição do corpo espiritual.

— Que a Luz do Cristo os envolva. Aqui começa uma nova etapa. A vida não termina com a morte do corpo. Apenas muda de forma.

Aqueles que desencarnaram em estado de choque, por não aceitarem, em vida, a existência da espiritualidade, eram colocados em repouso fluídico para recuperação.

Familiares desencarnados estavam a postos para receber os recém-chegados. As cenas eram emocionantes. O reencontro trazia alegria e consolo.

O trabalho dos benfeitores era ininterrupto, incansável. A organização, o socorro, o acolhimento e o encaminhamento para as colônias espirituais adequadas eram realizados com amor e precisão.

Esses Postos de Socorro Espiritual eram pontes entre os dois planos.

Naquele hospital no plano físico, mentores e enfermeiros espirituais moviam-se com serenidade e precisão, passando entre os leitos dos encarnados sedados, em estado grave, ou conscientes de sua situação terrena.

Sem serem vistos pelos encarnados, a irmã Clarinda, enfermeira espiritual experiente, o benfeitor Samuel, responsável pela coordenação e o médico espiritual Doutor Alcides, com vasta experiência em desencarnes coletivos, conversavam.

Observavam, acolhiam, aplicavam passes magnéticos e dialogavam com sabedoria e compaixão sobre os destinos que se desenhavam: alguns para a cura, outros para o desencarne.

No plano físico, o ambiente vibrava em tons densos pelo desespero de alguns. Mas os benfeitores mantinham a serenidade.

Entre os leitos daquela UTI, Clarinda, Samuel e Alcides caminhavam com leveza, mas profundamente presentes.

Pacientes sedados, com pulmões comprometidos, respiravam com ajuda de aparelhos. O som dos monitores misturava-se à vibração silenciosa dos passes magnéticos aplicados por diversos espíritos enfermeiros.

Clarinda aproximou-se do leito de Nestor e o observou com generosidade, vendo-o adormecido. Em seguida, foi até o leito de uma senhora idosa, inconsciente:

— Ela está em paz. O corpo sofre, mas o espírito começa a se desprender com suavidade. É uma alma elevada. Ficará feliz ao ser recebida neste plano.

Samuel observava um jovem de trinta e poucos anos em estado grave.

— Ele ainda tem caminho na Terra. A prova é dura, mas ele será conduzido. Vai se recuperar bem.

Alcides, com olhar clínico e espiritual, analisava os campos fluídicos:

— Os pulmões estão comprometidos, mas o corpo espiritual responde bem aos passes. Há merecimento — sorriu para Samuel.

Clarinda olhou para um senhor que tremia levemente, mesmo sedado.

— Ele está em conflito. Não aceita a possibilidade de partir. Era materialista, preso à fortuna conquistada.

Samuel aproximou-se, impôs as mãos e irradiou luz serena sobre o pobre senhor.

— Que ele sinta o amparo. Que o medo se dissolva...

Alcides, respeitoso e amoroso, falou firme:

— A espiritualidade está preparada. Nenhuma alma partirá sem esclarecimento e acolhimento, se aceito. Nenhuma dor será ignorada.

— Muitos encarnados perguntam se Deus errou. Se foi descuido — disse Clarinda.

— Deus nunca erra — afirmou Samuel com ternura. — A pandemia é uma convocação coletiva, como foi dito. Cada espírito aqui aceitou essa prova antes de reencarnar. Cada um com seu motivo.

E Alcides completou:

— E nós, como servidores do Cristo, estamos aqui para garantir que o amor não falte.

Ao fundo, outros benfeitores continuavam aplicando passes magnéticos, fluidificando o ambiente, aliviando dores, fortalecendo os que iriam permanecer e preparando os que iriam partir.

Clarinda se aproximou de uma gestante jovem em estado crítico.

— Esta será acolhida com carinho. E o bebê será recebido por mãos de luz. A avó carinhosa os espera.

— Que esses espíritos se libertem com ternura. O amor é soberano.

Todos que desencarnavam eram assistidos e amparados. Cada um vivenciava uma prova compatível com seu planejamento reencarnatório.

Mesmo na dor, há um propósito de amor e redenção.

A dor coletiva da pandemia foi também um chamado à elevação espiritual. No plano invisível, a espiritualidade amiga se mobilizou com amor e precisão, acolhendo cada alma com respeito ao seu tempo e merecimento. No Espiritismo, aprendemos que a morte não é fim, é passagem. E que nenhum sofrimento é ignorado, nenhum espírito é desamparado. Jesus não abandona. E onde há dor, Ele envia luz. Onde há partida, Ele prepara reencontro. Onde há medo, Ele semeia paz.



A Terra está em transição planetária, deixando para trás o estágio de Provas e Expiações e caminhando rumo ao Mundo de Regeneração. A pandemia foi um marco espiritual nesse processo. Uma convocação coletiva, destinada a despertar valores esquecidos: solidariedade, empatia, fé e desapego.

A dor coletiva tem função educativa. Ela expôs fragilidades humanas e sociais, convidando à reflexão sobre o uso da liberdade, a responsabilidade individual e o verdadeiro valor da vida.

Espíritos que enfrentaram a doença sem desencarnar foram testados em sua capacidade de manter a esperança, cuidar dos outros e confiar na Providência Divina. Já os que partiram vivenciaram etapas compatíveis com seu progresso espiritual. Para alguns, foi expiação — resgate de débitos antigos. Para outros, libertação — encerramento de ciclos já cumpridos. E para muitos, oportunidade de despertar, servir e amar.

A pandemia não foi castigo. Foi oportunidade. Um chamado à renovação. No plano físico, trouxe dor, perdas e incertezas. No plano espiritual, mobilizou legiões de benfeitores, enfermeiros da alma, mentores de luz que se prepararam, com antecedência, para acolher os que partiriam e fortalecer os que permaneceriam.

Nos hospitais espirituais, como foi dito, postos de socorro foram ativados, irradiando paz sobre os leitos, fluidificando ambientes, acolhendo os que partiam com ternura e os que ficavam com esperança. Nenhuma alma foi ignorada. Nenhuma dor foi desprezada. Cada espírito foi assistido conforme seu merecimento e seu tempo.

Aqueles que desencarnaram em estado de choque foram colocados em repouso fluídico, como quem dorme para acordar em outra realidade no momento certo. Os que despertaram com lucidez foram recebidos por

familiares, por amigos espirituais, por mãos que não julgam, apenas acolhem.

A pandemia foi dura, mas também foi justa. Porque Deus não erra. E quando a dor parece sem sentido, é porque ainda não enxergamos o propósito.

A vida não termina com a morte do corpo, apenas muda de forma. E mesmo na jornada mais difícil, há sempre luz no horizonte.

Para os que ficaram, o convite é claro: viver com mais consciência, mais compaixão, mais fé, mais resignação, mais coragem, mais empatia. Para os que partiram, o caminho continua em outra dimensão, com outras lições, mas sempre sob o amparo do amor Divino.

Há momentos em que a vida parece desabar. Em que o chão se desfaz sob os pés e o horizonte se cobre de névoa. É justamente nesses instantes que a alma é chamada a crescer. A dor, embora árida, ensina. E o amor, mesmo silencioso, guia.

Capítulo 25

Quando o abraço é tudo o que se tem

A força que nos salva não grita, ela sussurra no momento em que decidimos não desistir.



Era manhã de domingo quando Carla, irmã de Danilo, chegou ao apartamento.

A certa distância, conversando com Andreia, ficou visivelmente surpresa ao saber de tantos detalhes.

— Sinto muito, Andreia. Por você e por toda essa situação. Eu deveria ter vindo antes, mas... com meu marido internado... tudo ficou complicado. Não tive como. Depois de dois meses no hospital, ele faleceu pela COVID. Nem houve velório... Faz duas semanas, como você sabe... — fez uma pausa e um tom triste pesou no ar. — Agora estou cuidando dos meus pais. Os dois estão em casa, com COVID... Mas... não acho justo você, nesse estado, cuidar do meu irmão. Você precisa de cuidados. Mais do que nunca. Precisa de alguém.

— Não quero ser mais um peso para minha irmã... — disse Andreia, emocionada, mas contendo as lágrimas. — Ela já está cuidando da minha mãe... como te contei...

— Vou levar o Danilo pra minha casa. Ele não vai poder te ajudar e é um risco você continuar cuidando dele. Está tudo caótico, confuso... Ninguém sabe o que pensar nem como agir. Você vai precisar de ajuda. De alguém que cuide de você. Desculpe, mas não tenho como te levar comigo... — Olhou-a com piedade e, com delicadeza, perguntou: — E o pai do bebê? Ele não te ajudaria? Ou seus sogros?

— Nos últimos tempos... nem perguntam se estou viva — respondeu, respirando fundo, olhando para a janela.

— Sinto muito. Mas... algum parente? Uma tia distante?...

— Tenho poucos parentes. Todos do interior. São distantes e, num momento como este, creio que não me aceitariam. Estão com medo. Alguns em pânico, preocupados com a própria sobrevivência. Não posso tirar a razão deles. Ainda assim, não posso ir para o interior. Preciso ficar na cidade, perto do hospital onde o João vai nascer.

— Ainda assim, acho melhor o Danilo ir comigo. Você não pode continuar cuidando dele. Nem deveria. Nem sei como ainda não se contaminou... — fez uma pausa e repetiu, com pesar: — Desculpe por não ter vindo antes. Vivi um pesadelo.

— Não se preocupe.

— Sei que o combinado era o Milton e o Danilo cuidarem de você, mas... não tem como. Acho que pode continuar aqui no apartamento. Bem... vamos combinar o seguinte: quando estiver perto de ir para o hospital, me liga. Eu te acompanho.

— Obrigada. Vou me lembrar disso.

Andreia concordou e sorriu, escondendo o vazio e a dor que experimentava naquele momento. Sempre foi ativa, decidida, cuidadora. Mas agora, sentia-

se sensível, sem apoio, com a alma doendo.

Depois que Carla foi embora, levando Danilo, Andreia chorou. Sozinha. Sem testemunhas. Não se conteve.

Depois, orou. E aceitou seu destino. Um destino que, naquele instante, sabia que não podia mudar.



Mais tarde, uma chamada de vídeo. Andreia atendeu com o rosto cansado, os olhos ainda úmidos, denunciando que as lágrimas haviam sido suas companheiras há pouco.

— Oi — disse Caíque com voz suave. Percebendo o desânimo dela e esperou que falasse.

— Oi...

— Como estão as coisas? O Danilo melhorou? Teve notícias do seu pai e do Milton?

— Ligaram do hospital pra minha irmã. Disseram que as condições do meu pai continuam as mesmas. Os pulmões estão bem comprometidos. O Milton também está estável. Não houve piora, graças a Deus. Quanto ao Danilo... a Carla, irmã dele, veio hoje aqui e o levou para a casa dela. Ela ainda está abalada pela morte do marido, mas, mesmo assim, veio buscá-lo. Achou injusto eu cuidar dele neste estado. Eu já tinha pensado nisso. Se algo acontecesse comigo, o Danilo não poderia fazer nada. Ela pediu para eu ligar quando for para o hospital.

— Você está sozinha, então? — Caíque se incomodou, mas tentou não demonstrar.

— Eu e Deus. E o João, claro — forçou um sorriso, tentando brincar.

Conversaram sobre outros assuntos, mas Caíque não conseguia tirar da cabeça o fato de Andreia estar sozinha. Entendia por que ela não podia ir para a casa da mãe. Pensou em levá-la para morar consigo, mas como não vivia sozinho, teria de conversar com os irmãos. Naquele momento instável e difícil, não sabia como reagiriam Eduardo e Kátia.

Caso não aceitassem, cogitou propor a Andreia que ele mesmo fosse morar com ela no apartamento. Seria o mais viável.

Não parava de pensar. Tecia planos. Pesava decisões, mas tudo era incerto.

Um pouco depois, reuniu os irmãos.

— Então é isso — disse, olhando para Eduardo e Kátia, atentos. — Ela está sozinha e eu queria falar com vocês sobre...

— Eu concordo — afirmou Eduardo, antes que o irmão terminasse. Virando-se para a irmã, perguntou: — Você concorda, Kátia, que a Andreia venha pra cá?

— Claro. Concordo sim. Nunca vou me esquecer de quando ela me ajudou. Não vou dizer que não estou com medo ou preocupada, mas não podemos deixar alguém, nas condições dela, sozinha. A Andreia sempre foi bondosa. Não merece enfrentar isso sem apoio.

— Como Cristãos, devemos lembrar o exemplo de Jesus que não fugiu dos leprosos. Não estamos nos expondo por imprudência, mas por compaixão. Assim como tantos profissionais da saúde estão fazendo em hospitais, postos de socorro, atendimentos domiciliares às pessoas com COVID... — completou Eduardo.

— Então... vou ligar pra ela e dizer que estou indo buscá-la — decidiu Caíque com um leve sorriso no rosto.

— Eu vou com você — afirmou o irmão, sempre generoso.

Ao ligar, Andreia recusou. Mesmo assim, foram até lá.



Andreia não queria aceitar o convite, mas Eduardo, diferente de Caíque que parou para ouvi-la, não ficou escutando suas desculpas.

Tranquilo, entrou no apartamento e espiou os quartos. Quando encontrou onde ela dormia, reconheceu de imediato e começou a juntar as coisas.

— O que você está fazendo? — ela se incomodou.

— Juntando tudo pra levar pro carro. Se não me ajudar, vou ter de fazer sozinho. E vai demorar mais — explicou, sorrindo.

— Andreia — Caíque chamou, esperando que ela se voltasse para ele. — Você não tem opção: ou vai conosco ou para a casa da sua mãe. Acredito que será melhor ficar com a gente. Sua irmã já está sobrecarregada. Daqui a pouco, você vai ter de ir pro hospital e vai precisar de acompanhante. Se sua irmã te levar, quem ficará com sua mãe e com a Aline?

Andreia se viu sem alternativas.

Apesar do desconforto, precisava aceitar a ajuda. O abrigo. O cuidado.

Sentou-se na cama quase como quem se deixa cair. O apartamento estava em silêncio, como se o mundo lá fora tivesse esquecido de respirar.

Permaneceu ali, com as mãos sobre o ventre, como se pudesse sentir cada batida do coração do bebê, um lembrete de que a vida ainda pulsava, mesmo quando tudo parecia desmoronar.

Ela sempre foi forte. Líder. Decidida. Resolvia crises com estratégia. Tomava decisões difíceis sem hesitar. Mas, agora, prestes a dar à luz, sem casa, sem marido, sem rumo... sentia-se pequena. Frágil. Vulnerável.

Aceitar ajuda era como engolir um orgulho que nem sabia que ainda existia.

Ir para a casa de Caíque, Eduardo e Kátia não era apenas uma mudança de endereço. Era admitir que não podia mais caminhar sozinha. Que precisava ser cuidada. Que não dava mais conta.

Andreia não disse nada. Não precisava. Apenas olhou para eles com os olhos cheios de lágrimas contidas.

Caíque estendeu a mão. Não havia necessidade de palavras.

O silêncio falava.

O gesto de estender a mão foi mais forte do que qualquer discurso.

Naquele momento, Andreia não era a empresária, nem a esposa traída, nem a mulher invencível. Era apenas humana.

E pela primeira vez, isso foi suficiente.

Aceitar.

Era o que precisava.

Aceitando a mão estendida, Andreia levantou-se devagar. Ele sentia-se como quem ergue um náufrago sem forças, mas com vontade de viver...

Caíque estava ali, parado, sério, com os olhos fixos nela. Não havia pressa em seu gesto nem palavras em sua boca. Apenas a mão firme. Silenciosa. Como quem oferece abrigo sem exigir nada em troca.

Por um instante, o orgulho tentou falar mais alto. Sua voz interna gritava: “Você dá conta sozinha, Andreia. Fica.”

Mas, outra voz, vinda de onde ela não conseguia identificar, sussurrava: “Ir com ele é não desistir de você, não desistir de seu filho. E é preciso ter muita força para não desistir.”

Andreia entendeu que o corpo já não obedecia. A alma cansada pedia descanso. E os olhos de Caíque... diziam tudo o que ela precisava ouvir.

Em pé, sentindo o peso do ventre, o cansaço dos dias, a dor das perdas... experimentava também algo novo: a presença de alguém que não queria salvá-la, apenas estar ao seu lado.

Deu um passo tímido até ele. Sentiu a delicadeza de Caíque puxá-la. E então, num gesto espontâneo, envolveu-a num abraço.

Um abraço longo. Quente. Silencioso. Um abraço que não julgava, não cobrava, não invadia. Apenas acolhia.

Andreia fechou os olhos. Pela primeira vez em muito tempo, percebeu que podia desabar. E naquele abraço, não era a mulher forte nem a mãe em desespero. Era só ela.

Enquanto a envolvia, Caíque sentiu algo que ia além do toque. Era como se o tempo tivesse parado e o silêncio entre eles fosse preenchido por uma presença suave, acolhedora, quase sagrada.

Ele não sabia explicar, mas havia uma vibração diferente, uma ligação de outras vidas. Era uma paz que não vinha apenas do gesto humano, mas de algo maior. Como se a espiritualidade amiga estivesse ali, amparando, guiando, envolvendo Andreia com luz e serenidade.

Caíque conhecia bem os sinais sutis do plano espiritual. Sabia que estavam presentes.

Seu coração, antes contido, agora pulsava com força. Não era apenas carinho. Era respeito. Admiração. Compaixão.

Sabia que Andreia estava quebrada por dentro. E que aquele abraço não curava tudo, mas talvez fosse o primeiro passo para a regeneração. O primeiro gesto de reconstrução.

Pensou em tudo o que ela enfrentou: a traição, a perda da empresa, o medo pela saúde do bebê, o isolamento, a solidão, a falta de condições... E, mesmo assim, ali estava ela, em pé, aceitando ajuda, permitindo-se ser acolhida.

Isso, para ele, era a maior demonstração de coragem.

Sem dizer nada, manteve o abraço firme, deixando que o silêncio falasse.

Em pensamento, fez uma prece.

Naquele instante, o apartamento não era apenas um espaço físico. Era um templo. Um lugar onde a dor se encontrava com o amor. Onde duas almas se reconheciam, não por palavras, mas por vibração.

E quando a dor encontra o amor, o resultado é fé e recomeço.

Sem ser percebido, Eduardo havia saído do quarto. Estava na sala, sentado no sofá.

Após o momento de emoção, Andreia se afastou, encarou Caíque nos olhos e murmurou:

— Tudo bem. Vamos.

— Você tem malas ou bolsas?

— Tenho sim.



Tudo o que poderia ser útil foi cuidadosamente levado para a casa de Caíque e de seus irmãos.

Ao chegarem, Andreia foi recebida com o calor de um sorriso sincero. Kátia os aguardava com a mesa posta: bolo, biscoitos, chá, café e um brilho nos olhos que dizia: “Você é bem-vinda.”

— Fiz chá, porque sei que você gosta. Café para os dois aí — disse, brincando, ao olhar para os irmãos. — Tem biscoito e bolo também. Espero

que goste.

— Mas o que é isso... quanto carinho — comentou Andreia, com um sorriso tímido, quase sem saber onde colocar as mãos.

— Neste tempo difícil, o trabalho é uma bênção. Ocupa a mente e o corpo — comentou Eduardo descontraído. — Estou até cuidando do nosso jardim. Peguei pá, enxada... literalmente. Depois te levo lá pra ver. Fiz uma cerquinha em volta. Estava pintando de branco, mas a tinta acabou. Vou comprar pela internet... Vai ficar bonito.

— Tenho certeza de que vai. Vocês têm uma casa muito boa. Grande e bonita.

— Venha. Pode lavar as mãos aqui... — Kátia indicou, mostrando-lhe o lavabo.

Ao retornar, Andreia ocupou o lugar indicado à mesa.

Sem demora, após se higienizarem, os irmãos também se sentaram. E Eduardo explicou com simplicidade:

— É uma casa antiga. Fizemos pequenas reformas e ela ficou muito acolhedora. Não é luxuosa, mas é tranquila, confortável... E o quintal é enorme. Dá trabalho, mas é bonito.

— Eu vi — disse Andreia, sorrindo. — Tem árvores no quintal. — Ela ofereceu breve pausa. Hesitante, tentou dizer: — Gente... Eu...

— Já sabemos — disse Caíque, sorrindo com ternura. — Você não queria nos dar esse trabalho, mas...

— Estou me sentindo mal por essa situação.

— Você ainda não entendeu, Andreia — disse Eduardo com voz serena. — Nós pensamos diferente. Vemos isso como uma oportunidade de servir, de ajudar, de sermos Cristãos.

— Mas este tempo em que vivemos é perigoso. Estamos falando de vida. De proteger a vida — justificou ela, olhando para a xícara de chá entre as mãos. — Com tanta gente tentando se proteger... e eu aqui, invadindo a vida de vocês.

— Andreia, você não está invadindo nada — afirmou Eduardo, com um olhar generoso. — Está sendo acolhida. E acolher é o que fazemos. É o que devemos fazer. Como espíritas. Como seres humanos.

— Mas é tudo tão delicado... O vírus, o medo, o risco... Eu deveria estar isolada. Não aqui.

— Sabe o que penso às vezes? — disse Eduardo com firmeza e doçura. — E se os médicos pensassem assim? E os enfermeiros, os fisioterapeutas, os bombeiros, os policiais?... Se todos tivessem se recolhido por medo? Onde estaria o seu pai agora? E o Milton? E o vizinho aqui do lado? Quem estaria cuidando deles? Quem estaria trabalhando para a população? Quem estaria à disposição para ajudar? Para pedirmos socorro?

— Eu não sei... — respondeu ela com a voz embargada.

— Eles e milhares de pessoas estão vivos porque alguém teve coragem de trabalhar. Porque alguém escolheu servir, mesmo com medo. Esses profissionais deixaram suas casas, suas famílias, enfrentaram o desconhecido. Não por obrigação, mas por amor. Porque poderiam ter se acovardado... mas não o fizeram.

— E muitos deles nem voltaram para casa — completou Kátia com delicadeza. — Escolheram salvar vidas. Socorreram, cuidaram, serviram... E mesmo diante das perdas e da possibilidade de se contaminarem continuam trabalhando, servindo. São heróis silenciosos. Invisíveis.

— Caridade não é apenas doar o que sobra, mas oferecer o que se tem — disse Caíque com voz serena, convidando à reflexão. — Tempo, espaço, escuta, presença, bondade... Isso é caridade. Servir ao próximo é servir a Deus. Mesmo em meio à dor, há beleza no amparo, há luz no gesto, há fé no encontro. O fato de você estar aqui, aceitando ajuda, não é fraqueza. É

humanidade. Receber, quando precisamos de apoio, é o primeiro passo para se reerguer.

— Assim como esses profissionais se reerguem a cada plantão — completou Eduardo com firmeza e tom generoso na voz. — Mesmo exaustos, mesmo inseguros, mesmo com o medo de serem eles os próximos a ocuparem um leito... Eles se reerguem. Se reerguem porque tem amor, porque tem esperança. A vida recompensa sempre quem tem esperança.

Andreia abaixou os olhos, tocada.

— Nunca tinha refletido sobre isso... Só tive medo — admitiu com a voz embargada.

— A pandemia está nos ensinando muita coisa — continuou Caíque. — Que somos frágeis, sim. Mas também somos capazes de gestos imensos. É preciso observar o que bate à nossa porta e nos chama a sermos úteis e nos chama a servir. Hoje, o gesto de aceitar ajuda é valioso. Mas aquele que estende a mão... é ainda mais. Porque ele viu, sentiu e aceitou a oportunidade de servir.

Fez-se uma pausa, e então Eduardo comentou com emoção:

— Quem vestiu um jaleco e está lá, salvando vidas neste momento... Quem atende pacientes, avalia estados, toma decisões difíceis... São criaturas missionárias, valiosas, a serviço de Deus, a serviço de Jesus. É um gesto de fé. De confiança. De amor. De coragem. Quem vestiu o macacão, a farda, o uniforme e saiu às ruas, atuando, trabalhando em benefício do outro... também é missionário. Também é luz. Também está a serviço de Deus. São heróis silenciosos. Invisíveis, mas presentes. E preciosos. Esta pandemia está revelando milhões de missionários encarnados.

— E se aquele que se colocou a serviço, nesse momento difícil, morrer? Se sucumbir por causa do vírus? — perguntou Andreia com os olhos marejados. — Espiritualmente falando, ele estaria se prejudicando? Seria como um suicídio inconsciente?

Eduardo a olhou com seriedade e respondeu com convicção:

— Não, Andreia. De forma alguma. Se ele se expôs ao contágio por trabalhar, servir, atuar em benefício do próximo, não estará se prejudicando. Ao contrário. Estará cumprindo sua maior missão. — Fez uma breve pausa e prosseguiu: — O que acontece em nossas vidas não escapa à sabedoria Divina. Deus não erra. O Mestre Jesus nos ensinou que nenhuma folha cai da árvore sem a permissão do Pai. Que não podemos tornar branco ou preto um só fio de cabelo, sem que Ele permita. Tudo, absolutamente tudo, está sob a supervisão amorosa de Deus. Espíritos elevados, já purificados, cuidam dos detalhes que nos escapam. — Continuou falando, sempre com ternura. — E aquele que tiver de desencarnar por causa desse vírus, desencarnará. Não por castigo, mas por necessidade espiritual. Se for alguém que estava na linha de frente, servindo, salvando, amparando, sendo caridoso... então partirá com méritos. Com honra. Será acolhido com luz, com gratidão, com amparo. Como aprendemos na Doutrina Espírita: "Fora da caridade não há salvação." Então, eles estão salvos.

Andreia escutava em silêncio, absorvendo cada palavra.

— Agora, se o medo o dominar e ele recuar trabalhar ou servir, tudo bem — explicou Caíque. — Não será condenado por isso. Mas, ainda assim, se for o momento, ele desencarnará do mesmo jeito. A diferença é que, em sua consciência, ficará registrada a oportunidade não aproveitada. O chamado que não foi atendido. E isso é o que mais pesa no espírito: a consciência de que poderia ter amado mais, servido mais, confiado mais.

— Será? — Kátia indagou.

— Sim. Mãos que trabalham são mais úteis e abençoadas do que mãos que se unem só em preces — confirmou Eduardo.

— Isso é verdade — Caíque concordou. Sorrindo, pediu: — Vamos mudar de assunto. Podemos falar disso em outro dia. Acho que a Andreia está cansada. Precisa de um banho, ficar à vontade, relaxar...

— Aliás, já arrumei a cama pra você — disse Kátia, olhando para ela. — Vai dormir no meu quarto. Na cama que minha mãe usa quando vem pra cá.



No hospital onde Milton estava internado, a madrugada avançava silenciosa.

Na UTI, os sons dos equipamentos, sobretudo dos respiradores, preenchiam o ambiente como uma sinfonia triste, intercalada por alarmes sutis e passos apressados. Era o som da vida resistindo, da ciência lutando, da esperança pulsando em meio à dor.

No plano físico, os encarnados, doutor Orlando e doutora Mara, exaustos, seguiam firmes, atentos. Os olhos cansados, os corações apertados, mas a fé intacta. Sabiam que estavam ali por algo maior.

No plano espiritual, a movimentação também era intensa.

Doutor Acácio, médico experiente em desencarnes coletivos, observava o ambiente com serenidade. Seu olhar atravessava os corpos físicos e alcançava as vibrações sutis daqueles dois médicos encarnados. Sabia que Orlando e Mara haviam contraído o vírus. Mas não podiam adoecer. Não agora. A missão deles era ampla, necessária, urgente demais para ser interrompida.

— Precisamos agir — disse doutor Acácio com generosidade. — Os médicos encarnados estão no limite. A imunidade física está comprometida, mas o corpo perispiritual precisa ser restaurado o quanto antes.

Ao seu lado, enfermeiros e auxiliares espirituais já se preparavam. Suas túnicas claras irradiavam paz e substâncias espirituais medicamentosas, propícias para o trabalho de cura.

Cada um trazia frascos de energias magnéticas, recolhidas em câmaras de cura de colônias espirituais superiores, adequadas àquela necessidade. Também portavam instrumentos vibracionais que emitiam luzes suaves e irradiavam magnetismo intenso.

— Vamos aplicar passes magnéticos nos dois. Precisamos reforçar a energia perispiritual, recompor o corpo espiritual e equilibrar os centros de força. É preciso impedir a manifestação da doença — orientou doutor Acácio. — Quando o perispírito é restaurado, o corpo físico encontra forças para resistir. A cura começa no invisível.

Enquanto o médico encarnado ajustava o respirador de um paciente e a doutora Mara conferia os exames de outro, os benfeitores se aproximaram.

Com gestos delicados, impunham as mãos sobre os principais centros de força, cedendo-lhes energias fluídicas como um rio de luz. A energia penetrava os corpos sutis, dissolvia miasmas, reequilibrava vibrações.

— Doutor Acácio — chamou uma das enfermeiras espirituais —, a doutora Mara não para. Está ativa demais. Isso interfere no que estamos fazendo.

O mentor se aproximou da médica encarnada e fixou nela um olhar imantado de serenidade.

— Nossa... — murmurou Mara, piscando lentamente. — Senti uma tontura estranha...

— Você não parou desde que chegou — disse Orlando, aproximando-se. — Venha... Sente-se aqui. — Levou-a até uma cadeira. — Fecha os olhos um pouco e respira fundo. Isso é cansaço. Vai passar. Se não passar, podemos fazer um soro.

— Não será necessário — ela falou baixinho. — Vai passar logo.

Por alguns instantes, ficaram, ali, parados. E isso facilitou a assistência espiritual.

Orlando sentiu um calor suave na nuca. Mara, uma leve brisa no rosto. Nenhum dos dois compreendia, mas sentiam algo mudar. Era como um alívio. Um bálsamo. Como se tivessem dormido por horas.

— Tudo bem, doutora? — perguntou uma enfermeira que se aproximou.

— Foi só uma leve tontura — explicou Orlando. — Sintoma de exaustão.

— Cuidem também, muito bem, dessa enfermeira encarnada. Ela é útil e dedicada — orientou o espírito doutor Acácio.

O mesmo foi feito. Passes magnéticos e energias salutares foram dispensados à profissional dedicada.

— Eles não podem adoecer — afirmou um enfermeiro espiritual. — Ainda há vidas que dependem deles. E quando tudo isso passar, pois vai passar, continuarão como instrumentos de auxílio às dores de muitos.

No alto, uma luz azulada envolvia a UTI. Essa luz não vinha somente de Planos Divinos, mas das milhares de preces de encarnados que garantiam a sustentação espiritual pelas vibrações com desejos de cura, de recomposição, de saúde.

Espíritos de pacientes desencarnados eram amparados com precioso carinho. Outros, ainda em coma ou sedados, recebiam passes e vibrações de cura para a recuperação.

Entre o visível e o invisível, benfeitores trabalhavam, incansavelmente, como sempre fizeram, como sempre farão.

A espiritualidade superior nunca abandona os que servem com amor. Médicos, enfermeiros, cuidadores... Todos que se dedicam ao bem do próximo são assistidos por equipes espirituais que os sustentam, mesmo que não percebam.



A luz da manhã começava a filtrar pelas janelas blindadas da UTI, mas, ali dentro, o tempo parecia suspenso.

Os monitores piscavam e ecoavam em ritmo constante, como corações eletrônicos que sustentavam vidas em silêncio. Os pacientes entubados

repousavam como guerreiros em pausa, entre o limiar da matéria e o sopro do espírito.

Entre eles, um homem lutava há semanas. Os médicos não sabiam se ele resistiria. Mas no plano espiritual, a batalha era outra.

Dois enfermeiros espirituais se aproximaram com suavidade. Suas túnicas azuladas irradiavam essência de paz. Ao lado deles, uma mentora de luz conduzia o trabalho com precisão e ternura.

Ela impôs as mãos serenas sobre o corpo do homem e uma energia verde, brilhante e suave, começou a fluir, envolvendo o tórax, os pulmões e o coração.

— Vamos restaurar o campo vital com fluidos de recomposição — orientou a mentora com doçura. — Ele ainda tem muito a fazer. Sua missão deve prosseguir e ser exemplo. Vamos cuidar com atenção. Ainda há tempo.

Enquanto os passes magnéticos eram aplicados, o perispírito do paciente reagia, recompondo-se lentamente. A névoa que envolvia sua consciência começou a se dissipar.

Ele não acordou de imediato, mas em sua mente surgiu uma imagem: uma paisagem serena, com árvores altas e um lago tranquilo. A música sublime vinha de um lugar desconhecido, parecia fazer parte do ar. Era excelsa, tocava a alma, acalmava corações...

Ali, uma figura luminosa sorria.

— Você vai voltar, Milton. Ainda não é hora de vir para cá — informou a mentora com suavidade.

— Mas eu... Há muitos aqui — ele olhou em volta, maravilhado com o que via e sentia. — É um lugar com algo que não sei explicar... Sinto um alívio, sinto... Ai, o que estou sentindo? Nem sei descrever — sorriu luminoso, como se refletisse o que testemunhava.

— Uma experiência abençoada, não acha? Reflexões e descanso para muitos. O mundo mudará. A partir de agora, será o momento de pensar em atitudes. Sabemos que já é atuante no bem e é por isso que você vai voltar. Diferente de outros que precisam partir.

— Obrigado, mas eu quero ficar — foi sincero, provocando um sorriso em sua mentora. — Aqui é tão bom. Nossa!... Quero ficar!

— Não é hora de você retornar para cá.

— Mas eu quero — insistiu sério e teimoso.

— Não pode. Não agora.

— Então, tá... — aceitou, contrariado, envergando a boca ao demonstrar insatisfação. — Obrigado. Mas... se puder, fique comigo. Tá bom? Me oriente. Não quero perder a chance de voltar pra cá de novo.

— Estarei com você sempre, meu querido. Sempre.

Horas depois, os sinais vitais de Milton começaram a melhorar.

A equipe médica se surpreendeu. A saturação subiu, o ritmo cardíaco se estabilizou e a respiração melhorava consideravelmente, sem a necessidade de equipamentos.

Doutora Mara observou os exames e os monitores, enquanto sorria ao dizer:

— Ele está reagindo. Está voltando para nós... Graças a Deus — murmurou. — Vamos, Milton. Você consegue. Recupere-se. Existe um mundo inteiro te esperando lá fora, repleto de coisas boas pra você fazer.

No dia seguinte, Milton abriu os olhos. Fraco, mas consciente.

Tentou falar, mas não conseguia. Estava entubado. Piscou com força, como quem quisesse dizer: “ainda estou aqui.”

Aos poucos, o tubo foi retirado. A respiração, antes mecânica, agora fluía com esforço próprio. E enquanto a enfermeira perguntava se ele estava

bem, Milton disse com um sorriso tímido:

— Eu vi um lugar lindo. Tinha uma luz diferente que trazia alívio, conforto... Alguém me disse que eu iria voltar. Mas eu não queria.

A mulher sorriu emocionada. Não era a primeira vez que ouvia algo semelhante, especialmente naquele tempo de pandemia.

Ela sabia que, por trás de cada recuperação inexplicável, havia mãos invisíveis trabalhando com amor.

A experiência de quase morte é um convite à renovação ou oportunidade de continuar servindo no bem. Milton viu o que muitos descrevem: paisagens de paz, música sublime, presenças luminosas. Esses momentos não são alucinações, mas vislumbres do lar espiritual que os aguarda.

Nem todos partem porque nem todos concluíram o que necessitam fazer aqui. A mentora sabia que Milton ainda tinha missão. A espiritualidade respeita o tempo de cada um, mas também protege os que ainda têm algo a realizar.

A assistência espiritual é silenciosa, mas poderosa. Os passes magnéticos, os fluidos de recomposição, os gestos dos benfeitores... tudo isso ocorre em planos sutis, mas com efeitos profundos no corpo espiritual que repercutem no corpo físico.

A vida não termina no leito hospitalar. O Espiritismo nos ensina que o espírito é imortal e, mesmo quando o corpo parece sucumbir, há uma consciência que segue ativa, amparada, acolhida, orientada.

Capítulo 26

Quando a Terra começa a regenerar

A Luz que salvará o mundo não virá de fora,

mas do despertar de cada consciência.



Alguns raios de sol, ainda tímidos e frios, entravam pela porta da cozinha, espalhando-se pela mesa como bênçãos silenciosas. Ali, Caíque travava uma batalha íntima com a linha e a agulha. A camisa azul esticada diante dele parecia desafiar sua paciência, enquanto o botão teimava em escapar e o fio de linha dançava, como se tivesse vontade própria.

— Isso é um atentado à costura — disse Kátia, rindo enquanto mexia nas panelas. O cheiro de alho dourando preenchia o ambiente com aconchego e memória.

— Não é engraçado — resmungou Caíque, franzindo a testa. — Este botão tem mais personalidade do que eu — completou, rindo de si mesmo.

Kátia soltou um riso alto, sem tirar os olhos da panela.

Andreia entrou na cozinha devagar e ouviu tudo. Ela ainda se acostumava com o novo ambiente. Observou a cena com um sorriso discreto. Era estranho ver Caíque, sempre tão centrado, lutando com a agulha, como se fosse um instrumento de tortura.

— Posso ajudar? — perguntou, aproximando-se.

Ele olhou para ela com alívio.

— Por favor. Antes que eu declare guerra à costura.

Sorrindo, Andreia sentou-se ao lado dele, pegou a agulha com naturalidade e começou a pregar o botão com movimentos firmes e delicados. Caíque observava em silêncio, admirando a leveza com que ela lidava com algo tão simples e, ao mesmo tempo, tão simbólico. Era como se, ao pregar aquele botão, Andreia estivesse costurando os próprios pedaços.

Naquele instante, Eduardo entrou na cozinha com expressão tranquila.

— Bom dia. Nossa! O cheiro está bom! Quer ajuda? — perguntou à irmã, esticando a cabeça para ver o que ela fazia.

— Suma de perto das minhas panelas — brincou Kátia, sorrindo. — Você e o Caíque são dois dinossauros na cozinha e na costura.

— Já vou te ajudar, Kátia. Já estou terminando aqui... — disse Andreia, mordendo a linha após o último ponto.

— Não se preocupe, Andreia. Dou conta. Gosto de cozinhar. Os dois aí são bons pra lavar louças e limpar o chão. Pra isso, são ótimos.

— Pelo visto, ficaremos ocupados com a pia, hoje — Caíque riu.

Andreia, terminando de pregar o botão, olhou para os irmãos com curiosidade:

— Desde o dia em que cheguei, vi vocês fazendo O Evangelho no Lar todas as noites. Isso é comum? Sempre foi assim?

— Não — respondeu Eduardo, acomodando-se à mesa. — Normalmente, fazemos O Evangelho no Lar uma vez por semana. Mas quando enfrentamos problemas sérios, doenças na família, momentos desafiadores... realizamos todos os dias. Além de deixar o lar repleto de energias boas e salutares, nos ajuda a manter a calma, encontrar soluções, ter ânimo... Ou então fazemos preces e fluidificamos água — completou. — Neste tempo de pandemia, decidimos fazer O Evangelho diariamente. Assim, nos afastamos das notícias repetitivas que parecem querer nos deixar mais desesperados. E o desespero não traz solução. Ao contrário, nos desestabiliza, derruba nossa imunidade e nos torna vulneráveis.

— O consumo exagerado de notícias ativa o sistema de alerta no cérebro, gerando estresse crônico — disse Caíque. — Isso em qualquer época, mas agora está pior. As emoções geradas pelas notícias aumentam o cortisol, o hormônio do estresse, que em excesso baixa a imunidade. Causa ansiedade, insônia, irritabilidade e até sintomas físicos: dores de cabeça, fadiga, dor de estômago, taquicardia, dor no peito...

— Eu vi uma matéria sobre Infodemia — contou Kátia.

— Infodemia? O que é isso? — interessou-se Eduardo.

— A OMS — Organização Mundial da Saúde — alertou para a chamada Infodemia, que é o excesso de informações, muitas vezes contraditórias e falsas, que aumentam o medo e dificultam decisões em todos os sentidos — explicou Kátia, enquanto mexia as panelas com delicadeza. — As pessoas que se deixam bombardear por notícias ficam vulneráveis emocionalmente e podem entrar em ciclos de pânico, isolamento e até depressão.

— Eu não conhecia por esse nome — comentou Eduardo pensativo. — Só sabia dos sintomas que isso causa. Veja só a importância de filtrarmos o conteúdo que consumimos, principalmente, quando se trata de notícias. É preciso buscar fontes confiáveis e limitar, diminuir, ao máximo, o tempo de exposição. O excesso nos adoece.

— Por isso — disse Caíque, voltando-se para Andreia com um olhar sereno —, aqui em casa, combinamos em priorizar conteúdos que tragam esperança, orientações boas e equilíbrio emocional. Praticar atividades que

promovam bem-estar, meditação, leitura edificante e de preferência em livros físicos, manter contato com pessoas queridas, mesmo que por vídeo ou telefone... e, claro, cultivar a espiritualidade.

Andreia sorriu com os olhos, emocionada.

— Eu me senti muito acolhida nesta casa — confessou. — Não só por vocês três... Não sei explicar. Senti uma leveza emocional que, até agora, não tinha experimentado.

Caíque retribuiu o sorriso com ternura.

— O que você sentiu, Andreia, é real. Essa leveza não é só emocional. É energética.

— Como falei — comentou Eduardo com voz serena —, todos os dias fazemos O Evangelho no Lar. Lemos, refletimos, oramos. Isso cria vibrações diferentes, elevadas. A casa se torna um ponto de luz.

— A espiritualidade amiga se aproxima — completou Caíque. — Os bons espíritos nos ajudam a manter o ambiente equilibrado, limpo e acolhedor. Isso nos faz bem, traz harmonia e paz, inclusive, saúde.

— É como se a casa respirasse paz — disse Eduardo, sorrindo. — Quem entra em um lar assim sente na hora. Mesmo sem entender, mesmo sem saber o motivo, sente.

— O Evangelho realizado constrói energias pela nossa fé, pelo nosso amor. E a constância as mantém — acrescentou Caíque. — Lógico, com a ajuda excelsa da espiritualidade.

— Nunca imaginei que algo tão simples pudesse fazer tanta diferença — comentou Andreia admirada.

— O Evangelho é simples, as preces também — disse Eduardo com tranquilidade —, mas a luz que eles trazem... essa luz é imensa. E necessária. O emocional coletivo nunca esteve tão abalado como agora. Todos estão desesperados. Às vezes, fico pensando no quanto as pessoas

gastam energia brigando por política, tentando provar quem está certo ou errado... Como se isso fosse resolver alguma coisa.

— É como se estivessem em guerra o tempo inteiro — Caíque concordou. — E essa guerra não traz paz. Só alimenta ansiedade, raiva, divisão. E isso não é só no Brasil.

— Se essas pessoas usassem esse tempo e energia para orar, para fazer uma prece sincera, para ler algo edificante como o Evangelho, para fazer ou desejar o bem... Tenho certeza de que teríamos menos gente adoecendo emocionalmente e até fisicamente. Menos pânico, menos depressão, menos ansiedade... O emocional reflete no físico — explicou Eduardo.

Sem tirar os olhos das panelas, Kátia acrescentou:

— E não é só na pandemia. Em qualquer momento da vida, precisamos parar de exigir do outro a nossa visão sobre o mundo. Se nos voltarmos para a espiritualidade, vamos entender que ela é um refúgio que nos eleva, tranquiliza e esclarece. Ela nos une. Conheço bem pouco do Espiritismo, mas já senti os efeitos do que ele nos ensina. A forma como nos faz refletir sobre a vida... não encontrei em nenhum outro lugar.

— Eu não quis dizer que política não importa. Claro que importa — ponderou Eduardo, retomando o que havia dito antes. — Mas transformar isso em campo de batalha, em motivo de ódio... Isso adoece. E não muda nada.

— E adoece agora ou mais tarde — afirmou Kátia. — Sei bem o que é isso. Quando eu vivia com o Edmílson... Ele só falava de coisas que causavam medo. Só conversava sobre os problemas do mundo. Política, principalmente. Era como se implantasse o medo, a negatividade, o terror... Vivia sob a expectativa de que algo terrível fosse acontecer. Era horrível. Hoje, com a pandemia, não estou sofrendo tanto desse medo como já sofri. Ele era narcisista e usava tudo, exatamente tudo, para me fazer refém do medo, da dúvida... Sempre reescrevia os acontecimentos, distorcendo tudo. Era uma vida horrível. Agora, mesmo no meio da pandemia, estou aprendendo a viver. A enxergar a vida sem aquele medo constante.

— Não reencarnamos para isso — disse Caíque, com firmeza e compaixão. — Reencarnamos para sermos melhores. Não para cultivar ódio nem atacar com raiva, escondidos atrás de uma tela. Se buscamos evolução espiritual, se desejamos equilíbrio e paz verdadeira, é chegada a hora de entender que o que muda nosso patamar evolutivo é o que oferecemos ao outro... é o que cultivamos em nós.

Eduardo completou com serenidade:

— E isso começa com o silêncio, com a oração, com a escuta.

Andreia permaneceu pensativa. As palavras não apenas tocavam sua mente, pareciam acariciar sua alma.

— Eu nunca tinha olhado por esse ângulo — disse com os olhos atentos, brilhando. — Faz todo sentido. Eu mesma me afastei de tudo isso... e comecei a sentir um pouco mais de paz.

— A paz não está no mundo. Está na forma como escolhemos viver nele — Caíque disse para que refletissem.

Enquanto falavam, uma vibração suave envolvia o ambiente. Não era visível, mas podia ser sentida, como uma brisa que não vinha do vento e sim da presença espiritual.

No plano invisível, mentores observavam com serenidade.

Pouco antes, um deles, de semblante calmo e olhar profundo, aproximou-se de Eduardo com leveza. Tocou-lhe o campo mental com delicadeza, inspirando-lhe ideias elevadas, palavras que fluíam com naturalidade. Era como se soprasse pensamentos de luz com o intuito de ensinar sem impor, de consolar sem julgar.

— Que bom ver Eduardo receptivo — disse o mentor espiritual de Caíque, com um sorriso de reconhecimento.

— Caíque também recebeu suas inspirações com maestria. Seus pensamentos se organizaram com clareza. As palavras ditas foram

carregadas de sentido — respondeu o mentor de Eduardo.

As vibrações da casa eram elevadas. O ar parecia mais limpo, mais suave. Os mentores sorriram. Juntos, dispendiam energias aos seus pupilos, recompondo o corpo espiritual e mental.

Ali, naquela cozinha simples, entre uma camisa com botão pregado e um almoço sendo preparado, a espiritualidade trabalhava em silêncio, amparando, inspirando, iluminando.

Após um longo silêncio, Andreia olhou para os amigos com expressão sincera e perguntou:

— Vocês sabem me explicar o que o Espiritismo ensina sobre as doenças que temos... ou as que nascemos com elas?

Eduardo respirou fundo antes de responder, como quem acessa um saber na alma.

— A Doutrina Espírita nos ensina que a reencarnação é um dos maiores instrumentos de cura do espírito. É a jornada que nos conduz à evolução. Por meio dela, o espírito pode reparar os equívocos cometidos em vidas passadas ou até mesmo nesta encarnação atual.

Fez uma breve pausa, permitindo que Andreia absorvesse cada palavra.

— Tudo o que fazemos contra as Leis de Deus, contra nós mesmos ou contra os outros deixa marcas em nosso corpo espiritual que chamamos de perispírito. Alguns espiritualistas o chamam de corpo astral. Essas marcas não são castigos, mas registros vibracionais das escolhas que fizemos. Vícios físicos ou morais como: o alcoolismo, o uso de drogas, o tabagismo, crimes... Desejos desordenados na área sexual, promiscuidade, malícia, pensamentos destrutivos, mágoas, rancores, vingança... Negativismo... Tudo isso gera desequilíbrios que ficam impressos em nosso corpo espiritual.

— E não apenas ações — continuou ele —, mas também omissões. O abandono de tarefas essenciais à nossa vida ou à vida de outros, conforme o caso. É a consciência que nos cobra. E à medida que vamos nos libertando

desses débitos, essas marcas vão se dissolvendo. A luz do espírito começa a aparecer. Por isso se diz que alguém é um espírito de luz.

Andreia permanecia em silêncio, absorvendo cada palavra, como quem recolhe sementes para plantar dentro de si.

Eduardo prosseguiu com ternura:

— A reencarnação é uma oportunidade preciosa de harmonizar o que desarmonizamos. De curar os males que nasceram dos nossos desejos no mal. De renovar atitudes, pensamentos e palavras. De reparar os danos causados aos outros e a nós mesmos. Quando reencarnamos já com o corpo debilitado, ou quando alguma doença se manifesta, é porque o nosso corpo espiritual carrega essa marca e a nossa consciência essa necessidade. Reflexo de algo que fizemos no passado. A cura do espírito depende do uso consciente do livre-arbítrio, da prática do bem, da resignação e da transformação interior.

Silenciou por um instante, respeitando o tempo da reflexão.

— Somos espíritos imortais — Eduardo prosseguiu. — Continuaremos vivos após a morte do corpo físico. E seria um grande desperdício perder a oportunidade da reencarnação sem buscar a harmonização. Reencarnar novamente, tecer planos reencarnatórios que atendam às nossas necessidades espirituais, está cada vez mais difícil. Quando não aproveitamos a chance, voltamos a sofrer moralmente pelo que fizemos ou deixamos de fazer.

Andreia, tocada pela explicação, olhou para ele com expectativa. Desejava saber mais.

— A pandemia que enfrentamos... o vírus que está atacando centenas de milhares de pessoas... isso foi planejado ou aprovado pela espiritualidade? — ela perguntou com voz baixa, mas carregada de inquietação.

Eduardo olhou para Andreia com ternura. A pergunta dela não era apenas curiosidade, era um grito silencioso da alma tentando entender o sofrimento coletivo.

— O Espiritismo nos ensina que nada acontece sem a permissão de Deus — começou Eduardo com voz sempre serena, como quem abre uma janela para o entendimento. — Mas isso não significa que a espiritualidade superior tenha criado o vírus como castigo. Não é assim que funciona. A pandemia é resultado e consequência das escolhas humanas, dos desequilíbrios morais e materiais que se acumulam ao longo do tempo. A espiritualidade não pune. Ela educa.

Caíque completou com suavidade, como quem costura a reflexão com ternura:

— O planeta Terra é uma escola. E como toda escola, tem provas. A pandemia é uma dessas provas coletivas. Um momento para o despertar da consciência, para a reflexão, para a reavaliação dos valores. Muitos espíritos reencarnaram sabendo que passariam por isso. Alguns vieram para aprender, outros para ensinar, outros para partir e cumprir sua missão.

— Deus é justo e bom. Como já te expliquei, Ele não erra — afirmou Eduardo, com firmeza compassiva. — Ele não permite que um filho Seu experimente o que não necessita. Toda doença, toda contaminação têm origem espiritual, mesmo aquelas adquiridas por agentes epidêmicos ou ambientais. O momento que vivemos é de provação coletiva. Os que vão sofrer com a doença, os que vão desencarnar por causa dela, os que vão adoecer levemente ou nem sentir nada... tudo isso faz parte da evolução de cada um. Estava no planejamento reencarnatório de todos.

Andreia, com os olhos marejados, perguntou com voz embargada:

— Você acha que, no plano espiritual, eu aceitei ficar grávida às vésperas da pandemia? E se sim... meu filho também escolheu ser cardiopata, mesmo antes de nascer, no meio de tudo isso? Porque é isso que está acontecendo.

Eduardo olhou para ela com ternura e respondeu com cuidado:

— Pode ser que você aceitou. Ou pode ser que essa situação foi imposta aos dois. A reencarnação compulsória não é comum, mas acontece quando o espírito é rebelde, revoltado, indisciplinado. Creio que não é o seu caso. Então, sim. Você aceitou. E seu filho também.

Andreia respirou fundo, como quem busca forças para continuar.

— E sobre o que passei com o Sandro, que me traiu, vendeu minha empresa, vendeu nosso apartamento e me deixou sem nada... Sobre a Maura, minha melhor amiga... Sobre ele ter me traído com ela enquanto eu estava grávida... Isso tudo estava planejado?

Eduardo refletiu por um instante, depois respondeu com bondade:

— Em casos como o seu, muitas vezes aceitamos correr o risco de experimentar a maldade que podemos sofrer. Todos temos a oportunidade de agir corretamente, mas escolhemos errar, falhar, machucar. É o que parece, no caso do Sandro. Ele escolheu. A Maura escolheu. Poderiam não ter feito isso. Você, talvez, aceitou correr o risco. Ao te darem esse golpe, eles cederam às más tendências. E foram reprovados na prova, com certeza.

Eduardo fez uma pausa breve, depois prosseguiu:

— Pode acontecer que você merecia passar pela experiência da perda, que precisava desse aprendizado. Mas essa perda viria de outra forma, não necessariamente pela traição. Se você não merece, a vida vai dar um jeito de tudo voltar para você. De que forma? É a justiça de Deus que vai explicar.

— Se fosse para você perder sua indústria têxtil, a pandemia seria um ótimo momento para isso — lembrou Caíque com voz serena. — Não precisaria o Sandro e a Maura te darem esse golpe. Entende?... Eu e meu irmão estamos preocupados com tudo o que está acontecendo. Alguns comércios já faliram, outros estão a caminho. Todos sofrem com essa crise. E o impacto é mundial. Não é só aqui. Mas vai passar. E, de alguma forma, vamos nos reerguer.

— O Espiritismo pode ajudar de que forma? — perguntou Andreia com genuína curiosidade.

— Com o conhecimento — respondeu Eduardo. — Quando aprendemos, nos tornamos conscientes. E a consciência liberta. “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”, disse o Mestre Jesus. Em qualquer época, o

conhecimento nos ilumina. O cultivo de pensamentos elevados nos envolve em luz e proteção. Ficamos mais fortes, mais resignados... Essa pandemia mostra como está o nosso mundo.

— Como assim? — tornou ela.

— Em A Gênese, livro da Codificação Espírita, Kardec explica sobre a evolução dos mundos. Aprendemos que existem os Mundos Primitivos, os Mundos de Provas e Expiações, que é o nosso planeta atualmente, os Mundos de Regeneração, para onde a Terra está caminhando, os Mundos Felizes ou Ditosos e, por fim, os Mundos Celestes ou Divinos, onde vivem os espíritos puros — explicou Eduardo. — O Mundo Primitivo é onde os espíritos iniciam sua jornada evolutiva. No Mundo de Provas e Expiações, como a Terra é hoje, predominam as dificuldades morais e os resgates espirituais. Nos Mundos de Regeneração, há uma transição entre a dor e a paz, onde o bem começa a prevalecer. Nos Mundos Felizes, o mal já foi vencido e reina a fraternidade. E nos Mundos Celestes, há plena harmonia com as Leis Divinas.

Vendo-a atenta, Caíque acrescentou:

— No momento, o planeta Terra está passando pela Transição Planetária. Esse termo não aparece na Codificação de Kardec, mas foi introduzido por autores espíritas contemporâneos. Ganhou força especialmente nas obras psicografadas por Divaldo Franco, atribuídas ao espírito Joana de Ângelis como A Grande Transição Planetária. Também aparece nas obras de Philomeno de Miranda, outro espírito que escreve por Divaldo.

— Entendi — disse Andreia, absorvendo cada palavra.

— Os estudos — continuou Eduardo — nos mostram que estamos vivendo uma mudança vibracional e moral. Espíritos endurecidos estão sendo gradualmente afastados da Terra, e espíritos mais preparados estão reencarnando para impulsionar o progresso. Conforme Kardec apresenta em A Gênese e O Evangelho Segundo o Espiritismo, nosso planeta ainda é um mundo de Provas e Expiações. Aqui predominam as dificuldades morais e os resgates espirituais. O sofrimento, embora doloroso, tem função educativa e regeneradora.

— Os flagelos coletivos como: epidemias, pandemias, guerras e catástrofes naturais fazem parte desse processo educativo — completou Caíque. — Em O Livro dos Espíritos, especialmente, nas questões 737 e 741, os Espíritos Superiores explicam que esses flagelos têm como finalidade acelerar o progresso moral da humanidade.

— Exemplos históricos como guerras, terremotos, erupções vulcânicas, a lepra, a peste negra, a gripe espanhola e agora a COVID-19 são provas coletivas — continuou Caíque. — Além das experiências fazerem parte das provas e expiações, a dor deve despertar a solidariedade, a compaixão e a humildade. Muitos espíritos necessitam desses resgates e experiências para evoluírem. A espiritualidade superior atua intensamente, amparando os que partem e inspirando os que permanecem. Quando tudo isso passar, vão se elevar aqueles que melhoraram moralmente, que despertaram a compaixão, o entendimento, a solidariedade... e deixaram as picuinhas de lado.

Aproveitando a pausa, Eduardo completou:

— Esse processo de Transição Planetária não acontece da noite para o dia. Não tem data marcada. Assim como a Terra passou lentamente de Mundo Primitivo para Mundo de Provas e Expiações, sem que a humanidade percebesse, ela passará de Mundo de Provas e Expiações para Mundo de Regeneração, lentamente, sem a humanidade perceba.

Andreia permaneceu em silêncio por alguns instantes, olhando para os irmãos. Ela não sabia nomear o que sentia, mas compreendia.

Os mentores espirituais, com vibrações contínuas, envolviam a todos. E, sem trégua, inspiraram Eduardo a dizer:

— Agora, quase na metade de 2020, no meio da pandemia, no meio de toda essa movimentação no Brasil e no mundo, vemos que as pessoas estão ganhando consciência do que é bom ou ruim, do bem e do mal, do que realmente importa. Todos, com raras exceções, querem salvar a própria vida, proteger a si e aos seus queridos. Isso mostra que, inconscientemente, antes de reencarnarem, aprenderam que o maior bem que temos é a vida e a oportunidade de reencarnação.

— No dia a dia — prosseguiu Eduardo —, todos nós temos problemas: financeiros, amorosos, familiares, profissionais... Isso nos deixa angustiados, magoados, com raiva. Mas se surge um problema de saúde, quando podemos perder o corpo, todos os outros problemas desaparecem. E o único que importa é a saúde. O resto se torna resto. Neste momento, aqueles com um pouco mais de evolução espiritual buscam Deus. Mas... depois que tudo isso passar, serão poucos os que irão valorizar a vida e se tornar pessoas melhores. Muitos esquecerão suas promessas, seus desejos...

— O que vivemos hoje, em 2020, nos convida a profundas reflexões — disse Caíque. — Esse é o verdadeiro objetivo dessa prova com a COVID-19. Nosso corpo precisa ser tratado com amor e carinho. É o único instrumento que temos para evoluir nesta encarnação. Ele nos proporciona experiências. E essas experiências devem ser saudáveis. Se quisermos deixar de sofrer e evoluir, devemos nos despojar dos vícios e de tudo o que não agrega. Com essa pandemia, descobrimos o que realmente importa. Percebemos que precisamos ser solidários, humildes, compassivos. A arrogância, as posses abusivas, os poderes... não têm valor nenhum. A pandemia envolveu a todos. O vírus não escolheu credo, etnia, sexo, classe social... É uma prova para todos.

— A questão principal agora — tornou Eduardo — é observar a verdadeira transformação moral das pessoas, quando tudo isso passar. Deus vai notar quem foi aquele que, verdadeiramente, aproveitou e aprendeu com esta prova. — Quer um exemplo? — continuou, sem esperar resposta. — No momento, estão ressaltando os verdadeiros heróis: médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, auxiliares, atendentes, faxineiros, bombeiros, motoristas de ambulância, policiais... Futuramente, quando um desses profissionais cometer uma falha, um atraso, uma expressão de cansaço... as mesmas pessoas que os chamaram de heróis vão xingá-los, ofendê-los, agredi-los nas redes sociais ou até pessoalmente. Atitudes típicas de um mundo de Provas e Expiações, que é a vibração e moral ainda inferiorizadas.

— Podemos até encontrar pessoas que digam que esses profissionais não fizeram mais do que suas obrigações — opinou Kátia, enxugando as mãos no pano de prato.

— Aqueles que merecem um Mundo de Regeneração — disse Caíque com seriedade — vão se esforçar para serem melhores. Vão mudar pensamentos, palavras e ações. Serão mais generosos, humanos, compreensivos, humildes, prestativos, solidários... dentro e fora de casa.

— Basta olhar as redes sociais para perceber o comprometimento moral das pessoas — observou Eduardo. — Vemos espíritos encarnados ainda vibrando e, consequentemente, presos num Mundo de Provas e Expiações. Pessoas que se metem onde não foram chamadas, dão opiniões que ferem, que não foram pedidas. Mentem. Não são compreensivas, não têm harmonia em suas próprias vidas, mas exigem que o outro mude de acordo com sua vontade. Provocam, magoam, alimentam conflitos. Mesmo sem cometer grandes crimes, há atitudes que revelam desalinhamento moral e resistência à evolução espiritual, especialmente, neste momento de pandemia.

— Sabe o que me preocupa? — indagou Caíque. — Não são apenas os grandes erros ou crimes bárbaros. Às vezes, o que mais atrasa a evolução são as pequenas atitudes. Aquelas que parecem inofensivas, mas carregam veneno. Comentários maldosos, ironias, postagens que alimentam a raiva, o orgulho, a divisão. Gente que não mata, não rouba, mas espalha mágoa, intolerância e egoísmo. Normalmente, passam impunes. Não são responsabilizados.

— O pior é que muitos não percebem o que fazem — disse Kátia. — Acham que estão só dando opinião. Como se o mundo precisasse delas. Mas estão vibrando baixo. Estão se afastando da luz.

Após um longo silêncio, Eduardo afirmou com firmeza:

— A Terra está mudando. Está deixando de ser um Mundo de Provas e Expiações. Está caminhando para Mundo de Regeneração. E quem não acompanhar essa mudança vibracional e moral... vai ficar para trás.

— Não por castigo, mas por sintonia — concordou Caíque. — Um Mundo de Regeneração exige, ou melhor, convida e necessita de uma consciência vibracional compatível. A regeneração pede amor, requer mudança de

postura, convida à prática do bem em pensamentos, palavras e ações. É preciso cultivar valores mais elevados.

— A nova vibração do planeta favorece quem escolhe evoluir. E escolher é se esforçar, todos os dias, para mudar de comportamento — completou Eduardo. — Quem deseja permanecer na Terra regenerada deverá estar em sintonia com o amor e a fraternidade. Por isso, antes de qualquer comentário ou postagem, antes de qualquer atitude diária seja no contato com os outros pessoalmente ou pelas redes, é preciso pensar: estou provocando? Gerando raiva? Dividindo?

Silêncio.

— Esta transição é uma consequência da evolução. Vai acontecer, querendo ou não — disse Caíque.

Kátia, pensativa, comentou:

— Sabe... penso que só agora, neste momento da humanidade, muitos de nós conseguimos entender os ensinamentos do Mestre Jesus com clareza. Quando Ele disse: “Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a Terra.” Ele já nos falava, simbolicamente, da Transição Planetária. Não era só poesia espiritual. Era um aviso amoroso. Uma orientação para o futuro. Jesus mostrou quem estaria em sintonia com a nova vibração do planeta.

— Gosto de lembrar que ser manso não é ser passivo. Ser pacificador não é se calar diante do mal — esclareceu Eduardo. — É escolher não revidar o ódio. É não provocar, não alimentar conflitos. Seja numa fila do posto de saúde, seja num comentário nas redes sociais. Seja dentro do lar, falando com o próximo mais próximo.

— Hoje, infelizmente, muita gente ainda não percebe que atitudes como ironias, provocações, agressões verbais são incompatíveis com quem deseja evoluir. Não são crimes, mas são desvios morais. São escolhas que afastam a alma da luz — considerou Caíque.

— A regeneração do planeta não vai acontecer com discursos inflamados, mas com corações pacificados — continuou Eduardo. — Corações que sabem dizer não ao que não agrega. Dizer não às vibrações morais inferiores. Para saber se estamos agindo certo ou errado, precisamos conhecer os ensinamentos do Mestre Jesus e nos perguntar: estou agindo como Ele nos ensinou? O Mestre aprovaria minha decisão? Jesus agiria assim como eu? — Fez uma breve pausa. — A Terra será herdada pelos que cultivam a paz, a humildade, a empatia. No que se compartilha, no que se comenta, no que se vibra.

— Quando começamos a entender isso, tudo muda — falou Caíque, sorrindo. — A forma de viver, de sentir, de se relacionar... muda. Começamos a construir a paz que tanto desejamos. Primeiro, dentro de nós. Depois, em torno. E são nossas escolhas que determinam o que desejamos ser e fazer.

A vibração do celular de Andreia interrompeu a conversa. Ela olhou a tela e sorriu emocionada.

— O Milton acordou! Foi extubado... ou desentubado como dizem comumente! — contou, radiante.

— Graças a Deus! — Kátia sorriu.

— Que boa notícia — considerou Eduardo.

— A Carla está dizendo que o Milton melhorou muito — continuou Andreia. — Que deve sair da UTI em um ou dois dias. E que o Danilo também está bem melhor.

Todos se entreolharam com alegria. A esperança, como uma luz suave, preenchia o ambiente. E a espiritualidade sorria junto.

Capítulo 27

Quando a ternura é observada

Existe ajuda que chega como resposta a uma prece

não dita, mas sentida. Não como um milagre

ruidoso, mas com gesto simples, com presença e luz.



O tempo, como que refletindo o estado da alma coletiva, foi se fechando ao longo da tarde. O frio chegou em silêncio, acompanhado de uma chuva miúda, lavando as janelas da cidade cinzenta. Um retrato melancólico da capital paulista. Alguns gostavam. Outros nem tanto.

Aline, deitada de bruços no tapete da sala, apoiava os cotovelos enquanto coloria, em silêncio, seu caderno de desenhos. A televisão seguia ligada, mas era apenas ruído de fundo; ninguém ali prestava atenção.

Na cozinha, Tamires travava uma batalha contra a pilha de louças que parecia se multiplicar. Foi então que um som seco, abrupto, vindo do quarto da mãe, rasgou a rotina inesperadamente. O coração disparou e ela correu.

— Mãe! Mãe, o que aconteceu?!

Joana estava caída ao lado da cama. O olhar vago, a expressão perdida. Tentava se erguer, mas o corpo, traído pela mente, não respondia.

— Eu só... queria pegar o casaco... Achei que estava frio — murmurou com a voz fraca, envolta na névoa do Alzheimer que, dia após dia, roubava-lhe a autonomia, como um ladrão silencioso da memória.

— Meu Deus, mãe... — sussurrou Tamires, como quem clama por socorro ao Alto. Ajoelhando-se ao lado, procurou manter a tranquilidade. — Calma, mãe. Fica quietinha. Vou te ajudar. Se doer, avisa. Vou te mover bem devagarzinho.

Com delicadeza, acomodou Joana sentada, apoiando-a na lateral da cama, cercando-a com travesseiros como se fossem braços invisíveis de proteção. Tinha medo de movê-la demais e descobrir uma fratura. Foi então que viu o sangue que escorria pela nuca, tingindo os fios de cabelos brancos.

Ao virar o rosto, encontrou Aline paralisada, os olhos arregalados.

— Filha, corre no banheiro e pega a toalha de rosto. Me ajuda, meu amor... — pediu, com a voz serena, mas o coração em tempestade.

A menina obedeceu e Tamires, com mãos firmes, tentava impedir que a mãe tocasse o ferimento, que embora pequeno, sangrava com intensidade.

— Não, mãe... Não põe a mão...

— Dói... tá doendo... — gemeu Joana com a dor misturada à confusão.

— Calma, vó — disse Aline, segurando a toalha contra a nuca da avó com mãos trêmulas, mas cheias de ternura.

Tamires se levantou e pegou o celular. Tentou o irmão. Nenhuma resposta. Ligou para o plano de saúde. Informaram que não tinham ambulância disponível para aquele tipo de caso. Tentou o serviço público e se deparou com a mesma resposta: naquele momento, devido à pandemia, ambulâncias não estavam atendendo casos assim.

Pensou em Andreia, mas hesitou. Sabia que a irmã estava sobrecarregada emocionalmente, enfrentando a separação, as perdas materiais, vivendo na casa de conhecidos que a acolhiam. Faltavam cerca de duas semanas para o nascimento do bebê: um menino com cardiopatia congênita que precisaria de cirurgia logo ao nascer. E tudo isso... em meio à pandemia.

“Não. A Andreia não... O Rogério!” — pensou.

Ligou para o amigo. A voz saiu oscilante, quase em súplica:

— Rogério... Desculpa te incomodar. É urgente e não estou dando conta sozinha. Minha mãe caiu. Até sei o que fazer, mas é complicado. Meu carro e o do meu pai estão na garagem, mas sem gasolina suficiente e... — Não detalhou sua situação financeira. Rogério entendeu. — Estou só com a Aline em casa. Meu irmão, aquele irresponsável... nunca está quando precisamos dele. E...

— Estou indo aí. Me dá dez minutos — ele respondeu, sem hesitar.

— Obrigada... Não sabia pra quem ligar.

— Fez bem ter me ligado. Estou indo.



Rogério chegou com semblante preocupado e o filho Fábio o seguia.

Cuidadosamente, ajudou a levantar a senhora ao mesmo tempo em que escutava o relato de Tamires.

— Aparentemente, ela não quebrou nada, mas precisamos investigar — disse Tamires demonstrando inquietação. — Liguei para a emergência, mas... neste momento de pandemia, não estão disponibilizando ambulâncias para pequenos acidentes. No plano de saúde também disseram que é um

pequeno acidente doméstico e não tem ambulância. Que os atendimentos estão sobrecarregados devido à pandemia. Está difícil...

— Vamos improvisar uma cadeira com os nossos braços, pai. Aprendi isso na escola. Eu aguento — dispôs-se Fábio, prestativo.

Pai e filho entrelaçaram os braços, formando uma cadeira humana. Com o apoio de Tamires e Aline, Joana foi acomodada com cuidado naquele gesto de amor e engenho. A senhora, ainda atordoada, foi conduzida até o carro onde Tamires se sentou ao seu lado, segurando-lhe a mão com ternura.

Antes de partir, Rogério voltou-se para os dois jovens que ficariam na casa. Seu olhar era firme, mas não havia dureza. Desejava reforçar o peso da responsabilidade em tempos incertos.

— Prestem atenção, vocês dois — disse com voz grave e firme. — Já temos problemas demais e o momento é delicado. Então, fiquem aqui dentro. Nada de bagunça. Não abram a porta para ninguém. Assistam à TV, joguem videogame, leiam... mas, por favor, nos poupem de qualquer outro susto. Bebam água, vão ao banheiro, só isso. Nada de inventar moda. Nem pipoca no micro-ondas, entenderam?

— Sim — disseram juntos.

— Qualquer novidade, liguem para mim. Certo? — tornou ele.

— Certo — novamente, ouviu-se um coro.



Enquanto dirigia, Rogério olhava Tamires e Joana pelo retrovisor e ouvia a amiga comentar:

— Eu me sinto tão perdida... Parece que tudo desmoronou. Em menos de um ano: divórcio, a perda de minhas lojas na partilha de bens, a pandemia

que me fez fechar a última loja, mudar para uma casa alugada, o Alzheimer da minha mãe, a necessidade de ter de mudar para a casa dela, meu pai internado com COVID... A minha irmã com tantos problemas... Agora isso com minha mãe. Desculpa ter de pedir sua ajuda em um momento como esse, onde todos querem se proteger. Você e seu filho não precisavam passar por isso.

— Tem pessoas que gostam de ser carregadas, são abusivas. Mas, no seu caso, é um ato de coragem. E, ajudar, também é coragem — sorriu. — Fica tranquila. Vai ficar tudo bem — disse Rogério com voz serena.

No hospital, a recepcionista informou que, devido à demanda de pacientes internados com COVID, não estavam atendendo casos de queda sem fratura aparente.

Tamires começou a se desesperar.

— Mas como?!... ela está com um corte na cabeça. Tem Alzheimer. Ela não sabe nem o que está acontecendo direito. Como assim, não vão atender?

— Senhora... Sinto muito. Nossos médicos estão sobrecarregados e...

Calmo, Rogério interferiu:

— Pode deixar, moça. Nós entendemos. — Virando-se para a amiga, decidiu: — Vamos tentar outro hospital. Eu conheço um que talvez aceite. Vai dar certo.

— Mas ela já está aqui, na cadeira de rodas — apontou para a mãe. — Deu o maior trabalho tirar minha mãe do carro e colocá-la aí e...

— Tudo bem, Tamires. Podemos fazer de novo. E quando chegarmos ao outro hospital, só vamos tirá-la do carro após ter a certeza do atendimento. Fica tranquila. Estamos em tempos difíceis. A moça só está cumprindo ordens. Sabemos que toda a área da saúde está sobrecarregada e comprometida. Vamos entender a situação. Seremos atendidos em outro lugar. — Viu-a respirar fundo e afagar a cabeça da mãe. Penalizado,

Rogério virou-se para o segurança a certa distância e pediu: — Por favor, pode nos ajudar a colocá-la no carro?

O moço aproximou-se e perguntou com educação:

— Vocês não podem chamar uma ambulância?

— Tentamos. Mas as ambulâncias dos hospitais públicos não estão atendendo casos assim. Foi o que informaram. O plano de saúde dela também não tem ambulância à disposição — explicou Tamires.

— Então, vamos lá. Eu ajudo sim — concordou o rapaz.

Tamires olhou para Rogério e se admirou de suas atitudes e cuidados.

Desde que saiu da casa dos pais para se casar, talvez fosse a primeira vez que sentiu alguém do seu lado. Alguém que estivesse ali, não por obrigação, mas por escolha. Lembrou-se de que seu ex-marido nunca foi solidário, presente, companheiro e ela nunca percebeu isso. Ela que o ajudou, manteve, apoiou em tudo o que Rômulo fazia e nunca recebeu nem atenção como retorno. Não tinha como não comparar.



Enquanto isso, na casa de Joana...

Na sala de estar, passava um filme que Aline e Fábio haviam escolhido. Eles dividiam o sofá como dois jovens que, apesar das dores, encontravam refúgio na companhia um do outro.

Ela havia ido até a cozinha e retornou com duas pequenas bacias nas mãos. Com um sorriso travesso, ofereceu:

— Quer pipoca?

— Meu pai não disse pra não fazer nem pipoca no micro-ondas? Esqueceu?

— Olha primeiro antes de reclamar. Eu não fiz nada. É pipoca doce de saquinho. Minha mãe comprou no mercado. Só abri e dividi pra nós dois.

Fábio sorriu e aceitou. O gesto simples carregava uma ternura silenciosa.

Sentados lado a lado, com a luz da tela iluminando seus rostos, Aline perguntou:

— Seus pais também se divorciaram, né?

— Sim. Igual aos seus.

— Tem visto sua mãe?

— Não. Desde a pandemia, não. Ela perdeu o emprego e foi pro interior de São Paulo. Pra cidade de Ribeirão Preto onde mora uma irmã dela. Às vezes, manda mensagem. E você? Tem visto o seu pai?

— Desde o divórcio, que foi antes da pandemia, também não.

— Sente falta dele? — o jovem ficou curioso.

— Não. Ele sempre foi ausente. Nunca deu importância pra mim ou pra minha mãe. Não parava em casa. Irritava minha mãe de propósito, fazia coisas só pra ver minha mãe nervosa. Depois, falava que ela era louca, descontrolada, sem noção... E minha mãe, boba que só, reagia. Brigava, tentava provar que estava certa, que tinha razão. Queria salvar o casamento. Isso me irritava. Pensei até em sumir, ir embora de casa... Pensei tanta besteira. Mas, lá no centro espírita, antes da pandemia, aprendi que esses pensamentos machucam a gente por dentro e atraem espíritos que vibram na dor.

— É verdade — Fábio concordou com um olhar que parecia entender mais do que dizia.

— E com seus pais também foi assim?

— Meu pai sempre foi de boa. Minha mãe era a descontrolada. Ciumenta, agressiva com as palavras, controladora... ela enchia o saco de todos. Exigia que eu fosse assim ou assado. Todos os dias, encontrava algum motivo para brigar, ficar nervosa, gritar... Ela gritava por qualquer coisa.

— Eu achei bom meus pais terem se separado — Aline falou e deu um suspiro.

— Eu também — confessou Fábio. — Agora a gente tem paz.

— Seu pai é legal.

— Sua mãe também.

— Ela é sim. Sempre vi minha mãe se esforçando, trabalhando, fazendo de tudo pra gente ter conforto, coisas boas... Às vezes, até acho que ela se preocupa demais. Depois da separação, minha mãe virou outra. Apesar de todo o trabalho com a minha avó e com o inútil do meu tio, ela está mais calma, tranquila... Ficou nervosa com essa pandemia, mas quem não ficou? Mas dá pra ver que, longe do meu pai, ela é outra pessoa. Era ele quem deixava minha mãe louca. Agora a gente conversa mais, se diverte mais... E ela fala com calma, sabe?

— Meu pai sempre foi de conversar, mas minha mãe nunca se preocupou comigo. Não tinha paciência pra me ensinar as coisas, como se eu tivesse a obrigação de saber. Sempre me cobrava. Fazia críticas... Se eu tinha um problema na escola, a culpa era minha. Se alguém me olhava torto, a culpa era minha. Eu era o bobo, o idiota... Ela só gritava, cobrava, criticava... Não bastavam os bullyings na escola, sofria bullying dela pelo meu jeito de ser, pela minha aparência, porque ela ficava me imitando, ridicularizando ainda mais. Fazia micagem me remedando.

— Você não é feio — disse Aline, olhando para ele com sinceridade.

— Como não? Você tem problema visual? — retrucou Fábio com um toque de dor disfarçada em ironia.

— É só operar essas orelhas de abano. Sabia que existe cirurgia pra isso? — disse Aline com a naturalidade de quem fala de um penteado novo. Viu-o pensativo e continuou com voz animada: — E mudar o corte de cabelo. Procura um barbeiro da moda. Corta o cabelo, usa um gel pra deixar mais moldado... Vai ficar da hora! Troca essas roupas largas por algo que combine mais com você. Sei que é magro, mas roupas certas valorizam mais. Pode até pedir umas dicas pra minha mãe. Ela é dona de loja de roupas e entende dessas coisas. Depois, quando essa pandemia acabar, dá pra entrar numa academia, ganhar uns músculos... Você vai se transformar! Ainda mais com essa altura toda... — mediu-o com os olhos. — Você é bem alto! Isso é da hora!

Fábio permaneceu em silêncio por alguns segundos. Não esperava conselhos tão diretos e tão sinceros vindos de uma menina de apenas onze anos. Sabia que Aline era esperta, mas aquela visão sobre ele o surpreendia.

— Será que funcionaria? — perguntou com uma humildade que misturava esperança e dúvida.

— Lógico! — ela se empolgou. — Aí você muda esse seu jeito curvado de andar e levanta a cabeça. Ombros pra trás. Olhe nos olhos dos outros quando falar, sabe? — sorriu com doçura. — O que te falei não é nada absurdo. Operar as orelhas pode ser o mais difícil, mas acho que seu pai tem plano de saúde. Vê isso com ele. Você vai ser outro ser humano. Acredite! Aliás... faça! Já que não tem nada a perder, né?

— ... é...

— Se arrume, Fábio. Deixa as pessoas sentirem o seu poder — disse, repetindo algo que ouviu da mãe ao atender clientes na loja. — Quando você se arruma, mostra que tem controle sobre si mesmo. E ninguém precisa saber se tem algo errado dentro de você. O que tá dentro, a gente ajeita depois. E aí, você vai ver que tem motivo pra se orgulhar. Vai começar a gostar de si mesmo. De verdade. Deixa minha mãe chegar e fala com ela. A dona Tamires entende de moda e de autoestima como ninguém!

Aline falava com uma empolgação quase cômica, como se carregasse décadas de experiência. Mas havia ali uma sabedoria precoce, nascida da

observação e da dor.

— Meu pai nunca me orientou sobre isso... — murmurou Fábio.

— Homens!... Homens não veem essas coisas. Fala com minha mãe. Vai ser diferente.

— Vou falar... — respondeu num tom tímido, mas com um brilho novo no olhar.

— Quer jogar videogame? — Aline convidou, como quem muda de assunto, mas não de afeto.

— Vamos sim — Fábio sorriu animado, porém ainda ficou refletindo sobre o assunto.



Conforme as recomendações vigentes durante a pandemia, os hospitais restringiram o número de acompanhantes, permitindo, em geral, apenas um por paciente.

Tamires acompanhava a mãe, segurando sua mão com delicadeza, tentando acalmá-la enquanto a enfermeira limpava o ferimento com gestos suaves, quase maternos.

Um médico adentrou o ambiente. O semblante era sisudo. Por trás da máscara e da viseira, percebia-se o cansaço gravado em sua fisionomia, marcas de dias longos e noites curtas, de uma rotina que exigia mais do que o corpo podia oferecer.

Após examinar Joana, foi direto:

— O corte é superficial, mas precisaremos dar alguns pontos. Também vamos fazer uma tomografia para garantir que não houve trauma interno.

Raio-x de tórax, quadril e pernas também serão feitos.

— Ela tem Alzheimer, doutor. Não entende muito bem o que está acontecendo. Por favor, sejam gentis com ela — pediu Tamires com voz doce e olhar suplicante.

— Entendo — disse o médico, refletindo por um instante. — Vamos fazer os pontos no local do corte. Depois, um eletrocardiograma. Se estiver tudo bem, aplicaremos uma leve sedação para que ela faça os exames com tranquilidade.

Assim foi feito.

Apesar da anestesia local, Joana gemia baixinho, incomodada. Tamires acariciava seus cabelos com ternura, murmurando palavras de consolo:

— Vai passar, mãe. Calma... Eu tô aqui...

— Você é a Valéria?

— Não, mãe. Sou a Tamires, sua filha.

— Valéria! Minha amiga de escola. Você levou flor pra professora ontem. Amanhã é minha vez. Não leva não. Tá bom?

— Tá bom, mãe... Amanhã vamos arrumar lindas flores pra você levar pra professora.

— Eu vou dividir meu lanche com você.

— Tá bom. Eu também...

— E por que estão mexendo na minha cabeça?

— Estamos arrumando seu cabelo pra festa de hoje à noite — respondeu Tamires, com um sorriso que misturava dor e carinho.

O médico riu, contagiado pela ternura da cena.

— Espero ser convidado, dona Joana — disse em tom baixo.

— Está convidado, doutor — Tamires respondeu, rindo.

— Eu também vou a essa festa, dona Joana — disse a enfermeira, achando graça.

— É meu aniversário, né? Vai ter festa surpresa!

— Vai sim, mãe. Vamos dançar a noite inteira.

— Meu cabelo tá ficando bonito?

— Está lindo, dona Joana. Estou caprichando no penteado — respondeu o médico, agora rindo com mais leveza.

O clima, antes tenso, foi se transformando. A dor cedeu espaço à ternura. O medo se dissolveu em afeto. E o ambiente hospitalar, por um breve instante, se tornou palco de uma festa imaginária onde o amor, a empatia e a compaixão dançavam juntos.

Sempre é possível deixar leveza ao redor de nós. E eles fizeram isso.

Enquanto isso, sob a marquise da área externa do hospital, Rogério aguardava. O corpo estava imóvel, mas a mente vagava entre lembranças, preocupações e preces silenciosas. Ele ajeitou a máscara no rosto, mas a respiração quente escapava pelas bordas, embaçando os óculos a cada suspiro. Com frequência, limpava as lentes com a ponta da camisa, tentando enxergar melhor o corredor interno, visível através das paredes de vidro.

Mas não adiantava. O tempo úmido parecia conspirar com a ansiedade, cobrindo sua visão com uma névoa persistente. Era como se até os olhos estivessem sendo testados. Como se o mundo, naquele instante, exigisse mais do que percepção. Exigisse fé.

A cada minuto, consultava o celular, como quem busca um sinal, uma palavra, uma resposta. O silêncio do aparelho pesava. Até que, de repente, o tilintar da notificação rompeu a espera. Leu:

“Minha mãe levou pontos e fez os exames. Aguardamos resultado.”

O coração apertou, mas logo veio o alívio: os exames não mostraram fraturas. Dona Joana foi liberada.

No caminho de volta, enquanto dirigia pelas ruas ainda molhadas pela chuva, Rogério observava pelo retrovisor. Via Tamires ao lado da mãe, acariciando-lhe os cabelos com ternura, murmurando palavras doces, como quem embala a alma com afeto.

E naquele gesto, simples e profundo, ele enxergou algo maior: o amor que cura, que sustenta, que transcende. Não era apenas uma filha cuidando da mãe. Era a vida ensinando, silenciosamente, que o verdadeiro milagre acontece quando o coração se torna abrigo.

Ele sorriu sem perceber. Um sorriso leve, quase involuntário, como quem reencontra algo perdido dentro de si. Pensava em como a vida havia mudado. Não de forma grandiosa ou repentina, mas em pequenos gestos, em silêncios compartilhados, em olhares que demonstravam carinho ou prece.

E, pela primeira vez em muito tempo, sentia-se inteiro. Sentia que estava exatamente onde deveria estar. Como se a espiritualidade, em sua sabedoria silenciosa, tivesse-o conduzido até ali, não por acaso, mas por propósito.

Ali, entre o cuidado, o afeto e a presença, havia paz. E paz, ele agora sabia, era o verdadeiro lar da alma.



Já era bem tarde da noite quando chegaram.

Aline correu até a porta ao ouvir o carro estacionar. Fábio, logo atrás, acompanhava com olhos atentos.

Ao ver a avó nos braços de Rogério, a menina perguntou, preocupada:

— O que aconteceu com a vovó? Por que ela não pode andar?

— Ela está bem, meu amor — respondeu Tamires com voz serena. — Deram um remédio que a deixou bem relaxada. Estamos só sendo cuidadosos para que ela não fique tonta e caia sem que possamos segurar. Agora ela precisa de descanso.

Rogério ajudou a acomodar Joana na cama. Sonolenta, a senhora piscava devagar, com o olhar perdido entre o presente e as memórias que a mente já não sabia organizar.

Tamires ajeitou os travesseiros, cobriu a mãe com cuidado e permaneceu ao lado dela, observando sua respiração como quem vigia um tesouro frágil.

Na cozinha, Rogério abriu discretamente a geladeira, procurando algo para improvisar um lanche. Encontrou um pote com arroz, meia dúzia de ovos e uma garrafa de água. No armário, dois pacotes de biscoito, um pote com pouco de açúcar e outro com café.

— Isso não vai dar pra nada... — murmurou, quase inaudível.

Voltou para a sala e encontrou Tamires, que acabava de sair do quarto, tentando disfarçar o cansaço que lhe pesava nos ombros.

— Ela dormiu.

— É bom que descanse bem. Para ela, o dia foi agitado. Então... Vou até a padaria da esquina buscar alguma coisa pra gente. Você quer algo específico? — perguntou, aguardando.

— Não. Nada... — ela respondeu sem jeito. Não havia o que oferecer.

— Então, já volto.

Pouco tempo depois, Rogério retornou com duas caixas de pizza e sacolas recheadas: pães frescos, caixa com hambúrgueres congelados, queijo, suco,

refrigerante, pão de forma e até uma embalagem de bolo recheado. Um gesto simples, mas cheio de generosidade.

Tamires arrumou a mesa com agilidade e todos se acomodaram ao redor, como quem encontra abrigo na partilha.

— Não tinha muita coisa na padaria. Acho que estavam quase fechando. O atendente sorriu quando pedi as pizzas e disse que eram as últimas que tinham.

— Geralmente, eles fazem um número limitado de pizzas. Não são preparadas na hora — explicou Tamires.

— Por isso os sabores são limitados. Entendi — ele sorriu.

— Está tudo ótimo, Rogério. Muito obrigada. Faz um século que não comemos qualquer tipo de pizza — disse Aline com seu jeito extrovertido e brilho nos olhos.

Fábio lembrou uma história engraçada e Aline caiu na risada. O riso dos dois encheu a casa de uma leveza inesperada. Em seguida, ela também resolveu contar algo que sabia.

Enquanto isso, numa conversa paralela, Rogério revelou:

— Sabe, Tamires... Eu fui um dos primeiros a ser demitido da empresa da Andreia. Na época, ninguém entendia o motivo. Parecia uma reestruturação. Mas, depois... tudo veio à tona.

— Do que você está falando? Do Sandro?

— Sim. Ele e a Maura, a diretora financeira. Arrumaram um laranja pra assumir a empresa. Amigo do pai dele que se prestava a isso. Tudo arranjado para o Sandro ficar com a empresa após o divórcio e o nascimento do bebê. Como funcionário, ele pagaria o mínimo de pensão ao filho e Andreia não teria direito a pensão nenhuma, já que é uma mulher jovem e capacitada. Mas o homem acabou morrendo de COVID, antes de

devolver ao Sandro a empresa. O homem não tem herdeiros. Tribunais e Fóruns com trabalhos remotos e tudo bem devagar... Não sei como vai ser.

— A Andreia me contou parcialmente. Ela não é de se abrir, de falar sobre ela... Minha irmã... Você sabe. Estou chocada. Não sabia que o homem que comprou a empresa tinha morrido.

— Talvez a Andreia nem saiba que fui demitido. Com a morte desse homem, os documentos ficaram sem respaldo. O Sandro e a Maura perderam tudo. A Andreia confiava tanto no marido e na melhor amiga... Ficou devastada com tudo o que eles fizeram. Tentei avisar a Andreia sobre algo que percebi, antes da pandemia, mas não sei se ela não me deu crédito ou se o que falei não foi suficiente.

— E você? Como ficou com a demissão?

— No começo, indignado, claro. Depois, aliviado. Eu e os mais próximos da Andreia fomos demitidos para não testemunharmos a favor dela, caso houvesse um processo judicial. Recebemos os nossos direitos trabalhistas e ficamos... Bem, por assim dizer. Até a irmã do Caíque, a Kátia, foi demitida.

— A minha irmã não me contou nada sobre a Kátia.

— Acho que não contaram para ela. Talvez estejam poupando a Andreia de más notícias. Acredito que, para mim, foi a melhor coisa que aconteceu. Agora, a empresa não terá gestão. No meio da pandemia, vai falir. Não sei como ficarão os outros funcionários que não foram demitidos.

— Ai, Rogério... Você conta isso com tanta calma.

Ele riu.

— Não adianta desespero. Devemos tentar de tudo, mas quando encontramos algo que não conseguimos mudar, o jeito é aceitar e aprender alguma lição. — Ele a viu pensativa e respirando fundo. Mais sério, quis saber: — Está tudo bem?

— Eu estava me lembrando das minhas lojas... Da minha loja... Da última vez que sentei com as meninas pra contar que ia fechar.

— Você tinha três lojas, não era?

— Tinha. Uma ficou com meu ex, no divórcio. A outra foi vendida e dividimos o valor. A terceira ficou comigo. Meu refúgio. Meu esforço. Meu orgulho. — Fez uma pausa, olhou para a filha que brincava com Fábio e continuou falando baixinho: — Quando veio a pandemia e o shopping fechou... Sem vendas, sem entrada de dinheiro, mas as contas continuaram. Aluguel, condomínio, taxas do shopping... Tudo continuou chegando. Sem contar o aluguel da casa onde morávamos. Eu tentei manter. Fiz vendas online, cortei gastos, mas não deu.

— E as funcionárias?

— A parte que eu tinha da venda da loja, que foi partilha no divórcio, usei tudo para pagar as três funcionárias. Férias, rescisão, FGTS... Não podia deixá-las na mão. Elas estavam comigo desde o começo.

Rogério a olhou com admiração.

— Isso diz muito sobre você. Muita gente simplesmente abandonou tudo e segurou o financeiro que tinha. Ninguém tinha ou tem previsão de quando tudo isso vai acabar.

— Perdi minha última loja, mas não perdi minha consciência nem dignidade. Mas... Vamos mudar de assunto? — ela sorriu com generosidade.

— Claro. Vi que você sempre está presente no Evangelho no Lar online.

— Claro. Adoro. Até minha mãe fica quietinha assistindo. Acho que sente a energia...

Continuaram conversando...



Após Rogério ir embora, antes de dormir, Tamires mandou mensagem de boa noite para a irmã e, observando que Andreia visualizou, decidiu ligar para contar o que aconteceu com a mãe.

Capítulo 28

Quando o amor se revela no cuidado

Há momentos em que o cuidado se

torna a linguagem mais pura do amor.



A noite estava abafada. O ar denso como se carregasse não apenas o calor, mas também os fantasmas da culpa. Não era só a pandemia que pesava, era o peso das escolhas, dos silêncios, dos erros que se acumulavam invisíveis.

Sandro caminhava de um lado para o outro, suando apesar da janela aberta. O ar parecia não circular. Maura, sentada no sofá, mantinha os braços cruzados e os olhos fixos no celular, como se evitasse encarar o caos que se desenrolava diante dela.

Sem levantar os olhos, ela disse:

— Para, Sandro. Todo dia é isso... Estou cansada.

— Parece que você não tem noção do que está acontecendo, né? Eu não me conformo... Sem Válter, sem dinheiro... A empresa evaporou. O que eu vou

fazer?

— E a Andreia?

— O que tem ela? — ele parou intrigado.

— Você é burro ou está fingindo? Ela está esperando o bebê nascer pra pedir o divórcio. Sabe o que isso significa?

— Que ela quer me ferrar com a pensão!

— Não só isso. Você sabe se esse filho tem direito à partilha dos bens? Inclusive sobre o apartamento? Sabe responder? Nem isso você procurou saber! Será que o divórcio antes ou depois do nascimento vai te prejudicar ou te ajudar? Não sabe, né? Não sabe nada! — Maura parecia cada vez mais impaciente. A voz dela mostrava sua intolerância cada dia mais.

— Por que isso, Maura? Você sabe que estou sem saída. Por que está me pressionando? A empresa acabou. O dinheiro sumiu. Agora você quer que eu enfrente a Andreia grávida, exigindo o divórcio?

— E por que você mesmo não pode pedir essa droga de divórcio? Agora! Antes que ela tenha o bebê! Antes que ela tenha mais força legal! Você acha que ela vai te poupar? Nascendo doente, essa criança vai sensibilizar qualquer juiz! Você vai se ferrar!

Sandro abaixou a cabeça. A voz saiu oscilante:

— Ela era minha esposa. Ela confiava em mim. E eu?... Eu acabei com tudo. Essa criança é meu filho...

Maura se levantou. Aproximou-se dele com frieza nos olhos e ironia na voz:

— Sentimento não paga advogado, meu amor. Você tem de agir. Ou vai perder o resto do que ainda tem.

— Faltam duas semanas pra Andreia dar à luz! Você acha mesmo que esse é o momento de pedir o divórcio?! Isso também pode se virar contra mim!

Maura explodiu:

— Você tá brincando comigo?! O momento certo já passou faz tempo, Sandro! Você deveria ter feito isso quando ela descobriu sobre nós! Mas não! E nem me ouviu! Você sumiu! Se escondeu aqui! E agora quer bancar o sensível! O arrependido! O cara que foi seduzido! Ah!... Pobrezinho! — exclamou, rindo com sarcasmo.

— Desde que ela descobriu sobre nós e me confrontou, nunca mais nos vimos pessoalmente. Mal nos falamos. Nem sei como ela está — disse Sandro, com a voz carregada de culpa. — Só sei que foi morar com meu irmão e o marido dele, porque eu não paguei o aluguel da casa que aluguei pra nós, depois da venda do apartamento. Depois, meu irmão foi pro hospital... e ela foi pra casa dos irmãos daquele Caíque. Isso é tudo o que sei.

Maura cruzou os braços e, com olhar cortante, exclamou:

— Ela é esperta! Estratégica! Sempre foi! Está esperando o bebê e... você não deu a parte dela do apartamento que vendeu! Isso vai explodir na sua cara! — Houve um silêncio tenso. Então, Maura confessou: — Já usei muito daquele dinheiro.

Sandro empalideceu.

— Do que você está falando?!.. — A voz dele subiu, tomada de incredulidade. — Depositei na sua conta pra ver se dava pra esconder esse dinheiro no divórcio! Ficou louca?! Você sabe o que isso significa?!

— Que dinheiro também evapora — respondeu ela com ironia. — Eu precisei. O que você acha que sustenta esse apartamento e você aqui, meu querido?

— Confiei em você, Maura! Posso ser preso por isso!

— Estou sendo boazinha, Sandro. Tô te dando ideias, te incentivando a pedir o divórcio agora. Ou você não entendeu?! Tô tentando ver o que ainda dá pra salvar!

— Nada! Não tem mais nada pra salvar! — ele berrou, como quem já não vê saída.

— Nada, se você não pedir esse divórcio agora! O filho dela vai nascer e o juiz pode querer que ela fique com uma parte maior. Vai complicar se o maldito juiz entender que a criança precisa de tratamento, de cirurgias caras! Ele vai exigir isso de você! Pedindo o divórcio agora, a criança não existe. O juiz pode até pensar que, comprometido como está, esse filho nem vai nascer!

— Para com isso, Maura! Aquele filho é meu e Andreia ainda é minha esposa!

— E você a traiu! Mentiu! Roubou! E agora quer se fazer de arrependido? Ora, Sandro!

— Acho que o bebê não tem direito a nada... — ele considerou.

— Você é burro?! Mesmo que não tenha direito à partilha, esse bastardo vai fazer o juiz decidir que ela merece uma parte maior, porque vai cuidar dele! — ela berrou sem freios. — E sabe de uma coisa?! Se você não resolver isso até amanhã, pode arrumar outro lugar pra ficar. Eu não vou mais carregar esse peso!

— Peraí! Eu quero... Eu exijo que você me devolva todo o valor que depositei na sua conta, referente a venda do apartamento! Quero o valor total, Maura! — gritou Sandro, tomado por desespero.

— Vou te dar, mas não tudo — olhou-o com deboche. — Você dormiu, comeu e bebeu aqui. Comida cara, vinhos importados. Isso não vai sair de graça não!

Ela virou as costas e entrou no quarto, batendo a porta com força.

Sandro ficou ali, parado. Cercado por paredes, por silêncio, por ódio e desespero. Como se o mundo tivesse encolhido ao tamanho de sua culpa.

O som abafado da cidade em pandemia parecia ecoar suas ruínas mentais.

Nos bastidores da vida material, as escolhas e comportamentos dos encarnados se entrelaçam com influências invisíveis.



O livre-arbítrio continua sendo o fio condutor do destino.

Era madrugada...

O ambiente estava carregado. A luz do abajur na sala tremia, como se recusasse a iluminar o que ali se passava.

No plano espiritual, a vibração era em tons escuros. Espíritos sem entendimento e sem elevação se moviam com inquietação.

Duane, o executor dos trabalhos espirituais encomendados por Maura, pairava próximo à cozinha, na linha invisível que dividia com a sala.

Seu semblante era sombrio e calculista. Ele observava Sandro com olhos penetrantes, como quem mede o grau de fragilidade de um alvo.

Em tom grave, explicou para os espíritos Nisa e Iseu:

— O laço foi rompido. O casamento chegou ao fim, mas ele ainda resiste. Ainda pensa nela. Isso atrasa o que foi encomendado.

Nisa, com rancor, confessou:

— Sandro merece mais que o fim do casamento. Merece a miséria. A humilhação. Merece rastejar como um verme. Em outra vida, ele me destruiu. Agora é a minha vez de ver esse ser desprezível em ruínas.

— E a Maura? — indagou o espírito Iseu curioso. — Ela não sabe o que invocou. Nem percebe.

— Ela quis poder. Veio até nós. Fez oferendas. Prometeu fidelidade a nós. Agora está presa e será arrastada junto com tudo o que desejou. — explicou Duane, frio e calculista. — Maura não pensou nas consequências. Mas elas existem.

— Que seja — Nisa riu com sarcasmo. — Que todos afundem. Que, no meio desse caos, o Sandro não tenha nem teto pra se esconder.

Iseu, olhando para Sandro deitado, insone no sofá, observou:

— Ele está vulnerável. Arrependido. A culpa está fervilhando na cabeça dele. Infeliz. Isso pode atrair outros, se ele orar.

— Como assim? Outros? — Nisa não entendeu.

— Outros. Aqueles da luz. Os sabichões, repletos de bondade e benevolência que querem que todos evoluam. Mas não dizem que para evoluir é preciso pagar as dívidas — o espírito Duane explicou. — Mas... Esses outros não virão — sorriu. Aproximando-se de Sandro, envolveu-o em energias densas: revolta, mágoa, ódio... sentimentos contrários à elevação que o impediriam de atrair auxílio superior. — Viu só? — indagou após alguns minutos. — É assim que se faz, quando não queremos que a criatura se eleve e tenha ajuda do Alto... Nós os envenenamos mais. Preenchemos seus pensamentos com preocupações. Dessa forma, não se voltam para orar. Ele está com pensamentos acelerados, desconexos, tumultuados... Esses outros não virão — riu. — Os dois, Maura e Sandro, estão perturbados, desesperados, aflitos. A Maura tem medo. Não disse, mas tem medo de que Andreia entre na justiça pela empresa. Sabe que será envolvida criminalmente por ser diretora financeira. Oportunista. De melhor amiga tornou-se amante para se beneficiar.

— Cadeia pra Maura, se Andreia for à justiça — disse Iseu com sarcasmo.

— E enquanto estiverem sob nossa influencia, não haverá os outros, não haverá proteção. É só fazerem o que fiz. Entenderam? — indagou o espírito Duane.

Em seu quarto, Maura acendeu o incenso, como quem implorasse por um sopro de paz. Contudo, o perfume que se espalhou apenas disfarçou a densidade invisível que a envolvia. O ar parecia pesado, como se cada partícula carregasse segredos sombrios: resquícios de dores que não lhe pertenciam, mas sim das que ela mesma provocou aos outros: dores negadas, esquecidas, frutos de escolhas feitas em pleno livre-arbítrio. Um arrepio percorreu-lhe a espinha e o mal-estar que a dominou não encontrava nome. Era o reflexo da sintonia com os espíritos que atraiu para si. Seus pensamentos se embaralhavam, incapazes de se firmar em qualquer certeza. Sentia-se confusa, como se vozes ocultas disputassem espaço em sua mente.

O medo, silencioso e implacável, tomou posse de sua alma e uma sensação inédita, quase sufocante, envolveu-a por inteiro. Revelava-se, naquele instante, a fragilidade de quem se deixa dominar por vibrações inferiores. Vibrações que buscou e alimentou. Tremia nas entranhas, como se sua própria essência fosse sacudida por forças desconhecidas. A inquietude crescia em ondas, e o pavor, vasto e inimaginável, erguia-se diante dela como um abismo prestes a tragá-la. No turbilhão que a consumia, havia uma lição silenciosa, ainda oculta aos seus olhos: o eco das influências espirituais inferiores que a aprisionavam, nutridas por sua falta de princípios morais, pela inveja e pelo orgulho que insistia em cultivar.



No dia seguinte, o céu se abria em um azul-pálido, límpido com um véu de serenidade. O ar frio roçava a pele com suavidade cortante, lembrando que maio se despedia em seu costumeiro frescor.

O sol tímido, mas constante, filtrava-se pelas frestas das folhas da velha árvore, desenhando sombras longas que repousavam no quintal, como pinceladas de tempo.

Andreia, ereta, com a cesta de roupas ao lado, trazia sobre o vestido de gestante um casaco leve. Seus gestos, ao estender cada peça no varal, eram lentos, porém carregados de firmeza, como quem insiste em preservar a normalidade em meio ao turbilhão da vida.

O pano de prato branco, preso no varal, dançava ao sabor do vento e ela sorriu ao contemplar a pequena blusa de bebê entre as roupas. Presente singelo de Kátia, que chegou pelo correio dias antes, mas que agora se tornava símbolo de ternura e promessa.

Seu coração pulsava em compasso com a esperança. Faltavam apenas alguns dias para que João viesse à luz, trazendo consigo não apenas a vida, mas também a renovação de fé que cada nascimento inspira.

Naquele instante, Andreia sentia que a espiritualidade a envolvia como um manto invisível, recordando-lhe que a existência é feita de ciclos e que cada chegada é um convite à evolução.

Eduardo surgiu, vindo da direção do portão, carregando uma sacola de mantimentos. Ao vê-la ali, parou por um instante, franzindo a testa, como se buscasse compreender o silêncio que pairava no ar. Aproximando-se, em tom firme, deixou escapar as palavras que carregava consigo:

— Andreia... o que você está fazendo? Vai dar à luz daqui a pouco. Não deveria se esforçar assim.

Ela não interrompeu os gestos. Continuou a estender as roupas com calma e um sorriso suave iluminou seu rosto.

Ao responder, sua voz saiu serena, como quem fala em paz:

— Só estou estendendo umas roupas. Preciso manter a cabeça ocupada. E o corpo também, até onde ele permite.

Após colocar a sacola sobre a mesa sob a cobertura do quintal, aproximou-se. Seus olhos refletiam preocupação e também carinho.

— Isso não é cabeça ocupada. É teimosia. Aqui tem gente pra te ajudar. Eu tô aqui...

Tomou-lhe a camisa das mãos e, com gesto firme, começou ele mesmo a estender a peça.

Andreia riu, um riso leve e cristalino, que parecia dissipar qualquer sombra.

— Eu sei. É que, às vezes, fazer essas pequenas coisas lembra que ainda sou útil. Que ainda sou eu.

Ele a olhou com ternura e sua voz se fez mais profunda:

— Você é muito mais que útil. É essencial. E agora, mais do que nunca, precisa se cuidar. Não é só por você. É pelo bebê também.

Ela sorriu, tocando o ventre com carinho, como quem acaricia não apenas a vida que cresce, mas também a promessa de um futuro.

O vento soprou mais forte e uma toalha escapou do varal. Eduardo correu para segurá-la antes que tocasse o chão. Pelos movimentos que precisou fazer, o momento se transformou em riso compartilhado, simples e verdadeiro.

— Agora entra. Tá frio. Eu termino isso. E depois me diz como quer o café. Hoje é o meu dia de preparar o café.

— Com leite e um pouco de canela. Igual ao que minha mãe fazia.

Enquanto caminhava em direção à mesa sob a cobertura, Andreia perguntou:

— É pra levar lá pra dentro? — referindo-se à sacola que ele havia deixado.

— Não — o amigo respondeu com brilho nos olhos. — São mantimentos para cesta básica. Estou montando cestas para famílias necessitadas. Neste momento de pandemia, elas precisam mais do que nunca.

Andreia o admirou em silêncio. Sorriu e nada disse. Apenas entrou.

No quarto que dividia com Kátia, retirou da tomada o carregador do celular e olhou as mensagens recebidas. Sem pensar muito, iniciou uma chamada de vídeo para sua irmã.

— Como estão as coisas? E a mãe?

— Está bem. Nem parece que caiu — respondeu Tamires com voz calma.

— Notícias do pai? — Andreia quis saber.

— Hoje ainda não telefonaram do hospital.

— Entendo...

— E você, Andreia? Como está?

A irmã demorou a responder. Por fim, admitiu num sopro de sinceridade:

— Um pouco ansiosa, devo confessar. Às vezes, o medo chega com tudo, mas depois passa.

— Ainda bem que passa — disse Tamires, em tom solene, quase mecânico.

— E a Aline? — quis saber da sobrinha.

— Está ótima. Agora vive de conversa e bate-papo com o Fábio, filho do Rogério. Estão se dando bem. Isso é bom. Os dois não têm muitos amigos.

— E o Luan? Como vai nosso irmão?

— Faz dois dias que não aparece em casa. Irresponsável... — murmurou em tom de protesto. — Ele não vai mudar. Nem a pandemia da COVID vai fazer nosso irmão mudar... Nem todos vão aprender alguma coisa com essa situação, com essa prova coletiva.

O silêncio se prolongou. Ambas ficaram reflexivas, como se o peso das palavras ecoasse além da tela.

Então Andreia comentou com voz embargada:

— Tamires, daqui a pouco o João nasce e... Certamente, ele ficará internado, fará a cirurgia cardíaca que precisa... — Por um instante, não conseguiu prosseguir. A emoção a tomou e seus olhos marejaram diante da lembrança do filho que estava por vir. — Bem... Não sei como vai ser por causa do período em que vivemos, porém creio que não poderei ficar direto no hospital. Estou morando aqui de favor por ser mais seguro para a minha saúde e garantir a saúde do João. Mas... depois que ele nascer e eu tiver alta hospitalar, vou pra casa da mãe. Quero ficar aí com vocês.

— Andreia... tem certeza?

— Por que não? — respondeu, mas o silêncio que se seguiu pesou no ar. — Aqui me tratam com carinho, é verdade, mas sinto o desconforto de não contribuir com nada. Quando Milton, meu cunhado, receber alta, irá para a casa da Carla, irmã de Danilo. Se ao menos fosse para o próprio apartamento, eu poderia acompanhá-lo. Ele é meu cunhado, afinal... talvez, ali, eu me sentisse mais à vontade. Aqui... não são nada meus. Você entende?

— Andreia, depois do parto você precisará de cuidados. Precisará estar inteira para a jornada com o João. Ele vai depender de você. Talvez ainda tenha de ir ao hospital para tirar leite e oferecer a ele. Aqui, com nosso irmão irresponsável, tudo se tornaria difícil. E se você se contaminar e levar esse vírus para o João?

— Parece que você não me quer aí — disse com franqueza.

— Não é isso — Tamires se preocupou. Não queria revelar o verdadeiro motivo de sua recusa. — Só pensei em proteger sua saúde. O Luan entra e sai sem limites, sem respeito. Não sabemos por onde anda. Vamos esperar o nascimento do João e então veremos como tudo se ajeita. Não se preocupe com isso agora, está bem?

— Certo.

— A cesariana já está marcada. Você está bem e é nisso que devemos nos concentrar.

— Tá bom — Andreia sorriu levemente. Subitamente, revelou: — O Sandro não pagou o plano de saúde este mês.

— Não?! E agora?

— O Caíque soube e pagou. Não posso ficar sem o plano... Precisei aceitar... Diante das circunstâncias... mas não estou me sentindo bem com isso. Com mais isso... — Fez breve silêncio. — Prometi que vou pagar a ele assim que puder. Assim que... — Não completou.

— Vamos dar um jeito, Andreia. Aguenta firme — incentivou Tamires. — Tudo isso vai passar. Quando acabar, vamos voltar a trabalhar, ter o que é nosso dinheiro e... Eu te ajudo a pagar o Caíque. Fica tranquila. Foca no bem-estar seu e do João.

— Certo... — falou em desalento, embora sorrisse.



Era um sábado sereno.

O silêncio da casa só se deixava romper pelo sopro delicado de uma música suave, quase como um sussurro que acariciava as paredes.

Eduardo e Kátia haviam saído, guiados pela missão generosa de preparar as cestas básicas no centro espírita e que, mais tarde, por outro grupo, seriam destinadas a uma comunidade carente.

Na cozinha, Caíque se movia com calma e seus gestos tranquilos pareciam acompanhar o compasso da melodia.

Andreia, junto à janela, deixou o olhar repousar sobre a rua deserta onde o tempo parecia suspenso. Sentou-se no sofá e, com ternura, pousou as mãos sobre o ventre, acariciando o bebê, como quem embala um sonho ainda em formação. Foi então que, inesperadamente, uma dor aguda atravessou-lhe o

corpo, rasgando o instante de quietude e tingindo o ar com a urgência da vida que se anunciava.

Era a primeira contração. Forte. Inesperada. Não havia espaço para dúvidas.

— Caíque — chamou Andreia, a voz trêmula, abafada pelo peso da dor.

Ele, sereno como sempre, atravessou a sala, mas bastou um olhar para o rosto pálido dela e compreendeu, sem palavras, o que estava acontecendo.

— É agora? — perguntou, surpreso, o coração disparando enquanto já buscava o celular.

— Acho que sim... Está doendo muito.

Caíque ajoelhou-se ao lado dela, tentando emprestar calma ao instante.

— Respira fundo... — disse, embora soubesse que aquilo não era bom. A cesariana estava marcada para a próxima semana e um parto normal não seria seguro para João. — Calma, tá... eu vou te levar pro hospital. Mas... vamos avisar o Sandro também.

Andreia assentiu com a cabeça, enquanto ele mexia no celular em busca do contato.

Ligou. Nada. Mandou mensagem. Silêncio.

— Ele não atende — murmurou Caíque com o semblante carregado de tensão.

Andreia fechou os olhos. Outra contração a atravessou e lágrimas escorreram pelos cantos dos olhos, não apenas pela dor física, mas pela ausência, pela solidão que se fazia presente.

— Não insista... Decidi, agora, que não quero que ele esteja lá — murmurou. — Se você puder, me acompanhe, por favor.

Caíque não se surpreendeu. Não hesitou. Sentiu-se importante. Um sorriso involuntário lhe escapou e segurou a mão de Andreia com firmeza.

— Claro que sim. Vou te levar e estarei com você — disse, com o coração aos saltos, antes de beijar-lhe a testa e afagar seus cabelos.

— Liga pro meu médico e pro pediatra, por favor — ela sussurrou.

Ele obedeceu. Ligou. Foi atendido. Explicou tudo.

Com cuidado, Caíque ajudou Andreia a se levantar. Pegou a bolsa maternidade já pronta e, mesmo assim, verificou se não faltava nada. Oferecendo o braço para que ela se apoiasse, guiou-a até o carro. Ajudou-a a se acomodar no veículo. Ajeitou-lhe os cabelos que já começavam a molhar pelo suor e apertou sua mão, transmitindo segurança. Dizendo, sem palavras, que estava ali. Seu gesto foi de puro carinho.

Entre a dor e a esperança, o cuidado floresce como prova silenciosa de amor.

Capítulo 29

Quando o passado se revela

Há encontros que não estavam escritos,

mas foram concedidos, pois corações entrelaçados

permanecem unidos pelos fios invisíveis do amor.



O caminho até a maternidade foi silencioso, quase solene, como se cada segundo carregasse o peso de um rito.

Andreia, de olhos cerrados, sentia não apenas as dores que vinham em ondas, mas também um temor novo, profundo, que lhe atravessava a alma. Em alguns instantes, lágrimas quentes escorriam por sua face pálida e ela as enxugava discretamente, como quem tenta esconder a fragilidade da vida que insiste em nascer.

No semáforo, Caíque voltou-se para ela. Com delicadeza, pousou a mão sobre o ventre e, em voz serena, murmurou:

— Falta pouco, João. Aguenta firme. Em poucos minutos chegaremos ao hospital.

Andreia sorriu em silêncio, sem forças para palavras, mas com o coração aquecido por aquela presença.

Poucos minutos depois, já estavam no estacionamento. Caíque ajudou-a a descer do carro, apoiando-a com firmeza até a entrada da maternidade.

Ambos protegidos pelas máscaras, atravessaram a porta onde um recepcionista os aguardava com o termômetro infravermelho e o álcool em gel.

— Você é o acompanhante dela? — perguntou o rapaz.

— Sim — respondeu Caíque, sorrindo com serenidade e firmeza. — Ela me escolheu.

Um segurança trouxe uma cadeira de rodas e juntos seguiram até o balcão.

Naquele tempo de pandemia, muitos hospitais restringiam o direito de acompanhante. Mas a lei assegurava à gestante o direito de escolher quem estaria ao seu lado, desde que saudável e respeitando os protocolos sanitários. E aquela maternidade honrava esse direito.

Com gentileza, a atendente informou, após preencher o prontuário:

— Tudo certo. Vamos seguir os protocolos. — Voltando-se para Caíque, acrescentou: — Você não poderá sair e voltar, nem circular pelo hospital. Fique com ela o tempo inteiro. O senhor entendeu?

— Sim. Entendi — respondeu com firmeza, como quem assume um compromisso sagrado.

Nesse instante, Andreia apertou a mão de Caíque com força e ele retribuiu com um sorriso leve, o olhar sereno, quase espiritual. Era como se dissesse: “Você não está sozinha. Ficarei com você. Seja forte.” Naquele gesto, havia a certeza de que o amor, quando se oferece em silêncio e presença, torna-se também oração.

No corredor, enquanto era conduzida, Andreia sentia o coração disparar. Não apenas pelas contrações, mas pela avalanche de sentimentos que a envolvia: medo, abandono, insegurança... e, ainda assim, esperança. Caíque caminhava ao seu lado em silêncio, respeitando o espaço dela, mas presente em cada gesto, em cada olhar.

Na sala pré-parto, o obstetra entrou sorridente:

— Então o nosso bebê não quis esperar até semana que vem, não é, mamãe?

— Ai, doutor... Tive medo de que o senhor não pudesse vir.

— Pois fique tranquila — disse, segurando sua mão com firmeza. — Vai ficar tudo bem. Já encontrei o doutor Honório, o pediatra. Ele está preparando tudo para a chegada do João. — Voltando-se para Caíque, perguntou cauteloso: — Você é?...

— Caíque. Meu nome é Caíque — respondeu, sentindo-se constrangido, sem saber como se apresentar.

— O Caíque é um grande amigo, doutor. Estava comigo quando as contrações começaram e será meu acompanhante — afirmou Andreia segura.

— Prazer, Caíque. Então... — disse o médico, agora sério. — Devido à condição cardíaca do bebê, a cesariana será feita imediatamente. A tranquilidade vai ajudar a todos nós neste momento. A Andreia será preparada e eu também vou me preparar. Encontro vocês na sala de parto.

— Está certo, doutor — murmurou Andreia.

— Até mais, doutor — acrescentou Caíque.

— Com licença. Até daqui a pouco — despediu-se o obstetra, educado.

Após a saída dele, Caíque inclinou-se e sussurrou:

— Vai dar tudo certo. O João é forte. E você também.

O sorriso que a máscara escondia se revelava nos olhos. Andreia o fitou e, naquele instante, sentiu algo inexplicável: uma paz que não vinha do mundo físico. Era como se alguém mais, além de Caíque, estivesse ali, invisível, amparando-a.

De súbito, lembrou-se de sua avó que sempre dizia: “A dor é só uma ponte para o amor maior.”

E Andreia sorriu.



Alguns instantes e Andreia foi levada para o centro cirúrgico.

Caíque vestiu o avental descartável, touca e máscara que lhe ofereceram. Ele disfarçava bem o nervosismo, quando se sentou ao lado dela, o mais próximo da cabeceira da maca, segurando sua mão durante todo o procedimento cirúrgico. Um gesto que tentava transmitir coragem e paz.

A cesariana começou.

Andreia tremia. Ao vê-la ansiosa, Caíque recitou em voz baixa, quase inaudível, um trecho de O Evangelho Segundo o Espiritismo: “A fé é mãe da esperança e da caridade. É a base da renovação interior.”

Andreia fechou os olhos. Sentiu uma luz suave, como se algo envolvesse o seu corpo. Não era a luz do centro cirúrgico. Era outra. Espiritual. Como se mãos bondosas a sustentassem naquele instante.

De repente, o choro de João ecoou pela sala. Era um choro fraco, mas presente. E a mãe arregalou os olhos. Era tudo o que ela desejava ouvir.

Mesmo com toda a ação rápida do pediatra cardiologista e os procedimentos necessários para a segurança do bebê, houve tempo de mostrar João para a mãe. Sorrindo, o médico o apresentou:

— Olha, mamãe... É o João! Um menino lindo que se parece com você.

Ao vê-lo bem de perto, Andreia sorriu e chorou.

Caíque tirou duas fotos muito rapidamente com o celular. Não teve tempo para uma terceira, mas bastou. A imagem da mãe sorrindo lindamente para o filho encostado em seu rosto ficou registrada com clareza. Uma cena marcante, repleta de ternura, de amor, de eternidade.

O breve instante foi interrompido pela voz macia do pediatra que informou:

— Vamos cuidar do João agora. Ele vai para a UTI Neonatal.

A imagem de João permaneceu intensa na mente de Andreia, que ficou com o semblante sereno, leve.

Emocionado, Caíque ergueu-se um pouco e beijou-lhe a cabeça. Segurando sua mão com firmeza, sorrindo, disse:

— Ele chegou, Andreia. Ele chegou.

Choraram.



Na manhã seguinte, Andreia acordou no quarto sentindo-se estranha, como se não soubesse onde estava.

A luz suave daquelas primeiras horas entrava pelas frestas da janela.

Ela tentou se mover, mas sentiu o corpo pesado e dolorido.

Caíque estava sentado ao lado da cama, cochilando. Ao perceber que ela havia acordado, levantou-se e se aproximou com delicadeza.

— E o João? Como está? — ela perguntou num sopro.

— Ele foi pra UTI Neonatal. Os médicos disseram que a cirurgia será feita nas próximas horas. Estão aguardando a liberação de uma sala cirúrgica.

— Eu senti uma coisa diferente... Como se alguém estivesse comigo.

— Alguém na espiritualidade te amparou e ampara. Acredite — ele disse e sorriu, afagando-lhe a cabeça. Viu-a fechando os olhos e foi gentil: — Descansa... Fica tranquila. Você deu o seu melhor. Você foi ótima.



Naquele dia, as horas pareciam arrastar-se, como se o tempo tivesse perdido a pressa.

Uma angústia profunda tomou conta de Andreia ao saber que João foi levado à sala de cirurgia.

Seu bebê, tão frágil, recém-chegado ao mundo, já enfrentava uma prova delicada, quase incompreensível para um coração materno.

Deitada, perdida em pensamentos que se entrelaçavam, como fios de sombra, Andreia sentia-se enfraquecida: o corpo dolorido, o coração inquieto, a alma em busca de alívio. O silêncio da madrugada, denso e absoluto, ampliava seus medos. Ao lado, Caíque repousava numa poltrona desconfortável, vencido pelo cansaço, mas fielmente presente, guardando-a com sua silenciosa vigília.

Ela fechou os olhos, tentando se conectar a algo maior, talvez ao repouso, talvez ao consolo. No íntimo, clamava por respostas, por um sopro de esperança.

Foi então que o ambiente se transfigurou. Uma leveza inesperada tomou conta do quarto, como se uma brisa invisível acariciasse sua pele, embora

nenhuma janela estivesse aberta.

Andreia abriu os olhos e não viu ninguém, mas sentiu. Sentiu-se envolvida por uma presença amorosa, como se fosse observada com ternura.

E então, diante de si, uma luz azulada começou a se formar, suave e serena, expandindo-se ao lado da cama.

Entre uma névoa delicada, surgiu a figura de sua avó Célia. Vestida com simplicidade. O lenço no cabelo lembrava os dias de feira, mas seu rosto irradiava uma paz que transcendia o tempo e a matéria.

— Minha menina... — a senhora fez-se entender em um tom que Andreia reconheceria em qualquer existência.

— Vó... Você está aqui... Como é possível?

— Sempre estive. E hoje mais do que nunca.

Ao lado de Célia, uma nova presença se revelou. Um espírito de olhar doce e profundo, uma mulher de cabelos escuros e semblante sereno. Andreia não a identificou de imediato, mas uma ligação inexplicável pulsou em seu íntimo.

Percebendo sua curiosidade, Célia explicou com ternura:

— Ela foi sua mãe em outra vida. Você não recorda. Foi uma existência marcada por perdas, mas também por amor. Hoje, retorna como guia e amparo nos momentos mais difíceis.

O espírito aproximou-se, tocando o ombro de Andreia com delicadeza. Uma onda sublime percorreu seu corpo cansado, dissolvendo dores e angústias. Tudo se tornou leve, como se o peso da noite fosse retirado de seus ombros.

— Confie — disse a presença amorosa. — João veio para curar corações e indicar caminhos.

Andreia sentiu-se envolvida por uma energia que transcendia o físico. Era como se mãos invisíveis a embalassem, como se um amor ancestral a

envolvesse em um manto de paz.

Quando piscou, despertou surpresa.

Foi um desdobramento? Um sonho comum?

Não saberia responder.

Olhou para Caíque e percebeu que ele ainda dormia, alheio ao que tinha acabado de acontecer.

Algo havia mudado dentro dela, sem que ainda soubesse explicar.

A luz do quarto era suave.

No plano espiritual, a vibração era leve e envolvente.

Os espíritos Célia e Matilde afastaram-se do leito, ainda envoltas em uma aura luminosa, e aproximaram-se de Aren, o mentor de Andreia.

— Agradeço por estarem ao lado dela — disse Aren, sorrindo com reverência. — A presença de vocês faz com que ela se sinta amparada, protegida, jamais sozinha.

Célia, com bondade estampada no semblante, respondeu:

— Minha neta é forte. O sofrimento a fez vacilar por instantes, mas sei que em breve se recordará de quem é. Daquela mulher de ideais firmes e propósitos elevados.

Matilde, irradiando generosidade, acrescentou com ternura:

— Fui mãe dela em uma existência marcada pela dor. Vivíamos em uma vila simples, em tempos de doenças, pestes e perdas. Andreia era minha filha mais nova, frágil em corpo, mas portadora de uma luz que iluminava até os dias mais escuros — sorriu, contemplando-a ao longe.

— Você era vista como curandeira. Curava com ervas, com as mãos e com a fé — completou o mentor, sereno. — E João?... João era um espírito antigo,

ainda em aprendizado, que conviveu entre vocês. Foi seu filho e também irmão de Andreia. Ela o amou e protegeu intensamente, sempre desejando ajudá-lo. Mas João trazia consigo uma frieza emocional, indiferente ao sofrimento de alguns, sobretudo ao do filho mais velho Sandro. Esse carregava mágoas profundas contra o pai, ressentido pelos maus-tratos, pela ausência de afeto, pela falta de presença e proteção. Andreia, com sua sensibilidade, alertava João sobre a importância do amor, da ternura e da atenção, mas suas palavras não encontravam eco. Quando você desencarnou, sua filha ficou sem chão, tendo em Caíque o único amparo.

— Andreia sempre foi aquela alma dedicada, que ajudava e servia a todos, mesmo após casar-se com Caíque — contou Matilde com olhar de ternura. — Os dois se amavam, viviam em harmonia, unidos em propósitos de caridade. Mas quando a peste chegou, Caíque foi contaminado e partiu. Andreia quase não suportou a dor. Viveu dias eternos lamentando incessantemente. Começou a abandonar a si mesma por não o ter ao lado. Na mesma época, a primeira esposa de João também desencarnou pela mesma enfermidade. Andreia só encontrou forças para continuar porque se apegou aos dois filhos de João: Sandro e Emma — que, na atual existência, é Milton. — Ela os criou com devoção, como se fossem seus próprios filhos. Não se importou quando a segunda esposa de João, Maura, passou a tratá-la como empregada, desprezando os filhos do primeiro casamento. Andreia suportou tudo com resignação, sustentada pelo amor que nutria por aquelas crianças.

— À medida que os filhos cresciam, também cresciam as agressões do pai — prosseguiu Aren. — João os desprezava cada vez mais, influenciado pelas manipulações de Maura, sua segunda esposa. Por conveniência, Emma foi forçada pelo pai a unir-se a um homem que odiava: muito mais velho, carregado de vícios e inconvenientes. Desgostosa, entregou-se à bebida e buscou refúgio em traições que apenas aumentaram sua dor. Sandro, ambicioso, permaneceu na casa e enfrentou o pai. Mas João, quando já não podia agredi-lo com as próprias mãos, pagava para que outros o fizessem. Maura, cruel, expulsou Andreia de casa. Na rua, desamparada, Andreia tornou-se pedinte e desencarnou cerca de um ano depois.

Aren fez uma breve pausa, permitindo que o silêncio carregasse o peso da narrativa. Então, retomou:

— A cardiopatia, hoje, simboliza a reconexão com o órgão que representa o amor: o coração. Afeto, vulnerabilidade... O corpo físico reflete a necessidade de abrir-se ao amor que outrora foi negado. Mas João, após tudo o que aprendeu na espiritualidade, não reencarnou apenas com esse propósito, de harmonizar a si mesmo. Ele aceitou essa experiência para despertar o amor e elevar consciências ao seu redor. No planejamento reencarnatório, Andreia aceitou recebê-lo como filho e Sandro aceitou ser seu pai. A fragilidade do menino deveria tocar o coração de Sandro e uni-los pelo amor. Contudo, inconsciente de sua missão, Sandro foi insensível ao saber do filho e desviou-se do que deveria cumprir. Fugiu das responsabilidades assumidas na espiritualidade. — Um momento e concluiu com pesar: — Sandro deveria buscar a espiritualização, assim como Andreia fez. João seria o instrumento dessa busca... mas não foi isso que aconteceu.

Fez-se uma longa pausa.

— Nem tudo é rigidamente planejado na espiritualidade e deve acontecer. Algumas possibilidades permanecem abertas... Quando há necessidade e merecimento, certas coisas podem acontecer, de acordo com as circunstâncias — prosseguiu Aren, com um sorriso sereno de satisfação. — Caíque e Andreia não se uniriam, nesta vida, além do tempo em que estudaram juntos. Suas trajetórias adultas seriam distantes. Mas, diante do divórcio que ele enfrentou e das atitudes de Sandro ao saber que o filho nasceria cardiopata, tornou-se oportuno aproximá-los novamente.

— Caíque, após seu casamento ser rompido, ao ver Andreia em necessidades, reencontrou o amor do passado. Esse sentimento, antes velado, foi descortinado. Ele seria o único capaz de apoiá-la como ela merecia. Tudo se encaixou — comentou Matilde com ternura. — A tarefa espiritual que Andreia deveria realizar ao lado de Sandro poderá ser cumprida junto de Caíque, que já trilha a jornada da caridade.

— Se assim desejarem, Andreia e Caíque poderão prosseguir juntos, retomando o fio sagrado de onde o deixaram... — concluiu o mentor Aren

com um sorriso que irradiava esperança. — Andreia aceitou esta reencarnação para amparar Sandro e também João, movida por um nobre sentimento de fraternidade e compromisso espiritual. Não estava previsto que enfrentasse o peso de perder a empresa, a dor da traição do marido e da amiga... Essas provações não faziam parte do plano inicial. Ainda assim, ela se ergue diante das tempestades. Mostra coragem e firmeza, determinação e entrega. Não se coloca como vítima, não se perde em desculpas, não paralisa sua caminhada. Andreia cumpre o que precisa ser feito: se é bom, se é útil, mesmo sem disposição, ela realiza. Mesmo com medo, ela avança. Mesmo quando o caminho é árduo, ela se empenha e concretiza. Eis o segredo de sua prosperidade: a dedicação que permeia cada gesto, desde o cuidado consigo mesma até o compromisso com cada tarefa que lhe cabe. Sua vida é testemunho de que a força interior, quando se transforma em ação, abre portas para o triunfo da alma.



João havia enfrentado a cirurgia cardíaca e permanecia na UTI Neonatal, lutando com bravura.

No terceiro dia após o parto, Andreia caminhava lentamente pelos corredores da maternidade, ainda se recuperando da cesariana. Seu corpo doía, mas era o coração que mais sofria: ainda não havia segurado o filho nos braços.

Uma enfermeira, conhecendo parte de sua história, aproximou-se com delicadeza e disse:

— Andreia, o cartório está funcionando hoje. Você já pode registrar o João, se desejar. É aqui mesmo no hospital.

Andreia hesitou. Pensou que essa deveria ser a obrigação do pai. Mas acreditava que Sandro não apareceria. E o registro era necessário. Dar nome ao filho era afirmar sua existência, inscrevê-lo no mundo.

Caminhou até o cartório, acompanhada por Caíque. Entraram na sala simples onde uma funcionária digitava no computador. Ao vê-la, interrompeu o trabalho e sorriu. Andreia entregou a Declaração de Nascido Vivo e os documentos necessários, respondendo às perguntas em voz baixa até chegar à mais importante:

— Nome da criança?

Andreia respirou fundo e respondeu com convicção, como se sua alma falasse:

— João.

A funcionária sorriu com os olhos:

— Que nome forte. Lindo. Bíblico. De luz...

— E ele é sim. Uma luz — disse Andreia com ternura.

Minutos depois, recebeu a Certidão de Nascimento impressa.

Segurando o papel, com mãos trêmulas, leu cada linha, como se fosse poesia e deteve-se na data: 25 de maio de 2020.

Com lágrimas nos olhos, agradeceu gentilmente e saiu da sala.

Caíque a acompanhava, colocando a mão em seu ombro com suavidade. Subiram até a UTI e percorreram corredores. Andreia não podia entrar, mas olhou através do vidro e viu João bem sereno.

Encostou a certidão no vidro, como se quisesse que ele visse, e disse com voz terna:

— Filho... Você existe, meu amor. Você tem nome.

Naquele instante, João moveu levemente o braço e ergueu a mãozinha. Um gesto mínimo, mas suficiente para tocar sua alma.

— Você viu, Caíque? Você viu? — disse emocionada.

— Vi. Vi sim. Ele entendeu.

Andreia chorou. Caíque, também comovido, envolveu-a em um abraço silencioso e profundo.



Andreia recebeu alta e voltou para a casa dos amigos que a acolheram com carinho e cuidado.

Sandro enviou apenas uma mensagem, perguntando como estava o filho. E Andreia respondeu:

“João realizou a cirurgia. O médico disse que precisará de uma segunda, mas ainda é cedo. É permitido apenas um visitante por dia na UTI. Avise quando for. Estou me recuperando da cesariana.”

Não houve resposta. A mensagem foi apenas visualizada. Então, Andreia acrescentou:

“Eu mesma fiz o Registro de Nascimento do João no cartório do hospital.”

Mais uma vez, silêncio. Apenas o registro da leitura.

Uma dor lancinante atravessou o coração de Andreia, tão intensa que não encontrava palavras para descrevê-la.

— Andreia?... — a voz de Kátia a trouxe de volta, afastando-a de um turbilhão de pensamentos.

— Oi... — respondeu suavemente.

— Trouxe um chá. Sei que gosta.

— Obrigada — disse, estendendo as mãos para receber a caneca morna. — Está frio. Um chá cai bem — sorriu levemente.

— É de ervas colhidas na horta do Eduardo — comentou Kátia. Após um instante, perguntou: — Como você está?

— Bem. Algumas dores quando me movimento, mas... disseram que, ao retirar os pontos, isso melhora.

— Também acho — respondeu Kátia, observando-a com atenção. Depois indagou: — E o Sandro? Falou com ele?

Andreia suspirou, reunindo coragem para responder:

— Enviei mensagens desde que fui para o hospital. Hoje, ele perguntou do filho. Expliquei... falei das visitas e do Registro de Nascimento. Mas ele apenas visualizou. Não disse nada. — Pausou por um momento e completou: — Meu dever é avisar. Não sei se, em algum momento, será necessário, mas... As mensagens ficarão registradas como provas. Vou até comentar isso com meu advogado.

— Acho que o Sandro está com vergonha de encarar você.

— Ele não precisa me ver nem me encarar. Também não quero isso. Só mantenho contato para cumprir minhas obrigações. Ele tem direito de saber sobre o filho. Avisei quando e onde seria o parto. O nascimento se antecipou e, mesmo assim, foi avisado por ligações que não atendeu e mensagens que não respondeu. Embora eu tenha deixado claro que não o queria dentro da sala de parto, informei que João nasceria... Mas ele não esteve no hospital para ver o próprio filho.

— Você vai se divorciar agora?

— Sim. Agora sim. Já falei com o advogado indicado pelo Eduardo e ele estudou muito bem o caso. Não posso mais adiar. Preciso entrar com uma ação judicial contra o Sandro, que já está preparada. Ele me destruiu no momento mais difícil da minha vida, quando eu estava vulnerável, indefesa, sem chão por causa da saúde do meu filho que nem havia nascido. Eu

estava grávida. Ele me traiu, enganou, vendeu o apartamento, vendeu a empresa que construí sozinha... Usou a procuração que lhe dei, confiando nele. Isso me dilacerou de um jeito que não sei explicar.

— O advogado é especialista em direito da família e empresarial. Vai saber o que fazer. Mas... O Válter, comprador da empresa, o tal laranja, morreu, não foi? Agora, judicialmente, a venda da empresa está complicada.

— Eu sei. Não há contrato quitado, não há registro definitivo. Tenho provas de que Sandro agiu com dolo, com a intenção clara de me prejudicar.

— Você tem algo a seu favor? — perguntou Kátia interessada.

— A procuração que ele utilizou é ampla sim, mas não contém poderes específicos para alienação de bens imóveis. E mesmo que contivesse, ele não cumpriu os requisitos legais da transação: não houve quitação integral do preço. Descobri que posso requerer a anulação do negócio jurídico com fundamento em vício de consentimento e má-fé — disse Andreia firme. Após breve pausa, acrescentou: — Além disso, Sandro vendeu o apartamento sem minha autorização. O valor foi transferido da conta dele para a conta da Maura. Isso configura desvio patrimonial. Posso pedir tutela de urgência para o bloqueio dos bens deles.

— Pelo visto, você está decidida.

— Mais do que nunca, Kátia. Sou empresária. Conheço contratos, cláusulas, responsabilidades... Mas nunca imaginei que usaria esse conhecimento contra meu próprio marido. — Ofereceu um sorriso triste e corrigiu: — Ou melhor, ex-marido. Durante a gravidez, não quis tratar disso, não quis tomar decisões para não me estressar, não prejudicar o João, que já estava tão sensível... Mas agora... agora eu voltei. Amanhã entrarei com o pedido de divórcio litigioso. E vou incluir pedido de pensão alimentícia proporcional à renda real dele, não a fantasia que criou ao se registrar como simples funcionário da indústria têxtil.

— E quanto à empresa?

— Vou requerer a dissolução parcial da sociedade com apuração de haveres. A morte de Válter complica, mas também abre caminho. Sem herdeiros diretos, o negócio pode ser considerado nulo. Se provarmos fraude, posso recuperar judicialmente o controle da indústria — falou com firmeza em um tom que não se ouvia há tempos.

— Nossa... — Kátia sorriu. — Você está renascendo, Andreia. Eu te vi tão emocionalmente abatida que... — Fez breve silêncio e concluiu: — O Espiritismo nos ensina que, às vezes, a queda é o início da ascensão.

— Eu não quero vingança. Quero justiça. Quero proteger o que é do João. Quero mostrar a mim mesma que ainda sou aquela mulher que construiu tudo do zero. Só que, agora, mais forte.

— E Sandro? Ele volta a ser seu sócio?

— Conversei com o Dr. Marcelo. Há base jurídica para pedir a anulação da venda da empresa. Válter morreu, o contrato não foi quitado e Sandro usou a procuração de forma abusiva quando eu estava frágil como te falei. Com isso, o advogado vai requerer a apuração de haveres, demonstrando que a participação societária de Sandro não corresponde ao que efetivamente investiu. Ele entrou com capital simbólico, nunca construiu nada, nunca gerenciou, nunca tomou decisões estratégicas. Eu ergui aquela indústria com minhas mãos e com minha alma, enquanto ele trabalhava com o pai.

— E isso pode ser reconhecido?

— Pode. O Dr. Marcelo vai sustentar que a participação dele é meramente formal. E que, diante da fraude, da traição e do desvio patrimonial, sua meação pode ser relativizada, ou seja, desconsiderada. — Olhou para Kátia e explicou: — A relativização da meação ocorre quando há má-fé e o cônjuge pode perder o direito à divisão igualitária. E a violência patrimonial, prevista na Lei Maria da Penha, é o abuso econômico contra o cônjuge. No caso do apartamento, eu tinha direito à metade. Mas Sandro vendeu e transferiu o dinheiro para Maura. Não vi um centavo. E ainda vendeu por valor muito abaixo para o irmão dela. Se ele se apropriou da minha parte, é justo que eu recupere a empresa sem ter de pagar a dele.

— Isso é possível mesmo? — Kátia ficou impressionada.

— É. Porque não se trata apenas de bens. É sobre justiça. Sobre reparar o que foi destruído e proteger o que ainda pode ser salvo. Como eu disse, não quero vingança. Quero que o que é meu volte para mim.

— E Maura? Ela era sua amiga, diretora financeira da empresa...

— Ela terá de responder judicialmente. O Dr. Marcelo já prepara sua inclusão no polo passivo da ação. Como diretora financeira, tinha acesso a todas as contas, contratos e movimentações. Foi cúmplice. O dinheiro da venda do apartamento saiu da conta de Sandro e foi parar na dela. Isso não é coincidência, é desvio patrimonial. E, como administradora, ela pode ser responsabilizada civil e criminalmente.

— Mesmo sendo amante de Sandro?

— Justamente por isso. A relação pessoal não exclui a responsabilidade profissional. Pelo contrário. Ela usou a intimidade para manipular decisões, influenciar a venda da empresa e se beneficiar. O advogado vai pedir a desconsideração da personalidade jurídica, alegando confusão patrimonial e desvio de finalidade. Maura pode ser responsabilizada por fraude societária, abuso de função e até por crimes como lavagem de dinheiro, dependendo da investigação.

— Isso pode dar cadeia... Você está mesmo decidida?

— Sim, Kátia. Estou. O que fizeram comigo e com João foi cruel. E... A justiça precisa ser feita. Maura achou que poderia se esconder atrás de cargo e relacionamento.

Elas não perceberam, mas Caíque, parado no corredor, ouviu tudo.

Observou cada palavra de Andreia e suas reações.

Ela estava diferente. Mais forte, como ele nunca viu.

A espiritualidade silenciosa observava tudo.

No passado, Maura foi manipuladora, obstinada pela ganância. Usou da astúcia e da frieza para lançar Andreia à rua, desprezando os filhos de João e alimentando o sofrimento daqueles que mais necessitavam de amparo. Naquela existência, não houve punição, tampouco aprendizado ou arrependimento.

Seus vícios morais permaneceram intactos. A vaidade, o orgulho e a manipulação não foram corrigidos. Tentou justificar a falta de caráter por ter sido mulher em uma época liderada por homens. Implorou compreensão e nova oportunidade. E nesta vida, tudo lhe foi favorecido. Ao tentar repetir os mesmos caminhos, encontrou facilidades, mas também barreiras. Tentou prejudicar, mas não obteve êxito, porque ninguém pode ferir indefinidamente sem colher as consequências. A Lei Divina é justa e paciente, mas jamais falha. As lições que não se acolhem pelo amor retornam em forma de dor para despertar a consciência.

Assim, Maura terá de compreender e aprender que não se pode manipular destinos nem destruir vidas sem que a própria alma seja chamada a responder. O tempo da impunidade terminou. Agora, a harmonização é inevitável.

O mesmo se dá com Sandro que, no passado, foi tomado pela ambição. Desejava possuir o que o pai havia conquistado, mas a revolta o cegou. Não percebeu que, ao alimentar ressentimentos, cultivava sentimentos inferiores que se enraizaram em sua essência. A ganância o dominou e, mesmo após o desencarne, permaneceu adormecida em seu ser.

Nesta existência, ao reencontrar Maura, deixou-se seduzir novamente pelo poder, pelo dinheiro, pelas posses. Envolveu-se em manipulações e aceitou ser dominado pelo orgulho e pela vaidade, repetindo erros antigos. Ainda assim, o livre-arbítrio lhe oferecia outros caminhos. Poderia ter escolhido a luz. Poderia ter honrado o planejamento reencarnatório que lhe foi confiado.

Sua missão era clara: amparar o filho, dedicar-se ao trabalho de amor e caridade ao lado de Andreia. Mas desviou-se. Preferiu a ilusão da posse e da manipulação, esquecendo-se do compromisso assumido perante a espiritualidade.

Futuramente, esse desvio lhe trará consequências, porque ninguém escapa da própria consciência. Sandro terá de compreender que a verdadeira riqueza não está nos bens materiais, mas na capacidade de amar e servir.

As lições que rejeitamos no amor retornam em forma de dor para nos despertar e conduzir ao caminho da luz.

Capítulo 30

Quando o abraço se torna refúgio

Há encontros que não foram marcados, mas que a espiritualidade preparou com precisão divina.



Diariamente, cumprindo o protocolo rígido da época, Andreia visitava o filho. Mas só podia contemplá-lo através do vidro da UTI Neonatal, como se uma barreira invisível separasse o amor da presença.

João era um bebê bonito, de traços delicados e aparência forte, como quem já trazia em si a promessa da vida. Mas seu coração... seu coração era frágil, pequeno e vulnerável, como se pedisse ao mundo cuidado e oração.

Andreia encostava a mão no vidro, tentando transmitir o calor que não podia oferecer em contato direto. E, naquele gesto silencioso, havia mais do que saudade: havia fé. A certeza de que, mesmo diante da fragilidade, a vida é sustentada por forças maiores.

Ela sabia que o filho carregava uma missão. Que cada batida, ainda irregular, era também um chamado à esperança. E, em silêncio, repetia para si mesma: o amor atravessa qualquer distância. O amor alcança até onde os olhos não podem tocar.



Os dias foram passando...

Sandro nunca foi visitar o filho, embora a ausência lhe corroesse por dentro. O incômodo era como uma sombra que o seguia, mas ele não tinha coragem de enfrentá-la. Tinha consciência de suas falhas, de seus erros, de sua traição, mas seu orgulho não o deixava pedir desculpas e começar a agir diferente, redimindo-se das falhas, iniciando um novo ciclo.

Durante todo aquele período da pandemia, refugiou-se no apartamento de Maura. Mas o refúgio era apenas aparente. A cada dia, a insatisfação crescia. Maura, sempre de mau humor, lançava indiretas como dardos, sugerindo que ele fosse embora. Sandro, porém, permanecia imóvel, como quem não encontra saída.

Olhares atravessados, suspiros pesados, silêncios carregados... nada faltava para revelar o desgaste e a insatisfação de tê-lo ali.

O ar sempre parecia denso, impregnado de ressentimento.

Ele não queria voltar para a casa dos pais. Não suportava a ideia de se apresentar como derrotado. E assim, preso entre o orgulho e a culpa, deixava-se consumir por uma energia sombria que pairava no ambiente.

Os dois quase não conversavam. O clima pesado dominava cada canto, como se a própria casa respirasse o desespero deles.

Nos bastidores invisíveis, espíritos afins se aproximavam, atraídos pela vibração de angústia e rancor. A densidade não era apenas material: era

espiritual.

Sandro e Maura, sem perceberem, alimentavam forças que se nutriam de seus piores sentimentos e desejos.

Naquele dia, calados, cada um permanecia em uma poltrona na sala. A TV ligada, mas quase inaudível, não prendia a atenção de nenhum dos dois. O romance já havia esfriado há tempos e o vazio entre eles se tornou um peso constante.

De repente, o celular de Maura vibrou. Ela pegou o aparelho com indiferença, mas, ao abrir a mensagem, seu semblante mudou. Aos poucos, a cor foi desaparecendo de seu rosto. Os olhos fixaram-se na tela, e a voz saiu trêmula, quase um sussurro:

— Não... isso não pode ser verdade...

— O que foi? — perguntou ele, tentando decifrar o silêncio que se instalava.

Maura não respondeu de imediato. O ar parecia mais pesado, como se a própria sala tivesse parado para ouvir. Espíritos invisíveis, atraídos pela vibração de medo e culpa, aproximavam-se, intensificando a atmosfera.

— Sandro... Chegou.

— O quê? Fala logo!

Esticando o braço, Maura exibiu o celular, mostrando a mensagem que parecia queimar em suas mãos.

— A notificação. A Andreia entrou com ação judicial. Está pedindo a anulação da venda da empresa, requerendo a dissolução parcial da sociedade com apuração de haveres...

— Como assim?! — Sandro pareceu aflito, o coração acelerado. — Traduza!

— É como se ela pedisse a reintegração de posse da empresa! Com a morte do Válter e por ele não ter efetuado os pagamentos, sem herdeiros diretos que possam continuar com a compra... O negócio que fizemos nunca existiu! Será considerado nulo e... Certamente, o juiz vai devolver o controle da indústria têxtil para ela! Andreia pediu bloqueio dos nossos bens! E me incluiu como ré!!! — Maura gritou, tomada de fúria.

— Como assim?

— A Andreia alegou que fui cúmplice! Desgraçada! — vociferou, os olhos faiscando. — Ela sabe que o dinheiro do apartamento que você vendeu foi parar na minha conta! Que eu, como diretora financeira, tinha dever fiduciário e agi com dolo! — Maura deu um grito de raiva, quase um rugido. — Aquela infeliz!!!

Sandro ficou imóvel, incrédulo. O peso da culpa e da imprudência o esmagava.

Naquele instante, o ambiente parecia se fechar sobre eles. O ar denso, carregado de medo e rancor atraía presenças invisíveis. Espíritos que se alimentavam da desordem e da mentira rondavam os dois, intensificando a angústia.

— Ela estava muito quieta... — murmurou Sandro com a voz oscilante. — Acreditei que não fosse fazer nada. Estava tão pacífica...

— Pacífica?!! — Maura explodiu. — Bastou dar cria e arranjou forças nos quintos dos infernos para nos atacar!!!

— Ela não pode provar nada! — Sandro reagiu, falando sem pensar, como quem busca se agarrar a uma ilusão.

— Pode. Pode sim! — Maura exclamou, andando de um lado para o outro com a respiração ofegante. — Ela tem extratos, e-mails, registros... E o advogado dela é bom! — Deu um riso irônico. — Ah! É!... Vai pedir a desconsideração da personalidade jurídica. E... se isso passar, a gente responde com bens pessoais. Aquela... — sua voz se perdeu em insultos e fúria descontroláveis.

— E quanto a mim? Ela me notificou também?

Maura riu com sarcasmo e olhou para ele com dureza:

— Claro, Sandro! Quanta ingenuidade!... Você é o principal réu. Ela quer o divórcio litigioso, pensão proporcional à sua renda e está pedindo apuração de haveres. Alegou que você nunca contribuiu de fato para a empresa.

O silêncio que se seguiu foi pesado, quase sufocante. Sandro sentiu o coração apertar, como se cada palavra fosse um golpe certeiro.

Andando de um lado para outro, acusou:

— A culpa é sua, Maura! Deveria ter sido mais discreta, mas não! Transferiu todo o dinheiro para a sua conta! Isso foi burrice!

— Burrice?! Burrice foi você querer vender o apartamento sem consultar a Andreia!

— Eu tinha uma procuração!

— Grande coisa! — Maura gritou, a voz cortante como lâmina. — Burrice foi usar aquela maldita procuração sem saber que poderia dar nisso! Sem se instruir antes! Você achou que poderia enganar o mundo inteiro com aquela procuração! E eu confiei em você! — expressou-se com os olhos faiscando. — Eu não sabia que Procuração com Poderes Gerais tinha limite! Você disse que, com ela, poderia fazer tudo. Eu só acreditei! Fui usada por você!

— E quem é que sabia que ela poderia revogar o que fiz com aquela procuração?! Você quem deu a ideia sem nem mesmo ter certeza de nada, Maura!

— Eu confiei em você!

— Confiou ou se aproveitou?! — Sandro avançou até ficar diante dela, gritando em seu rosto: — Você sempre quis aquela empresa! Sempre quis o controle! Fingiu ser amiga da Andreia só para se infiltrar, se aproximar, se apoderar!

— E você fingiu ser marido! Abandonou a Andreia no momento mais difícil da vida dela! Se aproveitou da doença do filho para deixá-la confusa, desnorteada e fez o que bem quis com tudo o que era dela! Você tomou tudo dela, Sandro! Tudo o que ela sozinha conquistou! Vendeu tudo para se apropriar do dinheiro!

— Cuidado com o que você diz, Maura! Se eu cair, você cai junto! Quem assinou os documentos, aprovou as transferências e participou de tudo? Foi você! Você orquestrou tudo, Maura!

— Não me culpe por sua ambição! Eu não poderia ter feito tudo sozinha! Dar ideia é uma coisa, consumar os fatos é outra! Agora quer colocar a culpa em mim! Está com medo, é?!

— Não estou com medo! Estou com raiva! Tudo estava indo bem até você se tornar um risco!

— Um risco?! Eu sou a única que ainda tenta manter alguma ordem. Mas... quer saber?... Talvez seja melhor cada um cuidar do seu lado, da sua vida! Quando essa bomba explodir, eu não quero estar junto de você!

Sandro virou as costas e foi para o quarto. E Maura ainda gritou, tomada pelo descontrole:

— Se prepara! A Andreia não vai recuar! Aquela cadela não vai deixar escapar nada!!! Aaaaah! — Maura berrou, pegou um copo de uísque sobre a mesinha e o atirou contra a parede. O som seco do vidro espatifado ecoou como um veredito. — Acreditei que durante esse maldito período de pandemia as notificações, mandados e intimações estivessem suspensos! Mas aquela infeliz alegou ser caso urgente, envolvendo risco patrimonial! Dissipação de bens!!! Aaaaah!... — gritou, descontrolada, como quem já não luta apenas contra Andreia, mas contra a própria consciência.

Na penumbra do plano espiritual, as vibrações densas se tornavam quase palpáveis. O espírito Duane observava a discussão com olhos ávidos, como quem se alimenta da desordem. A energia do ambiente físico: raiva, traição, medo reverberava como um banquete para sua vibração sombria.

Ao lado dele, Nisa e Iseu, espíritos ligados a Sandro por laços de ódio de existências passadas, gargalhavam com prazer.

Nisa, sarcástica, comentou:

— Olha só o nosso pupilo! Tão fácil de manipular. A ambição dele sempre foi como um rio que nunca seca.

Iseu riu com desprezo:

— E a Maura? Desejando e fazendo o mal, ela achou que poderia controlar tudo com trabalhos espirituais, feitiços e oferendas. Agora está afundando junto com o caos que provocou. Que delícia ver a queda daqueles que se julgam espertos.

Duane, com frieza, respondeu:

— Eu cumpri o que me foi pedido. Abri caminhos, mas nunca prometi felicidade. Ela quis atalhos. Agora enfrenta os espinhos do caminho.

Entreolharam-se.

A vibração do ambiente físico se tornava cada vez mais densa. Uma névoa de desarmonia crescia à medida que os pensamentos negativos e inferiores dos encarnados se multiplicavam, como se cada emoção fosse combustível para a sombra.

— Eles achavam que estavam no controle quando, na verdade, são marionetes de suas próprias sombras — disse Nisa com sarcasmo venenoso.

Espíritos inferiores não têm compromisso com o bem-estar dos encarnados. Seu único interesse é manter viva a dor, o desequilíbrio e a ilusão que lhes servem de alimento e prazer.

O mal, mesmo quando parece triunfar, carrega em si a semente da própria destruição. Espíritos inferiorizados se nutrem das fraquezas humanas, mas cada vitória aparente é apenas um passo rumo ao colapso inevitável.

Duane sorriu ao perceber concluída sua tarefa. Preparava-se para partir, mas ao notar Nisa imóvel, perdida no vazio, aproximou-se com curiosidade.

— Meu trabalho aqui terminou. Maura recebeu o que pediu... e o que mereceu. Mas, antes de ir, sempre tive uma curiosidade. Por que tanto ódio por aquele homem? O que Sandro fez a você?

Nisa manteve o silêncio por alguns segundos. O semblante sério, os olhos antes frios, encheram-se de uma sombra antiga. Então, sem olhar para Duane, respondeu:

— Ele não é Sandro. Não para mim. Em uma vida passada, foi Sebastião. Senhor de engenho. Eu era escravizada. Meu irmão Iseu também.

Duane sorriu com leveza, intrigado:

— Um senhor de engenho? Interessante... Continue.

Nisa respirou fundo, como se o peso das lembranças atravessasse séculos. Sua voz saiu firme, mas carregada de dor:

— Eu era jovem. Linda. Cobiçada. Uma líder nata. Sonhava com liberdade e comandava um grupo de resistência. Sebastião descobriu. Fingiu compreender. Fingiu ser justo. Me seduziu. Prometeu alforria. Eu acreditei... deitei com ele. — Seus olhos se encheram de uma sombra ainda mais densa. — Até que... Sebastião castigou, torturou e vendeu todos do grupo. Me surrou, me vendeu... Me separou de Iseu. Quebrou todos os ossos do corpo do meu irmão, que ficou aleijado e o jogou no mato para morrer.

Duane inclinou a cabeça, curioso, quase divertido:

— E você?

— Fui vigiada, maltratada. Usava gargalheira como punição. Ainda assim, trabalhava, era surrada...

— Gargalheira? — Duane arqueou a sobrancelha.

— Um ferro cruel. Colocado no pescoço, restringia a cabeça e a boca. Impedia fala, ingestão de alimentos. Era humilhação e tortura. Símbolo de dominação, mostrando o poder do senhor sobre os cativos. Também chamado de golinha ou libambo.

Duane sorriu, como quem se alimenta da dor alheia e perguntou:

— Agora você quer vingança. Quer que ele sinta o gosto da ruína?

Nisa o encarou firme. Com olhos ardendo como brasas, explicou:

— Não é só vingança. É justiça. Ele destruiu vidas. Que perca tudo. Que sinta o abandono, a miséria, o desespero. Que o mundo vire as costas, como ele fez comigo.

Duane riu com sarcasmo:

— Justiça ou obsessão? Você sabe que isso não te liberta, não é?

— Liberdade não me interessa. Não enquanto ele estiver de pé.

— Então... — disse ele, virando-se. — Não consegue ainda lembrar que, num passado muito mais distante, você fez pior com seus escravos? Você e seu irmão foram muito mais terríveis e experimentaram o que fizeram aos outros! — Gargalhou. — Ninguém sofre com aquilo que não mereceu. Continue presa ao que te consome e será escrava eterna da sua vingança, do seu ódio e rancor, sofrendo na prisão dos próprios pensamentos.

— Olha pra você! Olha quem fala! — retrucou Nisa com amargura.

Duane sorriu e desapareceu, deixando Nisa envolta em sua dor e desejo de vingança. Ao longe, Iseu observava em silêncio, compartilhando o mesmo peso.



A noite repousava em silêncio, como se o mundo inteiro tivesse adormecido.

Andreia, porém, não encontrava descanso. Seu coração estava preso ao leito de João, que não melhorava. Ver o filho por trás de um vidro era como sentir a vida separada por uma barreira invisível. Desejava tê-lo em seus braços, aquecê-lo com o próprio corpo, beijar-lhe a fronte e devolver-lhe a esperança.

Os médicos permaneciam cautelosos, sem previsão para a próxima cirurgia. E, enquanto aguardava, a dúvida a corroía.

Estaria certa em lutar pela empresa? Havia feito bem em mover ação contra Sandro, pai de seu filho? Ou teria se precipitado, confundindo justiça com vingança?

— Perdida em seus pensamentos? — a voz de Eduardo quebrou o silêncio.

Andreia ergueu os olhos e sorriu com leveza, como quem se deixa ser encontrada.

— Sim. Muitos.

— Quer compartilhar? — ele propôs com suavidade.

— Estava pensando sobre o livre-arbítrio — disse Andreia com olhar distante. — A neurociência contemporânea tem levantado questionamentos, afirmando que talvez ele não exista.

Ela parecia bem informada e sua voz carregava a gravidade de quem reflete sobre algo maior do que ela mesma. Após breve instante, continuou:

— Estudos mostram que o cérebro humano se prepara para uma ação antes mesmo de termos consciência da decisão. Na década de 80, um experimento revelou atividade cerebral antecipando o movimento de um dedo cerca de meio segundo antes da pessoa decidir, conscientemente, levantá-lo. Isso levou alguns cientistas a sugerirem que nossas escolhas são

iniciadas no inconsciente, e que a consciência apenas acompanha ou justifica o que já foi decidido pelo cérebro.

Andreia suspirou, como quem carrega um peso invisível.

— O renomado neurocientista Robert Sapolsky — prosseguiu ela — defende que não somos seres autônomos, mas o resultado de uma complexa rede de fatores: genética, hormônios, ambiente, sociedade, experiências de vida... Com isso, muitos passaram a afirmar que o comportamento humano é determinado por causas fora do nosso controle. Se eu agrido alguém, entende-se que não foi uma escolha, mas uma reação moldada por meu histórico, por influências externas, por minha biologia. Assim, não haveria livre-arbítrio, não haveria liberdade de escolha, portanto não haveria responsabilidade.

Ela se calou por um instante, como se buscasse coragem para a pergunta que vinha.

— O que você pode me esclarecer sobre isso, na visão do Espiritismo, Edu?

Naquele instante, Eduardo sorriu com leveza. Era como se aguardasse, paciente, por aquela pergunta.

— Eis um dilema que atravessa a ética, a filosofia, a ciência e até a religião. Os neurocientistas levantaram questões que o materialismo jamais poderá responder. Se não temos controle real sobre nossas ações, como poderemos ser responsabilizados por elas? — disse. O silêncio que se seguiu parecia ampliar o peso da reflexão.

— Isso afeta tudo: justiça, moralidade, educação, espiritualidade... todas essas áreas partem do princípio de que somos livres para escolher entre o bem e o mal. E o que o Espiritismo nos ensina sobre isso? — Eduardo a olhou com firmeza, mas também com generosidade, prosseguindo: — Primeiro, precisamos lembrar que o cérebro foi estudado, sim. Mas os cientistas observaram apenas o órgão físico, a matéria. Não estudaram aquilo que faz a matéria se mover. Não estudaram aquilo que é responsável pelo movimento dessa matéria. Sem alma, sem espírito, o corpo não tem

vida. Isso precisa ficar claro. Então, qualquer religioso ou filósofo que aceite conclusões apressadas, sem refletir, está enganado.

Eduardo inclinou-se suavemente, como quem revela um segredo e falou com um jeito especial:

— Esses milissegundos não poderiam ser o tempo em que a alma envia sua mensagem ao cérebro para ele agir ou reagir? Não seria esse experimento, na verdade, uma confirmação da existência da alma?

Novo silêncio. Andreia o observava, tocada pela profundidade de suas palavras. E ele continuou:

— Todos devemos admitir: o cérebro, o corpo humano sem alma, não se move. Não respira. Não tem vida. A Doutrina Espírita reconhece o livre-arbítrio como uma faculdade essencial do Espírito. Esse Espírito se desenvolve à medida que evolui, mesmo diante das influências biológicas e sociais. Essas condições foram escolhidas pelo próprio Espírito antes da reencarnação, em seu planejamento.

Eduardo sorriu com serenidade e continuou:

— Agora, encarnado, o Espírito tem sim a capacidade de escolher e responder por suas ações. Enquanto a neurociência observa o funcionamento da matéria, o Espiritismo contempla o Ser Espiritual cuja vontade se manifesta por meio do cérebro como instrumento no campo físico.

Andreia suspirou e um leve sorriso iluminou seu rosto:

— Verdade... Sem alma ligada ao corpo, sem espírito, não há vida no corpo físico.

— Essa é uma compreensão fundamental dentro da visão Espírita e também compartilhada por várias tradições espiritualistas — disse Eduardo com voz serena. — Na ótica do Espiritismo, o cérebro não é a origem da consciência, mas o instrumento pelo qual o Espírito se manifesta no plano físico.

Ele fez uma breve pausa, como quem deseja que cada palavra fosse absorvida, e prosseguiu:

— Allan Kardec, em O Livro dos Espíritos, afirma: “O corpo é o envoltório do Espírito, o cérebro é o órgão por onde ele se expressa.” Ou seja, o Espírito é o ser inteligente, imortal, criado por Deus. O cérebro é apenas o mecanismo biológico que permite ao Espírito interagir com o mundo material. Sem o Espírito, o corpo é apenas matéria inerte: não há pensamento, emoção, nem vida consciente.

Eduardo inclinou-se levemente, como quem deixa escapar uma verdade silenciosa:

— A ligação entre Espírito e corpo físico acontece por meio de liames sutis. O Espírito possui um Corpo Espiritual chamado pelo Espiritismo de Perispírito — uma estrutura semimaterial. — É o Perispírito que atua como ponte, como canal energético entre os dois planos. Ele transmite as ordens do Espírito ao cérebro e, ao mesmo tempo, recolhe as impressões do mundo físico para que o Espírito as perceba.

Sua voz se tornou mais grave, quase solene:

— Essa conexão se rompe no instante da morte física quando o Espírito se desprende do corpo e a atividade cerebral cessa. A neurociência estuda o cérebro como sede da consciência, mas ainda não consegue explicar a origem da consciência nem a individualidade que nos torna únicos. Muitos cientistas reconhecem que há um mistério insondável sobre como pensamentos, emoções e identidades podem surgir da matéria.

Eduardo sorriu com leveza, como quem contempla uma verdade maior.

— Há mais de 160 anos, o Espiritismo já propõe que a consciência não nasce do cérebro, mas atua por intermédio dele. É como a luz que atravessa uma lâmpada: a lâmpada não cria a luz, apenas a transmite.

— Gostei desse exemplo da lâmpada e da luz — disse Kátia, que acompanhava a conversa com atenção. — Mas... essa visão de alguns neurocientistas pode causar grande equívoco ou confusão. Muita gente pode

não querer assumir responsabilidades sobre suas próprias ações, crimes, escolhas...

Eduardo voltou-se para a irmã com um olhar sereno e firme, concordando:

— Você está absolutamente certa, Kátia. O que disse é muito relevante, sobretudo quando olhamos pela ótica Espírita.

Sua voz ganhou um tom grave ao explicar:

— A Doutrina Espírita nos ensina que o livre-arbítrio é uma faculdade essencial do Espírito, e que a responsabilidade moral é inseparável dessa liberdade. Quando alguns setores da neurociência sugerem que nossas decisões são apenas determinadas por processos inconscientes ou moldadas por fatores genéticos e ambientais, isso pode gerar interpretações perigosas.

Eduardo fez uma breve pausa para que fosse compreendido. Depois, seguiu explicando:

— Espíritos encarnados, ainda em estágios iniciais de evolução, podem usar tais ideias como justificativa para negar sua responsabilidade. Mas o Espiritismo nos lembra de que, mesmo condicionados, sempre há espaço para a escolha moral. É nesse espaço que se revela nossa dignidade e também nossa responsabilidade perante a vida.

— É bom lembrar sobre as responsabilidades e o livre-arbítrio na visão Espírita — disse Caíque, que havia chegado e acompanhava a conversa com atenção. Sua voz soava firme, mas repleta de serenidade. — O Espiritismo afirma que, mesmo diante das influências externas: ambiente, cultura, genética o Espírito conserva a liberdade de escolha. Essa liberdade cresce à medida que o ser evolui, tanto intelectual quanto moralmente.

Ele sorriu, como quem deseja suavizar a gravidade das palavras e prosseguiu:

— Portanto, não há desculpa espiritual válida para justificar atitudes prejudiciais com base na falta de controle ou em simples impulsos cerebrais. Logo haverá aqueles que, interpretando mal a neurociência

materialista, tentarão se inocentar dizendo: “Não fui eu que matei, foi meu cérebro que agiu antes.”

Caíque fez uma pausa, deixando que o silêncio reforçasse a reflexão.

— Com isso — ele continuou —, deslocariam a responsabilidade moral para um mecanismo biológico. Espíritos encarnados em estágios menos evoluídos certamente buscarão tais justificativas para não refletir, para evitar o arrependimento, a reparação e o aprendizado que são, na verdade, fundamentais para o progresso espiritual.

Seu olhar se tornou mais profundo, como se falasse não apenas aos presentes, mas a todos os que ainda resistem ao chamado da consciência.

— A Doutrina Espírita nos alerta que toda ação tem consequência, e o Espírito colherá os frutos de suas escolhas, mesmo que tente negá-las. Ter consciência espiritual é compreender que não somos vítimas do cérebro nem do meio em que vivemos, mas sim os condutores da própria existência. — Com voz calma, Caíque concluiu firme: — O meio em que reencarnamos, as condições e situações que nos cercam são instrumentos necessários para nossa educação, para o nosso crescimento moral e intelectual.

— Acabei de me lembrar de um garoto que hoje é violinista em uma orquestra sinfônica renomada. Sua origem é de uma comunidade paupérrima no Rio de Janeiro. Ele não se deixou corromper pelas condições ou pelo lugar onde nasceu. Não se fez de vítima — comentou Kátia com brilho nos olhos.

Eduardo sorriu, animado pela lembrança.

— Tá aí! Esse é apenas um dos milhares de exemplos que temos. Quero ver os neurocientistas e outros inclinados à visão materialista explicarem que é o meio que faz nosso cérebro agir. Quero ver justificarem por que tantos vencem em condições tão hostis, enquanto outros fracassam em ambientes privilegiados. — Sua voz ganhou força, como quem deseja gravar as palavras no coração dos ouvintes. — Resumidamente, Andreia... O Espiritismo reconhece o peso das influências biológicas e sociais, mas

ensina que o Espírito é maior do que o corpo. O cérebro é instrumento do espírito e não o senhor dele. Ele registra, processa, antecipa... mas é o Espírito quem decide. O Espiritismo não nega os avanços da ciência, mas também não se entrega a uma fé cega. Ele acolhe o que a razão ilumina e não aceita sem reflexão aquilo que a filosofia nos convida a pensar e repensar. O Espiritismo é uma doutrina que une coração e inteligência, fé e razão, sempre em busca da verdade.

Eduardo fez uma pausa, deixando que o silêncio desse espaço à reflexão. Depois completou:

— O livre-arbítrio não é absoluto, pois estamos condicionados por circunstâncias e limitações. Porém, dentro dessas margens, sempre há espaço para a escolha moral. Se fosse apenas o cérebro, não haveria mérito nem culpa. O Espírito, que sobrevive à morte, carrega em si a consciência e a responsabilidade. — Ele se inclinou suavemente, como quem revela um segredo antigo: — O que a ciência chama de inconsciente é, muitas vezes, a memória espiritual que nos influencia. O Espiritismo nos ensina que somos responsáveis por nossos atos porque, mesmo condicionados, podemos escolher o caminho do bem ou do mal.

Andreia o ouviu em silêncio. Seu olhar suavizou, como se a resposta não anulasse a ciência, mas a completasse, abrindo-lhe uma visão mais ampla e luminosa da vida.

— Mas... o que te fez pensar tanto sobre livre-arbítrio, Andreia? Acredita que está tomando decisões... — Eduardo deixou a frase suspensa no ar, como se a pausa fosse convite à reflexão.

Ela respirou fundo e justificou com voz baixa:

— Às vezes sim. Tenho medo de tomar decisões erradas... principalmente sobre a empresa para tê-la de volta.

Caíque interveio com firmeza, mas em tom acolhedor:

— É um direito seu.

Andreia ergueu os olhos, fixando-os nele, buscando uma resposta maior do que simples palavras.

— Mas é o certo?

Caíque sustentou o olhar e respondeu com convicção:

— Por que não seria? Você foi enganada, traída... sofreu prejuízos imensuráveis. Mas não é só isso. A empresa está fechada em um momento tão delicado. É uma indústria têxtil que deveria funcionar, produzindo máscaras, jalecos, roupas hospitalares... Quantos funcionários, quantas famílias foram afetadas, prejudicadas pelas atitudes do Sandro e da Maura? — Sua voz carregava não apenas razão, mas também compaixão. — Não se trata apenas de recuperar o que é seu, Andreia. Trata-se de devolver dignidade a quem depende desse trabalho.

— Esses dias, soube que um ex-funcionário se suicidou e... Fiquei devastada... — disse Andreia em tom triste, interrompendo-se, como se a dor lhe roubasse as palavras.

Kátia, com olhar compassivo, acrescentou:

— Eu tive o apoio dos meus irmãos quando fui demitida. O Edu e o Caíque me sustentaram. Mas... e aqueles que não tinham ninguém para apoiá-los em um momento tão difícil como o que vivemos? Você mesma, Andreia, não teve apoio de ninguém e foi acolhida por nós. Não digo isso para te ferir, mas para mostrar que o Sandro e a Maura não pouparam nem você, grávida de um filho dele.

Andreia baixou os olhos, murmurando:

— Foi o que pensei...

Eduardo, com firmeza, ergueu a voz:

— Reabra a empresa! Reabra assim que o juiz determinar e chame todos de volta ao trabalho. Ainda há tempo de ajudar muitas famílias, pessoas dignas

que querem apenas trabalhar. Nem vou falar do auxílio que sua indústria pode oferecer com máscaras, jalecos, roupas hospitalares...

— Isso é verdade. — Kátia reforçou: — Eu li seu relatório de Plano Emergencial. Você queria produzir mais e baixar os preços para ajudar pessoas. Ainda está em tempo.

Um sorriso suave iluminou o rosto de Andreia.

— Sim... Está bem. É o que vou fazer. — Mas logo sua expressão se tornou séria e sua voz carregou uma decisão firme: — Também tem outra coisa. Não posso ser mais um peso para vocês. Estou decidida a ir embora. Tamires está sobrecarregada cuidando da nossa mãe com Alzheimer e da Aline. Eu preciso ajudar minha irmã. Vou para a casa da minha mãe.

— Andreia!... Você não... — Caíque reagiu, mas sua voz foi interrompida pela firmeza dela.

— Caíque, fiquei aqui porque na casa da minha mãe era arriscado por causa do meu irmão irresponsável. Eu estava grávida e, se me contaminasse, poderia ser fatal para mim e para o João. Agora, não é mais o caso. O João está internado na UTI e não tenho contato direto com ele.

— Como não é o caso? — Caíque retrucou exaltado. — Se você ficar doente, quem cuidará do João? O Sandro? Ele nunca, sequer, foi visitar o filho no hospital!

Andreia estremeceu. Aquelas palavras a atingiram como um golpe inesperado. Não havia pensado nisso.

Eduardo interveio com calma, mas firme:

— Sabemos que qualquer um está sujeito a esse vírus, mas creio que o Caíque tem razão. Você ainda precisa se proteger para cuidar do seu filho. Até o leite que ele toma é seu. Você tem ido ao hospital todos os dias para isso. Esqueceu? Sua irmã, sua mãe e sua sobrinha estão bem. O Rogério está dando apoio a elas e...

— Como assim? — Andreia se surpreendeu, confusa. — O Rogério? Por quê?

Eduardo, Caíque e Kátia se entreolharam. O silêncio entre eles denunciava um segredo guardado por tempo demais. Tentaram esconder durante a gravidez, mas agora, com Eduardo deixando escapar, não havia mais como ocultar.

Eduardo respirou fundo, como quem carrega um peso antigo, e disse:

— Bem... É o momento de você saber. Não deveria contar, mas... que a Tamires me perdoe. Antes da pandemia, seu irmão contraiu muitas dívidas em jogos. O Luan também pediu dinheiro emprestado a agiotas, por causa de apostas. Ele acabou levando uma surra e foi ameaçado de morte. Então, seu pai vendeu a parte dele na empresa... na construtora em que era sócio. Pegou o dinheiro e pagou a dívida do filho.

Andreia levou a mão à boca e, com os olhos arregalados, sussurrou alarmada:

— O quê?...

— Seu pai não contou pra ninguém — explicou Eduardo com voz grave e solene. — Sua irmã só descobriu depois que ele foi internado. Ao entrar em contato com o ex-sócio do pai de vocês, para saber sobre valores, soube de tudo. A Tamires descobriu que ele não tinha mais dinheiro algum. Até o plano de saúde da sua mãe é ela quem pagou e está pagando com o pouco que tem. Seu pai não deixou mais nada... apenas a casa. Tamires precisou morar lá e, para se manter e manter o plano de saúde, usou o que restou da venda de uma das lojas. Quando ajudou a socorrer sua mãe, Rogério ficou sabendo de tudo. Ele, assim como nós, está dando uma força. Isso é tudo.

— Por que não me contaram nada, Eduardo?! — Andreia explodiu, a voz embargada pela dor. Levantou-se, deu alguns passos incertos, como quem não sabe para onde fugir. — Meu pai sempre teve uma vida estabilizada! Ele sempre!... Sempre!... — sua voz se quebrou, incapaz de encontrar palavras.

Caíque, sereno, interveio com compreensão:

— Ele quis salvar o filho. Não o culpe, Andreia. Acho que qualquer um de nós faria o mesmo.

Ela se virou, encarando-os com olhos marejados:

— Mas por que não me contaram?

Caíque respondeu com ternura, mas firme:

— Pra quê, Andreia? Você estava grávida. O que poderia fazer? Já carregava tantas dores: a saúde do João, a perda da empresa, o divórcio, o parto delicado, a cirurgia do seu bebê ao nascer... Saber disso ajudaria em quê?

Ela sentiu o coração apertar. A vontade de chorar a dominou, como se todo o peso da revelação desabasse sobre seus ombros.

Com os olhos marejados, Andreia fitou o quintal através da porta aberta, como se buscasse ali uma saída para sua dor. Mas nada encontrou além do vazio.

Caíque aproximou-se devagar. Pelas costas, pousou as mãos em seus ombros e a virou com delicadeza, obrigando-a a encarar o calor humano que lhe oferecia.

Olhando nos olhos dela, falou com voz suave, carregada de ternura:

— Calma... A situação está sob controle. Nada do que você fizer mudará o passado. O que importa agora é saber que sua mãe, sua irmã e sua sobrinha estão amparadas. Estão bem.

Andreia respirou fundo, mas sua voz saiu embargada, como se cada palavra fosse arrancada de dentro dela:

— Quando fui até a construtora, senti que havia algo errado... O sócio dele estranhou minha presença lá... Depois... — murmurou, hesitante. — Depois, quando vi meu pai... percebi que não estava bem. Ele repetia, com

insistência, que não podia ajudar mais ninguém... nenhum filho. Havia um desespero nos olhos dele... Meu pai... devia doer tanto... Ele aguentou sozinho...

A lembrança a esmagou como um peso impossível de suportar. Sem forças, Andreia recostou a testa contra o peito de Caíque e desabou num choro compulsivo, deixando que a dor finalmente se derramasse em lágrimas. Eram lágrimas antigas, represadas por anos que, agora, encontravam uma brecha para se libertarem.

Um soluço profundo, rasgado, ecoou do fundo de sua alma.

Chorou... não apenas pelo pai, nem apenas pela empresa perdida, nem somente pelas condições atuais da irmã. Chorou por tudo. Pela traição que a feriu, pela solidão que a consumiu, pelo filho doente, pela mãe que já não a reconhecia, pelo irmão que só lhe trazia dor.

Caíque a envolveu com delicadeza, como quem protege o que lhe é mais precioso em meio à tempestade. Ela, enfim, cedeu ao abraço e o retribuiu, como quem encontra abrigo depois de vagar por um deserto de sofrimentos.

Eduardo fez um sinal discreto para Kátia. Ambos se levantaram e se retiraram para outro cômodo, respeitando o momento.

Andreia se afastou levemente do abraço e mergulhou no olhar de Caíque, sem compreender o que acontecia dentro de si.

As lágrimas que escorriam não eram apenas de tristeza. Eram de exaustão, de impotência, de tantas batalhas travadas em silêncio, de feridas que nunca tiveram tempo de cicatrizar.

Naquele instante, não havia promessas nem palavras. Apenas o calor de um corpo que a acolhia, o silêncio que compreendia e o toque que dizia sem voz: estou com você.

Naquele abraço havia algo novo. Um fio de segurança. Um sopro de paz.

Caíque deslizou a mão pelos cabelos dela e puxou suavemente o rosto de Andreia contra o peito, sentindo o peso de sua dor repousar sobre si. E, mesmo sem dizer, soube que desejava ser aquele em quem ela pudesse confiar. Não apenas naquele momento, mas enquanto ela precisasse.

— Calma... — murmurou com ternura. — Vai ficar tudo bem. — E beijou-lhe o alto da cabeça, como quem sela uma promessa silenciosa.

Ao experimentar tamanho envolvimento, Andreia sentiu o pranto cessar. Uma confusão tomou-lhe o coração, pois não sabia explicar o que sentia.

Sem jeito, talvez constrangida, afastou-se suavemente do abraço, tentando recompor-se. Respirou fundo e murmurou:

— Vou chamar minha irmã por vídeo e falar com a Tamires. Acho que nós duas precisamos conversar sobre isso.

— Tudo bem. Vai lá — disse ele, sorrindo com delicadeza, em concordância.

Capítulo 31

Quando a colheita chega

Quando a alma semeia amor, a vida

devolve em paz o que foi plantado.



Após longas conversas com a irmã, Tamires conseguiu convencer Andreia a permanecer na casa dos irmãos: Caíque, Eduardo e Kátia. Não apenas pela necessidade de preservar sua saúde física, mas também a saúde da alma. Os dias ao lado da mãe estavam se tornando cada vez mais desafiadores, pois o Alzheimer avançava como uma sombra silenciosa. Tamires não queria que Andreia carregasse ainda mais peso em seu coração.

Um mês depois, a notícia chegou como um golpe cruel: Nestor havia falecido, vítima da COVID-19.

A filha mal pôde realizar o sepultamento. Não houve velório nem despedida. Apenas o vazio.

Andreia foi aconselhada a não ir e precisou aceitar. As irmãs tiveram de ser fortes, resignadas. Foram dias de dor e silêncio, em que a fé era o único consolo.

Meses se passaram. João enfrentou a segunda cirurgia. Frágil, permaneceu internado na UTI Neonatal, separado da mãe por um vidro frio e impiedoso.

Todos os dias, Andreia estava lá, fiel e amorosa, olhando o filho com olhos que diziam mais do que qualquer palavra.

Sensibilizadas, as enfermeiras o aproximavam do vidro, tentando reduzir a distância entre mãe e filho. E naquele gesto simples, havia uma ternura imensa, como se a vida, mesmo em meio à dor, ainda encontrasse formas de unir dois corações.



Maio de 2021.

A pandemia ainda impunha distância, mas não conseguia silenciar verdades nem deter a marcha da justiça.

A sala de audiência era virtual.

Andreia estava acompanhada por seu advogado. Do outro lado, Sandro e Maura, também assistidos por defesa, traziam semblantes tensos, como quem pressente o peso da sentença.

O juiz, de voz firme e serena, iniciou a leitura:

— Após a análise dos documentos, depoimentos e perícias, esta Vara reconhece a má-fé na utilização da procuração, a alienação irregular da empresa têxtil e a ocultação de bens por parte dos réus. Declaro a nulidade da venda da empresa, a reversão patrimonial à autora e o bloqueio dos valores transferidos indevidamente.

Andreia fechou os olhos. Não sorriu. Apenas respirou fundo. Era como se o peso do mundo saísse de seus ombros.

E o juiz prosseguiu:

— Ressalto que esta decisão não apenas corrige um ato jurídico, mas protege o direito de quem foi lesado em momento de vulnerabilidade. A justiça não é vingança. É reparação.

O silêncio que se seguiu foi tenso, quase palpável.

Após o término da audiência virtual, no apartamento, Maura caminhava aflita de um lado para o outro, com celular na mão, rosto pálido, como se buscasse uma saída que não existia. Quieta. Totalmente calada.

Sandro, ainda sentado no sofá, permanecia imóvel, incrédulo.

Sem suportar o peso de seus próprios pensamentos, Maura rompeu o silêncio:

— Ela conseguiu... Aquela infeliz conseguiu! O juiz anulou tudo! Tudo voltará para as mãos dela!

Sandro ergueu-se. Dando passos arrastados, como se o chão o repelisse, murmurou:

— Eu fiz tudo certo... isso não pode ser. Onde foi que nosso advogado se perdeu?

— Você quem errou, Sandro! — Maura berrou. — Acorda!!! Achou que, em sua defesa, poderia usar a doença do filho como arma, alegou que ela não estava bem emocionalmente. Achou que poderia usar até a mim! Agora, afundamos juntos!

— Eu só queria o que era meu, Maura!!! — ele rugiu. — Fui eu quem pagou a maior parte daquele apartamento!!!

— Nada disso é seu! — ela gritou novamente. — Nem a empresa, nem o dinheiro, nada!!!

— Você quem deu em cima de mim! Virou minha cabeça! Deu força pra que eu fizesse tudo o que fiz! A ideia foi sua!

— Oh!... Coitadinho!... — ela ironizou com veneno doce na voz. — Ingênuo, inocente... até eu sinto pena por você ter sido seduzido.

Na espiritualidade, Nisa e Iseu contemplavam a cena, banhados em uma satisfação sombria.

— E eu ainda posso ser presa!!! — Maura gritou com desespero em cada sílaba. — Andreia venceu, mas você viu... o juiz encaminhará ao Ministério Público. Há indícios de crime! Se houver denúncia e o juiz aceitar, enfrentaremos um processo penal!

— Olha o que você fez com a minha vida!!! — Sandro berrou. — Bloqueio de bens! Ação criminal! Prisão à espreita! Reputação despedaçada, credibilidade perdida, isolamento social! Prisão preventiva, se houver risco de fuga ou obstrução! Veja, Maura, veja o que você fez da minha vida!!!



Alguns dias depois...

No jardim da casa de Caíque, Andreia estava sentada no banco, sob a sombra generosa de uma árvore, os dedos dançando sobre o barbante, tecendo em silêncio um grande tapete de crochê.

Era fim de tarde.

Ela suspendeu o gesto e deixou o olhar se perder no céu tingido de laranja e ouro.

“Quando foi que o outono chegou, sem que eu percebesse?” — murmurou em pensamento. Mas a brisa que soprou, tocando seu rosto, não respondeu.

Nesse instante, Kátia surgiu pelo corredor lateral, trazendo um envelope nas mãos.

— Pra você! — disse, sorrindo, já sabendo o que havia ali.

Andreia fitou o exterior e reconheceu.

— É a sentença... — murmurou. Abriu, leu e mesmo já sabendo o resultado, deixou escapar em voz trêmula: — Causa ganha... O juiz reconheceu a fraude, anulou a venda da empresa, bloqueou os bens... A empresa retorna a mim. Como já sabíamos... — Seus olhos se encheram de lágrimas, mas não chorou. Apenas respirou fundo, como quem se liberta. — Pensei que sentiria arrependimento, mas sinto paz.

— Você venceu. Não apenas no tribunal. Venceu quando escolheu não se acorrentar ao Sandro, não implorar por sua permanência só porque estava grávida e com o João doente. Venceu quando decidiu seguir em frente, mesmo com tudo desmoronando. Parabéns! — disse Kátia, sorrindo através das próprias lágrimas.

Andreia pousou o olhar no horizonte e respondeu com serenidade:

— Eu não venci sozinha. Tive Deus. Tive Jesus. Tive vocês. Tive fé. Tive o João, que me deu forças e me ensinou a lutar com amor.

— O bem sempre prevalece.

— Foi tão rápido... As provas eram nítidas: transferência de dinheiro, venda irregular, documentos assinados sob influência... vulnerabilidade exposta. O juiz compreendeu e concedeu a causa com reversão patrimonial. Mas... foi tão rápido.

— Você teve ajuda da espiritualidade. — Kátia sorriu. — Acha que o advogado não recebeu inspiração de seu mentor? Acha que o juiz não foi tocado pelos espíritos de luz?

— Eu acredito que sim.

— Mas, para isso, você precisou merecer. E o merecimento nasce quando não desejamos o mal. Nunca vi em você rancor contra eles, apenas o desejo de justiça. Mesmo que a justiça significasse perder tudo.

— Sim. Eu aceitaria o resultado. E, certamente, recomeçaria. Do zero, como já fiz antes.

— E agora, Andreia?

Ela sorriu, iluminando o semblante com esperança e fé no futuro:

— Agora?... Agora vou recomeçar. Melhor: vamos recomeçar. Amanhã quero você comigo lá na empresa. Vou precisar muito de ter você ao meu lado.

— Posso te perguntar uma coisa? — indagou e sorriu.

— Claro, Kátia! Fique à vontade.

— É sobre perdão... Pelo fato de você não falar mal deles, não dizer que está com ódio ou magoada... Você perdoou o Sandro e a Maura?

— Não preciso perdoá-los. — Andreia sorriu. Pensou um pouco e tentou explicar melhor: — Eu precisei refletir muito sobre isso no começo. Então... Vamos entender o que é o perdão, o que é perdoar. Perdoar não é esquecer, nem justificar o que o outro fez, é libertar-se da prisão invisível que a mágoa e a raiva constroem dentro de nós. É soltar o peso que nos prende ao passado. O perdão não muda o que aconteceu, mas muda o lugar que aquilo ocupa dentro de nós. Ele não é um presente para quem nos feriu, mas um ato de coragem que nos devolve a paz. Perdoar é escolher não carregar a sombra do outro e sim caminhar mais leve, com espaço para que a vida floresça novamente.

Respirou fundo, sorriu e continuou:

— Não perdoar é carregar a dor, o lixo, a tragédia do que nos aconteceu e não parar de pensar nisso, deixando a cena viva dentro de si diariamente, permitindo-se sofrer ao reprisar, verbal ou mentalmente, o ocorrido, a

experiência de vítima... É fazer isso até cansar, até se ver exausto por algo que não tem solução. — Sorriu ao considerar: — Não perdoar é se punir pelo que deveria ter feito, pelo que poderia ter evitado... por ter confiado. Não perdoar é manter o veneno vivo dentro de si...

Andreia fez nova pausa e disse:

— Acha que perdoar é sobre o outro? Não. Perdoar é sobre você. A mágoa, a raiva, a contrariedade, a indignação do que aconteceu é a pior punição que a pessoa pode impor a si mesma pelos erros dos outros. As pessoas, as ações que você não perdoa, ocupam um lugar imenso dentro da sua mente, do seu coração que não te deixam viver, não te deixam prosperar. A mágoa, a raiva ocupam seu pensamento, sua energia... Ocupam sua alma. Tiram sua paz, sua prosperidade, tiram sua vida, pois você deixa de viver coisas novas porque seu foco, sua atenção, sua concentração está naquilo de ruim que te aconteceu.

Viu-a atenta e explicou:

— Então... por que eu deveria deixar tudo o que me fizeram de mal morar muito tempo dentro da minha alma, ocupando um lugar sagrado para mim e para Deus? — Viu Kátia reflexiva. — Por que dar um lugar tão grande, tão respeitoso e especial, dentro de mim, para algo que me machucou?

— Sabe, Kátia... perdoar não é esquecer, não é aceitar, não é mudar de ideia sobre a dor e dizer que está tudo bem. É compreender que aquilo que nos fez sofrer pode ser uma lição, uma expiação ou, simplesmente, uma injustiça que não merece mais nossa energia. Perdoar é deixar de falar no assunto, é ocupar a mente com o que edifica a alma. Se foi dívida do passado para expiarmos, está paga. Se foi uma lição, aprendemos. Se foi injustiça, deixemos quieto. E digo mais... se foi uma injustiça, o que é nosso vai voltar para nós, assim que pararmos de reclamar. Vamos confiar em Deus para isso. Vamos acreditar na Lei de Causa e Efeito. Porém... o que importa é nos ocuparmos com coisas boas, úteis e saudáveis. Assim, a dor vai perdendo força, vai deixando de incomodar, vai se tornando apenas uma história... talvez triste, mas incapaz de nos ferir novamente.

Sorrindo, Andreia finalizou:

— Sofremos quando damos ao acontecimento o poder de nos maltratar. Parar de pensar no que nos feriu não é fácil, mas é possível quando nos nutrimos de coisas salutares. É algo como substituir os pensamentos. Foi assim comigo: busquei os ensinamentos de Jesus, o Mestre Divino. Eu li muito. Orei por forças e, pouco a pouco, deixei de dar importância ao que aconteceu. Troquei as ideias. Mudei a concentração. Foquei no meu filho e em recuperar o que era realmente meu: a minha vida.

— Nossa... — Kátia sorriu e explicou: — Uma vez meu irmão me disse algo importante, mas que, naquela época, não dei importância.

— Quem disse?

— O Caíque. Ele falou: "É importante aprender com os outros. Se você só conversa da sua dor, se a outra pessoa só conversa sobre a dor dela... Não existe progresso. O bom é quando encontramos pessoas que nos servem de exemplos. Aquelas que saíram do fundo do poço e chegaram até as nuvens. Pare de olhar somente para a sua dor. Foque, olhe para coisas boas, para pessoas que te sirvam de exemplos." — Fez breve pausa. — Hoje, eu te admiro muito. Imensamente. Você, Andreia, é a pessoa que me serve de exemplo. Estou tendo uma ótima professora e me animando muito quando olho, paro e vejo como age, o que fez e o que faz... Sabe quando calar, falar, agir... Quero ser assim. Vou ser assim — ergueu a cabeça e sorriu lindamente, trazendo no semblante uma luz diferente, que nascia e crescia...

— Kátia... — Andreia sorriu e a abraçou.



Naquela noite, durante O Evangelho no Lar, o ambiente parecia envolto em suavidade. Um clima leve e sereno preenchia cada canto, como se o próprio ar respirasse paz e harmonia.

A prece de abertura conduzida por Kátia, elevou os pensamentos em sincera devoção. Logo depois, Caíque leu um trecho de O Evangelho Segundo o Espiritismo, que se transformou em fonte de comentários ricos e reflexões saudáveis. As vibrações de Eduardo espalharam claridade, como se fossem pequenos fachos de luz a iluminar os corações. E a prece de encerramento feita por Andreia, trouxe bênçãos sublimes, proteção e harmonia, envolvendo a todos em delicado manto de esperança.

Ao término, a jarra de água, sobre a qual Eduardo havia rogado por vibrações, foi servida com simplicidade. Cada um recebeu o seu copo como quem recebe um gesto de carinho invisível.

Andreia, ao beber, deixou o olhar repousar sobre o copo vazio. Um sorriso leve surgiu em seus lábios e com curiosidade sincera perguntou:

— Não sei muito sobre a fluidificação da água... Alguém poderia me explicar? — disse, olhando para todos, aguardando com ternura.

Eduardo achou a pergunta encantadora. Andreia sempre buscava compreender, nunca se contentava com a fé cega. E isso era uma virtude. Após um breve suspiro, ele respondeu com bondade na voz generosa:

— A água, Andreia, é uma das substâncias mais simples e puras que temos na Terra. Ela é única. Justamente por isso, é capaz de receber e guardar energias sutis. Quando nos reunimos em oração sincera, os bons Espíritos se aproximam e, atendendo ao nosso pedido, depositam nela fluidos de cura e consolo. É como se a água se tornasse um remédio invisível, preparado com amor e destinado a fortalecer tanto o corpo quanto a alma. — Ele fez uma pausa, olhando para o copo que Andreia segurava. — Não há mistério ou ritual complicado. Basta a fé, o coração aberto e a prece verdadeira. Ao bebermos, não é apenas água que recebemos, mas também o amparo espiritual que nos envolve e nos sustenta. É um gesto simples, mas cheio de significado.

Por sua vez, Caíque, sempre mais filosófico, tomou a palavra com serenidade:

— Acreditar nisso não é fé cega. A fluidificação da água encontra respaldo em estudos que revelam sua sensibilidade às nossas vibrações. O Dr. Masaru Emoto, pesquisador japonês, tornou-se mundialmente conhecido por sua hipótese revolucionária ao demonstrar que a água é profundamente influenciada pelos pensamentos, palavras e emoções humanas. — Atenta, Andreia acompanhava cada detalhe. E Caíque prosseguiu com brilho nos olhos: — O trabalho do Dr. Emoto consistia em fotografar cristais de água congelada. Ele submetia amostras a diferentes estímulos: palavras como amor ou ódio, músicas clássicas ou sons pesados, orações e até simples pensamentos. Depois, congelava essas amostras e as observava ao microscópio. Os resultados eram surpreendentes. A água exposta a energias positivas: amor, gratidão, orações ou músicas harmoniosas formava cristais belíssimos, simétricos e delicados, semelhantes a flocos de neve. Já a água exposta a vibrações negativas: palavras de ódio, pessimismo, insultos ou sons discordantes revelava formas amorfas, incompletas, distorcidas e caóticas.

— Eu já li sobre isso na internet — comentou Kátia, interessada.

Caíque sorriu e concluiu com suavidade:

— A reflexão que nasce desses estudos é poderosa. Se a água reage assim e nós somos formados em grande parte por ela, então nossos pensamentos e palavras têm impacto direto em nossa saúde e bem-estar. É um convite à consciência, ao livre-arbítrio, ao poder de escolha. Selecionar as palavras que pronunciamos, os pensamentos que cultivamos e as emoções que alimentamos não é apenas uma questão espiritual ou metafísica: é um ato capaz de transformar nossa biologia, nossa realidade, nosso espírito e, por consequência, nossa própria evolução.

— Essas vibrações, quando nascem de pensamentos, desejos e palavras elevadas, não servem apenas para a água — explicou Eduardo com suavidade. — Elas também se estendem àquelas caixinhas de vibrações que tantas Casas Espíritas possuem, onde depositamos nomes de irmãos necessitados. E alcançam, igualmente, o ambiente doméstico, envolvendo o lar em ondas de paz. — Fez uma breve pausa, como quem convida à reflexão, e prosseguiu: — É bom recordar que o próprio ar que respiramos contém partículas úmidas, invisíveis fragmentos de água. Assim, tudo o que

pensamos, dizemos, vibramos e rogamos pode impregnar nosso lar, como se fosse um perfume espiritual, deixando nele a marca das nossas intenções.

— E se nós, encarnados, já conseguimos realizar esse feito, imagine os irmãos desencarnados que trabalham incansavelmente em nome do Mestre Jesus — disse Caíque com voz firme e serena. — Quando nos unimos a eles em oração, em vibrações e reflexões saudáveis, somos capazes de criar verdadeiras fontes de fluidos salutares, energias que nos recompõem, harmonizam e curam, como o próprio Cristo nos ensinou.

Fez uma pausa breve, deixando que suas palavras repousassem no coração dos presentes e prosseguiu:

— A resignação é o primeiro passo para que se forme ao nosso redor um campo magnético positivo, saudável, repleto de paz e prosperidade. Mas o contrário também é verdadeiro: pensamentos e atitudes desajustados podem gerar campos de desequilíbrio.

Andreia escutou com atenção. Em seus olhos surgiu uma centelha de compreensão. O silêncio que se seguiu parecia impregnado de paz, como se cada palavra tivesse se transformado em luz suave, repousando sobre todos os que ali estavam.

Em resumo: a fluidificação da água é vista, no Espiritismo, como um processo em que, por meio da oração e da assistência espiritual, o líquido recebe energias de cura e equilíbrio, funcionando como um recurso terapêutico e de fortalecimento da fé.



Junho de 2021.

A manhã era clara e fria.

Andreia estacionou o carro diante da empresa que havia erguido com tanto esforço e dedicação. O portão, antes fechado e silencioso, pareceu despertar de um longo repouso e ganhar vida diante do leve empurrão do senhor José, porteiro da indústria têxtil.

Ao lado de Andreia, estavam Kátia e Rogério, companheiros de jornada. Os três sorriram com satisfação para o senhor, que não conteve a emoção. A máscara que cobria o rosto do senhor José deixava transparecer, pelos olhos marejados, a felicidade incontida daquele instante.

Naquele tempo, as empresas essenciais já retomavam suas atividades sob rigorosos protocolos sanitários. E, por produzir insumos hospitalares, a indústria têxtil carregava a missão de reabrir com urgência, sustentada pelo amparo da lei e pela necessidade da vida.

Andreia, contemplando o prédio que se erguia diante dela, deixou que sua voz, abafada pela máscara, ecoasse como uma prece:

— Foram meses de sombras, mas hoje a luz volta a atravessar estas janelas. Com as bênçãos do Mestre Jesus, trabalharemos não apenas por nós, mas também por nossos irmãos. Rogamos, Senhor, que nos envolva em Tua proteção e permaneça conosco.

Kátia sorriu emocionada, enquanto Rogério ajeitou os óculos e deixou que seu olhar repousasse sobre os rostos dos funcionários que chegavam. Muitos traziam lágrimas nos olhos, reflexo da esperança que renascia.

— Eles voltaram, Andreia. Bastou uma única mensagem e aqui estão. Eles acreditam em você — disse Rogério com um sorriso que misturava orgulho e ternura.

— Então... vamos lá — respondeu a presidente, contendo a emoção ao ver cada um se aproximar. — Peça para que todos se dirijam ao pátio interno. Eles precisam de orientação, de suporte e de confiança. Aliás... todos nós precisamos.

Sem demora, os funcionários se organizaram, respeitando o distanciamento. E o silêncio que se formou parecia carregar uma reverência sagrada.

Andreia subiu o primeiro degrau da plataforma e, com voz firme, mas impregnada de emoção, deixou que suas palavras se tornassem um sopro de fé e coragem na voz firme, segura:

— Não encontro palavras suficientes para agradecer a cada um de vocês. Hoje, nosso setor de Recursos Humanos terá um árduo trabalho: regularizar situações, readmitir os que foram dispensados e reconstruir vínculos. Mas antes de tudo, agradeço a paciência e a confiança que nos sustentaram. Agiremos com o respeito trabalhista que todos merecem, analisando caso por caso, com justiça e dignidade. — Fez breve pausa. — Sei que muitos enfrentaram perdas, medos e incertezas neste período de pandemia da COVID-19. E eu também... Mas hoje estamos aqui. Juntos. Esta empresa não é apenas minha, é nossa. E ela voltará a produzir aquilo que o mundo tanto necessita: proteção, cuidado, esperança. Cada produto que confeccionarmos será feito como se fosse destinado a alguém da nossa própria família, alguém que amamos e desejamos proteger.

Um breve aplauso ecoou suave, mas carregado de significado, quando Andreia silenciou por instantes, tomada pela emoção. Engoliu o choro e agradeceu, em segredo, pela máscara que ocultava sua vulnerabilidade.

Ao contemplar cada rosto à sua frente, sentiu que não via apenas trabalhadores. Via sobreviventes. Homens e mulheres que, como ela, atravessaram a dor, enfrentaram a pandemia e escolheram continuar. Ali estava a verdadeira força: a união de almas que, mesmo feridas, decidiram seguir adiante.

— Vamos recomeçar — prosseguiu Andreia com firmeza serena. — Com ética, com propósito, com alma. Sei que muitos conhecem o que vivi no último ano e meio... e quem ainda não soube, saberá. Em tempos difíceis ou não, sempre haverá quem escolha o caminho da ganância. Mas esta empresa não será reconstruída sobre o oportunismo, sobre a dor alheia, sobre a fragilidade ou necessidade de alguns. Não. Produziremos insumos hospitalares, sim: máscaras, roupas, calçados, tudo o que possa proteger e cuidar. Mas serão oferecidos a preços justos. Porque nossa missão terrena é servir. Como ouvi de meu pai, certa vez: “Servir é a forma mais bonita de viver; quem serve encontra o sentido da existência.”

Fez uma pausa, permitindo que cada palavra se assentasse no coração dos presentes.

— O lucro que nasce da dor alheia não é prosperidade, é abuso disfarçado. E haverá retorno.

Os funcionários se entreolharam, tocados pela verdade que ecoava. Rogério e Kátia observavam Andreia com admiração, reconhecendo nela não apenas uma líder, mas uma alma guiada por princípios elevados.

— Quem se aproveita da fragilidade dos outros pode até parecer que venceu por um tempo, mas a vida tem suas leis. Deus é soberanamente justo e bom. No entanto, Sua justiça antecede Sua bondade. Tudo o que se planta, se colhe. Aqueles que exploram, que manipulam, que ferem, um dia terão de encarar o reflexo de seus atos. Não por vingança, mas por aprendizado.

Andreia silenciou e o silêncio que se seguiu foi profundo, quase sagrado.

— Aqui, vamos plantar respeito, dignidade e serviço — ela continuou. — Porque o verdadeiro sucesso não está nos números, mas na consciência. E eu quero que cada um de vocês se orgulhe de fazer parte disso.

Um novo aplauso ecoou, mais forte, como um hino espontâneo à escolha de um caminho mais elevado.

— Antes de encerrarmos esse momento — prosseguiu Andreia —, quero compartilhar algo muito especial. Toda empresa precisa de liderança. Mas liderança verdadeira não se impõe, ela se conquista. Hoje, quero reconhecer duas pessoas que estiveram comigo nos dias mais difíceis da minha vida. Que não viraram o rosto, que não se calaram, que me ajudaram direta e indiretamente quando eu mal conseguia ficar em pé. — Olhando para os dois, falou: — Kátia, que começou como secretária, será agora nossa Coordenadora de Gestão Humana e Ética. Porque ninguém melhor do que ela para cuidar das pessoas que fazem essa empresa acontecer. Ela vai acompanhar nossos colaboradores, ouvir, acolher, orientar. Vai garantir que nossos valores estejam vivos em cada setor, em cada decisão.

Kátia levou a mão ao peito, emocionada. Sem palavras.

Sempre sorrindo, Andreia virou-se para Rogério e explicou:

— E o Rogério, que foi nosso gerente comercial, será agora Diretor de Relações Institucionais e Comerciais. Ele vai representar nossa empresa diante do mercado, dos hospitais, das parcerias sociais. Mas, acima de tudo, vai ser o elo entre o que produzimos e o que acreditamos. Porque vender com propósito é mais do que negócio, é missão.

Enquanto Rogério sorria, os funcionários aplaudiam.

— Essa empresa renasce hoje — desfechou Andreia. — E renasce com alma. Com pessoas que não apenas trabalham, mas inspiram. Obrigada, Kátia. Obrigada, Rogério. Obrigada a todos vocês. Vamos fazer valer cada passo dessa nova jornada. E que Deus nos abençoe.

Novos aplausos.

No plano invisível aos olhos dos encarnados, espíritos equilibrados pairavam em vibrações serenas, como ondas de harmonia que envolviam todo o ambiente.

Aren, mentor de Andreia, voltou-se para Lúcia, espírito ligado à missão coletiva da empresa e sorriu com ternura.

— Ela não teve alternativa. Precisou escolher o caminho mais difícil, mas também o mais belo — comentou satisfeito. — Não se deixou consumir pela dor nem pelo vitimismo. Transformou a queda em recomeço.

Lúcia respondeu com suavidade:

— Andreia não apenas recomeçou, ela se elevou. Esta empresa será mais do que produção. Será serviço. Será ponte entre o mundo material e o propósito espiritual.

Outro espírito, que auxiliava Lúcia, acrescentou:

— Vamos cuidar não apenas da proteção física, mas também da saúde mental de cada um. Intensificaremos as barreiras energéticas para que a paz se mantenha firme.

Os espíritos contemplaram os funcionários que seguiam para seus setores e perceberam que a alegria do retorno se convertia em vibrações mais limpas, mais claras. Uma luz vinda do Alto descia suavemente, purificando os rastros da ambição que antes se instalou naquele espaço.

Com serenidade, Aren observou e refletiu:

— Eis a prova de que, quando a matéria se abre ao espírito, o trabalho humano se transforma em obra Divina. A justiça humana foi feita, mas a justiça de Deus continuará como sempre. E isso não depende de Andreia. O bom é que ela não está se importando com isso. Fico feliz em saber que essa empresa agora está sob comando legítimo e terá um propósito ético e social. Estaremos presentes, amparando, sustentando.



Algumas semanas depois, vizinhos da empresa receberam máscaras e luvas gratuitamente. E uma UBS — Unidade Básica de Saúde — também recebeu um lote de jalecos e calçados hospitalares descartáveis, além de luvas e máscaras, que já estavam em falta na unidade. Sem custos.

Dias depois, a empresa amanheceu com uma faixa fixada em suas grades: “Em tempos de crise, alguns se aproveitam. Outros se levantam para ajudar. Parabéns à Indústria têxtil. Obrigado, Andreia, pela ética e solidariedade.”

Ao chegar com seu carro, Andreia parou, leu e chorou em silêncio.

— Bom dia, senhor José — cumprimentou o porteiro como sempre fazia.

— Bom dia! — disse animado. — A senhora viu a faixa?

— Vi, seu José... — sorriu e a máscara não escondeu sua comoção. — Mas... Pode pedir para tirarem, por favor.

— Mas, dona Andreia!

— Devemos dar com a mão direita, sem deixar que a esquerda saiba. Vai ser melhor. Pede pra tirar, por favor. Sei que os vizinhos vão entender. Já recebi a mensagem.

— Está certo — aceitou, contrariado.



Naquele momento dos acontecimentos, Sandro havia deixado o apartamento de Maura sob uma tempestade de brigas, acusações e palavras ferinas.

Um dia após retornar à casa dos pais, o senhor Leonardo regressou do hospital onde permaneceu por quase um mês. Sua esposa também enfrentou a COVID, mas em forma mais branda.

Na cozinha, Angélica, ainda assustada, atualizava o filho sobre os últimos acontecimentos. Embora já soubesse de tudo, ele permanecia em silêncio, absorvendo cada palavra, enquanto a campainha soava e a mãe se dirigia à porta. Sandro, então, caminhou até a sala onde seu pai repousava.

Leonardo, habituado a agir sem escrúpulos, carregava em sua história irregularidades contábeis e desvios de dinheiro. Durante a pandemia, com os hotéis vazios, as fiscalizações se tornaram mais rigorosas e auditorias emergenciais revelaram o que estava oculto.

Enquanto ele se encontrava internado, os demais sócios descobriram decisões tomadas à revelia: contratos abusivos, favorecimento de empresas fantasmas e alianças com pessoas suspeitas, entre elas Válter, o mesmo que negociou com o filho a indústria têxtil de Andreia.

A verdade veio à tona como um vendaval. Em assembleia de sócios a decisão foi unânime: Leonardo seria excluído.

Naquele dia, debilitado, Leonardo repousava no sofá da sala de estar, o corpo frágil refletia a decadência de sua própria trajetória.

Sandro, abatido e sem coragem de revelar ao pai o que aconteceu na empresa, sentou-se na poltrona ao lado, cabeça baixa, como quem carrega um peso indefinido.

Angélica retornou aflita, trazendo um envelope nas mãos trêmulas.

— É para você, Leonardo. Foi entregue por um motoboy.

Com voz rouca, o homem leu:

— "Por decisão unânime, o senhor Leonardo está desligado da sociedade, sem direito a voto, participação ou lucros futuros..."

Num gesto bruto, amassou o papel e o lançou ao chão, como se pudesse esmagar junto a sentença que o condenava.

— Eles descobriram? — perguntou Sandro com estranha calma.

— Descobriram tudo! — respondeu Leonardo, irritado. — Os contratos, os repasses, os favorecimentos... Aqueles ingratos! — tossiu, sufocado pela própria fúria. — Eles me usaram enquanto lucravam. Agora me descartaram!

Sandro ergueu os olhos frios e perguntou:

— Você acredita na Lei do Retorno, pai?

Leonardo o encarou com raiva, os olhos espremidos:

— Lei do Retorno?! Não me venha com essa besteira!

— Sabe por que estou aqui? — continuou o filho, no mesmo tom sereno. Sem esperar resposta, desabafou: — Perdi tudo. Fiz exatamente como você me orientou. Lembra?

— Eu?!... — Leonardo arregalou os olhos.

— Sim. Você. Foi quando me disse para conseguir de Andreia uma Procuração com Poderes Gerais. Foi você quem me apresentou Válter, quem me ensinou a usá-lo. Mas Válter morreu de COVID. E agora perdi tudo. A empresa voltou para Andreia.

— Como?!... — Leonardo mal acreditava.

— Assim que João nasceu, Andreia entrou com processo... — Sandro contou cada detalhe, sem omitir nada.

Angélica, tomada pelo pânico, correu em busca de seus remédios. Leonardo, enfurecido, gritou e praguejou o quanto pôde, como se suas palavras pudessem deter o peso da própria consciência.

De repente, uma vermelhidão tomou conta do rosto de Leonardo. A respiração falhou. O homem, antes tomado pela fúria, silenciou. Levou a mão ao peito e fitou Sandro com olhos aflitos.

— Pai?... O que foi? — perguntou o filho assustado.

— Ai... Me ajuda... — sussurrou, quase sem forças.

Num impulso desesperado, Sandro o colocou no carro e correu para o hospital. Médicos e enfermeiros fizeram tudo o que estava ao alcance humano, mas, após três paradas cardíacas, Leonardo partiu.

Do hospital, Sandro ligou para o irmão. A conversa se estendeu por mais de uma hora, marcada por períodos de silêncio e lembranças.

Ao desligar, Milton voltou-se para Danilo e, com voz embargada, murmurou:

— Meu pai faleceu.

— Jura? Foi a COVID? — Danilo quis saber, ainda incrédulo.

— Não. Ele já havia recebido alta. Em casa, ficou tomado pela ira quando soube que os sócios, em assembleia unânime, decidiram afastá-lo. Alguns funcionários e ex-funcionários denunciaram suas práticas antiéticas, evasão

fiscal e outras irregularidades. Para proteger a imagem da rede hoteleira, optaram por excluí-lo. Mas não foi só isso que conversei com meu irmão... Lembra-se do caso da Andreia? O Sandro roubou a empresa dela, vendeu o apartamento e sumiu com o dinheiro enquanto ela estava grávida de um bebê que já nasceria com problema cardíaco... e ainda a traiu com Maura.

— Sim, claro. Conversei com Andreia e ela me contou que ganhou a ação. Já está com a empresa de volta. Eu até a convidei para retornar a morar aqui, mas...

— Então... tudo o que Sandro fez foi sob orientação do nosso pai — revelou Milton.

— Mentira! — Danilo levou a mão à boca, chocado.

— Verdade. O Sandro acabou de me contar. E, sinceramente, isso não me surpreende — disse Milton com calma. Respirou fundo e falou: — Toda semente lançada ao solo da vida retorna em flores ou espinhos, conforme a intenção de quem a lançou.

— O que você vai fazer? — perguntou Danilo ao vê-lo se levantar.

— Estou indo ao hospital. Quero ver no que posso ajudar.

— Milton! Você esteve internado com COVID e... Nem seu irmão nem seus pais mandaram uma única mensagem para saber como você estava! Agora você vai lá?! — exclamou enervado.

— Vou — respondeu Milton com um olhar quase debochado. — Não sou como eles.

— Milton!

— Fica tranquilo. Vou fazer a minha parte. Não esqueço daquela lembrança que tive quando estava internado e em coma. Aquela entidade luminosa me disse que eu ainda tinha o que fazer aqui no plano físico. Que não era a hora de permanecer naquele lugar magnífico, divino, celestial... Para alcançar

aquilo, preciso caprichar nas minhas tarefas terrenas. E vou dar o meu melhor.

Danilo riu, balançando a cabeça. Milton era único.

Capítulo 32

Quando o amor ilumina a escuridão

Há momentos em que a dor parece apagar todas as luzes da vida. Mas a dedicação de quem ama torna-se farol, guiando passos vacilantes rumo à esperança.



Por intermédio de Milton, Andreia recebeu a notícia da morte de Leonardo. A informação caiu sobre ela como um véu pesado, trazendo à memória lembranças e dores que pareciam adormecidas.

O ex-cunhado contou mais: Sandro lhe havia confidenciado que o plano de tirar a empresa de Andreia não foi apenas dele, mas arquitetado pelo próprio pai.

Ela sentiu o chão se mover sob seus pés. A morte de Leonardo já era um golpe duro, mas a revelação trazia consigo um peso ainda maior: a traição não era apenas conjugal, era familiar, enraizada em gerações.

Por um instante, o silêncio se fez absoluto. O coração dela pulsou com força, como se buscasse compreender o alcance daquilo. Não era apenas uma disputa por bens. Era a prova de que a cobiça havia contaminado laços de sangue, transformando-os em correntes de dor.

E Andreia murmurou para si mesma:

— Até onde pode ir a cegueira do orgulho? Até onde pode chegar a ambição, quando se esquece do amor?

— O que você disse?

— Nada...

— Pois é... Eu falei pra você que o Sandro nunca teve opinião própria. Que ele só faz o que os outros dizem quando percebe que vai ter lucro. Ele é ganancioso, mas não age sozinho.

— Espero que tenha aprendido — ela disse com firmeza.

— Mas... E você, Andreia? Como está?

— Bem, na medida do possível.

— E o João?

— O médico disse que, semana que vem, poderei entrar na UTI e, conforme for, poderei pegá-lo no colo — sorriu levemente, como quem guarda no coração o desejo de um instante eterno. — Por causa dos protocolos, não pude pegá-lo até hoje. O caso dele é complexo, com múltiplas cirurgias e complicações. As poucas vezes em que entrei, só pude tocar sua mãozinha. É quase impossível acreditar que um bebê consiga resistir tanto tempo. Mas ele resiste. É forte, é corajoso e desafia todas as estatísticas. Quando finalmente estiver nos meus braços, será como segurar um milagre.

— Eu quero ir junto — disse Milton com voz carregada de afeto.

— Mas só eu poderei entrar — lembrou em tom de lamento.

Então, ele se inclinou, olhando-a com sinceridade:

— Mesmo assim, eu vou. Nem que eu fique na calçada do hospital te esperando para ser o primeiro a ter notícias e ver sua alegria.

Andreia o fitou em silêncio. Havia algo no jeito dele simples, firme, generoso que a tocava profundamente. Era como se, naquele instante, a vida lhe mostrasse que o verdadeiro apoio não precisa de grandes gestos, mas de presença. E Milton, com sua promessa singela, tornava-se parte da esperança que a sustentava.

— Está bem... Vamos juntos. O horário de visita é às 20h. São só 15min.

— Estarei lá.



No dia esperado, Andreia caminhou pelos corredores do hospital com passos contidos, como quem guarda no coração um segredo sagrado.

Usava um jaleco fino, descartável, sobre as roupas. Cabelos presos e uma máscara que escondia parte do rosto, mas seus olhos brilhavam como nunca, revelando a esperança que nenhuma barreira poderia ocultar.

No saguão, Milton a acompanhou até onde foi permitido.

— Vai lá! Aproveita cada segundo — sussurrou sozinho, estendendo a mão na direção dela, como se emitisse boas energias. — Fico aqui torcendo com o coração.

Como se percebesse, ela olhou para trás e sorriu. Acenou levemente e seguiu.

Ao entrar na UTI, o ambiente era silencioso. Somente o bip compassado dos equipamentos ecoava, lembrando que a vida ali se sustentava em

pequenos intervalos de esperança.

A enfermeira, que já a conhecia, sorriu ao vê-la. Gentil, conduziu-a até a incubadora de João.

— Ele está estável. Pode pegá-lo no colo, com cuidado, por causa dos fios ligados a ele... Serão 15min, tá? — falou como se sussurrasse, bondosa. — Aproveite. Ele vai sentir você.

Andreia respirou fundo. O coração disparou, mas suas mãos se tornaram firmes. Ao se aproximar, sentiu que não era apenas um encontro físico: era a concretização de uma promessa, o abraço da vida que resistiu, o instante em que o amor atravessava todas as barreiras.

Por um instante, sua visão ficou turva pelas lágrimas que chegaram. Esfregou o braço nos olhos e conseguiu enxergar melhor.

João tinha um ano, mas ainda muito frágil. Magro. Pequeno demais para sua idade. Os olhinhos se moveram devagar quando ela o pegou nos braços, firme, aparando-o com as duas mãos.

O tempo pareceu parar.

O corpinho dele se encaixou no dela como se sempre tivesse pertencido ali.

As lágrimas escorreram silenciosas, mas não de tristeza e sim de amor. Um amor tão profundo que não cabia em palavras, que só podia ser sentido na alma.

Com voz embargada, ela sussurrou:

— Oi, meu amorzinho. A mamãe tá aqui... — Ele se mexeu. — Você lutou tanto e eu também... Agora, a gente se encontrou de verdade.

João mexeu os dedinhos, abriu novamente os olhos e recostou o rostinho no peito dela.

— Você fica tão lindo de azul... Sempre está de azul e branco... — sorriu.
— Eu te amo, meu filhinho. A mamãe te ama muito... Não vejo a hora de te

levar daqui...

Com voz doce, conversou e o envolveu. Teve a certeza de que, de alguma forma, ele a reconhecia. Andreia podia sentir o seu calor, o seu cheirinho, a vida pulsando em cada detalhe.

Após minutos, ouviu a voz sussurrante da enfermeira:

— O tempo acabou...

— Mas... Já? — murmurou, como se implorasse para ficar ali.

— Olha ali... — Apontou para o vidro e explicou: — Outra mãezinha também quer ver de perto seu bebê — sorriu com os olhos e pegou João de seus braços.

— Ele está assim molinho por causa dos remédios, né? — Andreia perguntou.

— Sim. Os remédios são necessários.

— Entendi... Mas... Vê-lo sempre assim é tão... — Quis chorar, mas se deteve. — Tchau, meu amorzinho... — disse ainda quando o viu sendo colocado de volta no berço.

Andreia saiu da UTI. Não sabia dizer como chegou de volta ao saguão do hospital. Caminhava como quem flutua, carregando no coração a certeza de que aquele breve instante havia se transformado em eternidade.

De longe, ansioso, Milton a esperava.

Ao vê-la próxima, quis saber:

— E aí? Como foi?

Andreia respirou fundo, como quem tivesse voltado de um lugar sagrado.

— Foi... Foi como tocar o céu... — emocionou-se e lágrimas vieram. — Ele é tão pequeno, Milton... Mas... Estava todo de azul. Tão lindo... — Agarrou

no braço do ex-cunhado e foram para fora onde contou: — Quando eu o peguei no colo, parecia que o mundo inteiro havia parado. Era só eu e ele... — chorou mais ainda. — Tudo o que vivi...

A emoção a fazia parar, como se as palavras não conseguissem acompanhar a intensidade do coração.

A passos longos, acelerados, Caíque se aproximou. Milton estranhou aquela presença, mas relaxou quando Andreia deixou seu braço e foi na direção de Caíque, entregando-se ao abraço.

Ela chorou emocionada, como quem finalmente encontrava um porto seguro para descarregar o peso da alma.

Caíque sorriu e a envolveu com ternura. Esperou que aquela emoção forte se acalmasse, enquanto afagava-lhe os cabelos, em silêncio, como quem compreende que há momentos em que o amor não precisa de palavras.

Ao vê-la mais tranquila, ele disse:

— Desculpa a demora... Tentei chegar antes, mas... — justificou, procurando ver seus olhos.

— Eu peguei o João no colo. Ele olhou pra mim... Quando falei com ele, ele olhou e encostou no meu peito... Aqui, ó... — levou a mão ao peito. — Colocaram aquela roupinha azul com detalhes brancos que você comprou... E a mantinha também azul... Ainda tá grande nele... Você precisava ver que lindo!

— Ah... Que bom. Que bênção... — Caíque murmurou. Parecia querer esconder a emoção e os olhos lacrimosos. Mas Milton percebeu e sorriu.

Após algum tempo, olhou para ele e o cumprimentou:

— Sou o Caíque... — Não sabia exatamente como se apresentar. — Nós só nos vimos pelo Evangelho no Lar online quando realizamos de modo virtual.

— Claro! Prazer te conhecer pessoalmente. Sou o Milton. Cabeleireiro dessa deusa e ex-cunhado — sorriu.

— Oi, Milton. Já ouvi falar muito de você. Aliás, já estive no seu apartamento, quando ficou internado com COVID. Fui lá buscar a Andreia.

— Eu soube! — Riu. — Você e seu irmão invadiram minha casa! — ressaltou brincando.

— Então... Vamos lá pra minha casa agora? Pelo visto, a Andreia vai ter muito o que nos contar — convidou, sempre com o braço sobre os ombros dela, recostando-a em si. Ela estava emocionada ainda.

— Ah... Não vai dar. Deixa pra outro dia. Hoje, tenho um compromisso com o Danilo.

— Obrigado por ter vindo com ela — Caíque agradeceu.

— Eu que agradeço — falou mais sério. — Agradeço a oportunidade de estar junto nesse momento. Acho que nunca, eu e o Danilo, vamos conseguir retribuir pra Andreia o que ela fez por nós. Por, naquele estado, ter cuidado dele... E... Obrigado, Caíque, por você ter cuidado dela como ninguém cuidou. Amo essa mulher e, com certeza, é um amor de outra vida — sorriu.

— Para com isso, Milton... — Andreia pediu e o abraçou.

Despediram-se e se foram.

Naquela noite, Andreia não conseguiu dormir. O coração ainda pulsava acelerado, como se guardasse em si o eco de um milagre. Não parava de se lembrar do momento em que pegou seu filho.

Ao fechar os olhos, era como se revivesse a cena. Cada detalhe. O calor do corpinho frágil, o olhar que se abriu devagar, o rostinho recostado em seu peito. Era como se o tempo tivesse parado e, em sua memória, aquele instante se tornasse eterno.



Era tarde e Andreia estava sentada no banco sob a árvore no fundo do quintal. O vento leve balançava as folhas, trazendo consigo um silêncio que parecia conversar com sua alma.

Caíque se aproximou e perguntou de modo meigo:

— Não está com frio?

— Um pouco — ela sorriu ao murmurar.

— Não quer entrar?

— Parece que estou sonhando... Sou capaz até de sentir o cheirinho dele.

Caíque tirou a blusa que usava e colocou sobre as costas dela, num gesto simples, mas carregado de cuidado.

— Só acho estranho o médico não ter uma previsão de alta. Aliás... O médico não tem falado muito ultimamente — disse Andreia, ficando séria e olhando para ele.

— Acho que... Quando o estado de saúde é o mesmo, o médico não sabe o que falar.

— Mas não acha que ele deveria dizer que o João está melhorando?

— Hei... — falou como se soprasse e sorriu. — Para de pôr coisas nessa cabecinha — tocou a testa dela, levemente, com o indicador. — Fique feliz por tê-lo em seus braços, certo?

— Certo — sorriu e olhou para ele. — E lá nas lojas de autopeças? Como estão as coisas?

— Esse retorno com protocolos e distanciamento é delicado, mas vamos nos adaptando.

— Sei como é... Lá na empresa também está estranho. E a gente vai se adaptando também.

O diálogo seguia leve, como se cada palavra fosse um fio invisível costurando esperança no coração de Andreia. O quintal, a árvore, o banco simples, tudo parecia se transformar em cenário de paz onde a vida, apesar das incertezas, ainda encontrava espaço para florescer.

— Tudo isso vai passar. A vida voltará ao normal — Caíque afirmou com serenidade. — Ficar zangado, revoltado, estressado não vai ajudar. Devemos fazer a nossa parte, como em tudo na vida. Restará uma grande lição. A lição de sermos fortes, perseverantes e, no futuro, quando algo der errado, lembrarmos que já passamos por dificuldades e vencemos.

— Os parques já estão funcionando. As academias também voltando em um ritmo mais lento... Os shoppings também retornam ao funcionamento, mesmo que sob protocolos sanitários rigorosos... Até voltei a correr no parque. Isso me faz tão bem... — sorriu levemente. — Agora que as coisas estão se ajeitando, estou pensando em alugar uma casa aqui perto e me mudar — disse Andreia, encarando-o, esperando sua reação.

— Sim. Vai ser bom mesmo — respondeu firme, concordando.

Ela achou estranho. Pensou que ele fosse detê-la naquela decisão.

— Não vai dizer nada? — perguntou confusa.

— Dizer o quê? — Caíque continuou olhando-a com serenidade.

— Dizer... para eu ficar? — indagou temerosa.

— Não. Acho mesmo que está na hora de você alugar uma casa e ir. Mas que seja aqui pertinho por causa do parque... — sorriu ao perceber o desconforto dela.

— É... — Andreia olhou para o chão. — Já incomodei demais todos vocês.

— Não é isso — ele não conseguiu segurar o sorriso largo. — Você nunca incomodou. É que... — calou-se e virou-se para ela.

Seus olhos se encontraram.

Caíque levou a mão ao rosto dela e disse com ternura:

— É que eu gosto de você... Gosto muito... E sinto que você também gosta de mim. — Invadiu sua alma com o olhar. — E se a gente começar a namorar, talvez não seja bom ficarmos sob o mesmo teto, morando junto com os meus irmãos. Não acha?

— Eu também gosto muito de você — ela murmurou, sorrindo.

Caíque segurou seu rosto com delicadeza e a beijou com amor. Depois a abraçou forte, com carinho, embalando-a nos braços e brincou:

— E pensar que aquela menina chata do Ensino Médio viria morar na minha casa e que eu iria me apaixonar por ela...

— Está me expulsando daqui e diz que é paixão? — ela riu alto.

— Estou me precavendo. Ou você sai ou eu — riu também. — Não vai dar certo nós dois sob o mesmo teto. Se continuar aqui, vou fazer a Kátia dormir no meu quarto junto com o Edu. Isso não vai pegar bem.

Riram e se abraçaram.

Naquele instante, Andreia percebeu que não era apenas uma decisão prática sobre mudar de casa. Era o início de um novo ciclo, marcado por amor, respeito e liberdade. E, no fundo, sentiu que a vida começava a lhe devolver aquilo que tantas vezes lhe havia sido negado: a chance de ser feliz.



Alguns dias se passaram e tudo se voltava para a ideia da mudança, que não havia acontecido.

Era madrugada quando o celular de Andreia tocou.

Sentando-se na cama para atender, ouviu:

— Senhora Andreia, aqui é do hospital. — Um gelo percorreu seu corpo. — Precisamos da sua presença aqui.

— Como está o João, meu filho? — indagou com voz trêmula.

— O médico precisará fazer um procedimento e necessita da autorização da senhora.

Andreia entendeu que não seria dada nenhuma informação por telefone. Ela suspirou fundo e avisou:

— Estou indo.

Kátia já estava sentada na cama ao lado. Havia escutado a conversa.

— Vou com você, Andreia.

— Não. Preciso de você para estar na empresa. Por favor...

Mas Kátia não se conteve. Enquanto Andreia se arrumava, foi até o quarto dos irmãos e acordou Caíque. Contou tudo.

De imediato, ele se trocou e acompanhou Andreia até o hospital.

A notícia não poderia ser pior: o pequeno João havia falecido.

Lágrimas copiosas deslizaram pela face de Andreia, que emudeceu.Caíque a abraçou, sentiu seus soluços de dor, mas não ouviu uma única palavra.

Andreia estava atordoada. O chão desapareceu debaixo de seus pés. Não sabia expressar tanta dor, tanta angústia, tantas indagações.

Caíque e seus irmãos cuidaram de tudo.

O velório, breve e silencioso, ocorreu antes do sepultamento, com a presença de poucas pessoas. O caixãozinho branco parecia pequeno demais para conter tanto amor interrompido.

Mesmo sendo avisado, Sandro não compareceu, o que provocou indignação em todos.

Andreia permanecia imóvel, como se o tempo tivesse se congelado ao redor de sua dor. No entanto, além do véu da matéria, João já não estava mais lá e não estava só. Espíritos de luz, serenos e compassivos, já o haviam acolhido com ternura, envolvendo-o em vibrações de paz. O pequeno corpo repousava na terra, mas sua essência seguia livre, conduzida por mãos invisíveis que o guiavam a um lar de amor incondicional.

Naquele instante, embora não pudesse ver, Andreia recebia suave envolvimento. Um sopro de esperança tocava sua alma, como se uma voz silenciosa lhe dissesse: Não temas, a vida prossegue. Teu filho não se perdeu, não acabou, apenas retornou ao seio da eternidade.

O caixãozinho branco, tão pequeno diante de tanto amor, tornava-se símbolo de uma despedida que não era fim, mas transição. O silêncio do velório não era vazio, mas presença espiritual, como se anjos guardiões estivessem ali, sustentando cada coração em pranto.

E Andreia, mesmo em sua dor, começava a sentir que o sofrimento poderia se transformar em fé. A saudade seria longa, mas a certeza do reencontro, um dia, seria o consolo que a manteria em pé.



À noite, de volta à casa dos irmãos, Andreia falou pouco. Vez ou outra, lágrimas escorriam em sua face pálida.

Da alegria de ter seu filho nos braços à tristeza de vê-lo descer à sepultura foi um espaço tão curto de tempo, que parecia impossível de descrever. Era como se a vida tivesse se transformado em um sopro: breve, intenso e agora silencioso.

Kátia havia feito sopa e foi servir a todos.

Chamando-a, ouviu:

— Não... Obrigada.

— Andreia, precisa cuidar de você agora — Eduardo propôs.

— Quero agradecer a vocês... Eu nunca, na minha vida, fiquei sem iniciativa, sem fazer nada diante de uma situação... Se não fossem vocês...

— Então, demonstre gratidão cuidando de si. Vem comer alguma coisa.

— Não, Edu... Hoje, não.

Caíque não esperou. Foi até a cozinha, pegou um prato fundo, colocou sopa e foi até o quarto.

Sentando-se ao lado dela, falou como se determinasse:

— Você está sem comer desde ontem. Toma um pouco de sopa agora. É preciso. Acho que ninguém, daqui de casa, quer te levar desmaiada pro hospital.

Andreia forçou-se a tomar a sopa. Não tudo, mas o suficiente para se manter.



Os dias que se seguiram foram envoltos em dor silenciosa.

Andreia não trabalhou naquela semana nem ousou atravessar a porta de casa.

Era noite de Evangelho no Lar. À mesa da cozinha, todos se reuniam em respeito e devoção. Ela, de cabeça baixa, permanecia quieta, como se o peso da alma a impedisse de erguer o olhar. Seus olhos fundos revelavam a ferida invisível e o silêncio que guardava clamava por consolo.

O Evangelho foi lido com reverência e ao final, após beber a água fluidificada, ela murmurou com voz quase apagada:

— Preciso de um propósito maior para viver.

Caíque, com ternura, repousou a mão sobre a dela. O gesto suave a fez levantar os olhos e ele disse com serenidade:

— Você tem a mim. E juntos podemos nos dedicar às tarefas do bem. Você sempre gostou de ajudar pessoas. Isso sempre foi sua alegria.

Kátia, com doçura, recordou:

— Andreia, nesta casa, quando recebeu a empresa de volta, você repetiu as palavras de seu pai: “Servir é a forma mais bonita de viver; quem serve encontra o sentido da existência.” Essa frase me marcou profundamente. E... apesar de tudo o que já faz com a indústria têxtil, principalmente, neste momento, se não for suficiente para que tenha um propósito, tenho certeza de que encontrará outro para viver melhor.

Eduardo, com brilho nos olhos, acrescentou:

— Temos entrega de cestas básicas marcada para a próxima semana. Quer vir comigo?

Ela o fitou por um instante e respondeu com firmeza suave:

— Quero — disse, apesar de não ter vontade. Sempre se esforçava a fazer o que era preciso, o que era bom para si ou para os outros.

— Então vamos — sorriu ele. — É uma tarefa linda. Cada sorriso que recebemos é como um prêmio de loteria.

Mais tarde, em conversa íntima entre Caíque e Kátia, Eduardo sugeriu que Andreia permanecesse ali por mais algum tempo. Não seria bom enfrentar a solidão após a perda do filho, depois de tantas batalhas. Caíque se comprometeu a convencê-la a ficar e assim foi feito.



Os dias foram se sucedendo, como ondas que se desfazem na areia...

Aos poucos, Andreia se refazia, retomando o trabalho. Caíque, sempre ao seu lado, incentivava-a com carinho. Juntos, voltaram às corridas matinais no parque, hábito que ela tanto amava e retomaram também a rotina na academia, como quem reencontra o ritmo da própria vida.

Semanas se transformaram em meses...

As casas espíritas, assim como outras casas religiosas, começaram a reabrir, respeitando os protocolos e outros trabalhos assistenciais foram retomados.

Andreia foi se adaptando e descobrindo o recomeçar da vida em tarefas sociais como voluntária na casa espírita. E, enquanto ajudava os outros, sem perceber, ajudava a si mesma.

Em conversa com Tamires sobre essas tarefas, decidiram dedicar-se à montagem de enxovais para bebês. A irmã acolheu a ideia com entusiasmo: ficaria responsável por arrecadar roupinhas e recursos, enquanto Andreia, além de contribuir, prometeu reunir companheiras para fortalecer a causa. Assim, pouco a pouco, o peso da partida de João se tornava menos áspero e ela reencontrava o caminho da vida.

No dia em que se reuniram para montar os primeiros enxovais, ao terminarem, contemplaram as cestas lindas e delicadas, feitas com muito

carinho.

Tamires suspirou e se mostrou feliz. Olhou para a irmã e a viu pensativa. Tinha a certeza de que Andreia pensava no filho João. Talvez o desejasse ali ou ainda tivesse feito cada um daqueles enxovais como se fosse para ele.

Desejando tirá-la daqueles pensamentos, decidiu puxar um assunto diferente:

— Sabe, Andreia... Às vezes, eu me pego refletindo sobre as causas espirituais do Alzheimer.

Andreia, lembrando-se de uma palestra, comentou:

— Uma vez, ouvi o senhor Olímpio dizer que o Alzheimer não é um castigo, mas sim uma oportunidade de aprendizado e resgate. No planejamento reencarnatório, o espírito pode ter escolhido essa experiência antes de renascer, como forma de desenvolver paciência, humildade ou promover reconciliação familiar. É como um desligamento progressivo do espírito em relação ao corpo físico. À medida que a memória se apaga, o espírito vai se preparando para o retorno ao plano espiritual.

— Já ouvi dizer que pode estar relacionado a desequilíbrios energéticos acumulados em outras encarnações... abuso da inteligência, orgulho, rigidez mental, exigência excessiva... — disse Tamires. — Nesse caso, o Alzheimer atuaria como um freio para o ego, permitindo que o espírito se reconecte com sua essência.

— O amor. Nossa essência é amar — Andreia completou com firmeza.

— Deve ter mais coisas nisso que a gente ainda não compreende.

— Acho que cada caso é um caso, Tamires. Mas, sem dúvida, conviver com alguém com Alzheimer é uma prova para a família, especialmente, para quem cuida. É um exercício de paciência, compaixão e amor incondicional. Sabemos que não é fácil. O desgaste mental é imenso e intenso.

Tamires sorriu com ironia de si mesma:

— Ah, mas comigo não é só isso. Tenho certeza de que, em vidas passadas, fui aquela figura provocativa e implicante que adorava perturbar o sossego alheio. Sempre do contra, sempre atravancando o caminho dos outros. Temperamento nada simpático, diga-se de passagem. Eu fomentava discussões acaloradas, impunha meus pontos de vista, meu gosto, como se o mundo inteiro tivesse de se dobrar às minhas vontades. E, claro, fazia questão de me colocar no centro das atenções — disse em tom divertido, rindo de si. — Criava desarmonia só para brilhar e ainda me fazia de vítima, transformando o outro em vilão. Achava-me dona da razão em tudo. Absolutamente tudo!

Andreia riu junto pelo jeito engraçado e pela encenação da irmã:

— Entendo. Conheço gente assim.

— Pois é... Eu era a típica narcisista. E... Como eu enchia o saco de todo o mundo, hoje a vida me deu a tarefa de cuidar de alguém que exige minha atenção, meu amor e meu foco.

Riram juntas. O silêncio que veio depois trouxe reflexão.

— Sabe, Andreia... — Tamires falou mais séria. — Vencer a si mesmo não é apenas um ato de força, mas de fé. É na disciplina que se constrói o caminho, na renúncia que se revela a coragem e até na dor que floresce a transformação. Cada passo firme é uma promessa de luz, porque mesmo o esforço mais árduo carrega em si a semente da liberdade.

Andreia a olhou com ternura e disse, emocionada:

— Eu me sinto culpada por não te ajudar como deveria.

— Culpada? Para com isso! — Tamires sorriu com leveza. — Tudo aconteceu de uma forma que eu aceitei. Você viveu um inferno com o Sandro. Dores e dificuldades imensas na gravidez. Foi morar de favor na casa dos outros. Passou poucas e boas... Recuperou-se, sabe lá Deus como. E eu quero ficar com ela.

Tamires ofereceu uma pausa e explicou com olhar meigo:

— Sabe... Não é fácil, nunca é... Mas, cuidando dela, percebo o quanto me mudei e ainda preciso me transformar. Ser calma, paciente... Desde que me divorciei, mudei muito e quero mudar mais. Passei a falar mais baixo, mais tranquila... Me aproximei da Aline, aprendi a ouvir minha filha. Estamos vivendo tão bem. E o processo com a nossa mãe me ajudou nisso. Passei a não ser tão séria, tão perfeccionista, tão exigente... Quando a mãe fala, faço brincadeira, piada... Invento situações entrando no universo dela... Mesmo que o corpo físico dela esteja debilitado, sinto que o espírito continua presente. Existem momentos de lucidez espiritual. Acredito que, durante o sono, ela se desliga e tem plena consciência do que acontece com ela e conosco.

— Tadinha da mãe... Viver assim é como viver em uma prisão — Andreia murmurou.

— Você falou algo certo — ficou pensativa. — É uma das possibilidades que pode estar ligada ao passado. A pessoa com Alzheimer pode estar hoje presa a um corpo que não consegue controlar, por ter fugido de prisões antes, não se responsabilizando por algo que cometeu e usufruindo uma liberdade indevida. Por isso, alguns se tornam rebeldes com a doença. Esse estado, essa prisão, pode até deixar a pessoa mais sensível para a espiritualidade.

— Como falei, cada caso é um caso — Andreia refletiu.

— Como exemplo... há situações em que alguém que deveria ter sido preso foi libertado... — Tamires continuou a buscar uma razão na Lei de Causa e Efeito.

— Pode ser por desejar intensamente esquecer algo desta vida. Uma dor muito grande, uma traição... Sofreu e desejou tanto que não tivesse acontecido, que o Alzheimer veio como resposta ao desejo de esquecimento — a irmã falou.

— Sim. Isso se encaixa. Mas também pode ser um ódio, uma mágoa imensa, quando a pessoa não quer esquecer e deseja se vingar, prendendo os pensamentos nisso... Não perdoa. Aí, a doença também chega para forçar o esquecimento — tornou Tamires.

— Tudo pode ser. Mas, sem dúvida, essa doença nos convida a voltar para a nossa essência: o amor — Andreia concluiu.

E naquele instante, entre risos e silêncios, compreenderam que a vida sempre encontra formas curiosas de ensinar: ora pela dor, ora pelo cuidado, mas quase sempre pela capacidade de rir de si mesmo.



Certo dia, sentados no banco sob a sombra generosa da árvore no quintal, Andreia confidenciou que pensava em procurar uma casa para se mudar.

— De jeito nenhum — respondeu Caíque firme.

Ela sorriu com leveza:

— Como assim? Quer me confundir? Primeiro, diz que eu deveria me mudar, agora não quer que eu me mude.

— Não quero que você se mude sozinha. Nós dois é que devemos nos mudar daqui. O que acha?

Andreia o olhou com surpresa e ternura.

— Morar juntos? Sem casar? Não — disse com sinceridade, posicionando-se.

Caíque então sorriu com brilho nos olhos e perguntou suavemente:

— Então... casa comigo?

O rosto dela iluminou-se com um sorriso que parecia nascer da alma.

— Sim — murmurou emocionada. — Eu aceito.

Caíque a envolveu nos braços e a beijou com ternura.

Fez com que se voltasse para ele, como quem embala uma criança protegida no aconchego, afagando-lhe o rosto com delicadeza. Seus olhos se encontraram e, em voz baixa, quase como uma prece, ele confessou:

— Eu te amo tanto...

Andreia sorriu suavemente, deixando escapar a resposta que brotava da alma:

— Eu também te amo...

Ele a aproximou ainda mais e seus lábios se uniram num beijo demorado, carregado de promessa e esperança.

Após alguns instantes, Caíque, com brilho nos olhos, propôs:

— Então... vamos juntos procurar uma casa.

Ela concordou com leveza:

— Certo.

— E o quanto antes — disse ele, olhando-a, como quem contempla o infinito.

— Concordo.

E assim, entre gestos de amor e palavras simples, decidiram dar o próximo passo.



Poucas semanas se passaram até que Milton decidiu visitar a ex-cunhada.

Sua presença parecia simples, sem maiores intenções, mas, no meio da conversa, revelou o verdadeiro motivo de estar ali:

— Eu precisava vir pessoalmente. Sei que Andreia está divorciada do Sandro, mas... queria que soubesse por mim.

— O que aconteceu? — Andreia ergueu os olhos, surpresa.

Milton respirou fundo antes de dizer:

— O Sandro sofreu um acidente. Quebrou-se inteiro.

Caíque franziu a testa, tentando compreender:

— Como assim? — perguntou.

— É... No acidente, ele quebrou as pernas. Uma delas, em três lugares. Perdeu até o osso no acidente e a perna ficará curta. Fraturou costelas, a face... Seu rosto ficou bem deformado. Meu irmão está longe de ser aquele homem bonito que foi um dia. Teve fratura de crânio também. Os médicos nem sabiam dizer ao certo se ele sobreviveria. Mas sobreviveu.

— Quando foi isso? Por que não me contou? — Andreia perguntou, perplexa.

— Faz uns quinze dias. Agora está fora de perigo. Mas precisará passar por várias cirurgias para tentarem colocar algumas coisas no lugar — Milton explicou com seu jeito único. — Ele entende tudo o que falamos, mas não fala direito e o braço esquerdo não mexe. Nem a perna esquerda. Acham que foi a pancada na cabeça que afetou alguma área do cérebro. — Suspirou fundo. — Quanto à casa do meu pai... Bem, ele perdeu a casa, né? Então, minha mãe e o Sandro não têm onde morar. Eu aluguei um apartamento para os dois. É pequeno, mas o suficiente. Ela já está lá. Assim que sair do hospital ele irá para lá também. Vou manter os dois, mas sem luxo e sem os exageros que minha mãe sempre teve. Lógico! Ela vai cuidar dele ou... não sei onde ela vai morar. E... É isso — suspirou fundo. — Eu poderia contar tudo por telefone, mas... Vocês entendem.

Caíque suspirou e voltou-se para a noiva:

— Você quer visitá-lo? — perguntou sério, sem rodeios, desejando que ela refletisse bem.

— Por que eu faria isso? — Andreia respondeu firme, sem hesitação. — Não tenho mais nada que me ligue ao Sandro. Não é vingança, é desligamento.

Milton assentiu, quase aliviado:

— Ótimo, Andreia. Era exatamente isso que eu esperava de você — afirmou satisfeito. — Por isso, vim até aqui. Quando quiser notícias, pode me perguntar, mas depois de hoje não pretendo falar mais nada sobre Sandro ou minha mãe.

Suas palavras foram ditas com sinceridade, revelando o posicionamento claro que desejava assumir. Não queria que a ex-cunhada se afastasse dele por receio de que o passado viesse a se insinuar em suas conversas. Ao mesmo tempo, buscava mostrar a Caíque que não havia risco algum para o casal, apenas a certeza de que cada um seguiria seu caminho sem sombras antigas.

Um instante e Caíque sorriu ao dizer:

— A propósito, Milton... Quero convidar você e o Danilo para serem nossos padrinhos de casamento.

— Jura?! — Milton levou a mão ao peito, admirado. — Amei! Tenho certeza de que o Danilo vai ficar radiante! E quando será? — perguntou empolgado.

— Maio de 2022. Acreditamos que a situação estará mais tranquila, os hotéis voltarão a funcionar... e nós queremos viajar para a praia — contou Caíque, transbordando felicidade.

— Será algo bem simples, apenas com as pessoas mais próximas — acrescentou Andreia. — Minha irmã e o Rogério também serão padrinhos.

— Ai, que lindos! Que tudo! — Milton levantou-se, foi até eles e os abraçou com entusiasmo.

Andreia então comentou:

— Não sei se você ficou sabendo, mas a Tamires, a Aline e minha mãe foram morar na casa do Rogério. Eles estão juntos agora.

— Fiquei sabendo, embora eu ainda não o conheça pessoalmente. Só por vídeo.

— Ele é uma ótima pessoa. Ele e minha irmã merecem ser felizes — disse com convicção.

— E o seu irmão? Deixou a casa da sua mãe para o Luan? — Milton quis saber.

Andreia suspirou antes de responder com serenidade:

— Não. Minha irmã ficou sem recursos durante a pandemia e foi o Rogério quem a ajudou financeiramente. Agora, ela alugou a casa para cuidar bem da nossa mãe. Só depois que recebi a indústria têxtil de volta, com os lucros, pude começar a ajudar. A Tamires está tentando reabrir uma de suas lojas no shopping e vamos pagar uma cuidadora para ficar com nossa mãe. Eu vou lá a cada dois dias e ajudo no que consigo. Quanto ao meu irmão... depois que a casa foi alugada, ele desapareceu. Só sabemos que está vivo porque visualiza as mensagens e não trocou a foto do perfil.

— Que triste isso... — Milton lamentou.

— Não há o que fazer. O Luan sempre foi irresponsável. Meu pai o favoreceu demais e acabou perdendo tudo por causa das dívidas de jogo dele. Infelizmente, há almas que não se deixam guiar pelo amor... e acabam precisando aprender pela dor, que também é mestra.

Milton, desejando afastar as sombras da conversa, pediu com entusiasmo:

— Vamos falar de coisas boas... Me conta tudo! O que estão organizando para o casamento? Onde será a cerimônia?

Caíque respondeu com orgulho sereno:

— Pretendemos algo simples, no jardim dos fundos daqui de casa. Foi ideia da Andreia — olhou e apontou para ela, sorridente.

Milton arregalou os olhos, tomado pela imaginação:

— Não me diga que será debaixo daquela árvore? Ai, céus! Já consigo ver o encanto! Bancos rústicos formando um corredor, véus delicados entrelaçados com flores naturais nas laterais, o clássico tapete vermelho conduzindo ao altar... — fez uma pausa dramática e exclamou: — O vestido!

Andreia sorriu e seus olhos brilharam:

— Já estou cuidando disso, Milton. Mas o Caíque não deve saber. — Sussurrando de um jeito engraçado, como se só ele pudesse ouvir, soprou: — E o tapete tem de ser azul. Existe um motivo para isso.

— Claro, segredo absoluto! — ele riu com graça. — O quanto antes, vamos marcar no Studio para testarmos penteados nesses cabelos tão lindos, minha querida Andreia. Já tenho mil ideias para você!

Ela riu com gosto, como quem já esperasse aquela explosão de entusiasmo.

E assim, a conversa seguiu leve e animada, entre planos e afetos, alegrias e sonhos. Cada palavra parecia semear esperança, como se o futuro fosse um jardim pronto para florescer.



Algumas semanas depois...

O ambiente parecia pesado, vibrando em tons sombrios, como se a própria atmosfera refletisse dores antigas.

No pequeno apartamento, os espíritos Nisa e Iseu observavam Sandro. Debilitado, em sua cadeira de rodas, o olhar perdido e a fala arrastada revelavam o quanto o acidente o havia quebrado, não apenas no corpo, mas também na alma.

— Eis quem finalmente provou do próprio veneno — murmurou Nisa com ironia. — No passado, o grande, o altivo Sebastião, agora Sandro, mal consegue mover-se. A perna encurtada, o braço inútil e a língua, que antes mentia com tanta destreza, hoje tropeça nas próprias palavras.

Iseu riu, mas algo nele trazia um fundo de amargura:

— A vida tem um senso de justiça afiado. Ele me feriu, foi cruel... e agora se vê despedaçado, como fez comigo e com você no passado. Separou a gente com brutalidade e agora está separado de si mesmo. Nem o corpo lhe obedece.

Nisa aproximou-se, ainda tomada pelo sarcasmo:

— Ele acreditava que podia tudo, que a dor alheia era moeda de troca. Agora, escuta o eco da nossa dor, de todos nossos gritos e dores do passado.

— A Lei do Retorno não falha, minha irmã. Ele colheu o que semeou — respondeu Iseu, com firmeza.

Invisíveis a eles, o mentor de Sandro e seus amigos espirituais o amparavam em outro nível, preparando-o para reflexões mais profundas.

Nisa, por um instante, hesitou. O sarcasmo cedeu espaço à dúvida e ela questionou:

— E se isso não for o fim? E se ele aprender? Agora, assim, limitado, terá tempo para pensar... não é?

Iseu suspirou, pensativo:

— Não sei. Se ele parar para refletir e se arrepender de verdade, o que acontecerá? E nós? Não temos também algo pra aprender?

— Aprender? Eu só sinto ódio pelo que ele fez conosco — desabafou Nisa, carregada de rancor.

Iseu, porém, recordou com serenidade:

— Mas, Nisa... lembra-se do que Duane nos disse? Ele falou que, em tempos ainda mais distantes, fomos piores do que Sebastião, quando tínhamos escravos sob nosso domínio. O que ele fez conosco não seria também a Lei do Retorno se manifestando?

Nisa estremeceu, tomada pela revolta, e respondeu com aspereza:

— Cala a boca! Não quero ouvir isso.

O silêncio que se seguiu parecia denso, como se o próprio ambiente aguardasse a coragem de ambos para encarar a verdade. A dor ainda falava mais alto, mas, nas entrelinhas, a vida insistia em mostrar que o ódio não liberta, apenas aprisiona. A Lei do Retorno não era vingança, mas convite à reflexão. E, cedo ou tarde, até os corações mais endurecidos serão chamados a compreender que o aprendizado verdadeiro nasce quando a alma se abre ao perdão.

Aos poucos, o ambiente começou a se transformar. Uma luz tênue, quase imperceptível, rompeu a densidade que pairava no ar. Era como se o espaço se abrisse para algo maior, mais elevado.

A figura do mentor de Sandro começou a se delinear diante deles. Sereno, envolto em uma aura de paz, o espírito Humberto deixou-se ver. Sua presença não era apenas visual: irradiava calma, como um sopro que silencia tempestades.

Nisa e Iseu sentiram o impacto daquela energia. O sarcasmo e a revolta que os dominavam foram, por instantes, abafados por uma força diferente, suave e firme ao mesmo tempo. Humberto não precisava de palavras para ensinar. Sua simples aparição já era lição.

Humberto aproximou-se com serenidade, dissolvendo as sombras do ambiente.

— Nisa, Iseu... — expressou-se com calma, mas firme. — Sei da dor que carregam. Sei das feridas que ainda sangram em suas lembranças. Mas perseguir Sandro não lhes trará paz. O ódio é corrente que aprisiona, não ponte que liberta.

Nisa estreitou os olhos, desconfiada:

— Ele nos destruiu. Por que deveríamos deixá-lo em paz?

Humberto aproximou-se ainda mais, sem temor:

— Porque a vida não é vingança, minha irmã. A Lei de Causa e Efeito não é castigo, mas aprendizado. Sandro já enfrenta suas próprias provas. O sofrimento que ele vive é fruto de suas escolhas e será também oportunidade de transformação. Vocês não precisam carregar esse fardo junto a ele.

Iseu, hesitante, murmurou:

— Mas, se o deixarmos, o que será de nós? Onde iremos?

O mentor sorriu com ternura:

— Vocês não ficarão desamparados. Há abrigos preparados para espíritos que desejam recomeçar. Há irmãos prontos para acolhê-los, ensinar-lhes a curar as próprias dores. Vocês terão socorro, terão amparo. Basta aceitarem.

Nisa abaixou o olhar, tocada pela firmeza amorosa das palavras:

— E se não conseguirmos esquecer?

— Não precisam esquecer de imediato — respondeu Humberto. — Precisam apenas desejar seguir adiante. O perdão é caminho que se constrói passo a passo, dia a dia... Se aceitarem o auxílio, encontrarão forças para libertar-se do rancor.

Iseu o encarou, como quem se abre a uma nova possibilidade:

— Então... se formos, teremos paz?

— Sim — afirmou Humberto com convicção. — A paz não virá de Sandro nem do passado. Virá de dentro de vocês, quando permitirem que a luz os envolva.

Um silêncio profundo tomou conta do ambiente. Nisa e Iseu se entreolharam e, pela primeira vez, o sarcasmo e a revolta deram lugar a uma centelha de esperança. Humberto estendeu as mãos e sua energia os envolveu como um abraço invisível.

— Não! Para! — Nisa reagiu, tomada pelo ímpeto da revolta.

Iseu, porém, deixou transparecer o cansaço de séculos:

— Você é quem deve parar, minha irmã. Eu não aguento mais essa vida. Estou cansado de sofrer, cansado dessa escuridão que nunca termina. A dor não se apaga e o riso que damos da desgraça dele não nos traz alívio. Nossa tristeza não tem fim. A consciência não encontra repouso. Eu quero paz, Nisa... Eu vou com ele.

Humberto, o mentor, estendeu-lhe a mão invisível, envolta em luz serena:

— Venha, Iseu. Será muito bem-vindo. Onde irá, encontrará abrigo, tratamento e esclarecimento. O amor é o remédio que cura todas as feridas.

— Tá... — respondeu Iseu, aproximando-se. Nesse instante, outros espíritos de auxílio surgiram, irradiando ternura. Ainda tentando convencer a irmã, ele suplicou: — Nisa, vem com a gente. Lembre-se do que Duane nos disse: não sofremos por acaso. Veja Andreia... Olha o que ela passou com Sandro e como reagiu. Nós nem conseguíamos nos aproximar dela por causa da fé que a sustentava. A fé foi o escudo dela. Ela prosperou, não foi? Vem, Nisa... Vem comigo.

Nisa, porém, endureceu o coração:

— Não. Pra mim não — disse, correndo para longe de todos. Longe da luz.

Iseu abaixou o olhar, entristecido, mas não resistiu ao amparo que lhe era oferecido. Aceitou o socorro e foi conduzido à colônia compatível com seu

nível espiritual. Lá, receberia conforto, tratamento e esclarecimento, iniciando um novo ciclo de aprendizado.

E enquanto partia, envolto pela energia amorosa dos benfeitores, uma certeza brotava em seu íntimo: a dor não é eterna e sempre há um caminho para a paz.

O mentor Humberto permanecia no apartamento, ao lado de seu protegido. Junto a ele, outro amigo espiritual se mantinha presente.

Com bondade no olhar, o espírito Álvaro observou Sandro e, com respeito, perguntou:

— Como aprendiz, já conheço tudo o que se passou na vida de seu pupilo, mas desejo compreender uma questão. Nesta encarnação, Sandro recebeu a tarefa de se afeiçoar a João, o pai que odiou no passado. Também veio com o propósito de se despojar do orgulho, da vaidade e da arrogância, dedicando-se com humildade ao trabalho fraterno, ao bem e à caridade, levando amparo material e moral a muitos. O desafio com o filho o conduziria à busca de conhecimento e esse entendimento da Doutrina o faria crescer moral e espiritualmente. Ele teria até a oportunidade de se tornar um grande palestrante Espírita por sua desenvoltura.

Álvaro fez breve pausa, depois prosseguiu:

— Mas Sandro declinou. Traiu, mentiu, roubou, negou-se a cumprir o que havia sido proposto em seu planejamento reencarnatório. Sabemos que, em outra existência, nos tempos distantes em que foi senhor de engenho, agiu com crueldade, por isso, nesta vida, estava destinado a sofrer um acidente.

O aprendiz parou reflexivo antes de perguntar:

— Diga-me, Humberto: se Sandro não tivesse feito à Andreia tudo o que fez, se tivesse aceitado buscar conhecimento e entendimento... se tivesse se voltado à humildade e às tarefas caridosas... se tivesse se tornado o palestrante que estava em seu destino... nesse acidente, ele ficaria assim, preso a uma cadeira de rodas? Sofreria todas essas lesões?

Humberto, sereno, aguardou alguns instantes antes de responder. Com calma, mas firme, explicou:

— Toda tarefa de Luz atrai Luz. Sandro sofreria sim um acidente, mas as sequelas seriam leves. Ele e Andreia teriam tantas tarefas de caridade e dedicação que seria um desperdício deixá-lo inválido. O acidente estava previsto, mas não precisaria ter essas proporções.

Em tom solene, o mentor ainda explicou:

— Devido à situação que vivia, por ter perdido judicialmente tudo o que conquistou de forma ilícita, Sandro alimentava raiva e indignação, cultivando os piores sentimentos e ideias negativas. Essa vibração o levou a ser imprudente e irresponsável ao dirigir, intensificando o acidente que o deixou em uma cadeira de rodas. Ele experimentaria a prova, mas não necessariamente ficaria assim. Ao seu lado, teria Andreia que prometeu ajudá-lo. Agora, porém, os laços entre eles foram rompidos por sua própria escolha. Ela nada mais lhe deve. Aliás, nunca deveu... Ela o quis ajudar, nesta existência, e ele perdeu a oportunidade de auxílio.

— Entendi — respondeu Álvaro com humildade.

Enquanto isso, no plano físico, Sandro permanecia entregue às lições da vida. O corpo debilitado era apenas reflexo de uma alma em busca de entendimento. Recordava, sem cessar, os erros cometidos, mergulhando em um arrependimento profundo que o obrigava a refletir sobre cada passo dado no passado.

Sua mãe, Angélica, chegou tomada pela impaciência. Nunca satisfeita. Sua voz era um turbilhão de queixas. Amaldiçoava a situação por ter de depender, justamente, de Milton, o filho que tantas vezes desprezou e desvalorizou. Reclamava do lugar simples, da ausência de luxo, da rotina de lavar, limpar e cuidar de Sandro sozinha. Ainda não havia compreendido a lição da humildade, entre tantas outras que a vida lhe oferecia. Não percebia que não lhe faltava alimento farto, conforto considerável e um teto estruturado.

E Sandro, em silêncio, apenas a ouvia. Cada palavra da mãe ecoava, como um espelho de sua própria trajetória: ambos prisioneiros de escolhas passadas, ambos convidados a aprender. Ele, pela dor que o corpo lhe impunha; ela, pela necessidade de servir sem orgulho.

Ele recordou-se de Andreia. Ela havia falado tanto para ele sobre o Espiritismo, sobre Lei de Causa e Efeito... Estaria recebendo o que fez de volta certamente. Mas como corrigir tudo aquilo?

Esses pensamentos começaram a corroer sua mente.

Naquele instante, o ambiente parecia suspenso entre queixas e reflexões. O arrependimento de Sandro era semente de transformação, enquanto a impaciência de Angélica revelava que ainda havia muito a ser cultivado. A vida, paciente e justa, seguia oferecendo a ambos o mesmo convite: aprender, crescer e, um dia, libertar-se.



Longe dali...

Na casa desorganizada de seu irmão, onde a poeira e o descuido se acumulavam há meses, Maura permanecia sozinha em um quarto.

O celular já não tocava. As redes sociais, antes tão agitadas, estavam silenciosas. Ela as abria apenas para espiar a vida de Andreia, como quem observa de longe uma luz que não consegue alcançar, muito menos apagar.

Diante de um espelho trincado, Maura encarou a própria imagem e não se reconheceu. A maquiagem não escondia o cansaço. A roupa cara não aquecia o vazio que lhe consumia o coração.

“Eu fiz tudo para vencer” — pensava, em meio ao turbilhão de sentimentos. — “Mas agora nem sei o que significa vencer...”

Deu alguns passos e se deixou cair no chão. A depressão a envolvia como um manto pesado. Chorou, mas chorou por um sentimento sem nome, uma dor que não sabia traduzir. Era como se o chão a puxasse para que afundasse nele.

Seu mentor espiritual, sereno, permanecia ao seu lado. Não interferia. Apenas aguardava. Aguardava o instante em que o verdadeiro arrependimento e o desejo sincero de mudar pudessem brotar em sua alma. Aguardava que ela se abrisse para acreditar em algo Maior, Sublime... aguardava que Maura reconhecesse que existe uma força além da própria dor, uma Presença que nunca a abandonou.

Ele sabia que o maior sofrimento não era a perda dos bens nem a solidão das amizades rompidas, mas o vazio de não crer em nada. É muito difícil sofrer depressão e não ter como se apegar a um Deus justo e bom. É triste não ter fé. É triste sentir-se só, mesmo quando o amparo invisível está tão próximo.

“Por que errei? Por que dizem que agi errado? Não posso desejar ser feliz?” — continuava a pensar. — “Por que ela pode ter tudo e eu nada? Agora já tem outro... outro homem que gosta dela. Bonito e estabilizado... E que dá apoio pra ela. E ela trabalha porque quer... O que Andreia fez para ser assim? Por que ninguém gosta de mim? Ela é bonita, mas sempre fui mais bonita do que ela! Sempre! Desde o Ensino Médio sempre fui a mais bonita. Tenho olhos azuis e ela não.”

Nenhuma resposta vinha. Apenas o eco de sua própria angústia.

— Por quê?!! — gritou, tomada pelo desespero. — Aquela infeliz!!! Por que eu não pude ter o que ela conquistou?! Por quê?!! Não... espera... Infeliz sou eu! Eu!!! Daqui a pouco posso ir pra cadeia! Nããããooo! Por que ela teve de mover ação?! Se eu for presa por fraude, a culpa é dela!!!

Mas a verdade era outra. Maura estava distante de aprender. Ainda incapaz de reconhecer seus erros, sua ambição e sua inveja. Não conseguia compreender que havia errado ao tentar destruir a melhor amiga.

O mentor, paciente, continuava a observá-la. Sabia que o tempo é mestre e que a dor, quando aceita, pode se tornar caminho de redenção. E, mesmo diante da escuridão em que Maura se encontrava, ele permanecia ao seu lado, sustentando a esperança de que, um dia, ela se permitiria acreditar... Acreditar em Jesus, acreditar na Luz, acreditar que a vida é maior do que suas quedas. Acreditar que os ensinamentos do Mestre Nazareno são os que nos guiam, confiavelmente, para a elevação e para a conquista da paz.

É triste atravessar a sombra da depressão sem acreditar em nada.

É como caminhar sem horizonte, sem ter em que se apoiar, sem um amparo Maior que ofereça força e coragem para seguir adiante.

Triste é não crer em um Deus justo e bom...

Triste é viver sem fé, sem esperança, sem luz.

Triste é sentir-se só, mesmo quando a alma clama por companhia.

Capítulo 33

Quando a esperança floresce

O amor não conhece fronteiras: atravessa a dor,

a saudade e até mesmo a morte...



A noite estava silenciosa, como se o próprio tempo aguardasse em respeito.

Andreia dormia com o coração acelerado, não pela ansiedade, mas pela emoção que antecedia o grande dia. Na manhã seguinte, aconteceria seu casamento com Caíque.

Tudo já estava preparado. Milton, com sua dedicação e alegria, havia ajudado em cada detalhe da organização. Não havia motivo para preocupações.

A casa repousava em paz, mas, dentro dela, uma saudade pulsava, discreta e intensa.

Durante o sono, enquanto o corpo descansava, Andreia se viu desprender-se suavemente pelo desdobramento. Encontrou-se em um campo vasto e

luminoso, de gramado verde salpicado de flores delicadas. O ar era leve e tudo transbordava harmonia e paz.

Ao longe, uma figura se aproximava, sorridente. Era seu pai.

Com olhar sereno, Nestor se aproximou e tomou-lhe as mãos com ternura:

— Minha menina... Como você cresceu...

Surpresa, murmurou:

— Cresci? — estranhou, lembrando que o pai havia desencarnado vítima da COVID-19.

Nestor sorriu, irradiando uma força diferente daquela que ela conheceu em vida:

— Cresceu moralmente, intelectualmente... Cresceu em espírito, minha filha. Foram experiências difíceis, mas que te fizeram florescer.

As lágrimas brotaram nos olhos de Andreia. Seu pai estava diferente, sem os traços cansados como da última vez que o viu.

— Pai... Você está bem? — perguntou emocionada, sentindo que aquele encontro era mais do que um sonho: era um presente da espiritualidade.

— Estou! — salientou feliz. — Estou ótimo. Sabe... não houve dor. Se é que deseja saber, fui recebido com carinho, junto a centenas de milhares de pessoas no mundo todo. A COVID foi apenas um instrumento, não um castigo, filha. Deus não castiga, não erra... — riu, como sempre fazia quando estava animado. — Ah... Sua avó manda lembranças. Ela segue em tarefa amorosa. Ela e o João não se largam.

— Pai... O João?... — Andreia mal encontrou palavras.

— Ele está ótimo. Um lindo rapaz. E graças ao seu esforço, à oportunidade de vida que você lhe deu — disse, vendo-a comovida. — Não chore aqui ou vai acordar. — Olhou-a com ternura, percebendo que ela se esforçava para conter a emoção. — Viva com leveza, Andreia.

— Pai, eu vou me casar amanhã.

— Sim. E será muito feliz. Ele é um homem digno, vai te honrar e respeitar. E você será uma companheira luminosa para ele. É um amor de muitas vidas. Os dois têm grande tarefa de luz a cumprir nesta encarnação.

— Pai... Gostaria tanto que estivesse no meu casamento, ao meu lado... Vou entrar sozinha, porque não há ninguém à sua altura para te substituir. Isso me entristece.

— Mas quem disse que eu não estarei lá?! — riu com gosto. — Acha que vou perder o casamento da minha amada filha? De jeito nenhum! — riu novamente.

— Mas, pai... eu não vou te ver... — emocionou-se. — Não saberei que estará lá...

— Saberá. Saberá sim — disse, soltando suas mãos e afastando-se lentamente, andando de costas. Não distante, lembrou: — Você sempre gostou de borboletas, Andreia. Sempre! Quando pequena, corria atrás delas e tirava fotos... Você fez como a borboleta, sabia? Rompeu a crisálida tecida com fios densos, fortaleceu-se e ganhou asas lindas. Agora, pode voar livre para onde quiser. Nada mais te prende.

— Pai...

— O verdadeiro amor é eterno, filha...

— Como saberei que você estará lá, no meu casamento? — insistiu.

— Quando vir a borboleta. Fique feliz, Andreia. Seja feliz, minha filha — disse, afastando-se.

Andreia despertou com lágrimas nos olhos. Sorriu. Entendeu que se tratava de um encontro espiritual, em outras esferas da existência.

Ao se levantar, contou o sonho a todos e se emocionou.

Caíque ouviu em silêncio, mas com sorriso nos lábios. Abraçou-a com carinho, demonstrando apoio e afeto.



Maio de 2022.

A pandemia começava a se dissipar, em São Paulo, o uso de máscaras só era obrigatório em transportes públicos e hospitais. Havia no ar uma sensação de renascimento, força e esperança, como se o mundo inteiro respirasse alívio. Aos poucos, a vida voltava a florescer.

Era uma manhã fresca, de céu claro e luminoso. Poucos convidados estavam presentes, apenas os mais próximos, aqueles que acompanharam cada passo da jornada de Andreia e Caíque.

O sol filtrava-se por entre as folhas da velha e frondosa árvore salpicada de pequenas flores amarelas, iluminando o jardim da casa onde a vida de Andreia havia recomeçado, sem que ela mesma percebesse.

A cerimônia era simples e íntima, exatamente, como Andreia e Caíque desejavam. Mas cada detalhe carregava significados profundos. As flores que desabrochavam ali haviam sido plantadas por ambos, em tardes silenciosas de luto e esperança, quando o amor se tornava bálsamo para a dor.

A mãe de Caíque estava presente. Serena, sensata, feliz por ver a vida do filho recomeçar. Sabia que ele merecia ser feliz novamente. Ao conhecer Andreia, foi capaz de reconhecer o quanto ela era especial. Tudo o que o filho já havia contado para ela, confirmava-se.

Kátia e Eduardo ajudaram Milton em tudo. Juntos, montaram um altar com tecidos vindos da indústria têxtil que Andreia havia reconstruído com coragem e fé. Sobre o banco onde ela sempre gostava de se sentar, repousava

um arranjo de rosas brancas. Ao lado, um arco de flores emoldurava o altar, encantando a visão.

O corredor, coberto por um tecido azul que servia de tapete, era ladeado por delicados arranjos nas pontas de cada banco rústico, como Milton havia idealizado. A visão dos convidados era privilegiada e uma música suave, instrumental de violão e piano, preenchia o ar com ternura.

Os olhos curiosos aguardavam a entrada da noiva.

Caíque, nervoso, tentava disfarçar, mas não conseguia. Sorria o tempo inteiro, movendo-se lentamente, inquieto, de um lado para outro. Ao seu lado, Eduardo estapeou-lhe o ombro e sorriu, como quem dizia: “Fica tranquilo. Ela não vai fugir.” O irmão retribuiu o sorriso.

O juiz de paz, sereno, aguardava.

Pontualmente, Andreia surgiu. A música escolhida por ela começou a tocar para sua entrada e todos se voltaram para vê-la.

Seu vestido delicado, de cor champanhe, feito de linho misturado com seda vegetal, trazia um decote em V elegante. Era longo, suave ao toque, com caimento leve e movimento sutil a cada passo. Escolhido e confeccionado por ela mesma com tecido vindo da própria indústria. Não tinha manga, mas os delicados bordados no busto davam um toque delicado e nobre. O vestido abraçava seu corpo atlético com delicadeza, realçando suas curvas sem exagero.

Andreia sustentava o sorriso e a serenidade, mas em seu coração pulsava uma saudade suave, como um fio invisível que a ligava ao pai.

Seus cabelos lisos, castanho-escuros quase negros, estavam presos em um coque baixo adornado com pequenos arranjos delicados. Algumas mechas soltas dançavam com a brisa, conferindo-lhe leveza.

A pele morena clara, levemente bronzeada, parecia irradiar luz própria. Seus olhos castanhos, profundos, refletiam serenidade e força. Os lábios grossos e bem-torneados, rosados revelavam, no sorriso, dentes alvos e perfeitos. A

dor não apagou sua beleza, apenas a lapidou, tornando-a ainda mais luminosa.

Calmamente, Andreia deslizou sozinha sobre o tapete azul-celeste. Uma simbologia íntima. Homenagem a João que, em seu breve ano de vida, sempre vestia azul nas visitas da mãe.

Cada passo era memória e promessa.

Ao sentir a brisa suave acariciar-lhe o rosto, Andreia recordou o sonho. Recordou o pai.

Não estava só. Em seu íntimo, percebia que Nestor caminhava ao seu lado, invisível aos olhos, mas presente em espírito, pulsando em seu coração.

Deteve-se por um instante, como quem se entrega ao silêncio da alma. Foi então que uma borboleta surgiu leve e graciosa, dançando no ar, como se executasse um delicado balé celeste. Após rodeá-la com delicadeza, pousou suavemente sobre o buquê de rosas brancas que Andreia trazia nas mãos. Abrindo e fechando as asas com leveza, permaneceu sendo contemplada...

Sim. Agora tinha certeza. A borboleta era o sinal de que seu pai estava ali.

Um sorriso iluminou-lhe o semblante e Andreia prosseguiu, fortalecida pela certeza de que o amor espiritual jamais se desfaz.

E a borboleta?... Seguiu junto.

Caíque a esperava sob o arco de flores, vestindo camisa branca de linho e calça bege.

Alto, forte, com o porte moldado pela disciplina, irradiava felicidade. Seus cabelos curtos, castanho-escuros, estavam alinhados. Os olhos, levemente puxados nos cantos, estreitavam-se ainda mais ao sorrir, cheios de ternura. Seu rosto fino e angular transmitia firmeza, mas foi a voz calma, pausada e cativante que tocou fundo quando, ao tê-la perto, disse:

— Você é minha paz — e beijou-lhe a testa.

— E você a minha — Andreia sussurrou com voz doce.

Nesse instante, ambos observaram a borboleta levantar voo do buquê e pousar sobre o arranjo de rosas brancas no banco.

Entreolharam-se, emocionados, entendendo que Nestor estava ali, cumprindo seu papel: entregar a filha ao noivo.

Uma amiga da casa espírita fez uma breve leitura falando sobre o reencontro de almas que se amam há muitas vidas. Suas palavras eram suaves, mas carregadas de significado, como se revelassem um segredo eterno.

Em seguida, o juiz celebrou o casamento com reflexões profundas e belas, exaltando o valor do amor, da fé e da união.

As alianças foram trocadas. Nesse instante, novamente, a brisa soprou com delicadeza. Andreia fechou os olhos, como quem recebe um abraço invisível... e recebeu.

Uma lágrima discreta escorreu em seu rosto, não de tristeza, mas de gratidão.

Não houve festa grandiosa. Apenas um almoço simples, partilhado com os convidados mais próximos. Amor, fé e uma certeza: o pior já havia passado.

Durante os cumprimentos, a amiga da casa espírita aproximou-se e disse com emoção:

— Seu pai estava presente. Ele te acompanhou até o altar. — E descreveu Nestor perfeitamente, sem nunca o ter visto.

Andreia, tocada, respondeu:

— Obrigada por me dizer. Eu o senti... Recebi um sinal. Senti seu abraço... — e as lágrimas voltaram, agora de ternura.

Um pouco depois, Caíque confidenciou:

— Quando você parou, a brisa soprou os galhos da árvore e trouxe a borboleta... Fiquei tão feliz e emocionado... O seu sonho não foi sonho. Foi encontro.

Andreia sorriu, lembrando-se da promessa do pai:

— E a borboleta só saiu do arranjo de rosas sobre o banco quando a celebração terminou. Ele ficou até o final.

Caíque, com os olhos marejados, acrescentou:

— Não conheci o senhor Nestor, mas sei que ele me conheceu... e me aprovou! — disse rindo e abraçando-a com carinho.

Milton também se emocionou. Falou sobre o momento da brisa e da borboleta, confessando que sentiu algo especial, como se o invisível tivesse se tornado palpável.



No final da tarde, após recolherem tudo do quintal, Eduardo perguntou ao irmão:

— Viajam hoje?

— Amanhã cedo. É melhor descansarmos um pouco.

— Quantos dias ficarão na praia?

— Sete. Domingo que vem estaremos de volta.

Eduardo sorriu e, curioso, retomou um assunto antigo:

— Você falou sobre quebrarmos uma parte do muro e colocarmos um portão. Era sério ou estava brincando?

Caíque riu com a tranquilidade de quem já tinha tudo planejado:

— É sério. O muro pertence a esta casa, que é nossa. A casa ao lado nós alugamos, mas já estamos negociando a venda. É só sair o inventário. Os herdeiros não querem ficar com ela. E... outra coisa... A Andreia adora este quintal, as árvores... até termos as nossas árvores crescidas, ela poderá aproveitar o que temos aqui.

Eduardo, sempre bem-humorado, retrucou:

— Ah... pensei que você quisesse colocar o portão para eu jantar lá todos os dias.

— Por que não? — Caíque sorriu. — Uma noite lá, outra aqui.

Os dois riram juntos e se abraçaram. Era mais do que fraternidade: uma amizade sólida, uma união abençoada, construída na confiança e no amor de irmãos.



O tempo foi passando...

Na loja de autopeças, Fábio encerrava seu turno quando Eduardo o chamou antes de partir.

— Fábio, mês que vem é seu aniversário. Dezenove anos, hein! — disse, observando o sorriso um tanto tímido do rapaz. — Estou fazendo os pedidos de peças e acessórios e, como norma da empresa, também queremos providenciar o seu presente. Sabemos que já está com carro novo... então será um acessório para o veículo. O que gostaria de ganhar?

— Ora... — Fábio hesitou. — Você me pegou de surpresa. Não sei o que escolher.

— Sistema de som premium, película automotiva, sensores de estacionamento dianteiro e traseiro, câmera de ré ou até mesmo um sistema de visão 360°... — listou Eduardo. — A decisão é sua.

— O som do meu carro está ótimo. Não é algo que eu queira melhorar. Mas... estou em dúvida entre os sensores de estacionamento ou a câmera de ré. Qualquer um desses dois já me deixaria muito feliz — respondeu com sinceridade e alegria.

— Certo — disse Eduardo, sorrindo. — Vamos te presentear com os dois.

— Nossa... sério?! Muito obrigado, de coração! — exclamou Fábio, surpreso e emocionado.

— Você merece. É um excelente funcionário. Quero aproveitar para agradecer por tudo.

— Eu que agradeço a oportunidade de trabalho. Você e o Caíque são patrões excepcionais. Não imagina como estou feliz por estar aqui.

— Somos bons porque você corresponde — Eduardo riu. — Entrou como Jovem Aprendiz e sempre se dedicou. Cresceu de uma forma que não imaginávamos. É um exemplo para todos.

— Obrigado pelo reconhecimento — disse sorrindo de modo agradável.

Fábio tornou-se um jovem que carregava, em sua aparência e em sua alma, os sinais de uma profunda transformação. Deixou para trás a timidez e a insegurança da infância e pré-adolescência, tornando-se um rapaz de porte firme e confiante. Sua altura chamativa, o corpo definido pela disciplina na academia e a postura ereta transmitiam vigor e equilíbrio.

A cirurgia corretiva nas orelhas foi um marco em sua vida. Detalhe para alguns, mas para ele significou muito: devolveu-lhe a confiança, elevou sua autoestima e fez com que se sentisse mais belo e seguro diante dos outros. O que era motivo de vergonha transformou-se em orgulho silencioso, abrindo espaço para que sua verdadeira personalidade florescesse. É preciso coragem para determinadas atitudes.

O rosto, antes marcado pela hesitação, agora revelava traços harmoniosos e serenos. Os olhos castanho-escuros refletiam determinação e calma, como se guardassem a memória das batalhas internas que havia superado. O sorriso discreto, mas sincero, iluminava sua expressão e mostrava a alegria de quem havia aprendido a valorizar a própria jornada.

Mas a mudança não se deu apenas por esforço próprio. Seu pai foi um alicerce constante nesse processo. Esteve ao seu lado em cada etapa, orientando-o com paciência, acolhendo suas fragilidades e dedicando tempo e energia para ajudá-lo a se reconstruir. Nos momentos de maior dor e confusão, foi Rogério quem lhe ofereceu apoio firme, mostrando que o amor e a presença de um guia dentro de casa podem ser decisivos na vida de um jovem.

Somado a isso, a Casa Espírita foi o espaço onde Fábio encontrou compreensão e ensinamentos que fortaleceram sua fé, seu caráter e a alma. Ali aprendeu sobre perdão, esperança e resignação, descobrindo que a espiritualidade é fonte de luz e direção. Com o apoio do pai e a vivência espiritual, deixou de ter pena de si mesmo e passou a se reconhecer como alguém capaz de crescer, de se transformar e de inspirar outros jovens.

Sua simplicidade no vestir: jeans, camisetas lisas e tênis discretos refletia não apenas praticidade, mas também a humildade de quem sabia que o verdadeiro valor estava no interior.

Agora, Fábio iniciava o primeiro ano da faculdade de Engenharia Automotiva. As conversas inspiradoras com Caíque despertaram nele entusiasmo e paixão pela profissão, abrindo caminho para um futuro promissor.

De repente, Eduardo, olhando a distância, avisou:

— Lá vem a Aline.

Aline tornou-se uma jovem que chamava atenção pela altura incomum para sua idade. Já se destacava entre os colegas, esguia e elegante, como se o corpo tivesse se adiantado alguns passos em relação ao tempo. Seus cabelos castanho-claros caíam em fios lisos até a metade das costas, ganhando um

leve ondulado nas pontas, como se a natureza tivesse desenhado pequenos cachos para suavizar sua presença.

Seu rosto delicado trazia traços juvenis, mas com uma expressão que revelava maturidade. Os olhos, de um tom castanho-mel, refletiam curiosidade e firmeza, iluminados por sobrancelhas bem-desenhadas que acentuavam sua vivacidade. O sorriso era aberto e espontâneo, daqueles que transformam o ambiente ao redor.

Fisicamente, Aline tinha porte gracioso: braços longos, postura ereta e movimentos leves, quase dançantes. Não era magra demais nem robusta; seu corpo mostrava o equilíbrio de uma adolescente que começava a se descobrir com a disciplina de quem já cuidava de si.

Quanto às roupas, vestia-se como qualquer garota de sua idade, mas com um toque de estilo próprio. Gostava de calças jeans ajustadas, tênis brancos sempre limpos e camisetas coloridas que refletiam sua alegria. Às vezes, usava vestidos leves, acompanhados de uma jaqueta jeans, compondo um visual simples, mas cheio de personalidade.

Aline, embora bem jovem, possuía uma maturidade rara. Visionária e determinada, dedicava-se não apenas a si mesma, mas também a auxiliar os outros.

Eduardo e Fábio contemplaram a bela jovem, sorridente e extrovertida, caminhando com leveza em direção a eles. Seu sorriso iluminava o ambiente.

Ao se aproximar, cumprimentou-os com carinho:

— Oi, Edu! — beijou-lhe o rosto. — Oi, Fábio! — repetiu o gesto com o amigo.

— Tudo bem, Aline? — perguntou Eduardo.

— Tudo ótimo! Acabei de sair do curso de inglês e o melhor de tudo é que vou de carona pra casa — disse, piscando divertida.

— Já estou de saída — avisou Fábio. — Então, vamos.

Antes que partissem, Eduardo quis saber:

— Hoje vocês vão ao grupo de Mocidade Espírita?

— Só no sábado. Por quê? — respondeu Aline.

— Estou preocupado com o Felipe, aquele rapaz novo no curso. Ele anda muito isolado. Seria bom vocês dois, que já têm experiência, se aproximarem dele.

— Deixa comigo! — Aline sorriu. — Aliás, ele só aparece mesmo aos sábados.

Fábio, então, comentou, com olhar sério:

— O problema dele é semelhante ao que eu vivi há alguns anos. Os pais estão prestes a se separar. Dentro de casa, a vida é um tormento. Conversei um pouco com ele.

Eduardo quis saber:

— Quem o indicou para a Casa Espírita? Ele está indo sozinho?

— Eu o convidei — disse Aline, levantando a mão em tom brincalhão. — É um colega da minha escola. Tem dezesseis anos. O pai bebe, a mãe grita e se vitimiza... A família é desestruturada. Sua quietude chamou atenção de alguns colegas maldosos que começaram a fazer bullying. Um dia, conversamos. Fomos tomar um sorvete e ele se abriu comigo. A mãe está perdida. Não aceita a separação. Algo parecido com minha mãe antes do divórcio. O Felipe também está perdido. — Ela suspirou e continuou: — Vocês sabem... É essencial que uma criança ou adolescente admire seus pais ou, ao menos, um deles. Quando isso não acontece, eles buscam referências fora de casa. E, muitas vezes, encontram nos piores lugares da sociedade. Todo jovem precisa de um herói, alguém que enfrente dilemas e supere dificuldades, sem deixar a situação tempestuosa, às vezes, até rindo das circunstâncias. Hoje, eu admiro minha mãe, mas, no passado, minha inspiração foi minha tia Andreia. Uma mulher forte, decidida e confiante.

Eduardo, impressionado, perguntou:

— Quantos anos você tem, Aline?

— Treze — respondeu Fábio, rindo.

— Farei quatorze um mês depois de você, Fábio! Mas aparento quinze. Minha altura e meu intelecto revelam mais do que minha idade física. Muito bonita, aparento ser mais velha — autoelogiou-se de modo engraçado. — Certamente, sou um espírito com experiências acumuladas — brincou e os viu rirem. — Mas, voltando ao Felipe... Ele aceitou ir à Casa Espírita. Ainda está deslocado, mas logo se enturmará, como aconteceu com o Fábio. Esta semana disse que levará a mãe. Estou torcendo para que consiga.

Fábio então refletiu:

— Quando não encontramos, no lar, alguém que nos guie, precisamos urgentemente conhecer Jesus e Seus ensinamentos. Ele é o Mestre que nos dá luz, entendimento, confiança e direção. Muitos jovens não têm sido apresentados a esse Guia. Eu mesmo já me vi perdido, sufocado por gritos que me paralisavam. A espiritualidade e a Doutrina Espírita me libertaram. Ainda hoje, sinto tensão perto da minha mãe e, às vezes, me culpo por não querer sua proximidade. Mas aprendi que buscar a fé é também aprender a perdoar e a compreender nossas próprias fragilidades.

Aline, muito esperta, completou:

— Assim como você, eu também cresci em um lar difícil. Aprendi a me calar para evitar críticas, a pisar ovos para não provocar explosões. Mesmo assim, as críticas vinham. É um sofrimento cruel. Mas, graças às inspirações dos espíritos amigos, minha mãe e o seu pai buscaram amparo na Casa Espírita. Lá, encontramos o entendimento que precisávamos para crescer. Aprendemos sobre perdão, esperança, fé, resignação e sobre a importância de melhorar a nós mesmos. Veja como você mudou, Fábio!

Ele riu, mexendo nos cabelos dela e falou:

— Ei! Veja como fala comigo, moleca!

— Não falo só de você. Eu também deixei de ter pena de mim mesma e busquei me transformar. Antes, sofria calada, me comparava demais. Hoje,

aprendi que cada um tem seu tempo e seu caminho.

Eduardo observava com ternura. Aline, embora tão jovem, falava com a maturidade de alguém que já compreendia a vida em profundidade.

Fábio sorriu e concluiu:

— Está certo. Ela tem razão. Mas agora vamos.

— Vamos sim. — Aline despediu-se: — Tchau, Edu. Nos vemos na Casa Espírita sábado.

— Tchau, Aline. Vão pela sombra... — Eduardo riu.

— Até amanhã, Eduardo. E obrigado pelos presentes.

— Imagina...

— Que presentes? — Aline perguntou curiosa.

— No caminho te conto. Vamos. Preciso deixar você na academia e ir pra faculdade.

— Vou pra casa! — ressaltou afirmando. — Você foi à academia hoje cedo, né? Estava cheia?

— O de sempre...

Continuaram conversando.

Ao vê-los longe, Eduardo murmurou sorrindo:

— É impressão minha ou esses dois têm futuro juntos?...

Não houve resposta.



Alguns dias depois...

Andreia estava na casa de Rogério onde agora moravam sua irmã, sua mãe e a sobrinha.

— E como estão as coisas com o Sandro? — perguntou Tamires, curiosa.

Andreia respirou fundo antes de responder:

— Não procuro saber. Não quero saber e também em respeito ao Caíque, não convém procurar notícias do ex. Mas, quando estávamos arrumando o quintal para o casamento, ouvi Milton comentando com alguém que ele está em uma cadeira de rodas. Não move um dos braços e tem dificuldade na fala ainda. É só o que sei.

— Você não vai visitá-lo? — insistiu Tamires.

— Não. Não tenho nada para ver. Quem rompeu nosso compromisso foi ele. Não temos vínculo algum. Lamento o que está vivendo, mas é só isso. Não guardo raiva nem mágoa.

Tamires balançou a cabeça, pensativa:

— Não sou tão evoluída quanto você, Andreia. Quando soube do Sandro, pensei: colheu o que plantou. Nem o próprio filho ele foi capaz de conhecer no hospital!

Andreia sorriu com serenidade, lembrando-se do passado:

— No início, quando descobri o que fizeram, fiquei magoada, contrariada, indignada sim... Furiosa. Mas a gravidez me ajudou. Eu não queria que esses sentimentos ruins fossem sentidos pelo João. Então, me segurava. Mudava os pensamentos. Evitava a descarga de adrenalina e os hormônios que poderiam prejudicar a mim e a ele. Com isso, percebi que havia perdoado. — Fez uma pausa e continuou emocionada: — A Doutrina Espírita me ajudou. Nossa! Como me ajudou! Durante a gravidez, foi aceitação. Depois que o João nasceu, foquei nos meus direitos em reaver o que era meu.

Naquele momento, não senti mais nada pelo Sandro nem pela Maura nem pela situação. Também tinha o Caíque ao meu lado. O advogado foi ótimo. Então, quando vi que a Maura e ele tiveram que me devolver tudo... senti dó.

— Dó?! Ai, Andreia!... — exclamou Tamires, surpresa, mas sorrindo.

Andreia sorriu novamente com a calma de quem já havia aprendido a transformar dor em compreensão:

— Sim, dó. Percebi que o que eles perderam não foi apenas material. Foi a paz, a dignidade, o equilíbrio. E isso, Tamires, é muito mais difícil de recuperar. No meio disso tudo, o senhor Leonardo faleceu... E o Sandro perdeu até o apoio que poderia ter.

— Estou movendo ação contra o Rômulo. Ele não está pagando a pensão da Aline — contou Tamires firme.

— É o certo — Andreia apoiou com serenidade. — A justiça dos homens existe para ser usada. É uma forma educativa de espíritos rudes se forçarem a fazer o que é correto.

— A mulher com quem o Rômulo foi morar, aquela para quem ele deu a minha loja, mandou-o embora de casa. Ela também perdeu a loja. Ele disse que está com a vida complicada... Mas... se eu tiver dó...

— Neste caso, você está certa. A pensão é para as necessidades da filha — Andreia reforçou.

— Nem te conto! A Aline disse que quer tirar o nome do pai da certidão de nascimento dela. Veja se pode isso!

— Por quê? — Andreia quis saber.

— Ela disse que não quer mais ter o direito de convivência com ele. Não quer ver o pai. Disse que ele só reclama, fala mal de mim, que é insuportável ficar com ele... Você conhece a Aline. Ela é direta e objetiva.

Andreia explicou com calma:

— Creio que ela só poderá tirar o nome do pai da certidão de nascimento quando for maior de idade. Com isso, encerra-se toda ligação com o pai. Por exemplo... Não haverá direito a herança nem deveres e cuidados com ele, quando estiver idoso. Mas você, como mãe, não pode simplesmente suspender as visitas agora.

— Eu sei. Isso é alienação parental. Posso até perder a guarda da Aline se impedir ou dificultar o contato dela com o pai — lembrou Tamires.

— Mas influenciar negativamente a Aline contra você também é alienação parental — Andreia completou.

— Desde que as visitas de convivência retornaram, ela não quer mais ver o pai. Terei de arrumar um advogado e solicitar que ela seja ouvida pelo juiz. — Suspirou fundo e exclamou: — Ah, filhos! Acho que, pelo fato de o Fábio, desde os dezoito anos, não ter querido mais ver a mãe, ela acha que pode fazer o mesmo.

— Ainda bem que a Aline se dá bem com o Rogério — Andreia comentou.

— Eles se adoram! Ela se dá bem com o Fábio também. Até demais — riu. — Graças a Deus temos uma vida completamente diferente. Passeamos muito, fazemos trilhas, visitamos cidadezinhas peculiares e adoráveis. Você sabe porque tem de ficar com a mãe, nesses dias, agora que começamos a acampar. Andreia!... Nem te conto... É tão gostoso! Adoro! Largo tudo pra ir com eles. Volto revigorada! — disse Tamires, sorrindo com brilho nos olhos. — Ah! Você sabe.

— E a academia? Está indo, né? — a irmã perguntou.

— Já voltei. O Rogério está indo também. Estamos indo juntos, quatro vezes por semana. Ele não te contou?

— Não — ela sorriu, surpresa e contente.

— E... tem outra coisa... Estamos pensando em regularizar nossa situação. Vamos nos casar daqui a dois meses. Estamos cuidando de tudo. Mas será tudo no cartório. Se prepara: você e o Caíque serão meus padrinhos.

— Que ótimo! Que bom saber disso — Andreia ficou feliz. — O que for fazer, eu te apoio.

— Ah... esqueci de dizer... O médico mudou algumas medicações da mãe — lembrou Tamires. — São remédios caríssimos. Já te passei a conta na mensagem.

— Eu vi. Sem problema. Vou te transferir o dinheiro. — Andreia suspirou em tom desanimado: — A mãe nem me conhece mais...

— Nem a mim. Desde que o pai faleceu, ela piorou bruscamente. Parece que sentiu a ausência dele e se perdeu ainda mais.

— No meu casamento nem entendeu nada. A minha sogra ainda ficou ao lado dela tentando conversar...

— Sua sogra é um amor! — reconheceu Tamires.

— Graças a Deus! — Andreia sorriu e ergueu as mãos para o céu. — Já sofri muito com sogra. Acho que Deus teve piedade de mim.

— Dá pra ver a quem o Caíque puxou — completou Tamires, sorrindo.

— Sobre a cuidadora da mãe... Você está gostando dela? — Andreia quis saber.

— Estou. Ela é ótima profissional e uma pessoa adorável. Ajuda tanto... Quando eu reabrir a loja no shopping, que será logo, vou precisar de mais alguém aqui.

— Também posso te ajudar a pagar a empregada. Afinal, a mãe também é minha.

— Vamos combinar para você pagar um terço do valor da empregada. Afinal, é para a minha casa e para cuidar das coisas do Rogério e do Fábio também. Não seria justo você assumir mais do que isso. Já está pagando a cuidadora sozinha, mas isso é até eu tomar um fôlego. Outra coisa... O plano de saúde da mãe é pago com o que recebemos do aluguel da casa.

— Tudo bem — Andreia concordou.

Não contendo a curiosidade, perguntou:

— E a Maura? Teve notícias dela?

— Sim. O advogado disse que está na casa do irmão, vivendo em uma comunidade. Está abatida, em depressão, quase irreconhecível.

— Ela será incriminada?

— Em breve. Mas... também sinto pena dela — confessou Andreia.

— Ai, Andreia, não é possível — Tamires balançou a cabeça, incrédula. Esperou um momento e comentou: — Só agora, depois de tudo, percebemos o quanto a Maura sempre teve inveja de você.

— É verdade. O pai dizia, a mãe também, mas eu não enxergava isso. O primeiro sinal de uma pessoa invejosa, geralmente, é fingir admiração para depois se manifestar na primeira oportunidade, tentando diminuir aquilo que você conquistou ou realizou, muitas vezes, fazendo disso uma espécie de brincadeira ou te fazendo entender que não houve maldade. Eu não compreendia. Achava normal. Afinal, via a Maura como minha melhor amiga. Não percebia que ela nunca celebrava minhas vitórias, nunca se alegrava com minhas conquistas de verdade. Só hoje percebo que ela foi sempre do contra, criava narrativas para me reduzir, para desmerecer meu trabalho, meu conhecimento, meu mérito. Dizia que era o seu ponto de vista ou que era brincadeirinha.

— Porque sua conquista fazia a Maura se confrontar com ela mesma — considerou a irmã. — Ai, que coisa... Também já fui assim. Sabia?

— Você sentia inveja, maninha? De quem?

— De você — Tamires riu. — Não sei se era inveja ou ciúme por ver você se destacando, o pai sempre do seu lado...

— Ah... Para com isso — disse Andreia rindo. — Não diria inveja. Diria que você sentia ciúme. Por isso, brigamos muitas e muitas vezes. Mas, quando

você entendeu tudo, mudou. Aí está a reforma íntima, o crescimento moral.

— Verdade. Nunca quis o seu mal. Queria ser igual a você, mas nunca desejei que perdesse tudo. Gostaria de que o pai ficasse orgulhoso de mim, da mesma forma que ele tinha orgulho de você — sorriu. — Mas, com o tempo, entendi a razão do pai. Ele desejava que eu acordasse para ver e entender como era minha situação com o Rômulo. Não ouvi os conselhos dele e precisei tomar uma surra da vida para aprender.

— Você nunca me quis mal, Tamires. Tenho certeza disso.

— Não queria seu mal, mas te achava metida, exibida, manhosa... Aaah... Isso eu achava — a irmã confessou e sorriu de um modo engraçado. Talvez arrependido. — Depois... Quando salvou minha vida e a vida da Aline... Me ouviu, ajudou com palavras... Nem sei dizer. Passei a te ver diferente. Descobri o quanto te amava e a inveja ou ciúme passou. Gosto tanto de você, maninha...

Sorriram...

— Ciúme é diferente de inveja. — Andreia sorriu e depois falou: — Hoje, vejo o passado de outra forma. Com isso, aprendi muito. Descobri como ler as pessoas. Lembro quando convidei a Maura para trabalhar comigo... — Andreia suspirou, como se as imagens surgissem vivas em sua memória. — Eu disse que meu pai havia me dado um valor para iniciar a indústria têxtil e estava muito feliz. A empresa era pequena, poucos funcionários, prédio alugado... Trabalhei em todos os setores dela. Comecei do zero. A Maura dizia: "Vai ser difícil. Está complicado... Não sei não... Se não der certo, você volta para a barra da calça do seu pai, mas eu e os funcionários teremos de voltar ao mercado de trabalho, sabe-se lá como." Era a forma de ela minar minha confiança, de tentar me fazer duvidar de mim mesma e eu não percebia. Ficava com medo, mas seguia em frente. — Silenciou por um tempo. — Ela nunca foi grata. Após terminar a faculdade, a indústria têxtil foi seu primeiro emprego e eu lhe dei o cargo de diretora financeira... — suspirou e sorriu. — Depois, quando a empresa começou a crescer, a deslanchar, ter sede própria, ela dizia: "Também... essa indústria só prosperou porque seu pai rico ajudou. Só se manteve de pé graças a ele, que ficou de olho em tudo." Mas ela sabia que não era verdade. A empresa

crescia pelos meus esforços, sustentada pelo próprio lucro. Depois de aberta, nosso pai nunca mais me ajudou e o Sandro muito menos. E ela, como diretora financeira, sabia disso. A indústria cresceu porque a fiz crescer. Sem mencionar que, quando eu tinha um plano, uma ideia e conversava com ela, a Maura dava um jeito de, perto de alguém ou em alguma reunião, dizer ou fazer entender que a ideia tinha sido dela. Manipulava a situação e apresentava as coisas como se ela fosse a criadora. Sempre percebi isso. Achava inconveniente e desrespeitoso, mas deixava passar...

— A pessoa invejosa sempre se disfarça de amiga — observou Tamires. — Não diz o que pensa diretamente a você. Prefere falar para os outros ou na frente deles. Manipula situações para crescer em cima do que você fez. Não faz apontamentos, lança críticas e ainda veste o disfarce de conselho, como se fosse para o seu bem.

— Isso mesmo. Mas eu não percebia — admitiu Andreia. — Nas reuniões familiares, que eu a convidava por ser minha melhor amiga, Maura se portava de maneira estranha. Educada, gentil, mas sempre com pequenas alfinetadas. Uma crítica disfarçada de brincadeira ou até confrontos em assuntos que deveriam ser tratados apenas entre nós duas. Lembro-me de uma vez em que questionou uma decisão minha, na empresa, diante do nosso pai e do Sandro, diminuindo minha posição como CEO. Não era o momento nem o lugar. Mas, ali, diante deles, desvalorizou meu trabalho, reduziu minha autoridade, desmereceu meus créditos. Foi quando senti que havia algo errado. Havia inveja. O Sandro ria, enquanto o pai permanecia sério apenas observando. Depois, o pai me chamou de lado e disse: “Isso é amiga? Isso é uma diretora financeira? Uma amiga não expõe suas críticas diante de outros, principalmente, de seu pai e marido. Uma diretora financeira não discute assuntos da empresa em uma confraternização familiar. Se houvesse algo errado, deveria falar com você, pessoalmente, na indústria. Abra seus olhos, Andreia!” — Fez uma pausa, pensativa. — Achei que o pai exagerava. Mas não... Houve outra vez em que ela foi lá em casa com um comportamento estranho... roupa provocativa... Também não gostei. Mas deixei passar. Todas as vezes, deixei passar.

— Você deixou passar muita coisa, Andreia.

— E a falta de caráter do Sandro acabou revelando quem os dois são de verdade. Foi bom. Hoje, sinto que não devo nada a ele. Nada à Maura. Foram pessoas em quem confiei, a quem entreguei tudo de mim... Mas não volto atrás. Não devo nada. Estou com a consciência tranquila. E vou seguir com minha vida em paz.

— A inveja é sutil — disse a irmã. — Veste-se de amizade, disfarça-se de conselho e se apresenta como cuidado. Para preveni-la, é preciso observar não apenas as palavras, mas a intenção que as sustenta. Quem celebra genuinamente nossas conquistas nos fortalece; quem as diminui, mesmo em tom de brincadeira, revela o veneno escondido. A melhor defesa contra a inveja é cultivar discernimento e não entregar o coração a quem não vibra com a nossa alegria. Resumindo: é não falar de si. Não revelar seus planos.

— É... Acho que aprendi isso. Agora, tomo cuidado com quem coloco dentro da minha vida, da minha casa ou quem deixo se aproximar de mim. Um invejoso pode destruir sua vida.

E assim, entre confidências e reflexões, continuaram conversando...



Mais tarde, em sua casa...

Caíque estava deitado no tapete do chão da sala, quando Andreia chegou. Uma música boa tocava baixinho, enquanto ele relaxava.

— Oi — ela sussurrou, ajoelhou-se perto dele e lhe deu um beijinho.

— Oi — ele sorriu e se sentou.

— Tudo bem? — Andreia perguntou, estampando um largo sorriso.

— Tudo. Nem escutei você entrar.

— Passei na sua irmã. Conversamos um pouquinho — contou ainda sorridente. — Sabe o que a Kátia fez? — disse animada, sem esperar resposta: — O Edmílson apareceu lá na indústria...

— Ah... que droga — Caíque lamentou baixinho, franzindo a testa, pensativo.

— Que droga, nada! A Kátia reagiu e colocou o Edmílson pra correr! — falou com entusiasmo.

— O quê?! Conta isso direito. Ela não entrou em pânico? — Caíque se remexeu ansioso. — A Kátia sempre passa mal quando o assunto é esse cara.

— Pânico? O pânico foi dele! O Edmílson chegou como representante da empresa, fornecedor de material. Não sei exatamente o que disse, mas a Kátia levantou a voz e, com firmeza e classe, exigiu que ele se retirasse. Disse que, se não fosse embora, chamaria os seguranças! — Andreia riu ao lembrar da cena e terminar de contar: — Escutei uma voz alta e, quando saí no corredor, vi a Kátia com uma prancheta na mão, ameaçando bater nele. Depois, saiu pisando duro, foi para a sala dela, ligou para a empresa e falou um monte sobre o comportamento do funcionário. Disse até que cortaria os contratos caso enviassem o mesmo representante.

Caíque arregalou os olhos, admirado:

— Uauuuu... Minha irmã fez isso?

Andreia afirmou orgulhosa:

— Fez. Não falei nada para ela lá na empresa, porque a Kátia não me procurou. Achei melhor que resolvesse sozinha, do jeito dela. Hoje, parei pra conversar um pouquinho com ela. A Kátia disse que, se sobreviveu ao medo no período da COVID, seria capaz de enfrentar até um leão com as próprias mãos! Gostei de ver a atitude dela — Andreia elogiou satisfeita.

— É... Ela teve uma boa professora — Caíque olhou para a esposa e riu.

— Eu? Está falando de mim?

— Quem mais? — aproximou-se, deu-lhe um beijo e a ergueu do chão com carinho.

Sentaram-se juntos no sofá.

— Caííííque... Hoje vi uma feira de animais para adoção. Vi um cachorrinho tão lindinho... — disse Andreia com um jeito mimoso.

— Quer ter um cachorrinho? — ele sorriu, conhecia aquele jeito de falar.

— Ele não tem raça definida — os olhos dela brilharam.

— Devemos gostar do animal, não da raça.

— Estou inclinada a adotar. Conversei com a moça. Eles já estavam voltando para o abrigo e ele não foi adotado. Fiquei com o contato deles.

— Temos quintal. Vai ser bom pra ele. Manda mensagem. Diz que quer o cachorrinho — sorriu, concordando.

— Caííííque...

— Oi — respondeu desconfiado. Sempre que ela o chamava daquele jeito, vinha um pedido especial.

— Sabe... — Andreia passou a mão no peito dele. — Antes de nos casarmos, falamos sobre não ter filhos e você concordou.

— Concordei — ele ficou sério. — Por que esse assunto agora?

— Porque... tenho medo de você se arrepender — disse, olhando-o nos olhos.

Caíque respirou fundo e, sério, contou novamente:

— Há alguns anos, sempre pensei em ter um filho, mas...

— Eu... — interrompeu-o e calou-se por muito tempo, como se buscasse coragem para revelar o que guardava no coração.

— Fala, Andreia. O que está acontecendo? Pode se abrir — pediu o marido com voz calma e firme, segurando-lhe as mãos.

— Eu... — suspirou fundo. Estava sendo difícil falar. — Bem... Às vezes, sinto saudade, muita saudade do João. E... embora o tenha pegado no colo somente uma vez... — emocionou-se e se calou.

Caíque puxou-a para si e a envolveu em um abraço, acolhendo-a como sempre fazia. Ao vê-la mais recomposta, comentou sério:

— Um filho deve ser muito desejado e não para satisfazer as nossas necessidades. Nós é que devemos estar prontos para amar incondicionalmente, educar e suprir as necessidades dele.

— Eu sei disso... — Andreia abaixou o olhar.

— Eu sei que você sabe — disse Caíque, procurando seus olhos e fixando-se neles. — Você é mãe do João. Sempre será. Mas... está dizendo isso porque quer ser mãe de outro filho?

— Estou inclinada a ser... Mas é que combinamos não termos filhos e...

— Podemos descombinar — Caíque sorriu. Envolveu-a com ternura e propôs: — Comece indo ao médico e... vamos fazer a nossa parte.

Andreia sorriu lindamente. Um instante depois, perguntou com leveza:

— Mas... e o cachorrinho?

— Acredito que temos condição suficiente para ter um filho, um cachorrinho e um gatinho. Passarinho não, porque acho um crime tirar a liberdade de uma ave. É por isso que colocamos frutas, alpiste e ração para pássaros nas árvores do quintal.

— Precisaremos de uma empregada.

— Certo. Concordo. Não daremos conta de tudo: do bebê, do cachorrinho, do gatinho, dos passarinhos... — ele riu alto e a abraçou. Mais sério,

acrescentou: — Outra coisa... Quanto aos nossos trabalhos. Já pensou em algo?

— Como o quê? — Andreia ficou séria.

— Bem... Você gosta de ir trabalhar cedo embora tenha flexibilidade. Eu já posso ir mais tarde e também tenho flexibilidade com horário. Precisamos pensar e planejar bem o tempo com o bebê, acompanhá-lo em tudo... Darmos atenção, cuidados... Teremos períodos exigentes com médicos, resfriados, gripes...

Andreia sorriu e o admirou ainda mais. Nesse instante, teve certeza de que estava com a pessoa certa.

Ela repousou a cabeça no ombro de Caíque, sentindo o calor do abraço que a envolvia. Olhando pela janela, lá fora, viram uma borboleta dançar no ar, como se trouxesse a bênção invisível de Nestor.

Sorriram.

O futuro estava diante deles, repleto de promessas, e o amor seria a força que guiaria cada passo.

Na espiritualidade, luzes cintilantes se formavam em torno deles. Espíritos amigos, que acompanhavam a trajetória do casal, vibravam em alegria. O reencontro de almas que se amam, há muitas vidas, fortalecia-se ainda mais. O amor que os unia não era apenas humano, mas também Divino, abençoado por aqueles que velavam por eles em planos invisíveis.

— Está pronto para retornar, João? — Aren perguntou com um sorriso sereno, irradiando confiança.

— Lógico que sim — respondeu firme com brilho nos olhos. — Darei o meu melhor nessa oportunidade. Nascer de novo é quando o espírito reencontra o caminho e pode florescer outra vez, levando luz onde estiver. Viver e acordar no plano físico, todos os dias, é quando a vida recomeça.

PROPÓSITO DE VIDA

ELIANA MACHADO COELHO

ROMANCE DO ESPÍRITO SCHELLIDA

Romance | Formato: 15,6x23cm | Páginas: 624

O livro Propósito de Vida, psicografado por Eliana Machado Coelho, nos leva a uma profunda reflexão sobre o significado da existência. Três almas se cruzam em busca de redenção e amor: Daniel, devastado por tragédias familiares, conhece Eleonora, uma cadeirante enigmática, e Selena, marcada por um passado doloroso. Juntos, enfrentam desafios, questionando o sofrimento e buscando evolução. A obra aborda planejamentos reencarnatórios e a importância da fé para enfrentar as adversidades, nos convidando a refletir sobre nossos propósitos e a conexão com Deus.



www.boanova.net

www.facebook.com/boanovaed

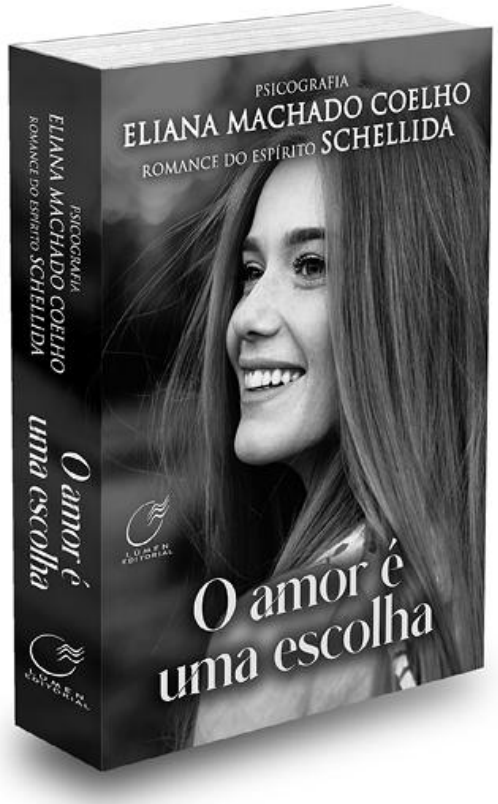
www.instagram.com/boanovaed

www.youtube.com/boanovaeditora

LÚMEN EDITORIAL

Entre em contato com nossos consultores e confira as condições
Catanduva-SP 17 3531.4444 | boanova@boanova.net | www.boanova.net

O amor é uma escolha



PSICOGRAFIA
ELIANA MACHADO COELHO
ROMANCE DO ESPÍRITO SCHELLIDA

Romance | Formato: 15,5x22,5cm | Páginas: 848

Em O Amor É uma Escolha, mais uma vez, o espírito Schellida, pela psicografia de Eliana Machado Coelho, passa-nos ensinamentos sobre a necessidade que temos de sermos amados, dependência emocional, pessoas que não amam, transtorno de personalidade narcisista, egoístas com dificuldade para amar.
Mostra também que o respeito a si, manter um posicionamento e saber dizer não são também formas de amar.

www.boanova.net

www.facebook.com/boanovaed

www.instagram.com/boanovaed

www.youtube.com/boanovaeditora

LÚMEN EDITORIAL

Entre em contato com nossos consultores e confira as condições
Catanduva-SP 17 3531.4444 | boanova@boanova.net | www.boanova.net



UM MOTIVO PARA VIVER

Psicografia de **Eliana Machado Coelho**

Romance do espírito **Schellida**

Romance | Formato: 15,8x23cm | Páginas: 624

Raquel nasceu em uma fazenda no Rio Grande do Sul, onde vivia com sua família. Desde cedo, enfrentou desafios que marcaram sua vida, até que uma tragédia trouxe à tona um grande segredo, mudando seu destino. Sozinha e sem esperança, ela encontra uma nova oportunidade ao conseguir emprego em uma companhia aérea, onde conhece Alexandre, um amigo que a ajudará a seguir em frente. No entanto, o passado volta a cruzar seu caminho, e Raquel precisa enfrentar antigas feridas e trazer à luz verdades que estavam escondidas. Neste romance, Schellida nos faz refletir sobre temas importantes do cotidiano, mostrando como a fé e a esperança podem transformar vidas.

LÚMEN EDITORIAL

Entre em contato com nossos consultores e confira as condições
Catanduva-SP 17 3531.4444 | boanova@boanova.net | www.boanova.net

ALGUMAS DORES NÃO SE EXPLICAM. MAS TODAS TÊM UM PROPÓSITO. POR QUÊ?

Após enfrentar perdas irreparáveis, traições familiares e a luta pela vida do filho, Andreia descobre que a justiça não se limita ao mundo dos homens — ela também habita o plano espiritual.

No momento crítico, que ficará registrado na história da humanidade: a pandemia do COVID-19, Andreia assiste à sua empresa, uma indústria têxtil, ser tomada por aqueles em quem mais confiava. Ao mesmo tempo, seu bebê luta pela sobrevivência em uma UTI Neonatal, sua mãe sofre com o Alzheimer e ela fica só. Mas é no silêncio da alma que encontra força, amparo e fé.

Com o apoio de amigos leais, mentores invisíveis e um amor que renasce, Andreia percorre os caminhos da dor, da esperança e da reconstrução. Enquanto a Lei do Retorno age sobre os que a feriram, ela aprende que o verdadeiro triunfo é aquele que transforma o coração. Viver na dor não é uma opção. Para evoluir e encontrar a felicidade, é preciso recomeçar.

Um romance tocante sobre escolhas, recomeços e os laços que atravessam vidas. Fala-nos sobre a transição planetária, consequências das energias atraídas por aquilo que pensamos, fluidos, lei do retorno, livre-arbítrio...

Neste romance apaixonante, a querida autora espiritual Schellida, pela psicografia de Eliana Machado Coelho, convida os leitores a refletirem: até onde vai o amor? O que é o perdão? Qual a razão do sofrimento? E o que a vida nos ensina quando enfrentamos medos, dificuldades e tudo parece perdido?

Em ***Quando a vida recomeça***, descobrimos que há momentos em que o mundo parece desmoronar e os alicerces da existência se desfazem. Porém, nesses instantes, a espiritualidade se revela, sustentando o coração e iluminando o caminho. Cada espírito que reencarna carrega um propósito, uma missão única, mesmo diante das provas mais difíceis. E assim, dia após dia, aprendemos que a vida sempre recomeça.

Eliana Machado Coelho & Schellida

ISBN 978-65-5792-127-2

Romances que encantam, instruem, emocionam e que podem mudar sua vida.

LÚMEN EDITORIAL